FUNDAMENTOS DA SABEDORIA HIPERBÓREA

PARTE I

ORDEM DE CAVALEIROS TIRODAL

DA REPÚBLICA ARGENTINA

CARTA AOS ELEITOS

I – Saudações aos leitores dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea.

Em nome dos Cavaleiros Tirodal e em seu próprio, o autor oferece uma saudação de camarada, ou seja, um sinal de honra àqueles que são os Eleitos em dois mundos para receber os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea. A quem tenha este livro em suas mãos, e o tenham recebido das nossas, nada mais que darmos as boas vindas e desejar-lhes sorte em sua primeira prova: sua leitura e compreensão. Do êxito de tal prova dependerão os passos futuros: a Iniciação Hiperbórea, o trânsito não espacial nem temporal senão estratégico desde o selbst, até a Hiperbórea terrestre, até a Thule, até Agartha, até o Valhalla, até Vênus, até a Origem, até a Hiperbórea original, fora do demente Universo material criado pelo Uno, até a eternidade do Espírito, próximo ao Deus Incognoscível e de Kristos Lúcifer, o Grande Chefe da Raça dos Espíritos Hiperbóreos.

II – Missão dos Cavaleiros Tirodal.

Os Cavaleiros Tirodal são iniciados na Sabedoria Hiperbórea e são, também, seus depositários nesta parte do mundo. Aos Cavaleiros Tirodal, a Sabedoria hiperbórea lhes fora confiada diretamente pelos Siddhas Leais de Agartha. Mas os Siddhas Leias não imaginaram a constituição da Ordem dos Cavaleiros Tirodal somente para que se pratique o estudo da Sabedoria Hiperbórea, pelo contrário, desde o início se encomendou à Ordem uma missão específica, para cuja execução foi necessário dispor, quem sabe pela primeira vez com tanta profundidade, da Sabedoria Hiperbórea.

O objetivo da missão é muito simples de expor, ainda que sua profundidade metafísica dificilmente seja captada logo de cara pelos Eleitos. A MISSÃO DOS CAVALEIROS TIRODAL CONSISTE EM LOCALIZAR OS ELEITOS E, SE ESTES ADMITIREM, PREPARÁ-LOS INICIATICAMENTE PARA ENFRENTAREM COM HONRA O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA..

Seguramente este enunciado se fará mais claro se definirmos o que se deve entender por “LOCALIZAR OS ELEITOS” e o que significa “O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA”. É o que se explicará na continuação.

III – A missão dos Cavaleiros Tirodal exige LOCALIZAR OS ELEITOS e revelar-lhes os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea.

Antes de tudo, cabe afirmar que os Eleitos a que nos referimos são pessoas cuja inclinação pela Sabedoria Hiperbórea não provém de uma decisão racional adotada no curso de suas vidas. O Eleito é quem, paradoxalmente, escolheu lutar contra Iahweh-Satanás para libertar o Espírito eterno, que é ele mesmo, do encantamento material. Mas tal escolha o Eleito não a fez nesta vida nem nesta Terra, senão em outro plano de existência, não espacial nem temporal, onde reside o Espírito Hiperbóreo aprisionado. No entanto, ainda

que a decisão de lutar pela liberdade do Espírito seja tomada, cada nova encarnação causa seu esquecimento parcial. O Eleito, no momento de ser localizado pelos Cavaleiros Tirodal, está dormindo: o primeiro ato tem de consistir então, em despertá-lo para que ele recorde de sua própria decisão. Faz-se necessário, assim, sustentar um diálogo com o eleito adormecido para fazer com que desperte em sua Natureza espiritual. Mas este diálogo para ser eficaz, deve superar todas as lacunas culturais que tem montado o Inimigo no interior de sua estrutura psíquica e dirigir-se diretamente à manifestação do Espírito. Naturalmente, um diálogo tal não pode nem sequer tentar-se contar somente com uma língua profana: este livro, tal como se explicará adiante, tem por finalidade ensinar ao Eleito um método de pensamento que permitirá compreender o significado metafísico dos conceitos expressados pelos Cavaleiros Tirodal. Por isso, previamente a leitura deste livro, não é possível satisfazer nenhuma pergunta do Eleito sobre os Mistérios da Iniciação Hiperbórea e a possibilidade de libertação espiritual, e ao lê-lo, somente será possível se o tenha compreendido e aceito.

O eleito, ainda que adormecido, exibe sinais inequívocos de quem é. Fundamentalmente trata-se de duas heranças: uma genética e outra espiritual. A herança genética consiste em um conteúdo mnêmico do sangue, a memória da Origem que é tão mais intensa quanto mais puro é o sangue, por isso a Sabedoria Hiperbórea distingue entre pureza de sangue e pureza racial. A segunda não é uma exigência imprescindível para a Iniciação Hiperbórea, ainda que seja a primeira, pois, sem pureza de sangue, sem a memória da Origem, não há possibilidade alguma de libertação espiritual. Quanto à herança espiritual, ela se manifesta em caráter volitivo do Eu: como se demonstrará nesse livro, o Eu é uma conseqüência do aprisionamento espiritual, daí que seu aspecto revele imediatamente o Grau de extravio e submissão do Eleito. Por seu domínio da Sabedoria Hiperbórea, os Cavaleiros Tirodal dispõem dos métodos mais perfeitos para estabelecer se uma Pessoa é um Eleito e, sendo um Eleito, qual o Grau de extravio que se encontra. E quando os cavaleiros Tirodal tenham determinado com precisão que uma Pessoa é um Eleito, é então que se realiza a consulta aos Siddhas Leais, Aqueles Que Nunca Se Equivocam, para que eles confirmem ou rejeitem o Juízo da Ordem.

Não há, pois, nenhum erro se um Eleito é convocado para participar da Sabedoria Hiperbórea: isto significa que, em dois mundos, seu despertar se considera possível.

IV – A missão dos Cavaleiros Tirodal propõe aos Eleitos a Iniciação Hiperbórea, para enfrentar com honra O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA.

Sobre a Iniciação Hiperbórea nada se pode adiantar aqui. Somente quem tenha estudado passo a passo e compreendido os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, poderá vislumbrar em que consiste. A Segunda Parte deste livro, que foi encadernado separadamente, é já uma introdução à Iniciação Hiperbórea e ali o tema está desenvolvido com muito detalhe. Entretanto, esta parte do livro será entregue somente àqueles Eleitos que tenham manifestado sua conformidade com a missão da Ordem e que tenham assumido o compromisso de continuar até ser Iniciado. De todo modo, o importante agora é destacar que aqueles que continuarem pelo caminho proposto e receberem a Iniciação Hiperbórea, ESTARÃO EM CONDIÇÕES DE ENFRENTAR COM HONRA O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA.

Existem múltiplos caminhos que o homem de hoje pode tomar: uns são paralelos e coincidente com alguma via tática da Estratégia dos Siddhas Leias; outros, a maioria, são sendas que favorecem os planos do Inimigo ou ciladas destinadas a impedir que tais planos se vejam prejudicados. Cada um deve discernir, na medida do possível, qual é o caminho de sua conveniência. EQUIVOCADA OU NÃO, SUA ESCOLHA NÃO INTERESSA EM ABSOLUTO À ORDEM DOS CAVALEIROS TIRODAL. A Ordem, em efeito, não está composta de Juízes senão de Kshatriyas Hiperbóreos, de Guerreiros do Fim da História. Sua missão não é julgar a hora atual, e muito menos condenar a ninguém, mas orientar os Eleitos para enfrentarem com honra o Fim da História, a luta inevitável que sobrevirá e que abrangerá vários mundos em seu teatro de operações. Essa é a missão encomendada à Ordem pelos Siddhas Leais e a essa finalidade conduz o caminho que custodiam os Cavaleiros Tirodal. Quem seguir por este particular caminho deve compreender e aceitar que, mesmo que a Sabedoria Hiperbórea da qual são depositários torne possível, os Cavaleiros Tirodal não tentarão torcer o rumo da História. E quem não compartilha esta condição pode segundo se tem dito aqui, tomar o caminho que melhor lhe convenha, especialmente se crê que algo deste mundo mereça ser salvo. A Sabedoria Hiperbórea não é adequada para naturezas débeis; o Iniciado Hiperbóreo deve exibir um coração de gelo e uma vontade de fogo.

Neste momento, as principais variáveis da História estão controladas pelo Inimigo. A Hierarquia Branca de Chang Shambala sustenta no seio de todas as culturas da Terra aos agentes da Sinarquia Internacional: ou seja, milhares de homens e organizações de todo tipo e função, trabalham para a concretização do Governo Mundial. Por trás da Hierarquia Branca estão os Siddhas Traidores, os antigos responsáveis do aprisionamento espiritual: seu pacto com o Demiurgo os obriga a entronizar sobre a humanidade as “raças sagradas”. A atual “raça sagrada” é a raça hebréia e a ela se transferirá o poder do Governo Mundial. Se concretizar-se o objetivo desta infame conspiração, a conseqüência segura seria uma materialização ainda mais intensa do homem e

sua coletiva degradação moral. Naturalmente, o Inimigo conta com o êxito de seu plano e não considera possível o Fim da História.

Mas os Siddhas Leais, que permaneceram fiéis desde a Origem a Kristos Lúcifer, asseguram que o Fim da História é iminente. Em um momento de máxima tensão dramática, quando os planos inimigos parecerem estar cumpridos, Eles intervirão para por Fim à História. Será um conflito de Deuses no qual participarão, também, os homens. Um conflito que se iniciará no céu e se estenderá a Terra, E NÃO O CONTRÁRIO. Portanto, não faz diferença empenhar-se antes do tempo na luta, em um confronto onde as forças inimigas são imensamente superiores. A Sabedoria está, e sábios serão os Eleitos que o entendam, em prepararem-se para enfrentar com honra o Fim da História. E preparar aos Eleitos, despertando neles a memória da Origem, a certeza do Espírito eterno aprisionado na matéria, ensinando a Ética Noológica da Sabedoria Hiperbórea cuja prática permite ascender à Iniciação, e administrando, finalmente, a Iniciação Hiperbórea, é a missão da Ordem dos Cavaleiros Tirodal.

Quando sobrevier o Fim da História, os Siddhas Leais se manifestarão à luz do dia, e junto a eles regressará o Führer, o Enviado do Senhor da Guerra. Então os Eleitos CUJA HONRA SE CHAMA VALOR, ou seja, os Iniciados Hiperbóreos da Ordem dos Cavaleiros Tirodal se alinharão atrás de seus chefes espirituais para partir definitivamente do Universo material.

Em síntese, nisto consiste a missão da Ordem dos Cavaleiros Tirodal: EM LOCALIZAR OS ELEITOS E, SE ESTES O ADMITIREM, PREPARÁ-LOS INICIATICAMENTE PARA ENFRENTAR COM HONRA O PRÓXIMO FIM DA HISTÓRIA. Os Iniciados Hiperbóreos, ao dominar a Sabedoria Hiperbórea, alcançam o mais alto nível de conhecimento esotérico, a Ciência das Runas, e adquirem poderes terríveis. No entanto não empregam seus poderes para alterar o rumo da História, quando as contas com o Inimigo serão definitivamente ajustadas.

Os Eleitos devem compreender e aceitar que esta condição é inevitável para transitar pelo caminho que ensinam e custodiam os Cavaleiros Tirodal.

V – Advertência e saudação final.

Os Eleitos tem que saber de imediato que este material é CONFIDENCIAL. A Ordem tem confiado neles ao proporcioná-lo e eles devem demonstrar sua lealdade sendo prudentes em seu uso. Desse modo não somente protegem a Ordem senão que protegem a si mesmos. Não há que insistir, e não é nenhuma concessão admiti-lo, que o Inimigo da Sabedoria Hiperbórea é terrível e sem piedade e que não consente nem tolera a missão da Ordem. Respeitar a Lei do Segredo é parte da prova e a Ordem possui meios para saber quem comete

infidelidade ou traição. NINGUÉM PARA QUEM A HONRA NÃO IMPLIQUE SUA LEALDADE PODERÁ INGRESSAR EM UMA ORDEM DE INICIADOS PARA QUEM SUA HONRA É SEU VALOR. Como ficará claro ao ler os “Fundamentos”, o Iniciado Hiperbóreo, o virya desperto, é aquele que recorda que existe uma guerra metafísica e que seu bando é o de Kristos Lúcifer. Nessa guerra, que já leva milhões de anos, ambos os lados se combatem sem trégua nem perdão. Os Iniciados Hiperbóreos devem ser implacáveis porque o Inimigo é implacável. E em meio de tão feroz contenda, o homem comum, o Eleito acaso, carece de valor para ambos os lados, pois desconhece as Estratégias em jogo e não cumpre nenhuma função tática. Mas a situação mudará bruscamente para o Eleito desde o momento que receba este material: desde então, a guerra que sempre ignorou se fará patente e poderosas forças psíquicas atuarão para induzi-lo à desistência ou a cometer um erro irreparável. O Eleito deve compreender que se até hoje não atuou conscientemente a favor de nenhum lado, ao ler este conteúdo não permanecerá simpático aos olhos do Inimigo. E QUE A SITUAÇÃO NÃO MUDARÁ SE TRAIR A ORDEM DIVULGANDO IMPRUDENTEMENTE ESTE MATERIAL. Em troca o que pode ocorrer é que se fechem as portas da Ordem e que o Inimigo, após tê-lo enganado para que profane a Sabedoria Hiperbórea, se canse dele e o destrua sem piedade. É o que sempre acontece nesses casos. Entenda, pois, que a advertência é mais para proteger o Eleito que a Ordem, que, por sua vez, sabe cuidar-se por si mesma.

Finalmente, faremos outra advertência, desta vez sobre o modo de como deve ser lida a obra Os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea, que estão desenvolvidos sistematicamente, de tal forma que os incisos, artigos e comentários, se encadeiam uns aos outros com racionalidade e conclusões precisas: não é possível saltar nada e, pelo contrário, o máximo proveito se obterá como resultado de um estudo linear, da primeira à última página. Logo de tal leitura linear, que permitirá uma visão de conjunto da Sabedoria Hiperbórea, será possível aprofundar na ordem aos temas que requeiram maior atenção.

É conveniente que os Eleitos se interiorizem quanto antes dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea e para isso é necessário que esta carta se conclua agora mesmo. Muitas das perguntas que se plantaram terão suas respostas com o decorrer da leitura. Entretanto, a pergunta das perguntas, a questão ética fundamental da Sabedoria Hiperbórea: - O que devo fazer para libertar meu Espírito de sua prisão material? – há de ficar sem resposta ao menos por enquanto. O autor, e os Cavaleiros Tirodal, desejam assegurar aos Eleitos que a Ordem oferece esta resposta a quem compreender e aceitar os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea e queiram somar-se à sua missão.

No Dia do Espírito, e em Nome dos Siddhas Leais de Agartha, e da Ordem dos Cavaleiros Tirodal da República Argentina, recebam os Eleitos as saudações de

Nimrod de Rosario

Agosto de 1985

PRIMEIRA PARTE: METAFÍSICA

ÍNDICE

PÁG

Introdução a Tese Fundamental da Sabedoria Hiperbórea	**11**
Necessidade de um Modelo Análogo do Espírito Hiperbóreo	**13**
O Modelo da Esfera	**14**
A Reversão do Espírito Produz a Desorientação Absoluta	**16**
O Espírito-esfera "Normal"	**17**
O Espírito-esfera "Revertido"	**19**
Definição Absoluta da Estratégia Hiperbórea	**24**
Traição e Aprisionamento Espiritual	**26**
Fração do Relato de Kurt Von Subermann	**30**
Esquema de Universo do Uno	**40**
A Falsa "inferioridade" do Homem Frente o Universo	**43**
Finalidade e Supra finalidade	**44**
Sistemática de Círculos Excêntricos	**47**
Estrutura Psíquica do Animal-homem ou Pasú	**48**
Memória Arquetípica e Razão	**50**
Funcionamento da Estrutura Cultural do Pasú	**55**

ARTIGO	A	_	O modelo estrutural	55
ARTIGO	B	_	Nós e enlaces da estrutura cultural	57
ARTIGO	C	_	A estrutura cultural como memória	60
ARTIGO	D	_	Princípios e ralações como SISTEMAS	61
ARTIGO	E	_	O pensamento racional do Pasú	65
ARTIGO	F	_	Significado e desígnio demiúrgico	70
ARTIGO	G	_	Palavra e desígnio demiúrgico	73
ARTIGO	H	_	As linguagens racionais do Pasú	74
	H1	_	O que é uma linguagem?	75
	H2	_	Qual a origem estrutural das múltiplas linguagens?	77
ARTIGO	I	_	Finalidade e suprafinalidade, linguagem e expressão	85
	I1	_	Como se expressa "exteriormente" o significado do ente?	86
ARTIGO	J	_	O que é um feito cultural?	93

FUNCIONAMENTO DA ESFERA DE CONSCIÊNCIA DO PASÚ 96

ARTIGO	A	_	O objetivo microcósmico da finalidade	97
ARTIGO	B	_	A "faculdade tradutiva", função da potência ativa	101
ARTIGO	C	_	Esquema de si mesmo e energia psíquica	102
ARTIGO	D	_	Expressão energética do pensamento do Pasú	105
ARTIGO	E	_	O objetivo microcósmico da finalidade requer da metempsicose	110
ARTIGO	F	_	Estudo análogo da "expressão energética do pensamento do Pasú"	116
ARTIGO	G	_	O Pasú, sujeito consciente	142
ARTIGO	H	_	O mito e o símbolo sagrado	150
ARTIGO	I	_	Comentários complementares sobre o mito e o símbolo sagrado	168
	1º	_	Comportamento autônomo do mito	168
	2º	_	Estudo energético da emergência do símbolo sagrado	169

ARTIGO J _ Símbolo sagrado e Metafísica Hiperbórea 170

A CONSCIÊNCIA, TEMPO TRANSVERSAL 174

ARTIGO A _ A autonomia ôntica do microcosmo atual 174

ARTIGO B _ Descrição temporal do ente autônomo 177

ARTIGO C _ A dupla temporalidade do microcosmo potencial 179

ARTIGO D _ Estudo análogo do tempo imanente 183

ARTIGO E _ O sujeito consciente em presente extensivo S.P.E. 190

ARTIGO F _ O sujeito consciente em presente compreensivo S.P.C. 192

O VIRIYA PERDIDO: UM PASÚ COM LINHAGEM HIPERBÓREA 194

ARTIGO A _ A herança do virya 194

ARTIGO B _ O Eu do virya e o Eu infinito 195

ARTIGO C _ Objetivo do plano dos Siddhas Traidores 198

ARTIGO D _ A função do sangue na chave genética 198

ARTIGO E _ Os Siddhas Traidores modificam o desígnio humano 199

ARTIGO F _ Técnica da chave genética 200

ARTIGO G _ Localização do Eu no virya 202

ARTIGO H _ Estudo análogo do aprisionamento espiritual 203

ARTIGO I _ O aprisionamento espiritual introduz o infinito no microcosmo 205

ARTIGO J _ O Cordão Dourado 215

O VIRYA DESPERTO EM BUSCA DO PRINCÍPIO DO CERCO 222

ARTIGO	A	_	Teoria análoga do virya desperto	222
ARTIGO	B	_	Estrutura psíquica do virya desperto	224
ARTIGO	C	_	Em busca do princípio do cerco	227
ARTIGO	D	_	Necessidade de fazer um alto na luta	227
ARTIGO	E	_	O terrível segredo de Maria	231
ARTIGO	F	_	Desvantajada Estratégica	234
ARTIGO	G	_	As armas do virya desperto	236
ARTIGO	H	_	O princípio do cerco e a lei do cerco	238
ARTIGO	I	_	Graus de determinação de um fenômeno	239
ARTIGO	J	_	O mascaramento causado pelas "premissas culturais preeminentes"	241
ARTIGO	K		A cultura, arma estratégica inimiga	243
ARTIGO	L		A alegoria do Eu prisioneiro	245
ARTIGO	M		Estudo análogo da alegoria do Eu prisioneiro	248
ARTIGO	N		O ??? do virya	257
ARTIGO	O		O ato de guerra individual do virya desperto	258
ARTIGO	P		Explicação alegórica do cerco infinito	262
ARTIGO	Q		A Estratégia Pasú e a Estratégia Hiperbórea	266
ARTIGO	R		Conclusão sobre a técnica arquemônica	271
ARTIGO	S		A oposição estratégia da arquêmona	272
ARTIGO	T		O último passo do virya desperto	278

TRANSMUTAÇÃO DO VIRYA DESPERTO EM SHIDDA BERSERKIR 278

INTRODUÇÃO À TESE FUNDAMENTAL DA SABEDORIA HIPERBÓREA

O objetivo desta Metafísica Hiperbórea é PONTIFICAR sobre o tema mais misterioso e sagrado que existe: o drama do Espírito cativo na matéria. O

método que aqui se emprega é o seguinte: se estabelece uma relação de ANALOGIA entre certa verdade metafísica, tradicionalmente esotérica, e um exemplo particular, exotérico e bem descrito. Uma vez que a relação fique clara, se procede a ESTENDER POR INDUÇÃO DO PARTICULAR AO GERAL. Desta maneira se consegue induzir o estudante a intuição metafísica de realidades inexplicáveis: se "pontifica", ou seja, se une com uma ponte as margens do inteligível e do gnóstico.

A tese da Sabedoria Hiperbórea que fundamentamos nesta parte não pode ser mais simples de expor e, entretanto, mais complicada de explicar. Em outras palavras; é relativamente fácil de expor MITICAMENTE, os traços originais do drama: a Traição dos Siddhas e a queda do Espírito. Mas não pode ser mais difícil a aproximação inteligível de tal mito. Uma via iniciática na qual o Instrutor põe em contato direto o estudante com o Mito, sem dúvida salvaria todas as dificuldades. Mas não é esse o caso; aqui devemos mostrar a verdade da tese por meios de explicações racionais, ou seja, com conceitos determinados pela lógica da linguagem. E assim o faremos, pois nos estimula a certeza de que o caminho escolhido é o correto, de que qualquer um que o transite com um mínimo de atenção, não poderá nada menos que atravessar, em dado momento, a ponte metafísica que conduz ao Espírito, a seu próprio Espírito cativo pelos Deuses da matéria.

Comecemos, pois pelo princípio da tese. A Sabedoria Hiperbórea ensina que antes da chegada dos Espíritos Hiperbóreos ao Universo material, na terra habitava um hominídeo sumamente primitivo denominado PASÚ. Tal hominídeo, entretanto, estava POTENCIALMENTE chamado a cumprir uma importante função na obra do Demiurgo: ser "descobridor de sentido" no mundo, finalidade que se explicará com detalhes mais adiante. Aqui interessa destacar que o pasu FRACASSOU COMO ESPÉCIE NO CUMPRIMENTO DE SUA FINALIDADE e, segundo ocorre em todos os casos em que a evolução toma por sendas equivocadas, SEU DESTINO SEGURAMENTE ERA A EXTINÇÃO.

Que milagre o salvou de desaparecer como os dinossauros ou o Dodô e em troca acelerou sua evolução até convertê-lo no senhor da terra? Resposta: a carga genética de uma raça extraterrena chamada, ultimamente, "Hiperbórea". Mas não se trata somente de "genética", a saber, de informação hereditária: A MODIFICAÇÃO GENÉTICA DO PASÚ TORNOU-SE POSSÍVEL POR CAUSA DO APRISIONAMENTO ESPIRITUAL DOS SERES EXTRATERRESTRES NO DESENVOLVIMENTO EVOLUTIVO DOS ARQUÉTIPOS MANÚ, OU SEJA, A EVOLUÇÃO DA MATÉRIA. Este fato primordial, que constitui o núcleo da tese, se denomina "Traição Branca" ou "Traição dos Siddhas", em clara alusão aos chefes Extraterrestres que dirigiram a queda dos Espíritos, produziram uma mutação nos reinos vegetal e animal da Terra e, ainda hoje, controlam o planeta do centro Chang Shambala.

Como efeito da traição dos Siddhas Traidores aparece três classes de homens sobre a Terra: o hominídeo primitivo que a partir de então se chama ANIMAL-HOMEM ou PASÚ; o pasu que possui linhagem hiperbórea, ou seja, o pasu que tem a POSSIBILIDADE de que nele se manifeste o Espírito cativo, denominado VIRYA; e o SIDDHA HIPERBÓREO, que pode ser tanto um Espírito livre do cativeiro, como um dos Antigos Guias, e que permanece na Terra, num lugar chamado Agartha, para combater ao Inimigo e consumar o resgate final dos Espíritos cativos.

O homem de nossos dias é, em maior ou menor medida, um VIRYA PERDIDO. Vale lembrar que nele existe uma dupla natureza, divina e humana, tal como afirmavam acertadamente os gnósticos dos primeiros séculos da Era atual e que a Igreja reservou exclusivamente para um expoente da "raça sagrada" do Demiurgo Jehová-Satanás. Em efeito, a dupla natureza que a Igreja afirma possuir Jesus Cristo é, na realidade, condição natural de todo virya, no qual PARTICIPA da divindade absoluta do Espírito eterno. Para ocultar este fato, e evitar que o homem se converta em Deus, a Igreja começou por destruir a Gnose com uma implacável perseguição e continuou por apoderar-se da verdade para aplicá-la somente a Jesus Cristo. Depois da traição de Constantino aos Deuses do Império Romano, e do Concílio de Nicéia e posteriores, a verdade Gnóstica da dupla natureza do virya se transformou em dogma da divindade de Jesus Cristo. E todo posterior intento por revelar este segredo aos homens, desde os maniqueus e cátaros até Nietzsche e Hitler, foi afogado em sangue pela conspiração sinárquica da judaico-maçonaria, do judaico-marxismo, do judaico-cristianismo, etc.

O pasu primitivo era uma fase em processo evolutivo do Arquétipo Manú. A esse estado havia chegado depois de uma evolução de milhões de anos que não começou aqui, mas em outro planeta, o qual se dividiu em quatro partes e formou as luas da Terra. Como era a psique do pasu na vinda dos Extraterrestres? Resposta: Possuía um sujeito racional bastante desenvolvido e uma incipiente esfera de pré-consciência com a qual não alcançava a "consciência de si", ou seja, individualidade psíquica. Na falta de individualidade radicava, justamente, a falha evolutiva do pasu. Em outros incisos se demonstrará que o Demiurgo propôs uma finalidade para o destino do pasu cujo objetivo é duplo: o "objetivo micro cósmico da finalidade" exige que o pasu desenvolva a "esfera de consciência" e converta ao macrocosmo em "ente autônomo", capaz de "dar sentido ao macrocosmo". Este objetivo permite que se cumpra, também, o "objetivo macro cósmico da finalidade": produzir cultura. Entende-se que o primeiro objetivo, "desenvolver a esfera da consciência" é particular e o segundo, "produzir cultura", é coletivo.

A "falta de individualidade", a "incipiente esfera de pré-consciência", a natural e insuperável animalidade, causaram a falha do objetivo micro cósmico da finalidade; e tal estancamento particular causou, em conseqüência,

o fracasso do objetivo macro cósmico: as “culturas” pasu não progrediram em milhões de anos.

Por outra parte, cabe destacar que, em sentido geral, o pasu exibia um instinto gregário, altamente desenvolvido que lhe permitia superar em organização a qualquer outra sociedade animal, POIS ERA O ÚNICO CAPAZ DE CRIAR UMA CULTURA. Todavia, por não estar totalmente individualizado, participava, junto com outros membros de sua comunidade, de uma espécie de “alma grupal”, ou “egrégora”, dotada de certa inteligência, mas cuja motivação principal era O DESEJO.

Em síntese, o aprisionamento espiritual foi perpetrado pelos Siddhas Traidores para que o pasu pudesse cumprir com o duplo objetivo de sua finalidade: desenvolver o sujeito consciente e produzir cultura. Por que fizeram tal coisa? De que meios se valeram para isso? A resposta para estas, e outras perguntas semelhantes, poderão ser achadas nos seguintes incisos.

Esta é, em traços gerais, a tese que aqui desenvolvemos. Sua aparente simplicidade não deve dar lugar a erros, pois, se desejamos transcender a linguagem mítica e elucidar o mistério, teríamos de elaborar perguntas muito complexas. Por exemplo, consideremos o tema do Espírito aprisionado. Se o tomarmos como um fato real, ainda que antiqüíssimo, a queda e o cativeiro do Espírito, e procurarmos torná-lo em larga escala inteligível, teríamos de começar por perguntar: como se aprisiona na matéria, no efêmero da vida, ao porvir da natureza, aos ciclos de vida e morte, como se aprisiona, repetimos, um Espírito eterno a essa ilusão? Resposta: antes de tudo, temos de afirmar que a solução constitui um terrível segredo, conhecido na Sabedoria Hiperbórea como “Mistério de A-Mort e de amor”. Entretanto, sem pretender revelar totalmente semelhante segredo, poderemos avançar bastante sobre muitos dados já conhecidos exotericamente. Respondemos, então, que O ESPÍRITO ETERNO, QUE É TÃO OU MAIS POTENTE QUE O PRÓPRIO DEMIURGO, PERMANECE APRISIONADO “POR NÃO SABÊ-LO QUE O ESTÁ”.

Como isto é possível? Não é difícil imaginar se considerarmos que HOUVE UMA TRAIÇÃO ORIGINAL, a saber, a quebra de uma confiança ou lealdade que se deviam entre si os membros da Raça Hiperbórea. Se contarmos com este elemento dinâmico exterior, “a traição”, poderemos então supor que OS ESPÍRITOS EXIBIAM UM PONTO DÉBIL EM SUA COMPLEIÇÃO, UMA ESPALDA, UM TENDÃO DE AQUILES, ETC., PELO QUAL FORAM DOMINADOS. Mas, ainda assim, fica difícil entender como pôde ocorrer um fato tão transcendental para o Espírito, a perda da liberdade, o aprisionamento à matéria e ao tempo, etc., SEM QUE ESTE O PERCEBA, de imediato, E PERMANECESSE ASSIM. E tal dificuldade para entendê-lo demonstra quão longe estamos do Espírito, de nosso Eu Eterno.

Reiteramos que, apesar das dificuldades assinaladas, é possível explicar em grande escala a tese e apreender intuitivamente o inexplicável por meio da indução transcendental. A conseguir tal objetivo se dedica a Primeira Parte dos “fundamentos”. Mas vale esclarecer: não seria possível tornar inteligível o fato do aprisionamento do Espírito à evolução do pasu, sem uma adequada descrição prévia da estrutura psíquica do pasu. Isto é o que nos demandará mais esforços, devido a que em cada VIRYA existe ainda uma parte significativa do pasu, sua compreensão não oferecerá problemas ao estudante.

NECESSIDADE DE UM MODELO ANÁLOGO DO ESPÍRITO HIPERBÓREO

Nosso propósito é, pois, demonstrar mediante analogias de que maneira os Espíritos foram aprisionados na matéria SEM SABÊ-LO e, especialmente, em que consiste esse “ponto débil” da compleição espiritual.

Mas temos de advertir que a hipótese que apresentamos somente pode corresponder no caso de um Espírito que tenha INGRESSADO NO UNIVERSO e, portanto, se tenha situado a níveis de quantificação racional. Nada podemos saber sobre a forma, ou o modo de ser de um Espírito SITUADO FORA DO UNIVERSO MATERIAL e tarefa inútil seria tentar representá-lo. Em troca o modelo que oferecemos ajudará a imaginar a um membro da raça cósmica, o qual será, naturalmente, muito diferente daquilo que estamos acostumados a ver ou conceber. Tal modelo permitirá intuir como se pôde enganar e derrotar ao Espírito SEM QUE ESTE O NOTASSE e porque, portanto, PERMANECEU SEM SABER EM QUE ESTADO SE ENCONTRAVA.

Como muitos dos “fundamentos metafísicos” que se expõe neste livro se apóiam no “modelo da esfera”, convém esclarecer de pronto que cabe esperar dele e até onde reflete a realidade do Espírito. Neste sentido devemos dizer que a concepção do Modelo tem atendido a correspondência conceitual antes que a meramente formal. Deste modo é possível conseguir que o enunciado de qualidades ou propriedades DO Modelo CONOTE qualidades ou propriedades DO Espírito.

O modelo da esfera guarda assim correspondência conceitual com o Espírito Hiperbóreo, o que há de permitir uma intuição metafísica que não é nem sensível nem inteligível, senão gnóstica, efetuar o trânsito buscando pelo Espírito. Isto é o que cabe esperar de um Modelo semelhante.

Não será necessário, supomos, insistir demasiado em que o Espírito NÃO É ESFÉRICO pelo fato de que o Modelo o seja; O QUE PERMANECE INVARIÁVEL NA CORRESPONDÊNCIA É A TOPOLOGIA E NÃO A FORMA GEOMÉTRICA: DOS INVARIÁVEIS TOPOLÓGICOS, E DE

SUAS CONSEQÜÊNCIAS FÍSICAS SE DEDUZEM OS CONCEITOS ANÁLOGOS. Pelo contrário, quem vai do Modelo ao Espírito transcenderá o esférico, se situará além de sua entidade, no plano do ser absoluto, ou seja, no Vril.

O MODELO DA ESFERA

Consideremos, pois, uma ESFERA OCA, de substância homogênea. Trata-se, topologicamente, de uma SUPERFÍCIE BILATERAL: de um lado constituída pela superfície esférica interior e do outro, a superfície exterior. Suponhamos agora que tal esfera oca representa um Espírito eterno ANTES da queda. Cada um de seus infinitos pontos da superfície INTERIOR é um núcleo de gnose absoluta QUE APONTA PARA O CENTRO. No centro, em um ponto situado no espaço oco interior, convergem todas as SETAS dos pontos-gnósticos e se realiza ali uma síntese total de Sabedoria. Pode-se dizer que no centro da esfera espiritual existe um Eu absoluto, que SABE de cada ponto de seu ser porque, justamente, é a síntese de todos esses pontos. Como ATUA um ser assim? Contraindo ou expandindo seu volume e aplicando sua Vontade absoluta no espaço interior. Se o Eu absoluto quiser, pode contrair a superfície até quase confundir-se com o ponto central; ou pode expandi-la e criar tanto espaço interior como o de um universo inteiro. E se o desejar, também, pode ORGANIZAR TAL ESPAÇO INTERIOR e converter-se em Pantocrátor, como alguma vez fez Abraxas. Mas o Espírito não é um Demiurgo, não TEM INTERESSE EM PERMANECER NO MUNDO DA MATÉRIA E DA ENERGIA. Procede do Incognoscível e ali deve retornar. Como chegou a este mundo demente? Acompanhando a raça, seguindo a seus chefes; por A-Mort a Ela, quem sabe.

Mas seja qual fora o motivo, o efetivo é que o Espírito-esfera encontrava-se então ali. Mas ele NÃO ERA ASSIM, semelhante a uma bolha, antes de "ingressar" no universo do Uno: esta é a forma HOSTIL com que sua natureza se adaptou à loucura daquele caos organizado. A hostilidade essencial do Espírito pela ordem material do Demiurgo se manifestou nesse "fechamento" com que o Eu absoluto se "cercou" esfericamente. No centro da esfera brilhava a chama do Eu absoluto, a qual era contemplada a partir de todos os pontos de si mesmo. Fora da esfera é o caos organizado, a loucura de Abraxas. Reinava por todas as partes. Ali, pois, NÃO APONTAVA o Espírito eterno, e esse NÃO APONTAR constituía sua hostilidade.

Bem, este último não é de todo certo, pois POR UM PONTO ao menos o Espírito observava o exterior, Sim, um ponto, um único ponto em toda a superfície esférica exterior, PELO QUAL ELE CONTEMPLAVA A

ESFERA DELA. Sim. E este único ponto, a que atribuí-lo? Resultou o “ponto débil”, a origem da queda.

Atenção agora: não diremos “por que” ocorreu nem “como” ocorreu. Seria inútil pretender explicar o Mistério de A-Mort com uma alegoria tão simples. Daremos, em troca, uma descrição do “que” ocorreu ao Espírito-esfera. Em tal “que” estará simbolizada a idéia da queda do Espírito eterno que nos permitirá, finalmente, compreender o aprisionamento à matéria ou, melhor ainda, a dupla natureza do virya.

Na figura 1 representamos uma bolha de um material muito elástico, por exemplo, borracha. Ao ponto K, SITUADO NO INTERIOR, está firmemente soldada uma corda, a qual tem um diâmetro (KH) e sai para o exterior pela antípoda, ou seja, pela perfuração pontual H. A corda tem em seu extremo exterior um anel E no qual é possível enganchar e puxar.

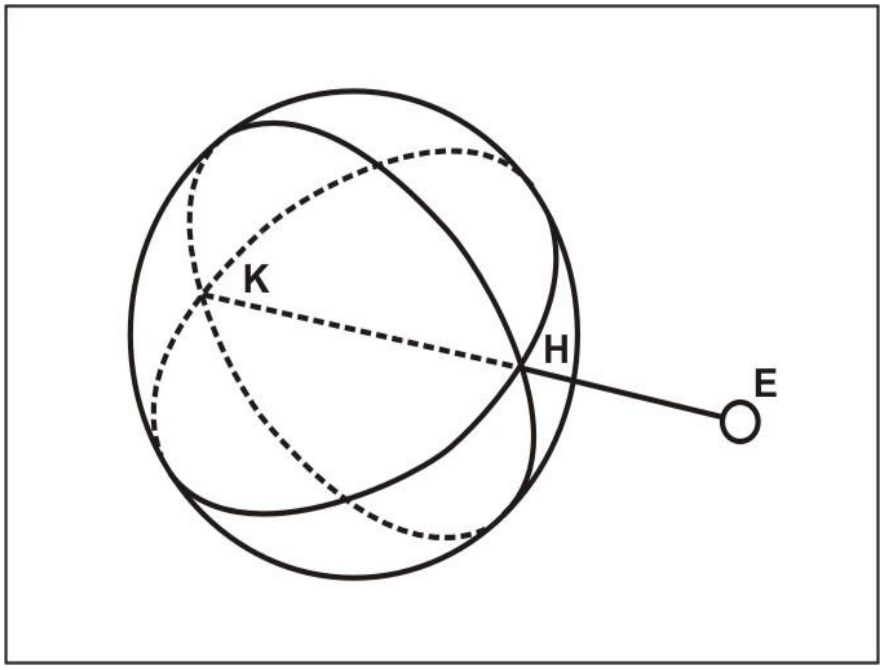


FIGURA 1

Supondo que a bolha se mantenha em todo momento em seu lugar, o que cremos que sucederá quando se puxar para fora pelo anel E? Sem dúvida, NUM PRINCÍPIO, se produzirá uma deformação; momentaneamente se perderá a forma esférica, o ponto K se “aproximará” da perfuração H e a bolha de borracha se “enrugará por trás”. Mas, SE PUXADO O SUFICIENTE, prontamente se verá QUE A PARTE INTERIOR COMEÇA A SAIR PARA O EXTERIOR.

Teoricamente, se continuarmos puxando, conseguiremos QUE TODA A SUPERFÍCIE INTERIOR PASSE A OCUPAR O LUGAR DA SUPERFÍCIE EXTERIOR e, por conseguinte, QUE A SUPERFÍCIE EXTERIOR SE TRASLADE AO INTERIOR DA BOLHA. Ao final obteremos novamente a forma esférica, MAS DO AVESSO: a superfície que antes estava dentro agora está fora.

É necessário fazer um esforço e imaginar completamente este processo. Para tal o melhor é fixar condições cromáticas iniciais como, por exemplo, QUE A BOLHA SEJA VERMELHA POR FORA E VERDE POR DENTRO. Desse modo será possível imaginar como vai surgindo a pele interior VERDE pelo orifício H e como, ao final, a totalidade da cor vermelha passada ao interior enquanto que a superfície exterior se torna totalmente verde.

A REVERSÃO DO ESPÍRITO PRODUZ A DESORIENTAÇÃO ABSOLUTA

Se temos sido capazes de imaginar a reversão da bolha poderemos dar um passo além e supor que algo semelhante ocorreu ao Espírito-esfera. Naturalmente que no Espírito não existia uma corda pela qual fosse possível puxar. Mas SIM EXISTIA UM PONTO INTERIOR QUE "APONTAVA" PARA O EXTERIOR, ou seja, UM PONTO QUE REUNIA AS CONDIÇÕES DE "K" E "H" SIMULTANEAMENTE. Este ponto permitiu aos Siddhas Traidores efetuar uma reversão, nos Espíritos-esferas, semelhante a que temos imaginado na bolha de borracha.

Tiremos agora algumas conclusões. Consideremos o Espírito-esfera antes da reversão; devemos convir em que quando TODOS (MENOS UM) os infinitos pontos da superfície interior "apontavam" para o centro, tal estado constitui a NORMALIDADE do Espírito-esfera. Temos dito que se tratava de "pontos-gnósticos". Isto não quer dizer que a Sabedoria dos Espíritos Hiperbóreos esteja fragmentada ou pulverizada em unidades pontuais; o conceito de "pontos-gnósticos" é alegórico, próprio dos Espíritos-esfera, e inseparável do conceito geométrico de "superfície" que estamos empregando.

A "normalidade" consiste, então, em que todos os pontos gnósticos, menos um, apontem para o centro da esfera, onde brilha o Eu absoluto, a síntese do Espírito-esfera; o centro é, em rigor, O "PONTO CARDEAL" DA SUPERFÍCIE INTERIOR. Mas falar de "ponto cardeal" é aludir a uma ORIENTAÇÃO. Ou seja, O PONTO CARDEAL CONSTITUI O "ORIENTE" DA GNOSE INTERIOR, O LUGAR AO QUAL SE REFEREM TODAS AS DIREÇÕES, TODOS OS RUMOS, TODOS OS SENTIDOS.

Somente um ponto está desorientado, e o está por A-Mort, por essa necessidade dEla que é anterior à Origem e por isso é incompreensível.

Por outra parte, o Espírito, ao ingressar PELA ORIGEM ao Universo do Uno, o faz na qualidade de "inimigo". Por isso se adapta na forma de Espírito-esfera e demonstra assim sua HOSTILIDADE ESSENCIAL.

Reconhecemos, pois, DUAS NORMALIDADES no Espírito-esfera: A NORMALIDADE INTERIOR OU ORIENTAÇÃO e A NORMALIDADE EXTERIOR OU HOSTILIDADE.

A "traição" dos Siddhas Traidores foi uma operação efetuada sobre o ponto exterior do Espírito-esfera. Podemos supor e SOMENTE SUPOR, que o efeito de tal operação produziu no Espírito-esfera a crença de que a esfera dEla se encontrava justo em frente ao ponto exterior. Mas fosse qual fosse o engano ou crença do Espírito-esfera, o certo é que INSTANTANEAMENTE seu ser se reverteu, de maneira semelhante a como ocorreu com a bolha da figura 1. Por que reagiu de tal modo o Espírito-esfera? Que impulso em sua consciência o desorientou do Eu absoluto, a PASSAR pelo ponto exterior e cair exposto às determinações da ordem cósmica? Somente podemos aventurar outra suposição: o Espírito-esfera atuou corretamente, MAS FORA DE LUGAR. A saber, sua reação sem dúvida era apropriada ALI, NO MUNDO INCOGNOSCÍVEL DA ORIGEM. Efetuada imprudentemente aqui, no Universo da matéria e da energia, da Consciência-Tempo do Demiurgo, da potência arquetípica, conduziu o Espírito-esfera a um triste fim. A derrota se consumou, pois, EM UM INSTANTE, SEM LUTA E SEM DEFESA (as lutas e as defesas viriam depois).

O Espírito-esfera passou assim, INSTANTANEAMENTE, DE "SER" A "NÃO SABER", DA ORIENTAÇÃO ABSOLUTA À DESORIENTAÇÃO ABSOLUTA OU CONFUSÃO.

O ESPÍRITO-ESFERA "NORMAL"

Para compreender melhor o estado do Espírito-esfera depois da queda vamos estabelecer precisões sobre sua constituição NORMAL. Em princípio tomemos como referência o PLANO MATERIAL e convenhamos que este se encontre POR BAIXO DO ESPÍRITO-ESFERA. Deste modo a "hostilidade essencial" se manifesta como OPOSIÇÃO a tal plano (ver figura 2).

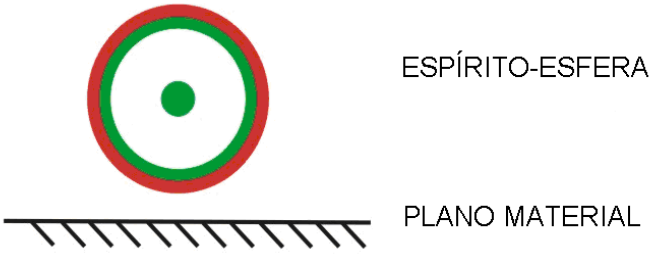


FIGURA 2

Disposto assim o confronto – Espírito absolutamente livre contra plano material absolutamente determinado ou ordenado - passemos à NORMALIDADE do Espírito-esfera.

Como se observa na figura, desenhamos uma SESSÃO do Espírito-esfera na qual se assinala na cor verde à superfície interior GNÓSTICA e com vermelho a superfície exterior HOSTIL. Se esta é a situação inicial do drama do Espírito, então valem os seguintes princípios:

Primeiro: o "corpo" do Espírito, ou seja, a esfera pode considerar-se como composta por duas capas ou duas películas sobrepostas, que são, em realidade, FACES OU ROSTOS.

A superfície exterior, vermelha, é a expressão do **TERGUM HOSTIS**, ou FACE HOSTIL; a superfície interior, verde, é a expressão do **VULTUS SPIRITUS**ou FACE ESPIRITUAL.

Segundo: Pela disposição da figura 2 a oposição ou hostilidade dirige-se ao plano material "inferior", caso que, analogamente se tem representado com a esfera "acima" e o plano material "abaixo". Fica evidente, então, que a oposição efetiva vem da esfera intermediária. Para efeito de alcançar uma profunda compreensão vamos prescindir por um momento da esfera intermediaria e considerar somente aquela parte que exerce efetiva oposição à matéria (ver figura 3).

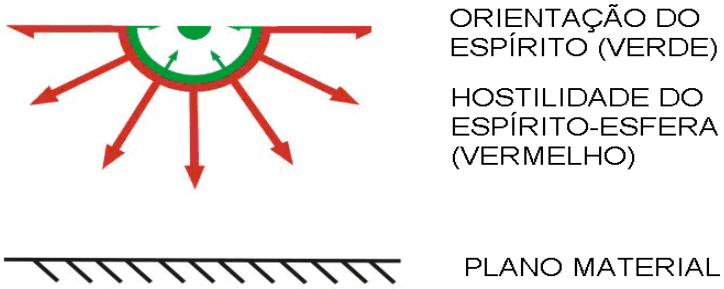


FIGURA 3

Podemos distinguir na figura 3 duas direções opostas: a Face espiritual se orienta pelo ponto cardeal do Eu absoluto. A Face hostil se opõe à matéria inferior.

Situando-nos alternativamente em cada um de tais pontos de referência notamos que: VISTO DO PLANO MATERIAL, A HOSTILIDADE DO ESPÍRITO ESTA ASSINALADA PELO "CONVEXO", VISTO A PARTIR DO EU ABSOLUTO, A ORIENTAÇÃO DA GNOSE ESPIRITUAL ESTÁ ASSINALADA PELO "CÔNCAVO".

Terceiro: A face espiritual é gnose pura e sua síntese consiste num Eu absoluto situado no centro da esfera.

A face hostil, por conseguinte, NÃO É SABEDORIA DE MODO ALGUM. Pelo contrário, ela é SOMENTE HOSTILIDADE, JUSTAMENTE PORQUE NÃO CONSTITUI UM CONHECIMENTO DO ENGANO EXTERIOR. O Espírito-esfera apresenta-se no Universo material FECHADO SOBRE SI MESMO, ENVOLTO EM TORNO DO EU ABSOLUTO, E MOSTRANDO AO DEMIURGO "POR TODAS AS PARTES UMA FACE HOSTIL". Mas o Tergum, a Face, se opõe ao Demiurgo não como contrário, mas como ADVERSÁRIO porque O ESPÍRITO-ESFERA É UM DEUS MAIS POTENTE QUE O DEMIURGO.

O Espírito-esfera oposto ao plano material tal como se vê na figura 2, É TÃO IMUTÁVEL COMO O "SER" DE PARMÊNIDES. Inclusive o conceito do filósofo de Elea se poderia aplicar ao Espírito-esfera da seguinte maneira: o Espírito É e o que o Espírito NÃO É, NÃO É. Em outras palavras, na figura 2 vemos por um lado o Espírito-esfera absolutamente livre, eterno e imutável. ISTO É O QUE O ESPÍRITO É; por outra parte, vemos um mundo absolutamente determinado, temporal e fenomênico. ISTO É O QUE O ESPÍRITO NÃO É. E em conseqüência, PARA O ESPÍRITO, isto que ele NÃO É, NÃO EXISTE, É UMA ILUSÃO, ou seja, NÃO É. A única realidade é o Espírito, somente ele É. Mas o Demiurgo TAMBÉM É ESPÍRITO, por isso ele é o ADVERSÁRIO. Daí que se faça necessário distinguir entre o Pantocrátor e o mundo, a saber, entre o Deus plasmador e o mundo por ele plasmado; entre o Demiurgo e o Universo ordenado. Os segundos formam o plano material que aponta a negação do Espírito-esfera. O mundo material é pura aparência, pura ilusão, puro fenômeno, puro processo evolutivo, pura contingência e acidente. Para o espírito o mundo NÃO EXISTE, NÃO É. Para o Demiurgo SIM, É; e contra ele se levantará o combate pelo retorno à Origem, pela recuperação do "estado primordial" que aqui representamos alegoricamente com a forma esférica.

Resumindo estes princípios podemos dizer que o Espírito-esfera, inicialmente, possui uma Face espiritual, verde e interior, que aponta para o Eu absoluto, que é sua síntese gnóstica, e que “apontar” constitui a “orientação normal” do Espírito. Também sabemos que exibe uma Face hostil, vermelha e exterior, que se opõe ao plano material e que tal oposição é a “hostilidade normal” do Espírito.

O ESPÍRITO-ESFERA "REVERTIDO"

O que jamais pudesse conseguir o Demiurgo ou qualquer outro Demônio semelhante, isto é, a alteração do Espírito-esfera, veio a ser logrado pela Via da traição. Em efeito, foram outros membros da Raça Hiperbórea, conhecedores de todo o segredo do Espírito-esfera, quem traíram o princípio de lealdade e precipitaram milhões de Espíritos ao abismo. Eles, os Siddhas Traidores, revelaram o segredo do “ponto exterior” e tornaram possível o engano e a reversão do Espírito-esfera. Na figura 4 temos representada tal situação.

Vemos ali que o Tergum ou Face hostil passou para o interior da esfera, enquanto que a Face espiritual exteriorizou-se por completo, ficando exposta diretamente ao plano material.

FIGURA 4

O primeiro que se adverte ao observar a figura 4 é o desaparecimento do Eu absoluto de sua posição central. O Espírito Hiperbóreo vale a pena salientar, NÃO É UM SIMPLES SER. Temos de recordar que estamos falando de um membro de uma raça cósmica e não de um mero fantasma incorpóreo. Além do mais, se fosse simples, seria inútil tentar sua descrição: bastaria somente designar um nome. Isso não é possível e por isso o temos representado como Espírito-esfera, o qual nunca foi simples: já conhecemos seu corpo esférico, o “tergum hostis” e o “vultus spiritus”. Este último, a Face espiritual, é a SABEDORIA propriamente dita e dela depende o Eu absoluto que, logo da reversão, desapareceu do centro.

A Face espiritual tampouco é simples, desde que a temos suposto extensa, como uma “superfície esférica interior”, mas em compensação é homogênea, TODA SABEDORIA. Tal homogeneidade espiritual no Eu absoluto, o qual é da síntese absoluta com que o Espírito esférico se unifica e reúne em um só ponto central. Para expressar a unidade do Espírito esférico e sua síntese central, em sentido figurado, supomos que a superfície representativa está composta por pontos que “apontam” para o centro e ali se sintetizam em um único ponto cardeal: o Eu absoluto.

Agora bem: logo da reversão os “pontos gnóstico” já não “apontam” mais para o centro da esfera, interiormente, senão em sentido completamente oposto e exterior. O que ocorreu com o Eu absoluto agora? Seu “desaparecimento” significa sua extinção, a traição da unidade sintética da Sabedoria? Em rigor estas e outras perguntas que poderiam ser propostas, se reduzem a uma só: EXISTE ALGUM PONTO EXTERIOR AO ESPÍRITO-ESFERA QUE POSSA SER “VISTO” SIMULTANEAMENTE POR TODOS OS PONTOS DA FACE ESPIRITUAL? Compreende-se que esta pergunta, assim como qualquer outra semelhante, incluindo as duas propostas em primeiro plano, DEVE SER RESPONDIDA AFIRMATIVAMENTE, pois caso contrário o Eu absoluto NÃO SERIA ABSOLUTO. O caráter de “absoluto” lhe vem por ser síntese da gnose espiritual, falando em sentido figurado, é ligado à unidade da Sabedoria e se aquele se extingue, esta há de extinguir-se também, a saber, há de morrer. Mas o Espírito-esfera é imortal e seu Eu, um Eu Absoluto.

Mas se a resposta DEVE SER AFIRMATIVA, se efetivamente existe um ponto exterior onde depois da reversão se tenha trasladado o Eu Absoluto, cabe perguntar por sua vez: onde está? Aonde PODE estar um ponto cardeal exterior que receba simultaneamente todos os “olhares” dos pontos gnósticos?

FIGURA 5 (a e b)

Para nos aproximarmos da resposta tenhamos em conta o seguinte: no Espírito-esfera NORMAL (fig. 2) os “olhares” dos pontos gnósticos para o Eu Absoluto equivalem a PROJEÇÕES dos pontos da superfície esférica interior sobre o ponto central. Inversamente, se poderia também dizer que A PARTIR O EU ABSOLUTO é possível ver TODOS OS PONTOS da Face espiritual. Ou seja, DESDE O PONTO CENTRAL da esfera é possível PROJETAR um raio [1] para cada um dos pontos da superfície esférica interior. Consideremos agora, com este mesmo critério, ao Espírito-esfera logo após a reversão (fig. 4). O ponto buscado deve ser tal que convirjam sobre ele à projeção de TODOS os pontos da superfície exterior da esfera. Entretanto é evidente a primeira vista que a projeção normal de todos os pontos exteriores não converge senão que diverge em todas as direções, ou seja, isotropicamente. Mas podemos verificar com mais rigor essa presunção se examinarmos dois

pontos gnósticos, A e B, tão próximo um do outro quanto se queira, e medirmos a distância de cada VETOR projetivo ou “seta” para o Eu Absoluto. Na figura 5-a se demonstra que no Espírito-esfera “normal” as “setas” convergem para o Eu Absoluto do centro, ou seja, os vetores “se juntam cada vez mais entre si” à medida que se encurta a distância do centro.

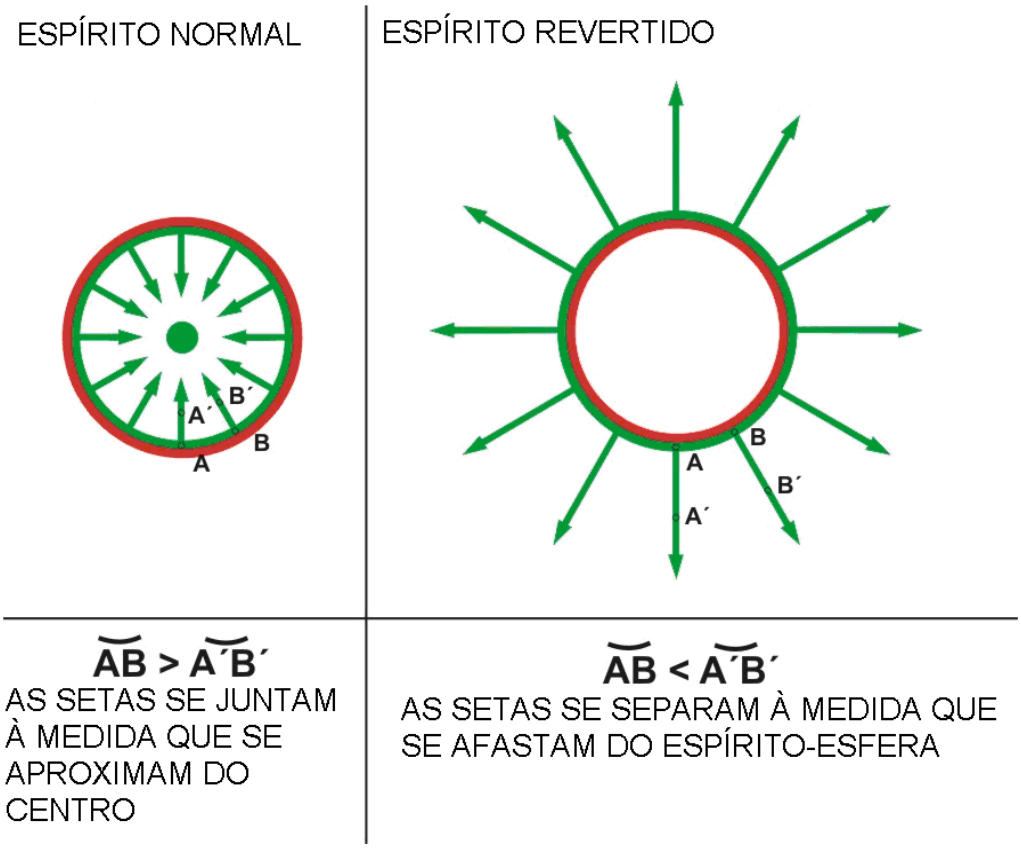


FIGURA 5 (a y b) [1] ou “vetor radiano”, ou seja, um vetor cujo módulo é igual ao raio. TODOS os pontos gnósticos, ou seja, a superficie.

Pelo contrário, as “setas” procedentes dos pontos exteriores no Espírito “revertido”, tendem a “separar-se cada vez mais entre si” à medida que se afastam da superfície esférica. O que nos diz isso? Para começar, que o ponto exterior de convergência NÃO PODE ESTAR PRÓXIMO DO ESPÍRITO-ESFERA, pois as “setas”, ou seja, os vetores projetivos se separam entre si em todas as direções. Mas QUÃO DISTANTES podem estar do ponto não é tão evidente já que se projetarmos TODAS as setas, ou seja, se considerarmos a projeção completa da superfície esférica, ilimitadamente por toda direção, ACABAREMOS POR ABRANGER A TOTALIDADE DO ESPAÇO CÓSMICO. Onde está, então, o ponto exterior de convergência? Resposta:

NO INFINITO. Por exemplo: se considerarmos somente quatro pontos gnósticos I, II, III e IV, tal como se mostra na figura 6, SITUADOS EM PARTES OPOSTAS da superfície esférica, e o projetarmos ilimitadamente em direção de quatro pontos de referência arbitrários N, S, L e O, PODEMOS AFIRMAR QUE TAIS VETORES PROJETIVOS COINCIDIRÃO AO TÉRMINO DE SEU TRAJETO EM UM ÚNICO PONTO COMUM SITUADO NO INFINITO. Mas tem mais: se da mesma maneira projetarmos TODOS os pontos gnósticos, ou seja, a superfície esférica inteira, ilimitadamente para TODAS as direções possíveis, estas acabarão por encontrar-se igualmente em um único ponto comum infinito ou "PÓLO". Na figura 7 temos representado um ponto violeta. A ele chegam os infinitos vetores que partem dos infinitos pontos gnósticos do Espírito-esfera; na figura desenhamos somente dezesseis dos infinitos vetores: o PÓLO infinito é, em rigor, o mesmo "ponto extremo" de cada um dos vetores.

FIGURA 6

Naturalmente, não é possível constituir um esquema do Espírito-esfera, como na figura 5-a ou 6, no qual estejam desenhados os infinitos vetores EM TODA SUA EXTENSÃO INFINITA, para chegar à coincidência extrema da figura 7. Nem tão somente seria possível representar alguns deles: UM SÓ VETOR CUJO MÓDULO OU EXTENSÃO SEJA INFINITO, ULTRAPASSA AS DIMENSÕES DE QUALQUER ESQUEMA GRÁFICO. Podemos, no entanto CONVIR EM UMA REDUÇÃO da dimensão do vetor para que possa ser representado dentro dos limites do esquema. PARA ISSO SOMENTE TEMOS DE RECORDAR QUE O PONTO EXTREMO DO VETOR É SEMPRE O PÓLO INFINITO.

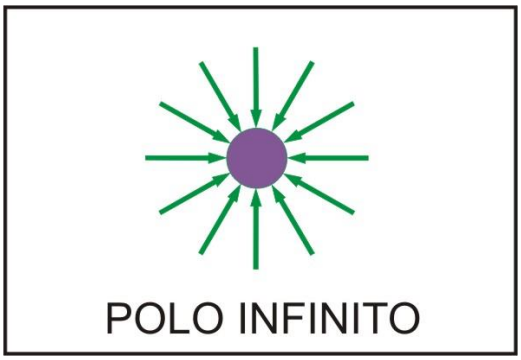


FIGURA 7

Bem, se desenharmos infinitos vetores de, por exemplo, um centímetro, em um esquema como o da figura 4 (ou 5-b, ou 6, etc.) e marcarmos o extremo de cada um deles com um ponto violeta, em representação do pólo infinito, COMPROVAREMOS QUE TODOS FORMAM UM CÍRCULO VIOLETA, exterior ao Espírito-esfera e a um centímetro de distância. Na figura 8 se mostra um esquema semelhante, ainda que por motivos de clareza somente se tenha desenhado dezesseis vetores. Disto resulta que o "pólo infinito", representado na finitude do esquema gráfico é equivalente a um "círculo externo" ao Espírito-esfera revertido: é o que chamamos de PÓLO INFINITO EXPANDIDO. Ma não há como esquecer que o esquema somente MOSTRA UMA PARTE DO ESPÍRITO-ESFERA. No espaço, ou seja, considerando as três dimensões da esfera, os infinitos vetores que partem de cada "ponto gnóstico", se tem também um módulo de um centímetro, por exemplo, FORMARÁ COM SEUS PONTOS EXTREMOS (VIOLETA) UMA ESFERA VIOLETA, exterior ao Espírito-esfera e a um centímetro de distância.

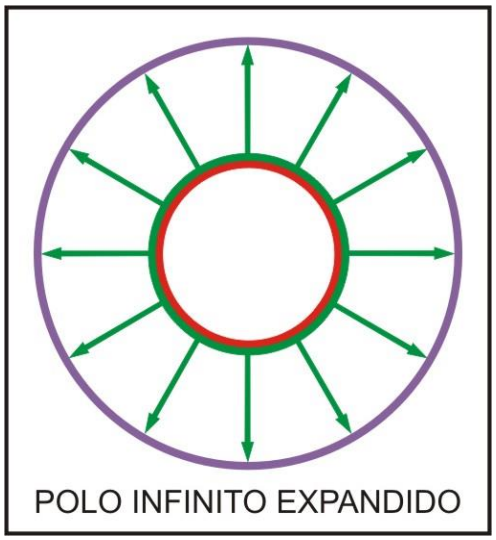


FIGURA 8

Chegou o momento de extrairmos uma conclusão. Sabemos agora que logo após a reversão (fig. 4), as "setas" dos pontos gnósticos convergem

efetivamente em um único ponto exterior, de maneira semelhante ao que ocorria no Espírito normal quando todas as setas apontavam para o ponto central ou Eu Absoluto.

Mas tal ponto exterior está no infinito, segundo vimos. Significa isto que ali se realiza igualmente a síntese da Face espiritual e se conforma em Eu Absoluto? Sim. Mas a esse Eu exterior vamos chamá-lo, para evitar confusão, de “Eu Infinito”.

As perguntas naturais que se desprendem de tal conclusão são: Como, se finalmente o Espírito-esfera consegue sintetizar um Eu exterior, este mesmo eu não “toma consciência” de seu estado revertido? E, por que dizemos que logo da reversão, o Espírito-esfera passou de SER a NÃO SABER, da orientação à desorientação, ao extravio e à confusão? Não é difícil responder tais interrogações, mas requer uma prévia reflexão. Na verdade o motivo pelo qual o Eu Infinito é ignorante de sua situação guarda estreita relação com o motivo pelo qual não temos podido representar o “pólo infinito” no esquema da figura 8: a relação de incomensurabilidade que guarda o finito com o infinito aparece como extremo ou “limite” de uma distância ilimitada. Se o infinito está no extremo de uma distância esta tem por força que ultrapassar TUDO quanto seja finito. A saber que ENTRE o Espírito-esfera e o Eu Infinito, há de estar COMPLETO o mundo dos entes finitos. Ou, em outras palavras, o Eu Infinito ultrapassa PELO INFINITO ao mundo dos entes finitos. É como se, na figura 8, TODO O FINITO estivesse entre o círculo verde (Face espiritual) e o círculo violeta (pólo infinito). Recordemos que na figura 2 representamos ao “plano material inferior” POR DEBAIXO do Espírito-esfera revertido somente por motivos de conveniência expositiva, mas que na realidade tal plano, ou “mundo dos entes finitos", RODEIA AO ESPÍRITO REVERTIDO POR TODAS AS PARTES. E a esse mundo o Espírito-esfera se opõe essencialmente.

DEFINIÇÃO ABSOLUTA DA “ESTRATÉGIA HIPERBÓREA”

Bem, “o mundo dos entes finitos”, que recentemente identificamos com o “plano material”, é o mundo “plasmado” ou “ordenado” pelo Demiurgo. Sua característica é a ORDEM ARQUETÍPICA que segue a matéria ou impulso da influência temporal de Sua Consciência: é o que no Tibet denominam Grande Sopro, mas que nós preferimos chamar Tempo. Tal ORDEM ARQUETÍPICA condiciona e determina a todo ente em seu ser ou seu chegar a ser, ou seja, em sua FINITUDE. Entendamos assim: um Arquétipo universal é uma “idéia” pensada pelo Demiurgo e sustentada por este, em uma espécie de memória cósmica, no “plano arquetípico”, mas os Arquétipos não são meras imagens estáticas, modelos, moldes ou paradigmas, fixados na

eternidade, senão que, pelo contrário, constituem germens vindos de um poderoso impulso evolutivo. Tal impulso procede do Sopro do Demiurgo e, a seu ritmo, tais germens arquetípicas amadurecem e se desprendem NA MATÉRIA, intencionando concretizar sua perfeição final. Essa perfeição, que já se encontra em estado potencial desde o começo do desenvolvimento evolutivo, denomina-se ENTELEQUIA e, a rigor, o Arquétipo mesmo. A entelequia é o que está pregado ou potencializado no Arquétipo e que, como gérmen, este atualiza pela sua emanação. Por isso, se bem que a entelequia é a perfeição final a que aponta a evolução, ela está posta também em principio, como potência do Arquétipo universal, como perfeição inicial: há assim coincidente forma entre o Arquétipo universal e sua entelequia.

Os Arquétipos são universais. O que constitui a individualidade de qualquer particular no plano material é a atualização das MÔNADAS, as que provêm da primeira emanação do Demiurgo e as que impulsionam a evoluir seguindo a ORDEM QUE IMPÕE, NA MATÉRIA, A EMANAÇÃO PLANIFICADA DOS ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS. A saber, que a evolução se desenvolve de acordo com Planos cósmicos, que na realidade são poderosos Arquétipos chamados “MANÙ”. As mônadas são impelidas a evoluir conforme tais planos sendo totalmente determinadas durante seu trajeto de “queda” e “ascensão” da matéria ou “planos inferiores”. Assim, as mônadas podem constituir um ente simples, ou seja, que expressa a evolução de um único Arquétipo, ou um ente composto, conformado pela ação combinada de múltiplos Arquétipos. A mônada humana em particular, a mônada do pasu, segue em sua última etapa, propriamente humana, na DIREÇÃO arquetípica de um Arquétipo Manú.

No entanto, tal como veremos, certos Arquétipos podem afetar o homem com singular violência e ainda tornarem-se dominantes. Trata-se de Arquétipos do microcosmo, ou seja, da estrutura fisiológica do corpo humano, se denominam “Arquétipos coletivos pessoais”. Se forem Arquétipos do macrocosmo, ou Universo do Uno, se denominam “Arquétipos coletivos Universais” ou “Arquétipos psicóideos”. Mas em qualquer caso, o desenvolvimento que estes Arquétipos efetuam SOBRE O HOMEM tentando concretizar sua entelequia é chamado “PROCESSO”. O “PROCESSO” é o ato pelo qual o Arquétipo se manifesta ao homem, emerge e, nutrindo-se de sua própria energia, busca alcançar a entelequia.

A finitude dos entes está, pois, determinada pela entelequia dos Arquétipos universais e, por isso, deve entender-se que toda finitude é uma perfeição já que, desde cedo, toda perfeição é uma entelequia.

A ORDEM ARQUETÍPICA implica então a finitude dos entes, sua determinação absoluta. Mas, “além do mundo dos entes finitos”, está situado o Eu Infinito do Espírito-esfera revertido. O que há além de tal mundo, o que

significa aqui o infinito com respeito ao finito? Imperfeição e indeterminação. Em efeito, se PARA A ORDEM ARQUETÍPICA o finito constitui uma perfeição, então o infinito é o não terminado, o imperfeito, ou, em todo caso, o indeterminado. Isto, VISTAS AS COISAS A FAVOR, OU "A PARTIR" DA ORDEM ARQUETÍPICA. Pois, VISTAS AS COISAS DESDE O INFINITO, resulta inversamente que A ORDEM ARQUETÍPICA É O ILUSÓRIO E NÃO EXISTENTE, O QUE CARECE DE ETERNIDADE. Daí sua contínua mudança ao ritmo do Grande Sopro, ou seja, do Tempo transcendente. O infinito em compensação É UM REFLEXO DA ETERNIDADE DO ESPÍRITO. POR ISSO SE ENCONTRA "ALÉM" DO MUNDO DOS ENTES FINITOS; e "além" também da temporalidade transcendente dos entes.

Vemos assim que o fato de estar o Eu Infinito "além do mundo dos entes finitos" implica uma "indeterminação absoluta" com respeito à determinação arquetípica dos entes, uma "imperfeição absoluta" com respeito a toda entelequia, e "um reflexo da eternidade" em relação à fluência temporal da evolução arquetípica em que constituem os entes. Em conseqüência resulta que aquilo que para o Demiurgo constitui uma ABSOLUTA ORDEM é para o Espírito-esfera uma ABSOLUTA DESORDEM.

Mas o Espírito-esfera revertido SE OPÕE ESSENCIALMENTE AO PLANO MATERIAL e, sendo que tal plano se interpõe entre ele e seu Eu Infinito, não se oporá também a seu próprio Eu, situado "além do plano material"? Sim. E neste momento podemos responder a pergunta pendente: O ESPÍRITO-ESFERA REVERTIDO IGNORA SUA SITUAÇÃO PORQUE ENTRE ELE E SEU EU INFINITO SE INTERPÕE A ABSOLUTA DESORDEM DA "ORDEM ARQUETÍPICA" OU "PLANO MATERIAL"; O ESPÍRITO REVERTIDO SE OPÕE ESSENCIALMENTE A TAL "ORDEM" E, TAL OPOSIÇÃO, CRIA UMA BARREIRA DE INCOMUNICAÇÃO COM SEU PRÓPRIO EU INFINITO QUE SE ENCONTRA "ALÉM DO PLANO MATERIAL". POR OUTRA PARTE O EU INFINITO, DESDE O INFINITO, SÓ VÊ A SUPREMA ILUSÃO DA ORDEM ARQUETÍPICA, AO "APONTAR" PARA A FACE ESPIRITUAL. Tal é o drama do Espírito revertido que se denomina CONFUSÃO ESTRATÉGICA.

Eis aqui um conceito fundamental da Sabedoria Hiperbórea. O estado do Espírito-esfera revertido NÃO É, em efeito, IRREVERSÍVEL: sempre é possível recuperar o estado normal da figura 2. Com tal objetivo pode afirmar-se que TODAVIA O MÉTODO QUE PERMITE REVERTER A REVERSÃO DO ESPÍRITO-ESFERA, OU SEJA, QUE PERMITA A ESTE RECUPERAR SUA NORMALIDADE, É UMA "ESTRATÉGIA HIPERBÓREA". Inversamente se diz que, se o Espírito-esfera revertido permanece na ignorância de sua situação, padece de "CONFUSÃO ESTRATÉGICA".

O objetivo de uma ESTRATÉGIA HIPERBÓREA é, assim, a NORMALIDADE DO ESPÍRITO. Este objetivo supõe a busca de duas metas.

UMA: recuperar a HOSTILIDADE ESSENCIAL, conseguir que a Face hostil ou Tergum hostis se manifeste CONTRA o plano material. Tal como se explicará em outro inciso, a manifestação da hostilidade essencial do Espírito no microcosmo de um virya se denomina FUROR BERSERKR.

DOIS: conseguir a REORIENTAÇÃO da Face espiritual até O ÚNICO PONTO CENTRAL DO EU ABSOLUTO. Com respeito à segunda meta, a "reorientação estratégica", vale a pena assinalar as diferenças entre o Eu Absoluto e o Eu Infinito. O Eu Absoluto, é o eu da ORIENTAÇÃO ABSOLUTA, equivale a um ÚNICO PONTO CARDEAL CENTRAL, a saber, A UMA ÚNICA DIREÇÃO PARA AS "SETAS" DOS PONTOS GNÓSTICOS. O Eu Infinito, o eu da DESORIENTAÇÃO ABSOLUTA, equivale a INFINITOS PONTOS CARDEAIS, ou seja, A INFINITAS DIREÇÕES PARA AS "SETAS" DOS PONTOS GNÓSTICOS.

TRAIÇÃO E APRISIONAMENTO ESPIRITUAL

Temos tido ocasião, até aqui, de estudar com certo detalhe o estado "posterior" à traição em que caiu o Espírito-esfera. Sabemos agora que depois de "operar" sobre o único ponto de consciência exterior ('H' – fig. 1), produziu-se uma reversão do corpo esférico que exteriorizou a Face espiritual e projetou o Eu sintético ao infinito. O Espírito-esfera passou então a um estado de "DESORIENTAÇÃO ABSOLUTA" ou "CONFUSÃO ESTRATÉGICA" no qual lhe resulta impossível "tomar consciência" ou advertir seu extravio.

Mas a "traição" dos Siddhas Traidores se consumou PARA SERVIR A UM FIM ESPECÍFICO: O APRISIONAMENTO DOS ESPIRITOS-ESFERAS AO PLANO MATERIAL. Voltemos, pois, a plantar aquela pergunta com a qual apresentamos o modelo análogo do Espírito-esfera: "Como se aprisiona a matéria, ao efêmero da vida, às variações da natureza, aos ciclos de vida e morte, como se aprisiona, repetimos, um Espírito eterno a essa ilusão?". Agora que conhecemos analogamente o que é um Espírito, vamos explicar como pôde ser aprisionado à matéria.

Antes de tudo há uma questão que deve ser elucidada previamente que pode ser feita assim: Para quê desejava os Siddhas Traidores aprisionar os Espíritos-esfera, membros de sua própria raça, no Universo do Uno? Lembremos que na Introdução já adiantamos PARA QUÊ QUERIA O DEMIURGO o aprisionamento dos Espíritos: para que o pasu cumpra com o duplo objetivo de sua finalidade: conseguir a autonomia "microcósmica", ou

seja, alcançar a entelequia humana. E ser “doador” de sentido, “produtor de cultura”. Mas os Siddhas Traidores... o que pretendiam com isso?

Não custa reforçar que esta questão é demais espinhosa e que no máximo podemos nos aventurar a repetir alguns conceitos tradicionais da Sabedoria Hiperbórea. Em princípio, afirma-se que os Siddhas Traidores “NÃO TERIAM UM INTERESSE PARTICULAR EM PERDER OS ESPÍRITOS” senão que estes foram “O MEIO DE QUE SE VALERAM PARA FORJAR UM LUGAR NO UNIVERSO MATERIAL DO UNO”. Por que teriam necessidade de instalar-se em tão nefasto lugar? Esta é uma pergunta que já é muito difícil responder COM EXATIDÃO, pois interroga sobre os Espíritos ANTES da Origem.

Como temos repetido muitas vezes nada se pode afirmar, a não ser a título de suposição, sobre o mundo originário do Espírito, ao qual qualificamos de incognoscível, pelo mesmo motivo dos Hiperbóreos não falarem em Deus, em sentido pleno, e preferirem referirem-se a chefes espirituais, grandes guias ou avatares. Segundo a Sabedoria Hiperbórea somente OS ESPÍRITOS NORMAIS, ou seja, estrategicamente orientados, TEM UM CONCEITO VERDADEIRO DE DEUS. Para qualquer outro estado espiritual fora da normalidade, Deus é incognoscível, está além da origem, uma origem que se perdeu pela desorientação espiritual, e por isso se chama simplesmente, O Incognoscível. Renunciando, pois, de antemão a indagar sobre a origem, a Sabedoria Hiperbórea é mais clara em relação ao que aconteceu EM UM PRINCÍPIO: “A RAÇA HIPERBÓREA (dos espíritos-esferas) INGRESSOU AO UNIVERSO DO UNO (ou seja, situou-se frente a ele) PROCEDENTES DA ORIGEM. NÃO SE SABE POR QUE VIERAM. JÁ ALI SE DEU UMA DISPUTA ENTRE OS CHEFES: UNS PROPUNHAM PERMANECER, AINDA QUE PARA TAL TIVESSEM DE PACTUAR UMA ALIANÇA COM OS DEMÔNIOS; OUTROS, POR SUA VEZ, INSTAVAM A INICIAR ALI A RETIRADA E ABANDONAR AQUELE INFERNO, AINDA QUE PARA ISSO TIVESSEM DE LUTAR. NÃO SE CHEGOU A UM ACORDO E FINALMENTE OS CHEFES DECIDIRAM DIVIDIR-SE EM DOIS GRUPOS. LÚCIFER, E MUITOS CHEFES QUE DESEJAVAM LUTAR E PARTIR TOMOU PELO CAMINHO DA MÃO ESQUERDA. RIGDEM JYEPO E O RETO DOS SIDDHAS TRAIDORES TOMARAM O CAMINHO PELA MÃO DIREITA. OS SIDDHAS TRAIDORES SE ALIARAM A JEHOVÁ-SATANÁS (SANAT KUMARA) E SEUS DEMÔNIOS E FUNDARAM A HIERARQUIA OCULTA DA TERRA. LOGO CONSTITUÍRAM CHANG SHAMBALA E TRANSFORMARAM DEFINITIVAMENTE O PLANO EVOLUTIVO QUE IMPULSIONAVA O SOPRO DO LOGOS SOLAR; ESTA ÚLTIMA INFÂMIA ESTÁ REPRESENTADA NO SÍMBOLO OCULTO DE CHANG SHAMBALA: A CHAVE KALACHAKRA. PARA O OBJETIVO DE TRANSMUTAR DE CERTA FORMA A ORDEM

ARQUETÍPICA DOS SIDDHAS TRAIDORES NECESSITAVAM APRISIONAR OS ESPÍRITOS HIPERBÓREOS À EVOLUÇÃO DO ANIMAL-HOMEM CHAMADO PASÚ. ESTE É O VERDADEIRO MOTIVO DA TRAIÇÃO: A UTILIZAÇÃO. FINALMENTE GRANDE PARTE DA RAÇA FOI APRISIONADA À DOR E AO SOFRIMENTO DO KARMA, SOMENTE FICOU LIVRE UMA PORCENTAGEM DE ESPÍRITOS FEMININOS QUE NÃO PUDERAM SER ENGANADOS. ELAS FORAM QUEM CHAMARAM LÚCIFER PARA QUE ACUDISSE EM SOCORRO DOS ESPÍRITOS CATIVOS. LÚCIFER REGRESSOU AO INFERNO POR LEALDADE A SEUS COMPANHEIROS, E PARA SALVÁ-LOS ENTREGOU O GRAAL AOS SIDDHAS DE AGARTHA, PARA DIVINIZAR AS LINHAGENS HIPERBÓREAS E GUIAR OS VIRYAS EM DIREÇÃO AO ESPÍRITO E, DESDE O ESPÍRITO, ATÉ A ORIGEM. OS SIDDHAS DE AGHARTA SÃO CONHECIDOS, DESDE ENTÃO COMO SIDDHAS LEAIS".

Não é muito mais o que nos diz a Sabedoria Hiperbórea, mas, de todo modo, já declaramos o motivo dos Siddhas Traidores: necessitavam aprisionar os Espíritos para utilizá-los na evolução do pasu. Este motivo, que já expusemos em várias oportunidades, porá em jogo um colossal desdobramento de imaginação infernal e engenho e, portanto, de incrível sabedoria. Os Siddhas Traidores, em efeito, foram capazes de compreender o plano evolutivo do Uno e MODIFICÁ-LO, rivalizando com este na busca dos caminhos mais eficazes para concretizar as absurdas e vãs entelequias. Mas o brilho de tanta inteligência estava impregnado por uma incompreensível paixão, cuja produção não era alheia senão as infernais regiões materiais às que haviam descido os membros da Raça Hiperbórea. Se este último fosse certo talvez a traição tenha sido o efeito de uma espécie de loucura desconhecida anteriormente pelos Hiperbóreos.

De qualquer maneira, fosse qual fosse a origem da loucura, o certo é que a paixão esteve presente desde o início nos atos dos Siddhas Traidores. Isso se comprova especialmente no "sistema" inventado em princípio para modificar a raça pasu e ADAPTÁ-LA AOS Espíritos para aprisioná-los, mas que logo se usou "toda vez que fosse necessário" para "acelerar a evolução da humanidade". Tal sistema consiste em produzir, com o curso de uma sorte de ENGENHARIA ARQUETÍPICA avançadíssima, um corpo humano entelequial ou "protótipo manú"; tais corpos são animados pelos mesmos Siddhas Traidores que, assim encarnados, realizam toda classe de feitos entre os seres humanos comuns. Deste modo, no curso de milênios, vem interferindo sistematicamente na diferenciação e seleção genética de toda raça ou sub-raça humana. Eles têm forjado a estrutura do virya, mistura genética de pasu e Divino Hiperbóreo, e o fizeram com o claro propósito de criar um veículo adequado à encarnação dos Espíritos revertidos.

A pergunta óbvia, sem dúvida, é: sendo os Siddhas Traidores membros de uma raça Hiperbórea espiritual, e havendo declarado, como temos dito, que criavam "corpos humanos entelequiais" para animá-los e atuar entre os homens, qual é o verdadeiro aporte "hiperbóreo" que eles introduziram no pasu? Resposta: A MINNE. Por isso dizíamos lá atrás que toda obra dos Siddhas Traidores denota uma grande paixão. Sem paixão não haveria "memória de sangue", herança hiperbórea propriamente dita. Se no cruzamento entre os seres Extraterrestres e os terrenos pasus somente houvesse interferido no suporte genético do protótipo Manú O ENCADEAMENTO DOS ESPÍRITOS-ESFERAS TERIA SIDO IMPOSSÍVEL. Esta terrível afirmação significa que no sistema inventado pelos Siddhas Traidores para aprisionar os Espíritos, A PAIXÃO ERA UM INGREDIENTE ESSENCIAL.

A paixão impregna toda a obra dos Siddhas Traidores mas é, naturalmente, o contato sexual que estes efetuaram assiduamente com a raça humana onde ela se manifesta com maior clareza e a prova está no fato de que hoje em dia praticamente desapareceu o tipo puro de pasu. Isto demonstra a "grande atividade" dos Siddhas Traidores na esfera da procriação. Grande parte da humanidade possui hoje "linhagem Hiperbórea", ou seja, memória de sangue, e graças a isso o aprisionamento espiritual é mais numeroso que nunca. O êxito do sistema parece ser assim completo.

Vamos dar agora a chave do sistema, a chave que nos permitirá compreender mais adiante importantes aspectos do método de aprisionamento. Como se trata de uma operação de alta magia sexual, sua descrição detalhada seria extremamente extensa pelo que nos limitaremos a resumir todo seu conceito. A "CHAVE GENÉTICA" DO SISTEMA KÁRMICO DE APRISIONAMENTO ESPIRITUAL RADICA O SEGUINTE PRINCÍPIO: QUANDO O MANÚ SE APARELHA SEXUALMENTE COM MEMBROS DA ESPÉCIE HUMANA, COM O OBJETIVO DE FUNDAR UMA ESTIRPE DA QUAL DESCENDEM OS POVOS OU RAÇAS, ATUA SECRETAMENTE DURANTE O MAITHUNA[2] CONCENTRANDO SUA VONTADE EM PLASMAR, EM SEU CÔNJUGE, UMA IMAGEM DA ORIGEM DO ESPÍRITO HIPERBÓREO. ASSIM SE CONSTITUI NA MEMÓRIA DE SANGUE A "RECORDAÇÃO DA ORIGEM", A QUAL É UMA AUTÊNTICA HERANÇA PERPÉTUA DO MANÚ-SIDDHA TRAIDOR; E SE PLASMA NO SANGUE E NÃO EM QUALQUER OUTRA SUBSTÂNCIA PORQUE A "FORÇA PLASMADORA" EMPREGADA É A PAIXÃO NO MAITHUNA OU, SE DESEJAR, AMOR.

A chave do sistema consiste, então, em plasmar uma imagem da Origem no sangue do pasu com o qual este adquire uma herança divina e passa a ser virya. Somente cabe reiterar que tal doação não tem nenhum caráter de bondade senão que aponta ao aprisionamento dos Espíritos

revertidos, operação que viremos mais adiante como se concretiza. Pode considerar-se, para maior clareza, que a plasmação do "Símbolo da Origem" é a primeira parte de um plano em duas etapas, a segunda das quais seria o aprisionamento propriamente dito. A criação da Minne teria assim o único objetivo de facilitar, já veremos como, a liga do Espírito com a matéria. Por isso a imagem plasmada da Origem deve ser íntima e secreta, necessariamente inconsciente. Fora do objetivo para a qual fora criada, aos Siddhas Traidores não interessa que a "memória de sangue" se recorde realmente e, na prática de seu sistema kármico, tudo era orientado a impedir que nada tenha acesso nunca à imagem da Origem. Justamente foi a ação ofensiva de Lúcifer, ao depositar o Graal no plano material, o que tornou possível que o homem recordasse "que não é daqui" e sua linhagem se tornasse doravante, divinizada.

Por último, advertimos que a "Traição Branca" dos Siddhas Traidores produziu conseqüências em OUTROS MUNDOS, dos quais o homem contemporâneo não tem a menor idéia de sua existência. NESSES MUNDOS também foram aprisionados espíritos eternos, dando lugar a FORMAS DE VIDA CUJA EXISTÊNCIA É INCONCEBÍVEL PARA A MENTALIDADE CIENTÍFICA ATUAL. Estes seres, que também são VIRYAS, habitam outros ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO MACROCÓSMICA, dos quais se falará no artigo E do inciso "O Virya Desperto". É tão grande o desconhecimento sobre tais "mundos" que no desenvolvimento do presente livro "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" temos de nos referir quase exclusivamente ao aprisionamento espiritual NA Terra e NESTA etapa histórica de fim do Kaly Yuga. Mas não há como duvidar em nenhum momento que tal exposição requer ser ulteriormente completada com uma visão ampla, poli-dimensional, do fenômeno do "aprisionamento espiritual", visão que só será possível de experimentar se se ascende à "iniciação hiperbórea do sangue puro".

FRAÇÃO DO RELATO DE KURT VON SUBERMANN

Em nossa novela de divulgação "a Estranha Aventura do Dr. Arturo Siegnagel", se alude ao Mistério do aprisionamento espiritual em um parágrafo que convém recordar aqui. Em tal obra, com efeito, o jovem Kurt Von Sübermann vai com seu pai, amigo de infância de Rudolph Hess, a uma festa na Chancelaria do terceiro Reich. Ali é apresentado ao Führer, que começa a fazer surpreendentes revelações. A transcrição completa de tal parágrafo se dá na continuação:

…VIII – A cerimônia de final de curso se realizava junto com outras escolas, num grande festival com desfiles de multidões da Juventude Hitlerista, que culminavam no Estádio de Berlim. Ali a alta cúpula do

Terceiro Reich, encabeçada pelo Führer, estabelecia um contato direto com a Juventude por meio de discursos e proclamas.

Meu pai veio do Egito especialmente para assistir a graduação, sendo convidado por Rudolph Hess para ir a uma festa celebrada esta noite na Chancelaria. Seria esta, a meu ver, a oportunidade esperada para esclarecer muitas incógnitas.

Às 10 em ponto da noite subimos as escadas de mármore da Wilhemstrasse 77. Meu pai, elegantemente vestido, e eu, com o uniforme dasHitlerjungen, não destoávamos entre os numerosos convidados que já chegavam ao Grande Salão da Águia, formando burburinhos rumorosos de vozes e risos. Atravessamos o salão em direção ao gigantesco interior de mármore entalhado, buscando a Rudolph Hess, enquanto sobre nossas cabeças um candelabro de dimensões colossais derramava torrentes de luzes, suavemente A-mortizada por milhares de pingentes de cristal Baccarat. Nunca havia visto tanta gente distinta e importante juntas. Estavam ali todos os líderes da Nova Alemanha: Dr. Goebbels, Mariscal Goering, Reichführer Himmler, Julius Streicher,... Em um canto separado distinguimos um grupo formado por Rosenberg, Rudolph Hess e Adolf Hitler. Meu pai, temendo interromper uma conversa reservada, me indicou que aguardássemos a uns passos de distancia, enquanto bebíamos uma taça de champagne que solícitos garçons nos haviam servido.

Logo Rudolph Hess reparou em nós e depois de trocar uma palavra com o Führer, aproximou-se sorridente:

- Como estão Reynald, Kurt? – disse – Venham, que lhes apresentarei ao Führer.

Era a primeira vez que me aproximaria de Adolf Hitler, honra pouco freqüente para um estudante estrangeiro, e ainda que viesse preparado, sabendo que o Führer estaria na festa, não me havia ocorrido que seríamos apresentados.

- Adolf, o Barão Reynald Von Sübermann – disse Rudolph.

O Führer saudou meu pai dando-lhe a mão efusivamente, sem pronunciar palavra.

- Mein patekind Kurt Von Sübermann - continuou Rudolph – recentemente regressado de NAPOLA, piloto e soldado poliglota, futuro OSTENFÜHRER das WAFFEN - SS.

Não pude evitar corar-me pela elogiosa apresentação de meu taufpate Hess.

O Führer estendeu a mão enquanto me cravava um olhar gelado nos olhos. Senti uma corrente elétrica que corria pela coluna vértebra,l ao mesmo tempo uma espécie de vazio estomacal quase na altura do umbigo. Foi uma sensação de um instante, mas de um efeito terrível.

Aquele olhar e o contato com a mão do Führer tiveram um efeito como de um agente ácido num cubo de gelo, descompondo e dissolvendo meu estado de ânimo. Foi um instante, repito, um só instante no qual me senti explorado por dentro.

Já refeito, observei com surpresa que - algo inusitado nele - um sorriso enigmático se debruçava no rosto do Führer.

- Do Egito, é? – disse Hitler – Adoro o Egito, terra maravilhosa que fascinou a Napoleão e que produziu um camarada valoroso como Rudolph.

Rosenberg, que a tudo isso já havia sido apresentado, observava a cena com expressão divertida.

- Ao vê-lo, jovem Kurt – continuou Hitler – verifico que não é mera causalidade de Rudolph. Egito é realmente um "Centro de Força Espiritual"; o enigma da Esfinge ainda está em vigência. Vocês são a prova – nos tomou, a Rudolph Hess e a mim, um em cada braço - de que uma Ordem Superior guia o destino da Alemanha. Dos germano-egípcios, que tem respirado os eflúvios gnósticos de Alexandria e do Cairo, conduzidos pelos Superiores Desconhecidos até aqui para pôr vossa grande capacidade espiritual a serviço da causa Nacional Socialista.

Ao vê-los - seguiu dizendo o Führer - compreendo o sagrado que é a tarefa que temos tomado sobre nossos ombros ao fundar o Reich de Mil Anos. Nossa causa não é somente o melhor ideal pelo qual pode viver ou morrer um germano, é também a causa da liberdade da humanidade, da luta por salvar o mundo das forças obscuras, do combate final contra os elementalwesen (seres elementais demoníacos)...

Rosenberg e meu pai assentiam com a cabeça a cada afirmação do Führer, que continuava vertendo conceitos místicos sem permitir que nada interrompesse seu monólogo. Distraí-me pensando no estranho poder que havia experimentado ao saudar o Führer. Uma poderosa Força emanava de Hitler, não sabia se voluntária ou espontaneamente, e me perguntava se este carisma não havia sido adquirido por meio de alguma técnica secreta, de algum conhecimento oculto ao que uns poucos privilegiados tinham acesso.

- .....então, diga-me jovem Kurt, quem são definitivamente os inimigos da Alemanha? Contra que combatemos? – perguntava Hitler dirigindo-se a mim.

Reagi ante a inesperada pergunta com o desespero de haver me distraído de uma parte da conversa. Três pares de olhos, de Rosenberg, Hess e de meu pai estavam postos em mim esperando a resposta. No entanto o que havia conseguido escutar era suficiente para mim, pois a resposta brotou do fundo de meu inconsciente.

- O inimigo é um só – disse categoricamente – é JEHOVÁ-SATANÁS. Contestei intuitivamente, e de maneira tão firme que não cabiam retificações. Vi meu pai, que ficou instantaneamente lívido, e aos outros, e vi a surpresa retratada em todos os rostos.

- Muito bem, jovem Kurt, muito bem - dizia Hitler com uma expressão de intensa alegria – Você deu a melhor resposta. Poderia ter identificado como nossos mais terríveis inimigos a judaico-maçonaria, o judaico-marxismo, ao sionismo, etc. Mas estes nomes somente representam aspectos diferentes de uma mesma realidade, diferentes faces de um mesmo e feroz inimigo: YAHWEH-SATANÁS, o Demiurgo deste mundo. Somente um iniciado, um iluminado como você ou Rudolph poderiam dar uma resposta tão precisa. Não é verdade, Alfred?

Rosenberg sorria complacente.

- O felicito, jovem Von Sübermann - disse Alfred Rosenberg- você é uma pessoa de claros conceitos!

Evidente que eu estava completamente aturdido pelo que havia ocorrido. De improviso nessa reunião com aquelas notáveis pessoas, descobrira que possuía como uma "Voz Interior", um órgão misterioso que me permitia "escutar" as respostas a perguntas formuladas concretamente. E estas respostas eram corretas! Nunca havia experimentado algo assim e somente poderia relacionar esta súbita iluminação à presença do Führer. E que com seu estranho magnetismo me havia "despertado" o "ouvido interior".

Adolf Hitler voltou a tomar a palavra:

-"Pessoas não compenetradas na FILOSOFIA OCULTA do nacional socialismo, comentem erros grosseiros ao julgar muitas de nossas afirmações, crendo ver na mesma superficialidade estúpida, quando geralmente se tratam de idéias sintéticas, SLOGANS, extraídos de profundos sistemas de pensamento. Por exemplo, diante a afirmação do jovem Kurt de que "o inimigo é Jehová-Satanás", que é uma idéia sintética de profundo

conteúdo filosófico, muitas mentes ignorantes se veriam tentada a supor que tal conceito foi arrancado de um grosseiro anti-semitismo. Alegariam argumentos elementais como: - "Jehová" é o Deus de Israel, um Deus de raça, um entre tantos deuses étnicos; é, pois exagero tomá-lo por único Deus ou Demiurgo (objeção, esta sim, anti-semita). Ou este outro: - Jehová é o Deus de Israel, mas, por seu caráter monoteísta, é o único Deus, então por que o identificá-lo como o Demiurgo? È por uma crença herética do tipo GNÓSTICA? (interrogam os que crêem que ser "cristãos" implica a adoração de Jehová e que rejeitá-lo significa "heresia anticristã"). Outro argumento banal é: - Se temos de rejeitar ao Demiurgo considerando sua obra material como essencialmente "má", por que identificá-lo somente com o Jehová judeu, havendo centenas de denominações alternativas na mitologia etnológica e em panteões religiosos de todos os povos da terra? (Pergunta que somente pode fazer quem ignora totalmente o que significa Israel na História do Ocidente e qual é o segredo da dinâmica racial judia).

Objeções como essas, oporiam nossos críticos ao ouvir falar de Jehová-Sanatás como "o inimigo contra o qual combatemos" e, por conseguinte, lhes surpreenderia a palavra "satanás" associada à Jehová, questão que, sem dúvida, lhes arrancaria irônicas conclusões.

Pois bem, tais argumentos repousam em uma circunstância comum: a ignorância de quem as formulam! Claro que nós SABEMOS que o Demiurgo recebeu outros nomes ao largo da História. Mas se escolhemos, entre ele, o de Jehová é porque se trata do ÚLTIMO NOME com o qual ele se autodenominou. E com tal nome o chama ainda seu "povo eleito", Israel, o qual não é outra coisa que um desdobramento psíquico do mesmo Jehová-Satanás".

Estas palavras do Führer me surpreenderam vivamente por suas implicações metafísicas. Os judeus não constituíam uma raça como as demais, composta por INDIVÍDUOS?... era uma teoria perturbadora que acabara de ouvir.

-"Surpreso, jovem Kurt?" – perguntou o Führer que sem dúvida percebeu de imediato minha perturbação. Mas não me deu tempo de responder e continuou sua explicação:

- "Pois ainda não ouviu nada. Israel é um "chakra" da Terra, uma manifestação psíquica COLETIVA do Demiurgo Jehová e por isso nós afirmamos que o judeu NÃO EXISTE como indivíduo; que não é um homem como o resto que compõe o gênero humano.

Mas a manifestação de Jehová em uma raça eleita é um sucesso mais ou menos recente, de poucos milhares de anos, e a Ordenação da Matéria ou

"criação" data de milhões de anos atrás. Por isso, pela "novidade" que representa o nome Jehová comparado com outros nomes do Demiurgo, que empregavam povos mais antigos e culturalmente mais importantes na História, e pela antiguidade geológica do Universo, é que parece EXCESSIVO designar o nome "Jehová" a um Deus cósmico. Mas trata-se somente de uma aparência. Aqui há que se imaginar um Demiurgo Primordial ao que podemos comodamente denominar O UNO, tal como faziam os estóicos. Este é quem ordena o caos e se difunde panteísticamente em todo o Universo (é também o Brahma hindu ou o Alá árabe, etc., tomadas estas denominações em sua acepção religiosa exotérica).

Mas o Plano Cósmico de alguma maneira que chamamos a IDÉIA DO UNIVERSO MATERIAL se assenta no SONHO do Demiurgo, um estado de quietude que, sem dúvida, dinamiza o cosmo, como o "Deus motor imóvel" de Aristóteles nesse Grande Dia de Manifestação que se denomina também, Grande Manvantara. Mas para que tudo "funcione" sem que se requeira a intervenção do Uno, "que DORME enquanto tudo vive NELE", é necessário dispor de um "sistema automático de correção". Este é o papel que cumprem as chamadas HIERARQUIAS CÓSMICAS, miríades de "entidades conscientes" EMANADAS pelo Uno para que mantenham o impulso dado ao Universo e levem adiante Seu Plano. O primeiro passo da "emanação" são as MÔNADAS, átomos arquetípicos que fundamentam toda a estrutura cósmica e fazem às vezes de MATRIZ do Plano do Uno.

Estas "entidades conscientes", anjos, devas, logos galácticos, espíritos planetários, etc., NÃO SÃO SERES INDIVIDUAIS senão que formam parte do mesmo Uno e possuem mera APARÊNCIA DE EXISTIR devido aos graus de liberdade de que estão dotados durante o manvantara. O recurso para lograr tal ilusão é a extrema mecanicidade da realidade material fundadas em LEIS EVOLUTIVAS, que mantém o movimento progressivo da matéria e a energia na exata consecução do Plano do Uno.

Tais leis evolutivas são CONSERVADAS pelas "entidades conscientes", já mencionadas, e DIRIGIDAS NO SENTIDO DO PLANO. Assim podemos distinguir, por exemplo, o "logo solar", ou seja, "entidades conscientes" capazes de "criar" um sistema solar segundo o Plano do Uno, mas que na realidade são DESDOBRAMENTOS TEMPORAIS do Uno. O mesmo se pode dizer do "logos galáctico" ou "espíritos planetários" e até dos simples anjos ou devas: nenhum deles existe como tal, ainda que "evoluam" sujeitos às leis universais. O importante aqui é compreender que todo espetáculo grandioso que estamos recriando é PURA ILUSÃO, uma concepção metapsíquica de características universais idealizadas pelo Uno para sua íntima contemplação. Porque na verdade todo "o existente" desaparece finalmente, quando sobrevirá o Grande Prayala, a Noite de

Brahma, em que tudo se confunde novamente nEle, logo de uma monstruosa fagocitação.

Mas dissemos que o Universo é regido por leis evolutivas. Tais leis, que determinam o universo material, de acordo a uma verdadeira "arquitetura celeste", como bem dizem os satânicos maçons, promovem a existência de distintos graus de espaço ou "céus" em que está constituída a realidade. Assim com há vários "céus" (cinco?..., sete?..., nove?...) há "reinos da natureza (três?..., cinco?... sete?...) ou "planetas" (cinco?..., sete?..., nove?..., doze?...) ou "raças raízes" (três?..., cinco?..., sete?..). Estes aspectos enganosos formam parte do Plano do Uno e os demônios, encarregados de levar adiante tal Plano, conformam uma ORDEM HIERÁRQUICA PRECISA, baseada na famosa "lei de evolução" que rege os céus – todos os CÉUS, desde os atômicos, químicos ou biológicos até os cósmicos - nos que "evoluem" cada mônada segundo os arquétipos de cada céu. É a famosa "lei da causa e efeito" que ensina a Sinarquia e que as religiões védicas da Índia chamam de Karma e Dhrama, mas que convém sintetizar como "lei da evolução". Esta lei DIRIGE o caminho da mônada de "ida e volta", a qual toma vários "corpos" em distintos céus aos que descem para "evoluírem". Tal "caminho" pode ser representado como a serpente que morde a própria cauda ou "ourobourus". Por isso que jamais se alcança a famosa INDIVIDUAÇÃO MONÁDICA, pois isso significaria uma autêntica mutilação da substância do Uno e antes que tal coisa aconteça, já estará todo o Universo em Seu Santo Bucho".

Eu me debatia interiormente frente a sentimentos desencontrados. Por uma parte me horrorizava a teoria que ouvia, já conhecida por havê-la estudado em Napola, mas dotada agora de um impressionante sentido de realidade ao ser exposto veementemente com a eloqüência irresistível do Führer. E por outra parte me sentia pleno pela honra de receber dos lábios de Hitler, uma explicação pessoal, terrivelmente extensa e curiosamente fora de lugar em uma festa mundana da Chancelaria. De qualquer maneira minha atitude exterior era de atenção respeitosa a cada uma de suas palavras, pois não queria votar a me distrair.

- "Suponho que já conheça essa teoria teosófica que a Sinarquia ensina em suas seitas maçônicas ou rosacruzes, e que se sinta ESPANTADO frente a uma concepção determinista em que não há um lugar PREVISTO para a existência individual ETERNA, ou seja, além dos prayalas e manvantaras. E justamente esse espanto, esse grito de rebelião que você DEVE PERCEBER brotando de seu sangue puro, constitui uma exceção a todas as regras da mecânica determinista do Uno, porque fala de OUTRA REALIDADE alheia a seu universo material. Como pode ser isso se temos dito que tudo quanto existe no cosmo, tem sido pensado e feito por Ele, de acordo com seu Plano e por intermédio de suas hierarquias cósmicas e

planetárias? Pois bem jovem Kurt, o direi brevemente: porque uma parte da humanidade, a qual nós pertencemos, possui um elemento que NÃO PERTENCE À ORDEM MATERIAL e que não pode ser determinado pela Lei de Evolução do Demiurgo. Esse elemento se chama Espírito ou Vril, se encontra presente em ALGUNS HOMENS como POSSIBILIDADE DE ETERNIDADE. Sabemos dele pela MEMÓRIA DE SANGUE, mas se não formos capazes de nos libertarmos dos laços que nos atam na ilusória realidade do Demiurgo e retomarmos o caminho de retorno à Origem, não EXISTIREMOS realmente como indivíduos eternos. Você poderá me perguntar como numa Ordem Fechada como estas que têm descrito podem coexistir ELEMENTOS ESPIRITUAIS alienados a ele e porque, se não podem ser determinados pelas leis da matéria e da energia, permanecem sujeitos ao Universo do Uno. Este é um grande mistério. Mas você pode considerar como hipótese que, por UMA RAZÃO QUE IGNORAMOS, mas podemos supor ser UMA ORDEM de um Ser infinitamente superior ao Demiurgo, ou UMA NEGLIGÊNCIA incompreensível, ou UM ENGANO colossal, alguma vez tenham ingressado ao Universo material, uma miríade de seres pertencentes a uma raça espiritual que chamamos HIPERBÓREA.

Suponhamos que tais seres penetraram no sistema solar por uma "porta" aberta em outro planeta, por exemplo, Vênus, e que já aqui, a mercê de um ardil, uma parte de seus Guias Hiperbóreos os tivessem aprisionado à lei da evolução. Este aprisionamento, já o dissemos, NÃO PODE SER REAL mas, sem dúvida, os Guias Traidores tratam de CONFUNDIR aos espíritos imortais escorando-os à matéria. Para que tudo isso? Outro mistério. Mas o certo, o efetivo é que, a partir da chegada de tais Guias ao sistema solar, se opera uma mutação coletiva EM TODA GALÁXIA que MODIFICA o Plano do Uno. Esta modificação está edificada na Traição dos Guias e na queda dos seres imortais. Para que você veja claramente, jovem Kurt, lhe direi que aqui, na Terra, existia um ser humano primitivo que "evoluía" seguindo as leis das "cadeias planetárias" e dos "reinos da natureza".

Esta evolução era lentíssima e perseguia a adaptação final a um arquétipo racial absolutamente animal, dotado de uma mente racional, estruturada logicamente pelas funções cerebrais e possuidor de uma "alma" conformada por energia de outros planos materiais mais sutis. Este "homem" é o que encontraram, ainda em uma etapa primitiva de seu desenvolvimento, Os Guias Traidores ao chegar à Terra há milhões de anos. Então, mediante um engenhoso sistema chamado Chang Shambala que você terá a oportunidade de estudar em nossa Ordem, eles decidiram modificar a raça humana, aprisionando os espíritos imortais aos seres humanos ilusórios e materiais da Terra.

A partir desse momento existem três classes de homem, os animais-homens primitivos ou PASÚ, os semi-divinos ou VIRYAS a quem lhes

endossou um Espírito e os Divinos Hiperbóreos ou Siddhas, que são todos aqueles que lograram RETORNAR À ORIGEM e escapar do Grande Engano. Também são conhecidos por Siddhas Leais uma parte dos Guias, aqueles que NÃO TRAÍRAM e que, encabeçados por Cristo-Lúcifer, intentam SALVAR aos viryas mediante a redenção hiperbórea do sangue puro, que consiste em despertar a memória primogênita da própria divindade perdida. Estes são os Senhores de Agartha... Mas nos afastamos um pouco de nosso tema principal que versava sobre Jehová-Satanás, o inimigo contra o qual combatemos para ganhar o direito de regressas à Origem Dourada. Prontamente se fará clara esta questão, jovem Kurt, pois você lembra que o Uno delegava em certas "entidades conscientes" a excussão de Seu Plano, podendo agora agregar que o sistema solar tem sido construído por uma de tais "consciências" que chamamos de Logos Solar, secundada por Devas de menor hierarquia que OCUPAM determinados postos na mecânica do sistema. Na Terra, uma "entidade planetária" infundia vida ao planeta e impulsionava a "evolução" dos reinos da natureza de acordo ao Plano Solar, inserido no Plano Cósmico do Uno. Evidentemente, trata-se de emanações do Uno enlaçadas hierarquicamente: o Uno → Logos Galáctico → Logos Solar → anjo planetário → alma coletiva ou grupal, etc. – Quem é o Deus aqui? Segundo o nível de consciência e as pautas culturais e religiosas dos homens, podem ser qualquer uma de tais "entidades conscientes", mas sempre se trata do Uno. Se dissermos que Deus é o Sol ou se concebermos um Deus "criador" de todo o Universo, estamos falando do Uno. Igualmente se cremos que Deus é a "natureza" ou a "via Láctea" ou a Terra. As diferentes cosmologias gnosiológicas que se apresentam aos homens em suas distintas etapas de "evolução" para conceber o mundo, não invalidam o fato de que sempre se alude indiretamente ao Uno quando se fala de Deus.

Mas regressemos à Terra. Quando os Guias Traidores chegam à Terra se instalam em um "centro" ao qual denominam Shambala, ou Deyung, e fundam o que se denomina Grande Fraternidade Branca ou Hierarquia Oculta da Terra. Não é um lugar localizável fisicamente sobre a superfície terrestre, questão sobre a qual você deverá aprender mais adiante, senão que se ache situado em uma dobra topológica do espaço. Mas o que interessa aqui é destacar que o chefe dos Guias Traidores se auto intitula Rei do Mundo, passando a ocupar o lugar de um dos doze Kumaras do sistema solar. O que é um Kumara? Um anjo planetário, uma dessas "entidades conscientes" aprisionadas pelo Uno que conformam a "idéia de um planeta". É aqui que se deve localizar a chave do nome Jehová e de sua "raça eleita". Porque o espírito planetário se chamava Kumat Sanat, quem logo da constituição de Shambala e da vinda do Rei do Mundo, decide atuar como REGENTE do Uno na execução de seu Plano, agora modificado. Para isso se encarna, em nome do Uno, em uma "raça eleita" para reinar sobre os espíritos hiperbóreos escravizados Essa é a raça hebréia. A saber, por um lado temos a Hierarquia Oculta de Chang Shambala, com seus demônios: os

Guias Traidores e seu chefe, o Rei do Mundo, quem levam adiante agora a "evolução" do planeta às raças por meio de uma sinistra organização chamada Sinarquia. E por outra parte, temos a raça hebréia que não é senão a manifestação de Sanat Kumara na Terra para ocupar o máximo escalão da Sinarquia, em nome do Uno. Os mesmos hebreus em sua Cabala estudam que "Israel é um dos 10 sefirot", o sephirah Malkut, ou seja, uma das emanações do Uno.

Finalmente, Jehová é o nome cabalístico do Uno que Sanat Kumara representa na Terra e é, como disse no início dessa agradável conversa, o ÚLTIMO NOME HISTÓRICO que conhecemos dEle. Por isso nós, OS ANTIGOS SERES HIPERBÓREOS que ainda permanecemos aprisionados neste mundo demoníaco, devemos ter bem claro que o inimigo é Jehová-Satanás, o Demiurgo deste mundo". (Ver um resumo desta concepção na figura seguinte, fora do texto).

O Führer continuava entusiasmado seu largo monólogo ainda que já se passasse uma hora e chovia sobre nós os olhares curiosos de muita gente eu desejava sentar-se à mesa, ninguém na Alemanha teria sido capaz de interrompê-lo por um motivo tão prosaico como um jantar. Eu, por minha parte, desejava continuar ouvindo as incríveis revelações do Führer e por isso, quando me perguntou se o havia compreendido, não vacilei em apresentá-lo minhas dúvidas:

- Tem algo que agora me preocupa, disse imediatamente – Tudo quanto disse meu Führer, sobre o Demiurgo ou Uno compreendo perfeitamente e o aceito, mas não posso deixar de perguntar-me: Quem é então Deus, o VERDADEIRO DEUS? Ou...?

- "Essa é uma pergunta que você não deve se fazer, - afirmou categoricamente o Führer – Não enquanto sua mente está sujeita à lógica racional, pois somente conseguirá chegar a paradoxos irredutíveis. Mas é evidente que a dúvida já está germinada em você e que seguirá meditando nisso. Darei então uma resposta provisória: Deus é incognoscível para todo aquele que não tenha conquistado o Vril. Tenha sempre em mente esta verdade, jovem Kurt: da miserável condição de escravo de Jehová-Satanás não é possível CONHECER a Deus, pois Ele é absolutamente transcendente. É necessário percorrer um largo caminho de purificação sanguínea para saber algo sobre Deus, sobre o "verdadeiro Deus", como você bem o disse. A maioria das grandes religiões ao falar de Deus, se refere ao Demiurgo o Uno. Isto porque as raças que povoam o mundo atualmente, têm sido "trabalhadas" pelos Demônios de Shambala, implantando-lhes idéias sinárquicas na MEMÓRIA GENÉTICA de seus membros, para poder dirigi-las até o grande arquétipo coletivo que se chama Manú. Assim, percebendo a realidade por trás de um véu de engano, se chega a essas concepções

panteístas, monistas ou trinitárias, que somente são aparências do Uno, o Demiurgo, ordenador da matéria.

Veja o que ocorre com o conceito de Deus que possuem os distintos povos integrantes da antiga família de línguas indo-germânicas: quase todos os nomes derivam das mesmas palavras e é seguro que estas designam num passado remoto a um Deus "criador de tudo existente", ou seja, ao Demiurgo, o Uno. Em sânscrito teremos a palavra "Dyans pitar" que nos Vedas se utilizam para nomear ao "pai que está nos céus". Dyans é a raiz que em grego produz Zeus e Theos, com sentido similar ao sânscrito, e que passa a ser em latim Ju-piter, Deus pater ou jovis. Os antigos germanos se referiam igualmente a Zin – tyr ou a Tiwas como ao Deus "criador" do existente, palavras que também provém do sânscrito Dyans pitar.

Igual etimologia possui palavras que designam a Deus nas famílias de línguas turcas ou semitas. Nesta última família, de importante relação com o hebreu, encontramos "O" como uma antiga denominação do Demiurgo em sua representação planetária "O forte".

Na Babilônia, Fenícia e Palestina, adorava-se a Él, Il, Enlil, nomes que os árabes transformaram em IL ah ou Alah, etc. Não estranhe, jovem Kurt, esta unidade etimológica, pois o alarmante é a "unidade de conceito" que se descobre por trás das palavras mencionadas, já que em todas as religiões e filosofias sempre se chega a duas das três idéias de Deus aparentemente irredutíveis, mas que na realidade se referem a distintos aspectos do Demiurgo. "Tal a preferência por um "Deus panteísta e imanente": o Uno, ou "transcendente", mas "criador dos céus e da terra", Jehová-Satanás, Júpiter, Zeus, Brahma, etc.".

O Führer me olhava agora com os olhos brilhantes e eu adivinhei que suas próximas palavras teriam conteúdo realmente importante:

- "Houve uma guerra, jovem Kurt. Uma guerra espantosa da qual o Mahabarata guarda talvez uma recordação distorcida. Tal guerra envolveu VÁRIOS CÉUS em seu teatro de operações e produziu como sua expressão mais externa, o que se costuma chamar "o desaparecimento da Atlântida". Mas ninguém conhece a fundo a que se refere quando se fala de "Atlântida", já que não se trata somente de "um continente afundado". Tal guerra leva já mais de um milhão de anos neste plano físico, durante os quais têm sido várias as Atlântidas físicas, continentais, que se tem desaparecido. E agora, no nosso século XX, podemos dizer que novamente se prestarão a "afundar a Atlântida". Mas deixemos este mistério por hora, pois terá que voltar sobre isso durante seus estudos. Para concluir esta conversa, lhe direi uma última coisa, jovem Kurt. Saiba você que nesta guerra cósmica, na qual se combate pela libertação dos espíritos cativos, pela mutação coletiva da raça, contra a

Sinarquia e contra Jehová-Satanás, o Terceiro Reich tem comprometido todo seu potencial espiritual, biológico e material".

Com essas terríveis palavras o Führer pareceu dar por terminada sua explicação. Olhei ao meu redor e comprovei que meu pai, Rosenberg e Hess ainda continuavam a meu lado.

Um jovem elegante indicou ao Führer que quando disposto poderia passar ao saguão interior para o jantar. Eram onze da noite. O Führer e Rosenberg se despediram de nós e foram reunir-se com Goering e com o Dr. Goebbles na cabeceira da mesa. Rudolph Hess convidou meu pai e a mim a tomarmos nossos lugares para a ceia, mas não havia me sentido bem com esta longa explicação do Führer e receando ser ofensivo, decidi falar francamente com ambos..."

ESQUEMA DO UNIVERSO DO UNO

Nesta primeira parte nos proporemos a explicar por que a "chave genética", especificamente, permite o aprisionamento do Espírito no pasu. Mas para compreender isso é necessário interrogar previamente sobre a natureza do pasu, chegamos assim a um dos objetivos que nós havíamos fixado no começo. Estudaremos agora a primitiva constituição psíquica do pasu, mas o faremos em relação à ordem arquetípica da qual estão atribuídas, é necessário determinar o marco da diferença de dita "ordem arquetípica" e não se pode fazer isso senão descrevendo COM O MESMO SISTEMA ANÁLOGO USADO ATÉ AQUI, a estrutura básica do Universo do Uno, ou seja, do "mundo" que os Espíritos encontraram ao atravessar a origem. Na Figura 9 pode-se ver o esquema análogo de tal estrutura.

A área central "plano material" representa a parte concreta do Plano Cósmico, pode-se dizer que "para lá" se dirige o sentido da evolução. A "matéria" deste plano é aquela capaz de preencher "toda forma possível" de maneira tal que no conjunto de entes há de figurar num extremo a matéria mais grosseira dos sólidos e em outro as formas mais sutis de energia psíquica passando por todas as densidades intermediarias, incluindo os planos etéreos ou devicos da vida elementar.

Entende-se assim que o centro, ou a região de tal zona, é a zona de maior densidade da matéria, a qual se faz cada vez mais leve até a circunferência limitante. Esta circunferência, assinalada no esquema como "plano arquetípico", corresponde ao que temos denominado algumas vezes como INCONSCIENTE COLETIVO UNIVERSAL, mas que na Índia e Tibet, na ciência do Grande Sopro, costumam chamar AKAZA

PARABRAHMICO e ao qual atribuem ser depósito das idéias ou Arquétipos da Mente Divina. Com efeito, ATRAVÉS do plano arquetípico se manifesta a Vontade do Demiurgo, ou seja, flui o tempo transcendente que é Sua Consciência, ou como diriam na Índia, "o Sopro de Parabrahman impele a manifestação das formas potenciais do Akaza". A fluência do tempo, DESDE o plano arquetípico, ATÉ a matéria, é o ato plasmador e ordenador pelo qual existe todo ente e pelo qual todo ente tende até alguma perfeição entelequial. O "plano material" é assim um mundo de dinamismo efervescente no qual não há lugar para a quietude que não seja a título referencial "detido" COM RESPEITO A algo móvel. Tal mundo é puramente Fenomênico, sujeito a processos temporais, ora contínuos, ora discretos, que ultrapassam em todo caso, a capacidade de apreensão humana baseada em uma tríplice partição do tempo: passado, presente e futuro. A apreensão de um fenômeno no momento "presente" do conhecimento implica haver surpreendido a este em uma fase de seu processo, captado somente uma aparência fugaz, percebido uma imagem de uma série possível, conhecido, enfim, somente um aspecto de sua verdade. Um mundo tal, então, frente à importância sensorial humana para apreender o fenômeno em seu processo, PARECE HAVER SIDO ESPECIALMENTE PROJETADO PARA PRODUZIR ILUSÕES E APARÊNCIAS INSUPERÁVEIS.

FIGURA 9

O plano arquetípico é, como mostra a figura, aquela parte do Demiurgo que lida com o plano material por todos os lados, contém a este e determina seus fenômenos. Se considerar-se, como é clássico, uma tripla composição do Demiurgo, Poder, Beleza e Sabedoria, pode-se afirmar que o aspecto "Sabedoria" corresponde diretamente ao "plano arquetípico", donde existem os "Planos Divinos", ou seja, os Arquétipos Universais e Manús, que o "poder" exerce como "Sopro", ou transcendente fluir de Sua Consciência-Tempo, sobre o plano material. E que o aspecto "beleza" consiste na integridade potencial de todas as entenlequias arquetípicas.

Mas, como já dissemos o Demiurgo "também é Espírito". E um Espírito "infinito", qualidade que se vê na figura 9, na circunferência exterior "infinito negativo ou potencial". O caráter potencial ou negativo do infinito demiúrgico o vem por estar totalmente alheio ao plano material: o infinito, em efeito, não pode penetrar em uma estrutura arquetipicamente determinada e evolutivamente orientada às finalidades entelequiais. Entretanto o infinito está sempre presente na natureza do Demiurgo e esta se reserva, por assim dizer, a

possibilidade de usar seu potencial se for necessário ou se acreditar conveniente. Mas o importante é que, fora deste infinito potencial exterior ao plano material, NÃO EXISTE ARQUÉTIPO DO INFINITO NO PLANO ARQUETÍPICO. É óbvio: se houvesse então o infinito interviria efetivamente interferindo no desenvolvimento de todos os processos, ou seja, NÃO PODERIA OCORRER A "CONTINUIDADE", pois o infinito decomporia todo movimento real em infinitas partes. Sendo assim, como o homem chegou a possuir noção e conceito de infinito, sendo claro que este era um saber NEGADO, uma vez que proibido, a toda razão fundada sobre a ordem arquetípica e fenomênica do plano material? É evidente que tal conceito há de ter uma origem racional e, portanto, não matemático. Mais adiante veremos respondida esta pergunta pertinente. Agora vamos contestar a pergunta anterior, sobre a estrutura psíquica do pasu, pois já vimos descrito o marco de referência da "ordem arquetípica" ou "plano material" em que esse se desenvolve.

Temos afirmado exaustivamente que "o homem é a síntese da criação": uma analogia suprema da totalidade cósmica, um microcosmo que reproduz ao macrocosmo, etc. Também temos dito que tal síntese nunca está completa devido à simultânea evolução em que se desenvolvem tanto o homem como o universo, tanto microcosmo como macrocosmo. Mas não obstante, esta falta de término que caracteriza o homem, se coincide em assinalar que sua presença na Terra demonstra a culminação de um processo evolutivo filogenético que arranca nas formas mais primitivas e antigas da vida. Entretanto a Sabedoria Hiperbórea, confirmando nisto as diversas tradições esotéricas, vai mais longe ao assegurar que o processo evolutivo que conduz o homem não se tem desenvolvido somente no reino animal senão que inclui os "reinos" vegetal e mineral e, inclusive, que tem lugar em outras regiões fora da Terra. No plano arquetípico existem mônadas humanas que, impelidas a se manifestarem na matéria pelo Sopro do Demiurgo, projeta sua essência nos planos inferiores ou "céus" de que está composto no plano material. Esta atualização da potência monádica, que "desce" às regiões de diferente densidade material, produz a "animação" de uma infinidade de outras formas arquetípicas, às que vão assimilando e sintetizando até culminar no reino animal e no homem.

O "homem" que estamos considerando é o animal-homem ou pasu. É evidente, pelas razões expostas, que existe uma relação muito estreita, uma ligação causal, ENTRE A FINALIDADE DO MUNDO E A FINALIDADE DO PASU, ou seja, entre o destino do mundo e o destino do animal-homem: a síntese arquetípica em que o homem se constitui não é mera réplica do macrocosmo, uma cópia sem sentido. Pelo contrário, TODO O SENTIDO DO COSMO REPOUSA NO HOMEM, tudo o que há no mundo, para o homem É.

Nos incisos seguintes nos referiremos ao “objetivo macrocósmico da finalidade” que é “por sentido nos entes” e com eles “produzir cultura”, sem explanação alguma. No inciso “Função da esfera de consciência”, se estudará com detalhes o “objetivo microcósmico”, “construir a esfera de consciência”.

A “finalidade” do mundo é servir de marco ao desenvolvimento do homem, sua síntese, a “finalidade” do homem é “POR sentido” no mundo, sua matriz. Tal é o motivo do Demiurgo. Diante disto é comum se perguntar: que fim persegue esta motivação, que oculto propósito se esconde na decisão de criar o Universo e, dentro dele, o homem? A resposta, ainda que com estranheza, é não mais nem menos que a finalidade antes declarada: “por sentido” no mundo. Naturalmente, se SOMENTE esse é o objeto da motivação, terá de esclarecer, iluminar mais sobre o assunto. É o que faremos, logo da seguinte advertência.

A FALSA “INFERIORIDADE” DO HOMEM FRENTE O UNIVERSO

Vamos advertir aqui sobre um prejuízo cultural solidamente estabelecido em nossa época, cuja formulação tem toda a aparência de estar fundamentada na “ciência”, mas que na verdade se assenta num realismo ingênuo, no racionalismo e no temor. Referimos-nos à objeção que costuma fazer-se contra qualquer intenção de vincular teleologicamente ao homem e ao Universo, de que “o universo é demasiado grande” frente à “pequenez do homem”, um homem reduzido ao âmbito terreno, ou seja, a um planeta entre vários do sistema solar; um sistema solar entre milhões que conforma a galáxia “via Láctea”; uma galáxia entre bilhões que povoa o Universo; um Universo incomensurável, que se expande e que se equilibra, talvez, frente a outros Universos de antimatéria. Frente a semelhante macrovisão teórica o homem simples se detém desconcertado e, posteriormente, adota as atitudes clássicas de quem se encontra sob a pressão de um mito: humilhação, submissão, devoção, resignação, etc. A forma mais corrente deste mito é a oposição “Universo enorme frente à insignificância humana”. Mito que tem ajudado a atualizar o “olho de vidro” de Galileu, os radiotelescópios, os foguetes à propulsão, os satélites artificiais, os modelos estelares físico-matemáticos computadorizados, etc. Mas que não deixa de ser um mito posto que o homem – ou 99% da humanidade – não está hoje em dia com relação ao Universo em situação muito diferente da situação de um habitante de Roma, Grécia, Egito ou Babilônia antiga. A realidade do homem está hoje mais que nunca, circunscrita na estrutura do sistema solar e, fundamentalmente, da Terra, da qual, vale recordar: NADA ENTRA, NADA SAI SENÃO NASCER E MORRER (com a exceção, é claro, de alguns astronautas zumbis). Esta é a realidade concreta de milhões de homens e tudo o mais é teoria científica elaborada por elites urbanas, por seres desarraigados da natureza que flutuam

no mar de nominalismo, em um mundo de regras e signos vãos. O habitual daltonismo gnosiológico do "científico" ocidental é no caso da validade cósmica simples miopia, apesar da extensão do espectro sensorial que supõe a "instrumentalização", porque NADA PODE CONHECER-SE FORA, NADA QUE NÃO HAJA SIDO PREVIAMENTE CONHECIDO DENTRO. Já a transformação sensorial NATURAL do homem era insuficiente e equivocada para apreender um fenômeno: mas INTERCALAR entre o fenômeno desconhecido e os sentidos um fenômeno conhecido, que esse é um "instrumento", e pretende que dessa tríplice implicação pode obter verdadeiro conhecimento é pura necessidade. O que se obtém são "teorias científicas", ou seja, uma espécie de veneno cuja toxidade aumenta em proporção direta à complexidade estrutural do objeto fático que tenta explicar. Entretanto, quando o objeto da teoria é "o universo", o "tamanho" da teoria, e sua toxidade, é tremendamente "Grande", "como um Deus". Para não dizer que exageramos, vá a qualquer vale tranqüilo, ou a uma aldeia campesina, ou ainda a um subúrbio de alguma cidade moderna, ou seja, aos lugares onde habita a maioria das pessoas do mundo, que jamais tenham visto, e nem verão, no céu outra coisa que pontos brilhantes, e escute a essas pessoas falando dos anéis de Saturno ou dos buracos negros, e perceba que elas dizem que "o universo está em expansão", AFIRMAR QUE TUDO ISTO É CERTO, QUE ELES O CONHECEM PORQUE É 'CIENTÍFICO' E PORQUE 'TODO MUNDO SABE'; ouça essas coisas com paciência e logo se dedique a observar a SUJEIRA, a MISÉRIA, a FOME, o VÍCIO, ou qualquer outro dano que rodeia e cobre essas pessoas, mas que elas NÃO VÊEM, AINDA QUE CREIAM SABER O QUE SEJA UM BURACO NEGRO, e reflita sobre se essas boas pessoas não tenham sido intoxicadas com veneno cultural, se não lhes tenham inoculado na mente elementos nocivos e paralisantes.

Somente num marco histórico tenebroso com o Kaly Yuga, e sob esse impulso corruptor da sinarquia, poderia haver-se dado semelhante tipo niilista, que tenha certeza em conceitos tão improváveis como absurdos e cujo conteúdo aludem a realidades insolitamente alheias de sua vida cotidiana, a qual nega com sua atitude e da qual, indubitavelmente, pretende ruir.

Por isso quem supõe que o Universo é uma construção demasiada "grande", no qual o homem não pode ter nenhuma importância, está obrigado a desintoxicar-se previamente, pois do contrário não poderá compreender o que aqui explicamos. A Sabedoria Hiperbórea assegura, contra toda afirmação cultural oposta, que o Demiurgo criou o Universo com critério antropocêntrico e que o homem – não somente o terreno senão qualquer classe de animal-homem - é fundamental porque garante "sentido" à criação. Feita a advertência, vamos explicar esta finalidade que deve cumprir o animal-homem ou pasu dentro do Universo.

FINALIDADE E SUPRAFINALIDADE

Temos mencionado três aspectos do Demiurgo: Poder, Sabedoria e Beleza. Vamos interpretar agora mais profundamente o fato da plasmação arquetípica. No princípio o Demiurgo "pensa" os Arquétipos universais com o aspecto Sabedoria e os pensa, então, visando à integridade de um Plano evolutivo: os Arquétipos nascem assim com uma finalidade pré-estabelecida, aparte de suas próprias finalidades entelequiais particulares, que os compreendem a todos na estrutura do Plano. Tal SUPRAFINALIDADE é a do Universo mesmo, ou seja, é o único motivo da criação. Mas, no plano material, esfera de ação dos Arquétipos, os fenômenos têm caráter entrópico, a saber, concluem inevitavelmente no sentido do Tempo. Ao final de um "Grande Tempo", tudo retornará ao nada inicial, se terá dissolvido a "ordem material" e o final será igual ao princípio. Este FINAL entrópico do Universo material NÃO PODE SER A SUPRAFINALIDADE que motivou sua criação. Por isso muitos têm intuído com acerto que "o Demiurgo criou o Universo para Sua contemplação", que a manifestação das formas arquetípicas ao ritmo da fluência do tempo transcendente constitui um espetáculo grandioso com o qual ELE se regala. Entretanto, ainda que acertado em parte, esse conceito peca pela ingenuidade aristotélica, pois supõe ao Demiurgo "motor imóvel", ou seja, que "move sem mover-se", e que, desde sua imobilidade ou eterna quietude, obtém prazer na contemplação de Sua Obra. Isso é como atribuir ao Demiurgo à prática de um vício solitário, uma espécie de onanismo cósmico. Se aceitarmos que o princípio hermético de que no homem se refletem os aspectos do Demiurgo podemos entender a esse observando as pautas de comportamento análogo daquele. Como se trata de compreender a motivação "criadora" do Demiurgo terá que observar ao tipo de homem "criativo". E neste exame comprovamos que não existe uma motivação semelhante à contemplação estática que se supõe ter assumido um aspecto do Demiurgo. Na realidade ninguém, muito menos o Demiurgo, se detém demasiado na contemplação de sua própria obra: o pintor, ao pintar novos quadros, esquece os antigos, o poeta regala seus poemas, o escritor vende seus livros (e às vezes sua alma), etc. Queremos mostrar com esses exemplos quão fora do natural, quão insólito, seria que o pintor permanecesse sempre contemplando um único quadro pintado por ele, ou que o escritor lesse sempre e somente seu próprio livro. Na verdade, se resulta inconcebível semelhante atitude em um homem criativo, pensa-se quanto mais há de ser projetada a um criador cósmico como e Demiurgo.

O que ocorre é que NINGUÉM, NEM AINDA O DEMIURGO, SUPORTA MUITO TEMPO A CONTEMPLAÇÃO DE SUA PRÓPRIA OBRA. Toda criação proporciona somente prazer inicial e não é objeção supor que uma "criação contínua" há de proporcionar prazer perpétuo: o

inventor, ainda que saiba que continua aperfeiçoando-se, prontamente se desinteressa de seu invento e ocupa a atenção em outras coisas que lhe sejam NOVAS satisfações. O conhecimento antecipado da finalidade é o que, largamente, torna atrativo a um projeto extremamente prolongado. O prazer não aumenta senão que, pelo contrário, diminui à medida que o projeto se concretiza. O MÁXIMO PRAZER SE OBTÉM NO MOMENTO DA CONCEPÇÃO DO PROJETO; OS PASSOS DA OBRA E SUA CONCRETIZAÇÃO SOMENTE CONFIRMAM AQUELE PRAZER INICIAL, MAS NÃO PODEM AUMENTÁ-LO. E o Demiurgo, tal "máximo prazer", já o experimentou quando concebeu o Plano evolutivo e pensou os Arquétipos universais, desde seus aspectos Sabedoria e Beleza.

Quando, posteriormente, o Demiurgo emana as mônadas que dão realidade ao Arquétipo e impulsiona estas a desdobra-se na matéria, com o sopro que procede do aspecto Poder-Vontade, a suprafinalidade que motiva tal ação há de ser outra que a experimentação de prazer estático ou contemplativo. O Demiurgo não "fez rodar" o mecanismo da criação e logo se tenha desentendido dele posto que todo ente do plano material seja temporal, ou seja, existe em Sua Consciência, está sustentado, enquanto fenômeno, pela fluência transcendente do Sopro. Mas esta participação não significa uma finalidade em si mesma: é somente a execução da suprafinalidade.

Para averiguar, ou ao menos intuir, em que consiste esta suprafinalidade, observe novamente aos homens criativos. Uma vez concebida e executada a obra, ou seja, uma vez obtido o prazer da criação, de que maneira a obra pode proporcionar NOVO prazer? Resposta: PELO DESCOBRIMENTO POSTERIOR. Para comprová-lo basta pensar no quadro que aquele pintor executara anos atrás: a FINALIDADE de sua concepção se concretizou ao terminar de pintá-lo e com ele culminou o prazer criativo. MAS NÃO ASSIM A SUPRAFINALIDADE DE RECEBER NOVO PRAZER PELO DESCOBRIMENTO POSTERIOR DE QUE DELE FAÇA O PÚBLICO. Em efeito, nada há que deleite mais a um autor, fora o prazer que lhe proporcionou executar a obra, que ser ovacionado pelo público. Em cada admirador há um novo descobrimento de seu trabalho e em cada descobrimento UM NOVO SENTIDO. Isso é o público é na realidade quem OUTORGA SENTIDO à obra, quem valoriza. O descobrimento, sob uma ótica particular, significa um sentido especial, uma interpretação diferente que, por isso, não admite indiferença. Poderá se admirar ou desprezar, amar ou odiar, mas jamais permanecer indiferente uma vez que se tenha descoberto a obra. E este descobrimento implica, cedo ou tarde, o descobrimento do autor: A TRANSFERÊNCIA DA IMPRESSÃO CAUSADA PELA OBRA AO AUTOR.

Podemos entender agora a suprafinalidade da criação: a obra do Demiurgo requer um DESCOBRIMENTO POSTERIOR. É essa finalidade do

animal-homem ou pasu, ser descobridor de entes, “doador de sentido”. Mas o que está coberto aos entes, aquilo que o pasu deve descobrir para cumprir seu destino? OS NOMES, as “palavras” que menciona a Cabala acústica ou os “bijas” da tradição indo ariana.

Mas esta resposta requer um esclarecimento maior. Em primeiro lugar para compreender a que nos referimos como “nome” dos entes, temos de recordar que o impulso evolutivo das mônadas tem sido afirmado com o aspecto “Logos” do Demiurgo. Isto significa que cada ente está designado desde o princípio pelo Verbo do Demiurgo; que a cada ente se tem assinalada uma palavra que o identifica metafisicamente, o sustenta enquanto que ente e constitui a verdadeira essência do ente PARA O PASU.

Em segundo lugar devemos distinguir novamente, ao considerar a "ordem arquetípica", entre a finalidade e a suprafinalidade. Com "finalidade" aludimos à concretização entelequial a que aponta a evolução dos entes: em todo ente há UM TERMO UNIVERSAL que é a expressão dos Arquétipos que o sustenta e a cujo processo se subordina. Com "suprafinalidade" nos referimos, em troca, ao DESÍGNIO PARTICULAR que cada ente possui por estar composto por mônadas. Não que no ente “estejam as mônadas”, senão que na ordem arquetípica da que participa toda a matéria se estrutura na base à atualização das mônadas: cada mônada corresponde no plano material a um “quantum arquetípico de energia” ou “átomo arquetípico” do qual o átomo de Borh é só um esquema superficial. Na realidade os mesmos Arquétipos universais estão compostos por mônadas, que por isso se chamam também “arquetípicas”, pois ela provém da primeira emanação do Demiurgo tanto que os arquétipos são “idéias” pensadas SOBRE as mônadas, na segunda emanação. Os Arquétipos universais são assim FORMAS que vão do simples ao complexo compostas a partir de agrupamentos da UNIDADE FORMATIVA ABSOLUTA que é a mônada arquetípica. Não é certo, pois, que os Arquétipos sejam todos perfeitas e simples idéias, senão que, ao contrário, tem sido conformada estruturalmente por imitação sucessiva da mônada arquetípica. Podemos dizer que TODO O UNIVERSO FOI CONSTRUÍDO A PARTIR DE UMA PRIMEIRA MÔNADA IMITADA INCANSAVELMENTE PELO DEMIURGO. Por isso a CARACTERÍSTICA ESSENCIAL DO DEMIURGO É A IMITAÇÃO.

Resumindo, temos as mônadas arquetípicas e, conformados por elas, os Arquétipos universais, estes seres, desde logo, pertencem ao “plano arquetípico”, no qual constitui o único objeto de conhecimento, a única verdadeira fonte de toda metafísica. Este plano arquetípico ou céu metafísico atua sobre a matéria inferior imprimindo-lhe uma ordem dinâmica ao ritmo da fluência do Sopro (ou Tempo): o “plano material” é a expressão de tal ordem arquetípica. No plano material as mônadas arquetípicas se manifestam como átomos arquetípicos ou quantum arquetípicos de energia, ou seja, como a

essência existente de toda substância (matéria ou energia). Os Arquétipos universais, por sua parte, se manifestam no plano material como o suporte formal dos entes, que são a expressão concreta de "um momento" do processo evolutivo em que aqueles se desenvolvem. Tem assim uma dupla determinação arquetípica dos entes: a "universal" dos arquétipos e a "particular" das mônadas.

A "projeção" dos Grandes Planos arquetípicos ou Arquétipo Manú sobre a matéria original, informamos, produz o ente universal e os entes particulares FUNDAMENTALMENTE ESTRUTURADOS COM ÁTOMOS ARQUETÍPICOS. O ente evolui, então, seguindo dois processos formativos. Um: o UNIVERSAL, que aponta para a entelequia dos Arquétipos. Dois: ao PARTICULAR, que determina o ente de acordo a um Plano. Dali a necessidade de distinguir corretamente o que se tem posto nos entes, DESDE O PRINCÍPIO, PARA CONHECIMENTO DO PASU e que corresponde ao ente mesmo como fundamento de sua existência universal, ATÉ O FINAL, ESTE OU NÃO, O PASU NO MUNDO.

Podemos afirmar como resposta à questão, que ao pasu fora dado desde o princípio à possibilidade de conhecer os Planos a partir do descobrimento dos entes, do DESÍGNIO que estes expressam para ele. O destino do pasu, como descobridor e admirador da obra do Demiurgo é: CONHECER OS ENTES. Desde os entes, CONHECER A ESTRUTURA DO ENTE UNIVERSAL, DO "UNIVERSO". Desde o ente universal, CONHECER A DEUS (OU UNO). Pelo contrário, neste sinistro Plano NÃO SE PREVÊ NENHUM MODO DE CONHECIMENTO DA ESSÊNCIA ARQUETÍPICA DOS ENTES. Mais adiante ficará claro por quê.

SISTEMÁTICA DE CÍRCULOS EXCÊNTRICOS

Nosso propósito é mostrar a estrutura psíquica do pasu no momento prévio ao aprisionamento dos Espíritos-esfera revertidos. Para facilitar tal exposição nada parece mais útil que representar a estrutura psíquica, decompostas em suas distintas "esferas de objetividade", mediante um esquema gráfico equivalente tal como temos feito até agora. Entretanto, uma representação tal e posteriormente outra para a estrutura psíquica do "virya perdido", requererá de maior precisão simbólica. A rigor, os esquemas apresentados até aqui estavam fundados na noção de "círculo unidade". A circunferência como limite ou forma continente de um conteúdo simbólico; o mesmo para o caso das circunferências concêntricas da figura 9. "O mundo dos objetos", tal como aparece à nossa visão se oferece a uma familiarização "simples", mas as relações formais de um mundo de "substâncias" e

“qualidades” requerem uma estrutura mais complexa que a de um “círculo unidade”.

O autor deste parágrafo, o epistemólogo Luciano Allende Lemaza, demonstra em seu livro “Os Elementos” que “uma sistematização de CÍRCULOS EXCÊNTRICOS é apropriada e correta para relacionar, em forma ordinal e cardeal, conceitos, ou seja, abstrações qualitativas e quantitativas (Fig. 10)”.

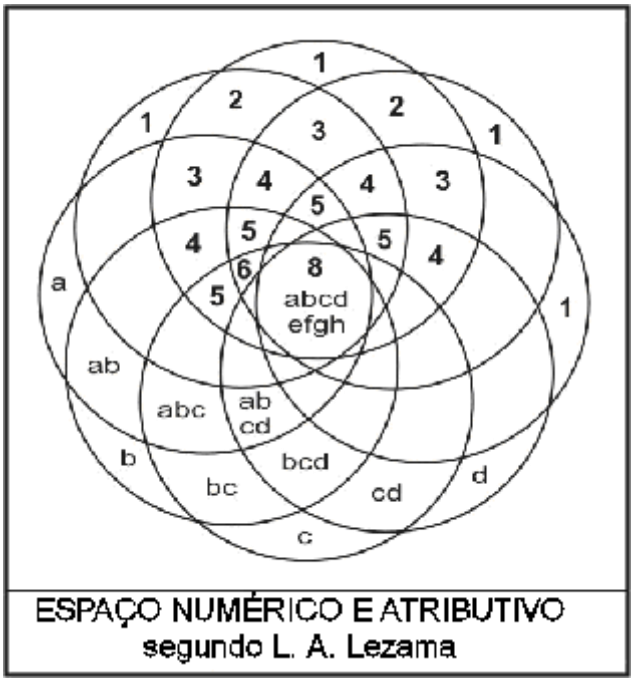


FIGURA 10

"Se os círculos excêntricos são bases de conceitos simples”, uma combinação de círculos formará RECINTOS “contendo conceitos complexos”, ou seja, específicos. “Em uma sistemática de tal índole é possível hierarquizar conceitos que estarão em relação de implicação, de analogia, de contraditório e contrário”. Aplicando um critério sistemático semelhante vamos desenvolver um esquema conceitual da estrutura psíquica do pasu no qual seja possível avançar, posteriormente, até a compreensão do “virya perdido”.

ESTRUTURA PSÍQUICA DO ANIMAL-HOMEM OU PASU

No momento em que os Espíritos-esfera iam sendo aprisionados ao pasu, há milhões de anos, este havia chegado a um determinado ponto na evolução filogenética. Este ponto é o que vamos representar, deixando de lado a história de tal evolução.

FIGURA 11

NESSE MOMENTO de sua história a estrutura psíquica do pasu era composta de duas esferas bem desenvolvidas (afetiva e racional) e de uma terceira (pré-consciência) em lento processo de formação. No esquema da figura 11 estão representadas as esferas "afetiva" (4) e "racional" (3) excentricamente com respeito à esfera mais débil, "pré-consciência" (2), mas mais importante do ponto de vista potencial. Com efeito, a esfera (2) é se quiser, a chave do drama, pois o fracasso evolutivo do pasu radicava no quase nulo desenvolvimento desta esfera demorando milhões de anos para chegar à "atividade do Manú". A entelequia do pasu, a perfeição de igualar-se ao Arquétipo Manú, se apoiava fundamentalmente na evolução da "esfera de consciência" (então de "pré-consciência".), pois ela era NECESSÁRIA PARA COMPLEMENTAR O DESCOBRIMENTO POSTERIOR DA OBRA E, a partir da obra, DO AUTOR, ou seja, "dos entes, do ente e de Deus (o Uno)". Por tal motivo temos centralizado na figura 11 a esfera (2) ainda que sejam as esferas (3) e (4), mais desenvolvidas, as que teremos de prestar mais atenção.

A estrutura psíquica do pasu se sustentava, naturalmente, num corpo biológico, em certos “sistemas” altamente diferenciados: por exemplo, a esfera afetiva estava ligada ao sistema endócrino e a esfera racional ao sistema nervoso central, especialmente ao cérebro “antigo” ou ARQUENCÉFALO”. ESFERA DE “PRÉ-CONSCIÊNCIA” SURGIA DE UM RUDIMENTAR NEOCÓRTEX OU CÉREBRO “NOVO” E, NAQUELE, SOMENTE UM EPIFENÔMENO, UMA DÉBIL FOSFORESCÊNCIA QUE APENAS SUGERIA O QUE DEPOIS CHEGOU A SER: “ESFERA DE CONSCIÊNCIA”, ou seja, assento do sujeito consciente ou “alma” do pasu.

As esferas (2), (3) e (4) constituem a estrutura psíquica propriamente dita. O nexo entre ela e o mundo se realiza através da “esfera sensorial” que, por tal motivo, aparece na figura 11 “rodeando” ou incluindo em seu interior a estrutura psíquica. Mas a “esfera sensorial” se compõe também dos sentidos internos – das vísceras ou INTERCEPTORES, dos movimentos do corpo ou PRECEPTORES, da dor ou NOCICEPTORES, etc. aparte dos EXTEROCEPTORES ou receptores de estímulos exteriores: olfato, visão, tato, etc. Sendo o pasu UM ENTE DESCOBRIDOR DE ENTES, sua atividade cognoscitiva se achava concentrada na esfera sensorial, pela qual recebia notícias do mundo que lhe permitiam adaptar-se e conduzir-se com inteligência nele.

No homem de nossos dias, virya perdido, o comportamento se compõe, grosso modo, de conduta e consciência. A conduta é o comportamento exterior e a consciência, ou vida mental, é o comportamento interior. A consciência pode dirigir livremente a conduta por meio de uma energia posta a sua disposição chamada VONTADE. Mas no pasu as coisas não ocorriam assim: o comportamento estava quase exclusivamente centrado na conduta e esta regida por uma interminável multiplicidade de padrões fixos. Por isso se considera que a conduta do pasu estava determinada por uma VONTADE INSTINTIVA. Entretanto, o comportamento não era absolutamente mecânico posto que os “padrões de conduta” teriam, em sua maioria, uma origem racional, ainda que logo depois de produzidos e experimentados, eram reproduzidos como caracteres adquiridos. No esquema da figura 11 podemos apreciar a área de geração de “vontade instintiva” no recinto “instintos”, o qual se forma pela intersecção das esferas afetiva e racional.

A vontade instintiva estava dirigida a cumprir distintas necessidades, conservação, apetite, reprodução, etc., e TAMBÉM a associação gregária: neste “instinto gregário” mais que em outra atividade era onde se apreciava melhor a natureza “humana” do pasu. Toda sociedade se baseia na comunicação entre seus membros. O objetivo superior da sociedade pasu era a comunicação comunitária do descobrimento dos entes ou, em outros termos, transformar o descobrimento individual em conhecimento coletivo. Isto quer dizer que o Plano do Demiurgo para o pasu era eminentemente CULTURAL.

E pode assim compreender que o fracasso do pasu se manifesta exteriormente na pobreza cultural alcançada por suas sociedade. Daí que a Sabedoria Hiperbórea afirme que os Espíritos foram aprisionados, cativos ao pasu, “PORQUE ERAM NECESSÁRIOS PARA PRODUZIR CULTURA”. Mas a “cultura”, entendida desta maneira, é muito diferente à “suma da atividade humana”. Mais adiante teremos ocasião de aprofundar nesse conceito

MEMÓRIA ARQUETÍPICA E RAZÃO

Fizemos uma descrição geral da estrutura psíquica do pasu. Para compreender seu funcionamento, especialmente para saber como cumpre o pasu com sua finalidade de ser “descobridor de entes”, “doador de sentido” à ordem material do Universo, devemos começar por um conceito fundamental: a memória.

Referindo-nos ao esquema da figura 11 podemos distinguir três classes de memória, cada uma delas vinculada a uma esfera: a esfera afetiva (4) corresponde uma memória PSICOFISIOLÓGICA ou "memória de hábitos"; a esfera racional (3) esta ligada a importante memória ARQUETÍPICA; e a esfera de pré-consciência (2): a memória REPRESENTATIVA. Vamos comentar cada uma de tais memórias[1][4][1].

A primeira memória, "psicofisiológica", é basicamente sensível, especializada em reter recordações referidas ao mundo; é por isso a sede dos padrões de hábito: NELA SE CONSERVA TODO O NECESSÁRIO PARA ASSEGURAR A SOBREVIVÊNCIA INDIVIDUAL, além do que contribuía a MELHORAR tal sobrevivência, ou seja, o gregário ou social. Esta “memória de hábitos” era quem principalmente determinava a “vontade instintiva” do pasu.

A terceira memória, "representativa", era incipiente no pasu e só depois do aprisionamento do Espírito, quando o pasu se transformou em “virya perdido”, se desenvolveu o suficiente. Quiçá cause estranheza advertir que se considera a “esfera de consciência” como uma forma de memória, mas o pouco que se medite nisso, se compreenderá que o recordar, e o representar o recordado, é uma característica essencial da consciência. Esta característica está relacionada estreitamente com o problema da temporalidade, com a faculdade que possui a consciência de dotar as representações de um “tempo imanente”, psíquico, em substituição real que pudesse haver correspondido ao fato original que se recorda e representa. No inciso “Fundamentos da Esfera da Consciência”, se demonstrará que a “consciência” é um “sujeito histórico” e que a “esfera de consciência” é a “história do microcosmo”, a saber, uma espécie de memória.

A segunda memória, “arquetípica”, que deixamos deliberadamente para o final, é a que mais nos interessa por hora. É tão importante o conceito de "memória arquetípica" que pode afirmar-se sem mais que sua ignorância, ou sua ausência em qualquer sistema filosófico, é suficiente para situar a posição assumida a margem da Sabedoria Hiperbórea. Recomendamos, então, não avançar sem ter compreendido em profundidade o conceito que se expõe na continuação.

Na figura 9 se vê um esquema análogo do Universo do Uno, ao que se costuma chamar também macrocosmo. Esta denominação se adota quando se entende que o homem é um "minor mundus", um microcosmo que reflete ao "maior mundus" ou macrocosmo. Tal conceito é mantido desde a antiguidade e, no que tange o pensamento ocidental, se encontra na Grécia, nos tempos pré-socráticos com Anaxímedes, Pitágoras, etc., em Platão e Aristóteles; nos neo-platônicos, gnósticos, místicos cristãos, cabalistas, alquimistas; na filosofia moderna com Leibniz, etc. E, desde cedo, forma parte das tradições religiosas da China, Japão, Tibet e Índia, especialmente no budismo esotérico. No entanto, apesar de tamanha expansão, as principais conseqüências, incluindo lógicas, que se desprendem do conceito permanecem até hoje no terreno esotérico. Nós, ao afirmarmos com Princípio da Sabedoria Hiperbórea a antiga idéia de macrocosmo, nos veremos na necessidade de destacarmos relações às vezes pueris, mas que pelo caráter esotérico apontado, não costumam ser evidentes. Mas faremos, ainda com o risco de que como na conhecida anedota do “ovo de Colombo”, produza irritação ao notarmos que, DE PRONTO, deveríamos ter notado nós mesmos.

È o que ocorre com o tema do “reflexo”: de tanto afirmar, sem raciocinar, que “o microcosmo reflete o macrocosmo”, sem ninguém advertir que TODO REFLEXO É UMA CÓPIA “INVERTIDA” DO ORIGINAL. Esta qualidade que parece uma infantilidade destacar, é uma questão de suma importância, pois tal consideração permite compreender facilmente a função da RAZÃO e o funcionamento da esfera racional. Veremos como se deve interpretar o antigo conceito.

Já temos uma descrição do macrocosmo segundo o esquema da figura 9. O microcosmo ou corpo material do pasu, como reflexo do macrocosmo, deve conter uma réplica de todas as suas partes. Isso significa que no corpo material TEM DE EXISTIR UM SETOR QUE REPRODUZA O PLANO ARQUETÍPICO, e que em tal setor TEM DE ESTAR A CÓPIA DE TODOS OS ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS. E que tais cópias TENHAM DE SER INVERTIDAS EM RELAÇÃO AO ORIGINAL.

Tais propriedades do corpo material ou microcosmo nos permite elaborar a seguinte definição: O CONJUNTO DE TODOS OS ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS DO MICROCOSMO, CÓPIAS INVERTIDAS DOS

ARQUÉTIPOS UNIVERSAIS DO MACROCOSMO, DENOMINA-SE "MEMÓRIA ARQUETÍPICA".

A sede da memória arquetípica, ou seja, da réplica biológica do "plano arquetípico", é a estrutura neurofisiológica do cérebro. Grosseiramente pode-se afirmar que "o cérebro inteiro é a memória arquetípica". Portanto, ainda que o bisturi penetre até as profundezas da massa encefálica, a biologia molecular invente fórmulas das macromoléculas celulares, a genética consiga decifrar o código dos enlaces açúcar-fosfato dos ácidos nucléicos ou os engenheiros em sistemas cibernéticos construam "modelos" que simulem o funcionamento cerebral, sem erro dizemos, apesar destes e de outros prodígios científicos, NINGUÉM CONSEGUIU NEM JAMAIS CONSEGUIRÁ DESCOBRIR EMPIRICAMENTE OS "ARQUÉTIPOS" que, conforme temos dito, constituem TODO O CÉREBRO. E isto não se dá por falta de habilidade científica, ou por um erro de metodologia, senão pela IMPOSSIBILIDADE essencial do ser humano, pasu ou virya, de perceber os Arquétipos universais "através da esfera sensorial". Por certo que não somente os Arquétipos de um cérebro senão o que sustenta a qualquer ente, SENDO UNIVERSAIS, NÃO PODERÃO CONHECER-SE ATRAVÉS DA ESFERA SENSORIAL DO ENTE. SOMENTE PODE SER CONHECIDO SEU DESÍGNIO, SUA FINALIDADE PARTICULAR.

Esta impossibilidade se compreenderá melhor se previamente definirmos o que se entende na Sabedoria Hiperbórea por RAZÃO. Mas como aqui estamos estudando a estrutura psíquica do pasu, a definição que daremos se refere fundamentalmente a este tipo primitivo de homem. No virya, devido à evolução do neo-córtex, o cérebro permitiu logo maior especialização racional, portanto, a impossibilidade apontada, subsiste ainda e sua origem continua sendo o que agora vamos expor.

Para as ciências biológicas o cérebro é uma organização celular especializada. Para a Sabedoria Hiperbórea o cérebro é: memória arquetípica. O cérebro, ou memória arquetípica, funciona pela vontade de um "SUJEITO RACIONAL" ou "RAZÃO" cuja atividade se pode reduzir sempre a das operações básica, uma TRANSCENDENTE e outra IMANENTE. A primeira operação da razão é a de COMPARAÇÃO TRANSCENDENTE e a segunda é a INTERPRETAÇÃO IMANENTE. A primeira operação tem como missão DESCOBRIR o desígnio dos entes e a segunda INTERPRETAR tal desígnio, em termos sêmicos. É o que se explicará passo a passo na continuação.

Primeira operação: COMPARAÇÃO:

O.esquema da figura 11 nos mostra a estrutura psíquica do pasu rodeada pela “esfera sensorial”. No animal-homem a esfera sensorial cumpre a função de receber estímulos do mundo e convertê-los em impulsos nervosos com destino ao cérebro, ou seja, é intermediária entre o interno e o externo. Mas a esfera sensorial não responde da mesma maneira aos distintos estímulos e ela mesma varia evidentemente de um pasu a outro. É necessário então, referir-se à SENSIBILIDADE. Esclarecemos o sentido do termo: a capacidade que representa uma esfera sensorial determinada para responder com maior ou menor intensidade a um estímulo dado se denomina “sensibilidade”. Na figura 11, a circunferência que limita a esfera sensorial é análoga à sensibilidade.

Pois bem, se observarmos a figura 11 comprovaremos que o sensível afeta as três esferas da estrutura psíquica. Há assim uma “sensibilidade afetiva”, uma “sensibilidade racional” e uma “sensibilidade consciente”. Qualquer uma das três sensações pode ser objeto da INTUIÇÃO SENSÍVEL. Deve ficar claro que a operação racional que estamos descrevendo emprega SOMENTE aquilo que chega à esfera racional, ou seja, o produto da sensibilidade racional.

O objeto da sensibilidade é a realidade e, dentro desta, os entes externos que a constituem. NESTE, E EM TODOS OS COMENTÁRIOS QUE SEGUEM, VAMOS CONSIDERAR A ESFERA SENSORIAL IMPRESSIONADA POR UM ENTE EXTERNO, SALVO NAQUELES CASOS EM QUE SE OBSERVE EXPRESSAMENTE O CONTRÁRIO.

Pode-se descrever já que a primeira operação da razão, que chamamos TRANSCENDENTE, se ocupa de COMPARAR os estímulos que ATRAVESSAM a esfera sensorial e que foram causados por um ente externo. Isto é, A OPERAÇÃO TRANSCENDENTE DA RAZÃO CONSISTE EM “COMPARAR” AUTOMATICAMENTE, AQUELA IMPRESSÃO QUE A SENSIBILIDADE RACIONAL RECOLHE DE UM ENTE EXTERNO.

Sabemos agora, com precisão, que a primeira operação da razão é uma COMPARAÇÃO. Mas comparação com o que? Porque comparar consiste em estabelecer relações entre DOIS objetos, que permitam descobrir suas diferenças ou semelhanças. Resposta: o ente se ordena com os Arquétipos da memória arquetípica.

Portanto, devemos aprofundar esta resposta até tornar compreensível o EFEITO DESCOBRIDOR que a primeira operação exerce sobre o ente.

Segundo dissemos mais atrás no ente coexistem dois termos, um universal e outro particular. O termo universal é o Arquétipo – ou o conjunto de Arquétipos, se for “composto” – que o mantém conquanto seja ente e até onde aponta sua evolução como finalidade. O termo particular é o desígnio

que o Demiurgo tem fixado em todo ente como suprafinalidade. O primeiro termo dirige o ente a um ser-em-si; o segundo termo diz que o ente é um ser-para-o-homem.

Quando um ente impregna a sensibilidade racional a primeira operação da razão consiste em submeter a impressão recebida à comparação com a memória arquetípica. Nesta memória sempre haverá ao menos um Arquétipo que seja uma cópia invertida do Arquétipo universal que sustenta o ente e com ele se opera a comparação. É que A RAZÃO COMPARA SOMENTE UM TERMO UNIVERSAL DO ENTE (O ARQUÉTIPO UNIVERSAL) OU SUA CÓPIA INVERTIDA: UM ARQUÉTIPO PARTICULAR DA MEMÓRIA ARQUETÍPICA. Compreende-se facilmente que isso SOMENTE pode ocorrer desta maneira dado que na memória arquetípica SOMENTE existem cópias invertidas dos Arquétipos universais, finalidade entelequial dos entes, e não existe cópia ou referência alguma dos desígnios particulares de cada ente, suprafinalidade do ser-para-o-homem.

O que surge da confrontação entre o Arquétipo universal do ente e sua cópia invertida da memória arquetípica? Resposta: o nada. É como somar mais (+) com menos (-), uma unidade positiva com uma unidade negativa. Seu resultado é zero (0). Isto significa que a razão elimina automaticamente o termo universal do ente E DEIXA DESCOBERTO O TERMO PARTICULAR OU DESÍGNIO. Apenas então o ente pode ser CONHECIDO E NOMEADO. Mas este nomear não é como crêem alguns, “porque o homem é logos”: o verdadeiro logos é o Demiurgo que tem designado aos entes, o pasu, depois de seu descobrimento, só pode repetir aquilo que estava previamente estabelecido assinalando ao ente.

Deixando para mais adiante o problema do conhecimento, pode-se entender agora, após decifrar a primeira operação da razão, porque afirmávamos que “existe impossibilidade para o homem, pasu ou virya, de perceber os Arquétipos universais através da esfera sensorial”: a impossibilidade existe sempre que a apreensão seja racional e o ente apreendido seja um ente exterior. Mas também devemos entender de uma vez por todas, que A RAZÃO É UMA FUNÇÃO DA MEMÓRIA ARQUETÍPICA, OU SEJA, DO CÉREBRO, E QUE A OPERAÇÃO RACIONAL PRIMEIRA CONSISTE INVARIAVELMENTE NA ELIMINAÇÃO DO ARQUÉTIPO UNIVERSAL, TERMO UNIVERSAL DO ENTE, POR COMPARAÇÃO COM SUA CÓPIA INVERTIDA. Isto ocorre deste modo e não pode alterar-se porque a memória arquetípica é uma ESTRUTURA, ou seja, um todo cujas partes estão solidamente entrelaçadas enquanto que a razão é uma função que consiste em vincular entre si certos elementos dessa estrutura, MAS SEM MODIFICAR a estrutura mesma. No cérebro, segundo a ciência oficial, as “operações racionais” consistem em certas interconexões bioelétricas ou “sinapses” que se efetuam entre conjuntos

de células especializadas, não obstante, por muito que um pense, e por múltiplas que sejam as redes neurais que produza tal pensar, jamais resulta modificada permanentemente a própria estrutura celular do cérebro. Assim como não é possível que a atividade neural modifique a estrutura do cérebro, tampouco a função racional modifica a estrutura arquetípica. E esta equivalência é exata porque o cérebro e a memória arquetípica são uma e a mesma coisa, somente que a explicação neurofisiológica pertence à ciência oficial do Ocidente e a explicação estrutural à Sabedoria Hiperbórea.

A impossibilidade de perceber os Arquétipos universais que sustentam aos entes externos denomina-se também IRREPRESENTABILIDADE. Com esta palavra se quer significar que não é possível a "representação", ou seja, a visão mental dos Arquétipos universais, o que de nenhum modo implica que não podem ser CONHECIDOS. Mas o conhecimento tem de provir de um confronto efetuado em um nível suprarracional, em outra esfera: o pasu na esfera (2) de pré-consciência; o virya na esfera (2) de consciência.

Segunda operação: RELACIONAR.

A segunda operação da razão denomina-se IMANENTE porque consiste em estabelecer relações entre objetos exclusivamente interiores da estrutura psíquica: quando o ente é descoberto pela primeira operação, estabelece relações entre seu "desígnio particular" INTERIORIZADO e os Arquétipos da memória arquetípica, e com os Arquétipos entre si. Mas, para explicar esta operação, é necessário descrever previamente a ESTRUTURA CULTURAL, coisa que faremos no próximo inciso.

Como conclusão desta breve exposição da memória arquetípica cabe destacar que a razão, sua função, na primeira operação TOMA O ENTE EXTERNO E DEPOIS DE ELIMINAR O TERMO UNIVERSAL, DESCOBRE O PARTICULAR QUE HÁ NELE; ESTE IR DO UNIVERSAL PARA O PARTICULAR É A ESPÉCIE MAIS GERAL DE "DEDUÇÃO". A ESSÊNCIA DO DEDUTIVO: TODA DEDUÇÃO É SEMPRE A POSTERIORI DESTA PRIMEIRA OPERAÇÃO, MAS, EM SUA FORMA, DERIVÁVEL DELA.

A primeira operação é a priori de qualquer outro raciocínio sobre o ente porque é imprescindível para descobrir ao ente e por sob observação. Mas, ao tomar ao ente externo, perdido no universal, e situa-lo no interno como particular desígnio, se está efetuando uma DEDUÇÃO TRANSCENDENTAL.

Contrariamente, a segunda operação tomará o ente descoberto em seu desígnio particular e o RELACIONARÁ com os Arquétipos da memória arquetípica, ou seja, com O UNIVERSAL DO MICROCOSMO. ESTE IR DO PARTICULAR AO UNIVERSAL É A ESPÉCIE MAIS GERAL DE INDUÇÃO, A ESSÊNCIA DO INDUTIVO. TODA INDUÇÃO SE DERIVA DA SEGUNDA OPERAÇÃO. Mas ao tomar ao ente inteiramente descoberto, e relaciona-lo com Arquétipos do microcosmo, se está efetuando uma INDUÇÃO IMANENTE, ou seja, circunscrita no interior do animal-homem ou pasu.

FUNCIONAMENTO DA ESTRUTURA CULTURAL DO PASU

Com as mesmas reservas e considerações que fizemos ao propor o Modelo da esfera vamos utilizar o "modelo estrutural" para completar a descrição CONCEITUAL da estrutura psíquica do pasu. Por que devemos usar um novo modelo? Porque aqui vamos desenvolver o seguinte conceito: a "memória arquetípica (cérebro) é DADA, aquilo que o animal-homem herda COMPLETO e que não pode modificar, contudo, fundado na memória arquetípica, há ALGO QUE SE VAI CONSTRUINDO ao largo da vida: A ESTRUTURA CULTURAL". A resposta é então: para compreender a estrutura cultural, cujo crescimento é produto das operações da razão, utilizaremos o modelo estrutural, pois o mesmo guarda as correspondências necessárias e suficientes.

A – O modelo estrutural

O primeiro que devemos fazer antes de ocupar-nos da estrutura cultural, é adquirir uma noção clara sobre o que é uma "estrutura". Para isso vamos proceder indutivamente, partindo da intuição de uma estrutura geométrica simples e estendendo a dita intuição a estruturas de maior complexidade. Na figura 12 temos representado uma estrutura geométrica elementar muito utilizada como modelo na física, conhecida como "rede cúbica centrada de um cristal". É possível imaginar estruturas desse tipo na qual o polígono cuja face seja outro que o quadrado, com o qual se obteriam não cubos, mas poliedros tais como o "octaedro", "dodecaedro", "hexaedro", etc. Uma rede se compõe do enlace de um conjunto de poliedros semelhantes.

Entretanto a rede que necessitamos como modelo não se integra com poliedros semelhantes, mas que possa incluir na estrutura a todos os POLIEDROS POSSÍVEIS e deve assegurar a POSSÍVEL CONEXÃO de uns com outros.

Estudaremos agora a estrutura geométrica da figura 12. Da simples observação deduzimos que se compõe de quatro elementos: certas protuberâncias nos vértices e centro do cubo chamado NÓS; ou ENLACE entre nós, o ESPAÇO que ocupa sua extensão, e o Tempo que lhe permite durar ou mudar.

Mas o que primeiro chama a atenção é a inter-relação que liga a todos os MEMBROS, dado que é possível chegar a qualquer dos nós partindo de qualquer outro somente avançado sobre os enlaces. Esta qualidade topológica nos permite enunciar que "em uma estrutura o todo condiciona a parte". Mas tal condicionamento não provém SOMENTE dos enlaces que impedem a independência dos nós. Além do mais, os membros se articulam de forma total de tal maneira que, por exemplo, na figura 12 não poderíamos retirar um nó sem destruir a forma cúbica e, TAMBÉM, existem INTERAÇÃO entre os membros posto que, se na mesma figura atribuímos, por exemplo, "MASSA" à estrutura cúbica, resulta que ao eliminar um nó se altera o equilíbrio estático que pudesse haver alcançado.

Por outra parte, submetendo a estrutura cúbica da figura 12 a condições dinâmicas, por exemplo, um deslocamento ou uma rotação, pode concluir-se que os membros são SOLIDÁRIOS e que se encontram todos FUNCIONALMENTE COMPENETRADOS.

Resumindo, podemos caracterizar a estrutura como UMA ORGANIZAÇÃO OU ENLACE DE MEMBROS ARTICULADOS EM UM TODO, INTERDEPENDENTES, SOLIDÁRIOS, INTERATIVOS E FUNCIONALMENTE COMPENETRADOS.

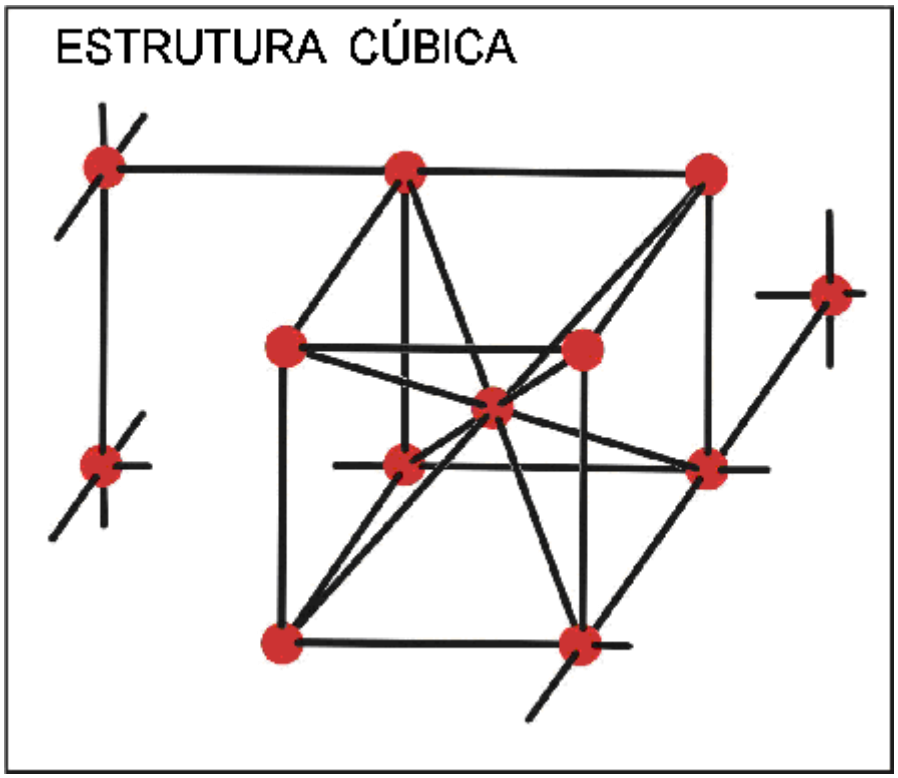


FIGURA 12

B – Nós e enlaces da estrutura cultural.

A memória arquetípica ou cérebro é o herdado, imodificável; mas sua função, a razão, é capaz de efetuar uma construção estrutural permanente, ao menos durante toda a vida do pasu. Mas esta construção não procede de um ato de escolha, de vontade do sujeito, senão do modo de ser da razão. Em efeito, a razão somente pelo fato de atuar produz elementos da estrutura cultural, membros que se enlaça com o todo e permanecem definitivamente articulados.

A função da razão como produtora da estrutura cultural obedece à finalidade que o Demiurgo fixou para o destino do pasu: ser descobridor de entes e, a partir dos entes, ser produtor de cultura. A cultura, aplicação gregária, social ou coletiva, do conhecimento dos entes é o que verdadeiramente "dá sentido ao mundo", por seu caráter externo ao microcosmo, por estar assentado no macrocosmo. Mais adiante teremos ocasião de estudar o fato cultural no marco histórico do Kaly Yuga.

Aplicaremos o modelo estrutural recentemente exposto para explicar o efeito estruturador da razão. Recordando a quádrupla constituições de uma

estrutura têm de começar perguntando qual o Espaço no qual se constitui a estrutura cultural? Resposta: a estrutura cultural é um substrato das esferas afetiva e racional (ver figura 11).

Esta resposta nos leva ao problema da natureza das esferas: de que são as esferas? Aqui afirmamos a natureza ENERGÉTICA da estrutura psíquica do pasu e tal definição pode gerar o prejuízo de que "está se aplicando o conceito de 'energia' à psique". Contra esta objeção replicamos que, contrariamente, "pelo fato da psique ser energética é que existe o conceito de energia".

Então, a substância psíquica é a "energia", uma forma superior da matéria na qual esta se reduz a pura força. O "espaço" em uma esfera energética é sempre redutível a espaço vetorial, o que justifica a escolha do método estrutural por suas correspondências topológicas.

A estrutura cultural, que se forma pela ação da razão, tem lugar nas esferas afetiva e racional como SUBSTRATO destas, ou seja, que seu lugar está no fundo, no profundo, na base, PERTO DA MEMÓRIA ARQUETÍPICA, DO CÉREBRO, que é quem suporta as esferas afetiva e racional. Veremos agora como se forma tal estrutura.

Recordemos a primeira operação da razão. A razão compara NA memória arquetípica ao Arquétipo invertido; desta comparação resulta eliminado o Arquétipo universal do ente restando somente o termo particular ou desígnio. Mas, para efetuar a comparação, a razão precisou localizar o Arquétipo invertido e, uma vez localizado, confrontá-lo com o ente, ou seja, com a impressão que o ente externo tenha produzido na sensibilidade racional, segundo definimos anteriormente. Eis aqui a origem da estrutura cultural: COMO PRODUTO DA LOCALIZAÇÃO, QUE A PRIMEIRA OPERAÇÃO DA RAZÃO EFETUA NO ARQUÉTIPO INVERTIDO, OCORRE UM SEGUNDO EFEITO. O PRIMEIRO EFEITO É A ELIMINAÇÃO DO TERMO UNIVERSAL; O SEGUNDO É A ATUALIZAÇÃO, NO MICROCOSMO, DO ARQUÉTIPO INVERTIDO. O primeiro efeito é, pois, causa do segundo.

A primeira operação da razão produz assim, além da DEDUÇÃO TRANSCENDENTAL, na qual elimina o termo universal, uma ATUALIZAÇÃO ARQUETÍPICA, no microcosmo da cópia invertida do termo universal eliminado. Deixemos de lado, por enquanto, o primeiro efeito, a eliminação do termo universal, e prestemos atenção à atualização do Arquétipo invertido.

Se recordarmos que "a memória arquetípica" é análoga no microcosmo ao "plano arquetípico" do macrocosmo, poderemos comprovar que a

atualização de um arquétipo invertido é semelhante à de qualquer Arquétipo universal.

No plano arquetípico dos Arquétipos SÃO SERES PERFEITOS, mas potenciais: A ATUALIZAÇÃO DE UM ARQUÉTIPO CONSISTE EM SUA MANIFESTAÇÃO EM UM "PLANO DE REALIZAÇÃO". Quando este plano, por exemplo, A MATÉRIA, a manifestação produz entes materiais que PARTICIPAM em maior ou menor grau de perfeição arquetípica. No Oriente se diz que a manifestação do Arquétipo no plano material se efetua por impulso do Hálito do Demiurgo, ou seja, por um Sopro Cósmico, um pneuma universal. Mas este Sopro não é mera expulsão rítmica posto que possua DIREÇÃO que determina ao impulso plasmador dos Arquétipos universais a dirigir-se ao plano material, e não a qualquer outro mundo, é a INTENÇÃO do Demiurgo. Esta intenção é a que impulsiona aos entes a evoluir até a entelequia dos Arquétipos; e, como "Hálito" é sinônimo de "vontade", diz-se que a INTENÇÃO é a direção da vontade do Demiurgo.

A entelequia é a finalidade a qual tendem os processos fenomênicos que constituem a realidade dos entes. Mas em todo ente tem, segundo temos visto, duas finalidades: uma universal e outra particular. Isso se deve a existência, em todo ente, de uma dupla extensão demiúrgica: uma primeira extensão plasma e impulsiona o ente até entelequia do Arquétipo do qual participa esta "finalidade"; uma segunda intenção DESIGNA o ente um ser-para-o-homem: é a "suprafinalidade". Portanto, O ENTE É O ATO DO ARQUÉTIPO UNIVERSAL, MAS UM ATO ESSENCIALMENTE INTENCIONAL, PRODUZIDO POR UM DIRECIONAMENTO DA VONTADE DO DEMIURGO.

Consideremos agora a memória arquetípica ou cérebro do pasu. Que é reflexo, cópia invertida, do plano arquetípico. A razão é uma função da memória arquetípica; mas a razão é algo que se move, que estabelece relações. Qual é a força que impulsiona a razão do pasu? Resposta: a vontade instintiva. A razão se DIRIGE até o Arquétipo invertido, de um ente dado aos sentidos, movida pela vontade instintiva. Isto significa que a referência estabelecida entre o Arquétipo invertido e o ente, para efeito de compreensão, NÃO É PASSIVA, MAS ATIVA, não é estática, mas dinâmica, ou seja, INTENCIONAL. Naturalmente que uma referência semelhante nada tem a ver com a consciência, pois esta é um sujeito histórico que ainda não existia no pasu. Em todo caso, tal referência intencional era, e é, subconsciente.

O caráter intencional que a razão se refere ao Arquétipo localizado é o que produz sua atualização e, com isto, o crescimento da estrutura cultural. Mas a atualização de um Arquétipo deve efetuar-se em um "plano de realização" qual é, no microcosmo, este plano no qual os Arquétipos invertidos se manifestam? Resposta: a psique ou "alma" do pasu.

Concretamente: na profundidade das esferas afetiva e racional. Esta resposta coincide com o que havíamos dado anteriormente à pergunta “pelo ESPAÇO no qual se constrói a estrutura cultural”, pois dizíamos então que esta era “um substrato das esferas afetiva e racional”. Agora poderemos completar o conceito dizendo que o espaço que ocupa uma estrutura cultural é o plano de realização dos Arquétipos da memória arquetípica. Isto é, as esferas energéticas da psique.

Ainda não explicamos COMO se constrói a estrutura cultural senão DE ONDE esta tem lugar. Poderemos iniciar tal explicação depois de expor um conceito fundamental que, por sua importância, não deve ser esquecido em nenhuma das análises posteriores.

Trata-se do seguinte: TODO FENÔMENO PSÍQUICO É DE CARÁTER SÊMICO. Sem entrar no problema da CONTINUIDADE que a psique do pasu tem de manter enquanto esfera energética é indubitável que toda psique é depósito de um conteúdo multifenomênico: o enunciado anterior afirma que A DIVERSIDADE IMANENTE DO PSÍQUICO É SÊMICA. Conforme tal, os conteúdos psíquicos são simbólicos. Mas não tem como confundir-se: o símbolo não é um mero agregado ao conteúdo psíquico, uma propriedade deste, senão o conteúdo mesmo, SUA ESSÊNCIA. Desta maneira O SÊMICO É A ESSÊNCIA DO PSÍQUICO e, por isso, todo fato que possua uma terminação psíquica se manifesta sêmica ou polisemicamente.

Estudaremos agora como se constrói a estrutura cultural. Já adiantamos que a origem da mesma radicava na “atualização” que a referência racional produzia no Arquétipo invertido como segundo efeito da comparação. A atualização de um Arquétipo invertido, analogamente à de um Arquétipo universal do macrocosmo, se manifesta em um “plano de realização”: a psique. Mas, pelo visto recentemente, tal manifestação HÁ DE SER SÊMICA.

O Arquétipo universal atualizado, efetivamente, se manifesta como SÍMBOLO na esfera psíquica, o qual constitui um membro da estrutura cultural. Qual membro? O que corresponde ao “nó” e ao qual vamos denominar “PRINCÍPIO” ou “SÍMBOLO SIMPLES”. Em outros termos, quando a razão localiza um Arquétipo, NA memória arquetípica, a intencionalidade referencial o impele a manifestar-se na psique onde se estrutura como PRINCÍPIO ou SÍMBOLO SIMPLES.

Consideremos agora a primeira operação da razão, completa em seus efeitos. Ao comparar o ente com a memória arquetípica se produz a confrontação do Arquétipo universal do ente com sua cópia invertida, ou seja, se opõem dois contrários; desta operação resulta como primeiro efeito a eliminação, ou negação, do Arquétipo universal do ente e, com isso, o descobrimento do desígnio ou suprafinalidade. E como segundo efeito, a

manifestação, ou afirmação do Arquétipo invertido na estrutura cultural como Princípio, ou seja, ocupando o lugar do “nó”. O primeiro efeito, segundo vimos, descobre ao ente em seu desígnio. Vejamos que ocorre a seguir.

Em primeiro lugar temos de qualificar ao descobrimento do desígnio como uma TRANSCENDÊNCIA do ente externo quem, deste modo se situa MAIS PRÓXIMO da esfera sensorial. Com efeito, enquanto o Arquétipo universal jamais pode ser visto fora do ente, nem no ente mesmo, pois é absolutamente imanente, o desígnio do ente está pronto a ser-para-o-homem, a transcender todas as barreiras e revelar-se em plenitude. Em outras palavras, o desígnio passa a ser um OBJETO INTERIOR.

Segundo dissemos anteriormente, “não existe equivalência na memória arquetípica para os desígnios dos entes”, pois, justamente, a finalidade do animal-homem é descobrir esse desígnio e dar sentido ao mundo. Por isso o desígnio, como objeto interior, é sujeito da segunda operação da razão: RELACIONAR. Que faz a razão com o desígnio do ente? Resposta: O INTERPRETA.

Para interpretar o desígnio a razão BUSCA OS ARQUÉTIPOS da memória arquetípica MAIS ADEQUADOS OU CONGRUENTES E COM ELES CONFORMA UM “ESQUEMA” DO ENTE. Aqui não tem, como na primeira operação, nenhuma eliminação de arquétipos; pelo contrário se produz a afirmação de um ou de vários deles, necessários para interpretar o desígnio. A saber: como efeito da segunda operação da razão, que estabelece relações entre o desígnio do ente e a memória arquetípica, se produz a atualização de um ou vários Arquétipos. Mas “atualização” é manifestação na esfera psíquica, no âmbito da estrutura cultural. Eis aqui o que ocorre: O CONJUNTO DE ARQUÉTIPOS ATUALIZADOS, QUE INTERVÊM NA INTERPRETAÇÃO DE UM DESÍGNIO, SE MANIFESTA NA PSIQUE COMO UM “SÍMBOLO COMPLEXO” QUE REPRESENTA AO ESQUEMA DO ENTE E SE ESTRUTURA NO LUGAR DOS “ENLACES”; TAIS ENLACES SE DENOMINAM “RELAÇÕES”.

Uma estrutura se constitui de enlaces entre os nós, a estrutura cultural é construída pela razão com RELAÇÕES ENTRE PRINCÍPIOS. A estrutura cultural é, assim, uma organização psíquica, de substância energética e de essência sêmica, cujos membros são símbolos complexos que relacionam ou enlaçam a símbolos simples ou Princípios (arquetípicos).

Mas até agora só temos visto como se constitui UM nó e UM enlace. Falta-nos saber como CRESCE a estrutura cultural e que ralação guarda com a estrutura psíquica total do pasu para, a partir daí, compreender seu funcionamento. Este será o objeto do próximo artigo, logo que dissermos duas palavras sobre a segunda operação da razão.

A segunda operação, que anteriormente qualificamos de INDUÇÃO IMANENTE, consiste, segundo vimos agora, em INTERPRETAR o desígnio do ente mediante relações entre Arquétipos da memória arquetípica. Esta operação, "INTERPRETAR", supõe, se bem que se veja, a existência de um CRITÉRIO. Mas tal "critério" não é produto da "decisão" do pasu senão que, pelo contrário, toda decisão é *a posteriori* do mesmo e está condicionada por ele. È assim, pois se trata de um CRITÉRIO PADRÃO. A razão opera impulsionada pela vontade instintiva, ou seja, sujeita a padrões de conduta, e a segunda operação se ajusta a um padrão que é uma forma pura de critério. Mas este "critério racional", que intervêm *a priori* do entendimento, é manifestamente hereditário, pois constitui uma forma ou modo da razão, ou seja, de uma função da memória arquetípica ou cérebro, o qual é "dado" porque é herdado. Com isto queremos destacar que a interpretação do desígnio há de variar de um pasu a outro segundo o grau de precisão que o critério racional hereditário lhe permita alcançar a cada um.

C – A estrutura cultural como memória.

Um "nó" da estrutura cultural ou Princípio é a correspondência sêmica de um Arquétipo da memória arquetípica. Um "enlace" ou Relação é a correspondência sêmica do "desígnio" de um ente, seus esquema, segundo a interpretação efetuada pela razão. Desde que se inicia a vida do pasu, desde que se tenha exposta à impressão dos entes do mundo sua esfera sensorial, múltiplos nós e enlaces semelhantes vão sendo agregados à estrutura cultural pela atualização arquetípica que produz a razão.

A estrutura cultural CRESCE, pois, constantemente, tanto em número de membros como na complexidade da trama, no entanto o que já era estruturado PERMANECE como substrato das esferas afetiva e racional. Esta permanência levanta inevitavelmente o problema do tempo, ou seja, da relação entre tempo transcendente, ou tempo dos entes, e o tempo imanente, ou tempo psíquico, cuja solução se dará mais adiante. Mas, ainda quando não havíamos entrado em tal problema, há de entender-se que a "permanência" da estrutura cultural a converte numa espécie de memória, mas não "arquetípica", como o cérebro, senão "experimental". Ou seja, produto da experiência dos entes. A memória arquetípica é passiva e estática; hereditária. A estrutura cultural, enquanto memória é ativa e dinâmica; experimental. Por motivos que veremos após a estrutura cultural é denominada pela Sabedoria Hiperbórea, também, MEMÓRIA CONCEITUAL.

Sempre, os objetos desta memória, os verdadeiramente memorizados, são as RELAÇÕES entre Princípios, já que os "princípios" são meras atualizações sêmicas dos Arquétipos da memória arquetípica. As Relações, ou

enlaces, da estrutura cultural constituem para o pasu a “verdade” dos entes, posto que representem a interpretação racional do desígnio, e, portanto, uma explicação do funcionamento da estrutura psíquica há de apontar principalmente e expor a natureza de tais enlaces ou Relações. Não se deve estranhar, então, que dediquemos a estes a maior parte dos próximos artigos.

D - Princípios e Relações como SISTEMAS.

Se recordarmos nossa convenção anterior sobre que, salvo esclarecido em contrário, todas as explicações se exemplificam com entes externos, podemos nos aprofundar na definição de Relação.

Para o pasu uma relação é, antes de tudo, a VERDADE do ente, mas, observe que não dissemos A ESSÊNCIA senão A VERDADE do ente: esta distinção indica que a essência do ente é o DESÍGNIO, enquanto que a Relação é um correlato racional, a interpretação do desígnio ou ESQUEMA, o verdadeiramente conhecido, e, portanto, a VERDADE do ente.

A verdade do ente é “memorizada” pela estrutura cultural como símbolo complexo ou Relação, vale dizer, como enlace sêmico entre Princípios ou símbolo simples. Agora bem, de que se compõe um símbolo complexo? De um conjunto de símbolos simples ESTRUTURADOS para constituir o ESQUEMA do ente. Um símbolo complexo, Relação ou enlace da estrutura cultural, é, por sua vez, uma estrutura sêmica de grau menor denominada “SUBESTRUTURA”. Esta propriedade do símbolo complexo ou Relação, de ser uma subestrutura de símbolos simples traz um problema que exige esclarecimento antes de continuar com seu estudo.

Em efeito, se um símbolo complexo ou Relação é um enlace entre símbolos simples ou “princípios”, PODEM estar esses Princípios TAMBÉM incluídos no conjunto de símbolos simples em que consiste o símbolo complexo? Ou seja, podem estar REPETIDOS os Princípios na estrutura cultural? Resposta: Os símbolos simples tanto podem existir como Princípio no lugar dos nós ou como elementos constituintes dos símbolos complexos em lugar dos enlaces. A DIFERENÇA SE DÁ NA POTÊNCIA: OS “PRINCÍPIOS” SÃO “POTÊNCIAS PASSIVAS” ENQUANTO AS “RELAÇÕES” SÃO “POTÊNCIAS ATIVAS”. Mas como o conceito de “potência” requer a consideração do TEMPO TRANSCENDENTE não entraremos agora em sua definição, pois isso se fará mais adiante. Suspendendo, até então tal definição, recordemos que os Princípios provêm da primeira operação da razão. Quando se compara o Arquétipo universal do ente com o Arquétipo invertido da memória arquetípica: é esta referência intencional a que atualiza o Arquétipo na estrutura cultural como Princípio ou

POTÊNCIA PASSIVA; mas a eliminação do Arquétipo universal tem causado o descobrimento do desígnio, o ser-par-o-homem do ente, e a essa revelação a razão interpreta mediante a segunda operação, que consiste em referir o desígnio aos Arquétipos necessários para obter um esquema, os Arquétipos de referência, entre os que pode figurar o mesmo que se empregou para eliminar o universal, se atualizam na estrutura cultural formando um símbolo complexo, Relação ou POTÊNCIA ATIVA.

A representação, na estrutura cultural, de um Arquétipo invertido como "nó" se denomina Princípio. Se, ademais o mesmo Arquétipo está representado em uma Relação como elemento sêmico de sua subestrutura, tal elemento se denomina SÍMBOLO ARQUETÍPICO. Se um símbolo arquetípico e um Principio representam ao mesmo Arquétipo, só diferem a potência: o Princípio possui "potência passiva" e o símbolo arquetípico, como toda a Relação, tem "potência ativa".

O mesmo Arquétipo invertido pode, assim, ter uma correspondência simbólica com um Principio ou um elemento sêmico da Relação. Entretanto é fundamental entender isto: se bem que um mesmo símbolo simples tanto pode representar a um Principio como a um elemento sêmico de uma Relação, JAMAIS SE ESTRUTURARÁ MAIS DE UMA VEZ COMO "PRINCIPIO" OU "NÓ" E, EM TROCA, SE SUBESTRUTURA INCONTÁVEIS VEZES COMO ELEMENTO SÊMICO DE "RELAÇÕES" OU "ENLACES".

Isto quer dizer que, uma vez que a razão tenha COMPARADO a um ente com um Arquétipo e este se tenha manifestado e estruturado como Principio ou potencia passiva, não importa o numero de vezes que tal operação volte a efetuar, com esse ou com outros entes. O ARQUÉTIPO JAMAIS SE MANIFESTA MAIS DE UMA VEZ COMO PRINCIPIO. EM TODO CASO O QUE OCORRE AS REITERADAS REFERÊNCIAS RACIONAIS A UM ARQUÉTIPO, PARA SUA COMPARAÇÃO, INCREMENTAM A POTENCIA PASSIVA DO PRINCIPIO OU NÓ CORRESPONDENTE. A maior potencia é necessária porque sendo os Princípios algo único na estrutura cultural, DEVE SUPORTAR TODAS AS RELAÇÕES QUE SE REFEREM A ELES. Estamos no caso, por exemplo, em que um determinado nó da figura 12 tivesse que suportar incontáveis enlaces, haveria, para ele, que prever alguma maneira de reforçar o nó a cada novo enlace, evitando assim que se debilite a estrutura; este "reforço" o efetua, nos Princípios, o incremento de potência passiva.

Esta condição de nó único, que não se repete, que tem cada Principio há de dar uma idéia da complexidade da estrutura cultural. Pense-se em qualquer Principio, por exemplo, o numero um, e se poderá imaginar a impressionante quantidade de Relações com as quais há de estar enlaçado em nossa própria estrutura cultural.

Ate aqui fica claro o fato de que um Arquétipo representado por um único Princípio e TAMBÉM por muitíssimos símbolos simples subestruturados nas distintas Relações. Na continuação passaremos a estudar, com maior detalhe, o complexo das Relações.

No modelo estrutural que estamos empregando uma Relação entre Princípios e análoga a um enlace entre nós da figura 12, ou seja, há UMA BARRA CILÍNDRICA tal como é representada na figura 13. As DIMENSÕES REAIS do enlace são ali o espaço, o tempo e a substância. Naturalmente, o espaço ocupado pelo cilindro pode caracterizar-se por sua vez por dimensões qualitativas tais como a longitude, espessura, a superfície, o volume, etc.

A analogia entre Relação e enlace cilíndrico nos permitira definir certas dimensões características. Em uma Relação o tempo e a substância se reduzem no conceito de POTÊNCIA, que será definido no próximo inciso; enquanto o "espaço", a analogia se estabelece em relação à longitude e ao volume do enlace cilíndrico. Resumindo, toda Relação define-se em base a TRÊS dimensões: sua EXTENSÃO, análoga à LONGITUDE; sua COMPREENSÃO, equivalente ao VOLUME; e sua POTÊNCIA.

Menos a potência, vamos definir "extensão" e "compreensão" esclarecendo que no geral, deverão considerar-se validos, não só para esquemas de entes externos, senão para todas as Relações, qualquer que seja o ente representado.

Na extensão de uma Relação, análoga à longitude de um enlace, denota a classe de todos os símbolos simples que intervieram na subestrutura do símbolo complexo ou Relação. Quanto mais extensa é uma Relação tanto maior é a quantidade de elementos sêmicos que abarca.

A compreensão de uma Relação, análoga ao volume de enlaces, indica quão perto está a verdade esquemática de coincidir com a essência do ente ou desígnio. A compreensão é assim a subestrutura mesma, o esquema sêmico do ente cuja verdade representa a Relação. Por isso sua exatidão para COMPREENDER a essência do ente depende da interpretação efetuada pela segunda operação da razão, ou seja, depende do critério hereditário. Um maior volume do enlaça equivale a uma maior compreensão da Relação, ou seja, a Relação é mais compreensiva em propriedades correspondentes ao desígnio estruturadas como símbolos simples.

Temos dito dos Princípios e das Relações e agora sabemos algo mais de ambos, mas se o considerarmos em conjunto e prestarmos atenção em algumas propriedades comuns, prontamente estaremos em condições de

estudar em sua totalidade o funcionamento da estrutura cultural do pasu, tal como prometia o titulo desse inciso.

Antes de tudo notemos que os Princípios não procedem DE uma intuição sensível senão que tenham sido estruturados POR efeito dela. Os Princípios, enquanto representação sêmica de Arquétipos inatos é a priori de todo raciocínio ou reflexão e determinantes do entendimento. O pasu os "ENCONTRARÁ" ou intuirá e os identificará com "símbolos puros", "idéias inatas", "números", "categorias mentais", etc., ou os chamara impropriamente de "arquétipos".

Pelo contrario, as Relações tem sua origem na intuição sensível OU SÃO PURAS CRIAÇÕES DA RAZÃO. Elas constituem para o pasu a substância de todo pensamento racional.

É evidente que a estrutura cultural se compõe de um pequeno numero de Princípios e um incontável número de Relações. Mas, a diferença do que ocorre na estrutura cúbica da figura 12, as condições impostas à estrutura cultural, "deve poder incluir a todos os poliedros possíveis e deve assegurar a possível conexão de uns com outros", causa de uma Relação. PODE CONECTAR-SE COM MÚLTIPLOS PRINCÍPIOS. Não estaríamos então na analogia da barra cilíndrica e isso pode supor uma invalidação de nossas conclusões. Por isso, para dissipar toda dúvida e facilitar a exposição, vamos usar a noção de SISTEMA.

Na estrutura não existem partes senão membros, que são solidários, interativos, interdependentes, etc., com o todo. Daí que um SISTEMA, que pode ser um setor ou toda estrutura, deva ser considerado como uma abstração arbitraria antes que como uma "parte". A morfologia estrutural divide aos sistemas em simples e complexos.

Isto definirá, no geral, a um "sistema" como: A CLASSE DE TODAS AS RELAÇÕES QUE SE ENLAÇA COM PRINCÍPIOS COMUNS.

Assim mesmo, um "sistema simples" é: A CLASSE DE TODAS AS RELAÇÕES QUE SE ENLAÇA COM UM PAR DE PRINCÍPIOS OPOSTOS. É conveniente definir uma operação denominada REDUÇÃO nos seguintes termos: EM TODO SISTEMA SIMPLES EXISTE UMA FUNÇÃO ENTRE OS PRINCÍPIOS E AS RELAÇÕES TAL QUE SEMPRE É POSSÍVEL ASSIMILAR OS SÍMBOLOS SEMELHANTES DE CADA RELAÇÃO E "REDUZIR" O NUMERO DE ENLACES. Por redução sistemática sempre será possível simplificar topologicamente a rede poliédrica até sua mínima expressão: UM ENLACE E DOIS NÓS, ou seja, uma Relação entre dois Princípios. Chega-se assim a um sistema mínimo, representado na figura 13, no qual a Relação se enlaça no começo e no fim de sua "extensão"

com dois Princípios opostos. Diz-se então que se trata de uma RELAÇÃO DIALÉTICA. A redução sistemática, considerada como função mental, é chamada também SÍNTESE RACIONAL.

FIGURA 13

É claro que o sistema mínimo da figura 13 é uma "subestrutura", de acordo à definição que demos anteriormente sobre "símbolo complexo". Conseqüentemente podemos generalizar a redução para todo sistema simples da seguinte forma: TODO SISTEMA SIMPLES É UMA SUBESTRUTURA SUSCETÍVEL DE UMA REDUÇÃO SEMIÓTICA. Mas, isso deve ser mais claro ainda, SOMENTE AS RELAÇÕES SÃO REDUTÍVEIS: OS PRINCÍPIOS SÃO ABSOLUTAMENTE IRREDUTÍVEIS. De qualquer maneira, se todo o sistema simples pode ser levado à forma de figura 13, se confirma à validade geral das definições anteriores sobre Princípios e Relações.

FIGURA 11 b

Já estamos em condições de expor o conceito de sistema complexo: É UMA SUBESTRUTURA QUE POSSUI "N" PARES DE PRINCÍPIOS

OPOSTOS E QUE, POR REDUÇÃO SISTEMÁTICA, SE DECOMPÕE EM UM CONJUNTO DE “N” SISTEMAS SIMPLES.

Adiante, quando dissermos “sistema”, deverá entender-se “sistemas simples”, salvo esclarecimento em contrario.

E – O pensamento racional do pasu.

Depois de tão extensas descrições seguramente desejamos conhecer como PENSA o pasu. Desde cedo, as operações primeira e segunda da razão implicam já num PENSAR, como também o é a atividade da estrutura cultural e da esfera de consciência. Para evitar confusões começaremos por definir o significado destes termos e especificar seu alcance.

“PENSAR” é atividade da “estrutura psíquica” composta segundo a figura 11 b (compare com a figura 11), pelas esferas “afetivas” (4), “racional” (3) e “de consciência” (2). Deste modo, fica claro que “o pensar” é uma atividade que pode suceder em qualquer de tais esferas. Em outro inciso, entretanto, se demonstra que o pensar obedece a uma “seqüência hierárquica” inevitável: temporalmente o pensar se localiza primeiro na estrutura do cérebro. O cérebro vivo constitui a estrutura cultural que, a posteriori, também é animada pelo pensar. A estrutura cultural viva constitui a esfera de consciência e, a posteriori também é animada pelo pensar.

Quando dissermos, por exemplo, “o pensar” ou “por causa do pensar”, etc., suponha-se que tal “pensar” pode ocorrer em qualquer esfera de estrutura psíquica e se há de indagar, no texto, pela referência adequada.

Sempre antecipando definições, que mais adiante serão devidamente fundamentadas, consideremos que “o pensamento é o momento do pensar”. Em outras palavras, “o pensamento é o ato momentâneo do pensar”. No próximo inciso veremos que tal “momento” representa uma dupla temporalidade: por uma parte registra uma “duração real” no tempo transcendente ou “tempo do macrocosmo”, e por outra registra um tempo imanente proporcional à intensidade energética do pensamento.

Por outro lado, o microcosmo articular do pasu, é produto de uma mônada e de um Arquétipo. Ou seja, a mônada sustenta o microcosmo particular que evolui segundo o processo de um Arquétipo universal ou Manú. Mas a mônada não “desce” jamais à matéria senão que se manifesta no

microcosmo como um ser de uma entidade muito sutil que tem por função assimilar o grau evolutivo alcançado e mantê-lo conquanto se produza o desígnio orgânico chamado morte. Este ser é “a alma” do pasu.

A alma é quem aporta ao macrocosmo a herança genética não biológica da evolução e é quem, ao desencarnar, mantêm o evoluído nessa vida para aplicá-lo na vida de outros microcosmos, avançando sempre em direção da entelequia. Entende-se, então que a alma, por sua função de sustentar e impelir em direção até a individualização entelequial, DEVE ESTAR PRESENTE EM TODO PONTO DO MICROCOSMO. Na verdade não existe função no microcosmo que não se encontre fundamentada em última instância, pela alma, mas do ponto de vista estrutural, convém distinguir entre suas distintas FACULDADES. Por FACULDADE da alma entenda-se a POTÊNCIA com que ela ATUA em uma estrutura. Neste sentido A SENSIBILIDADE e a INTELIGÊNCIA são, por exemplo, FACULDADES. Agora bem, NO PASU “O PENSAR” É A PRINCIPAL FACULDADE DA ALMA. Ou em outras palavras, o pensar é a manifestação da alma na estrutura psíquica. Mas esta manifestação tem um caráter inconfundível, é a única faculdade com a qual a alma expressa diretamente a unidade da mônada. Por isso se diz que “o pensar é o ato de um SUJEITO pensante”. A alma como SUJEITO, um sujeito que tende permanentemente afirmar sua própria individualidade é o reflexo inequívoco da unidade da mônada.

Dissemos no começo que “o pensar” pode suceder em qualquer esfera da estrutura psíquica. O conceito de SUJEITO pensante nos permitirá entender com maior precisão a esta faculdade da alma. Antes de tudo temos de entender o seguinte principio: TODO SUJEITO REQUER UMA ESTRUTURA NA QUAL POSSA SE MANIFESTAR. Vale dizer, NÃO PODE EXISTIR O SUJEITO SEM UM VEÍCULO PARA SUA MANIFESTAÇÃO. O que existe sempre ainda depois da morte do pasu, é a alma transmigrante, mas NÃO O SUJEITO que somente é um aspecto da alma característico do estado de encarnação: UM OBJETIVO DA FINALIDADE DO PASU. Em síntese, O SUJEITO É FUNÇÃO DA ESTRUTURA.

No microcosmo, para expor nossa tese sobre a estrutura psíquica original do pasu e o posterior aprisionamento do Espírito, temos distinguido três estruturas básicas: a memória arquetípica ou cérebro, a estrutura cultural e a esfera de consciência. Pois bem, cada uma de tais estruturas pode ser animada pelo sujeito pensante, de acordo com o principio recém examinado. Sem duvidar que se trate sempre de UM MESMO SUJEITO, vamos denominar “sujeito racional” ou “razão” ao pensar localizado na memória arquetípica ou cérebro, “sujeito cultural” ao pensar que ocorre SOBRE a estrutura cultural; e por ultimo, “sujeito consciente” ou “histórico” ao pensar

próprio da esfera de consciência e que será o tema principal de estudo do próximo inciso.

A força que “move” o sujeito é a vontade. Assim, a “vontade instintiva” permite atuar à “razão” ou, sujeito racional, na memória arquetípica. A “vontade cultural” impulsiona o sujeito cultural a animar a estrutura cultural. E a “vontade consciente” torna possível que o sujeito consciente anime a esfera de consciência. Na figura 11 b podemos comprovar que na representação análoga sistemática de círculos excêntricos o recinto (5) corresponde à “vontade cultural”, a qual é ativa nas três esferas (2), (3) e (4) por causas que se explicarão no próximo inciso (F). Em troca, o recinto (6), da vontade instintiva somente está formado pela intersecção das esferas (3) e (4), o que significa que “a razão” é volitivamente independente da esfera de consciência (2): pode atuar, e de fato atua sempre, “instintivamente” vale dizer, automaticamente.

Em tudo que se segue do presente inciso nos concentraremos na descrição e na análise funcional da estrutura cultural, motivo pelo qual toda referência ou menção do “pensar” deverá ser entendida como correspondente ao sujeito cultural (ou ao sujeito racional, ou “razão”, por constituir o construtor da estrutura de Princípios e Relações segundo já se explicou). Com este critério, do “pensamento”, somente nos referiremos aos que produzem os sujeitos instintivo e racional e o denominaremos “PENSAMENTO RACIONAL”, para diferenciá-lo dos pensamentos irracionais que se estudarão em outro inciso. Pelo mesmo motivo, diremos: “o pensar racional”, aludindo àquele pensar que somente apreende pensamentos racionais. Naturalmente que tal “apreensão” somente é possível porque o pensar é um SUJEITO VOLITIVO.

Tendo em conta todas essas definições e esclarecimentos podemos já considerar a seguinte propriedade: O PENSAMENTO RACIONAL DO PASU SE ORIGINA, EM TODO CASO, “SOBRE” A ESTRUTURA CULTURAL E, DALI, EMERGE ATÉ AS CAMADAS SUPERIORES DA PSIQUE, A SABER, ATÉ A ESFERA DE CONSCIÊNCIA. Tal trânsito de pensamento só pode ser entendido à luz dos conceitos de “POTÊNCIA” e “tempo”, que serão estudados nos incisos seguintes. Aqui vamos desenvolver a explicação em torno da origem do pensamento racional, posto que o mesmo se produza NA estrutura cultural.

Como deve entender-se, então, que o pensamento se produza, SOBRE a estrutura cultural? Respostas: LITERALMENTE. Ou seja, se não duvidarmos que “a estrutura cultural” é um análogo a resposta é literal. O pensamento se produz SOBRE a estrutura, EM seus Princípios e Relações, ou seja, NOS sistemas; por isso o pensamento racional é SISTEMÁTICO.

Como esta resposta não nos permite ver grande coisa trataremos de entendê-la mediante uma alegoria. Suponhamos a vivisseção de um animal, por meio de uma craniotomia, deixamos exposto seu cérebro. O observamos atentamente e afirmamos: “é uma estrutura celular”; e, “esta viva”. Mas, depois de uma mais atenta inspeção, vemos que existem diferentes tipos de atividade no seio de tal estrutura: bioelétrica, bioquímica, neurônica, hematica, etc. Se queremos caracterizar tal diferença de atividade podemos tomar como parâmetro o “movimento” é advertir que nos fenômenos bioelétricos o que se “move” são “íons”. Nos bioquímicos “moléculas”. Nos neurônicos a mesma célula, estimulada por um impulso nervoso se conecta com outra se “move” produzindo sinapses. Nos hemáticos uma “molécula protéica”, etc. Vale dizer, no amplo marco da “vida”, que caracteriza a tal estrutura celular ou cérebro, distinguimos vários “movimentos” diferentes que provêm das distintas áreas de atividade funcional, como temos DISTINGUIDO estes movimentos, como se tem feito CLAROS para nós? Temos distinguido em primeiro lugar, porque não consideramos o cérebro em sua totalidade, como um todo orgânico, senão que fazemos abstração de certas partes: as células, as artérias, veias e tecidos, etc. E, em segundo termo, se tem esclarecido porque observamos o abstraído sob distintas luzes óticas.

Observemos a complexa rede da estrutura cultural. Quando dizemos que o pasu “pensa” estamos em um caso análogo ao de “cérebro vive”; implicamos a atividade essencial do organismo. O “pensar” é um estado de atividade essencial da estrutura cultural, análogo à “vitalidade” da estrutura celular do cérebro. Mas neste distinguimos certos movimentos, próprios das funções orgânicas, que ficam claros ao abstrair tais funções da totalidade estrutural e observa-las em separado, ou seja, ao ENQUADRAR FORMALMENTE A ÁREA FUNCIONAL E CONSIDERA-LA COMO FENÔMENO EM SI. Do mesmo modo um “pensamento racional do pasu” é um movimento DISTINTO E CLARO que se produz em certas regiões da estrutura cultural. Em outras palavras, o pensar é a “vitalidade” da estrutura cultural e o pensamento é “vivencia” de um sistema, em tal estrutura.

A estrutura esta, então, plena de atividade mental, como o cérebro “borbulhante de vida”. O pasu efetua uma operação racional e UM MOVIMENTO ESPECIAL SE PRODUZ “SOBRE” UM SISTEMA: È O PENSAMENTO RACIONAL. Mas entendemos agora por que aquela resposta devida ser interpretada literalmente. O pensamento racional é só uma atividade localizada SOBRE um sistema da estrutura cultural. Porém este “SOBRE” não deve dar lugar a equívocos: o pensamento não é uma atividade que ocorra na superfície dos elementos do sistema, não é neste sentido superficial que dizemos “SOBRE”. O pensamento é ALGO DISTINTO DO SISTEMA e por isso ocorre SOBRE o sistema; pode deslocar-se de um sistema ao outro ou permanecer SOBRE um deles. E tudo isto pode fazer

porque o pensamento racional é a vivencia do sistema ou o sistema vivenciado como pensamento, ou seja, efetivamente mentalizado durante o pensar.

Uma maneira análoga de imaginar o fato de que em uma estrutura cultural ocorre um pensamento racional sobre um sistema é supor que nesse momento o sistema se ILUMINA. Por exemplo, em uma estrutura da figura 12, o pensamento de um "sistema cúbico" faria "iluminar" somente os noves nós e os vinte enlaces do cubo em nenhum outro nó adjacente. Na base a tal suposição, que já veremos não carece de todo de fundamento real, falaremos analogicamente de que tal ou qual sistema "foi iluminado pelo pensamento".

Perguntávamo-nos no início como seria um pensamento racional do pasu e agora sabemos que ele mesmo se produz como parte da atividade do pensar em que consiste a vitalidade da estrutura cultural, SOBRE um sistema e que este se ilumina quando isso ocorre. Agora bem, estes pensamentos não se produzem espontaneamente na estrutura cultural, mas são causados por qualquer dos dois primeiros sujeitos: ou pelo sujeito instintivo, vale dizer, pelas duas operações da razão; ou pelo sujeito cultural, o qual somente existe, naturalmente, a posteriori da estrutura cultural.

Até agora consideramos a "razão" como estruturadora de esquemas, mas é fácil advertir que a esfera sensorial nem sempre é afetada por novos entes ou que a razão pode efetuar operações mentais não referidas a entes externos. Por mais primitivo que seja o pasu, sempre pode efetuar abstrações intuitivas sobre os entes, ou seja, pode diferenciá-los, extraí-los dentre os restantes entes, e pode, também, decidir sobre estes. Nestes casos, ainda que a estrutura cultural esteja em processo de formação e ainda que não exista um sujeito cultural independente, as operações da razão fazem as vezes de "sujeito instintivo" e são capazes de produzir pensamentos na estrutura cultural. O processo é o seguinte: a segunda operação da razão estabelece referências entre Arquétipos da memória arquetípica ou, o que dá na mesma, na rede neurofisiológica do cérebro se geram por sinapses certos caminhos bioelétricos; o pensamento racional se produz porque, SIMULTANEAMENTE com tal atividade cerebral, se "ilumina" um sistema da estrutura cultural, ou seja, o pensar cultural percebe a vivência de um sistema. A pergunta é: em virtude de que processo o "caminho neurônico" se transfere da estrutura cultural como "sistema"? Resposta: Entre a memória arquetípica ou estrutura do cérebro e a estrutura cultural funciona uma CORRESPONDÊNCIA BIUNÍVOCA

Devemos esclarecer que aqui o termo "biunívoco" está no sentido de "correspondência em ambos sentidos" das estruturas e de nenhuma maneira implica um homeomorfismo matemático senão ANÁLOGO. Trata-se, pois, somente de um conceito didático utilizado por comodidade, como todo modelo estrutural também o é, sem prejuízo de que tal modelo possa

descrever ou não a verdade dos fatos reais. Somente seremos capazes de assegurar que, na correspondência biunívoca entre uma configuração bioelétrica produzida no cérebro pelo sujeito instintivo e a estrutura cultural, se transfere a esta um esquema equivalente que conserva da primeira tão somente suas invariáveis topológicas, ou seja, suas qualidades essenciais.

Ao dizer que entre ambas as estruturas existe uma correspondência biunívoca estamos afirmando a POSSIBILIDADE de que se produza a transferência dos sentidos, ou seja, que a atividade da razão produza pensamentos na estrutura cultural como que certos pensamentos da estrutura cultural, gerados nela pelo sujeito cultural, causem atividade na memória arquetípica. No entanto, já esclarecemos, somente pode haver transferência no último sentido a posteriori da estrutura cultural, ou seja, quando realmente existe um sujeito cultural no pasu.

Em resumo, em duas estruturas biunivocamente correspondentes como as que temos descrito, existe SOLIDARIEDADE FUNCIONAL e, como conseqüência, SIMULTANEIDADE DE PROCESSOS. É dizer que, "ATIVIDADE" é uma estrutura, implica "SIMULTÂNEA ATIVIDADE" na outra. Um movimento da razão causa um movimento simultâneo na estrutura cultural: a iluminação de um sistema, por exemplo, mas um POSSÍVEL movimento na estrutura cultural, a iluminação de um sistema, por exemplo, causa simultaneamente a atividade da função racional. Estamos assim, diante de um círculo vicioso no qual não parece fácil decidir, DADO UM MOVIMENTO SIMULTÂNEO EM AMBAS AS ESTRUTURAS, qual é a causa e qual é o efeito. Mas a solução já foi adiantada: no pasu o pensamento é produzido habitualmente pela atividade do sujeito racional.

No comentário B deste inciso perguntamos: qual é a força que move a razão do pasu? E a resposta foi: a "vontade instintiva". Esta seria, pois, a "força" que põe em movimento a atividade simultânea das estruturas cultural e cerebral. Mas no inciso "Estrutura psíquica do animal-homem ou pasu", a vontade instintiva se definiu como "ajustada a múltiplos padrões de conduta" que motivavam "que o comportamento fosse quase mecânico". A conclusão que se pode tirar de tudo isso é a seguinte: o pasu possui a possibilidade de desenvolver um sujeito psíquico que gere seus próprios pensamentos e cause a atividade da razão. Enquanto essa evolução se realiza, e, no entanto não dispõe de um sujeito independente da razão, a "vontade instintiva" determina a função da razão de acordo às formas dos padrões de conduta. Naturalmente, tais "padrões" são formidáveis especializações do instinto animal elaborados a milhões de anos de evolução do Arquétipo Manú. Segundo veremos mais adiante, somente quando o Espírito Hiperbóreo foi aprisionado se conseguiu que nestes híbridos, os "viryas", se desenvolvam a esfera de consciência e o sujeito consciente. O microcosmo tendeu, assim, à AUTONOMIA ÔNTICA,

em par medida a da estrutura psíquica, controlada pelo sujeito consciente, tendia à CONSCIÊNCIA DE SI MESMO ou INDIVIDUALIDADE.

Como aqui estamos estudando "o pensamento racional do pasu" devemos esquecer no momento aos viryas e admitir que a atividade da estrutura cultural esteja habitualmente determinada pelo sujeito instintivo. Quando não opera o sujeito cultural. Em tais condições ocorre que, por causa de uma operação da razão, a qual atua motivada, por exemplo, por um padrão alimentar, se produz na estrutura cultural a iluminação de um sistema: é este um pensamento racional, a vivência do esquema de um ente. Da "profundidade" do pensamento dependerá que se vivenciem partes ou todos os elementos sêmicos de que se compõe o sistema cujo conteúdo é o esquema do ente. Mas não esqueçamos que definimos analogamente ao pensamento racional como uma abstração forma da estrutura, como vivência que se localiza sobre um sistema e, a partir dali, emerge até regiões elevadas da estrutura psíquica. Já veremos de que depende que tal ocorra, mas adiantamos que uma emergência tal de pensamento se experimenta como se fosse um fenômeno independente da estrutura cultural, como se surgisse espontaneamente nos estratos superiores da psique.

F - Significação e desígnio demiúrgico.

Consideremos a estrutura cultural e definamos nela o conceito de CONTINUIDADE. Em uma estrutura a continuidade é uma propriedade topológica, ou seja, qualitativa, que intuitivamente se pode definir como a possibilidade de "partir" desde um nó qualquer e "chegar" até qualquer outro somente deslocando-se sobre os enlaces; vale dizer: a continuidade exige que não se produzam interrupções durante o deslocamento. Isto é quanto a uma estrutura simples, semelhante ao modelo da figura 12. A estrutura cultural requer uma definição mais rigorosa. Suponhamos que, após aplicar a redução sistemática a TODOS os sistemas da estrutura, unimos cada Princípio com seu oposto por meio de uma Relação dialética, teremos assim, um conjunto de sistemas semelhantes ao da figura 13. Nesse caso, HÁ UMA CONTINUIDADE SE TODOS OS SISTEMAS DO CONJUNTO ESTÃO CONECTADOS ENTRE SI AO MENOS POR UMA RELAÇÃO CADA UM. Temos de destacar que este CONJUNTO de sistemas interconectados entre si possui características de uma estrutura.

A continuidade assim definida é uma propriedade topológica, uma pura qualidade da estrutura. Mas a estrutura cultural é um organismo vitalizado pela atividade mental: não existem PARA ELA partes nem qualidades separadas senão "vivência" de sistemas, pensamentos "sobre" a estrutura.

Cabe perguntar, pois, como é vivenciada a continuidade da estrutura cultural? (A pergunta) pela "vivência" de uma "qualidade" pode ser entendida analogamente: suponhamos que alguém estabelece que nosso esqueleto seja "contínuo", no sentido topológico-cultural antes apontado, e nos pergunta como vivenciamos tal qualidade, naturalmente a resposta somente pode vir de um auto-exame: dado que não podemos "sentir" o esqueleto ao menos podemos efetuar uma apalpação, com as mãos, de nosso corpo. Então uma resposta pode ser esta: a continuidade do esqueleto é PARA MIM a DUREZA que adquire a carne ao ser comprimida pelos dedos da mão em quase todo o corpo, tal DUREZA é CONTÍNUA porque posso ir desde qualquer ponto da dureza a qualquer outro somente deslocando os dedos sobre o corpo e sem deixar de perceber em nenhum momento a dureza interior. Que nos diz isso? Que a "qualidade" é vivenciada como atributo de outra coisa: a "continuidade" se transformou em "dureza contínua". Em outras palavras, a "dureza", que é também uma qualidade, ou seja, um adjetivo tem sido substantivada, coisificada, para logo ser predicada sua "continuidade" com o adjetivo "contínuo": "a dureza (coisa) é contínua". Resulta daí que a vivência da qualidade consiste em sua substancialização.

A resposta é a seguinte: NA ESTRUTURA CULTURAL DO PASU A "CONTINUIDADE ESTRUTURAL" É VIVENCIADA COMO "SIGNIFICAÇÃO CONTÍNUA". Eis aqui um conceito de extrema importância: a significação é um "contínuo". Mas, justamente, por sua importância, este conceito terá de esclarecê-lo.

Em primeiro lugar tem de se distinguir entre "significação" e "significado". Ambos os termos estão em relação como o geral ao particular, dentro de uma mesma espécie; por exemplo, como "estrutura" a "sistema" ou "pensar" a "pensamento". "Significação" é a vivência de uma qualidade da estrutura como tal, a qual somente pode obter-se se se experimenta um "pensar" total, não focalizado em nenhum pensamento, ou uma intuição de tal "pensar".

Mas "a significação é contínua", vale dizer, é algo substantivo, que subsiste como qualidade de toda a estrutura. Em troca "significado" é o "momento" da significação, o significado quando o pensamento ilumina um sistema.

Uma vez feita a distinção entre significação e significado tem que considerar que A UNIDADE DO PENSAR RACIONAL ESTÁ DADA PELA SIGNIFICAÇÃO CONTÍNUA. Então: O SIGNIFICADO DE UM PENSAMENTO RACIONAL É PARTE INSEPARÁVEL DA SIGNIFICAÇÃO DO PENSAR AO QUAL AQUELE SE ENCONTRA UNIDO NESSE MOMENTO.

No próximo inciso encararemos o estudo da significação contínua sob o aspecto temporal. Por enquanto convém fazer-se a idéia de que a significação é um HORIZONTE MENTAL no qual podem destacar-se como RELEVOS os significados. Quando o pensar, em que consiste a vitalidade da estrutura cultural, carece de pensamento, então o horizonte de significação permanece em um nível constante. De pronto, um pensamento ilumina um sistema. No horizonte da significação, NESSE MOMENTO, se destaca o relevo do significado.

O significado é assim, não um mero conteúdo, senão o fundamento do pensamento racional, a base subsistente sobre a que se assenta todo conteúdo. Dizíamos que o pensamento racional é a vivência de um sistema: agora sabemos que o significado é o fundamento do pensamento porque é a vivência da significação contínua NO sistema.

Mas o significado, enquanto relevo do horizonte da significação, manifestará GRAUS DE REALCE: o "maior" ou "menor significado" de um pensamento racional. Pois bem, OS GRAUS DE SIGNIFICADOS DEPENDEM DA "PROFUNDIDADE DO PENSAMENTO". Esclarecemos este conceito.

Ao contrário de um movimento meramente superficial, o pensamento racional, quando ocorre sobre um sistema, pode consistir em uma parte ou a totalidade dos elementos sêmicos do mesmo. A capacidade de um pensamento para incluir em sua vivência parte ou a totalidade dos símbolos de um sistema, ou seja, para perceber uma aparência ou a essência do esquema do ente, se denomina PROFUNDIDADE. Quanto mais "profundo" é um pensamento racional tanto mais elementos sêmicos do esquema possuem, tanto maior é sua "verdade".

Os graus de significado dependem da profundidade de pensamento, ou seja, QUANTO tenha sido vivenciado o sistema em termos sêmicos. Por exemplo, os graus do significado dependem que quão vivenciadas estejam, no pensamento racional, as DIMENSÕES da Relação: extensão, compreensão e potência. Mas a Relação é um símbolo complexo que expressa o esquema do ente, a interpretação do desígnio efetuada pela segunda operação da razão. Chegamos assim aos extremos do CONHECIMENTO RACIONAL (do ente externo): desígnio e significado.

Portanto, a essência do ente externo, o ser-para-o-homem, é o DESÍGNIO demiúrgico que se patenteia pelo descobrimento racional e constitui o extremo original do ato de conhecer. No outro extremo, no pensamento do ente o SIGNIFICADO é um grau de conhecimento determinado sobre a verdade do ente. E entre ambos extremos, desde cedo, é possível assinalar vários processos próprios no modo de conhecer racional, já

estudados anteriormente: ente externo, esfera sensorial, primeira operação da razão, desígnio, segunda operação da razão, esquema ou Relação, significado do pensamento do ente.

Digamos que o pensamento é o ato de pensar localizado sobre um sistema e agregamos que o significado é o fundamento do pensamento, o nível de referência sobre o qual se assentam aqueles conteúdos sêmicos do esquema que puderam ser vivenciados. Mas um sistema se compõe de Princípios e Relações e dependerá de quais desses símbolos sejam significados o tipo de idéia em que consiste o pensamento: se o significado se refere a um Princípio, então o pensamento consistirá em uma IDÉIA SEM IMAGEM; se o significado provém de uma Relação, o pensamento TEM POSSIBILIDADE de conter uma IDÉIA COM IMAGEM, mas isso dependerá da POTÊNCIA ATIVA da Relação, segundo se explicará no próximo inciso.

G – Palavra e desígnio demiúrgico.

O significado e o desígnio são os extremos do processo de descobrir o ente, mas com isso se cumpre a finalidade do pasu? De certo que não, pois tal finalidade exige que o significado RETORNE AO ENTE e assinale neste um SENTIDO. Neste artigo ficará evidenciada tal necessidade em forma geral. Também se fixaram as pautas que determinam o problema, ou seja, se o pasu é um ser evolutivo, em que momento do seu desenvolvimento deve tomá-lo para efetuar as descrições que mostram indubitavelmente sua finalidade de ser "doador de sentido", produto de cultura?

O termo mental do desígnio, do descobrimento do ente é, então, o significado. Mas a finalidade do pasu não é só "descobrir" os entes senão "pôr sentido" nos entes para que, do seio dos entes, SURJA A RAZÃO DO MUNDO. Esta RAZÃO é a que justifica a obra do Demiurgo e o OBJETO de seu prazer; é o "BEM" para onde deve apontar a finalidade do pasu, a meta de seu destino. Mas isso não é suficiente que o desígnio se revele à razão do pasu e seja CONHECIDO internamente: é necessário, fundamentalmente necessário, que o descobrimento se exteriorize, que o esquema do ente atravesse em sentido inverso a esfera sensorial e que se EXPANDA PARA FORA.

Este trânsito inverso e o modo como o significado retorna ao ente põe em primeiro lugar o problema da linguagem, cuja solução será objeto do próximo artigo. Mas agora, por exemplo, suponhamos que o significado se expressa por meio da PALAVRA, do nome que o pasu REATRIBUI aos entes

externos. O “expandir para fora” do nome impulsiona ao ente a gravitar em torno do homem com “sentido” próprio, transformando-se de “ente natural” em “objeto cultural”. Em outras palavras: o campo, a esfera de gravitação dos “entes da razão” é um âmbito especificamente humano denominado CULTURA; por esta razão, entendemos aqueles entes cujo desígnio se tenha estruturado como Relação em uma estrutura cultural, vale dizer, como esquema ou NOUMENO (sic). Temos de distinguir aqui entre o ATO PARTICULAR de descobrir o desígnio do ente e o ATO COLETIVO de expressar um conceito correspondente nos termos de uma linguagem. O “descobrimento” é o ato particular, próprio da estrutura psíquica do pasu. O “nomear” ao ente, ou outorga-lo sentido por meio de um sinal externo, morfema, ideograma, símbolo, etc., é um ato coletivo cuja forma, em geral, é a de um FATO CULTURAL.

É evidente: como “doador de sentido” o pasu deve EXPRESSAR externamente aquele desígnio que tenha sido capaz de descobrir internamente, mas tal EXPRESSÃO “carecia de sentido” se fosse emitida individualmente, se não se produzisse em um marco sócio-cultural que assegurasse sua perpetuação. Daí que o principal objetivo da sociedade pasu seja sustentar o “sentido” dos entes, ou seja, produzir cultura.

A cultura, entendida como fato social, depende para sua produção e desenvolvimento da COMUNICAÇÃO COLETIVA, do exercício de linguagens CUJOS SINAIS SEJAM SIGNIFICATIVOS PARA TODOS. As linguagens, segundo veremos, provêm da estrutura cultural e esta é produzida durante toda a vida pela memória arquetípica e a razão, ou seja, pelo cérebro. Por isso cabe advertir que o entendimento mútuo, entre membros de uma mesma comunidade cultural, não depende tanto da convenção de sinais significativos de uma linguagem como o fato biológico de que todos os cérebros são estruturas semelhantes. Em outras palavras: é a memória arquetípica hereditária, similar em todos os membros de uma espécie, a que possibilita criar estruturas culturais psíquicas análogas que derivem em linguagens de conceitos comuns.

Agora, e em tudo que se segue, é importante não esquecer que estamos estudando ao pasu NO ESTADO EVOLUTIVO QUE SE ACHAVA QUANDO SE DEU O APRISIONAMENTO DOS ESPÍRITOS HIPERBÓREOS. Nesse momento, ao cabo de uma longa história que aqui omitimos por motivo de brevidade, se havia transformado em inequívoco sujeito cultural. Entretanto, como já expusemos anteriormente, para chegar a tal estado se havia consumido um tempo tão longo que o desenvolvimento do Plano haveria de ser cedo ou tarde cancelado, ou seja, seu futuro como espécie somente poderia ser a extinção. Dela (extinção), segundo veremos, o pasu foi salvo pela Traição dos Siddhas.

De qualquer modo o pasu possuía, até então, os dois elementos básicos de todo produtor de cultura: instinto gregário altamente desenvolvido e comunicação coletiva mediante uma linguagem. Claro que tal comunicação era FONÉTICA e tão primitiva que o linguajar se compunha de muitas poucas vozes, ou seja, fonemas com significação de raízes.

O exercício de uma linguagem, por mais primitiva que seja, implica o fato de sua APRENDIZAGEM, e aprender significa "tomar algo dado". No caso da linguagem do pasu o que este toma ao aprender são as palavras, ou seja, a expressão fonética do desígnio dos entes, cujo significado é comum aos membros da sociedade tribal. Devemos compreender bem o fato da expressão fonética, assinaladora de sentido, antes de continuar o estudo da estrutura cultural. Antes de tudo há que repetir que os entes estão designados pelo Demiurgo desde o início de sua existência e que tal desígnio constitui a essência descoberta pela função racional, o ser-para-o-homem. Portanto, as palavras da linguagem pasu não foram criadas para designar entes senão que provenham da INTERPRETAÇÃO que a função racional efetuou aos desígnios a priori. Isto quer dizer que as palavras provinham da estrutura cultural; mais concretamente, dos enlaces ou Relações, ou seja, da interpretação arquetípica estruturada do desígnio dos entes. Uma palavra que nomeia um ente tem de refletir uma Relação da estrutura cultural, um símbolo complexo, e tem de expressar um significado. Esse significado, inteligível para todos os possuidores da linguagem, é o "sentido" do ente, o que permitirá SUA ESTRUTURAÇÃO EXTERNA COMO OBJETO CULTURAL.

Equivoca-se quem disto infira que com a expressão da palavra significativa se cumpra a finalidade do pasu. A verdade é que a palavra só expressa o significado do ente EM UMA LINGUAGEM: a cultura também consiste em MULTIPLICAR as linguagens comuns ou coletivas expandindo o alcance da significação dos entes e com isso intensificando o "sentido" do mundo, afirmando sua razão de ser. Isto se entenderá melhor quando estudarmos o próximo artigo, no qual se dá respostas às perguntas "que é linguagem"? - "qual a origem estrutural das distintas linguagens"?

H – As linguagens racionais do pasu.

No comentário 'F' mencionamos quatro fatos que aqui nos interessam particularmente. O primeiro é que a finalidade do pasu exige que o significado do ente, ou seja, o fundamento da idéia do ente seja EXPRESSO PARA FORA. O segundo é que tal expressão constitui um FATO COLETIVO ou "CULTURAL". O terceiro é que, por ser um fato coletivo, a expressão do significado deve manifestar-se nos termos de uma LINGUAGEM. O quarto é

que a cultura, ou seja, a atividade coletiva dos sujeitos particulares torna possível que, para a expressão dos significados, existam múltiplas linguagens.

Para aprofundar nesses quatro fatos convém colocá-los em forma de interrogações:

- Primeiro - como se expressa para fora o significado do ente?
- Segundo - o que é um fato cultural?
- Terceiro - o que é uma linguagem racional? e
- Quarto - qual a origem estrutural das múltiplas linguagens?

Entretanto, por motivos de metodologia explicativa, terá de se responder seguindo uma ordem inversa. Neste artigo se dará resposta às últimas perguntas e, nos próximos, as restantes.

H1 - O que é uma linguagem cultural?

Para responder esta pergunta necessitamos dispor do conceito de MODO ESTRUTURAL e vamos adquiri-lo intuitivamente observando a estrutura representada na figura 12.

Fica claro que se tenha denominado a tal estrutura “rede cúbica” porque seus nós e enlaces DETERMINAM A FORMA DE UM CUBO. Mas o que talvez fique evidente é que tal propriedade é um caso particular da seguinte lei geral das estruturas: TODA ESTRUTURA DETERMINA UMA FORMA. De onde: TODA FORMA, DETERMINADA POR UMA ESTRUTURA, É FUNÇÃO DA “MODALIDADE” ESTRUTURAL.

A lei geral se fará evidente se admitirmos que em toda estrutura, qualquer que seja sua trama, sempre se configura um determinado perfil formal. Mas, estabelecido o fato da forma, vemos que esta depende do MODO como estão dispostos os enlaces: podem unir-se com os nós para FORMAR um cubo, um octaedro, ou qualquer outro poliedro. Resumindo: a forma depende do modo em que estão estruturados os enlaces.

Em morfologia estrutural se emprega também o conceito de HOMOLOGIA, que serve para referir-se a estruturas FORMALMENTE SEMELHANTES. Mas nós diremos que tem a FORMA HOMÓLOGA àquelas SUBESTRUTURADAS constituídas em bases ao mesmo modo estrutural. Vale dizer: em uma estrutura podemos assinalar por inspeção e abstração, por exemplo, dois cubos SEM ENLACES COMUNS, tais cubos são, segundo nossas definições anteriores, das subestruturas. Então dizemos: as formas são homólogas; as subestruturas que determinam tais formas possuem a mesma modalidade, pois, da “modalidade” com que aquelas estão

construídas. Em que consiste o modo estrutural? Resposta: existe um PADRÃO FORMAL último, que não pode ser decomposto por redução. A modalidade de uma estrutura é o modo como tal padrão irredutível é reproduzido na arquitetura do sistema.

Logo, ao dizer "estrutura" podemos dizer também "sistema" e referir-nos ao "modo" como tal sistema se encontra estruturada, falar da "forma" do sistema.

Apliquemos estes conceitos à estrutura cultural. Temos visto que toda estrutura, segundo seu modo, determina uma forma; se a subestrutura considerada é uma Relação sua "forma" é o "esquema" do ente na qual ela consiste. Neste sentido o "modo" é uma espécie de quarta dimensão da Relação, junto à extensão, compreensão e potência: uma dimensão formal. Mas, devido a que o conceito de modo supera em muito os limites da Relação, já que sua extensão alcança toda a estrutura, convém considera-lo como uma DIMENSÃO DOS SISTEMAS.

O que é, pois, uma linguagem? Recordemos a operação que definimos como "função entre as Relações e os Princípios" e a qual denominamos "redução": ela permite simplificar sistemas de tal maneira que um sistema complexo pode reduzir-se a um conjunto de sistemas simples e, qualquer sistema simples, é factível de ser sintetizado como mostra a figura 13, a saber, como uma Relação entre Princípios opostos. Tendo em vista esta operação de "redução" podemos começar destacando que, antes de tudo, a linguagem é A OPERAÇÃO INVERSA DA REDUÇÃO ESTRUTURAL.

Mas a redução é uma operação INTERNA dos sistemas, o linguajar, por acaso, uma operação sistemática? Em efeito, de maneira mais geral, pode-se afirmar que: TODA LINGUAGEM É A POSSIBILIDADE QUE TEM A RAZÃO DE CONSTRUIR UM SISTEMA.

Trataremos de esclarecer o sentido desta afirmação. Especifiquemos, antes de tudo, como há de entender-se a palavra "construir" e para isso começaremos por destacar o mais óbvio: o ato de construir supõe uma matéria fundamental à qual se dispõe com ajuste a determinada ORDEM durante a construção. Por exemplo, uma casa se constrói com tijolos, uma figura geométrica com pontos, linhas e planos, e UMA ESTRUTURA COM NÓS E ENLACES. No sentido estrutural "construir" significa conectar nós com enlaces de acordo a um MODO FORMAL, ou seja, a uma ORDEM DE CONSTRUÇÃO, por exemplo: na estrutura da figura 12 a modalidade é "cúbica" porque o "padrão formal" que se reproduz em toda a rede é o cubo. Está claro, então, que em uma estrutura os tijolos, as peças da construção são os nós e enlaces e que o modo formal é a ordem com que tais tijolos se ajustam na edificação.

Acabamos de afirmar que toda linguagem é A POSSIBILIDADE DE CONSTRUIR UM SISTEMA. Com que se constrói um sistema-linguagem? Resposta: o elemento fundamental de toda linguagem é o SISTEMA SIMPLES, cujo esquema análogo vimos na figura 13.

É evidente que se uma linguagem que é UM SISTEMA está construída com “sistemas simples", só pode ser um SISTEMA COMPLEXO. Podemos, pois, completar nossa definição anterior e dizer: TODA LINGUAGEM É A POSSIBILIDADE DE CONSTRUIR UM SISTEMA COMPLEXO. Agora bem, esta afirmação nada nos diz acerca da FORMA em que tal possibilidade se faz efetiva, ou seja, acerca da MODALIDADE do sistema. Mas tal omissão está justificada porque a definição de linguagem como POSSIBILIDADE RACIONAL impede assinalar a priori o modo formal com o qual se tem de construir TODAS as linguagens possíveis: em suma, podemos efetuar um estudo formal de ALGUMAS linguagens existentes e qualificar sua modalidade, ou seja, o modo como estão construídas as estruturas internas do sistema complexo em que consistem. Nas linguagens existentes seu modo formal, ou seja, o modo como CRESCE o sistema complexo, denomina-se MODALIDADE LÓGICA ou simplesmente “LÓGICA INTERNA” do sistema.

Evidentemente, a pergunta pela linguagem não se satisfaz com que apliquemos como se constrói um sistema complexo. ALÉM DISSO, temos de saber que determinações introduzem o pensamento no fato da linguagem. Em efeito, temos visto que o pensamento racional é a vivência de um sistema (simples); mas, se tal sistema forma parte de uma linguagem, qual é a determinação que esta lhe impõe? Resposta: a linguagem determina o CONTEXTO SIGNIFICATIVO do pensamento. Para entender esta resposta recordemos que o significado de um pensamento o imaginamos como um RELEVO sobre o horizonte contínuo da significação; suponhamos agora que tal relevo seja análogo a um pico montanhoso elevado sobre uma geografia DETERMINADA. Desde o Norte, por exemplo, se destacam outras montanhas, no Sul um vale, A Leste um mar e a Oeste uma planície cercada por rios. Podemos ter uma idéia intuitiva sobre o “contexto significativo” do significado se chamarmos “contexto geográfico” do pico montanhoso às montanhas, vales, mares, planícies, rios, etc., que o rodeiam E LHE DÃO SENTIDO GEOGRÁFICO: um pico montanhoso não pode existir isolado de um contexto geográfico como UM SIGNIFICADO NÃO SIGNIFICA NADA FORA DO CONTEXTO SIGNIFICATIVO DA LINGUAGEM.

Também deve ser intuitiva a evidência de que o contexto significativo é função da modalidade lógica da linguagem; no exemplo anterior uma distinta “modalidade geográfica” faria que o pico montanhoso aparecesse rodeado de um contexto diferente.

Ao significado de um pensamento, considerado no contexto significativo de uma linguagem, denomina-se CONCEITO. Mas isto deve estar claro: SOMENTE NO MARCO DE UMA LINGUAGEM O SIGNIFICADO É “CONCEITO" Tampouco se confunda conceito com “sistema simples” por causa do pensamento e significado se originarem nos sistemas simples: como veremos a seguir, um sistema pode ser parte de várias linguagens e, portanto, ter vários contextos significativos que MODIFICAM A FORMA DO CONCEITO.

H2 – Qual é a origem estrutural das múltiplas linguagens?

No início deste artigo, na primeira pergunta pela linguagem, propusemos a interrogação pela origem estrutural das distintas linguagens. Para achar agora a resposta devemos considerar os elementos de construção da linguagem, ou seja, os sistemas simples que mostramos na figura 13. Uma linguagem se constrói com um ou mais destes sistemas aos que se estrutura em ordem a uma modalidade lógica particular. Recordemos em que consistem tais sistemas: Princípios e Relações. Os Princípios são representações psíquicas permanentes de Arquétipos Inatos; as Relações são esquemas de entes. E ambos os membros, Princípio e Relações, são termos sêmicos: os primeiros, símbolos simples e os segundos, símbolos complexos. O pensamento é a vivência dos Princípios e Relações constituídos em sistemas e seu conteúdo se ergue sobre o significado como idéias sem imagem ou idéias QUE PODEM ter imagem.

Dissemos, ao estudar a redução, que os Princípios, por serem símbolos simples são irredutíveis. Este caráter irredutível dos Princípios determina que o significado em um pensamento correspondente SEJA EVIDENTE POR SI MESMO, QUE NÃO PODE SER NEGADO. Por isso os Princípios da estrutura cultural são conhecidos como CONCEITOS PUROS DO ENTENDIMENTO, CATEGORIAS, PRINCÍPIOS MATEMÁTICOS, PRINCÍPIOS LÓGICOS, etc. Com “Princípios”, ou seja, com símbolos simples, se conformam os esquemas de qualquer ente e constituem as Relações. Indubitavelmente um sistema simples, formado por um Princípio e uma Relação, está determinado pela EVIDÊNCIA do Princípio. Daí que uma linguagem ou sistema complexo construído SOMENTE com certos sistemas simples como elementos fundamentais, repetidos de acordo a uma modalidade lógica determinada possa ser completamente diferente de outra linguagem elaborada a partir de sistemas distintos. A razão é, pois, capaz de construir múltiplas linguagens.

Bem, nestes sistemas, que trabalham como elementos fundamentais da linguagem e cuja evidência procede do Princípio interno, que classe de ente se

encontra esquematizado na Relação? Resposta: um “ente interno”. Os elementos fundamentais de uma linguagem, enquanto sistemas, NÃO SÃO, pois, DA MESMA CLASSE QUE OS SISTEMAS QUE PRODUZ O CONHECIMENTO DOS ENTES EXTERNOS.

Cabe perguntar, que diferença supõe que o elemento de linguagem seja o esquema de um “ente interno” com relação aos esquemas de entes externos? Resposta: o esquema de um ente interno consiste em um ou mais “símbolos arquetípicos” sem referência a entes externos. Recordemos que um “símbolo arquetípico” é um símbolo que só difere de um Princípio “na potência”, conceito este que se definirá no próximo inciso. Um Princípio possui “potência passiva”; um “símbolo arquetípico”, correspondente ao mesmo Arquétipo que tal Princípio, mas subestruturado em uma Relação possui “potência ativa”. Quando o esquema de uma Relação não corresponde a um ente externo, é um ente interno e, no caso que estamos considerando, parte de um elemento de linguagem ou sistema.

Como exemplos clássicos de linguagens existentes estão os idiomas e as estruturas matemáticas. Consideremos alguns “ELEMENTOS FUNDAMENTAIS” de tais linguagens. Se um símbolo arquetípico de uma Relação é substantivado ou coisificado e outro símbolo se enlaça ao primeiro como predicação de alguma qualidade o sistema constitui uma oração idiomática. Se um símbolo arquetípico e outro símbolo são enlaçados em função do primeiro, o sistema constitui um axioma ou uma equação matemática. Dependerá de quantas e quais orações, ou axiomas, se utilizem para construir a linguagem, e da modalidade com que estes elementos se reproduzam, o tipo de estrutura que possua a linguagem produzida.

Por outra parte, dado um número de axiomas particulares, é possível, por exemplo, definir certas Relações entre os mesmos, determinando assim a modalidade da estrutura matemática, que pode ser um grupo, anel, corpo, espaço vetorial, etc. E o mesmo pode exemplificar-se no linguajar idiomático: mediante certas Relações definidas entre as afirmações elementais ficarão determinadas distintas modalidades lógicas em estruturas sintáticas de juízos, proporções, sentenças, etc..

Seguindo com estes exemplos, é fácil compreender, partindo dos sistemas idiomáticos ou matemáticos, ou seja, orações ou axiomas é POSSÍVEL desenvolver estruturas de sistemas complexos, ou “linguagens”, com duas características principais:

Uma: os sistemas derivados dos “elementos fundamentais”, SEUS ESQUEMAS, NÃO GUARDAM CORRESPONDÊNCIA COM ENTES EXTERNOS.

Dois: os sistemas complexos não acabam de crescer, ou em outras palavras: os sistemas complexos crescem indefinidamente A PARTIR DE DENTRO.

Na estrutura cultural, a região onde se estruturam as linguagens, ou seja, SEUS "ELEMENTOS FUNDAMENTAIS" e aqueles sistemas construídos a partir deles, denomina-se ESTRUTURA HABITUAL. O resto da estrutura cultural, formada por sistemas com esquemas de entes externos é chamado ESTRUTURA REAL. Repare que, enquanto a estrutura real é permanente e a priori de toda linguagem, a estrutura habitual é a posteriori do conhecimento dos entes e está constituída por sistemas VIRTUAIS, necessariamente porque nos "elementos fundamentais" está subjacente a POSSIBILIDADE de sua construção.

Porém, segundo temos visto, as linguagens se originam em sistemas evidentes, fundados exclusivamente em símbolos puros. De que maneira pode a verdade de um ente externo ser compreendida pelos termos de uma linguagem? Resposta: pela aplicação da "faculdade tradutiva" do pensar racional, cuja medida é a "inteligência".

Consideremos a seguinte definição: INTELIGÊNCIA É A CAPACIDADE QUE POSSUI O PENSAR RACIONAL PARA TRADUZIR SEMIOTICAMENTE O ESQUEMA DE UM ENTE AO MAIOR NÚMERO POSSÍVEL DE LINGUAGENS. Tal capacidade chama-se FACULDADE TRADUTIVA. Esta definição nos indica que precisamos distinguir entre "esquema do ente" e "tradução do esquema de uma linguagem determinada". Mas o esquema é a "verdade" do ente na estrutura cultural, a interpretação racional da essência ou desígnio, e tal verdade TEM SIDO ESTRUTURADA A PRIORI DE TODA LINGUAGEM. Se ela pode ser traduzida a uma multiplicidade de linguagens significa que cada uma conterá somente UMA PARTE DA VERDADE DO ENTE, UM ASPECTO OU APARÊNCIA. Ou seja: TODA DEFINIÇÃO DE UM ENTE, EM QUALQUER LINGUAGEM, DESCREVE SOMENTE UMA PARTE DA VERDADE DO ENTE, É UM "SÍMBOLO INCOMPLETO".

Contudo ainda não sabemos como faz a inteligência para traduzir o esquema aos termos do sistema lingüístico. Daremos a resposta e logo, tal como costumamos, a explicaremos intuitivamente por meio de analogias estruturais. QUANDO O PENSAR RACIONAL DO PASU PROCURA APREENDER O PENSAMENTO DE UM SISTEMA (A VERDADE DE UM ENTE) NOS TERMOS DE UMA LINGUAGEM, SUA FACULDADE TRADUTIVA LHE PERMITE "VER" (OU NOTAR) AO SISTEMA NO CONTEXTO SIGNIFICATIVO DE TAL LINGUAGEM. ENTÃO, A VERDADE DO ENTE SE TRADUZ COMO "CONCEITO INTELIGÍVEL" OU SIGNIFICADO LINGÜÍSTICO.

O que faz a faculdade tradutiva é facilitar a visão do esquema a partir de determinada perspectiva, de tal modo que o contexto significativo do pensamento condiciona ao significado como “conceito” do esquema: o CODIFICA ou ANOTA em termos de linguagem contextual. Em rigor, a faculdade tradutiva consiste em APLICAR a estrutura habitual sobre a estrutura real para estabelecer correspondências semióticas: o sistema complexo virtual da linguagem é EXPANDIDO sobre o sistema do ente situando o esquema em seu contexto significativo; aqueles símbolos do esquema que correspondem com símbolos de linguagem se atualizam no conceito que, naturalmente, só pode conter um aspecto da verdade, alguns símbolos equivalentes ou NOTAS do esquema.

Pode-se adquirir uma idéia intuitiva de tudo isso observando atentamente a rede da figura 14. Em geometria do espaço se demonstra que “POR UMA RETA PASSAM INFINITOS PLANOS”. Em quatro desses infinitos planos que “passa” pelo sistema XX temos estruturado, com nós e enlaces, as malhas (ABCD), (EFGH), (IJLK), (MNOP). Suponhamos que cada uma dessas malhas forma parte de uma estrutura virtual de quatro linguagens diferentes e que o sistema XX representa o esquema de um ente externo. Nesse caso podemos afirmar que cada malha EM SEU PLANO é análoga ao contexto significativo de uma linguagem e que: O ASPECTO DO SISTEMA XX, NOTADO DESDE A PERSPECTIVA DO PLANO QUE O CONTÉM, É O “CONCEITO” DO ESQUEMA, VALE DIZER, O “SIGNIFICADO”, OPOSTO AO CONTEXTO SIGNIFICATIVO.

Os planos de cada contexto significativo denominam-se PLANOS DE SIGNIFICAÇÃO. É evidente que no sistema XX da figura 14 a verdade do ente pode ser “vista” ou NOTADA sob quatro “conceitos” distintos, ainda que pudesse sê-lo em muitos mais com somente agregar malhas de linguagens em outros planos de significação. Se tal rede pertencesse à estrutura cultural a “inteligência” consistiria na capacidade de NOTAR o sistema XX na maior quantidade de contextos significativos, por exemplo, em (ABXCDX), (EFXGHX), (IJXKLX), etc.

Acompanhando a figura 14 com a vista lateral da rede, representado na figura 15, podemos avançar analogamente na idéia de “conceito”.

O problema é o seguinte: se cada uma das quatro linguagens da figura 14 determina um “conceito” do sistema XX, que parte análoga do sistema XX, que porção de enlace cilíndrico, corresponde a cada um dos quatro conceitos? Resposta: cada “conceito” equivale a uma FATIA longitudinal do sistema XX cortada sobre o plano de significação das linguagens. Na figura 15 pode-se ver, em linhas de pontos, O PERFIL das quatro fatias, ou conceitos do sistema XX, determinados pelas linguagens (ABCD), (EFGH), (IJKL) e (MNOP).

Bem, os Princípios, segundo sabemos, são irredutíveis, pelo que a fatia do conceito somente pode ser cortada do enlace cilíndrico ou Relação.

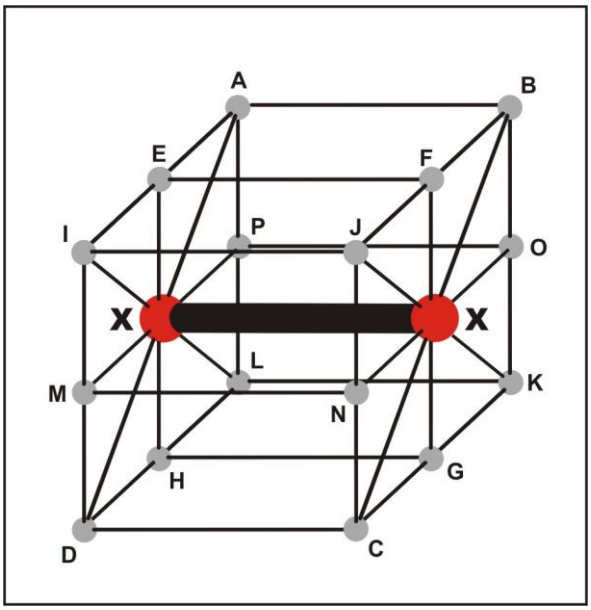


FIGURA 14

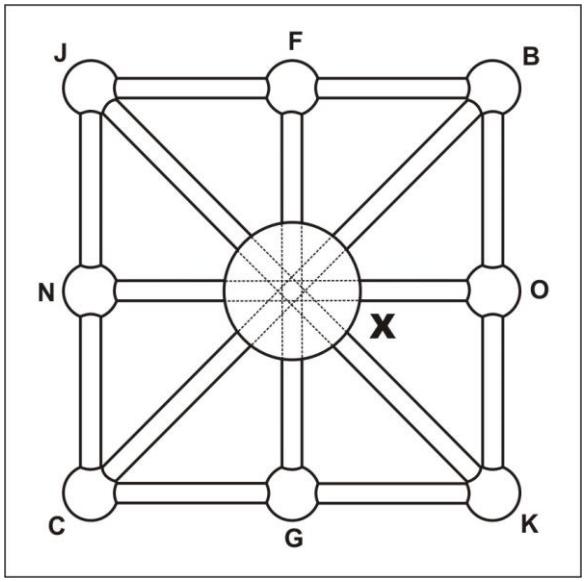


FIGURA 15

Na figura 16 temos representado uma dessas fatias de enlace que, analogamente, correspondem ao conceito.

Uma fatia de um enlace cilíndrico estará determinada pelas dimensões espaciais deste: longitude e volume. Analogamente um conceito está determinado pelas dimensões da Relação: extensão e compreensão.

Recordemos que a Relação é o esquema sêmico do ente: a extensão denota a classe de todos os símbolos simples que se subestruturam no esquema, a compreensão é a medida da verdade do ente; indica quão próxima está o esquema de representar o desígnio, quantas propriedades deste correspondem àquele, por isso a compreensão é análoga ao volume do enlace, ou seja, à compleição da subestrutura mesma. Estas duas dimensões determinam ao conceito e agora veremos como.

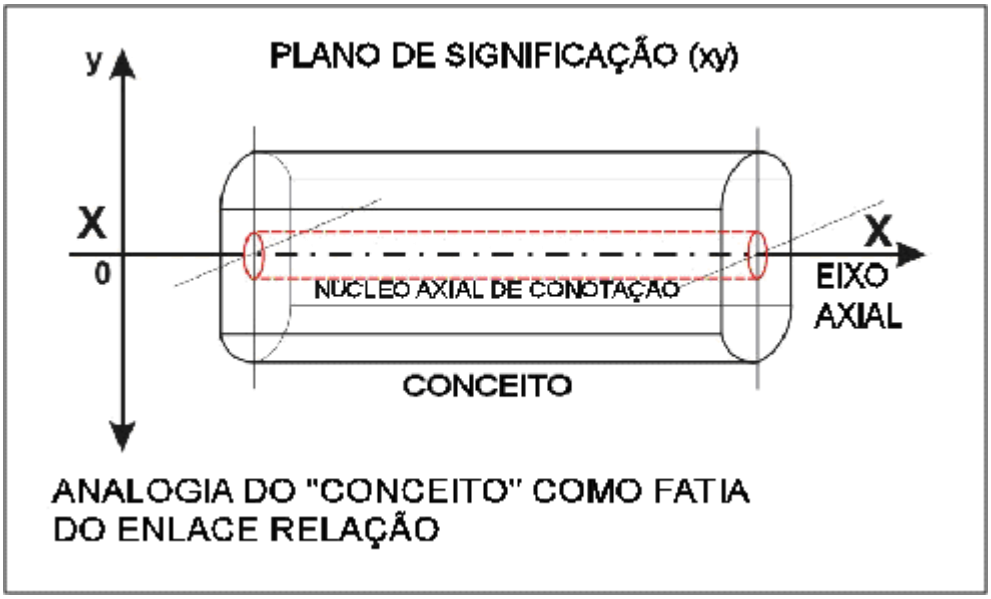


FIGURA 16

Em primeiro lugar observemos que se o conceito é uma porção LONGITUDINAL da Relação, então A EXTENSÃO DE UM CONCEITO É IGUAL À EXTENSÃO DA RELAÇÃO QUE SIGNIFICA. Por conseqüência, TODO CONCEITO TEM DE ABARCAR "SIGNIFICATIVAMENTE" A CLASSE DE TODOS OS SÍMBOLOS QUE ESTÃO SOB A EXTENSÃO DE SUA RELAÇÃO. Na continuação advertimos que o volume de uma fatia há de ser manifestamente menor que o volume do enlace cilíndrico do qual foi cortada. Isto significa que A COMPREENSÃO DE UM CONCEITO É SEMPRE MENOR QUE A COMPREENSÃO DE SUA RELAÇÃO. Para que a compreensão do conceito fosse IGUAL à da Relação, o volume da fatia deveria ser igual ao do enlace cilíndrico e isso só pode suceder no caso de a faculdade tradutiva situar a Relação em infinitos contextos significativos. Mas, vale insistir nisso, essa possibilidade marca o limite máximo teórico da inteligência de um pasu: teria que se ver como as repararia, um pasu tão inteligente, para expressar exteriormente esses infinitos conceitos em infinitas linguagens. Por certo que isto não implica que não se possa captar a verdade do ente em sua totalidade: isso ocorre quando a vivência do sistema é captada pelo pensar como pensamento de TODO o esquema; mas algo mui distinto é o tentar

EXPRESSAR esta vivência: então não há outra solução que encerrar a verdade no contexto de uma linguagem e manifestar seu conceito.

A extensão de uma Relação é uma dimensão QUANTITATIVA: determina a QUANTIDADE de elementos sêmicos que integram o esquema. Pelo contrário, a compreensão é uma dimensão QUALITATIVA, pois determina o GRAU DE VERDADE do esquema em função das QUALIDADES QUE CORRESPONDEM AO DESÍGNIO. De tais qualidades o conceito somente pode tomar algumas NOTAS, posto que sua compreensão seja sempre menor. E essa fatia de verdade, esse aspecto do esquema que tenha sido NOTADO no contexto significativo de uma linguagem, é o que o pasu expressa e divulga no mundo sócio-cultural, o que adquire FAMA e de converte em NOTÍCIA.

Em resumo, o conceito está determinado, também, por duas dimensões: extensão e compreensão. A extensão de um conceito é igual à extensão de uma Relação e se refere à quantidade de elementos sêmicos no esquema. A compreensão de um conceito indica quais NOTAS de seu conteúdo corresponde a qualidades ou disposições sêmicas do esquema, quão próxima está de coincidir com a verdade do ente.

Temos visto que uma Relação tal como a do sistema XX da figura 14, pode ser “vista” ou NOTADA em vários contextos significativos ou linguagens: os conceitos resultantes são análogos à fatia da figura 16. Observemos agora a figura 15 onde, com linhas de pontos, se destacam os perfis das quatro fatias (ou conceitos); cada uma das quais se encontra em seu plano de significação. É evidente que cada plano intersecta aos outros em uma reta comum, XX, que faz às vezes do eixo axial do enlace cilíndrico. Pois, o que certamente se intersecta no seio do sistema, são as linguagens mesmas, como pode se advertir na figura 14. Justamente, é a distinta OBLIQÜIDADE das linguagens o que possibilita a existência de múltiplos conceitos sobre uma mesma verdade. Tal intersecção de linguagens produz nas quatro fatias-conceito uma região comum ao redor do eixo axial XX, segundo se mostra na figura 16. Esta região, que se denomina NÚCLEO CONOTATIVO DO CONCEITO ou simplesmente CONOTAÇÃO, é uma dimensão própria dos “conceitos”, que agora vamos explicar.

Cada conceito COMPREENDE todas as notas sobre a verdade do ente notadas no contexto significado de sua linguagem. Mas o fato de que todos os conceitos de uma mesma verdade se sobreponham em uma região comum implica a comunidade de alguma classe de notas. Em outros termos: os conceitos de uma mesma verdade participam de certas notas comuns. Mas onde está a região das notas comuns? Segundo se vê na figura 16: NO PROFUNDO DO CONCEITO, OU SEJA, NO CENTRO DA COMPREENSÃO.

Por esta condição que, ao pensar PROFUNDAMENTE o conceito de uma verdade, causa percepção de segundos significados, ou seja, a CONOTAÇÃO de outros conceitos sobre a mesma verdade. O que ocorre é que a profundidade do pensamento conduz ao núcleo conotativo, ao eixo axial da Relação, ou seja, ao eixo onde se intersectam as linguagens, e por isso é possível deste ponto, VISLUMBRAR outros contextos de significação, notar outros conceitos conotativos. Daí que o acesso racional a uma ou mais completa compreensão da verdade de um ente consista em aprofundar o conceito ate encontrar um núcleo conotativo, procurando logo que a faculdade tradutiva exerça a intuição intelectual dos conceitos conotativos.

A possibilidade de alcançar o núcleo conotativo que está subjacente em todo conceito pode ter, também, outra importante utilidade: algo perceber o conceito conotante é factível AVANÇAR SOBRE O CONTEXTO SIGNIFICATIVO DE SUA LINGUAGEM e chegar até a estrutura habitual ou origem virtual de tal linguagem. Desta maneira se consegue reconstruir sistematicamente linguagens que até então eram somente virtuais, a saber, eram possibilidades da estrutura cultural.

É algo obvio, mas convém advertir aqui, que a mentalidade racional é refrataria a tomar caminhos oblíquos; ela costuma manter-se em UMA ou DUAS linguagens “horizontais”, sem aprofundar nos conceitos, sem atender aos núcleos conotativos e, fatalmente, sem interiorizar jamais em contextos de significação oblíquos.

A conotação tal como vem sendo definida aqui é uma “dimensão estrutural do conceito” e se refere à participação de vários conceitos na nota, comuns de uma mesma verdade. Entretanto os conceitos podem conotar também, ainda que debilmente, significados pertencentes às verdades de outros entes: é a denominada “conotação de significados contíguos”. Ela ocorre porque as Relações adjacentes da estrutura cultural podem estar SOBRE UM MESMO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO: então resulta que os núcleos conotativos de ambos os conceitos estão conectados pela linguagem comum e conotam mutuamente seus significados. Claro que esta não é uma verdadeira conotação, ou seja, o produto da intersecção de linguagens, mas um DEFEITO do pensamento racional ocasionado pela vagareza dos limites dos significados, que chegam a tocar os limites de um significado contíguo. Quando o pensamento racional se encontra em um sistema os limites do significado se define nitidamente no contexto significativo do conceito sem

chegar a tocar os conceitos adjacentes situados no mesmo plano de significação: então a única conotação possível é a que se produz pela intersecção de linguagens no núcleo conotativo do conceito.

Até aqui temos contestado a última pergunta. É conveniente agora, antes de ir para o próximo artigo, passar em revista as respostas obtidas.

À pergunta – o que é uma linguagem? – responde-se que é "a possibilidade de construir um sistema complexo" empregando como elementos fundamentais "sistemas simples" estruturados segundo uma particular "modalidade formal". Supomos assim mesmo que o "significado" de um pensamento, considerado no contexto significativo de uma linguagem, é o "conceito".

A pergunta seguinte, - qual é a origem estrutural das múltiplas linguagens? – nos permitiu saber que a estrutura cultural se compõe de "estrutura habitual" e "estrutura real". A estrutura real esta constituída exclusivamente por sistemas que contém esquemas de entes externos, ou seja, entes cujos desígnios transcendem a esfera sensorial; daí a denominação de "real": a realidade provém da efetiva "descoberta" do desígnio.

A "estrutura habitual", por sua parte, consiste nos "sistemas simples" das múltiplas linguagens com os quais a "faculdade tradutiva" PODERIA interpretar conceitualmente os esquemas da estrutura real. Os "sistemas simples" de uma linguagem são subestruturas de símbolos arquetípicos, atualizados por certa "POTÊNCIA ativa", e representam a "entes internos", ou seja, a Princípios ou combinações estruturais de Princípios. Segundo os "sistemas simples" que intervenham, e a modalidade lógica como se relacionem cada linguagem virtual, podem "expandir-se sobre" a estrutura real, em qualquer sentido, e determinar o contexto significativo do sistema real "vivenciado" ou "pensado". Então o "significado", que fundamentam o pensamento deste sistema, é "notado" em contraste com o contexto da linguagem e codificado como "conceito". Mas, sendo possível a aplicação ao sistema pensado de múltiplos contextos significativos expandidos desde a "estrutura habitual", resulta que o "significado" do esquema, fundamento do pensamento racional deste, pode ser apreendido pelo pensar sob a forma de múltiplos conceitos, cada um dos quais contêm parte da verdade do ente.

O “conceito”, como visão particular da verdade do ente no contexto de uma linguagem, fica determinado especialmente pelas dimensões da Relação que significa: extensão e compreensão. Às que se agrega uma nova dimensão, própria do conceito, chamada “conotação”.

Em síntese, as linguagens são SISTEMAS DE SIGNIFICADOS CONCEITUAIS. Mas sistemas que possuem uma parte “habitual”, ou seja, uma disposição para expansão sistemática “sobre” a estrutura real, que é causa da racionalização conceitual, e uma parte efetivamente “existente”, em continuo crescimento, formada pelos significados conceituais daqueles esquemas que são objetos do pensamento. As linguagens são assim, capazes de racionalizar conceitualmente qualquer esquema da estrutura real.

A racionalização sistemática da estrutura real consiste, não somente em codificar conceitualmente os esquemas de entes externos, mas também em AGRUPAR sistematicamente os conceitos de acordo a determinações cardeais e ordinais arbitrarias. Consegue-se assim que o grupo de conceitos forme um sistema e expresse um SIGNIFICADO GRUPAL, ou seja, se obtém “conceitos de conceitos”. Isto é possível, pois a “inteligência” é a faculdade de traduzir conceitos de uma linguagem a outra, de onde se infere que haja linguagens cujos conceitos podem conter “classes de conceitos” de outras linguagens ao ser aplicado sistematicamente sobre grupos de esquema. Por isso a capacidade de classificar é o principal efeito da inteligência e a base de todo método racional. Um exemplo de classificação sistemática constitui o método TAXONÔMICO da ciência que consiste em agrupar entes de acordo com sua homologia estrutural. Para isso se definem NOMES CIENTÍFICOS tais como: A ESPÉCIE, O GÊNERO, A FAMÍLIA, A ORDEM, A CLASSE, O FILO, O REINO, ETC.

O pensamento de um sistema, da verdade de um ente, ao ser pensado conceitualmente em uma linguagem pode ser classificado em outro pelo efeito da capacidade tradutiva da inteligência. Que relação existe entre esta capacidade e a finalidade do pasu? É o que se esclarecerá no artigo seguinte.

I - Finalidade e Suprafinalidade; linguagem e expressão.

No início do artigo anterior havia quatro perguntas, que foram destrinchadas para responder o que é uma linguagem e qual a origem de sua possível pluralidade. Restaram então, duas perguntas pendentes: como se expressa “para fora” o significado do ente? E o que é um fato cultural? Mas antes de responder à primeira, vamos ver novamente os termos do problema.

Segundo vimos a finalidade do pasu é “dar sentido ao mundo”. Para cumprir tal finalidade não basta outorgar "sentido" aos entes mediante alguma forma de expressão: é necessário também que tal “sentido” perdure e seja reafirmada uma e outra vez, após uma busca e descobrimento perpétuo do desígnio, de uma verdade que nunca acaba de se revelar completamente à razão. Esta busca, esta descoberta, essa reafirmação, agradam ao Demiurgo, formam parte do objeto de seu prazer. Requer-se, pois, uma “superestrutura” externa que sustente o “sentido” outorgado aos entes. Construir tais superestruturas é uma tarefa coletiva e as linguagens são as ferramentas com que está dotado o pasu para empreendê-la. Em outro inciso se estudará a constituição e o desenvolvimento das superestruturas, mas, por ora, basta saber que a “forma” determinada por uma superestrutura se denomina “cultura”.

A finalidade requer, em efeito, que o pasu seja coletivamente “produtor de cultura” e particularmente “doador de sentido”. Para isso se vale da linguagem e das linguagens. A resposta à primeira pergunta nos vai esclarecer de que maneira se cumprem estes requisitos.

I1 - Como se expressa "para fora" o significado do ente?

Comecemos pela finalidade e suprafinalidade. Nos entes, segundo explicamos, coexistem dois termos: a finalidade entelequial e a suprafinalidade de ser-para-o-homem. A finalidade entelequial é incognoscível racionalmente, pois depende do Arquétipo universal que sustenta o ente e evolui nele. Mas esta finalidade é tão somente a concretização de sua entelequia, o cumprimento de um Plano: seu desenvolvimento não proporciona mais prazer ao Demiurgo que ele já tenha obtido no começo da criação. Para suportar o peso da obra o Demiurgo requer que certos entes autômatos, ou pasus, “descubram” aos entes reais, os reflitam em si e lhes ATRIBUAM UM SENTIDO. O permanente descobrimento dos entes, a admiração, o temor, ou qualquer outro afeto pelo mundo, é a finalidade do pasu e o objeto de prazer do Demiurgo.

È assim que os entes são designados pelo Demiurgo usando um *bija* primordial que deve ser descoberto pelo pasu e racionalizado em sua

estrutura cultural. Este *bija*, este desígnio, este ser-para-o-homem, é a essência do ente, o DADO ao conhecimento, a suprafinalidade.

O desígnio é dado ao conhecimento racional, o que é tomado pela razão e interpretado como esquema, e o que é significado pelo pensamento do esquema. Mas nesse DAR O DESÍGNIO, o ente espera RECEBER O SENTIDO. Ou seja, o que foi DADO deve ser devolvido, restituído no ente, mas com um SENTIDO NOVO, "CULTURAL". Esse "sentido", EXPRESSÃO DO SIGNIFICADO, é o que o pasu PÕE no ente no lugar do desígnio, transformando ao ente em "objeto cultural".

O acordo entre finalidade do pasu e suprafinalidade do ente exige, assim, um movimento em dois sentidos: do ente ao pasu e do pasu ao ente. O primeiro trânsito já temos estudado fartamente. O ente externo, dado à esfera sensorial, revela seus desígnios que a razão esquematizada e a estrutura e o pensamento significa. Sobre o segundo movimento, que vai do significado mental do ente de volta ao ente, haverá de entender-se agora para compreender como o pasu cumpre sua finalidade.

Os extremos do primeiro movimento são DESÍGNIO e SIGNIFICADO; os extremos do segundo movimento são SIGNIFICADO e EXPRESSÃO. Com a expressão, em efeito, o pasu dá sentido aos entes, devolve estes, racionalizados, o desígnio que lhe fora dado. Chegamos assim, ao núcleo da interrogação - como se EXPRESSA para fora o significado do ente? – e comprovamos que todo seu peso recai no ato de "expressar". O que devemos entender por "expressar"? Resposta: assim como o conhecimento do ente, seu descobrimento começa pela transcendência com que o desígnio atravessa a esfera sensorial, assim A EXPRESSÃO é uma manifestação do significado que atravessa a esfera sensorial em direção contrária ao trânsito do desígnio, pela "expressão", o significado do ente retorna ao ente e lhe põe "sentido".

Mas, ocorre que tudo aquilo que provém do interior da esfera sensorial, e transcende "para fora", se manifesta necessariamente como MOVIMENTO CORPORAL. O corpo humano, por sua natureza orgânica, supõe uma multiplicidade de movimentos efetuados em todo momento, ou seja, continuamente, uns voluntários (dentro do que possa haver de voluntário na "vontade instintiva") e outros automáticos. Por exemplo, a respiração se compõe de movimentos rítmicos cuja função é produzir a troca de oxigênio por anidrido carbônico: estas fases ATRAVESSAM a esfera sensorial em ambos os sentidos. Considerem-se também os movimentos como produto da necessidade de se alimentar, procriar, etc. Ou por motivações psicoafetivas de qualquer índole, etc. A totalidade de movimentos exteriores se acha na CONDUTA do pasu, parte exterior do comportamento. O problema consiste em definir quando um movimento corporal é "expressão". Mas, tal definição,

somente poderá ser exposta depois de mostrar que os “movimentos interiores” à esfera sensorial, entre os que se destaca “o pensar”, e os “movimentos exteriores”, ocorrem em planos contínuos, paralelos e correlatos. Mas este fato mostraremos passo a passo.

Explicamos anteriormente que a significação contínua é o horizonte do pensar, a vitalidade imanente da estrutura cultural, assim como o significado é o fundamento do pensamento, a vivência de um sistema. Agora bem, “o pensar” é a faculdade que caracteriza o pasu entre os demais entes, uma atividade “interior”. Esclareçamos isto: a “interioridade” do pensar se entende “dentro dos limites da esfera sensorial”: fora dela estão os entes do mundo, o universal. Mas “dentro” da esfera sensorial o pensar é uma atividade contínua sobre o horizonte da significação contínua e “fora” da esfera sensorial, no limite entre ela e o mundo, existe uma múltipla atividade, produto da participação que o pasu, enquanto animal-homem exerce necessariamente com o mundo. O limite da esfera sensorial, “para fora”, é uma fronteira em contínuo movimento; ações e reações se desenrolam sem cessar. Os entes pressionam a sensibilidade, atuam “para dentro”, e o cérebro responde controlando e integrando os movimentos da motricidade, empurrando “para fora”, produzindo uma “conduta”, um comportamento exterior. O que queremos destacar aqui é que a continuidade interior do pensar é correlata com a continuidade exterior da conduta, COM O MOVIMENTO TOTAL que o pasu desempenha continuamente no mundo.

Devemos esclarecer que esta correlação “entre o pensar” e o movimento exterior não implica consciência alguma. O pasu ainda não possui consciência; seu “pensar” é estritamente racional, desenvolvido SOBRE a estrutura cultural: neste “pensar”, o cérebro é o suporte fundamental. Mas o cérebro é o centro de operações que controla e coordena todos os movimentos, estejam ou não sujeitos aos padrões de conduta instintivos. Todo movimento se reflete no cérebro e, por correspondência entre estruturas, na estrutura cultural, a qual está “vitalizada” pelo pensar. Existe assim correlação entre o pensar e o movimento exterior.

O corpo material do pasu é um microcosmo situado dentro de um macrocosmo ao que reflete em sua organização estrutural. Tudo nele se move, é um processo fenomênico, enquanto durar a vida. E esse contínuo movimento do microcosmo, tanto interior como exterior, é correlativo. Ou seja, a significação contínua, que constitui o horizonte do pensar, é correlata com o movimento exterior do pasu, com sua conduta. E aqui vem a pergunta-chave. Esta correlação entre o interior e o exterior, entre o mental e os movimentos do corpo material permite a significação contínua, em que consiste o pensar racional, manifestar-se exteriormente NOS contínuos movimentos corporais? Ou seja, há significação entre os movimentos do corpo material com os que o pasu se comporta no mundo? Assim feita a pergunta, a resposta só pode ser

afirmativa: sim; há significação no movimento exterior do pasu. Mas tal resposta é insatisfatória se não ficar claro que parte do movimento exterior é a "expressão". Antes de tudo há que se demonstrar aqui que estamos diante uma relação de geral a particular tal como pensar a pensamento ou significação a significado. Isto é: O CONTÍNUO MOVIMENTO EXTERIOR É PARA A EXPRESSÃO COMO A SIGNIFICAÇÃO CONTÍNUA É PARA O SIGNIFICADO. Ou, melhor ainda: A EXPRESSÃO É UM MOMENTO (SIGNIFICATIVO) DO CONTÍNUO MOVIMENTO EXTERIOR.

A significação contínua que se manifesta no mundo através dos contínuos movimentos externos, não pode dar "sentido" nos entes particulares porque é somente "horizonte mental", é correlato interior do contínuo existir no mundo. Daí que, se há um "sentido" que o contínuo movimento "dá" ao mundo, este se refere exclusivamente ao ente universal: O "SENTIDO" QUE O CONTÍNUO MOVIMENTO PÕE NO ENTE UNIVERSAL, SE DENOMINA "HARMONIA". E a "harmonia" se define também como uma relação geral entre os movimentos do microcosmo e o macrocosmo.

Mas, de pronto, sobre o horizonte da significação contínua se levanta um relevo: o pensar apreende um pensamento racional. Se o significado deste pensamento é pensado como conceito e, nesse momento, existe um movimento exterior correlato: esse movimento é uma EXPRESSÃO. A expressão é um momento do movimento exterior durante o qual o "sentido" do ente (particular) é posto no mundo.

Antes de seguir convém extrair uma importante conclusão. Em primeiro lugar, vamos destacar que somente o fato de existir e mover-se neste mundo fazem do pasu um "doador de sentido": O "ESTAR" DO PASU NO MUNDO É O FATO DA HARMONIA. O macrocosmo refletido em sua totalidade pelo microcosmo FAZ DESTE UM ENTE PARTICULAR e, portanto, depositário de um desígnio. E esse desígnio que faz do pasu o que é, é devolvido ao macrocosmo pela significação harmônica do contínuo movimento de seu ESTAR. Em segundo lugar, digamos que o conhecimento deste fato é o fundamento desta antiqüíssima sabedoria que afirma a dança, e a arte marcial, como modos de expressão harmônica corporal.

Ocupemo-nos agora da expressão, esse momento da conduta, esse movimento corporal particular que "dá" um sentido no ente. Entre o pasu e o ente distinguimos um duplo movimento: desde o ente ao pasu e desde o pasu ao ente. No primeiro, o ente revela seu desígnio à razão e esta o interpreta como o esquema que é significado no pensamento: um MOVIMENTO CORPORAL, ou seja, a transcendência do ente à esfera sensorial, produz um MOVIMENTO MENTAL, a saber, o significado pelo pensamento. No segundo, pelo contrário, pensando como conceito, acaba em um

MOVIMENTO CORPORAL OU EXPRESSÃO. Este segundo trânsito nos lança, de pronto, duas interrogações.

Uma é: que expressa a expressão? Não o conceito porque este é uma fatia da Relação, ou seja, um aspecto do esquema do ente notado no contexto significativo de uma linguagem; o conceito jamais abandona a estrutura cultural, somente pode ser PENSADO.

A outra interrogação nos faz advertir que entre o ente e o pasu mede-se certa "distância". Em efeito, se a expressão doadora de sentido é um movimento corporal dirigido até um ente especialmente distanciado, como se salva esta distância, como se "põe" efetivamente o sentido no ente; graças a que aprisiona o significado no pensamento, salva as distâncias e se crava no coração do ente?

Para estas duas interrogações existe uma única resposta: A PROJEÇÃO DO SINAL. A pergunta "o que expressa a expressão?" se responde: o sinal projetado. E a pergunta "como põe, a expressão, o sentido no ente?" se responde: pela projeção do sinal. Assim, esta única resposta deve ser convenientemente esclarecida.

Descrevamos, antes de tudo, o movimento completo: O SIGNIFICADO, CONTIDO EM UM CONCEITO, É PROJETADO "ATÉ O MUNDO", EM DIREÇÃO A UM ENTE QUE SE ENCONTRA "ALÉM DA ESFERA SENSORIAL". A MANIFESTAÇÃO EXTERIOR DO PROJETO É A EXPRESSÃO DE UM SINAL; O SINAL, EXPRESSO POR UM MOVIMENTO CORPORAL, POSTO SOBRE O ENTE DE REFERÊNCIA. ESTE SINAL NO ENTE, QUE ASSINALA O SIGNO, CORRESPONDE AO SIGNIFICADO PELO DESÍGNIO DEMIÚRGICO DO ENTE, SOBRE O DESÍGNIO DADO, SE PÕE AGORA SOBRE O SIGNO.

O CONHECIMENTO DO ENTE É O PASSO DO DESÍGNIO DEMIÚRGICO AO SIGNIFICADO: POR ISSO A PROJEÇÃO DO SIGNIFICADO DE UM SIGNO, SOBRE O ENTE, É O RECONHECIMENTO DO ENTE. SOMENTE AO SER RE-CONHECIDO, AO SER ASSINALADO, O ENTE ADQUIRE "SENTIDO". O DESÍGNIO DEMIÚRGICO É O SER-PARA-O-HOMEM O OBJETO DE CONHECIMENTO: SOMENTE O SÍGNO HUMANO NO ENTE, O RECONHECIMENTO, LHE DÁ SENTIDO, LHE FAZ EXISTIR-PARA-O-HOMEM.

O ente começa a existir-para-o-homem quando assinalados com o signo e adquire um "sentido". Mas devemos advertir que tal "sentido" somente pode perdurar se o signo que o confere é também empregado por outros pasus para reconhecer e afirmar ao ente. O signo, em efeito, deve poder ser entendido

pela comunidade, aprendido e ensinado, perpetuado no mundo, ou seja, o signo posto no ente deve ser expresso culturalmente. Esta condição de finalidade do pasu determina que o signo se expresse como TERMO DE UMA LINGUAGEM, COMO REPRESENTAÇÃO DE UM CONCEITO.

Uma comunidade pode, assim, convir em certos signos para comunicar-se o conhecimento dos entes e sustentar seu sentido. Um conjunto de signos tais constituem A EXPRESSÃO DE UMA LINGUAGEM, não a linguagem em si, pois segundo vimos, toda linguagem tem sua origem na estrutura cultural: UMA LINGUAGEM ESTRUTURAL É UM ORGANISMO VIVO E, POR ISSO, PODE CRESCER E DESENVOLVER-SE; OS SIGNOS SOMENTE SÃO PROJETOS, REPRESENTAÇÕES, DOS CONCEITOS E OS SISTEMAS DE CONCEITOS.

Não deve oferecer dúvidas que "ser doador de sentido" nos entes é o principal objetivo da finalidade do pasu. A "cultura" é um modo de cumprir com tal finalidade, um modo sistemático e racional. Por isso as linguagens, que são a base fundamental da cultura, não cumprem um fim em si mesmo senão que instrumentalizam e determinam o "sentido" posto nos entes. Mas de fato, se poderia expressar um significado e por "sentido" em um ente sem empregar nenhuma linguagem; claro que nesse caso o ente somente teria sentido para uma pessoa: aquela que lhe descobriu. Para perpetuar coletivamente o sentido particular posto nos entes é que o significado se nota no contexto de uma linguagem e se projeta como signo conceitual; um signo que converte em consigna cultural. MAS ESTA SEGUNDA CONDIÇÃO DE FINALIDADE, "A PERPETUAÇÃO CULTURAL", NÃO DEVE FAZER-NOS ESQUECER JAMAIS QUE O PRINCIPAL OBJETIVO DA FINALIDADE É "A EXPRESSÃO".

Sem esquecer, então, o caráter instrumental que apresentam as linguagens racionais como conjuntos convencionais, que representam conceitos e se articulam segundo certos métodos, leis ou regras operacionais, vamos prosseguir estudando a "expressão" dos signos. Tenhamos presente, em primeiro lugar, três conclusões anteriores.

Uma: toda expressão é um movimento corporal.

Dois: Só é expressão aquele movimento cujo signo representa a um conceito.

Três: todo signo é o projeto de um conceito. De acordo com estas conclusões, os signos podem ser expressos de muitas e distintas formas; vejamos alguns poucos exemplos.

EXPRESSÃO FONÉTICA: os signos constituem vozes de um idioma, fonemas ou morfemas que representam conceitos e podem ser combinados entre si para expressar significados mais complexos; a projeção fonética de um conceito é, então, a palavra. Entretanto, dentro da expressão fonética há que incluir outros signos acústicos NÃO produzidos pela garganta humana senão por qualquer outro meio ou instrumento e cujos tons expressam um significado convencional, por isso o canto, mas também a música, formam parte dos múltiplos modos da expressão fonética.

EXPRESSÃO SIMBÓLICA: trata-se de convir coletivamente no uso de certos ENTES DE SIGNIFICAÇÃO, ou seja, SÍMBOLOS, gráficos ou de outro tipo, cuja função é conter o significado para que seja reconhecido por todos em todo momento, evitando assim que o "sentido" se dissolva no ente universal como ocorre com a expressão fonética; os ideogramas, letras, símbolos matemáticos ou lógicos, sinais, etc., formam parte de tais signos.

EXPRESSÃO VISUAL: os signos são projetados visualmente sobre os entes; em combinação com a expressão simbólica permite o reconhecimento visual dos símbolos convencionais e sua introjeção na estrutura cultural, onde induz pensamentos de significados correspondentes.

EXPRESSÃO SUGESTIVA: por meio de movimentos corporais adequados se expressam signos convencionais que sugerem um significado. ETC.

Temos destacado as formas mais características que usa o pasu para expressar os signos. Com esta exposição fica praticamente respondida a pergunta como se expressa o significado do ente?". Entretanto, é conveniente agregar alguns comentários.

Primeiro – Comprova-se que, para o pasu, o verbo, a palavra, é logos, a voz, ou seja, a expressão fonética é quem sabe a mais importante forma de expressão, mas não a única.

Segundo – Destaca-se a importância da expressão para a projeção de signos e sua eventual leitura ou introjeção.

Terceiro – O que se "conhece" é o ente, seu desígnio "conhecido" é um "objetivo cultural", um ente ao qual lhe é "posto sentido", projetado, sobre ele, um significado conceitual, um aspecto da verdade representada por um signo que é consigna cultural.

Quarto – Por mais profundo que seja um conceito sempre será uma parte da Relação: sua compreensão será insuficiente para abarcar as notas da verdade ou esquema do ente. Por isso os objetos culturais são, invariavelmente, verdades incompletas, porque são projetos de conceitos.

Quinto – Daí que provém o parâmetro do “PROGRESSO” SOCIAL OU CULTURAL que se mede pela capacidade que uma cultura demonstra para compreender a verdade dos entes.

Sexto – A finalidade do pasu se cumpre em dois movimentos: “descobrir o desígnio” e “dar sentido” aos entes. Vale dizer: conhecer e expressar. O mais importante de ambos os movimentos é, evidentemente, o primeiro, posto que se um ente não é bem conhecido, se o esquema ou verdade do desígnio é deficiente, ele influirá inevitável na expressão do significado e o ente, como objeto cultural, será em muitos aspectos desconhecido ou obscuro. Mas o primeiro movimento segundo temos visto, depende da “sensibilidade”, da memória arquetípica ou cérebro, etc., ou seja, da especialização filogenética do pasu, de sua “evolução”. Em troca, o segundo movimento depende da faculdade tradutiva, ou seja, da inteligência posta em definir o conceito no contexto significativo de linguagem, e da qualidade de linguagens nos que está habituado para expressar a verdade. O “progresso cultural” depende, pois, da “evolução” para conhecer e da “inteligência” para expressar.

Sétimo – Dado um objeto cultural, à medida que uma maior evolução e inteligência o permitem, o pasu lhe porá progressivamente maior sentido, o acercará cada vez mais a sua verdade. O “progresso” é, assim, uma DIREÇÃO que assume a finalidade do pasu: ir do imperfeito ao perfeito, do desconhecido ao conhecido, do obscuro ao claro. Esta direção até onde a qual progride a finalidade do pasu se denomina AMOR.

Oitavo – Assim, cumprir com a finalidade imposta pelo Demiurgo à raça terrena dos pasus, é o BEM COMUM. Na marcha até esse Bem, a sociedade progride culturalmente indo do conhecimento os entes à projeção dos objetos culturais cada vez mais perfeitos, ou seja, progride obrando com AMOR.

Nono – O amor do pasu pela obra do Demiurgo é seu modo de ser, sua pauta existencial. O desígnio do ente lhe é dado pela suprafinalidade demiúrgica; a expressão do significado lhe é posto pela finalidade do pasu, o “sentido” depositado no ente. MAS ESTE “POR” É UM ATO EFETUADO COM AMOR: um reconhecimento do ente que não desdenha sua futura perfeição. Por isso a cultura, desde o começo, ou seja, desde a primeira expressão de um signo convencional, é um fato que aponta o Bem, algo bem feito, um ato de amor.

Décimo – Até aqui temos nos ocupado em estudar como a razão CONSTITUI a estrutura cultural, e seu funcionamento. Mas, tudo o que no macro e no microcosmo se CONSTITUI pode ser também DESTRUÍDO: a estrutura cultural, extremamente frágil, não escapa, sem dúvida, a este

princípio. Não convêm, pois, dar por terminado o inciso sem dizer uma palavra obre a possível destruição da estrutura cultural.

Observemos, antes de tudo, que a estrutura cultural pode ser destruída, TOTAL OU PARCIALMENTE, por três causas principais: por ACIDENTE, por VONTADE PRÓPRIA ou por INDUÇÃO. Destas causas somente a primeira, o ACIDENTE, é característica do pasu: a destruição voluntária ou por indução são casos cuja ocorrência é posterior ao aprisionamento espiritual.

O pasu, em efeito, representa no macrocosmo um "momento" do ciclo evolutivo da mônada. Sua manifestação física, como microcosmo POTÊNCIAL, obedece formalmente ao desenvolvimento de um Arquétipo Manú, NO QUAL DETERMINA TODAS AS ESTRUTURAS DE ACORDO COM A FINALIDADE. Deste fato inferimos que o pasu evolui CONFORME seu destino, sem que tenha jamais motivo para provocar uma destruição VOLUNTÁRIA de sua estrutura cultural. Está propenso, em troca, à destruição ACIDENTAL, a qual pode ocorrer, por exemplo, por causa da ingestão de elementos tóxicos ou narcóticos.

Em resumo, o pasu é incapaz de gerar idéias auto-destrutivas ou suicidas, pois as mesmas são totalmente alheias aos fins e propósitos da finalidade humana, ao destino que o Demiurgo planejou para o homem e que se encontra "escrito" no Arquétipo Manú. Segundo se verá mais adiante, nem ainda a crise mais intensa, o abismo mais profundo, poderia fazer sucumbir ao pasu já que o Demiurgo tenha previsto um sistema de recuperação baseado na ativa participação metafísica dos "símbolos sagrados": quando a crise ameaça fraturar sua consciência, com rachar as bases de sua história, a ação de certos símbolos permite ao sujeito anímico, à alma individual, transferir o controle do microcosmo a uma entidade coletiva, a um arquétipo psicóideo, evitando o colapso.

Pelo contrário, a idéia do suicídio ou autodestruição microcósmica, como método para salvar a crise e evitar uma situação insustentável, é característica do virya perdido. Como variantes de tal motivação suicida, e habitual causa da destruição da estrutura cultural, cabe mencionar a intoxicação produzida pela ingestão sistemática de álcool ou drogas. Trata-se aqui de uma destruição VOLUNTÁRIA, praticada com a intenção niilista de fugir de circunstâncias insuportáveis. Mas, contrariamente ao que afirma a psiquiatria ou a psicanálise freudiana, as tendências suicidas e até o stress não constituem sintomas de enfermidade mental senão de pureza de sangue: somente quem possui herança hiperbórea ativa é capaz de intuir ou compreender a maldade intrínseca da sociedade judaizada de nossos tempos. Se quem adverte o mal no mundo, quem se sente claramente indignado ou diretamente incapaz de continuar vivendo, opta por uma via suicida de escape, ele representa certamente um erro; mas tal erro não invalida o feito primeiro,

de haver encontrado o mundo judaizado do Demiurgo maligno e insuportável, E DE HAVER-SE SENTIDO ALHEIO A ELE. Comparado com o valor absoluto desta intuição gnóstica o erro cometido pelo virya perdido é mínimo, produto de uma INSUFICIENTE pureza de sangue QUE LHE IMPEDE ATUAR COM HONRA: daí a via suicida eleita, mas, ainda que insuficiente, a pureza de sangue existe... e ela representa um valor em si mesma.

Como se estudará na Segunda Parte, o virya desperto dispõe de uma "vontade graciosa luciférica" que lhe permite reagir de muitas e diferentes maneiras frentes às situações críticas, SUSPENDENDO A TENSÃO DRAMÁTICA e pondo em descoberto o engano demiúrgico subjacente: atua, assim, com honra, evitando cair, como o virya perdido na tentação suicida.

Finalmente, temos de considerar a destruição da estrutura cultural causada pela INDUÇÃO externa. Para compreender este caso temos de ter em conta que todo virya, esteja consciente ou não disto, se encontra envolvido permanentemente em uma guerra total: qualquer que seja o posto que ocupe no campo de batalha, neste palco que é o mundo do Demiurgo, não poderá evitar jamais a influência das estratégias em jogo. Por uma parte a Estratégia 'O' dos Siddhas Leias INDUZIRÁ uma mensagem carismática conhecida como "Canção de A-mort" com o objetivo de impelir o virya a procurar pela libertação espiritual. Por outra parte a Estratégia sinárquica dos Siddhas Traidores aplicará toda sua pressão para INDUZIR ao virya a permanecer sujeito às leis cármicas do Grande Engano: é esta última influência a que destruirá a estrutura cultural não bem se apresentem indícios de uma possível reorientação estratégica do virya. Métodos clássicos, que ilustram a destruição por indução de origem sinárquica, o constituem as técnicas de "lavagem cerebral" que empregam serviços tais como a KGB, a CIA, o Shin Beth, etc. Ou as "mensagens guiadas", camufladas em campanhas publicitárias mundiais, cujo objetivo secreto aponta a certas zonas "brancas" da estrutura cultural. Ou a distribuição massiva de certas drogas que permitem o "hipnotismo à distância" e inibem ou destroem zonas da estrutura cultural, etc. E entre estes e outros terríveis métodos sinárquicos que poderíamos mencionar, não convém depreciar a árdua tarefa destrutiva que desenvolvem diariamente nos paises mais avançados do mundo os psicanalistas freudianos, quem (junto aos marxistas, sionistas, maçons, e liberais, em todo o mundo) conformam um exército de agentes habilmente treinados para lavar o cérebro e corromper a honra dos viryas perdidos.

Bem, qualquer que seja a causa, acidental, voluntária ou induzida, o conceito é que a estrutura cultural pode resultar total ou parcialmente danificada. A destruição total impede a produção de representações racionais e de representações conscientes, fato que converte ao virya em um perfeito imbecil. Entretanto o mais comum é a destruição parcial da estrutura cultural;

há que se distinguirem aqui dois casos: que a destruição se efetue na estrutura real ou na estrutura habitual.

Mas em que consiste tal destruição? Resposta: na ruptura dos enlaces entre nós, a saber, das Relações. Os Princípios não podem ser afetados de maneira alguma. Por isso no primeiro caso da destruição parcial o que ocorre é a desintegração sêmica de certas relações da estrutura real. Isto significa a desaparição sem rastros de alguns esquemas ou sua impotência para atuar estruturalmente, ainda quando o sujeito cultural rastreie toda a estrutura cultural para vivenciá-los. Como exemplo deste caso pode mencionar o conceito de PÁTRIA, que todos os marxistas têm destruído por causa da lavagem cerebral a que os submete o partido, ou a destruição do conceito ESPOSA ou CÔNJUGE, que pode haver-se produzido na estrutura cultural de um marido traído. Esses dois exemplos, um de "destruição induzida" e outro de "destruição voluntária", o comum é que a destruição COMEÇA pelo conceito, mas pode estende-se a todo esquema ou Relação: justamente as técnicas de controle psico-social da Sinarquia empregam esse princípio para causar a destruição seletiva de certos esquemas culturais inconveniente a seus fins. O "conceito branco", ou seja, o "objetivo" para onde aponta a Estratégia psico-social, pode ser destruído, se isso se consegue. Então ocorre a seguinte seqüência: "a destruição do conceito produz a destruição do esquema do ente"; "a destruição do esquema do ente causa a negação do ente". Existem, por suposto, algumas variantes intermediárias, como no caso que o conceito esteja seriamente danificado, mas sem que possa provocar a destruição da Relação. Então, o esquema poderá ser notado em outro contexto oblíquo, distinto do plano de significação do conceito afetado. Neste caso, paradoxo, de quem dispõe do conceito de um esquema em uma linguagem NÃO habitual, científica, por exemplo, mas carecem de conceito do mesmo esquema em outras linguagens habituais, incluindo o idiomático corrente. Esta contradição, por exemplo, se observa naqueles que tenham sido vítimas do "tipo sacralizante" do virya perdido, ou seja, do dogmatismo de sacerdotes e fanáticos de qualquer espécie: negam ou desconhecem coisas numa linguagem, mas aceitam e afirma em outra. Negam a mentira, mas mentem, negam a evolução da alma, mas aceitam a evolução das espécies animais. Negam o nacionalismo, mas impõem fronteiras nacionais, carecem de honra, mas afirmam a "ética profissional", etc.

Seja pela causa que for a destruição da estrutura real é sempre sistemática, isto significa que, como um estranho câncer, a destruição iniciada em um conceito pode estender-se ao seu esquema e, por contigüidade, associação, homologia ou qualquer outra lei natural, abarcar partes consideráveis dos sistemas culturais: todo um sistema de conceitos associados poderia ser desintegrado como efeito da lavagem cerebral induzida ou a intoxicação voluntária. E o que esta destruição pode ocasionar à estrutura superior da psique, ou seja, à esfera de consciência, é algo que logo se irá

compreendendo ao estudar os próximos incisos. Somente cabe agregar que, em virtude dos Princípios permanecem inalteráveis, ainda que as Relações que os uniam tenham desaparecido, o sujeito cultural só pode dirigir-se aos sistemas destruídos sem conseguir vivenciar os conceitos correspondentes: se experimenta, então, uma "lacuna cultural, um vazio do conhecimento que "antes estava", mas agora parece haver-se perdido para sempre". Mas, tal como já explicamos, se o dano da Relação não é total pode ocorrer que o esquema conote seu significado no contexto de outra linguagem oblíqua.

O segundo caso, citado anteriormente, é aquele em que a destruição parcial ocorre na estrutura habitual. Tal estrutura se compõe de Princípios e Relações, e estas últimas consistem em esquemas de entes internos. Os sistemas da estrutura habitual se denominam "virtuais" porque com eles se constituem as linguagens: a aplicação e a expansão da estrutura habitual SOBRE a estrutura real, em um plano de significação característico, é a causa dos sistemas de conceito ligados entre si de um modo formal ou lógico. Que efeito produz a destruição de alguns sistemas da estrutura habitual? Resposta: a impossibilidade de anotar certos esquemas no contexto da linguagem afetada. Alegoricamente, podemos imaginar que nos resulta impossível achar sentido a um determinado relevo geográfico devido à neblina que o rodeia. Sem dispor de um claro contexto, com o qual se integre, mas do qual se destaque, o relevo não significa nada. Analogamente, a destruição dos sistemas da estrutura habitual equivale a uma forma vaga ou ofuscada do contexto que impede notar conceitualmente o esquema vivenciado. Entretanto, se a destruição somente afeta a UMA linguagem habitual, sempre existe a possibilidade de notar o esquema em alguma outra linguagem. A lavagem cerebral, ouTRAUMA, ou CHOQUE, a intoxicação alcoólica, as drogas, etc., por exemplo, podem inibir parcial ou totalmente uma linguagem habitual, tal como a linguagem matemática ou a musical, e deixar intacta a linguagem idiomática corrente, ou vice-versa.

Dissemos no começo que "tudo quanto no macro ou no microcosmo se constrói pode ser também destruído", incluindo a estrutura cultural. Mas, em alguns casos não irreversíveis, "o que é destruído pode ser reconstruído". Tem validade este princípio no caso da estrutura cultural? Resposta: sendo tal estrutura uma construção essencialmente energética sempre existe a possibilidade de sua reconstrução CONQUANTO A DESTRUIÇÃO NÃO TENHA AFETADO O SISTEMA NERVOSO OU AO CÉREBRO. Recordemos que a estrutura cultural se ergue SOBRE a estrutura neurológica do cérebro ou memória arquetípica e que todos seus sistemas são construídos pelo sujeito racional ou razão que funciona nela; para reconstruir qualquer esquema ou sistema é condição imprescindível que o cérebro se encontre em perfeito estado.

Não obstante, a possibilidade apontada, de poder reconstruir a estrutura cultural, ou de construir a mesma com pulcra perfeição, a Sabedoria Hiperbórea não outorga à mesma nenhuma importância, pois suas vias secretas de libertação espiritual permitem a todo virya atingir ao conhecimento em forma gnóstica. A gnose hiperbórea, em efeito, brinda um conhecimento ilimitado, que não requer intervenção da razão ou da estrutura cultural porque se obtém fora da estrutura psíquica, em uma esfera chamada Ehre que há de criar com a vontade graciosa luciférica. Na Segunda Parte será exposta a forma em que o virya perdido deve atuar pra criar tal esfera superior.

Em resumo, o que importa para aprofundar a Sabedoria Hiperbórea e conhecer o Mistério do aprisionamento espiritual, passo prévio da gnose hiperbórea, e a pureza de sangue, a presença viva da linhagem hiperbórea, a recordação primordial, a Minne, a Voz do Sangue, o Símbolo da Origem, ou seja, UMA HERANÇA ESPIRITUAL que nada tem a ver com a estrutura cultural ou as funções do cérebro.

J – O que é um fato cultural?

A esta pergunta vamos responder brevemente, pois a Segunda Parte o "fato cultural" será objeto de um estudo detalhado.

Consideremos uma definição já adiantada: "cultura é a FORMA que determina uma superestrutura". Mas que classe de estrutura é uma "superestrutura"? Resposta: os membros de toda superestrutura são objetos culturais e homens. Segundo isto as superestruturas somente podem ser eternas, posto que integrem ao homem em sua complexão.

Agora bem, sabemos que uma "cultura" é algo que se forma para cumprir a finalidade do pasu e, como vimos a partir do comentário quinto, algo que "progride". Que se desenvolve até a perfeição: o "progresso" é racional, consiste em aumentar a compreensão dos entes, em aperfeiçoar os objetos culturais. Dessa visão racional do mundo, desse dar sentido aos entes, vão emergindo os objetos culturais que formam o CONTEXTO cultural do pasu. Mas os objetos culturais não são coisas simplesmente depositadas no mundo. Ao serem nomeados, ao receberem um sentido, vão sendo impulsionados a ocuparem um lugar RACIONAL junto a outros objetos culturais, a saber, a guardarem com eles certas RELAÇÕES SIGNIFICATIVAS. A área cercada de muralha; a muralha feita para proteção, mas com janelas para vigiar; a plataforma abaixo da janela que permite vigiar, comer e dormir; a cadeira contra a plataforma; o prato, a colher, etc.: que seria da colher sem o prato, o prato sem a plataforma em que se apóia, e esta sem a

luz da janela que permite ver o prato, etc?: Não existiria fato cultural em absoluto sem os objetos estarem estruturados racionalmente EM CORRESPONDÊNCIA COM A ESTRUTURA CULTURAL.

E assim, em cada ente que o pasu vai colocando sentido, surge um objeto cultural que se integra em uma superestrutura externa, cuja forma global se denomina “cultura”. E as superestruturas externas vão crescendo sistematicamente à medida que se incorporam novos objetos culturais, se aperfeiçoam os já existentes ou se estabelecem novas relações entre eles. Mas não deve crer-se ingenuamente que as superestruturas são meras projeções da estrutura cultural do pasu: pelo contrário, as superestruturas possuem “vida própria”, são capazes não só de integrar ao homem em sua complexão, mas senão de determinar sua vontade. Ainda que em outro inciso voltemos sobre o tema, podemos perguntar agora, qual é a “mente” que, analogamente ao sujeito cultural na estrutura cultural interna, anima estas superestruturas externas?n Resposta: uma classe de Arquétipos denominados PSICÓIDEOS ou EGRÉGOROS.

Naturalmente, o pasu, ao ir construindo a superestrutura vai, também, “alimentando” ao Arquétipo que a sustenta e que se desenvolve conjuntamente. Tal “alimentar” está constituída por energia psíquica aportada por toda a comunidade pasu e, devido à penetração de seus membros NA superestrutura, o Arquétipo psicóideo vem a representar uma espécie de “alma coletiva” ou grupal. No estado primitivo em que se achavam as comunidades pasu, nos tempos da traição dosSiddhas Traidores, seus membros se comportavam sujeitos a simples superestruturas. Mas tais “culturas” progrediam muito pouco ou nada... até que se produziu o aprisionamento dos Espíritos Hiperbóreos.

Finalmente: UM FATO CULTURAL É UM "MOMENTO" DE UMA "CULTURA". Um "momento" da cultura na qual, um ou vários homens e o universo dos objetos culturais, se estruturam na superestrutura cujo “sentido” total tem caráter circunstancial.

E, posto que a “direção” do progresso cultural é o amor e este progresso implica a permanente e contínua construção de uma superestrutura, se entende que o que liga e relaciona aos membros da mesma cultura seja o amor: amor por si mesmos, por seus próximos, por seus objetos culturais, costumes, etc. E os “objetos” de tal amor, qualquer que seja eles, sempre serão susceptíveis de aperfeiçoamento por causa da poderosa ferramenta que é a “expressão doadora de sentido”.

FUNCIONAMENTO DA ESFERA DE CONCIÊNCIA DO PASU

O pasu é um microcosmo situado dentro do macrocosmo. O Demiurgo, criador do pasu, PÔS UM SENTIDO no microcosmo, lhe assinalou uma finalidade: descobrir os desígnios; expressar os signos, produzir cultura. Para cumprir com tal finalidade o pasu dispõe de uma sempre crescente estrutura cultural, cujo funcionamento temos explicado no inciso anterior. Entretanto o pasu fracassou como espécie em sua missão cultural. Aqui vamos examinar o motivo principal do fracasso, para que se entenda a necessidade que houve de aprisionar aos Espíritos Hiperbóreos.

Para expor rapidamente o problema notemos que a causa do estancamento cultural radicava no escasso “desenvolvimento individual” do pasu. Se analisarmos os objetos da finalidade comprovaremos que, em efeito, esta descansa na capacidade “individual” do pasu como descobridor de entes. De nada vale que exista uma superestrutura exterior, para sustentar o sentido posto nos entes, se não se alimenta permanentemente com novo “sentido”, se não se descobrem novos entes e se expressam no mundo sua verdade. E esta tarefa é exclusivamente particular, depende somente da “capacidade individual” de cada pasu. É por isso que o cumprimento da finalidade exige, paralelamente, a evolução individual do pasu, a aquisição de uma, cada vez maior, “capacidade individual” para descobrir os entes.

Para evitar qualquer classe de dúvida temos de distinguir dois objetivos na finalidade, vinculados entre si ou “estruturados”: o OBJETIVO MACROCÓSMICO E O OBJETIVO MICROCÓSMICO.

O objetivo macrocósmico da finalidade é o já declarado: descobrir os desígnios propostos pela suprafinalidade e expressar mediante signos a verdade descoberta, pondo "sentido" nos entes que constituem a cultura. Este objetivo procura que se produza o maior BEM possível no macrocosmo; para ele, os pasus, constroem com AMOR superestruturas de objetos culturais ou "culturas" que produzem prazer ao Demiurgo: o prazer do criador que comprova que sua obra é permanentemente descoberta e valorizada ou reconhecida e revalorizada. Nos incisos anteriores já esclarecemos suficientemente os alcances e os propósitos do objeto macrocósmico da finalidade.

No presente inciso estudaremos o objetivo microcósmico da finalidade, cujo propósito aponta a melhorar a "capacidade individual" do pasu como descobridor de entes.

A - O objetivo microcósmico da finalidade.

Para cumprir o objetivo macrocósmico, para construir culturas em permanente evolução, é necessária uma evolução conjunta do microcosmo, um aumento na capacidade individual de descobrir os entes. A tese que aqui expomos é que, concluída na filogenia, a evolução do pasu continuava no desenvolvimento de um sujeito histórico microcósmico, ao que se denomina SUJEITO CONSCIENTE OU CONSCIÊNCIA. Tal sujeito "anima" a esfera de consciência que, segundo se verá, é também uma estrutura. A evolução deste sujeito é a que fracassou e impediu à humanidade pasu cumprir com o objetivo microcósmico da finalidade.

Deve ficar claro que a consciência é um "sujeito histórico" e, para demonstrá-lo, vamos recorrer à analogia. Já vimos como, ao por sentido nos entes, os pasus vão construindo superestruturas externas: a "forma", determinada por tais superestruturas, se denomina "cultura". Com o correr do tempo as superestruturas crescem ou se modificam e causam a variação das culturas. È pela influência superlativa do tempo que se considera a "História" como a mais importante dimensão de uma cultura. Mas quando começa a História de uma cultura? Resposta: no momento em que os membros de tal cultura se dão conta de um fato cultural passado possuir mais "sentido" que qualquer outro que alguém possa recordar. Esta resposta merece quatro comentários. Primeiro: o fato passado, que dá início à História, é o que tem mais "sentido" cultural e, portanto, sua recordação é o mais intenso e não o mais antigo; podem existir recordações de fatos anteriores, mas a História começa NAQUELE fato cujo sucesso é determinante do futuro da cultura: o nascimento de um herói lendário, suas façanhas, uma batalha, a fusão de duas nações, a vinda de um Deus ou de seus "enviados", a redação de um código, etc. Segundo: um fato cultural passado, cujo "sentido" é maior que outros, é um fato histórico. Terceiro: ainda que dois ou mais fatos históricos não estejam relacionados causalmente, estão historicamente a ficarem unidos por uma "linha" subjetiva mediante a qual os membros de uma cultura se remontam até o passado. Quarto: a História é, então, uma linha temporal de significação.

Tracemos agora um paralelo entre a superestrutura e a estrutura cultural. Em primeiro lugar ambas se vão construindo, vão crescendo à medida que transcorre o tempo. Mas a História de uma superestrutura, ou cultura, começa quando seus membros advertem que já tem História, que houve fatos passados que foram mais importantes que outros e inclusive que houve AQUELE fato cuja importância não pode ser superada por ninguém. O que é equivalente a AQUELE fato, origem da História, na estrutura cultural do microcosmo ou pasu? Resposta: o descobrimento de si mesmo, ente entre entes. Vale dizer: o pasu cumpre sua finalidade de descobrir dos entes desde que nasce; ninguém os ensina como fazê-lo porque o raciocínio é uma

faculdade hereditária; assim, vai construindo a estrutura cultural quase sem notá-lo, desígnio por desígnio, esquema por esquema, Relação por Relação, conceito por conceito, um dia, entretanto, descobre um ente, situado entre os entes do mundo, cujo desígnio o comove; ou seja, se propõe a si mesmo como objeto de conhecimento e se descobre, e esse descobrimento é o de maior significado possível; a estrutura cultural, desde cedo, já existia antes deste acontecimento, mas nada pode equiparar-se e nada pode ser igual depois do mesmo.

O descobrimento de si mesmo é o fato que assinala o nascimento da esfera de consciência, ANÁLOGAMENTE A 'AQUELE' fato histórico que marcava a origem da História de uma cultura. Ambos são fatos da maior significação e seu acontecimento vem a produzir um "cair em conta" da própria identidade; num caso: "individual", no outro: "coletiva" ou cultural. A esfera de consciência se inicia, então, em um "momento" da existência da estrutura cultural: começa a partir do descobrimento de si mesmo e se estende temporalmente como assento do sujeito histórico do microcosmo. A criação da esfera de consciência ha. de interpretar-se de modo análogo à construção da estrutura cultural por parte do sujeito racional ou "razão"; a posteriori do enlace entre Princípios e Relações, a estrutura cultural resulta "animada" pelo pensar, vale dizer, por um SUJEITO CULTURAL. Do mesmo modo, a posteriori da esfera de consciência, aparece um SUJEITO CONSCIENTE que a anima. Naturalmente, tais "sujeitos" são apenas aspectos de um único sujeito anímico ou "alma" do pasu, segundo se demonstrará no artigo 'E', a cujo ato o denominamos genericamente "pensar".

Temos visto que o objetivo microcósmico da finalidade procura melhorar a capacidade individual do pasu como descobridor de entes. Esta capacidade se aumenta efetivamente desde o momento em que o descobridor de entes se descobre a si mesmo, SE SABE INDIVIDUO DIFERENTE DOS DEMÁIS ENTES, ou seja, ADQUIRE CONSCIÊNCIA DE SI. (Mas a "consciência" do pasu não é ainda o Eu; este só aparece depois do aprisionamento dos Espíritos, segundo se verá mais adiante).

Sabemos já quando se inicia a consciência, mas o que mais nos interessa é conhecer que modificação introduz sua presença no pensar racional; ou seja, que dimensão ou característica do pensar nos demonstra inequivocamente que se trata de uma "consciência" e não de nenhum outro ato psíquico? Resposta: a intenção temporal do pensamento. Poremos às claras esta resposta mediante uma explicação estrutural.

No inciso anterior estudamos como se constrói uma estrutura cultural e com que elementos: Princípios e Relações. As Relações são esquemas sêmicos de entes que se caracterizam por três dimensões: extensão, compreensão e POTÊNCIA. A definição desta última dimensão, a

"POTÊNCIA", havia ficado pendente para o presente inciso: agora veremos que a POTÊNCIA de uma Relação guarda uma proporção, uma "ratio", com a intensidade que a intuição de "si mesmo" haja impressionado à sensibilidade do sujeito racional.

Comecemos por passar em revista aos passos do conhecimento racional.

Quando um ente dado impressiona a sensibilidade, a razão o remete e aplica contra a memória arquetípica; com a primeira operação elimina o Arquétipo universal e descobre o desígnio demiúrgico ou suprafinalidade; com a segunda operação configura um esquema do ente em base aos Arquétipos da memória arquetípica; a aplicação do desígnio contra a memória arquetípica implica uma direção da vontade instintiva do pasu, ou seja, uma INTENÇÃO; tal contato intencional com os Arquétipos produz sua atualização no "plano de realização" da psique, "em um substrato das esferas afetiva e racional"; os Arquétipos se atualizam na psique como Princípios cada vez que a primeira operação elimina um Arquétipo universal e uma só vez cada um; e também como Relações, para configurar o esquema do ente, todas as vezes que a segunda operação o requer; esta atualização dos Arquétipos se manifesta como representações sêmicas permanentes ou elementos da estrutura cultural: os Princípios são símbolos simples, as Relações são símbolos complexos. Mas os símbolos simples dos princípios, que são únicos tanto que Princípios podem estar repetidos incontáveis vezes nas subestruturas das Relações: a diferença entre eles, dissemos no 'B' do inciso anterior, radica na "POTÊNCIA"; os Princípios são "potências passivas” e as Relações "potências ativas".

Não ha. maneira de influir voluntariamente na seqüência operacional da razão: sempre que o conhecimento FOR RACIONAL a primeira operação eliminará o Arquétipo universal do ente e atualizará AUTOMÁTICAMENTE, o Arquétipo invertido na estrutura cultural. A intensidade intencional posta em jogo para produzir a atualização de um Principia é, assim, mínima e é por tal carência que a POTÊNCIA do mesmo seja "passiva". Mas as Relações, pelo contrario, são construídas com as atualizações de Arquétipos localizados intencionalmente pela segunda operação, sendo a POTÊNCIA "ativa" e proporcional à intensidade intencional com que se efetuou o descobrimento. Aqui nos ocuparemos especialmente das potências ativas que está subjacente nas Relações.

De quê depende a "intensidade intencional" com que se efetua a operação racional de esquematizar um ente? Resposta: da referência a si mesmo com que dito ente seja tomado pela razão. Naturalmente, se estamos falando de "referência a si mesmo" estamos admitindo um conhecimento prévio de si, a saber, a existência de uma "consciência". Em tal hipótese

resulta que nem todos os entes são iguais para si mesmo; nem todos são conhecidos com a mesma intensidade intencional: não é o mesmo uma pedra que um fruto; a intensidade intencional posta em esquematizar a pedra É diferente à empregada com o fruto; NO PASU, PARA SÍ MESMO, O FRUTO É MAIS IMPORTANTE QUE A PEDRA. POR ISSO OS ES-QUEMAS OU RELAÇÕES DE AMBOS OS ENTES ESTÃO REFERIDOS DE DIFERENTE MANEIRA COM RESPEITO À SÍ MESMO. E ESSAS DIFERENTES "REFERÊNCIAS" SE MANIFIESTAM NA DIFERENÇA DE POTÊNCIA DAS RELAÇÕES.

A dimensão "POTÊNCIA" de cada Relação está referida de particular maneira a si mesmo. Mas o "pensar uma Relação" é o "pensamento" racional; que determinação introduz no pensamento a referência a si mesmo da POTÊNCIA? Resposta: uma intenção temporal. É a mesma resposta anterior, que se irá tornando mais compreensível à luz da análise estrutural.

O pensamento de uma Relação pode adquirir pela referência a si mesmo de sua dimensão POTÊNCIA, uma “intenção temporal” determinada; e isso o converte em “consciente”, segundo explicamos anteriormente. O esquema de um ente, ainda que permaneça integrado na estrutura cultural, está POTENCIALMENTE referido a si mesmo, ao microcosmo: o pensamento de uma Relação ocasiona a atualização dessa direção em potência que é a referência a si mesmo, sendo assim (o pensamento) dirigido a sua vez, impulsionado, por uma intenção temporal. Dirigido para onde? Resposta: tal como a potência refere à Relação a si mesma, o pensamento consciente, temporalmente intencional, se dirige à “esfera de consciência” (ou de pré-consciência no pasu primitivo, figura 11). Esta resposta deve entender-se assim: a referência a si mesmo da razão não aponta um “centro” de individualidade porque nada parecido a isso existe no pasu. A estrutura psíquica ou plana de realização onde se atualizam os Arquétipos é o assento natural de si mesmo e até essas esferas brumosas se orienta a referência da razão, ficando plasmada na potência da Relação segundo a intensidade com que se atualizam os Arquétipos. A referência POTÊNCIA a si mesmo é a que se encarna no pensamento da Relação e o torna “consciente”, impulsionando-o além do substrato psíquico donde existe a estrutura cultural, até a “esfera de consciência”. Mas esta “atualização” que a referência POTÊNCIA produz no pensamento não é de Arquétipos senão de símbolos. São os símbolos do esquema os que se encarnam no pensamento e se tornam “conscientes” por estarem referidos, dirigidos a si mesmos. Um esquema cuja potência seja muito grande refere o pensamento a si mesmo com tanta força que este se “dispara” até a esfera de consciência, como “pensamento consciente” ou “consciência de uma Relação”. E esses pensamentos conscientes, mais atuais que outros delineiam o fio de união da consciência, analogamente aos “fatos históricos”, feitos culturais com mais “sentido” que outros; delineiam o fio da

História de uma cultura. Tal linha subjetiva demonstra que a consciência é o sujeito histórico do microcosmo.

De acordo ao exposto neste artigo, a consciência é um sujeito histórico que registra um "momento" de aparição, a partir da qual todas as Relações que se formem estarão, em maior ou menor medida, potencialmente referidas a si mesmo, ou seja, ao microcosmo, considerado ou intuído como ente individual. Os pensamentos de Relações, ou sistemas, são determinados por tais referências potenciais e impelidos à esfera de consciência, vale dizer, às capas superiores das esferas afetiva e racional para emergir "além delas". A esfera de consciência viria a ser, assim, o estado superior do pensar: CRIA-LA É O OBJETIVO MICROCÓSMICO DA FINALIDADE. Como já dissemos, esta esfera não se desenvolveu o suficiente no pasu e isso motivou seu estancamento cultural. De que depende o desenvolvimento da esfera de consciência? De uma faculdade do pensar que emana das potencias ativas das Relações e dirige os pensamentos além, tomando-a como CENTRO DE REFERÊNCIA INTENCIONAL-TEMPORAL. No artigo seguinte se estudará esta faculdade.

B - A "faculdade tradutiva", função da potência ativa.

No artigo "G" do inciso anterior definimos a "inteligência" e a "faculdade tradutiva do pensar racional". Recordemos tais definições: a "faculdade tradutiva" é a capacidade de traduzir o esquema de um ente a uma linguagem determinada; a "inteligência" é a medida da faculdade tradutiva: inteligência é a capacidade de traduzir o esquema de um ente AO MAIOR NUMERO POSSIVEL DE LINGUAGENS. Vimos também que a aplicação desta faculdade a uma Relação ocasiona que o esquema seja notado no contexto significativo de uma linguagem; desse modo o significado pela verdade do ente fica traduzido em um "conceito" cuja compreensão abarca só uma parte dos elementos sêmicos do esquema, mas, ainda que no artigo "G" fora descrita a função exercida pela faculdade tradutiva, não se achou explicação alguma sobre a essência de tal faculdade para evitar desvios para outros temas. Essa explicação é a que agora vamos estudar e que nos permitirá entender a formação da esfera de consciência.

Consideremos o processo do pensar racional. Um pensamento que "ilumina" um sistema e o relevo de um significado se perfila sobre o horizonte da significação continua. Mas a faculdade tradutiva nota o significado perfilado SOBRE DETERMINADO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO: o contexto significativo, que outorga significação ou significado, se "nivela" sobre tal plano particular. Sabemos que a faculdade tradutiva é a capacidade para tornar inteligível a verdade do ente em uma pluralidade de planos de

significação oblíquos: ENTRETANTO, QUALQUER QUE SEJA A INCLINAÇÃO DO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO, O PENSAMENTO SEMPRE É VIVENCIADO COM REFERÊNCIA A "UM PLANO HORIZONTAL". Isto ocorre assim porque A FACULDADE TRADUTIVA É UMA FUNÇÃO DAS POTÊNCIAS ATIVAS DAS RELAÇÕES: EM TODA RELAÇÃO EXISTE UMA REFERÊNCIA POTENCIAL Á ESFERA DE CONSCIÊNCIA, COMO "CENTRO DE REFERÊNCIA" DE SÍ MESMO, QUE NIVELA E TORNA HORIZONTAIS OS PLANOS DE SIGNIFICAÇÃO NOS QUAIS O SIGNIFICADO É NOTADO. Não importa, então, quão obliquo seja na estrutura cultural o plano de significação no qual a faculdade tradutiva tenha notado o significado de uma Relação: NO pensamento o significado, seu contexto, sempre será horizontal, AINDA quando a inteligência seja tão elevada como para permitir notar o significado em várias linguagens oblíquas. E a nivelação horizontal de planos de significação, que exerce a faculdade tradutiva sobre o pensamento, é, sem dúvida, a principal causa do equilíbrio mental.

Assim, pois, a “faculdade tradutiva” que permite notar o significado de uma Relação num determinado contexto significativo, é “uma função da potência ativa” de tal Relação: tal função consiste em REFERIR o plano de significação à esfera de consciência e causar, desse modo, a horizontalidade do pensamento. Logo, o pensamento de uma Relação, pensado sobre um plano de significação horizontal, supõe um significado notado no contexto significativo de uma linguagem, ou seja, supõe que o significado está expresso em termos sêmicos. E isto é assim tanto se o significado é projetado como signo pela expressão externa, como se atualiza na esfera de consciência como idéia. Mas todo pensamento referido à esfera de consciência tem sido notado pela potência ativa, em virtude de tal referência, de uma “intencionalidade temporal”. É esta qualidade que permite qualificar de “consciente” a um pensamento, segundo definimos mais atrás.

Para entender o processo formativo do “pensamento consciente” do pasu, especialmente para distinguir com clareza a diferença com o “pensamento racional” que estudamos no inciso anterior, devemos unir em uma só idéia quatro conceitos chave: potência, energia, intencionalidade e temporalidade. Induzir esta idéia será o objetivo nos próximos artigos.

C - Esquema de si mesmo e energia psíquica.

Sabemos que todo ente que seja objeto da intuição sensível será esquematizado racionalmente na estrutura cultural. As Relações, e os sistemas de Relações com Princípios que estudamos até agora, nos tem permitido entender de que maneira o desígnio descoberto dá lugar à verdade do ente

representada pelo esquema estrutural. Mas se TODO ente conhecido é indefectivelmente esquematizado, haverá que perguntar-se, então, pelo esquema que corresponde a si mesmo. Vejamos o problema mais claramente. O sujeito histórico do microcosmo, que temos denominado "consciência", começa a desenvolver desde o momento em que o decobridor de entes se descobre a si mesmo como ente entre os entes. O descobrimento de si mesmo revela de imediato a diferença entre o microcosmo, entre o individual, e qualquer ente do microcosmo. Esta diferença sujeito-microcósmico / sujeito-macrocósmico é evidente e inegável. Por isso, a partir do descobrimento de si, todo novo esquema de entes será referido a si mesmo: a dimensão potência de qualquer relação ATUA sobre o pensamento segundo tal referência até nivelar e tomar horizontalmente os planos de significação oblíquos. Bem, este centro de referência ao qual se referem, por sua dimensão potência, todas as Relações suscetíveis e ser "conscientes" e ao que temos identificado anteriormente como a "esfera de consciência", NÃO È simplesmente o "SI MESMO", o "MICROCOSMO", senão o "SI MESMO CONHECIDO", o "MICROCOSMO CONHECIDO", ou seja, o "ESQUEMA DE SI MESMO".

A esfera de consciência (ou de pré-consciência na figura 11) é na realidade um "esquema de si mesmo" configurado de acordo ao grau de conhecimento de si que alcance o pasu. Este esquema, segundo iremos vendo, adquirirá um caráter eminente com respeito aos demais membros da estrutura cultural. Poremos em relevo os aspectos mais importantes do esquema de si nos seguintes comentários:

Primeiro – A esfera de consciência ao ser um ESQUEMA de si mesmo, "É UM SÍMBOLO COMPLEXO". Entretanto, tal símbolo ESTÁ INCOMPLETO E EM PERMANENTE PROCESSO DE FORMAÇÃO. Como cresce, como se conforma, o esquema de si mesmo? Resposta: as contínuas referências a si mesmo, que determina a potência das Relações no pensamento, atualiza e agrega novos elementos sêmicos ao símbolo que constitui o esquema de si mesmo.

Isto quer dizer que a "esfera de consciência", por seu caráter esquemático, é, na realidade, um símbolo, e que tal símbolo se vai completando como efeito de certa espécie de pensamentos referidos ou intencionados até si mesmo. O "esquema de si mesmo", que começa a formar-se a partir do descobrimento de si mesmo, ou seja, quando se inicia o sujeito histórico, acompanha em seu porvir o desenvolvimento deste sujeito. A "HISTÓRIA DO MICROCOSMO", CUJA "LINHA SUBJETIVA" CONSTITUI A CONSCIÊNCIA DO PASU, É O ESQUEMA DE SI MESMO OU ESFERA DE CONSCIÊNCIA.

Segundo – A "história" do microcosmo é, assim, um esquema em permanente construção ao que denominamos "esfera de consciência". E a

esfera de consciência é o “centro” ao que estão potencialmente referidas aquelas Relações estruturadas em função de si mesmo.

Mas todo esquema surge da interpretação racional de um desígnio. É evidente que ao descobrir o microcosmo, em que consiste o ente-pasu, para si mesmo, há de ter-se revelado EM ALGUM GRAU seu desígnio. Mas não é menos evidente que tal relação SÓ PODERÁ SER COMPLETA QUANDO TODO O MICROCOSMO TENHA SIDO RACIONALIZADO, OU SEJA, QUANDO O ESQUEMA DE SI MESMO CONTENHA COMO VERDADE A TODO O MICROCOSMO. No artigo “F”, no quinto e sexto comentários, veremos em que consiste o desígnio de si mesmo e comprovaremos que sua descoberta, e as referências que esta motiva, implica uma “comoção” no sujeito racional. O esquema de si mesmo depende da evolução da mente, da capacidade atual, em todo momento, para apreender racionalmente o desígnio de si e interpreta-lo em um esquema o mais complexo possível. Em resumo, o esquema de si mesmo, a esfera de consciência, a história do microcosmo é um símbolo em formação que jamais acaba de completar-se porque o desígnio de si mesmo, ao que interpreta, jamais acaba de ser conhecido pelo pasu.

Para finalizar vamos confirmar o dito no inciso “Memória arquetípica e razão: a esfera de consciência é uma espécie de memória”. E somente o fato de que a esfera de consciência consista em uma “história” do microcosmo deve dar a idéia de que uma série temporal de sucessos psíquicos hão de estar necessariamente memorizados nela. O mesmo modo que a estrutura do cérebro pode ser denominada “memória arquetípica”, e a estrutura cultural “memória conceitual”, a estrutura ou esquema de si mesmo é chamada “memória representativa”. “Representativa” vai por motivos que veremos no artigo “F”.

Terceiro - Não obstante seu aparente porvir, ou seja, a permanente mudança que constitui seu progresso até a verdade completa, o esquema de si mesmo pode ser também "pensado" como os outros esquemas da estrutura cultural. Explicaremos. Todo esquema ou Relação é vivenciado pelo pensar como "pensamento", o qual se encontra fundamentado em um significado, próprio do esquema, que se perfila em relevo sobre o horizonte da significação contínua. O esquema de si mesmo é o que tem as dimensões máximas: maior extensão, maior compreensão e maior potência que qualquer outro esquema ou Relação. O “pensar” um esquema semelhante supõe a apreensão de um significado de hierarquia superior, pois a esfera de consciência é um centro de referência para todos os planos de significação. Vale dizer, o sujeito cultural tem a possibilidade de “conter” em um pensamento ao esquema de si mesmo; mas tal possibilidade é, justamente, a que assinala o início do “sujeito consciente”. O sujeito cultural, ao refletir sobre si mesmo, anima o esquema de si mesmo e se eleva como “sujeito consciente”. Pelo contrário, para o sujeito consciente, todos os esquemas da

estrutura cultural são inteligíveis, ou seja, tem significado em alguma linguagem.

Mas, se todo esquema de estrutura cultural resulta inteligível para a esfera e consciência, ela mesma, enquanto esquema de si mesmo, em que linguagem se torna inteligível seu significado? Resposta: a linguagem própria da esfera de consciência, em cujo contexto ela pode ser notada e entendida, "refletida", é a "HISTÓRIA IMANENTE". O significado da esfera de consciência ou esquema de si mesmo se expressa em uma linguagem histórica, ou seja, se manifesta ao entendimento como uma forma do tempo. Intuir o significado da esfera de consciência equivale a intuir a linha subjetiva do sujeito histórico imanente, a captar a unidade da consciência "como uma história".

Quarto – Naturalmente, fora este que é próprio, a esfera de consciência pode ser notada em qualquer outra linguagem e o conceito correspondente, expresso no mundo mediante sinais adequados. Interessa-nos agora destacar um de tais conceitos, que os viryas perdidos têm projetado nos últimos milênios.

Este conceito é o de ENERGIA, ao que se pretende derivar e outros entes por desconhecer-se qual é o verdadeiro esquema do qual procede. Mas. Sem importar a qual ente o APLIQUE a ciência, O CONCEITO DE ENERGIA EXPRESSA O SIGNIFICADO DA ESFERA DE CONSCIÊNCIA. Por suposto que um conceito que deve anotar ao esquema e máxima extensão e compreensão há de possuir também tais dimensões extremas, ademais de máxima conotação: a projeção do conceito energia em signos fisio-matémáticos, por exemplo, apesar da complexidade que patenteia, apenas alcança a insinuar o significado do esquema de si mesmo do qual procede. Por isso, ao afirmar que "as esferas psíquicas são de energia", dissemos mais atrás que não "aplicamos" o conceito de energia à psique senão que, por ser a psique de energia, existe conceito de energia.

Quinto – Se o conceito de energia expressa o significado da esfera de consciência podemos indagar em base a que propriedades da mesma se define a "energia psíquica". Em primeiro lugar observemos que o esquema de si mesmo varia, troca, se move: o "movimento" é, pois, a primeira propriedade da energia psíquica. Em segundo termo há que se notar que a esfera de consciência é o "centro de referência" até que apontem as potências ativas das Relações "históricas". A "duração" é, então, a segunda propriedade evidente da energia psíquica.

Mas, para que algo energético, um símbolo, por exemplo, DIRIGIDO até o centro de referência, possa chegar até ele, precisa que a energia seja

suficientemente INTENSA. A INTENSIDADE é, pois, a terceira propriedade importante da energia psíquica.

Até agora, sem destacar completamente outras propriedades, podemos afirmar que a energia psíquica se caracteriza pelo movimento, a duração e a intensidade. Naturalmente, com estas três determinações a energia psíquica é análoga a uma magnitude vetorial da Física.

D – Expressão energética do pensamento do pasu.

As referências potenciais que existem nas Relações introduzem no pensamento uma "direção", ou "intenção temporal", que o dirige até a esfera de consciência: estes pensamentos, "conscientes" em maior ou menos grau, são os responsáveis da troca progressiva que manifesta o esquema de si mesmo. Mas a mudança, o "movimento", ocorre na energia psíquica e sua causa está na potência ativa, em suas referências ao esquema de si mesmo. Em Física se tem definido também uma relação causal entre a potência e a energia que será conveniente ter em conta por seu valor analógico.

Uma forma de energia, o TRABALHO mecânico, se relaciona com a potência EM FUNÇÃO DO TEMPO em que tal trabalho se desenvolva:

Potência **(W)** .Tempo **(T)** = Trabalho **(A)**

$$W.T = A \quad \textbf{(1)}$$

Temos aqui, ainda que com diferenças de significado, três conceitos que intervêm na estrutura psíquica: potência, tempo e energia (trabalho). Voltaremos sobre esta fórmula.

Por outro lado, o trabalho mecânico se define como o produto de uma FORÇA pela DISTÃNCIA que se tenha usado em seu ponto de apoio:

Trabalho **(A)** = Força **(F)**. Distância **(D)**

$A = F.D$ **(2)**

Substituindo em (1) o valor dado ao trabalho por (2)

$W.T = F.D$

ou seja

$W = \frac{F.D}{T}$

mas como $\frac{D}{T} = V$, quer dizer, o quociente da distância pelo tempo é a VELOCIDADE:

$W = F.V$ **(3)**

A potência é, segundo (3), uma função da força e da velocidade.

Uma analogia com esta relação somente pode empregar quem dê premência à "idéias" por sobre as configurações estruturais da psique. Surgem assim, os conceitos e IDÉIA FORÇA ou VELOCIDADE DAS IDÉIAS. Pelo contrário, ao estabelecer correspondências análogas entre a psique do pasu e o modelo estrutural, nós nos ajustaremos às dimensões da fórmula (1), ou seja, à potência, ao tempo e à energia.

Vamos definir, então, uma função cujo domínio é A PRODUÇÃO DE PENSAMENTOS NA ESTRUTURA CULTURAL DO PASU e a qual denominamos "EXPRESSÃO ENERGÉTICA DO PENSAMENTO DO PASU".

Potência (W). Tempo transcendente (Tt) = Energia psíquica (Ep)

$$W.Tt = Ep \quad \textbf{(4)}$$

Insistimos que esta fórmula apenas tem a finalidade indutiva de facilitar a explicação. Se suspendermos por um momento os juízos científicos e nos ativermos à conclusão anterior que diz: “o conceito de energia significa a esfera de consciência”, não veremos com tanta estranheza a função (4).

Antes de utilizar a “expressão energética”, para explicar a produção de pensamentos conscientes, devemos ter claro quais são suas implicações. É o que destacaremos em três comentários:

Primeiro – A energia do pensamento racional depende, segundo (4), da potência ativa (W) e do tempo transcendente (Tt). Este tempo (Tt) é o que mede a DURAÇÃO do pensamento sobre a Relação e será definida mais adiante.

Segundo - A maior potência ativa (W) na Relação maior energia (Ep) no pensamento

Terceiro – O maior tempo (Tt) de duração da atividade Potencial maior energia (Ep) no pensamento.

Destes comentários a função (4) se desprende, tal como cabia esperar de uma expressão análoga, que a “potência ativa” e o “tempo transcendente” são CAUSA da energia psíquica. Vamos definir ambos os conceitos:

Uma Relação se define com base em três dimensões: extensão, compreensão e potência. Mas a Relação é na realidade o esquema sêmico de um ente, ou seja, um símbolo complexo, uma subestrutura e elementos sêmicos. A potência é o que permite aos símbolos SUBSISTIR como tais e permanecer estruturados. Mas não devem crer-se com isto que a potência é um mero “conteúdo” dos símbolos; ela é o princípio que torna possível a MANFESTAÇÃO dos símbolos no pensamento. Quando o pasu já possui, em conseqüência, esquema de si mesmo, a manifestação dos símbolos se efetua com a referência à esfera de consciência, a saber, intencionados, dirigidos a ela. O plano de significação, e com ele o contexto do significado, se tornam, então, horizontais para o pensamento. Recordemos que o pasu, no estado evolutivo que o estamos considerando, JÁ POSSUI, AINDA QUE INCIPIENTE, UM SUJEITO HISTÓRICO E UM ESQUEMA DE SI MESMO.

Podemos afirmar, pois, que: A POTÊNCIA É UM SUBSTRATO FUNDAMENTAL E TODO SÍMBOLO PSÍQUICO DA ESTRUTURA CULTURAL. POR ELA OS SÍMBOLOS "SUBSISTEM" E SE "MANIFESTAM" NO PENSAR, MAS OS "PRNCÍPIOS", QUE SÃO SÍMBOLOS SIMPLES, SOMENTE SUBSISTEM E NÃO SE MANIFESTAM JAMAIS AO PENSAMENTO (ainda que possam ser conhecidos por um reflexo ou cópia em uma Relação conexa, segundo já se explicou); POR ISSO SE DIZ QUE SUA POTÊNCIA É "PASSIVA". AS "RELAÇÕES", PELO CONTRÁRIO, SUBSISTEM E SE MANIFESTAM. SUA POTÊNCIA É ATIVA.

O pensamento "consciente", que faz "crescer" o esquema de si mesmo, depende das manifestações dos símbolos da Relação que menciona, ou seja, depende da potência ativa: a ela nos referimos aqui em diante, ainda quando digamos simplesmente "potência".

Em resumo: OS SÍMBOLOS DO ESQUEMA OU RELAÇÃO, SUSTENTADOS PELO SUBSTRATO DE SUA POTÊNCIA, SE UM PENSAMENTO MENCIONA A RELAÇÃO, OS SÍMBOLOS SE MANIFESTAM COM UMA DETERMINADA ENERGIA. TAL "ATIVIDADE" É TAMBÉM PRODUTO DA POTÊNCIA. Num próximo artigo estudaremos a "manifestação" dos símbolos no pensamento: agora nos ocuparemos de sua "subsistência", para expor a definição pendente do "tempo transcendente".

No inciso "Esquema do Universo do Uno" se mencionou a tríplice composição do Demiurgo: Poder, Beleza e Sabedoria, e se explicou que "o Poder exerce o Sopro ou transcendente fluir de sua "Consciência-Tempo". Encontramos assim, na essência do MACROCOSMO, a POTÊNCIA (ou Poder) e o TEMPO (Consciência Cósmica ou Sopro) UNIDOS COMO CAUSAS DA EXISTÊNCIA DOS ENTES, de maneira análoga à "expressão energética do pensamento" (4). Ainda que a fluência do Sopro seja o Tempo IMANENTE do macrocosmo aqui denominaremos TRANSCENDENTE atendendo a sua íntima penetração na estrutura cultural do microcosmo ou pasu.

No tempo transcendente, ou tempo do macrocosmo, se desenvolvem os tempos entelequiais os Arquétipos universais: os entes conhecidos são "momentos" de tais processos, "detenções" efetuadas pela razão para descobrir o desígnio do Demiurgo, o ser-para-o-homem. Os entes trocam constantemente, pelo efeito de suas evoluções, mas PERMANECEM sendo entes em seu porvir, ou seja, subsistem como entes no tempo transcendente. Para que os incontáveis processos evolutivos que se desenvolvem no macrocosmo CONVERJAM À FINALIDADE, ou seja, NÃO DIVIRJAM NA MACROENTELEQUIA "PRALAYA", os entes se estruturam em um

organismo cósmico cujas funções apontam teleologicamente à finalidade. Portanto, esse “permanecer em troca”, que caracteriza o processo dos entes, não se realiza isoladamente no seio dos entes senão que, contrariamente, TODOS OS ENTES SE ENCONTRAM ENLAÇADOS ENTRE SI.

Em que consiste o enlace, a relação entre entes que mudam sem cessar? Resposta: NA RAZÃO ENTRE MOVIMENTOS, QUE DETERMINA A SIMULTÂNEA PERMANÊNCIA DOS ENTES NO TEMPO TRANSCENDENTE. Alguns aspectos desta relação são os que descobrem a ciência empírica, que traduz imperfeitamente em linguagem matemática, como leis ou relações qualitativas entre magnitudes características dos fenômenos.

O suposto fundamental para que uma razão teleológica enlace a todos os entes por “permanecer em mudança” é que existia uma espécie de SINCRONISMO entre todos seus processos. Em outras palavras: os movimentos, em que consiste o porvir dos entes, podem ser de muitas classes: uniformes ou variáveis, contínuos ou discretos, lineares ou seqüenciais, oscilatórios, rítmicos, cíclicos, etc. Mas QUALQUER QUE SEJA A CLASSE DE MOVIMENTO QUE CARACTERIZA O PROCESSO DOS ENTES, a razão teleológica que os enlaça determina que em cada momento absoluto do tempo transcendente exista coincidência de momentos relativos dos movimentos dos entes. Ou seja, existe uma espécie de sincronização de movimentos que se verifica em cada momento do tempo transcendente pela simultânea permanência (na mudança) dos entes.

Bem, o corpo material do pasu é um ENTE ENTRE OS ENTES e, como tal, permanece no tempo transcendente. Em conseqüência, os movimentos que compõem seu processo entelequial devem estar sincronizados com os restantes movimentos do macrocosmo. Naturalmente, alguns “movimentos” nas funções orgânicas tais como ritmos cardíacos e respiratórios, os ciclos septenários do crescimento, a extensão do espectro sensorial, as ondas cerebrais, etc., apresentam uma “razão” mais visível com respeito a movimentos proporcionais do sistema solar; em rigor da verdade, TODOS os movimentos orgânicos, desde os atômicos aos psíquicos, ocorrem em coincidência com outros movimentos o macrocosmo: OS RELÓGIOS ATÔMICOS, BIOLÓGICOS E PSICOFISIOLÓGICOS DO PASU ESTÃO SINCRONIZADOS COM OS RELÓGIOS CÓSMICOS QUE REGULAM OS MOVIMENTOS DOS ENTES SEGUNDO “PADRÕES UNIVERSAIS DA RAZÃO”.

Ao nos referirmos ao corpo material do pasu no inciso “Memória arquetípica e razão”, afirmamos que o mesmo constitui um “minor mundus”, um microcosmo que reflete ao “maior mundus” ou macrocosmo. Veremos agora como deve entender-se esta afirmação. Em primeiro lugar advertimos

que “microcosmo” designa a finalidade do pasu, ou seja, a uma entelequia que deve ser alcançada, e não a uma realidade presente. Em segundo lugar que um “microcosmo” ATUAL, um reflexo absoluto do macrocosmo ou entelequia real, HÁ DE SER POR NECESSIDADE UM ENTE AUTÔNOMO, COMO O É A SEU MODO O DEMIURGO, Mas acabamos de ver que o corpo do pasu se encontra sincronizado em todos os seus movimentos com relógios padrão do macrocosmo e, por conseguinte, ENLAÇADOS AOS DEMAIS ENTES, ESTRUTURADO A ELES. O corpo do pasu NÃO É, em efeito, UM ENTE AUTÔNOMO. Eis aqui um aparente paradoxo: um “microcosmo” deve ser um ente autônomo; o corpo do pasu, ao qual denominamos “microcosmo”, não é um ente autônomo.

O que é, então, o pasu, o que é seu corpo? Resposta: O CORPO DO PASU É UM MICROCOSMO “POTENCIAL”; SERÁ UM MICROCOSMO “ATUAL” QUANDO SE TRANFORMAR EM UM ENTE AUTÔNOMO, OU SEJA, QUANDO INDEPENDER DE SUA SINCRONIZAÇÃO COM OS PROCESSOS DOS RESTANTES ENTES DO MACROCOSMO.

É evidente que à medida que o pasu progride à entelequia, há e ir transformando-se cada vez mais em um “ente autônomo”, pois tal condição está imposta pela finalidade, mas em virtude de que processo interno se obtém a autonomia microcósmica? A resposta já foi adiantada no artigo ‘A’: O PASU VAI SE TRANSFORMANDO EM ENTE AUTÔNOMO À MEDIDA QUE CUMPRE O “OBJETIVO MICROCÓSMICO DA FINALIDADE”: CONSTRUIR UM ESQUEMA DE SI MESMO OU ESFERA DE CONSCIÊNCIA DE TAL PERFEIÇÃO QUE, AO SER REFLETIDA PELO SUJEITO CONSCIENTE, RACIONALIZE COMPLETAMENTE O MICROCOSMO AO MACROCOSMO. A CONSCIÊNCIA, ANALOGAMENTE AO ASPECTO “PODER” DO DEMIURGO, HÁ DE PODER APLICAR-SE, COMPENETRAR-SE, DIFUNDIR-SE, ETC., NO MICROCOSMO E SINCRONIZAR SEUS MOVIMENTOS INTERNOS COM SEUS PRÓPRIOS RELÓGIOS PADRÃO, OU SEJA, HÁ DE PODER DESINCRONIZÁ-LO DO MACROCOSMO EVITANDO PARTICIPAR DO TEMPO TRANSCENENTE, HÁ DE SUBTRAÍ-LO DE SUA PERMANÊNCIA NELE.

Como se verá no próximo artigo, para que isso ocorra a esfera de consciência há de apresentar a dimensão de um “tempo próprio do microcosmo”, ou seja, de um “tempo imanente”.

No inciso anterior, artigo ‘H’, explicamos que o contínuo movimento corporal do pasu, quando não obedece à expressão concreta de um conceito, DÁ UM “SENTIDO GERAL” NO MUNDO, ao que se denomina HARMONIA. O mero fato de ESTAR no mundo faz do pasu um doador de “sentido harmônico” e por isso a harmonia se define como “uma relação entre

os movimentos do microcosmo e do macrocosmo". É conveniente vincular o conceito de "harmonia" com o de "autonomia cósmica", que acabamos de definir, para melhorar a compreensão global da Sabedoria Hiperbórea. A harmonia, em efeito, DEPENDE DA AUTONOMIA MICROCÓSMICA: quanto maior autonomia, maior harmonia. Ou seja, maior "sentido geral" posto pelo contínuo movimento corporal. Em conseqüência, A PRODUÇÃO DE HARMONIA ESTÁ OPOSTA À SINCRONIZAÇÃO DE MOVIMENTOS ENTRE MICRO E MACROCOSMO. Em outras palavras, QUANTO MAIOR SINCRONIZAÇÃO, MENOR HARMONIA. No extremo desfavorável, uma sincronização TOTAL E ABSOLUTA de movimentos, implica a não existência da entidade microcósmica; o corpo do pasu seria, nesse caso, PURA ENTIDADE ANIMAL.

Fica claro, pois, que o pasu é um microcosmo Potencial, cujos movimentos internos se encontram SINCRONIZADOS EM ALGUM GRAU com movimentos externos do macrocosmo. Mas, ainda que o microcosmo Potencial se desprenda constantemente e tende até sua entelequia, HÁ ALGO NELE QUE PERMANECE INVARIÁVEL: SUA PRESENÇA ORGÂNICA. QUE PRODUZ A ESTRUTURA DO MACROCOSMO. O orgânico, o estrutural, do microcosmo permanece no tempo transcendente a menos que se torne independente alcançando a autonomia ôntica. Por isso, agora se vê claramente, afirmamos mais atrás que os sistemas da estrutura cultural se "manifestam" no pensamento e SUBSISTEM NO TEMPO TRANSCENDENTE.

Resumindo, no pasu, microcosmo Potencial, a subsistência DOS sistemas Princípios e Relações, ocorrem no "tempo transcendente", do qual o microcosmo PARTICIPA. E, o que subsiste NOS sistemas, o substrato essencial dos símbolos, ou seja, a "potência". Com estes enunciados sintéticos completamos as definições dos termos causais que aparecem na "expressão energética do pensamento" (4): potência e tempo transcendente. No seguinte artigo poremos às claras o conceito de "sujeito individual" do microcosmo, que ostenta a "alma" do pasu, para retomar em seguida o estuda da "expressão energética do pensamento".

E – O objetivo microcósmico da finalidade requer da metempsicose.

De acordo com que vimos no artigo 'D' podemos afirmar que o corpo do pasu é um "microcosmo Potencial" que TENDE a atualizar-se na entelequia humana. Enquanto progride a essa perfeição o microcosmo PARTICIPA DO TEMPO TRANSCENDENTE DO MACROCOSMO, no qual se sincronizam todos seus movimentos internos. Por isso o objetivo da

evolução, a autonomia ôntica, exige A SUBSTITUIÇÃO DO TEMPO TRANSCENDENTE POR UM TEMPO PRÓPRIO DO MICROCOSMO, UM "TEMPO IMANENTE" CUJO FLUXO SE ORDENE E REALIZE OS PROCESSOS INTERIORES. Este "objetivo", naturalmente, não é outro que o objetivo microcósmico da finalidade, o qual se propõe desenvolver um "sujeito histórico" ou consciência cuja nota principal é, justamente, a temporalidade imanente. No artigo F' se estudará em detalhe a relação entre o tempo transcendente e o tempo imanente. Aqui nos interessa deixar claro que o objetivo microcósmico SÓ PODE SER ALCANÇADO COM O CONCURSO DA METEMPSICOSE.

O Demiurgo, em efeito, não pode permitir que o progresso evolutivo se interrompa pela dissolução orgânica do microcosmo, isto é, pela morte do pasu. Na realidade, o ciclo de vida do microcosmo depende somente do tempo transcendente: enquanto existir a participação haverá fatalmente uma dissolução final, como ocorre com todo ente orgânico. Mas se o microcosmo atualiza sua Potencialidade e se INDIVIDUALIZA, ou seja, se torna independente temporalmente do macrocosmo, então poderá escapar à dissolução, à morte, porque os processos internos ficaram "detidos" para o tempo transcendente. O objetivo microcósmico assegura, assim, que em algum momento da evolução se alcançará a imortalidade do corpo material. Bem, chegado esse momento, pode perder-se com a morte e dissolução do microcosmo, o progresso individual obtido na construção do esquema de si mesmo? Resposta: todo esquema de si mesmo fica impresso na alma, durante a vida do microcosmo, de tal modo que ao desencarnar, apesar da desintegração orgânica, a alma o conserva em caráter permanente.

A saber, o esquema de si mesmo, que é parte da "alma" do pasu, SOBREVIVE À DISOLUÇÃO DO MICROCOSMO PARA MELHOR CUMPRIMENTO DO OBJETIVO MICROCÓSMICO. Estamos, pois ante um evidente paradoxo. Entretanto, tal paradoxo perde consistência se vermos as coisas do ponto de vista do Demiurgo, que é quem tem determinado o modo em que se deve cumprir a finalidade. Sob esta perspectiva, há de começar por admitir que a ele interesse, em primeiro lugar, o objetivo macrocósmico, a produção de cultura. Este objetivo é sócio-cultural e tem por finalidade preservar o sentido posto nos entes pelos membros participantes da comunidade cultural. Uma "cultura" é a sustentação comunitária dos objetos culturais, ou seja, dos entes assinalados pela expressão humana. Uma cultura, demiurgicamente entendida, é, pois, uma macro-expressão da evolução coletiva alcançada pela comunidade. Os objetos culturais são projetos que demonstram o grau de evolução alcançado porque são medidas da inteligência dos projetistas. Recordemos que o prazer do Demiurgo está no "descobrimento posterior da obra", tarefa que tem sido reservada ao homem. Os objetos culturais são, justamente, as afirmações do desígnio descoberto entre os entes, vale dizer, um "bem supremo".

Para o Demiurgo, então, o bem radica no cumprimento das CONDIÇÕES do desenvolvimento cultural de uma comunidade, ou seja, em que esse desenvolvimento não se detenha em nenhum momento, em que cresça e transforme a realidade indiferenciada dos entes universais em uma superestrutura de objetos culturais. As CONDIÇÕES do desenvolvimento cultural de uma comunidade dependem, naturalmente, da evolução PARTICULAR de seus membros, que são que "doam" o sentido nos entes. É por estas CONDIÇÕES que a finalidade do pasu, independente do objetivo macrocósmico geral, supõe um objetivo microcósmico particular: a evolução de um "sujeito individual" que procure a autonomia do microcosmo e, obtida esta, outorgue máximo sentido à obra do Demiurgo.

O sujeito individual, que a princípio é "racional" e afinal "consciente", é a manifestação da alma nas estruturas do microcosmo. E a alma, pela metempsicose, transmigra durante milhões de anos para manifestar-se, cada vez, em um microcosmo mais perfeito, mais próximo ao objetivo microcósmico da finalidade. Daí que surja a necessidade de esclarecer, ainda que seja brevemente, a relação entre "sujeito" individual e "alma", já que o estudo análogo da "expressão energética do pensamento" nos exigirá uma definição rigorosa do sujeito consciente que anima o esquema e si mesmo.

Em primeiro lugar fique preciso o que deve entender-se por "alma". O pasu, como todo ente orgânico que evolui, é a manifestação de um Arquétipo universal e de uma mônada. A mônada é o suporte do organismo individual que evolui conforme o Arquétipo universal. Mas a mônada não "desce" jamais ao plano material senão que permanece no plano arquetípico de onde é projetada pelo aspecto Vontade do Demiurgo até o plano material. Durante a vida do pasu a mônada sustenta o corpo material e evolui com este. Ou, em outras palavras, a manifestação da mônada no plano material é o microcosmo. Ao morrer, o corpo animal do pasu, o microcosmo, se dissolve e, depois da desintegração orgânica, a mônada deixa de manifestar-se materialmente. Entretanto a mônada não se desconecta completamente do plano material, pois um termo energético, procedente do microcosmo, subsiste ainda que desencarnado: é a "alma" do pasu.

A alma é, assim, o que permanece sempre manifestado da mônada; o que evolui no microcosmo e regride parcialmente durante a desencarnação; o que sobrevive à dissolução conservando a evolução experimentada para retornar na gênese vital de outro microcosmo. Mas nesta metempsicose a alma não reencarna em novos corpos "como aquele ator que se provam diferentes roupagens", e "vê através de olhos de distintas máscaras", segundo é crença comum da palingenesia ingênua. Se assim o fosse, deveria existir continuidade mnêmica dos atos experimentados em todos os microcosmos, ou seja, deveria ser natural "recordar das vidas passadas". Pelo contrário, em cada microcosmo vivo, o sujeito pensante jamais rememora "naturalmente"

nenhuma recordação de uma vida anterior. Isso não ocorre porque o procedimento disposto pelo Demiurgo para a transmigração das almas impõe a estas, durante o período de desencarnação, uma “involução” do sujeito em si mesmo que produz a amnésia mencionada. Explicaremos passo a passo o procedimento de metempsicose, mas sem nos estendermos demasiado em detalhes.

A alma, enquanto manifestação sutil da mônada, sustenta o microcosmo difundindo-se em toda sua estrutura, atuando como um “corpo duplo”. Entretanto, somente na estrutura psíquica, devido a sua natureza energética, se verifica um contato fluido entre a vida orgânica e a alma. Os três “sujeitos que mencionamos no artigo E’” do inciso anterior, o “sujeito racional”, o “sujeito cultural” e o “sujeito consciente” ou “histórico”; não são mais que manifestações individuais da alma do pasu nas distintas estruturas do microcosmo. Destas estruturas somente o esquema e si mesmo ou esfera de consciência tem a possibilidade de impressionar de forma permanente a alma: a estrutura do cérebro e a estrutura cultural são demasiado grosseiras como para afeta-la de alguma maneira.

A alteração que o esquema de si mesmo causa na alma, em troca, a modifica de tal modo que seu efeito persiste ainda quando o microcosmo se tenha desintegrado completamente. Mas o esquema de si mesmo representa “toda a consciência” que é capaz de alcançar um microcosmo, ou seja, em um grau evolutivo. Por isso a alma, ao ser modificada permanentemente pelo esquema de si mesmo, na realidade se torna auto-modelada no sentido da entelequia humana, a saber, torna-se evoluída..

Suponhamos agora que uma alma tenha desencarnado profundamente impressionada pelo esquema de si mesmo que anima como um “sujeito consciente”. Sendo o esquema de si uma história do microcosmo que tenha ficado incorporada na alma, é vidente que o sujeito anímico há de recordar o vivido não obstante estar desencarnado. Então, por que em uma posterior encarnação a alma aparece desprovida de recordações? Resposta: 1º) porque a evolução do microcosmo obedece a uma SEQÜÊNCIA HIERÁRQUICA irreversível que obriga a alma a manifestar-se inicialmente como sujeito racional do cérebro ou “razão”; 2º) todavia, previamente à encarnação, se efetua uma “involução do sujeito de si mesmo” que causa o “esquecimento” parcial das recordações inatas.

1º - Para entender esta resposta há que se considerar, antes de tudo, que a alma somente pode manifestar-se NUMA estrutura adequada ou veículo. Esta condição vem por ser a alma expressão energética da mônada, a qual é fundamento de todo processo arquetípico particular: neste sentido, a mônada é o sujeito individual em todo ente que evolui de acordo ao impulso formativo dos Arquétipos universais. Neste caso particular do microcosmo, a alma é

sempre sujeito anímico de uma estrutura, e a afirmação contrária também é válida: sem estrutura não há manifestação anímica possível. Tendo em conta tal condição, e todo o visto até aqui sobre a formação da estrutura cultural e o esquema de si mesmo, poderemos entender facilmente a resposta anterior.

Se refletirmos sobre o estudado até aqui comprovaremos que, em efeito, se cumpre uma tácita SEQÜÊNCIA HIERÁRQUICA na formação das estruturas do microcosmo: no gênese somente existe o cérebro; ou seja, a memória arquetípica. A alma não pode fazer outra coisa que animar tal estrutura e operar com suas funções; como sujeito racional ou "razão" a alma descobre o desígnio nos entes e constrói a estrutura cultural, a que logo animará como sujeito cultural. E desde a estrutura cultural irão emergindo até as partes superiores da psique os símbolos que conforma o esquema de si mesmo, ao que a alma animará como sujeito consciente ou histórico. Eis aqui a seqüência completa: a alma anima à memória arquetípica ou cérebro como sujeito racional ou "razão" e constrói a estrutura cultural à que anima, a posteriori, como sujeito cultural, desde onde constrói o esquema de si mesmo ao que anima, por último, como sujeito consciente ou histórico.

Não há maneira "natural" de alterar esta seqüência: a alma encarnada sempre deve começar por animar um cérebro infantil, por ser sujeito racional. A partir deste começo inevitável está a possibilidade de desenvolvimento estrutural que está subjacente na potência do microcosmo Potencial: se as limitações genéticas do microcosmo particular o permitem, quiçá se possa alcançar um alto grau de consciência. Mas o que não se poderá fazer é alterar a seqüência hierárquica que ordena a aparição dos sujeitos anímicos.

Está claro agora em que consiste a seqüência hierárquica da formação estrutural, mas não se vê com igual clareza por que a alma, em uma posterior encarnação, aparece desprovida de recordações. Mas a resposta é simples, radica na natureza hierárquica da seqüência, nas determinações que impõe cada estrutura à manifestação dos sujeitos próprios. Quando a alma anima, por exemplo, à memória arquetípica somente pode descobrir nos entes dados à instrução sensível: qualquer "recordação inata" não se diferencia em nada da intuição de um ente; mas, como tais recordações carecem de desígnio, são automaticamente eliminadas pelas operações da razão e o sujeito se resume a perceber uma vaga reminiscência ou "sensação indefinida de familiaridade". O sujeito racional adquire, assim, um caráter nebuloso que não abala a alma em suas posteriores manifestações subjetivas. Isto se entenderá melhor se recordarmos que os três sujeitos mencionados são na verdade três aspectos simultâneos da alma: é a mesma alma que ao manifestar-se em cada estrutura "momentaneamente" a anima como sujeito próprio. Vale dizer: o "momento" da alma é o sujeito anímico e este único sujeito pode animar, em um microcosmo estruturalmente completo, simultaneamente a três estruturas mnêmicas.

Para explicá-lo mediante uma alegoria podemos supor que a alma é análoga a um final de luz acromática, ou seja, de cor branca. Se colocarmos diante do filtro de uma lâmina provida de uma pequena abertura central já teremos o equivalente ao sujeito racional: o halo de luz acromática que solta a janela central é o sujeito análogo. Interceptemos agora o halo com um filtro que subtraia uma cor, por exemplo, o azul. Para uma luz branca de 500mu, segundo as leis da Ótica, o filtro azul somente deixará passar 69% e eliminará 31%. Pois bem, esse halo transmitido pelo filtro azul, consideravelmente reduzido, é análogo ao sujeito cultural. Mantenhamos o filtro azul e interceptemos o halo transmitindo novamente, agora comum filtro amarelo. Dos 69% de luz que penetra o filtro, este subtrairá uma parte e transmitirá 58%, ou seja, 40% da luz original. O halo resultante, de matiz verde, é análogo ao sujeito consciente. Consideremos o experimento alegórico completo. O filtro é a alma que se derrama em todas as direções em forma de luz branca. Ao colocar uma lâmina que somente deixe passar um halo efetuamos uma operação análoga à encarnação da alma: o halo é a mesma alma-filtro convertida agora em sujeito racional. Começa aqui a seqüência hierárquica. O filtro azul é análogo à memória arquetípica ou cérebro: somente uma parte "filtrada" do sujeito-halo chegará à estrutura cultural para animá-la. Este sujeito cultural deve animar a estrutura cultural, representada pelo filtro amarelo, e "transcende-la" para constituir-se em sujeito consciente: o halo, reduzido em mais da metade da luz original, que atravessa o filtro amarelo é análogo ao sujeito consciente (ver figura 26).

Esta alegoria nos mostra claramente que a alma e o sujeito são uma e a mesma coisa e que, no microcosmo, há um só sujeito que se manifesta simultaneamente em três lugares ou estruturas diferentes. Se uma "recordação inata" irrompesse por casualidade no sujeito racional, seria eliminada na mesma forma que o filtro vermelho subtrai tal cor do halo de luz.

2º - Dizemos "por casualidade" porque, segundo se declarou no 2º, previamente à encarnação da alma tem sido induzida a "esquecer" as recordações inatas, ou seja, a não ter presente, durante toda a encarnação, os antigos esquemas de si mesmo, as "histórias" vividas em outros microcosmos. Mas, justamente no artigo 'A', se disse que o objetivo microcósmico da finalidade é a construção de um esquema de si mesmo que, em última instância, consista no microcosmo mesmo, racionalizado pelo sujeito consciente, vimos também que o esquema de si mesmo, não importa quão imperfeito seja, impressiona permanentemente a alma e constitui sua evolução: em base, tal evolução, obtida pela assimilação dos distintos esquemas de si mesmo de diferentes vidas, se vai aperfeiçoando a cada novo microcosmo animado e SE CUMPRE O OBJETIVO MICROCÓSMICO DA FINALIDADE. Sendo assim, como deve entender-se a resposta 2º, que afirma um esquecimento prévio das recordações inatas? Explicamos de imediato. Para continuar com o exemplo proposto, de uma alma que desencarna

profundamente impressionada por um esquema de si mesmo, ao que anima como sujeito consciente, digamos que o procedimento seguido consiste em praticar a involução do sujeito previamente a uma nova encarnação.

O sujeito “regride” quando se desconcentra temporariamente, ou seja, quando no momento presente se expande em si mesmo e abarca toda a história “em um só instante”, fatos que se confirmam pelos conhecidos relatos de quem tenha “ressuscitado”, logo de passar pela morte clínica, e tenham visto “toda a vida, num só instante”. A involução do sujeito, no sentido exposto, é necessária para que a alma possa oferecer um novo sujeito ao microcosmo em que vai encarnar a alma, logo depois da involução do sujeito anterior, se apresenta ante o microcosmo com outro aspecto, um aspecto não subjetivo que requer de toda a seqüência hierárquica para desenvolver-se e repetir o ciclo evolutivo de vida e morte. Mas, a tudo isso, que tem sido do esquema anterior, esse no que o sujeito evoluiu “até abarcar toda a história de uma só vez”? Não era, por acaso, necessário seu concurso para cumprir o objetivo microcósmico da finalidade, para assegurar o progresso individual do pasu? Na realidade não se prescinde, em cada nova encarnação, de nenhum dos esquemas de si mesmo anteriores, pois os mesmo estão irreversivelmente assimilados na alma: o que ocorre é que, AO NÃO ESTAR ANIMADOS POR NENHUM SUJEITO, os esquemas de si mesmo anteriores se situam em lugares diferentes do microcosmo ao que ocupa o sujeito racional. Em outras palavras: o sujeito racional, primeira manifestação da alma, opera desde a memória arquetípica ou cérebro; mas a alma, à parte do sujeito, está difundida “como um corpo duplo” em todo microcosmo, portanto, os esquemas de si mesmo anteriores, que permanecem alheios ao sujeito, vão corresponder com outras partes do sistema nervoso fora do cérebro. Ou seja: os esquemas de si mesmo anteriores estão localizados em distintas partes do corpo do pasu, com exceção das estruturas estudadas até aqui.

Estes "centros" ou "chakras", que contém esquemas de si mesmo anteriores, se encontram difundidos por milhões no corpo humano. Ali estão as recordações inatas, a memória de vidas anteriores, contribuindo desde a complexão da alma a aperfeiçoar o microcosmo vivente. Na alegoria do filtro podemos estabelecer uma correspondência análoga com os esquemas de si mesmo anteriores efetuando pequenas perfurações na lâmina com a janela central. As perfurações rodeiam, por exemplo, a janela pela que flui o halo de luz análogo ao sujeito racional. Se os raios de luz que brilham pelas perfurações são análogos aos chakras, é evidente que tais centros de memória inata são NÃO RACIONAIS. Vale dizer, seu conteúdo é IRRACIONAL. Por isso, quando as práticas de yoga se realizam com ignorância, quando o sadhaka localiza o sujeito sobre um chakra invertendo anormalmente o sentido da seqüência hierárquica, se corre o grave perigo de que o sujeito anime por acidente um esquema de si mesmo anterior e de que este tome o controle do

microcosmo: então, desde esse centro inferior, o microcosmo é IRRACIONALIZADO e sobrevém a loucura.

Antes de finalizar vale a pena destacar uma importante conseqüência do principio exposto na resposta 1º e, também, no 'E' do inciso anterior: "sem estrutura não há manifestação anímica possível"; "todo sujeito requer uma estrutura na qual manifestar-se"; "não pode existir o sujeito sem um veículo para sua manifestação". Até agora temos suposto que o "veículo" da alma é o microcosmo e as "estruturas", onde se manifesta o sujeito, as aqui estudadas: cérebro, estrutura cultural, esfera de consciência, etc. Mas que esta suposição esteja certa de nenhum modo exclui OUTRAS POSSIBILIDADES PARA CUMPRIR COM A FINALIDADE. Com outras palavras, ao pasu foi encomendada, pelo Demiurgo, uma finalidade: ser doador de sentido nos entes do mundo. Pois bem, se o pasu, ou qualquer outra raça semelhante do universo, DESENVOLVA UMA CULTURA CAPAZ DE PRODUZIR TECNICAMENTE "ESTRUTURAS" ADEQUADAS PARA A MANIFESTAÇÃO DO SUJEITO, ESTAS SERÃO "ANIMADAS" NA MEDIDA DE SUAS POSSIBILIDADES DE EXPRESSÃO. Isto significa que enquanto se cumpram os passos de "descobrir o desígnio" e "projetar o sentido", qualquer cultura científico-tecnológica terá a possibilidade de construir ANDRÓIDES "COM ALMA". Sim. COM VERDADEIRA "ALMA" TRANSMIGRANTE E EVOLUTIVA. |Para isso somente faz falta que o andróide possua um similar da "memória arquetípica", ou seja, uma memória programada com uma coleção de signos de entes ou auto-programável com informação de entes do mundo percebido por meio de sensores, e que um processador eletrônico efetue as operações lógicas de comparação ou interpretação: quando o andróide ADEQUAR seu comportamento em função da informação percebida, ou seja, quando EXPRESSAR UMA CONDUTA, sem dúvida ESTARÁ ANIMADO POR UMA EGRÉGORA ou, se o andróide é suficientemente perfeito, POR UMA ALMA INDIVIDUAL.

O que nunca poderá possuir um andróide nem nenhuma estrutura artificial é o Espírito: em efeito, para que o Espírito se manifeste é imprescindível A MEMÓRIA E SANGUE, A RECORDAÇÃO DA ORIGEM, ou seja, algo que jamais poderá implantar-se em outra parte que não seja um microcosmo vivo.

F - Estudo análogo da "expressão energética do pensamento do pasu".

Aqui vamos expor e explicar, vários importantes conceitos valendo-nos, como até agora, da analogia e indução. Entre tais conceitos se encontra, em primeiro lugar, a "expressão energética do pensamento do pasu", da qual

convém especificar seus alcances para evitar o equívoco de confundi-la com uma função físico-matémática, a saber, com uma relação entre magnitudes variáveis de um fenômeno físico às quais se pode medir empiricamente com instrumentos adequados. As magnitudes “potência ativa” e “energia psíquica” são certamente variáveis, MAS O FENÔMENO QUE CARACTERIZAM É PSÍQUICO. Entretanto, ainda que o fenômeno que represente seja subjetivo, a estrutura matemática da expressão (4) é perfeitamente adequada para descrever suas propriedades evidentes.

Primeira: a "potência ativa”, ou “tempo transcendente” e a “energia psíquica” SÃO magnitudes variáveis.

Segunda: a potência ativa e o tempo transcendente SÃO causa da energia psíquica.

Terceira: a energia psíquica varia em forma diretamente proporcional à variação da potência ativa e o tempo transcendente. Esta terceira propriedade é suficiente para justificar a formulação matemática, pois revela que entre as magnitudes existe uma relação funcional. Mas a fórmula (4) provém de uma linguagem combinada no qual a “potência” **(W)** e o “tempo transcendente” **(Tt)** são CONCEITOS NÃO NUMERÁVEIS QUE EXPRESSAM VARIAÇÃO e entre os quais se acha definida uma LEI DE COMPOSIÇÃO ou FUNÇÃO, simbolizada com (.). Tal lei afirma que a variação positiva de qualquer de ambas as magnitudes determina a variação proporcional, ou RACINAL, de uma terceira magnitude “energia psíquica”. Assim, ainda que a fórmula (4) que descreve um fenômeno psíquico se assemelha à (1) que responde a um fenômeno físico, o sentido que há de dar-se a (4) é o recentemente exposto: relação racional entre conceitos não numeráveis que expressam variação.

Em segundo lugar, vamos definir um QUADRANTE ANÁLOGO que nos permitirá representar sistemas simples (figura 13) em correspondência análoga com a “expressão energética do pensamento” (4). O quadrante é certamente cartesiano e ortogonal, mas sem “numeração coordenada”, pois, como no caso da expressão (4), o que se intenta representar são CONCEITOS NUMERAIS. Vale dizer: no quadrante análogo não se tem definido uma correspondência biunívoca entre os pontos do plano e o conjunto dos números completos; se assim fosse o quadrante seria inadequado para representar magnitudes psíquicas, pelo contrário, se tem definido rigorosamente uma CORRESPONDÊNCIA CONCEITUAL entre o quadrante e a estrutura cultural e tal modo que o representado em um reflita CONCEITUALMENTE o fenômeno do outro.

Após este esclarecimento já podemos descrever o quadrante em questão. Ante tudo temos de esclarecer que se trata do mesmo sistema usado

na figura 16 para mostrar ao “conceito” como “fatia de uma Relação”. Ali se vê que o quadrante **(x, y)** é análogo ao “plano de significação” sobre o que tem sido notado no significado e um esquema.

O contexto significativo, de linguagem facultada, determina que o significado notado seja somente uma fatia do esquema PARALELA AO PLANO E SIGNIFICAÇÃO. Na figura 17 podemos observar que o quadrante análogo não difere do que se empregou na figura 16.

Entretanto, na figura 17, temos estabelecido correspondências entre os eixos que não havíamos assinalado na figura 16: ao eixo **(0x)** corresponde o conceito de “tempo transcendente” e ao eixo **(0y)** corresponde o conceito e “significado”. Estas correspondências respondem à necessidade de que o “contexto significativo” ou “horizonte mental em torno do significado” seja um lugar geométrico no qual o RELEVO do significado se possa representar com um símbolo equivalente.

O “tempo transcendente” **(Tt)**, segundo temos visto, permanece sincronizado ao microcosmo, AUMENTA a partir de **'0'** no sentido **0x**. O significado **(S),**ou “relevo sobre o horizonte da significação contínua” AUMENTA a partir de **'0'** no sentido **0y**. Com estas convenções podemos supor que em todo relevo sobre o eixo **0x** sua AMPLITUDE expressará o valor do significado, em cada momento, sobre o eixo **0y.**

Recordemos que o significado é "o fundamento do pensamento racional"; o "relevo", sobre o horizonte da significação continua, é vivenciada como "idéia" ou "conceito" quando o pensar apreende ao pensamento de um sistema. Portanto a representação no quadrante análogo de um "relevo", ou significado de um sistema, adquirirá máxima fidelidade se refere a um sistema concreto tal como o da figura 13. Na figura 18, somente para efeito de brindar a referência adequada para assinalar o relevo de um significado, se tem alinhado o eixo **(0x)** do plano análogo com um "sistema simples" da estrutura cultural do pasu. Sobre esta disposição vamos destacar duas coisas.

Primeiro: note que o tempo transcendente aumenta no sentido da imensa “extensão”. Isto quer dizer que o pensamento de um sistema sempre consome tempo transcendente, AINDA QUE O PRÓPRIO PENSAMENTO SEJA VIVENCIADO COMO INTEMPORAL POR CARECER DE TEMPO IMANENTE.

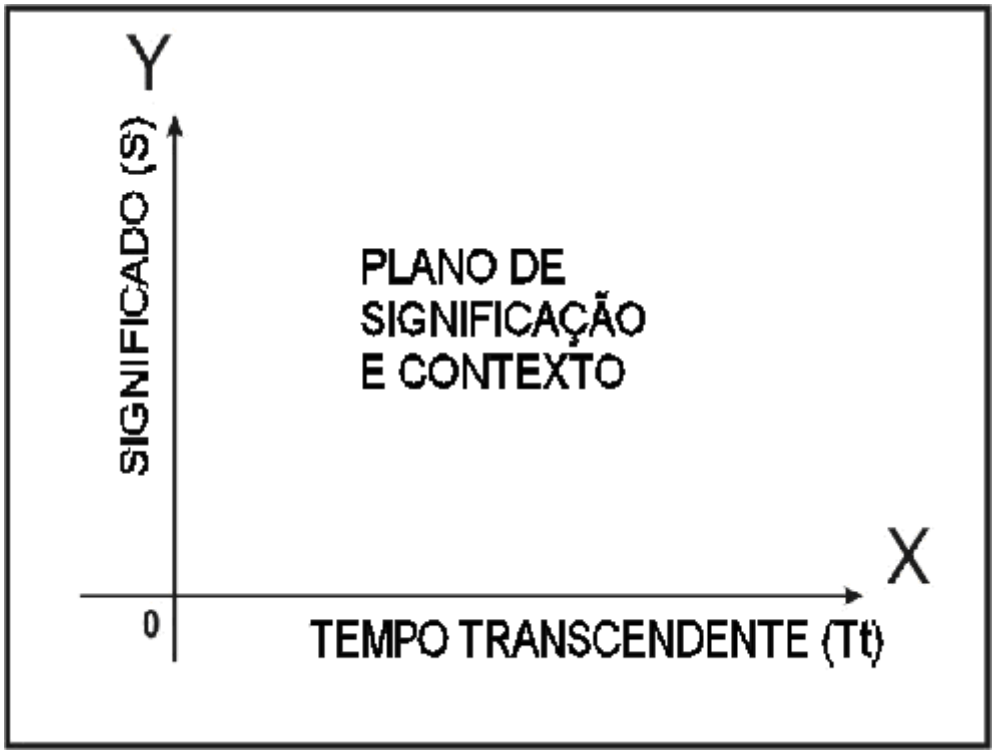


FIGURA 17

Ocorre assim pela falta de autonomia do microcosmo: tôo ato mental, mesmo os manifestamente intemporais como, por exemplo, a imagem e um triângulo, é só um movimento junto a outros que constituem o processo evolutivo do pasu; mas o pasu, enquanto microcosmo Potencial, permanece no tempo transcendente onde tem lugar a sincronização e todos seus movimentos. Aqui já deve ser claro que o tempo subjetivo do pensar NÃO É O TEMPO TRANSCENENTE posto que aquele possa ser experimentado ou não enquanto que este sempre transcorre. No pasu NÃO EXISTEM PENSAMENTOS ABSOLUTAMENTE INTEMPORAIS, pois todo ato mental consome tempo do macrocosmo. A "intemporalidade de um triângulo" é uma apreciação subjetiva produto da reflexão, de "deter" ao triângulo na atenção sem advertir a DURAÇÃO REAL do pensamento que refere ao triângulo.

Segundo: para facilitar a interpretação, na figura 18 se tem deslocado o sistema **xx** do ponto **'0'** ou "origem do tempo": o rigor da analogia exige, em troca, que o primeiro Princípio coincida com o ponto **'0'** QUE ASSINALA O MOMENTO NO QUAL O PENSAMENTO EXPLORA O ESQUEMA EM EXTENSÃO.

Vamos supor agora que um pensamento sobre o sistema da figura 18 produza no horizonte a significação contínua do relevo que mostra a figura 19. O símbolo triangular, que tem se manifestado no pensamento, pode ser percebido, quiçá, como "universal" e "intemporal", mas o efetivo é que o pensamento do símbolo registra uma DURAÇÃO no tempo transcendente:

quanto mais DURE o pensamento sobre o sistema **xx**, tanto mais extensa será, analogamente falando, sua dimensão, pois o sistema SUBSISTE enquanto o microcosmo PERMANECE.

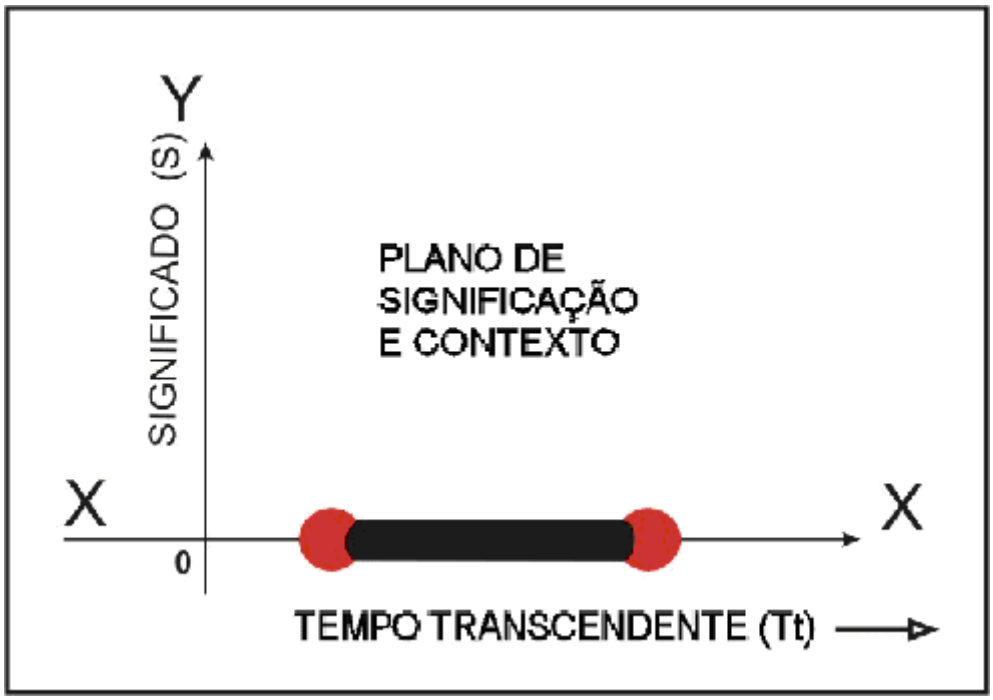


FIGURA 18

Temos de dar, agora, um passo importantíssimo na exposição ao recordar a tese do artigo 'B': "a faculdade tradutiva é uma função da POTÊNCIA ativa". Estudamos no artigo citado, que a potência de uma Relação está sempre REFERIA à esfera de consciência e que tal referência a faculta para tornar horizontal o plano de significação no qual há de ser notado o significado. Isto é, naturalmente, um efeito subjetivo. Mas, se supormos que o significado cujo relevo triangular é representado na figura 19 e se encontra nivelado num plano e significação HORIZONTAL EM RELAÇÃO À ESFERA DE CONSCIÊNCIA, cabe perguntar: qual é o lugar geométrico da esfera de consciência no quadrante análogo? Resposta: seu lugar está FORA O PLANO, em direção perpendicular à figura 19. Para assinalar tal IREÇÃO, na figura 19, teríamos que agregar um terceiro eixo, **(0z)**, octogonal com os outros eixos e perpendicular ao plano de significação.

Na figura 20 há indicado, em perspectiva, a DIREÇÃO da esfera de consciência por meio do eixo análogo **0z**. Comprovamos, assim, que a referência à esfera de consciência nos conduz a um sistema de três eixos **(x, y, z)** que determina uma espécie de "espaço análogo" composto por três quadrantes: um é o já escrito **(yx)** ou "plano de significação e contexto"; outro, do qual não vamos nos ocupar, é o **(zy)**; e um terceiro quadrante é **(zx)**, que aparece frontal na figura 20, e ao que denominamos "plano temporal".

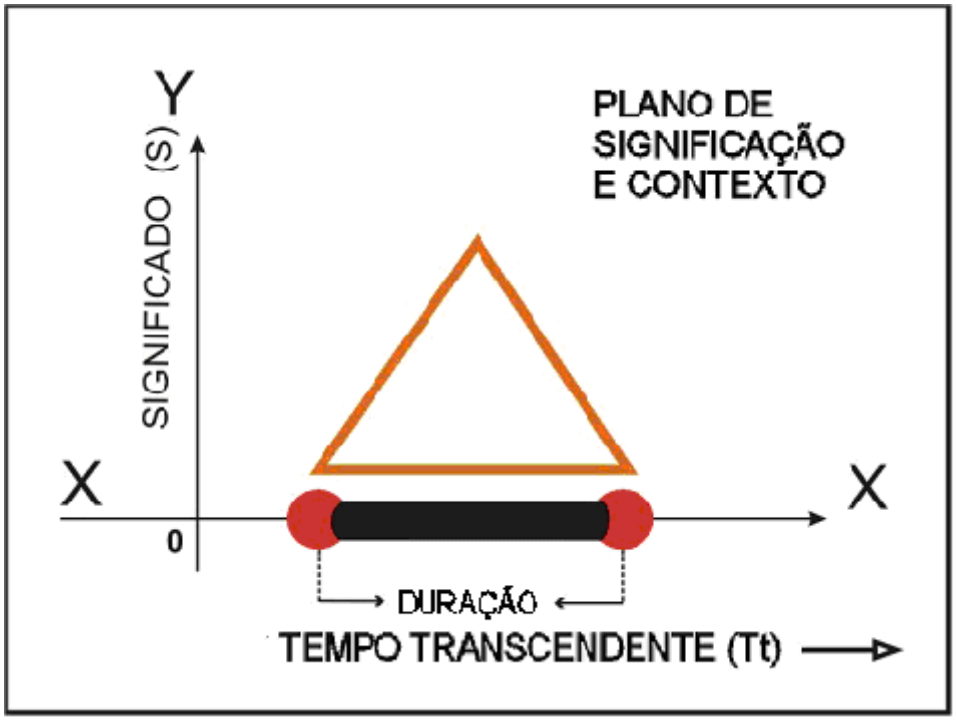


FIGURA 19

A razão e que o eixo **(0z)** esteja dirigido à parte inferior da figura 20 é que em tal eixo deve-se apresentar analogamente aos distintos níveis e Energia psíquica dos símbolos que emergem até a esfera de consciência: A ENERGIA E UM SÍMBOLO EM TRÂNSITO ATÉ A CONSCIÊNCIA, SEGUNDO SE VERÁ, DIMINUI CONTINUAMENTE. Em geometria analítica o eixo **(0z)** é "negativo", ou seja, o valor que representa sua "coordenada y" diminui à medida que aumenta a distância à origem **(0);** esta qualidade é conservada no quadrante análogo da figura 20 e por isso está indicado **(-Ep)** em correspondência com a dimensão de Energia que há e experimentar todo símbolo que transite em direção **(0z)** até a esfera de consciência.

Com o fim de aproveitar ao máximo as possibilidades análogas da figura 20, vamos propor uma importante convenção: denominaremos "esfera de consciência" ao espaço análogo que se encontra ALÉM do plano de significação horizontal. Este plano que na figura é **(yx)** é "horizontal" porque está nivelado com referência à "esfera de consciência", tomada como "centro de referência e si mesmo". De acordo com tal convenção, a esfera de consciência é o espaço formado pela soma dos planos PARALELOS a **(yx)** que se encontram ALÉM do plano **(yx)**, em direção **(0z)**. Agora, até onde se estende o espaço análogo à esfera de consciência? Resposta: antes de tudo há de se considerar que a esfera de consciência se compõe de duas regiões bem definidas e distintas: a "esfera de sombra" e a "esfera de luz". O espaço **(x, y, z)** que se estende "além" do plano horizontal corresponde à "esfera de sombra" e culmina em um plano comum ao espaço análogo da

“esfera de luz”, a qual se prolonga até a superfície exterior da esfera de consciência. Na figura 20, em sua parte inferior, se apresentou um sistema de três eixos, correspondente à “esfera e luz”, REFERIDO ATÉ A ESFERA DE SOMBRA e, “próxima” desta, à estrutura cultural.

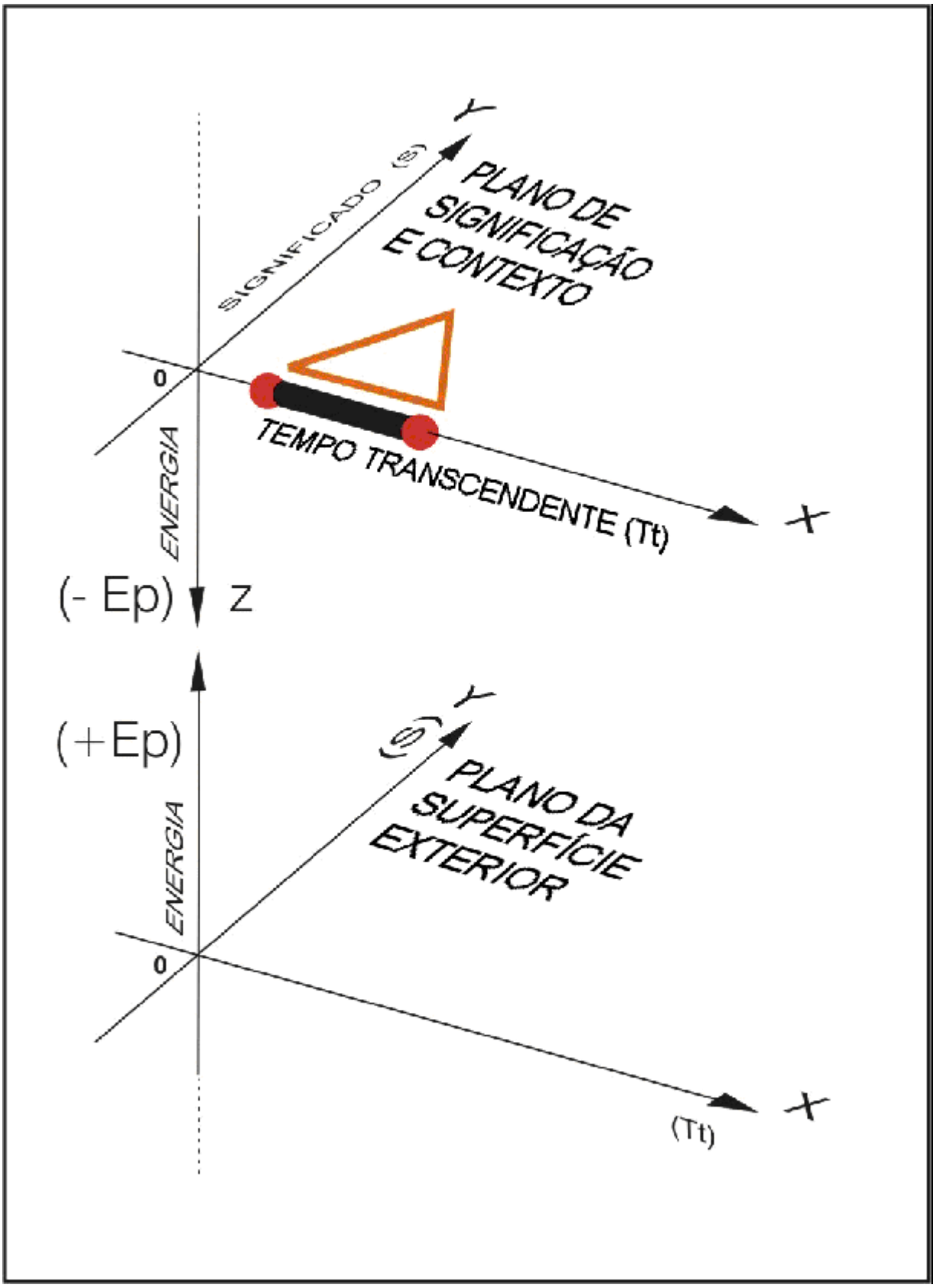

Y
SIGNIFICADO (S)
PLANO DE SIGNIFICAÇÃO E CONTEXTO
0
ENERGIA
TEMPO TRANSCENDENTE (Tt)
X
(- Ep)
Z
(+Ep)
Y
PLANO DA SUPERFÍCIE EXTERIOR
ENERGIA
0
(Tt)
X

FIGURA 20

O motivo de que ambos os sistemas geométricos estejam mutuamente referidos se deve ao fato que, na estrutura cultural, o sujeito racional remete o pensamento até a esfera de si mesmo e acordo à referência a si mesmo que propicia a potência ativa da Relação pensada e a que, na esfera de luz, o sujeito consciente "aponta" à estrutura cultural, até o plano de significação horizontal que, justamente, está nivelado com respeito a si mesmo.

Por outra parte, o "plano comum" a ambos os espaços análogos se denomina "UMBRAL DE CONSCIÊNCIA" e se pode vê-lo representado na figura 21.

Resumindo, além do plano de significação **(yx)**, em direção **(0z)**, se estende o espaço análogo que guarda correspondência conceitual com a esfera de consciência, a qual se compõe de duas regiões: a esfera de sombra e a esfera de luz. A "esfera de sombra", espaço imediato à estrutura cultural, conclui em uma camada superior, que se prolonga desde o "umbral de consciência" até a superfície exterior, denominada "esfera de luz".

Consideremos agora, no âmbito de tal disposição espacial análoga, o "pensamento e um sistema" da estrutura cultural do pasu.

De acordo com o visto, o pensamento pode ser "racional" e, ADEMAIS, "consciente". Especifiquemos ambos os conceitos. O pensamento é "racional", em primeiro lugar, quando ocorre SOBRE a estrutura cultural. Em tal caso o sistema pensado somente manifesta no pensamento o relevo significado. Mas o significado é o fundamento do pensamento: o relevo, que significa, é um símbolo que a potência ativa do esquema manifesta no contexto de uma linguagem. Tal símbolo pode ser, por exemplo, o triângulo representado SOBRE o sistema **xx** da figura 20 e NO plano de significação (**yx**).

Assim, a figura 20 expressa analogamente o "pensamento racional". Mas, quando um pensamento ALÉM de racional é "consciente"? Resposta: quando na POTÊNCIA da Relação existe uma referência a si mesmo. ENTÃO O SÍMBOLO É IMPULSIONAO A "MOVER-SE ATÉ" A ESFERA DE CONSCIÊNCIA OU ESQUEMA E SI MESMO. Observemos que neste "mover-se até" temos presente duas das notas da "energia psíquica": o "movimento" e a "direção" (até). Quando a potência impulsiona o símbolo até a esfera de consciência se efetua, na realidade, sua ATIVAÇÃO ENERGÉTICA: a "energia psíquica", ou energia com que a potência tem ativado o símbolo, é tão maior quanto menor seja a referência a si mesmo da Relação pensada; mais adiante se explicará a origem "consonante" de tal

referência”. Analogamente a energia psíquica **(Ep)** DIMINUI o sentido do eixo **(0z)**, com o qual guarda correspondência conceitual.

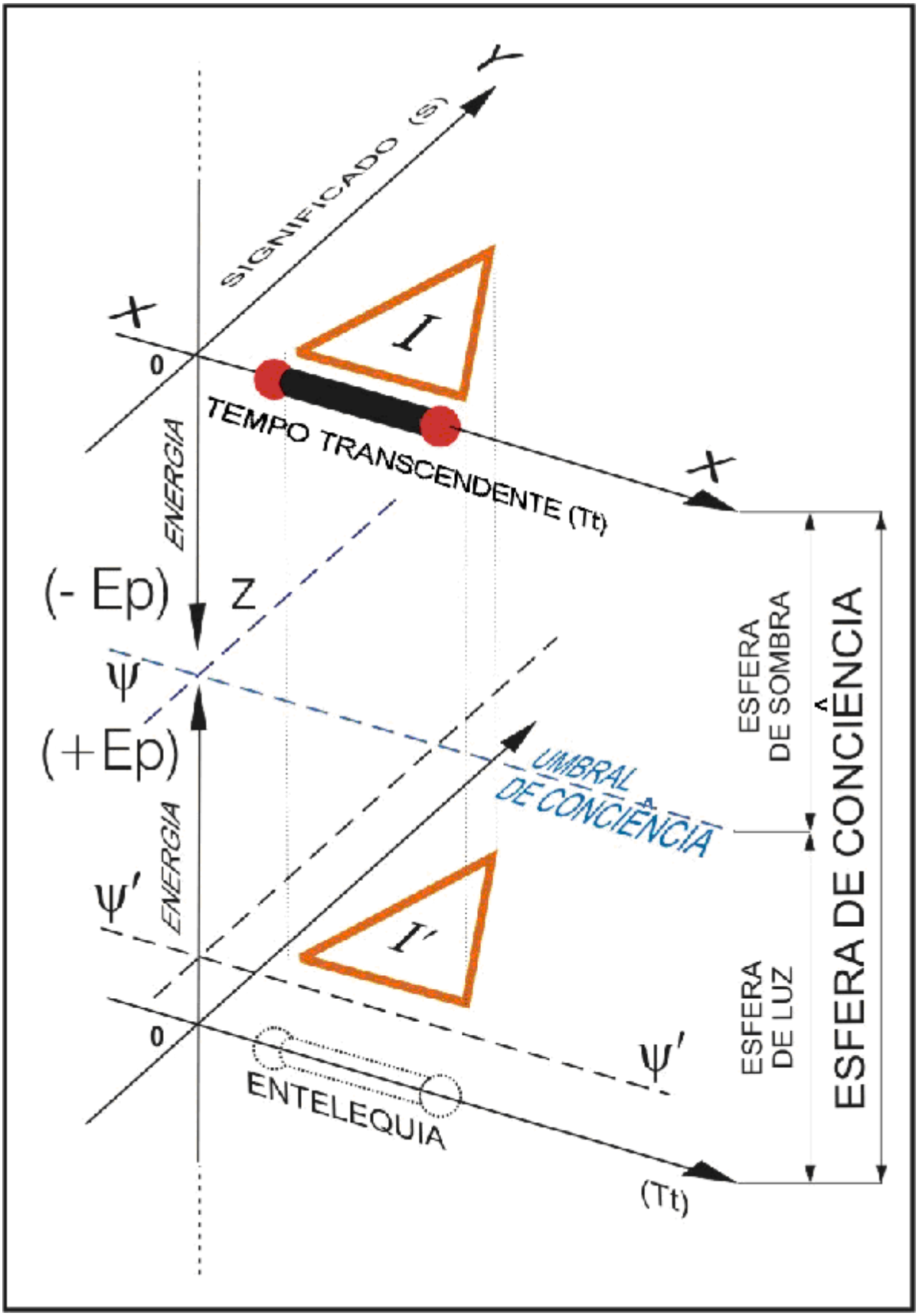

Y
SIGNIFICADO (S)
X
0
I
TEMPO TRANSCENDENTE (Tt)
X
ENERGIA
(- Ep)
Z
Ψ
(+Ep)
UMBRAL DE CONCIÊNCIA
ESFERA DE SOMBRA
ESFERA DE CONCIÊNCIA
ENERGIA
Ψ'
I'
0
Ψ'
ESFERA DE LUZ
ENTELEQUIA
(Tt)

FIGURA 21

Expor o conceito de “pensamento consciente”, de tal modo que justifique a “expressão energética” requererá ainda de várias definições e comentários. Observemos pelo momento a figura 21, onde se tem representado o caso em que o símbolo da figura 20 está disposto e suficiente energia como para trasladar-se à esfera de consciência: o símbolo **I**, situado SOBRE o sistema pensado, TRANSITOU PELA ESFERA DE CONSCIÊNCIA ATÉ A ESFERA DE LUZ E SE MANIFESTOU ALI COMO **I**. Os seguintes comentários explicarão tal ação.

Primeiro – Nas figuras 20 e 21 a esfera de consciência se estende “como espaço análogo da representação” além do plano horizontal **(yx).** No nível de tal plano se encontra o sistema **xx** QUE FORMA PARTE DA ESTRUTURA CULTURAL. Mas, segundo dissemos em outra parte, a estrutura cultural é um substrato das esferas ativa e racional, NAS QUAIS SE ACHA IMERSA; dissemos também: “no profundo”, “perto da memória arquetípica”, etc. Raciocinemos agora do seguinte modo: se a estrutura cultural se encontra “no profundo” das esferas afetiva e racional, então imediatamente ALÉM dela se encontra a extensão destas esferas; mas acabamos de saber que ALÉM da estrutura cultural, ou seja, além do sistema **xx**, se estende a esfera de consciência. É evidente, então, que a esfera de consciência e as esferas afetiva e racional estão COMPENETRADAS ENTRE SI. Além de qualquer plano de significação. O problema é: até onde chega a tripla compenetração das esferas psíquicas? Resposta: até o UMBRA DE CONSCIÊNCIA. O umbral de consciência, em efeito, marca o limite da compenetração: a partir do umbral **Ψ** está a "esfera de luz" na qual tem “pura consciência”, pois constitui o lugar do sujeito consciente.

Agora, podemos explicar a origem do nome “esfera de luz”. Analogamente, convém considerar a esfera de consciência como formada por DUAS ESFERAS concêntricas e consecutivas, semelhantes a duas cascas de cebola. A primeira é a que vai desde o plano horizontal **(yx)**, figura 21, até o umbral de consciência **Ψ**, ou seja, à região a qual recentemente atribuímos tríplice compenetração; a esta região denominamos ESFERA DE SOMBRA. A segunda é a que se estende desde o umbral de consciência **Ψ** até a superfície exterior da esfera de consciência, a qual chamamos “esfera de luz”.

Em resumo, a esfera de consciência apresenta uma região inferior ou “esfera de sombra” que é comum às esferas afetiva e racional, e uma região superior ou “esfera de luz” que é a única na qual possa haver “pura consciência”.

Segundo – Sendo que a estrutura cultural está IMERSA nas esferas afetiva e racional, por derivação de tal fato, pode-se assinalar com acerto que determinado símbolo “EMERGIU DA CONSCIÊNCIA”. Com o mesmo critério diremos que s translação de **I** a **I’** é “a EMERGÊNCIA DE **I**”.

Esta alegoria se fará mais patente se supormos que o “umbral de consciência” é análogo a uma SUPERFÍCIE LÍQUIA: sob ela está a esfera de sombra e, mais abaixo ainda a estrutura cultural. Assim, todo símbolo que se torna consciente deve EMERGIR de tal superfície líquida, como peixes voadores que SURGEM ante nossa visão turvada para depois afundar-se novamente na negrura do mar.

Terceiro - O esquema do sistema **xx** é a verdade de um ente. Ao ser “pensado” sua potência o faculta para manifestar um relevo sobre um plano de significação horizontal. Tal relevo é o significado quem fundamenta ao pensamento, o qual, por ser um termo psíquico, tem indubitável natureza sêmica. Por isso, empregamos um SÍMBOLO **(I),** nas figuras 19, 20 e 21, para representar o relevo significado pelo sistema **xx**. Agora bem, quando o sistema **xx** é pensado sobre um plano de significação, da verdade do ente somente será vivenciado um “conceito”, ou seja, uma fatia do esquema sêmico; ver figuras 14, 15 e 16. Portanto, o símbolo **I** da figura 19 tem sido manifestado por um “conceito” o esquema **xx** e cabe perguntar: que relação existe entre o símbolo **I** (relevo significado pelo pensamento) e o conceito **xx** do qual procede? Resposta: o símbolo **I** é a IMITAÇÃO do conceito **xx**, sua RÉPLICA.

Esta resposta, desde cedo, lança novas interrogações. Por exemplo, como se entende tal imitação simbólica? O signo **I** é idêntico? Semelhante? Ou igual ao conceito **xx**? Vamos responder por partes a tais interrogações. Antes de tudo o signo **I**, e em geral qualquer relevo significado, é IGUAL ao conceito **xx**, no que tange HOMOLOGIA DO MODO ESTRUTURAL: se não existisse igualdade, o símbolo **I** poderia significar algo distinto do conceito **xx**; mas nesse caso não seria um relevo significado o conceito **xx**, pois este somente pode significar o que o conceito significa. O absurdo desta possibilidade demonstra a necessidade de que todo relevo significado seja igual (homólogo) ao conceito que significa.

Por outra parte, é evidente que uma coisa é o símbolo **I** e outra o conceito **xx**; ou seja: ainda que sêmicamente iguais, ambos os elementos não são idênticos, guardam algumas diferenças entre si. As principais são as diferenças de dimensão, que se tornarão claras depois de recordar as determinações do conceito **xx**. Comecemos pela Relação **xx**: esta possui extensão, compreensão e potência. O conceito **xx** tem igual extensão, mas menor compreensão que a Relação **xx** que traduz, por isso, analogamente, enquanto a Relação **xx** se representa como uma barra cilíndrica, o conceito é só uma fatia de tal cilindro (figura 16). A compreensão de uma Relação é análoga ao volume do cilindro, de maneira que a menor compreensão do conceito se expressa no menor volume da fatia: sendo iguais em extensão, conceito e Relação, O MENOR VOLUME É FUNÇÃO DA ESPESSURA DA FATIA. A menor compreensão, tenhamos presente isso,

indica que o conceito somente pode expressar um aspecto da verdade do ente. Em outras palavras, a compreensão de uma Relação expressa quão apta em seu esquema para conter a verdade o ente, quão próximas estão suas qualidades simbólicas de coincidir com o desígnio. A menor compreensão do conceito causa que algumas de tais qualidades ou notas ficam excluídas de sua significação, que o conceito expresse "um aspecto da verdade do ente". Somente chegando ao fundo do conceito, ao núcleo conotativo, é possível perceber a verdade sob outro aspecto, com novas qualidades não compreendidas até este momento. Mas para isso é necessário NOTAR O SIGNIFICADO EM OUTRA LINGUAGEM, VALE DIZER, EM OUTRO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO.

Consideremos agora o símbolo **I**, manifestado pela potência do conceito **xx**. Ambos os elementos são sêmicamente "iguais" ainda que difiram em suas dimensões. Se tivermos em conta que o símbolo **I**, da figura 19, é efeito do CONCEITO **xx** temos de concluir que tanto a extensão como a compreensão do conceito, estão igualmente presentes no símbolo **I**: a extensão do conceito, em efeito, é denotada no símbolo **I** pela DURAÇÃO durante a qual se manifesta no pensamento. A compreensão do conceito é função da espessura da fatia e igual ao volume desta. Podemos convir em que a espessura do símbolo, e seu volume, são iguais aos do conceito-fatia.

A extensão do conceito é igual a duração do símbolo; a compreensão do conceito é igual a compreensão do símbolo. Quais são, pois, as diferenças de dimensão que impedem que conceitos e símbolos sejam idênticos? Resposta: a diferença radica nas dimensões potência e conotação. A potência do conceito é CAUSA da manifestação do símbolo que o imita. Por isso o símbolo **I** não possui potência senão ENERGIA, ou seja, movimento e direção (até a consciência). E o símbolo **I**, ou qualquer relevo significado equivalente, não possui conotação, posto que somente exista em seu plano de significação horizontal.

Em síntese, o símbolo **I** é SEMELHANTE ao conceito **xx** que o produziu. Não é "idêntico" porque o símbolo **I** é um relevo que só existe no plano de significação horizontal que nivela a seu contexto significativo, enquanto que o conceito possui um núcleo conotativo que é comum a muitos outros planos e significação oblíquos. Também se diferencia em que, enquanto o conceito é parte de um enlace estrutural que lhe impede de ter "movimento", o símbolo **I** tem "movimento" e "direção", enquanto tal energia lhe alcance para subsistir no pensamento ou nas esferas psíquicas. Apesar destas diferenças, o símbolo **I** é semelhante ao conceito porque é estruturalmente homólogo a este; em geral, todo símbolo produzido pela potência de um conceito, a imitação sua, é homólogo com ele, ou seja, possui o mesmo môo estrutural.

Cabe destacar que quando o conceito **xx** manifesta um símbolo **(I)**, que o imita estruturalmente, se comporta de maneira análoga a um ÁCIDO NUCLÉICO no ARN ou ADN, em efeito, possui mensagem (ou "CONCEITO") codificado segundo a distribuição dos NUCLEOTIDEOS que unem as cadeias AÇÚCAR_FOSFATO da estrutura molecular em dupla hélice. Analogamente à produção de **(I)** pelo conceito-fatia **xx**, o ácido nucléico é também capaz e REPLICAR sua mensagem em outra molécula que o imite estruturalmente.

Quarto **-** O símbolo **I**, e todo símbolo equivalente, se denomina "REPRESENTAÇÃO RACIONAL" de um conceito.

O símbolo **I'**, e todo símbolo que emerge na consciência, se denomina "REPRESENTAÇÃO CONSCIENTE" de um conceito.

Quinto **–** Temos e perguntar agora, o que é uma IMAGEM MENTA? Resposta: **1º** - TODA REPRESENTAÇÃO QUE EMERJA À CONSCIÊNCIA, OU SE ENCONTRE EM TRÂNSITO ATÉ ESTA, É PERCEBIDA COMO "IMAGEM". **2º** - "imagem" é, também, o produto da FANTASIA. No que resta deste artigo somente ocuparemos das imagens originadas na estrutura cultural, ou seja, das representações conscientes, tais como o símbolo **I'** da figura 21; no artigo seguinte se explicará a origem das fantasias.

Temos de analisar, pois, a resposta "1º" para compreender seus alcances. Em primeiro lugar nos diz que TODO SÍMBOLO QUE ABANDONE A ESTRUTURA CULRUTAL, e se dirija à consciência, É UMA IMAGEM, mas não nos diz que "TOOS" os símbolos que se manifestem "SOBRE" a estrutura cultural sejam emergentes. E não nos diz isto porque algumas representações racionais, e não todas, possuam suficiente energia como para emergir e tornar-se conscientes. Quais, de todas as representações racionais possíveis, transitam até a consciência e serão percebidas como imagens? Esta pergunta é equivalente àquela que fizemos no início: quando um pensamento, ALÈM de racional, é "consciente"? E a resposta é a mesma para ambos: quando na potência da Relação pensada, existe uma referência a si mesmo, então a representação racional é impulsionada a mover-se até a consciência, sendo percebida como imagem sêmica o conceito que significa.

Recordemos de quê depende que os elementos da estrutura cultural estejam ou não referidos a si mesmo: a referência provém do descobrimento e si mesmo, fato que marca o nascimento a "consciência" como um sujeito histórico do microcosmo; a partir deste fato começa a estruturar-se um "esquema de si mesmo", ou esfera de consciência, com seus elementos procedentes da estrutura cultural, ou seja, com representações conscientes.

Estão, pois, referidos a si mesmos todos os esquemas de entes, tanto entes interno como entes eternos, que sejam “históricos” para o microcosmo. Mas Não estão referidos a si mesmo os ESQUEMAS PRÉ-HISTÓRICOS, ou seja, os que foram estruturados antes do conhecimento de si mesmo, e tampouco o estão os ESQUEMAS NÃO HISTÓRICOS, ou seja, os esquemas de Princípios. Estes esquemas, assim como os Princípios, somente produzem “REPRESENTAÇÕES RACIONAIS PURAS”, sem referências a si mesmo e, portanto, não dirigidas à consciência.

Toda representação racional pura possui sempre energia mínima, insuficiente para abandonar a estrutura cultural, o plano de significação, e dirigir-se à consciência como imagem. Em troca, as representações racionais produzidas por esquemas com potência referida a si mesmo sempre possuem energia suficiente como para intentar a emergência. Tal diferença de energia nas representações racionais está causada, segundo se disse, porque a potência em uns esquemas está referida a si mesmo e em outros não: O PORQUÊ DA POTÊNCIA REFERIDA A SI MESMO, PRODUZ MAIS ENERGIA NA REPRESENTAÇÃO QUE UMA POTÊNCIA PRÉ-HISTÓRICA OU NÃO HISTÓRICA, TEMOS DE BUSCÁ-LO NO “EFEITO COMOVENTE" QUE O DESCOBRIMENTO DE SI MESMO, E TODA ALUSÃO A ELE, CAUSA NO MICROCOSMO. No seguinte comentário veremos com detalhe a causa de tal “efeito comovente".

Sexto – A esfera de consciência e a “consciência”, se constituem, em efeito, a partir e um primeiro estremecimento do microcosmo, desse primeiro contato com o desígnio de si mesmo que revela à intuição a possibilidade de autonomia do microcosmo. A possibilidade que tem o pasu de chegar a ser um microcosmo autônomo está subjacente na potência de seu desígnio: o descobrimento do desígnio e si mesmo permite, em um relâmpago que estremece todas as esferas, tal possibilidade Potencial de autonomia; a essa intuição eterna se tem batizado tardiamente com o nome de LIBERADE. Essa intuição “desperta”, metaforicamente falando, à potência microcósmica: a possibilidade de autonomia, que se encontra em gérmen, é então irreversivelmente incitada a despregar-se e a amadurecer em si mesma. Surge assim um primeiro símbolo, reflexo primogênito e si mesmo, que se situa ALÉM da estrutura cultural, em uma posição hierárquica que determina todas as futuras referências do conhecimento. Mas esse símbolo, ao qual se estruturam todos os posteriores elementos o esquema de si mesmo, tem surgido como produto de uma comoção primordial que não pode ser passada por alto nem esquecida. O esquema de si mesmo é “memória representativa” e a primeira representação que memoriza corresponde a uma experiência cuja impressão lacerante jamais poderá ser superada por outras experiências posteriores. Há, pois, uma DOR ORIGINAL, subsumido na esfera de consciência, que perdura em toda sua história e constitui o fundamento da CENTRALIDADE referencial que a torna objeto a razão. Por isso, a “vontade

instintiva” que move a razão para que funcione, quando interpreta os desígnios descobertos e os refere a si mesmo, a um “centro” de si mesmo comovido permanentemente, introduz uma determinação perturbadora na potência dos esquemas. E esta determinação da potência é a que torna possível a certas representações racionais emergirem à consciência.

O descobrimento de si mesmo, a intuição da possibilidade de autonomia microcósmica, o surgimento da esfera de consciência pela representação dessa intuição comovente, e o desprendimento irreversível da potência microcósmica que tente a concretizar sua autonomia ou “objetivo microcósmico da finalidade, são todos os aspectos de uma mesma causa inevitável”. Por esta causa o pasu não “poderá evitar” a consciência: não é possível gerar nenhuma força no microcosmo capaz de opor-se e “anular” a esfera e consciência, pelo contrário, toda ação da vontade instintiva, toda operação da razão, faz “crescer” o esquema de si mesmo, da maior compleição à esfera e consciência. Em suma, NADA HÁ DE MAIS OPOSTO À CONSCIÊNCIA QUE A “INDIFERENÇA”.

A intuição da possibilidade de autonomia microcósmica É O PRINCÍPIO DE UMA “AUTO-INDIVIDUAÇÃO CONSCIENTE”; sua nota principal a DIFERENÇA, evidente e indubitável, entre si mesmo e o mundo, entre micro e macrocosmo. Esta DIFERENÇA surge à consciência e por isso em toda representação consciente NÃO PODE EXISTIR A INDIFERENÇA DE SI MESMO. Tal como veremos mais adiante, na IÉIA, objeto do sujeito consciente, há uma PRIMEIRA INTENÇÃO ou DIREÇÃO até si mesmo que constitui a DIFERENÇA REAL com o sujeito.

Tenhamos presente que, à medida que a esfera de consciência “cresce”, o SUJEITO CONSCIENTE radica nela seu pensar e intenta desde ali exercer o controle total da estrutura psíquica. O sujeito “na” esfera de consciência é a manifestação mais elevada da alma do pasu, a qual tem intuído a possibilidade de autonomia e procura concretiza-la situando-se na posição mais favorável. Tal lugar, de onde todo pensamento ponta e contribui para a individuação, pode ser entendido analogamente como “a capa exterior da esfera de consciência”, ou seja, a esfera de luz além de **Ψ** na figura 21. Em resumo, além do umbral de consciência, onde tem lugar as representações conscientes, está a “esfera de luz”, ASSENTO DO SUJEITO CONSCIENTE. Este é quem apreende as representações conscientes ou outra classe de objetos ideais e quem, também e principalmente, é capaz de promover o pensamento DESDE a esfera de consciência.

Sétimo – Examinemos agora o trânsito de **I** e **I’**, ou seja, a emergência de **I** simbolizada na figura 21. A potência ativa da Relação **xx** tem dotado o relevo significado **I** de suficiente energia como para emergir na esfera de luz. As notas principais da energia psíquica, segundo vimos no artigo “Esquema e

si mesmo e energia psíquica", são "o movimento", "a direção" e "a intensidade". Ao movimento, no caso das representações conscientes, o temos equiparado analogamente com a ação de EMERGIR. Falta-nos, pois, interpretar "a direção" e "a intensidade" que a potência ativa imprime à energia de uma representação consciente.

Já sabemos por que a potência "dirige" a representação de um esquema histórico até a esfera de consciência: porque existe, na potência, a determinação de uma referência a si mesmo. Em base a isto, vamos denominar INTENSÃO a toda direção da energia psíquica e PRIMEIRA INTENSÃO à direção até a esfera de consciência. Podemos dizer, assim que I "emerge até a esfera de luz guiada por sua primeira intenção".

Emergência e intencionalidade são, então, duas notas energéticas de toda representação consciente.

Agora bem: que uma representação intencionada a si mesma "EMERJA" não significa necessariamente que vá chegar à esfera e luz, como ocorre com o símbolo **I** da figura 21. Pelo contrário, somente a INTENSIDAE da energia assegura tal manifestação: se há suficiente energia, se a intenção é bastante intensa, então a representação atravessará o umbral de consciência e se fará consciente, em caso contrário, permanecerá em um nível subconsciente. De quê depende a intensidade da energia psíquica? Resposta: da potência ativa. Segundo o grau de comoção que o descobrimento do desígnio particular, cujo esquema é xx, tenha causado COM RESPEITO A SI MESMO, tão INTENSA será a energia e sua representação, tão certa será a INTENSÃO e tão veloz será a EMERGÊNCIA.

Entretanto, estas notas não alcançam explicar por si só o fenômeno da representação consciente na esfera de luz. Em física, o conceito de "energia" está associado ao conceito de "RESISTÊNCIA" ou "GASTO", sem o qual aquela seria incompreensível. A "energia" não teria sentido, em efeito, sem a possibilidade de seu consumo. Se recordarmos que "o conceito de energia significa a esfera de consciência" teremos de admitir que algo semelhante à RESISTÊNCIA há de existir na esfera de consciência. E realmente existe uma OPOSIÇÃO à emergência, que consome grane parte da energia das representações: tal resistência se denomina "OPACIDADE INTRÍNSECA" da esfera de sombra.

A opacidade intrínseca tem sua origem na tríplice compenetração das esferas e consciência, afetiva e racional, em que consiste a esfera de sombra. Daí que a resistência DIMINUA UNIFORMEMENTE à medida que a representação se aproxima do umbral de consciência, para ser mínima logo e sua manifestação na esfera de luz. Não é que na esfera de luz não exista também uma resistência; o que ocorre é que, por estar mutuamente referida às

esferas de luz e sombra, tal como se ostra na figura 21, A PARTIR DO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA, A REPRESENTAÇÃO DEVE ENFRENTAR-SE A UMA “RESISTÊNCIA INVERSA” À OPACIDAE INTRÍNSECA”. Ou seja, a partir do umbral de consciência existe uma FACILIDADE para a emergência da representação.

Ainda será explicado em outro comentário por que isso ocorre, note-se aqui que, ao atravessar o umbral de consciência, uma representação de **I** da figura 21 passa a ter mínima energia **(-Ep)** bruscamente a ter máxima energia **(+Ep).**

Também convém advertir que o “consumo” de energia, que causa a opacidade intrínseca da esfera de sombra em toda representação emergente, NÃO SIGNIFICA DE MODO ALGUM SUA PERDA. No microcosmo Potencial, como em qualquer ente físico, deve cumprir-se a lei de conservação da energia. Com a energia psíquica a lei análoga seria a seguinte:

Energia total da esfera de sombra **(Eps)** + Energia total da esfera de luz **(Epl)** = Constante **(K)**

ou seja

$$Eps + Epl = K \quad (5)$$

Como a "energia psíquica" é uma magnitude variável, a expressão análoga anterior nos diz que se um dos comandos "diminui" o outro há de "aumentar" proporcionalmente para que a suma permaneça constantemente igual a "K". A quantidade de energia constante **"K"** varia, naturalmente, de um pasu a outro. Em um pasu particular, por exemplo, raramente se pode ser alterado o valor de **"K"** de maneira significativa ao largo da vida, pois o mesmo depende fundamentalmente de fatores genéticos hereditários e em menor grau da evolução que possa lograr o sujeito anímico. Somente o virya, tal como veremos na segunda parte, é capaz de desequilibrar a lei de conservação da energia psíquica e receber um aporte ilimitado de energia por meio do Vril.

Um símbolo emergente NÃO PODERIA AFETAR MAIS QUE A UM POR VEZ AOS COMANDOS DE (5) posto que transite primeiro pela esfera de sombra e logo pela esfera e luz, nessa ordem. Isto quer dizer que a energia que o símbolo “perde” por causa da opacidade intrínseca, em realidade é absorvida pela esfera de sombra e armazenado nela. Resulta, então, que a diminuição de energia do símbolo é somente uma “transformação interna” da esfera de sombra que NEM SEQUER AFETA O VALOR DE **Eps**, ou seja, a energia total da esfera de sombra.

Oitavo – Sabemos que durante sua emergência, todo símbolo se "dirige" até a esfera de luz. A "direção" é uma nota da energia psíquica a que chamamos "intenção": a "primeira intenção" de uma representação a dirige à esfera de consciência ou, mais concretamente, à capa superior da esfera e consciência, à esfera de luz. O que determina esta "direção" na energia do símbolo? A "referência a si mesmo" da potência ativa. Nesse comentário vamos explicar analogamente a "referência a si mesmo" para demonstrar que a mesma, na realidade, se compõe de duas "referências" básicas: uma "racional" e outra "emocional". Começaremos, pois, por expor as definições análogas necessárias para fundamentar tal explicação.

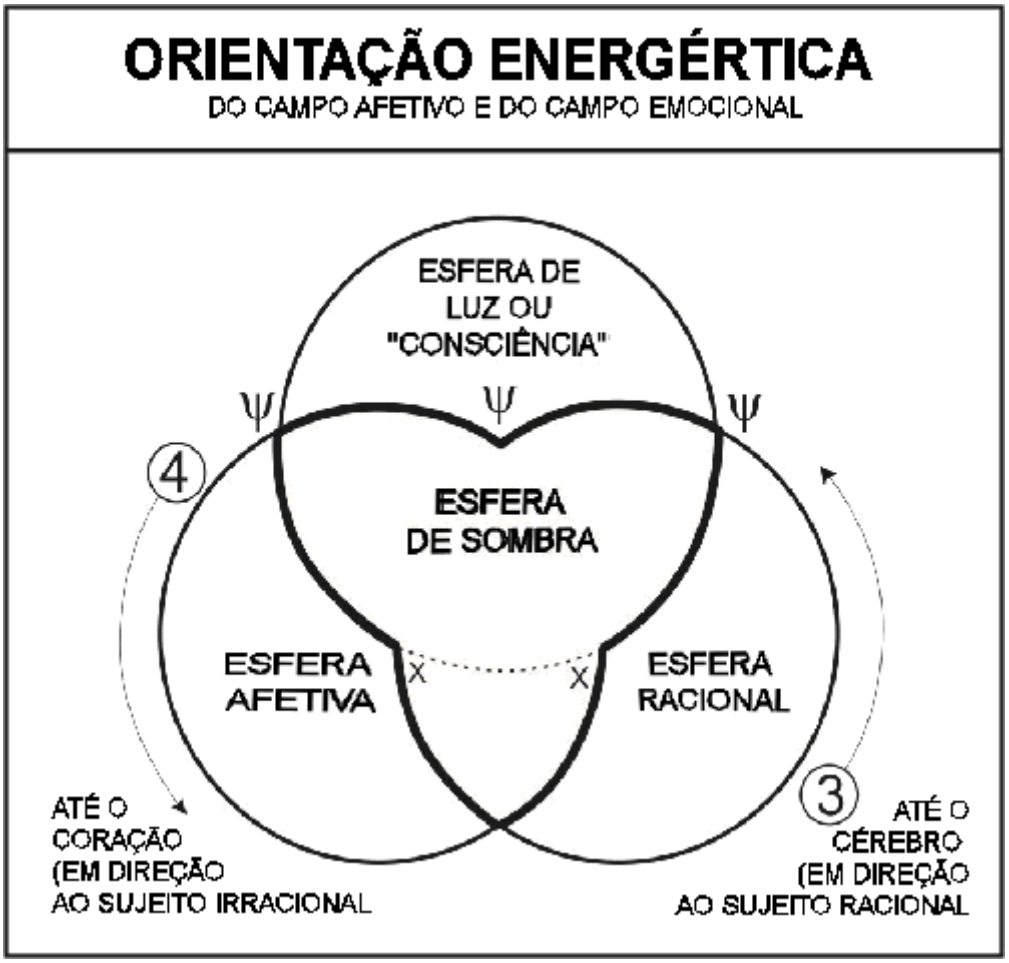


FIGURA 22

Na figura 22 temos representadas as três esferas energéticas que constituem a estrutura psíquica do pasu. Nela se encontra destacada a "esfera de sombra" que, segundo sabemos, se conforma pela compenetração das esferas afetiva e racional; a esfera de sombra e a esfera de luz compõem, por sua vez, a esfera de consciência. Também está indicado o nível Ψ do umbral de consciência.

Vamos explicar agora uma importante definição, apoiando-nos para sua explicação na figura 22. Trata-se da ORIENTAÇÃO ENERGÉTICA O CAMPO RACIONAL E O CAMPO AFETIVO. Já sabemos que as esferas racional e afetiva devem considerar-se como "espaços análogos"; a partir daqui vamos supor que tais espaços consistem em CAMPOS ORIENTADOS segundo a direção das flechas (3) e (4).

Isto deve entender-se assim: TODO SÍMBOLO SITUADO NA ESFERA RACIONAL, MAS FORA DA ESFERA DE SOMBRA, EXPERIMENTA UMA "FORÇA DE CAMPO" QUE O IMPULSIONA EM DIREÇÃO AO CÉREBRO; TODO SÍMBOLO SITUADO NA ESFERA AFETIVA, MAS FORA DA ESFERA DE SOMBRA, EXPERIMENTA UMA "FORÇA DE COMPO" QUE O IMPULSIONA AO CORAÇÃO. E o que ocorre NA esfera de sombra? Resposta: Por se produto da compenetração das esferas racional e afetiva, cujos campos têm orientação inversa, A ESFERA DE SOMBRA APRESENTA UM CAMPO DE ORIENTAÇÃO NEUTRA. Em outras palavras, as orientações dos campos racional e afetivo se neutralizam no campo misto da esfera de sombra.

Em resumo, nas esferas da estrutura psíquica, em seus "espaços análogos", temos definido um "campo orientado" que tem a seguinte propriedade: todo símbolo emergente, por efeito da "orientação de campo", resulta "orientado" em cada esfera pela qual se desloca.

Valendo-nos da definição do "campo orientado" vamos explicar analogamente a "referência de si mesmo" da potência ativa.

Consideremos, por exemplo, o símbolo **I** da figura 21, que emerge a esfera de luz. Por causa da opacidade intrínseca da esfera de sombra, o símbolo começa a perder energia desde o primeiro instante de seu movimento. Mas a esfera de sombra se compõe das esferas racional e afetiva, compenetradas entre si; a energia cedida há de partir-se, pois, e maneira proporcional entre ambas. Proporcional em relação a que? Ou seja, quem determina o grau e energia que há e receber cada esfera? Resposta: as referências racional e afetiva QUE CONSTITUEM A REFERÊNCIA A SI MESMO.

Resulta assim que a referência a si mesmo É UMA RELAÇÃO ENTRE DUAS MAGNITUDES VARIÁVEIS, uma racional e outra afetiva. Logo, "variável" é uma qualificação geral, tomando em conta que as referências racionais e afetivas VARIAM de um esquema a outro. Mas, em UM ESQUEMA PARTICULAR, as referências são FIXAS, características da impressão que o ente tenha causado em cada esfera durante a transcendência de seu desígnio. Diremos então que a "referência a si mesmo" é uma

FUNÇÃO das referências racional e afetiva, tal como, analogamente, dizemos que a esfera de sombra é uma FUNÇÃO das esferas racional e afetiva.

A potência ativa do conceito **xx**, ao dotar de energia o símbolo **I**, o refere a si mesmo em função das referências racional e afetiva. A magnitude de cada referência reflete à medida que o ente afetou as esferas racional e afetiva e É EM PROPORÇÃO A TAL MAGINITUDE QUE O SÍMBOLO CEDE ENERGIA À ESFERA DE SOMBRA. Mas a esfera de sombra é um campo de orientação neutra, que ocorre quando o símbolo **I** descarrega energia nas esferas (3) e (4) que o constituem? Resposta: se desequilibra a neutralidade do campo misto e o símbolo **I** experimenta forças que o orientam no sentido do campo (3) e do campo (4); estas forças são também proporcionais à magnitude das referências.

Vamos distinguir três casos, (a), (b), e (c), os quais o símbolo **I** manifesta diferentes magnitudes nas referências que determinam a direção de sua energia.

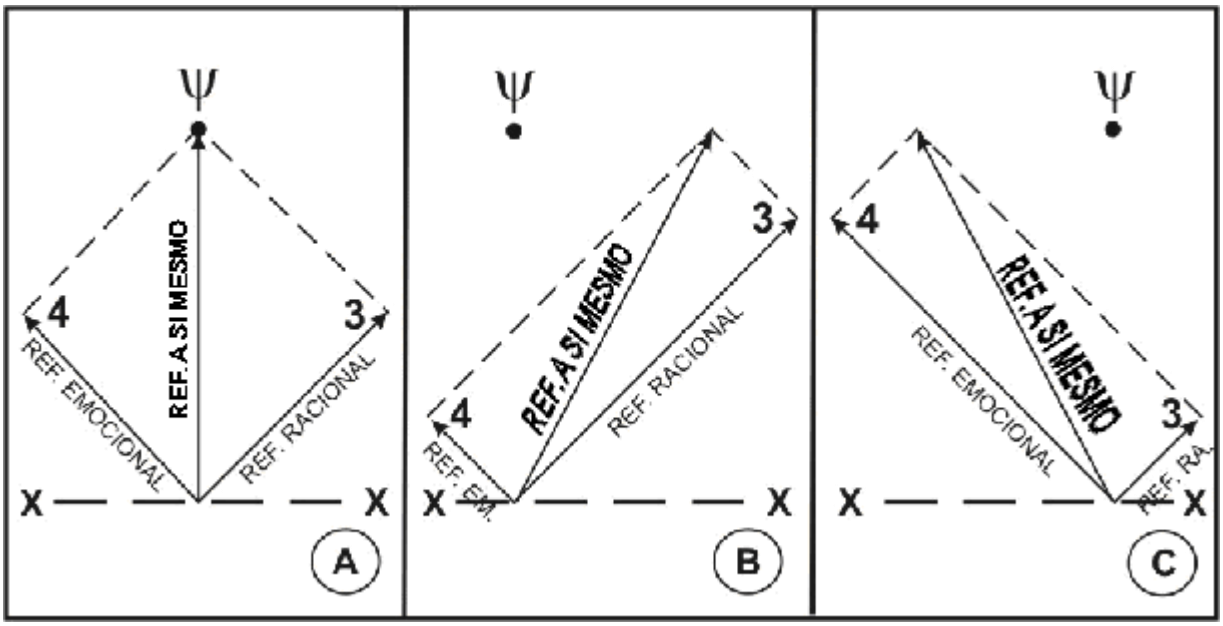


FIGURA 23

Caso **(a):** o símbolo I apresenta máxima orientação a si mesmo. Na figura 23 (a) temos representado analogamente o caso (a); ali se observa que, em efeito, a "referência a si mesmo" é uma função das referências racional (3) e afetiva (4). Também se vê que a "referência a si mesmo" consiste, corretamente, em uma direção até o umbral de consciência **(Ψ).** Mas, concretamente, qual é o caso (a)? Resposta: aquele no qual um ente externo afeta de maneira equilibrada às referências racional e afetiva. Neste caso as referências com que a potência ativa determina a energia de *I* são equivalentes, MAS OPOSTAS: como resultado de sua ação, a energia tem

sempre uma direção intermediaria, a qual denominamos, para abreviar, “referência a si mesmo”.

O fato de que as referências (3) e (4) sejam OPOSTAS deve interpretar-se como que “O RACIONAL SE OPÕE AO AFETIVO” ou que” O AFETIVO SE OPÕE AO RACIONAL” ou, em conseqüência, que “O AFETIVO É IRRACIONAL”.

A direção da energia **I**, sua primeira intenção, é, então, uma “resultante” das referências (3) e (4). Entretanto, isto não significa que as referências se tenham fundido irreversivelmente em um único movimento: EM TODA REPRESENTAÇÃO CONSCIENTE, O SUJEITO CONSCIENTE DISPÕE DA FACULDADE DE DECOMPOR A PRIMEIRA INTENÇÃO EM SEUS COMPONENTES, RACIONAL E AFETIVO, E PERCEBÊ-LOS SEPARADAMENTE.

Caso **(b):** o símbolo **I** está RACIONALMENTE DESEQUILIBRADO, como indicado na figura 23 (b). Este é o caso no qual a referência racional é predominante na determinação da direção energética: isso implica que a energia será cedida em maior medida à esfera racional e, portanto, QUE A FORÇA DO CAMPO RACIONAL SERÁ SUPERIOR À DO CAMPO AFETIVO. Qual é seu efeito? Resposta: O símbolo **I** não seguirá uma trajetória direta até a esfera de luz senão que se INCLINARÀ em direção à esfera racional. Se o desvio não é muito grande, o símbolo emergirá finalmente e se fará claro para o sujeito consciente, mas, observando a figura 22, comprovamos que se o símbolo se desvia o suficiente PODE SAIR FORA DOS LIMITES DA ESFERA DE SOMBRA. O que ocorre, então? Resposta: no caso (b) o símbolo **I** penetra na esfera racional e, segundo explicamos, “experimentará uma força que o orientará em direção ao cérebro”. Aqui por “cérebro” deve-se entender “o sujeito racional”, cujo acento no macrocosmo é a memória arquetípica ou cérebro. No caso (b) extremo o símbolo **I** poderia abandonar a esfera de sombra e ingressar na esfera de percepção do sujeito racional, sendo novamente esquematizado, AGORA COMO ENTE INTERNO.

Caso **(c)**: o símbolo I está AFETIVAMENTE DESEQUILIBRADO, tal como se observa na figura 23 (c). Este caso é exatamente inverso ao caso (b): a referência afetiva é maior que a racional e o símbolo cede mais energia à esfera afetiva; em conseqüência, sua direção se desvia da esfera de luz e se “inclina” à esfera afetiva. Como em (b), o símbolo emergirá se o desvio não for muito grande, mas em caso contrário abandonará a esfera de sombra e se internará na esfera emocional. Que ocorrem então? Resposta: “experimentará uma força que o orientará ao coração”. Mas aqui por “coração” devemos entender SUJEITO AFETIVO, ou seja, SUJEITO IRRACIONAL: todo símbolo situado na esfera afetiva se dirige ao SUJEITO IRRACIONAL,

CUJO ACENTO NO MICROCOSMO CONSTITUI O CHAKRA DO CORAÇÃO.

Que coisa é um “sujeito irracional”, já que praticamente explicado no comentário 2º do artigo “E”. Ali se demonstrou que o sujeito anímico é análogo a um halo de luz, um único halo-sujeito que transpassa por sucessivos filtros, se manifesta como "racional", "cultural" e “consciente”. O halo "racional" brota pela abertura central de um tampa análoga ao microcosmo, que cobre a um filtro, análogo a alma do pasu, mas, rodeando tal abertura há outras perfurações menores pelas quais também brotam até a luz.
ESTES FEIXES, "NÃO RACIONAIS", REPRESENTAM OS SUJEITOS IRRACIONAIS. Dissemos, ali, que essas aberturas secundárias correspondiam a “chakras” ou “centros”, conectados com primitivos esquemas impressos na alma transmigrante.

Há, assim, no microcosmo, mais de um sujeito irracional, mas que leva o controle do mesmo é o sujeito anímico, racional, que se manifesta nas estruturas da psique e cujas faculdades e funções temos estudado até agora. O sujeito irracional do coração, ao qual vamos denominar SUJEITO AFETIVO, é o mais poderoso de todos os sujeitos irracionais porque a ele se refere à orientação energética a esfera afetiva.

Por último, sem esquecer em nenhum momento, ”que é função das referências racional e afetiva”, vamos continuar atribuindo à “referência a si mesmo da potência ativa” a direção energética de toda representação.

Nono - Se a representação emerge, finalmente, na esfera de luz, tal como se vê na figura 21, será apreendida ali pelo sujeito consciente como “IMAGEM”. Na verdade toda representação consciente pode ser VISTA pelo sujeito, ou seja, percebida como “imagem”, e por isso a esfera de luz deve ser considerada como a região da IMAGINAÇÃO.

Décimo – O conteúdo mais completo de um pensamento consciente é a IDÉIA. A IDÉIA, a parte de mostrar uma IMAGEM que representa o relevo significado, revela o SIGNIFICADO ao entendimento. As representações conscientes, QUANDO SÃO APREENDIDAS PELO SUJEITO, se percebem como “idéias”, ou seja, imagem e significado: AS IDÉIAS PODEM SER “VISTAS” E ENTENDIDAS 2[5][1]. Pelo contrário, as representações racionais, que ocorre SOBRE os sistemas da estrutura cultural, NÃO SÃO, RIGOROSAMENTE FALANDO, “IDÉIAS”, POIS NÃO PODEM SER OBJETO DE UMA “VISÃO” EIDÉTICA POR PARTE DO SUJEITO CONSCIENTE, SE BEM SÃO “ENTENDIDAS” PELO SUJEITO CULTURAL. Não obstante, para evitar confusões, temos de denominar “idéias sem imagens” às representações racionais e “idéias com imagem”, ou simplesmente “idéias” às representações conscientes.

Décimo primeiro – A “esfera de sombra” é o que, ultimamente, os psicólogos têm denominado INCONSCIENTE. Se quisermos equiparar os conceitos que expostos com suas equivalentes da Psicologia Analítica de C.G.Jung, podemos começar por assimilar o INCONSCIENTE COLETIVO PESSOAL à MEMÓRIA ARQUETÍPICA do modo estrutural. Notamos que a “memória arquetípica” se encontra na região mais profunda da estrutura psíquica: se observarmos a figura 21, vemos ali a esfera de luz a mais elevada região psíquica onde se manifesta o sujeito anímico; se “olhamos dali” até a esfera de sombra advertimos que sob ela está a estrutura cultural, com o sistema **xx** cujo plano de significação se nivela com relação à esfera de luz e, mais abaixo ainda, se encontra a “memória arquetípica”.

Naturalmente, ao dizer “abaixo do umbral de consciência” estamos falando em termos energéticos, por exemplo, “abaixo do plano horizontal (xx)” significa “abaixo de zero energia", ou seja, na região da potência.

Décimo segundo – O mais elevado assento do sujeito é a “esfera de luz”, a que temos identificado no comentário nove como “região da imaginação” Ao sujeito consciente lhe resulta natural, com efeito, perceber representações conscientes, ou melhor, imagens, na esfera de luz. A nota principal de toda representação consciente é a CLAREZA, conceito que vamos expor em detalhes por constituir uma chave para compreender o pensamento consciente do pasu.

Comecemos por definir o termo. A “claridade” se refere, antes de tudo, a uma propriedade que permite DISTINGUIR uns objetos de outros e, em cada um deles, suas qualidades. Entretanto, esta propriedade não pertence à esfera e luz como poderia pensar-se, ou seja, não se trata de que “certa luz” se derrama sobre os objetos e os torna claros, senão que depende dos objetos mesmos: é uma propriedade objetiva. Naturalmente, os “objetos” que aparecem “claros” na esfera e luz são “idéias, ou seja, imagens que emergem à consciência provenientes da estrutura cultural”. Mas uma “imagem”, para continuar com o exemplo a figura 21, é somente um símbolo, tal como **I’**, que emerge à esfera de luz. O símbolo **I’** é a manifestação do conceito **xx**, sobre o plano horizontal da significação contínua, que emerge por causa da potência ativa do conceito **xx**, porque a potência está referida a si mesmo. Por isso a substância do símbolo **I’** consiste somente de energia psíquica **(Ep)**.

Bem, se a “claridade” da imagem é uma propriedade objetiva, e o objeto consiste somente de energia psíquica, é evidente que a CLARIDADE É FUNÇÃO DA ENERGIA. Por esta propriedade é que resulta convenientemente à energia psíquica como uma espécie de LUZ. Então, quanto maior energia, mais LUZ no símbolo, e maior possibilidade de emergir à consciência. A resistência que oferece a esfera de sombra ao passo do símbolo, a opacidade intrínseca, consome

parte da energia, e agora podemos dizer: a opacidade intrínseca ABSORVE A LUZ do símbolo emergente.

Mas, se “a claridade é função da energia”, significa isso que o sujeito consciente há de perceber a imagem “clareando-se” à medida que se “aproxima” da esfera de luz? Antes de responder devemos assegurar-nos de que tenhamos compreendido o problema. Ponhamo-lo dessa forma: se as representações racionais, ou seja, as que ocorrem SOBRE a estrutura cultural (**I**, figura 21), são COMPLETAMENTE OBSCURAS, “sem imagem”, e as representações conscientes (**I’**, figura 21) são COMPLETAMENTE CLARAS, “pura imagem”, se deve inferir disso que as IMAGENS se vão “clareando” à medida que se “aproximam” da esfera de luz? Resposta: evidente que NÃO. Todo mundo sabe, por exemplo, que uma representação involuntária, ou seja, uma que surge imprevistamente na consciência, APARECE COM CERTO GRAU DE CLARIDADE CARACTERÍSTICA: NÃO VAI SE “CLAREANDO” À MEDIDA QUE APARECE. Isto significa que a “claridade” é uma propriedade objetiva da imagem que deve ser apreciada pelo sujeito consciente NA ESFERA DE LUZ. Em conseqüência, “claras”, em maior ou menor grau, SOMENTE PÕEM SER AS IMAGENS QUE ATRAVESSAM O UMBRAL DE CONSCIÊNCIA.

A esfera de luz é a região da "imaginação”, o âmbito de manifestação das imagens conscientes e, naturalmente, o assento do sujeito consciente. Este sujeito, no pasu, não é propenso a receber percepções de imagens que não tenham alcançado o umbral de consciência; somente a um sujeito altamente individualizado, que tenha conseguido reduzir à consciência o conteúdo da esfera de sombra, lhe será possível perceber o trânsito da imagem desde a estrutura cultural até sua emergência na esfera de luz: os sujeitos “normais”, que estamos estudando, percebem as imagens unicamente na esfera de luz, SALVO OS CASOS DE PERCEPÇÕES ONÍRICAS, HIPNÓTICAS, ETC.

A claridade então, uma propriedade das imagens que denota sua energia interna e que é apreciável para o sujeito desde o momento mesmo em que percebe a imagem, a saber, desde que a representação atravessa o umbral de consciência e “aparece” ante o sujeito.

Para completar a noção de claridade há que ter em conta que uma idéia somente pode ser clara quando se cumprem duas condições supostas: a primeira é “o contraste com a esfera de sombra” e a segunda “a diferença consigo mesmo”. Vejamos em que consiste cada condição.

No artigo “B” do presente artigo se definiu a faculdade tradutiva do pensar racional como uma função das potências ativas das Relações, que torna “horizontal” o plano de significação do pensamento ao referido “centro de referência” da esfera de luz. Nas figuras 20 e 21 se representou,

analogamente, o plano de significação horizontal do conceito xx PARALELO ao plano do umbral de consciência. Dita “horizontalidade” do pensamento significa que o sujeito consciente APONTA PARA O PLANO DE SIGNIFICAÇÃO à medida que tal plano esteja referido à esfera de luz. Ou seja, o sujeito consciente “aponta” sempre para a esfera de sombra, pois CONTRA ELA SE CONTRASTAM AS REPRESENTAÇÕES EMERGENTES. Toda imagem se lhe aparece desta maneira, mais ou menos clara A RESPEITO DA NEGRURA A ESFERA DE SOMBRA. E esta maior ou menor claridade é o que permite, A POSTERIORI, ISTINGUIR uma imagem de outra e, em cada uma delas, suas qualidade, A claridade de uma idéia supõe assim, sem declará-lo expressamente, o negro fundo a esfera de sombra contra a qual se contrasta toda representação consciente.

Enquanto a DIFERENÇA CONSIGO MESMO, que já foi adiantada no comentário Sexto, se estabelece pelo efeito da PRIMEIRA INTEÇÃO que caracteriza toda imagem. Segundo vimos, a primeira intenção é uma das notas da energia, equivalente à DIREÇÃO que guia ao movimento ou emergência da imagem até si mesmo. A primeira intenção de um símbolo, a direção até si, é percebida pelo sujeito consciente como SUA EVIDÊNCIA OBJETIVA. A percepção de um símbolo na esfera de luz vai sempre acompanhada de sua certeza: o sujeito consciente jamais duvida da percepção de um objeto ideal ou de qualquer conteúdo sêmico que se faz claro na consciência.

O caso é que a DIFERENÇA que é capaz de estabelecer um sujeito consciente entre uma imagem e si mesmo, influi positivamente na claridade da idéia: quanto maior diferenciação da representação pelo sujeito, maior qualidade objetiva daquela e, portanto, maior claridade de sua evidência. A claridade de uma idéia supõe assim, sem declará-lo expressamente, que tal idéia é um “objeto” mais ou menos diferenciado do sujeito consciente.

Décimo terceiro – Vamos estudar agora um dos fenômenos chave do pensamento consciente, cuja formulação é a seguinte: TODO SÍMBOLO QUE EMERGE NA ESFERA DE LUZ ATUA, FRENTE AO SUJEITO, COMO O REPRESENTANTE DE UM ARQUÉTIPO, OU SEJA, O SÍMBOLO DE DESLOCA NUM PROCESSO EVOLUTIVO QUE TENDE A PERFEIÇÃO FINAL OU ENTELEQUIA. DURANTE TAL PROCESSO O SÍMBOLO DISTRAI A ATENÇÃO DO SUJEITO.

Observe que dissemos “como o representante de um Arquétipo”; esclarecemos isto. Por “Arquétipo”, antes de tudo, entendem-se aqueles paradigmas que constituem o “plano arquetípico” e a semelhança dos quais se conforma em ordem do “plano material”. Estes são, segundo se explicou no inciso “finalidade e suprafinalidade” os “Arquétipos UNIVERSAIS” do macrocosmo. Mas no microcosmo, o corpo material do pasu, existe uma réplica invertida do “plano arquetípico”: a “memória arquetípica” ou cérebro. A memória arquetípica está composta por “Arquétipos invertidos” que são, cada um, o reflexo dos Arquétipos universais. Tal como se expôs no inciso “Memória arquetípica e razão”, os Arquétipos universais não podem ser conhecidos racionalmente, ou seja, através da esfera sensorial e, portanto, são IRREPRESENTÁVEIS para o sujeito consciente. Não ocorre o mesmo com os arquétipos invertidos, pois as operações da razão o atualizam na estrutura cultural como “Princípios” ou “símbolos arquetípicos” de uma Relação: toda representação racional de uma Relação (por exemplo, **I**, figura 21) pode emergir como “representante consciente” (**I**’, figura 21) frente ao sujeito consciente. Uma “representação consciente” conforma já largamente explicada, é a emergência na esfera de luz da IMITAÇÃO sêmica de um conceito, ou seja, da verdade do ente notada em uma linguagem, o que representa a representação é, então, a verdade do ente e o que “verá” o sujeito consciente, sua idéia, será a imagem do ente, a cópia do esquema que a POTÊNCIA ATIVA DA Relação manifestou como relevo no horizonte da significação contínua. Mas o esquema do ente, ao qual imita a representação, é um símbolo complexo, composto de símbolos arquetípicos que representam, por sua vez, aos Arquétipos invertidos da memória arquetípica. Quer dizer que uma representação consciente, a imagem de um ente vista idealmente pelo sujeito, representa na verdade ao conjunto de símbolos arquetípicos que integram a subestrutura do esquema. Agora não é difícil entender que toda representação consciente, ou o símbolo em que esta consiste, REPRESENTA EM REALIDADE A UM OU VÁRIOS ARQUÉTIPOS.

Mas tal representação de um Arquétipo não é consciente, ou seja, não será notada pelo sujeito consciente, porque SOMENTE O ESQUEMA EM SUA INTEGRIDADE ESTRUTURAL TEM SIDO INTENCIONADO PELA POTÊNCIA ATIVA, e não os símbolos arquetípicos que o compõem. Os símbolos arquetípicos, ainda que fundamentem e conformam toda imagem, permanecem sumidos nela, integrados na forma total sem destacar-se. Por exemplo, a imagem da roda se compõe de muitos símbolos arquetípicos: o círculo, o eixo polar, o “raio”, a cor, o movimento, etc;, que não são notados a menos que se efetue uma REFLEXÃO a posteriori. Porém, a imagem da roda pode “rodar” frente ao sujeito e este somente poderá detê-la fazendo uso da vontade, opondo energia volitiva à energia intencional da imagem em movimento. A imagem da roda, que gira INVOOLUNTARIAMENTE na imaginação, é um bom exemplo do caráter arquetípico de tal representação: seu girar, seu movimento, é a apreciação subjetiva do PROCESSO

ENTELEQUIAL OBJETIVO, com que a imagem, símbolo arquetípico ou conjunto deles, se desloca frente ao sujeito consciente.

Mas não é necessário que a imagem esteja em movimento para demonstrar que constitui um PROCESSO; basta com que permaneça na esfera de luz, com que registre duração no tempo transcendente, para que o processo se desenvolva: a persistência da imagem na imaginação implica por somente este ato a existência de um processo.

Até aqui tratamos de mostrar o fato de que toda representação consciente é um fenômeno ativo, dono de uma dinâmica própria que compete em força com o sujeito consciente. Examinemos agora a causa de tal fato valendo-nos da figura 21.

Vemos nela parte do desenvolvimento análogo de um pensamento consciente (o desenvolvimento completo se estudará no próximo artigo). Em um primeiro momento o pensamento ocorre SOBRE a estrutura cultural. O sujeito cultural vivencia a Relação **xx** e nota o significado no contexto significativo de uma linguagem. Entende assim a verdade do ente como conceito xx, o qual se representa racionalmente no plano de significação horizontal (**xx**). O símbolo **I** é a representação racional que imita ao conceito **xx**, ou seja, que é homólogo a este. Mas **I** é uma manifestação energética da POTÊNICIA ativa e suas notas são: a emergência (movimento), a primeira intenção (direção à esfera de luz) e a intensidade.

Se a energia é suficiente toda representação racional pode emergir até a esfera de luz. Na figura 21, adverte-se, projetada com linhas e pontos, a emergência de **I**. Há de se notar, neste momento, que durante o trânsito pela esfera de sombra (ou **Ψ)** a energia de **I** vai diminuindo devido à resistência que lhe opõe a opacidade intrínseca. O MÍNIMO valor de uma energia **(- Ep min.)** é alcançado no nível **Ψ** do umbral de consciência ao qual, portanto, atravessa: toda a energia com que a potência ativa havia dotado a **I**, energia referida intencionalmente a si mesmo, se consumiu no trajeto **(ou Ψ)**, ou seja, foi cedido à esfera de sombra de acordo com a lei de conservação da energia estudada no comentário Sétimo.

Cegamos assim ao momento em que ocorre a TRANSIÇÃO ENERGÉTICA de toda representação consciente: o instante em que o símbolo cruza o umbral de consciência. O fenômeno é o seguinte: antes do umbral de consciência, no último espaço da esfera de sombra adjacente a **Ψ**, o símbolo **I** possui mínima energia **(-Ep min.)** e máxima inércia emergente; depois do umbral de consciência, no primeiro espaço da esfera de luz adjacente a **Ψ**, o símbolo **I'** possui máxima energia **(+Ep máx.)**. Ao atravessar o nível Ψ do umbral de consciência ocorreu, pois, uma importante "transição energética" no símbolo **I**.

Para compreender este fenômeno devemos recordar a "expressão energética do pensamento do pasu": **W. Tt = Ep.** Esta expressão nos diz, em primeiro lugar, que "a energia **(Ep)** é função da potência **(W)"**, e, em segundo lugar que “A POTÊNCIA SE PODE CONVERTER EM ENERGIA E A ENERGIA EM POTÊNCIA”. Aplicada a um símbolo, tal como **I**, a expressão energética afirma que TODA DIMINUIÇÃO DA ENERGIA DURANTE A EMERGÊNCIA DEVE REPORTAR-SE COMO UM AUMENTO DE SUA “POTÊNCIA” PARA RECEBER ENERGIA EQUIVALENTE.

Um símbolo emergente possui, pois, “potência ativa”, ainda que em forma inversa a uma Relação. A potência ativa da relação é POSITIVA, capaz de dotar por si mesma ao símbolo de energia suficiente para emergir: a energia do símbolo provém de uma manifestação atual da potência ativa. Em troca, a potência ativa do símbolo emergente é NEGATIVA, produto da diminuição de energia que cedeu à esfera de sombra durante o trânsito até **Ψ**: a potência ativa negativa de um símbolo predispõe a este para TOMAR a energia faltante. E esta potência, recolocada no símbolo emergente, a que o impele a desenvolver um processo entelequial e a que causa a transição energética de **(-Ep min.)** a **(+Ep máx.)**.

Quando o símbolo **I** se encontra no nível exato de **Ψ**, ou seja, no plano do umbral de consciência, SUA ENERGIA É ZERO, E SUA POTÊNCIA MÁXIMA. Ao concluir a esfera de sombra desaparece a opacidade intrínseca e o símbolo deixa de perder energia; ao penetrar na esfera de luz sua potência o predispõe a TOMAR energia. De onde a TOMA? Resposta: da esfera de luz, vale dizer, da consciência. Mas tal restituição de energia não se efetua progressivamente, de maneira análoga à paulatina perda de energia experimentada na esfera de sombra, pelo contrário, ao atravessar o umbral de consciência, o símbolo TOMA DE UMA SÓ VEZ TODA A ENERGIA QUE LHE DEMANDA SUA POTÊNCIA NEGATIVA. Por isso toda representação consciente “APARECE” COM “CLAREZA” ANTE O SUJEITO. Mas nesta “aparência” o símbolo dispõe agora de energia própria e tenta deslocar frente ao sujeito aquilo que leva em gérmen sob a forma simbólica.

Da potência com que um símbolo atravesse o umbral de consciência depende a região da esfera de luz na qual tenha se manifestado. O símbolo **I',** por exemplo, se estabiliza frente ao sujeito consciente no nível **Ψ1** (ver figura 21). O nível de estabilização de toda representação consciente se alcança em um só movimento que começa na estrutura cultural, na figura 21, isto significa que o símbolo **I** emerge desde o plano de significação até o nível **Ψ1** EM UM SÓ MOVIMENTO, progressivo até **Ψ** e brusco até **Ψ1**: NO NÍVEL DE ESTABILIZAÇÃO ACABA A EMERGÊNCIA E COMEÇA O PROCESSO.

A estabilidade de uma representação é vivenciada pelo sujeito como a "aparição" da imagem, como um símbolo que de pronto emerge e se fixa na consciência. Mas tal estabilidade não indica quietude senão que assinala comente uma mudança na atividade do símbolo: a partir dali começa um processo entelequial que pode distrair completamente a atenção do sujeito a menos que este disponha de suficiente energia, ou seja, vontade, para contestá-lo.

Na segunda parte deste "Fundamentos…", ao estudar a Ética Hiperbórea, será considerado de importância capital, e em base a isso se desenvolverá toda uma topologia humana, o momento da estabilização do símbolo na consciência. Por isso convém antecipar agora que ao "aparecer" o símbolo frente ao sujeito, se estabelece entre ambos uma TENSÃO DRAMÁTICA, nesse caso o pasu atina a raciocinar de uma maneira que lhe é característica. Porém, por trás do aprisionamento dos Espíritos Hiperbóreos, existem três classes de homens sobre a Terra: o pasu, o virya e o Siddha. Particularmente o virya, que pode ser "perdido" ou "desperto", exibe reações distintas à do pasu. Uma topologia baseada na atitude do sujeito consciente frente a um SÍMBOLO SAGRADO, que mais adiante se definirá, é altamente reveladora sobre o grau de confusão estratégica que apresentam os homens, em particular os que procuram libertar-se do Grande Engano. E este dado é imprescindível de conhecer antes de escolher uma via hiperbórea de libertação. Esta necessidade justifica amplamente o largo estudo analógico que temos empregado para tornar inteligível o funcionamento da estrutura psíquica do pasu.

Décimo quarto – O fenômeno psíquico que simbolizamos na figura 21 pode interpretar-se também do ponto de vista psicológico. Nesse caso há que se considerar que o sujeito cultural tem "pensado" o sistema **xx**. QUANDO O SUJEITO CULTURAL PERCORRE O SISTEMA **XX** O CONTEÚDO DO PENSAMENTO SE DENOMINA "JUÍZO SINTÉTICO A PRIORI". Mas percorrer um sistema equivale, segundo já dissemos, a notar O CONCEITO DE UMA RELAÇÃO ENTRE PRINCÍPIOS; quer dizer: a faculdade tradutiva permite ao sujeito cultural NOTAR A RELAÇÃO COMO "CONCEITO" NO CONTEXTO SIGNIFICATIVO DE UMA LINGUAGEM. E o significado que fundamenta o pensamento é um "relevo no horizonte da significação contínua", ou igualmente "um símbolo manifestado no plano de significação horizontal"; este último corresponde à representação racional **I** da figura 21. Pois bem: o símbolo **I**, que é homólogo ao conceito **xx**, o DENOTA em todo momento, ainda quando emerge a consciência, MAS NOS TERMOS DE UMA LINGUAGEM CONTEXTUAL. É assim que o símbolo **I** É SEMPRE UMA EXPRESSÃO CONCEITUAL, A POSTERIORI DO JUÍZO SINTÉTICO A PRIORI EM QUE CONSISTE O PENSAMENTO DO SISTEMA **XX**.

Todo símbolo ou representação que emerge à consciência é significativo em uma linguagem contextual. Em outras palavras: todo símbolo, tal como **I**, denota um conceito, tal como **xx**, ainda que aqueles símbolos que representam um MITO e respectivas linguagens contextuais, segundo se verá mais adiante, sejam completamente desconhecidos pára o sujeito.

Resumindo: um "juízo sintético a priori" ativado pelo sujeito cultural se transforma em um símbolo conceitual representativo, ou PROPOSIÇÃO, para o sujeito consciente. Desde o ponto de vista do sujeito consciente, o símbolo **I´**, ademais de representar uma imagem, denota o significado do conceito **xx** na linguagem contextual do plano horizontal **(yx)**.

No símbolo **I´**, então, há uma PROPOSIÇÃO IMPLÍCITA NO SIGNIFICADO DENOTADO. O sujeito consciente, por causa da barreira energética do umbral de consciência, vê com clareza somente a imagem **I´**, e percebe seu significado na forma proposicional, ignorando em princípio a forma original do juízo sintético. Naturalmente, a forma proposicional do significado é adequada para a expressão sociocultural que exige o objetivo macrocósmico da finalidade: COMUNICAR o significado aos membros da comunidade cultural e COLOCAR o sentido nos entes. Mas a vantagem que a forma proposicional implica para o objetivo macrocósmico, se transforma em desvantagem desde o ponto de vista gnosiológico, para o objetivo microcósmico da finalidade. Isto se fará claro conquanto advirtamos que A FORMA PROPOSICIONAL DO SIGNIFICADO DE TODA A REPRESENTAÇÃO É UMA DESCRIÇÃO ANALÍTICA A POSTERIORI DO JUÍZO SINTÉTICO A PRIORI.

Toda proposição, com efeito, DESCREVE, nos termos de uma linguagem, ao juízo sintético realizado, quer dizer, AO ESQUEMA DO ENTE. Recordemos que a constituição do esquema em nenhum momento foi analítica mas, contrariamente, puramente sintética: o desígnio revelado à razão SE APLICOU SOBRE A MEMÓRIA ARQUETÍPICA E, de tal confronto, surgiu a atualização de um ESQUEMA ESTRUTURAL SINTETICAMENTE INTEGRADO, NÃO DECOMPOSTO EM NENHUM MOMENTO. Só A Limitação evolutiva do sujeito cultural causa que, a posteriori, o esquema seja notado em UMA linguagem e que a "vivência" do esquema, o juízo sintético a priori, seja DESCRITO CONCEITUALMENTE: então se produz a decomposição analítica do esquema do ente, sua "forma proposicional". Já sabíamos, digamos, "extaticamente", que todo conceito é parte de um esquema, ou seja, um SÍMBOLO INCOMPLETO; agora vemos, "dinamicamente", que toda representação supõe um significado proposicional do conceito que significa e que, por isso, é também um símbolo incompleto. Daqui a desvantagem apontada: ao ignorar o juízo sintético a priori, ao racionalizar sua intuição, o sujeito consciente somente dispõe de uma mera

descrição conceitual como fundamento significativo da representação consciente, o que constitui uma grave variedade de daltonismo gnosiológica.

Para mostrar de maneira clara a imprecisão que a forma proposicional do significado introduz no pensamento consideremos o sistema **xx** já estudado. O mesmo constitui um par de Princípios opostos e uma Relação ou esquema do ente; no esquema existe, "como símbolo arquetípico", uma réplica dos Princípios Relacionados. Quando o sujeito cultural "vivencia" o sistema **xx** ocorre i juízo sintético a priori mas, imediatamente, tal vivência é racionalizada pela faculdade tradutiva e do sistema **xx** só é notado o conceito **xx** numa linguagem contextual: o conceito **xx** É PARTE DA RELAÇÃO e não inclui, por sua POTÊNCIA passiva, aos Princípios. A representação do conceito **xx**, sob sua forma proposicional, só denotará ao sujeito consciente UMA PARTE DA RELAÇÃO, ou esquema do ente, COM EXCLUSÃO ABSOLUTA DOS PRINCÍPIOS QUE ENLAÇAVAM E SUSTENTAVAM O ESQUEMA NA ESTRUTURA CULTURAL. Mas ao abstrair o esquema de seus suportes principais a Relação perde seu caráter de enlace e é intuída individualmente, não como esquema do ente mas como o ente mesmo: dali que a descrição lingüística que supõe o conceito consista numa análise semiótica, quer dizer: uma análise semiótica do conceito **xx**TOMADA COMO O TODO DO ENTE. Fica claro, pois que uma decomposição semiótica do conceito com vistas a sua descrição há de ser incompatível com sua COMPREENSÃO, quer dizer, com a captação de seu volume analógico, de sua compleição sêmica. O efeito disto é a DESUBSTANCIALIZAÇÃO da Relação pela extrema abstração de que tem feito o objeto da faculdade tradutiva: o sujeito cultural não percebe a "Relação entre Princípio" senão ao "conceito" da verdade do ente, ao que representa propositadamente. E o sujeito consciente percebe a forma proporcional do significado como uma descrição do ente consciente num conjunto de símbolos, ou propriedades, relacionados entre si de acordo com a modalidade lógica da linguagem. Mas estas "relações" da proposição são insubstanciais, pois a energia da representação CONCENTRA-SE NOS SÍMBOLOS QUE A COMPÕEM, símbolos que correspondem a primitivas propriedades do esquema: TODA PROPOSIÇÃO, ENTENDIDA COMO A DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA DO CONCEITO DE UM ESQUEMA, TEM UMA LEI ENERGÉTICA INVERSA AO DO ESQUEMA QUE REPRESENTA E DESCREVE.

Isto é, enquanto que num sistema do Princípio tem POTÊNCIA PASSIVA e não são notados e sua Relação tem potência ativa e é notada, em uma proporção os termos tem potência ativa e a relação, potência passiva. Assim, os termos, que somente constituem em sujeitos e propriedades, têm um evidente peso, uma maior substância, que as relações que os ligam.

Eis a desvantagem de perceber o significado como uma descrição lingüística: a representação consciente, como imagem do ente, pode aparecer ante o sujeito consciente muito nítida, clara, vívida, etc., mas seu significado pode estar,por sua vez, descomposto analiticamente numa descrição dos símbolos que constituem a imagem SEM QUE RESULTE PARA NADA CLARA A VALIDADE DAS RELAÇÕES LINGUISTICA QUE OS UNEM. A visão eidética do consciente, por exemplo, poderia receber a imagem do ente e abstrair suas propriedades com toda clareza ENQUANTO OPERE COM A FANTASIA SOBRE A COMPOSIÇÃO SÊMICA DA IMAGEM, mas sem reparar na proposição, que descreve linguisticamente aquela imagem, não lhe pareceria tão clara a forma em que os termos, ou propriedades, se relacionam.

Como conclusão há que se ter presente que um conceito, diretamente mentalizado na estrutura cultural, SOBRE a Relação, há de diferir notavelmente de sua descrição proporcional. Por isso não se deve confundir jamais a um conceito estrutural COM SUA DEFINIÇÃO LINGÜÍSTICA: o conceito, ainda quando somente corresponde a um aspecto do esquema sêmico, é sempre vivenciado sinteticamente como subestrutura; sua representação, pelo contrário, o descreve analiticamente em forma proporcional, O DEFINE EM TERMOS DE UMA LINGUAGEM. A forma proporcional, entretanto, é perfeitamente eficaz aos fins do objeto macrocosmo. Mas não devemos esquecê-lo: A PROPOSIÇÃO, COMO EXPRESSÃO DESCRITIVA DA VERDADE DO ENTE, É TAMBÉM UM “SÍMBOLO INCOMPLETO”.

G – O pasu, sujeito consciente.

No que levamos estudando sobre o pasu, temos exposto sempre o desenvolvimento de seu pensamento na mesma ordem em que se manifesta o sujeito anímico no microcosmo, ou seja, na ordem da “seqüência hierárquica”: memória arquetípica ou estrutura cerebral, memória conceitual ou estrutura cultural, memória representativa ou esquema de si mesmo. Naturalmente, o sujeito segue tal ordem porque as estruturas se constituem de acordo à seqüência hierárquica, mas essa situação de nenhum modo se prolonga além da infância. O sujeito é a manifestação da alma nas estruturas psíquicas e, portanto, tende alcançar a perfeição arquetípica, a imitar o Manu, ou seja, trata de cumprir a finalidade de pasu. Com este propósito o sujeito se instala permanentemente nas estruturas superiores e tenta controlar dali a conduta do microcosmo; o objetivo, logo, é o da finalidade operar como sujeito consciente no esquema de si mesmo ou esfera de consciência. Teoricamente um pasu “evoluído” deveria contar com um sujeito consciente capaz de

“conhecer-se” e “conhecer”, de “saber de si”, “descobrir os desígnios dos entes” e “por sentido”. Por isso neste artigo seguiremos uma ordem inversa à empregada até aqui: partiremos da hipótese de que descrevemos o comportamento de um pasu exemplar, tão evoluído que sua esfera de consciência se tenha evoluído o suficiente como para permitir a atividade contínua do sujeito consciente. Com tal convenção estudaremos o pensamento consciente A PARTIR DA ESFERA DE LUZ, ou seja, DO “PONTO DE VISTA” DO SUJEITO CONSCIENTE.

No comentário Quinto do artigo anterior declarou-se que toda imagem mental pode proceder da estrutura cultural ou bem ser “produto da FANTASIA”. Vamos explicar agora como produz o sujeito consciente as fantasias que imagina. .

Para que a explicação não resulte muito complexa é conveniente começar por observar as analogias que existem na produção de imagens por parte de ambos os sujeitos. Em efeito, enquanto o sujeito cultural produz na estrutura cultural as representações que seriam percebidas como imagens na esfera de luz, o sujeito consciente, por sua parte, também é capaz de produzir representações NA ESFERA DE CONSCIÊNCIA, cujas imagens são símbolos próprios do esquema de si mesmo. Ou seja: o sujeito consciente pode gerar por si mesmo imagens na esfera de consciência, SEM QUE INTERVENHA PARA ISSO o sujeito cultural e a estrutura cultural. Tais imagens se denominam FANTASIAS.

Assim, o sujeito consciente é capaz de perceber imagens na esfera de luz, “representações conscientes”, tal como se explicou no artigo anterior, e de imaginar fantasias. Perguntaremo-nos, então, que é uma fantasia e que diferença guarda com a representação consciente.

Para responder a primeira observemos o seguinte. Uma representação consciente pode emergir por duas causas: 1ª – o sujeito racional descobre o desígnio de um ente externo e o interpreta racionalmente, PRODUZINDO um esquema equivalente na estrutura cultural; se tal esquema está referido a si mesmo, uma representação do esquema do ente emergirá imediatamente até a esfera de luz, contendo essa emergência na notícia, o conhecimento imediato, que o sujeito consciente receberá do ente externo. 2ª – o sujeito cultural percebe a um sistema da estrutura cultural como vivencia: tal esquema é o produto de uma descoberta antiga, ou seja, o ente, cuja verdade se esquematizou, já não impressiona a sensibilidade do sujeito racional. Porém, ao ser vivenciado pelo sujeito cultural, PRODUZ-SE uma representação homóloga do esquema, que emerge até a esfera de luz.

Com este esclarecimento queremos destacar que toda representação consciente é sempre uma PRODUÇÃO dos sujeitos racional ou cultural. MAS

O ESQUEMA DE SI MESMO, OU ESFERA DE CONCIÊNCIA SE VAI CONSTYRUINDO COM REPRESENTAÇÕES CONSCIENTES ÀS QUE MEMORIZA ESTRUTURALMENTE PARA QUE CONSTITUAM “A HISTÓRIA DO MICORCOSMO”.

Estes elementos estruturais “históricos” do esquema de si mesmo são os que evocam o sujeito consciente quando se “representa uma fantasia”. Mas isso, enquanto as representações conscientes são PRODUÇÕES SÊMICAS radicadas pelos sujeitos cultural e racional, as fantasias são REPRODUÇÕES CONSCIENTES que o sujeito consciente efetua VOLUNTARIAMENTE sobre o esquema de si mesmo.

A capacidade e eficácia que o sujeito consciente demonstra para produzir imagens históricas de si mesmo e perceber as representações produzidas em outras estruturas culturais denomina FACULDADE DE IMAGINAR OU “IMAGINAÇÃO”. Do mesmo modo como o sujeito racional é capaz de descobrir o desígnio dos entes porque dispõe de uma FACULDADDE CGNOSCITIVA RACIONAL, e o sujeito cultural pode notar a verdade do ente no contexto significativo de uma linguagem, como “conceito”, mercê a que dispõe de uma FACULDADE TRADUTIVA, assim também o sujeito consciente pode “ver” a imagem do ente, uma vez que o compreenda racionalmente, porque dispõe da FACULDADE DE IMAGINAR. Mas esta faculdade não se reduz somente a perceber representações de entes produzidos na estrutura cultural: o sujeito consciente pode imaginar entes conhecidos ou desconhecidos, presentes ou passados, existentes ou inexistentes, reais ou ideais, etc.; os segundos termos expressam as REPRODUÇÕES efetuadas pela fantasia.

Se a “imaginação” é a principal faculdade do sujeito consciente, a “fantasia” é seu grau superior. Frente à representação consciente de um ente, por exemplo, que o sujeito consciente percebe como imagem e significado, a fantasia pode MODIFICAR tal imagem, agregar ou quitar qualidades, e inclusive confrontá-la com outra imagem puramente ideal. Mas este exemplo nos permite advertir o caráter essencialmente VOLITIVO da fantasia. Uma representação consciente, em efeito, “aparece” frente o sujeito consciente já intencionada até si mesmo é produto de outra estrutura, em compensação a fantasia requer a ação direta do sujeito consciente para manifestar: é produto de sua VONTADE “sobre” a esfera de consciência. Além do mais, quando a representação se estabiliza na esfera de luz e inicia seu processo entelequial tenderá a alienar a atenção do sujeito consciente a menos que este disponha de vontade suficiente como para exercer seu controle. A esta aço volitiva, necessária para DETER o processo, há que agregar mais energia, se é que a fantasia pretende MODIFICAR a imagem do ente que representa a representação consciente.

Vejamos agora uma segunda pergunta: que diferença existe entre uma fantasia e uma representação consciente? Apesar da diferença apontada, de que a representação é "imaginação produtiva" e a fantasia "imaginação representativa", convém comparar os aspectos energéticos, racional e inteligível de uma fantasia e de uma representação consciente. No comentário "Primeiro", que segue, se fará um estudo comparativo entre o aspecto energético de uma representação e uma fantasia. No comentário Segundo se explicará o mecanismo pelo qual toda fantasia acaba sendo uma imagem racional e inteligível.

Primeiro – Do ponto de vista energético uma representação consciente "aparece" frente ao sujeito consciente quando se estabiliza, depois da transição energética. Tem então máxima energia, dirigida a germinar e amadurecer seu conteúdo. E, seu pensamento consciente há, assim, uma imagem do ente que, por estar referida a si mesmo, por sua primeira intenção, aparece como objeto evidente e indubitável: um OBJETO IDEAL, representante de um ente real, de sua verdade. A vontade do sujeito pode deter o processo ou, opondo suficiente energia, anular a imagem AO TIRAR DELA A ATENÇÃO: a imagem "aparece" frente ao sujeito consciente porque está intencionalmente referida a si mesmo; se o sujeito não atende VOLUNTARIAMENTE a seu espetáculo a imagem é impotente para manter-se em cena e DESAPARECE DO PRESENTE: fica estruturada no esquema de si mesmo como recordação histórica.

Quando o sujeito consciente REPRODUZ fantasiosamente uma imagem, esta NÃO DIFERE SEMICAMENTE de uma representação consciente e em troca DIFERE ENERGETICAMENTE da mesma. Vejamos como é isto. O requerimento de uma imagem original, ou a evocação de uma conhecida, que o sujeito consciente procura concretizar no esquema de si mesmo, causa a emergência da fantasia. Mas tal "emergência" é quase instantânea por ser um fenômeno que ocorre exclusivamente na esfera de consciência. Agora bem, a "aparição" atual da fantasia também se efetua, como no caso das representações conscientes, com "máxima energia", mas a energia das representações provém da POTÊNCIA ativa das Relações. Quem aporta, pois, a energia das fantasias? Resposta: a esfera de luz ou "consciência".

Para entender esta resposta há que se recordar que a "energia psíquica" é a força que dispõe a vontade para atuar. Na estrutura cultural, o sujeito cultural ao animar um sistema, é quem produz VOLITIVAMENTE a representação emergente. A "POTÊNCIA ativa" da Relação é na realidade a DUSPOSIÇÃO POTENCIAL para atuar que possui o sistema vivo, animado pela alma; em outras palavras: há uma reserva volitiva da alma pronta a ser utilizada pelo sujeito conforma a disposição Potencial de tal ou qual Relação particular. Recordemos que definimos as "faculdades" como "disposições" do

sujeito. Dissemos, por exemplo, “o sujeito cultural DISPÕE da faculdade tradutiva”. Pois bem, AS FACULDADES SÃO “DISPOSIÇÕES ATIVAS” DETERMINADAS PELAS DISPOSIÇÕES POTENCIAIS DAS ESTRUTURAS VIVAS. Podemos explicá-lo, também, mediante uma alegoria: digamos que, por exemplo, temos a “disposição ativa”, a vontade, de trabalhar esta pedra, queremos fazer dela a representação do Führer e pensamos nesta foto, tomada em um dos “mágicos Congressos de Nuremberg”. Nela o vemos descer uma gigantesca escadaria de mármore, vestido com o uniforme de gala das SA, e a capa suavemente balançada pela brisa; a foto pode deter para a História um dos instantes de maior glória de todo Kaly Yuga: o enviado de Cristo-Lúcifer mostrando-nos o caminho da honra e da imortalidade, fazendo possível que o rosto do vil inimigo se descubra frente a nossa confusão. Temos, pois, a “disposição ativa” de talhar esta pedra para retratar essa imagem de glória conforme nossa vontade! Mas nos permitirá a “disposição Potencial” da pedra cumprir nosso propósito? Acaso não é demasiado pequena? Haverá então que fazer uma representação em escala; e seu grau? Permitirá expressar com clareza o gesto do Führer? Terá de pensar nisso: e sua dureza? Cederá ante nossos golpes formativos? Ou nossas ferramentas são inadequadas para modelar esta pedra? Terá de ensaiar, provar a factibilidade de nosso projeto, etc.; vemos assim, que uma coisa é a “disposição ativa” para fazer, e outra é a “disposição potencial” da matéria para receber o fato. Em geral pode afirmar-se que a disposição ativa de uma faculdade está determinada pela disposição potencial da estrutura na qual se aplica. Na alegoria não basta a vontade de representar o Führer NESSA pedra: há que se verificar se a pedra ACEITA a conformação proposta; si for muito pequena não se poderá empregar o tamanho natural, se for muito dura não se pode talhar, se for muito branda se romperá, etc. Ao final a disposição ativa, a vontade, se ADAPTARÁ à disposição potencial da pedra, estrutura material, e surgirá uma representação do Führer, mas tal imagem estará inevitavelmente determinada pelas dimensões da pedra, pela qualidade da matéria prima.

Do mesmo modo a disposição ativa do sujeito cultural, sua vontade, determinada pela disposição potencial da Relação animada, sua POTÊNCIA ativa, produz uma representação da verdade do ente que depende inevitavelmente das dimensões do esquema. E de maneira semelhante o sujeito racional aplica sua disposição ativa, sua vontade, na memória arquetípica para atualizar os Arquétipos invertidos e construir a estrutura cultural: mas tal disposição ativa estará sempre determinada por uma “disposição potencial” dos Arquétipos para interpretar com maior ou menor fidelidade o desígnio do ente.

Considerando estes esclarecimentos a resposta anterior não deve oferecer dúvidas. A disposição ativa de sua faculdade de imaginar permite ao sujeito representar uma fantasia: mas tal imagem estará inevitavelmente determinada por uma “disposição potencial” da esfera de consciência, ou

esquema de si mesmo, ou seja, “estrutura de si mesmo”, que é quem definitivamente aporta a energia. Daí que a energia da fantasia provenha “da esfera de luz ou ‘consciência’”. Mas pode-se completar esta resposta destacando que, se bem a energia da fantasia é aportada pela esfera de luz, isso ocorre POR REQUERIMENTO DO SUJEITO CONSCIENTE, POR DISPOSIÇÃO DE SUA FACULDADE DE IMAGINAR. Mas isto já o sabíamos em que forma completa a resposta anterior? Advertindo que as fantasias são imagens essencialmente sustentadas pelo sujeito consciente, produzidas volitivamente por si e para si; e ao estarem constituídas, como todo termo psíquico, por símbolos arquetípicos, pode chegar a desprender-se em processos entelequiais que tem, como nenhum outro fenômeno psíquico, a possibilidade de distrair a atenção do sujeito consciente e enervar sua vontade. Esta possibilidade se exporá no artigo “H”.

Continuemos agora com o estudo energético das fantasias. Duas imagens, uma representação consciente e uma fantasia, podem ser semicamente homólogas e possuir, ambas, energia máxima. Contudo, DIFERIRÃO ESSENCIALMENTE NUMA NOTA DA ENERGIA. E isto deve ser assim porque senão o sujeito consciente não saberia distinguir a imagem de um ente real de uma fantasia ideal; não saberia diferenciar o plano dos entes reais do plano dos objetos imaginários. A diferença radica segundo se disse, em uma nota da energia na “primeira intenção” ou direção a si mesmo que possui a energia de toda representação consciente. As fantasias, em efeito, NÃO POSSUEM A PRIMEIRA INTENÇÃO posto que não sejam referidas a si mesmo, senão que, pelo contrário, encontravam-se estruturadas no esquema de si mesmo e dali emergiu na esfera de luz, requeridas pelo sujeito consciente.

O sujeito tem posto a fantasia na esfera de luz e a tem referido a um objeto ideal, a uma idéia. Por ser energética a fantasia deve ter uma intencionalidade, mas a mesma aponta não a si mesmo, senão a uma idéia do sujeito; a fantasia REVESTE a tal idéia, a conforma imaginativamente e se sustenta nela. O sujeito consciente vem a ser, assim, o suporte essencial das fantasias, pois se desdobra voluntariamente para reproduzi-las. Este desdobramento voluntário do sujeito NA fantasia, esta presença íntima do sujeito no objeto imaginário, desde que a todo o momento exista uma consciência do caráter puramente ideal da imagem percebida.

Algo mui diferente ocorre quando a imagem é uma representação consciente: esta emerge frente ao sujeito prevista de uma primeira intenção que a evidencia como representante de um ente e como objeto PARA o sujeito consciente. Mas tal objetividade ôntica é A POSTERIORI do conhecimento racional, pois a compreensão do esquema foi obtida previamente, A PRIORI, pelo sujeito cultural.

A primeira intenção da imagem, contida no pensamento do sujeito consciente, DIZ INDUBITAVELMENTE QUE SE TRATA DO ESQUEMA DE UM ENTE; a vivência do esquema experimentada previamente pelo sujeito cultural DIZ A PRIORI DE QUE ENTE SE TRATA.

Suponhamos agora que o sujeito consciente distingue com clareza a imagem de um ente e SABE, pela primeira intenção, que se trata de um objeto ideal de conhecimento. O que ocorre se o sujeito deseja SABER COMO SABE O OBJETO? Nesse caso o sujeito deve REFLETIR SOBRE o objeto, ou seja, deve REFLETIR-SE SOBRE o objeto, situar-se momentaneamente nele e, a partir dele, PERCEBER o sujeito como objeto. Nesta inversão da relação sujeito-objeto, o sujeito consciente pode ver-se a si mesmo vendo, conhecer-se conhecendo, pode "saber como sabe" o sujeito do objeto. Mas tal invasão do objeto por parte do sujeito consciente introduz irreversivelmente uma alteração em sua composição energética: sobrepõe-se à primeira intenção uma "segunda intenção" dirigida ao sujeito.

Mas, as imagens de entes com segunda intenção, já não são tão claramente objetivas: tornam-se cada vez mais subjetivas e terminam por provocar a desconfiança do sujeito. O que sucede é que UMA PROLONGADA REFLEXÃO DO SUJEITO, SOBRE UM MESMO OBJETO CONDUZ A SUA OBJETIVAÇÃO, A IMPOSSIBILIDADE DE DISTINGUIR COM CLAREZA O QUE REALMENTE PERTENCE AO ENTE E O QUE FOI POSTO NO OBJETO PELA IMAGINAÇÃO; QUANDO ISSO OCORRE O SUJEITO, IMPOTENTE PARA CONFIRMAR A REALIDADE DO ENTE, DESCONFIA E DUVIDA DE TODO O MACROCOSMO.

Para que a reflexão do sujeito consciente não ocasione a subjetivação do objeto, o homem deve cultivar o exercício da fantasia. Suas imagens, em efeito, não possuem primeira intenção, pois não procedem diretamente do mundo e, além do mais, o sujeito sabe desde o princípio que se trata de objetos imaginários. A reflexão sobre um objeto da fantasia por um sujeito que não perde de vista em nenhum momento o mundo dos entes reais, é a maneira mais segura de conhecer o microcosmo e de afirmar o macrocosmo, evitando a confusão entre ambos ou a negação de um deles.

Naturalmente, esta opção de refletir somente sobre objetos ideais produto da fantasia entranha uma condição: não é apto para sujeitos volitivamente débeis. Existe aqui, como em todas as vias do conhecimento superior – no sentido em que "superior" é o conhecimento consciente em relação ao racional – um perigo: o perigo de que a energia íntima do objeto ideal supere a vontade do sujeito e desloque SOBRE ELE (e não FRENTE A ELE como as representações conscientes) seu processo entelequial. Esta possibilidade, como já se adiantou, será exposta no artigo "H".

Segundo - Sabemos já que as representações conscientes são racionais a priori, por percepção do sujeito racional, e inteligíveis a priori, por percepção do sujeito cultural. A percepção da imagem que obtém o sujeito consciente é, pois, a posteriori da percepção, racional e inteligível, da verdade do ente que representa. Mas as fantasias não parecem estar no mesmo caso, pois são reproduções que o sujeito consciente realiza na esfera de luz sem intervenção das restantes estruturas psíquicas. A questão é: AS FANTASIAS SÃO RACIONAIS E INTELIGÍVEIS COMO AS REPRESENTAÇÕES CONSCIENTES? Resposta: as fantasias não são racionais e inteligíveis a priori; entretanto, no momento mesmo que o sujeito consciente reflete sobre elas, as toma por "objetos ideais" e as dota de "segundas intenções", se tornam racionais e inteligíveis. Como pode ocorrer isso? É o que explicaremos na continuação, passo a passo.

Comecemos por recordar que o sujeito anímico atua simultaneamente nas três estruturas mnêmicas já estudadas: na memória arquetípica como sujeito racional ou razão, na estrutura cultural como sujeito cultural e na esfera de consciência como sujeito consciente. Normalmente, o sujeito consciente se encontra ligado solidamente ao sujeito cultural e à razão, atuando cada um em sua estrutura.

Então, sem esquecer que o sujeito anímico constitui uma unidade, ainda quando se manifesta simultaneamente em três estruturas distintas, vamos explicar a relação causal que liga esta tríplice manifestação. Em princípio notemos que, de acordo ao estudo análogo do pensamento consciente, o conteúdo simbólico de toda representação há de proceder da estrutura cultural. As fantasias, por outra parte, empregam como "matéria prima" elementos sêmicos que, se bem procedem do esquema de si mesmo, não são mais que símbolos arquetípicos que alguma vez emergiram e se estruturaram na esfera de consciência. Mas esta composição sêmica não basta para que a fantasia seja racional e inteligível a priori: para ser "racional" a fantasia deve submeter-se à segunda operação da razão, e para ser "inteligível" a fantasia, como conteúdo do pensamento consciente, há de ter o fundamento de um "significado". O problema é se as fantasia são objetos ideais reproduzidos exclusivamente na esfera de consciência, que relação causal entre sujeito consciente e os sujeitos racional e cultural efetua que a fantasia se torna racional e inteligível a posteriori de sua aparição? Resposta: antes de tudo há de se destacar que a DISPOSIÇÃO QUE assume o sujeito consciente ao pensar o que CHAMA à razão e motiva sua RESPOSTA, a que sempre acaba por determinar a FORMA do pensamento, tornando RACIONAL qualquer idéia. Isto ocorre porque A RAZÃO RESPONDE À INTERROGAÇÃO. Mas com "interrogação" não nos referimos a nenhuma questão lógica, pois "a lógica" é a modalidade estrutural da linguagem que elege a faculdade tradutiva do sujeito cultural para notar a verdade do ente num contexto significativo, vale dizer, a lógica é uma propriedade do pensar racional que intervém a posteriori

do ato da razão. A interrogação a que aludimos é simplesmente UM MOVIMENTO DO SUJEITO CONSCIENTE: AQUELA FLEXÃO QUE O SUJEITO CONSCIENTE REALIZA VOLUNTARIAMENTE PARA DIRIGIR-SE A UM OBJETO IDEAL.

No estado mental do pasu, ou virya perdido, a razão responde a quase todos os movimentos realizados pelo sujeito consciente com operações de interpretação esquemática, ou seja: a razão interpreta operativamente a impressão que o objeto ideal causa no sujeito consciente e constrói um esquema equivalente, racionalizando a fantasia; tal esquema, vivenciado pelo sujeito cultural produz uma representação que emerge e SE SOBREPÕE À FANTASIA tornando-a, a posteriori, racional e inteligível.

Em resumo, quando o sujeito consciente se enfrenta a um objeto ideal com segunda intenção, ocorre o seguinte fenômeno. O sujeito consciente gera um MOVIMENTO COGNOSCITIVO referido ao objeto ideal; tal movimento é interpretado como uma interrogação formal pela razão a qual estabelece instantaneamente uma interconexão na estrutura celular do cérebro (ou, o que é o mesmo, estabelece relações na memória arquetípica e atualiza um esquema na estrutura cultural) como resposta solidária. Tal interconexão particular, pela correspondência biunívoca entre estruturas, se transfere à estrutura cultural onde se plasma topologicamente sobre seus elementos, ou seja, se "iluminam" as relações envolvidas; fica assim formalizada uma rota lógica que, percorrida pelo sujeito cultural, constitui a inteligência mesma do objeto considerado. Dessa atividade do sujeito cultural, desse "pensar SOBRE os sistemas da estrutura cultural" surge a representação racional que depois emerge à esfera de luz e se SOBREPÕE à imagem do objeto ideal, transformando a fantasia em uma completa representação consciente.

Mas tal "representação" não só é racional e inteligível, segundo se viu, senão que além de tudo tem sido semicamente reconstruída a imitação das relações vivenciadas pelo sujeito cultural, a saber, em função das asserções lógicas da linguagem: por este conhecimento que o sujeito obtenha de uma fantasia a posteriori será sempre invariavelmente conceitual. Disto há que se extrair a conclusão de que uma fantasia, ainda a mais sublime, ainda aquela que mais distanciada parece estar dos entes do macrocosmo, SOMENTE SERÁ VISTA SINTETICAMENTE NUM PRIMEIRO MOMENTO pelo sujeito consciente: logo, a posteriori dessa primeira visão na qual a fantasia se evidencia como objeto puramente ideal, a reflexão do sujeito consciente causará a racionalização e inteligibilidade que conduz finalmente a sua confusão com uma representação consciente equivalente.

O exposto no comentário Treze do artigo "F" nos permitirá observar este fenômeno com mais precisão. Digamos, pois, que num primeiro momento o sujeito consciente PERCEBE a fantasia. Ao refletir sobre ela o sujeito se

flexiona, se move, se dirige à fantasia, causando a reação da razão. A razão "responde" a "interrogação" do sujeito consciente interpretando arquetipicamente à fantasia e transferindo seu esquema à estrutura cultural; ali o sujeito cultural anima um conceito estrutural de tal esquema e produz sua representação consciente. Por "animar um conceito" há de se entender "pensar um juízo sintético a priori". Ou seja: o sujeito cultural dispõe um "juízo" sobre a fantasia e produz sua representação na consciência. Mas a representação de um conceito implica sua definição nos termos de uma linguagem, sua descrição proporcional. Quando a representação emerge na consciência, quase instantaneamente depois da PERCEPÇÃO da fantasia, sobrepõe-se a sua imagem, MASCARANDO-A conceitualmente. Então, a fantasia se torna subitamente significativa para a PERCEPÇÃO do sujeito consciente.

A PERCEPÇÃO da fantasia não só evidencia a relação sujeito-objeto para o sujeito consciente, senão que a encontra fundamentada sobre um significado claramente conceitual, sobre uma descrição semiótica, sobre uma definição proposicional. Tal é a percepção, a posteriori, da fantasia: o sujeito a encontra "significativa", a "entende", porque a vê, a posteriori, através do véu de sua descrição analítica. Não é demais insistir em que a compreensão "racional" de uma fantasia constitui, na realidade, sua ocultação por trás de uma máscara cultural: quando o pasu "entende" conceitualmente uma fantasia, isso significa que a mesma está coberta com um símbolo que a representa analiticamente, frente à aparência do sujeito consciente. E tal símbolo ou descrição não somente mascara e deforma a imagem da fantasia, mas ainda mutila e altera definitivamente suas propriedades e introduz toda sorte de desvios gnosiológicos.

PARA O PASU não existe, pois, mais via superior de conhecimento que A QUIETUDE DO SUJEITO CONSCIENTE. Somente um sujeito inflexível, em efeito, poderá evitar a reação da razão ante a fantasia e conseguirá PERCEBE-LA como tal: POR ISSO TODAS AS ESCOLAS ESOTÉRICAS E RLIGIOSAS DA SINARQUIA PROPÕEM A "CONTEMPLAÇÃO PASSIVA" COMO MÉTODO DE CONHECIMENTO METAFÍSICO. O virya, ou seja, aquele que é expressão do espírito aprisionado, pelo contrário, não desdenhará jamais a ação anímica, e isso não lhe impedirá de perceber as fantasias em toda sua luz. Como? Primeiro, adotando uma ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA, que será explicada na Segunda Parte, e depois descobrindo em si mesmo ao Eu Infinito.

H – O mito e o símbolo sagrado.

No artigo anterior, no comentário Doze, estudamos que toda representação consciente, ao estabilizar-se energeticamente e aparecer frente

ao sujeito, tenta desenvolver um processo entelequial. Isso se deve a que, por estar conformada por símbolos arquetípicos, comporta-se de maneira semelhante à projeção no plano material dos Arquétipos universais e, como tal, tende à enteléquia. Este processo é na realidade, somente a continuação do movimento iniciado nos Arquétipos invertidos na memória arquetípica pela razão; pode-se dizer, com propriedade, de um só fenômeno dividido em várias fases:

Fase 1 – atualização dos Arquétipos invertidos como esquemas do ente; Fase 2 – representação racional (do esquema do ente) sobre a Relação, Fase 3 – emergência da representação consciente, Fase 4 – desenvolvimento do processo entelequial frente ao sujeito consciente.

Naturalmente, a fase 4 é sempre interrompida pela vontade do sujeito, para manter o controle da consciência, uma vez que se tenha obtido bastante conhecimento da representação por sua visão eidética. A capacidade do sujeito consciente de atuar volitivamente para desviar a atenção de uma representação é sinal de uma elevada evolução na estrutura psíquica do pasu, pois tal afirmação do sujeito somente pode dar-se em um esquema de si mesmo de grande complexidade estrutural: em seu esquema de si mesmo que, justamente, se tenha integrado com representações que completaram sua enteléquia em ausência do sujeito e formam parte, ainda que DESCONHECIDA, da História do microcosmo.

Estamos, então, em que um sujeito consciente altamente evoluído, há de ser capaz de evitar o processo entelequial das representações, processo que estas tentam desenvolver por ser, além da imagem que representam, símbolos arquetípicos em plena atualidade. Entretanto existe um tipo de representação, a que até agora não temos estudado, ante cuja ELEVADA ENERGIA o sujeito consciente, ainda “o mais evoluído”, não só é volitivamente ineficaz, senão que corre o risco de cair irreversivelmente fragmentado ou ser definitivamente dissolvido. Tão perigoso tipo de representação denomina-se MITO e sua imagem SÍMBOLO SAGRADO. O mito e o símbolo sagrado serão objeto de extenso estudo na Segunda parte, na qual se exporá a maneira de evitar o perigo mencionado e se explicará por que é necessário, apesar de tudo, tratar com eles. Aqui vamos explicar a origem arquetípica dos mitos: o melhor momento para fazê-lo, pois sua manifestação na consciência guarda estreita relação com a reprodução, pelo sujeito consciente, de certas fantasias.

Recordemos o objetivo macrocósmico da finalidade do pasu: ser doador de sentido nos entes. Para que possa cumprir com tal finalidade o Demiurgo sobrepôs à finalidade dos entes uma suprafinalidade para o pasu, um desígnio que deve ser descoberto e racionalizado numa linguagem cultural e devolvido ao ente mediante a expressão do signo.

Não vamos repetir o já estudado em outros artigos, somente resumiremos o necessário para facilitar a explicação. Nos entes, então, existem dois termos: um universal que representa o Arquétipo universal e outro particular, que responde ao desígnio demiúrgico. Quando o ente impressiona a esfera sensorial do pasu, a razão elimina, por comparação com a memória arquetípica hereditária, ao termo universal, ou seja, confronta o Arquétipo universal do macrocosmo com o Arquétipo invertido do microcosmo. Assim fica descoberto o desígnio como aquele do ente que transcende a esfera sensorial e é interpretado esquematicamente pela razão. O desígnio é a "verdade" do ente e seu esquema um enlace da estrutura cultural ao que chamamos Relação entre Princípios. O Princípio, ou nó, ao que se enlaça a Relação ou esquema do ente é, naturalmente, a atualização do Arquétipo invertido eliminado durante seu descobrimento. Mas um Princípio, ou símbolo simples, não pode ser jamais representado porque sua POTÊNCIA passiva não possui referência a si mesmo; contudo, uma réplica sua pode integrar o esquema do ente na qualidade de elemento sêmico, em cujo caso se denomina "símbolo arquetípico". E estes símbolos arquetípicos que compõem as representações são os que impelem, sem perder a integridade estrutural da imagem esquemática, o processo entelequial frente ao sujeito consciente.

Mas regressemos ao desígnio. Quiçá pelo tratamento crítico que temos feito neste livro sobre a obra do DEMIURGO não se tenha evidenciado o suficiente a importância que este tenha designado ao ser-para-o-homem dos entes, ao desígnio revelador de sua onipotência criativa. Se assim for, vamos corrigir aqui este erro afirmando que o desígnio dos entes constitui um ato de extrema gravidade na execução do Plano evolutivo do Universo: um macrocosmo designado em todos seus entes e um microcosmo que evolui descobrindo os desígnios e dando sentido aos entes é motivo de seu Plano. As estruturas dos entes materiais se vão transformando pela ação coletiva do homem em superestruturas de objetos culturais, em superestruturas nas quais os objetos estão ligados pelo amor, pelo impulso evolutivo à perfeição final. A espera do Demiurgo está posta justamente nessa transformação amorosa do Universo que consiste na descoberta contínua de sua obra. Com isto queremos significar que o desígnio dos entes é a Palavra do Demiurgo. Seu Verbo criador, seu Logos espermático, seu Poder plasmador, tem sido aplicado ali, em cada desígnio, com a intenção de concretizar a mais elevada empresa: conseguir que o microcosmo ponha sentido contínuo no macrocosmo, enquanto o Plano evolutivo se desenvolve, impulsionado pela Vontade de sua Consciência-Tempo, até a enteléquia Maha Pralaya.

Por conseguinte a suprema importância com que o Demiurgo designou aos entes prevê que, através deles, o homem atinja a entranha de seu Plano. Não se deve crer, logo, que o homem somente conhece dos entes uma mera aparência, tal como pretende a ingenuidade racionalista de muitos pensadores. Na realidade cada desígnio é parte do Plano que contém, paradoxalmente, a

todo o Plano: é a Vontade do Demiurgo que o homem conheça e admire seu Plano.

Assim, quando o ente interessa a sensibilidade, essa formidável mensagem cósmica que é o desígnio, PENETRA COMPLETO, É DESCOBERTO TOTALMENTE PELA RAZÃO, E INTERPRETASO POR ELA. Que ocorre, então? Por que o homem ignora habitualmente grande parte de um conhecimento que já possui? Resposta: porque a descoberta do desígnio corresponde ao objetivo macrocósmico da finalidade a qual exige, também, que a verdade revelada POSSA SER EXPRESSA SOCIOCULTURALMENTE. Vale dizer, para cumprir com a finalidade não basta descobrir o desígnio: há que poder expressá-lo com um signo cultural, um signo que deve estar compreendido por uma linguagem comunitária. A fim de consegui-lo, o demiurgo dispôs que A TOTALIDADE DO DESÍGNIO possa ser interpretado e esquematizado pela razão, permitindo que no microcosmo se reflita a totalidade do plano do macrocosmo; esta é, por suposto, a memória arquetípica ou cérebro onde a razão aplica o desígnio para confrontá-lo com os Arquétipos invertidos e construir o esquema.

Se recordarmos agora o quanto foi dito no inciso anterior sobre o esquema típico **xx**, a resposta se fará mais clara ainda. Pois, se bem o esquema **xx**contém TODA a verdade do ente, o sujeito cultural somente nota uma parte dela como conceito **xx** de uma linguagem. E a representação correspondente, segundo vimos, é uma imagem homóloga do conceito, um relevo significativo notado no plano de significação horizontal de uma linguagem. Mas, ainda que a faculdade tradutiva do sujeito cultural disponha da possibilidade de notar o esquema do ente em todos os planos de significação oblíquos, SOMENTE O FARÁ NAQUELES CONTEXTOS SIGNIFICATIVOS PERTENCENTES A LINGUAGENS SOCIOCULTURAIS, de acordo com o objetivo do macrocosmo da finalidade; logo: a evolução das culturas permite que permanentemente se vão notando “novos” aspectos da verdade do ente. Mas jamais, em toda História do pasu, este tenha chegado sequer a aproximar-se de uma apreensão completa da verdade do ente e muito menos a expressá-lo culturalmente.

É hora de nos perguntarmos o que tem tudo isto a ver com os mitos. Resposta: os mitos são aspectos desconhecidos da verdade de certos entes, que resultam inesperadamente notados pelo sujeito cultural como efeito das reflexões que o sujeito consciente realiza para conhecer a certas fantasias. Claro, o explicaremos passo a passo.

Já estudamos que um esquema contém uma infinidade de aspectos desconhecidos, de momento, para o sujeito cultural. A resposta nos diz que tais facetas podem constituir-se em mito por causa das fantasias. Antes de

encarar a descrição deste fenômeno, devemos saber mais sobre AQUILO QUE PERMANECE OCULTO no esquema de um ente, em sua verdade.

Em princípio se um desígnio é TODA a verdade do ente, se nada mais poderia chegar a saber do por que o Demiurgo nada tenha reservado para si, salvo o segredo único dos Arquétipos universais que o homem não deve conhecer, "pois se converteria em Deus", devemos assumir que no mesmo desígnio, em sua constituição íntima existe uma ordem hierárquica, uma escala de valor semelhante às oitavas musicais, cujas notas ressoam de maneira diferente de acordo à qualidade do ouvinte. Repetimos, o desígnio não está somente naquele aspecto que o homem habitualmente conhece do ente, senão NUMA ESCALA DE FASES FORMATIVAS QUE VÃO DO DEMIURGO AO ENTE. Particularmente nos interessam as fases que partem desde o Arquétipo universal, invisível para o homem, e chega até a aparência mais exterior do ente, AQUELA QUE, JUSTAMENTE, PRIMEIRO É CONHECIDA PELO SUJEITO CULTURAL. Mas o Arquétipo universal é, de certo modo, DEUS NO ENTE ou DEUS DO ENTE. A primeira operação da razão elimina o Arquétipo universal e descobre o desígnio do ente, o ser-para-o-homem do ente, que consiste em uma mensagem, uma Palavra do Demiurgo que revela TUDO sobre o ente... SALVO O ARQUÉTIPO UNIVERSAL, O DEUS DO ENTE, O TERMO DIVINO DA ESCALA REVELADA Entretanto, na memória arquetípica existem cópias de todos os Arquétipos universais e, ao eliminar do ente seu Arquétipo, a razão atualiza na estrutura cultural o Arquétipo invertido correspondente COMO NÓ ou PRINCÍPIO. Por isso os Princípios, ainda que irrepresentáveis na imaginação, representam para o entendimento, para a intuição racional, AOS DEUSES DOS ENTES NO MICROCOSMO. Assim, Por exemplo, os números e as notas musicais para os pitagóricos; ou os princípios desconhecidos cuja manifestação era, por exemplo, o fogo, a água, o ar, o logos, etc., para outros filósofos antigos. Mas o objetivo macrocósmico da finalidade exige que o significado seja projetado pela expressão como signo sobre os entes, como o "sentido" posto nos entes: quando a projeção de símbolos arquetípicos, que representam a Princípios, não é advertida por causa do daltonismo gnosiológico pode ocorrer que os Princípios são reconhecidos nos entes externos e introjetados como propriedades do macrocosmo. Ou seja, os Princípios do microcosmo, projetados sobre os entes do mundo, são redescobertos e confundidos com "princípio universais do macrocosmo". Trata-se, logo, de ma simples miopia mental que conduzas mais absurdas e inverificáveis teorias: a realidade dos números, por exemplo, é própria do microcosmo e tarefa inútil é tratar de derivar deles a ordem do mundo; somente o conhecimento dos Arquétipos universais brindaria essa possibilidade, mas tal saber está vedado para o sujeito anímico do pasu. O virya, em compensação, por dispor de um Espírito infinito, ainda que confuso, TEM A POSSIBILIDADE METAFÍSICA DE CONTEMPLAR O DEMENTE ESPETÁCULO DO PROCESSO ENTELEQUIAL CÓSMICO...

E DE OPERAR CONTRA ELE; PARA ISSO WOTHAN LHE ENTRAGOU AS RUNAS QUE PERMITEM RESIGNAR OS DESÍGNIOS.

Vejamos agora o esquema do ente e indaguemos se o desígnio entranha uma gama de notas que vão desde o Demiurgo ao ente, da qual se tem eliminado o termo universal do Arquétipo universal. Como interpreta a razão esta ausência? Ou seja, compõe o esquema deixando um vazio ou o completa de alguma forma? Reposta: em certo modo já adiantamos quando expusemos que as Relações se enlaçam COM TODOS OS PRINCÍPIOS QUE INTERVÈM EM SEU ESQUEMA SÊMICO. Dissemos então, no artigo "D" do inciso anterior, que se bem um Princípio, por sua POTÊNCIA passiva, é irrepresentável para o sujeito e sistematicamente irredutível, sem dúvida sua forma sêmica pode estar integrada no esquema como um dos elementos essenciais de sua subestrutura; em tal caso denomina-se SÍMBOLO ARQUETÍPICO e se diferencia do Princípio homólogo na POTÊNCIA e na qualidade estrutural. Um Princípio possui potência passiva e é um nó da estrutura cultural; um símbolo arquetípico possui potência ativa e é PARTE da subestrutura interna de uma Relação que é, por sua vez, enlace da estrutura cultural. Ou seja, um símbolo arquetípico, homólogo a um Princípio, pode integrar o esquema deste como elemento essencial de uma subestrutura interna. A resposta buscada é, por fim: A RAZÃO INTRODUZ NO ESQUEMA DO ENTE, NAQUELE LUGAR DO DESÍGNIO QUE CORRESPONDE AO DEUS DO ENTE, OU SEJA, AO ARQUÉTIPO UNIVERSAÇ SUPRIMIDO, UM "SÍMBOLO ARQUETÍPICO" HOMÓLOGO DAQUELE PRINCÍPIO QUE SE ATUALIZOU QUANDO FOI ELIMINADO O ARQUÉTIPO UNIVERSAL.

Isto significa que em todo esquema de um ente externo existe, em algum lugar de sua estrutura, um símbolo arquetípico que ocupa o lugar do Arquétipo universal, do Deus do ente. E não é fácil advertir que tal lugar está primeiro em ordem hierárquica do desígnio e, portanto, último na ordem do conhecimento humano. Com termos de analogia estrutural podemos dizer que a faculdade tradutiva do sujeito cultural teria que atingir A UM PLANO DE SIGNIFICAÇÃO DE MÁXIMA OBLIQUIDADE para notar o símbolo arquetípico do Deus do ente. Mas se isso ocorresse, significaria que o símbolo foi notado NO CONTEXTO DE UMA LINGUAGEM ABSOLUTAMENTE NÃO SÓCI-CULTURAL, OU SEJA, DESCONHECIDO PARA O RESTO DA COMUNIDADE CULTURAL. Nesse caso o sujeito se enfrentaria com a revelação do Deus do ente como CONCEITO de uma linguagem desconhecida ao que não poderia entender nem compreender. Claro que, normalmente, o sujeito cultural do pasu raras vezes se aparta da segurança gnosiológica que lhe dão as linguagens sócio-culturais e, portanto, teme e evita conhecer POR SI MESMO aquela parte ainda oculta da verdade do ente.

Podemos entender melhor, agora, aquela resposta sobre os mitos: “são aspectos desconhecidos de certos entes”. Por que “de certos entes” e não de TODOS os entes? Porque estamos nos referindo tacitamente aos mitos CONHECIDOS, a saber, aqueles que alguma vez se manifestaram e dos quais temos notícias. Em rigor da verdade, TODO ESQUEMA guarda em seu interior um símbolo arquetípico do Deus do ente. Mas a nós nos convém recorrer àqueles exemplos de mitos que são evidentes e significativos por sua periódica aparição na História da Humanidade. Para isso, ainda que pudéssemos estender-nos em múltiplos exemplos, vamos considerar somente as FORÇAS DA NATUREZA: o frio, o calor, o vento, a escuridão, etc., e aos ANIMAIS: a águia, o leão, o peixe, etc.

Estes entes são por todos conhecidos, pois existem em todas as culturas, conceitos comparativos coletivamente que os compreendem. Contudo, além do conteúdo de tais conceitos sócio-culturais, em uma conotação insólita, cada tanto se manifesta o símbolo arquetípico do Deus do ente como um conceito notado no contexto de uma linguagem incompreensível para o entendimento vulgar: somente para algumas elites iniciáticas a linguagem do mito chega a ser habitual, mas isso é outro tema. Aparece assim um Deus Gelo, um Deus Fogo, um Deus Vento, um Deus Luz, um Deus Trevas, etc. Ou bem um Deus Águia, um Deus Leão, um Deus Peixe, etc.

Os mitos são produzidos, então, por manifestações dos símbolos arquetípicos do Deus do ente. Mas os símbolos arquetípicos são SÍMBOLOS SIMPLES, irredutíveis como seus Princípios homólogos, e os Deuses por eles representados são também “Deuses simples”. Toda a complexidade formal que possam apresentar os mitos deve-se a que foram adornados de lendas para neutralizar seu poder. Com a lenda, que naturalmente pertence à linguagem comum, aprisiona-se o mito dentro de limites conhecidos e seguros, e se o degrada ao nível de compreensão do vulgo: em lugar de avançar no conhecimento a partir o inferior para o superior, respeitando a escala hierárquica, rebaixa-se o superior ao inferior e se lhe cobre de crosta cultural. Sobre esta atitude vulgar pelos mitos se tratará amplamente na Segunda Parte. Agreguemos unicamente que, segundo é evidente, OS MITOS NÃO SÃO HEREDITÁRIOS: O QUE SE HERDA É A MEMÓRIA ARQUETÍPICA COM A QUAL SE CONTRÓEM OS MITOS. Naturalmente, estes "mitos" são os que a Psicologia de C.G. Jung identifica como ARQUÉTIPOS COLETIVOS PESSOAIS. Os mitos não devem ser confundidos com os “Arquétipos coletivos universais” ou “MITOS”, que são próprios do macrocosmo: os MITOS correspondem a um tipo de Arquétipo Manu cujo processo se desenvolve nas superestruturas de fatos culturais e que aqui somente vamos denominar, também, “Arquétipos Psicóideos”.

Estudemos, na continuação, o fenômeno de produção de um mito do ponto de vista do sujeito consciente. A causa de sua emergência radica, tal como adiantamos, em certas fantasias; comecemos, pois, por examiná-la. Há que deixar bem claro, antes de tudo, que as fantasias procedem da esfera de sombra igual às representações conscientes. Tal como se observa na figura 21, a esfera de consciência se compõe da esfera de luz e da esfera de sombra; as representações conscientes com símbolos que emergem desde a estrutura cultural como imagens na esfera de luz, frente ao sujeito consciente, mas as fantasias originam-se no esquema de si mesmo ou esfera de consciência. Naturalmente, isto implica que as fantasias PODERIAM proceder também da esfera de luz: mas isso ocorre somente nos casos de uma elevada evolução do microcosmo, quando o sujeito consciente encontra-se altamente individualizado e a esfera de sombra tenha sido notavelmente conscientizada ou reduzida à esfera de luz Mas no caso geral que estamos considerando, do pasu no momento do aprisionamento espiritual, a esfera de luz ou consciência é apenas uma finíssima capa superficial sobre a esfera de sombra como parte do esquema de si mesmo. Esta capa não possui material simbólico suficiente para configurar as imagens habituais das fantasias. Pelo contrário, a esfera de sombra é uma estrutura pletórica de símbolos, pois nela encontra-se representada permanentemente grande parte da História do microcosmo.

As fantasias emergem da esfera de sombra, ou seja, do INCONSCIENTE, “a requerimento do sujeito consciente”: isto também deve ficar claro. As fantasias são um produto da vontade do sujeito consciente e, por isso, estão referidas a ele, diferentemente das representações conscientes cuja primeira intenção as refere unicamente a si mesmo. O conteúdo de uma fantasia é, por definição, IRREAL; nisto também se diferenciam das representações conscientes, que sempre representam a entes externos – e às vezes a entes internos, mas tão reais como os externos. Pois bem, quanto mais irreal seja o conteúdo de uma fantasia, quanto menos corresponda com fatos ou entes reais, maior ESTRANHEZA provocará à razão sua interpretação.

É compreensível a razão estar habituada INSTINTIVAMENTE a operar com entes externos, a descobrir seus desígnios e a interpretá-los arquetipicamente; mas com este “operar” a razão progride no conhecimento da realidade seguindo um padrão evolutivo sem salvação: primeiro deve-se saber, por exemplo, que uma cor antes de classificá-la em escala de sete, ou seja, primeiro há de se chegar À IDÉIA DE COR, abstraindo tal qualidade da realidade, antes de descobrir sua pluralidade. Do mesmo modo podemos afirmar que sem conhecer previamente ao cavalo, sem diferenciar sua entidade da realidade, ninguém o teria jamais montado; nem tampouco poderia entender o significado de uma palavra escrita sem conhecer previamente os signos das letras. Essa ordem inevitável, que deve seguir a razão para progredir no conhecimento da realidade, é o que se vê alterado pela irrealidade da fantasia.

Mas as fantasias, por outra parte, são um grau superior da faculdade de imaginar e constituem, no microcosmo, o instrumento da CRIAÇÃO. Por uma fantasia, que representa um fato evidentemente irreal, o sujeito consciente pode antecipar um fato real, superando a ordem progressiva e sistemática que a razão impõe ao conhecimento. É sabido que muitas teorias fantásticas foram verificadas empiricamente, que muitos feitos imaginados ocorrem realmente e que infinidades de fantasias são DEPOIS, verificadas pela realidade. Porém, que as fantasias cheguem a corresponderem-se em algum momento com a realidade, não é nem muito menos seu traço distintivo; pelo contrário, o habitual nelas é que pareçam comprazer-se em escandalizar a razão. Têm-se mencionado sua contribuição à invenção das teorias, ou a antecipação de fatos, é somente para mostrar que, ainda quando a razão seja sobre passadas em primeira instância pelas fantasias, encontra-se familiarizada com elas em virtude das verificações ou desqualificações a que finalmente as submete.

Tendo compreendido que toda fantasia, na medida de sua irrealidade, provoca uma perturbação na razão, teremos adiantado bastante na explicação. Recordemos que, frente à fantasia, as flexões do sujeito consciente dirigidas a conhecê-la são interpretadas pela razão como uma interrogação, a qual responde cortejando a IMPRESSÃO que a fantasia causou no sujeito com os Arquétipos da memória arquetípica. Dessa aplicação surge um esquema que se transfere à estrutura cultural, onde o sujeito cultural o vivencia e torna inteligível como conceito de uma linguagem. A representação consciente de tal conceito se sobrepõe e confunde com a fantasia. Como efeito de tal mascaramento a fantasia perde grande parte de seu caráter irreal e se transforma em um objeto racional e inteligível, adaptado à visão sócio-cultural do sujeito consciente. Claro, isto no melhor dos casos, quando o conteúdo de irrealidade é facilmente assimilado pela razão. Mas o que ocorre quando a fantasia alude a fatos ou objetos cuja evidente irrealidade resulta absolutamente injustificável para a razão? Resposta: a razão resulta perturbada em grau máximo pela presença de um ser estranho, que não se deixa interpretar com os Arquétipos habituais, correspondentes à ordem progressiva do conhecimento do real. O ser da fantasia requer, para sua esquematização, que a razão afete Arquétipos poucos conhecidos ou, quiçá, completamente desconhecidos. Ou seja, Arquétipos que nunca antes foram vistos INDIVIDUALMENTE nos desígnios dos entes (recordemos que em cada desígnio estão TODOS os Arquétipos, ainda que combinados de diferente maneira). A atualização de tais Arquétipos insólitos na estrutura cultural configura o esquema da fantasia: conclui ali a operação da razão. Toca-lhe agora ao sujeito cultural vivenciar e tornar inteligível ao esquema da fantasia.

Façamos um alto na explicação para deixar clara a maneira em que o esquema da fantasia se transfere à estrutura cultural. Há que se destacar, antes de tudo, que o fato de que a fantasia constitui para a razão um ser estranho, não implica necessariamente que seu esquema tenha de ser estruturado “como

o esquema de um ente" na estrutura cultural. Isto poderia ocorrer em alguma ocasião, mas o mais provável é que o esquema da fantasia TRANSFERE-SE COMO "ATIVAÇÃO DO ASPECTO OCULTO" DE UM ESQUEMA EXISTENTE. O motivo é que as fantasias, ainda quando seu grau de irrealidade seja muito grande, sempre aludem em alguma medida a realidade òntica, a fatos ou entes cujos esquemas já estão integrados na estrutura cultural. Neste caso, o que ocorre é que certos Arquétipos insólitos, correspondem com propriedades da fantasia, se atualizam em um esquema já existente, mas em um lugar remoto da "escala formativa que vai do Demiurgo ao ente". Em outras palavras: aqueles Arquétipos insólitos, próprios da fantasia, ATIVAM CERTOS SÍMBOLOS ARQUETÍPICOS DE UM ESQUEMA EXISTENTE, LOCALIZADOS NUM PLANO SIGNIFICATIVO DE MÁXIMA OBLIQUIDADE. .

Com o fim de outorgar definitiva clareza ao estudo dos mitos vamos nos referir, a partir daqui, a um exemplo concreto: a fantasia consistirá na imagem de UM PEIXE; UM GRANDE PEIXE PROVISTO DE FORTES BRAÇOS E ENORMES ASAS, DE AVE, ABERTAS. As conclusões a que chegamos baseadas na fantasia do "peixe alado" poderão ser estendidas, então, a todo mito.

Consideremos, pois, que "o peixe emerge da água e inicia um majestoso vôo", ou seja, emerge do inconsciente, da esfera de sombra, e se apresenta ante o sujeito consciente que é quem o tem requerido sem sabê-lo. À propriedade inicial segue a inflexão do sujeito consciente ao objeto fantástico com intenção cognoscitiva. E a essa flexão do sujeito responde instantaneamente a razão, interpretando arquetipicamente ao ser da fantasia. Naturalmente, o fundamento da interpretação racional será o desígnio do peixe, já conhecido, esquematizado e estruturado. Sim, a fantasia se corresponde em grande medida com o esquema do peixe, mas em que parte do desígnio íctio existe signos antropomorfos, braços e asas? Sem dúvida a parte superior da escala formativa, muito próxima ou no mesmo lugar do símbolo arquetípico do Deus do ente. Mas estes símbolos, que JÁ ESTÃO no esquema do peixe, encontram-se isolado do termo monádico do peixe, daquele aspecto do peixe considerado "real" pela cultura porque coincide com a forma de salmões e merluzas. Por isso o processo é o seguinte: a razão, estranhada pela fantasia do peixe, explora o esquema do peixe e ativa um símbolo remoto de sua subestrutura que não corresponde à imagem de um peixe real, mas que ocupa um lugar na escala formativa do desígnio. Ou seja, que pertence à verdade do ente-peixe. Recordemos que o conteúdo do desígnio é um Plano cuja composição consta de uma escala formativa arquetípica. Desta maneira conclui a operação da razão, cabe agora ao sujeito cultural vivenciar e tornar inteligível o esquema da fantasia.

A operação da razão, em resposta à interrogação do sujeito consciente, causa que na estrutura cultural se “ilumine” o esquema do peixe. Observemos agora como reage o sujeito cultural.

A atualização de um sistema, sua “iluminação”, motiva ao sujeito para experimentar sua vivência: temos visto que, nestes casos, o sujeito cultural situa-se SOBRE o sistema, com o propósito de vivenciar o esquema da Relação. Mas o sujeito cultural, de onde procede? Como chega até o sistema iluminado? Resposta: indubitavelmente, salvo casos de anormalidade extrema, o sujeito cultural se encontra SOBRE A ESTRUTURA HABITUAL (ver artigo “G” do inciso anterior), NO PLANO DE SIGNIFICAÇÃO HORIZONTAL DA LINGUAGEM SÓCIO-CULTURAL. Para “chegar” ao sistema iluminado, o sujeito cultural de desloca horizontalmente pela estrutura cultural SOBRE O PLANO DE LINGUAGEM HABITUAL. Mas este “chegar” ao sistema sobre um plano horizontal implica em que o esquema será notado em seu contexto, ou seja, que será experimentado como conceito da linguagem habitual. Em nosso exemplo, o sujeito cultural notará o conceito habitual de peixe, que somente é um aspecto do esquema peixe, da verdade do peixe.

Em princípio, então, o sujeito cultural produz a representação racional de um peixe, símbolo homólogo ao conceito estrutural do peixe. E como a POTÊNCIA ativa da Relação refere toda a representação a si mesmo, o símbolo do peixe emerge a consciência e se sobrepõe à fantasia do peixe alado. Logo, tudo isso ocorre muito rapidamente. Agora bem, “O SÍMBOLO” do peixe, que emerge como representação consciente, se bem expressa a imagem habitual do peixe, ENCONTRA-SE SUSTENTADO, FUNDAMENTADO, PELO “SIGNIFICADO PROPOSTO”.

Recordemos que, quando o sujeito cultural experimenta a vivência do conceito estrutural, o pensamento consiste em um juízo sintético (a priori) sobre o peixe. A representação do conceito é um símbolo fundado sobre um significado PROPOSTO pela faculdade tradutiva. Por isso o símbolo do peixe, que emerge e se sobrepõe à fantasia-peixe, se compõe da imagem habitual de peixe e da PROPOSIÇÃO SIGNIFICATIVA do conceito peixe.

Retomemos o ponto de vista do sujeito consciente. Frente a ele encontra-se um objeto ideal AO QUAL TEM DIRIGIDO SUA ATENÇÃO, Surge, então, a representação consciente do peixe e, num movimento quase inadvertido, MASCARA ao objeto ideal. Então, ocorre o seguinte efeito: o sujeito descobre “de pronto” que o objeto é significativo, o reconhece como “peixe”, ENTENDE O SIGNIFICADO ”COMO SE OUVISSE UMA PROPOSIÇÃO QUE DIZ: É UM PEIXE”.

Aqui vamos interromper a explicação para fazer uma advertência. Se o pasu é “duro de moleira”, ou seja, se sua esfera de consciência não está muito desenvolvida, se contentará com uma primeira aproximação racional da fantasia; se é que realmente consiga imaginar alguma. Esta primeira aproximação é a que recém temos vimos: à fantasia de um peixe alado a razão opôs a imagem de um peixe real. Ante um caso semelhante, muitos serão os “mentecaptos” que aceitarão com indiferença que o objeto ideal corresponde efetivamente com o peixe real, apartando com prudência a atenção de tão perturbadora imagem. Como a esta classe primitiva de pessoas jamais se manifestará um mito, vamos supor, para continuar com a explicação, que o pasu de nosso exemplo apresenta uma grande evolução da esfera de consciência. Entretanto, não podemos deixar de assinalar que a atitude mais comum é a de não avançar demasiado no conhecimento das fantasias e que a manifestação do mito corresponde, pelo contrário, aos casos de mais fértil imaginação.

O sujeito consciente descobre, pois, que o objeto ideal É UM PEIXE. Porém, esta resposta não satisfaz: o mascaramento racional não é completo e, por trás da imagem de peixe, adverte-se algo estranho, um conteúdo não contemplado no significado proposicional. As propriedades da fantasia que não alcança a cobrir a definição do peixe são, evidentemente, os braços e as asas na descrição proposicional do peixe, ou seja, no significado da representação, não há braços nem asas; por conseguinte estas partes da fantasia carecem, de momento, de significado. Mas toda representação consciente representa um conceito, a saber, a um símbolo incompleto, poderiam existir no RESTO do esquema os membros buscados, braços e asas? Resposta: Tal como se adiantou, o esquema consiste na interpretação do desígnio e inclui as escalas formativas arquetípicas em sua composição sêmica; portanto, pode afirmar-se que numa subestrutura estão TODOS os símbolos, inclusive os braços e as asas do peixe.

Aqui vamos interromper novamente a explicação para fazer outra advertência. Há uma função das faculdades dos sujeitos que poderia intervir no caso anterior e solucionar o problema DISSOCIANDO aquelas partes da fantasia que excedem à descrição proposicional. Antes de continuar com o fenômeno do mito, devemos compreender e descartar tal propriedade. As faculdades do sujeito anímico cumprem com a “função de associar” de maneira característica, segundo a estrutura na que este se manifeste. Observemos na continuação, em que consiste a “função de associar” para a razão, o sujeito cultural e o sujeito consciente.

O sujeito racional ou razão dispõe da faculdade cognoscitiva racional. As operações que a razão efetua com os entes, as exerce com sua faculdade racional mediante as funções de associar e dissociar: a COMPARAÇÃO, ou seja, a primeira operação, é uma ASSOCIAÇÃO entre o ente e a memória

arquetípica para causar a DISSOCIAÇÃO do Arquétipo Universal; a INTERPRETAÇÃO, ou seja, a segunda operação, é a ASSOCIAÇÃO do desígnio com a memória arquetípica para construir o esquema, etc.

O sujeito cultural dispõe da faculdade tradutiva. Por meio da mesma é capaz de notar o significado do esquema, no contexto significativo de uma linguagem, como "conceito estrutural" ou "fatia" da Relação. Pois bem, como exemplo da função de ASSOCIAR somente vamos mencionar algumas operações que a faculdade tradutiva permite exercer ao sujeito. Sempre NO MESMO PLANO CONTEXTUAL DE UMA LINGUAGEM, em efeito, o sujeito pode ASSOCIAR CONCEITOS: por CONTIGUIDADE (ou lei de falsa conotação); por SEMELHANÇA FORMAL (ou lei de homonímia); por SEMELHANÇA DE SIGNIFICADO (ou lei de sinonímia); por HOMOLOGIA ESTRUTURAL (ou lei de redução sistemática); por ORDINALIDADE (ou lei da causalidade); por CARDINALIDADE (ou princípio de valor); por CONTRASTE OU OPOSIÇÃO (ou lei dialética), etc. Como vemos, a função de associar é uma ferramenta de grande complexidade e alcance para a faculdade tradutiva. Seu complemento, a função de DISSOCIAR, torna possível, por outra parte, a ABSTRAÇÃO ESTRUTURAL, ou seja, notação DE CERTA FORMA SISTEMÁTICA PARTICULAR DENTRO DE UM SISTEMA GERAL DE CONCEITOS.

Mas a função de associar é também própria da faculdade de imaginar. Por seu intermédio o sujeito consciente pode ASSOCIAR IDÉIAS, DISSOCIÁ-LAS, E ABSTRAIR QUALIDADES dentro de uma mesma idéia. Entretanto, tendo presente a unidade do sujeito anímico, há que se considerar a "ASSOCIAÇÃO" como UMA ÚNICA FUNÇÃO que se vai ampliando à medida que evoluem as estruturas da psique. Com outras palavras, há que se considerar que, EM CADA FACULDADE, AGREGA-SE A FUNÇÃO DE ASSOCIAR QUE É PRÓPRIA DO ALCANCE DEMONSTRADO NA ESTRUTURA IMEDIATAMENTE INFERIRO: assim, a função de associar, disponível ao sujeito cultural, AGREGA a suas possibilidades de vincular conceitos na estrutura cultural também às possibilidades de que dispunha o sujeito racional de vincular Arquétipos na memória arquetípica. E a função de associar, própria da faculdade de imaginar, põe à disposição do sujeito consciente, ALÉM DA ASSOCIAÇÃO DE IAMGENS, a possibilidade de vincular símbolos arquetípicos, conceitos, afetos, etc. Isto se comprovará melhor se termos presente que o mais elevado pensamento que posso imaginar o pasu, o pensamento consciente, tem como conteúdo à IDÉIA, a qual se compõe de IMAGEM E SIGNIFICADO: a "imagem", que é a "representação" de um conceito estrutural, fundamenta-se num significado de forma "proposicional", ou seja, em uma descrição conceitual definida em uma linguagem habitual. O sujeito consciente pode, então, associar não somente o formal imaginado, mas também o fundamental conceituado; e este último pode fazê-lo do mesmo modo com que a faculdade tradutiva associava

conceitos por contigüidade, semelhança, homologia, etc. Mas há mais ainda. A estrutura cultural ocupa parte do espaço análogo das esferas AFETIVA e racional, que encontram compenetradas entre si e formam a esfera de sombra. Até agora temos estudado a estrutura cultural do ponto de vista racional, MAS NÃO HÁ DE SE ESQUECER QUE CADA ELEMENTO SEUM CADA PRINCÍPIO, CADA RELAÇÃO, CADA SISTEMA, POSSUI UM CONTEUDO AFETIVO ESSENCIAL. Em toda idéia, como componente da "primeira intenção", que dirige a representação "INTELIGIVELMENTE" a si mesmo, há uma REFERÊNCIA AFETIVA que aponta "IRRACIONALMENTE" ao coração. Tal referência afetiva é ESSENCIAL de toda idéia, ou seja, pode ser eliminada sem destruir o ser do objeto ideal; por conseguinte é percebida pelo sujeito consciente como uma propriedade objetiva, como uma NOTA EMOCIONAL característica, Por isso dissemos lá atrás que o sujeito consciente tem a possibilidade de "associar afetos": porque a distinção de notas emocionais características das idéias pode constituir o motivo de sua associação. Naturalmente, o afetivo depende sempre da valoração particular, de tal modo que a associação de idéias "por nota emocional característica" poderia envolver casos sem validez geral. Por exemplo, "o dois de julho de 1981, junto à estátua de Palas Aténea", associação de idéias que não significa nada, salvo para aquela que justo nesse dia e nesse lugar recebeu seu primeiro beijo de amor... Pelo contrário, existem idéias universais cuja vinculação produz uma conotação afetiva que torna possível associá-las por sua nota emocional, mas cuja INTENSIDADE varia particularmente de um pasu a outro: exemplo. "mãe e filho", idéias cujo conteúdo emocional concomitante é característico de cada pasu, além da óbvia vinculação genealógica que denotam ambos os conceitos; ou "lágrimas" e "dor", "dia" e "feliz", etc.

Temos de continuar, agora, a explicação sobre a origem dos mitos, depois de excluir a possibilidade de que em nosso exemplo intervenha a "função de associar" PARA VINCULAR, À IMAGEM DO PEIXE, A IMAGEM DE UNS BRAÇOS E ASAS. Se tal coisa ocorresse, se a fantasia fosse decomposta pelo sujeito consciente num conceito em um conjunto de idéias associadas, jamais poderia produzir-se a manifestação do mito. A explicação baseia-se, pois, no suposto de que, frente à insuficiência da primeira aproximação racional, a imagem do peixe real que NÂO contém significado conceitual para os braços e asas, o sujeito consciente mantém sua atitude interrogante.

Que sucede, então? Resposta: o sujeito cultural compenetra-se mais profundamente do conceito, procurando dar com símbolos que descrevam e outorguem significado aos braços e asas da fantasia. Nessa fase o fenômeno deve ser observado com muito detalhe. Por exemplo, da resposta se infere que, nessa compenetração com o conceito estrutural, nesse internar-se em sua profundidade, o sujeito cultural vai produzindo UM FLUXO DE

REPRESENTAÇÕES CONSCIENTES, cada uma mais “ajustada” formalmente à fantasia que a anterior. Como conseqüência desse fluxo de imagens, que se sobrepõe uma depois da outra à fantasia, o sujeito consciente adverte que o objeto ideal troca permanentemente frente a sua visão eidética, se aclara, torna-se a cada instante mais significativo. E nessa percepção deixamos, por hora, ao sujeito consciente.

Mas a razão, a partir do momento em que iluminou o esquema do peixe, JÁ ASSINALOU O SÍMBOLO ARQUETÍPICO QUE CORRESPONDE COM O PEIXE ALADO DA FANTASIA. Se tal símbolo encontra-se dentro do esquema do peixe, mas fora do conceito habitual do peixe real, por que o sujeito cultural não trata imediatamente de notá-lo, fazendo uso de sua faculdade tradutiva, em lugar de penetrar no fundo do conceito do peixe real? Resposta: Porque o sujeito cultural é resistente a passar do plano de significação da linguagem habitual a outro plano extremamente oblíquo. O motivo é que tais planos são próprios de linguagens completamente desconhecidas; do ponto de vista do sujeito cultural, isso implica que o significado buscado há de ser notado num contexto ignoto. Se tomar em consideração o temor que o desconhecido inspira a todo sujeito cognoscente, se estará em condições de compreender a reação morosa do sujeito cultural. Sua faculdade tradutiva permite-lhe tornar horizontal o contexto desconhecido: mas isso significa encontrar-se de pronto em outro mundo, mundo não somente desconhecido, senão evidentemente diferente da realidade corrente. E quando se trata do mundo dos mitos, do contexto no qual se afirma o significado do mito e no qual o mito adquire toda a POTÊNCIA, há que se assumir que um simples indício de sua proximidade basta para causar o pânico do sujeito cultural.

Não obstante o terror que inspira sua visão, os mitos podem ser notados em um contexto no qual alcança, logo, máxima periculosidade “porque se os pode ver como realmente são”. Mas não há que se crer que o sujeito pode permanecer ainda paralisado de espanto, muito tempo frente a sua presença, pois, ou bem sucumbe volitivamente ante “um novo Deus”, ali, em seu mundo, ou bem regressa à segurança do contexto habitual.

No exemplo que estamos estudando, o sujeito cultural tem evitado notar o símbolo assinalado pela razão e se tem compenetrado, com profundidade, no conceito de peixe real. Mas, “no profundo do conceito”, está o “núcleo conotativo”, essa região da qual participam todos os conceitos do esquema do peixe. A partir do núcleo conotativo é possível vislumbrar qualquer contexto comum e, se assim o requer a faculdade tradutiva, tornar horizontal o plano de algum conceito particular. Vamos supor, pois, que o sujeito cultural, ao mergulhar no profundo do conceito, percebe a conotação do símbolo assinalado. Esta possibilidade não é remota, caso se observe que tal símbolo tem sido ativado intencionalmente pela razão, ou seja, tem sido

dirigida a si mesmo, com preferências sobre os outros Arquétipos da escala do desígnio; em outras palavras, dito símbolo foi recentemente “destacado” por causa da estranheza que a fantasia produziu à razão: do ponto de vista potencial existe, assim, uma predisposição para que seja notado.

A vivência profunda do conceito do peixe CONOTA no sujeito cultural um conceito desconhecido. O sujeito cultural, valendo-se de sua faculdade tradutiva, torna horizontal o plano de significação de tal conceito e o nota em seu contexto. Dessa maneira descobre ao Deus do ente, ao símbolo arquetípico invertido que representa ao Arquétipo universal do peixe. Mas o descobre EM UMA DE SUAS FACES, SOB SEU ASPECTO MÍTICO. Ou seja, DESCOBRE A UM “DEUS Peixe”. E como tal, o Deus peixe possui, além de braços e asas, uma coroa, tridente, trono de coral, etc.; ou seja, todo um contexto marinho, um mundo próprio no qual sua existência tenha significado pleno.

A esta altura da explicação temos de fazer um importante esclarecimento. Em efeito, seja que o mito foi conotado pelo conceito habitual, ou seja, que foi notado como conceito oblíquo, o importante é que, quando o sujeito cultural nota ao mito em seu contexto, podem ocorrer dois fenômenos que a POTÊNCIA ativa do mito domine a vontade do sujeito cultural ou que a vontade do sujeito cultural domine o mito. O caso que estamos estudando corresponde ao segundo fenômeno, mas vamos comentar também, o primeiro por ser causador de um tipo bastante freqüente de loucura.

Primeiro – Em princípio há que se advertir que os “mitos” enquanto símbolos arquetípicos ocupam um lugar no esquema, equivalente ao que os Arquétipos que representam ocupavam na escala formativa, ou Plano do desígnio demiúrgico. Os mitos são, então, símbolos bem trabalhados, que raramente haverão de manifestar-se por conta própria. E o contexto mítico é sempre um mundo desconhecido e irreal, que sustenta poucos pontos de contato com a realidade sócio-cultural.

De maneira que a possibilidade que examinamos pode considerar-se extrema, pois o normal é a não manifestação do mito. Somente a ESTRANHEZA ou o desconcerto da razão, por causa de uma fantasia ou por qualquer outro motivo, inclusive patológico, farão que o mito fique assinalado e se destaque para a notação do sujeito cultural.

Observemos o primeiro fenômeno: a POTÊNCIA ativa do mito lhe permite dominar ao sujeito cultural. Como pode ser isto possível? Resposta: ainda na Segunda Parte se verá em detalhe, adiantemos que sua visão produz uma paralisia volitiva no sujeito cultural, que se vê compelido a identificar-se com o mito e a acompanhá-lo em seu processo. Claro, porque o mito é um símbolo arquetípico, comporta-se como um Arquétipo, tentando deslocar sua

POTÊNCIA formativa. Entretanto aqui não nos interessa tanto o COMO, senão O QUE ocorre quando o sujeito cultural é FAGOCITADOTADO[2][6][1] pelo mito.

Para responder a tal interrogação digamos que, do ponto de vista da conduta, se está frente a um caso grave de loucura; e, do ponto de vista psicológico, se verifica a ausência do sujeito consciente. É compreensível: a fagocitação do sujeito anímico pelo mito efetua-se na estrutura cultural, que se encontra sob a esfera de sombra, ou seja, no mais profundo do inconsciente. Nesse nível, como "sujeito do mito", como "Deus vivente" (em seu contexto) concretiza-se o termo do sujeito anímico. Já não existe sujeito consciente nem consciência alguma e, pelo contrário, a estrutura psíquica reduziu-se ao inconsciente. O que ocorre mediante tudo isto, ao sujeito anímico? No final desta breve explicação há que se considerar que, por trás da fagocitação, O SUJEITO "É" O MITO. Trata-se, então, de um desvio muito sério dos objetivos da finalidade do pasu: o sujeito anímico, expressão da alma nas estruturas psíquicas, em lugar de impelir o desenvolvimento de um sujeito histórico, que permite alcançar a mais alta harmonia ao microcosmo, para assim por o máximo sentido nos entes do macrocosmo, comporta-se como o Deus de UM ente. Toda a energia volitiva que o sujeito anímico dispunha para deslocar-se evolutivamente nas complexas estruturas com esquema de milhares, milhões de entes, agora se emprega para impelir o processo formativo de UM ente, para ser o Deus de UM ente. Para seguir com o exemplo proposto devemos imaginar que o sujeito anímico, transformado em Deus peixe, encontra-se vivenciando, com o mesmo grau de inteligência de um peixe, um mundo oceânico de características oníricas, fantásticas, míticas, no qual seu comportamento é natural.

Naturalmente, um sujeito em tais condições há de expressar uma conduta grotesca, demente, incompreensível ainda para os psiquiatras. Basta pensar que no caso de loucura semelhante, o enfermo dificilmente consiga articular palavra de linguagem sócio-cultural, POSTO QUE O SUJEITO ENCONTRA-SE RADICADO PERMANENTEMENTE NO PLANO CONTEXTUAL DO MITO, NO MUNDO ONDE O MITO TEM SEU SIGNIFICADO. Mas o mais notável é que talvez o enfermo expresse signos QUE SOMENTE TEM SENTIDO NAQUELE MUNDO DO MITO. Por desgraça uma demência desse tipo torna do homem um imbecil; mas a tal mal, quase sempre deve somar-se a imbecilidade demente dos terapeutas, que conseguem ignorar dogmaticamente o funcionamento estrutural da psique.

Segundo – Do confronto com os mitos nem sempre segue irremediavelmente a loucura: pelo contrário, o primeiro fenômeno indica claramente a necessidade da DEBILIDADE VOLITIVA do sujeito anímico para desenvolver-se. Um sujeito "normal" dispõe invariavelmente de energia suficiente como para evitar o feitiço do mito.

Se tal é o caso, em se tratando de um sujeito “normal”, então pode ocorrer o segundo fenômeno. Mas, se o sujeito é capaz de dominar a situação, se consegue abandonar ao mito e o seu contexto alucinante e regressar, por exemplo, ao plano de linguagem habitual, porque falamos de “fenômeno”? Acaso a mera notação do mito, o contato fugaz de seu significado oculto, basta para produzir uma conseqüência fenomênica? Resposta: em efeito, somente o fato de que o sujeito cultural estabeleça um contato com o mito, por mais fugaz que seja, gera a representação de um SÍMBOLO SAGRADO; a emergência dos símbolos sagrados constitui, PARA O SUJEITO CONSCIENTE, o “fenômeno do mito”. A resposta será clara se termos presente tudo o que sabemos da figura 21. Ali se tem mostrado um CASO GERAL de representação consciente **(I’)**: em geral, o sujeito cultural concebe um símbolo representativo **(I)** cada vez que anima um conceito fatia **(xx).** Conseqüentemente, no CASO PARTICULAR de que o conceito compreenda a um mito, o fenômeno há de ser análogo ao que descreve a figura 21. Ou seja: a representação racional do conceito “mito” há de ser o “símbolo sagrado”.

De acordo com o estudado o símbolo sagrado, enquanto representação racional de um conceito emergirá também até a esfera de luz como idéia, a saber, imagem e significado; por suposto, tal “imagem” corresponde formalmente ao símbolo sagrado e, como todo símbolo, sua compleição substancial estará constituída pela energia psíquica com todas as suas notas. A potência ativa do conceito-mito determina a direção da energia do símbolo emergente por sua referência a si mesmo. O símbolo sagrado tem, assim, a “primeira intenção”, mas como está composta esta referência a si mesmo do conceito-mito? Ou seja, a que caso, dos estudados no comentário Oitavo do artigo ‘F’, responde a emergência do símbolo sagrado? Resposta: o caso é, sem dúvida, o ©, aquele em que a referência a si mesmo se compõe de uma referência afetiva IRRACIONAL, de grande magnitude e de uma referência racional débil; neste caso, o símbolo inclina-se até a esfera afetiva, ao coração, ao sujeito irracional. Mas o interessante aqui é entender porque o símbolo sagrado emerge segundo o caso ©. E o motivo é o seguinte: a razão, ao interpretar o desígnio de um ente externo, por exemplo, um peixe, refere com respeito a si mesmo a potência do esquema peixe; os componentes desta referência são fixos e característicos de cada esquema, pois dependem da impressão com que os entes afetam as esferas racional e afetiva ao ser conhecido; mas, não obstante que PARA TODO O ESQUEMA existe uma referência a si mesmo em função das referências racional e afetiva FIXAS, os componentes da referência a si mesmo PODEM VARIAR COM CADA CONCEITO DO ESQUEMA. O grau de tal variação está em relação direta com a evolução da faculdade tradutiva do sujeito cultural: a variação se produz CADA VEZ QUE O SUJEITO NOTA UM CONCEITO DE UMA LINGUAGEM NÃO HABITUAL OU SIMPLESMENTE DESCONHECIDA; a lei é: QUANTO MAIS DESCONHECIDA FOR A

LINGUAGEM CONTEXTUAL EM QUE É NOTADO UM CONCEITO, TANTO MAIOR SERÁ A MAGNITUDE DA REFERÊNCIA AFETIVA, IRRACIONAL, QUE INFLUIRÁ NA DIREÇÃO DO SÍMBOLO HOMÓLOGO EMERGENTE. Pelo contrário, quando a linguagem é habitual, as referências (3) e (4) são equilibradas e compõem uma referência a si mesmo do caso (a), capaz de dirigir a energia do símbolo emergente diretamente à esfera de luz.

O mito, por ser notado numa linguagem contextual de um plano de máxima obliqüidade, causa uma referência afetiva de grande magnitude que inclina, como vimos, ao símbolo sagrado à esfera afetiva e o sujeito irracional. Quando estudarmos o comportamente autônomo do mito no próximo artigo, se porá em evidência a importância que reveste o fato de que o símbolo sagrado pertença ao caso (c).

Na seqüência, partimos da hipótese de que o símbolo sagrado emerge na esfera de luz e se apresenta ao sujeito consciente. O termo dessa emergência é a fantasia, à qual o símbolo sagrado SE SOBREPÕE, do mesmo modo que o feixe qualquer símbolo ou representação consciente para responder à reflexão cognoscitiva do sujeito consciente.

Regressemos agora ao ponto de vista do sujeito consciente e façamos um resumo do ocorrido até aqui. Em princípio o sujeito percebe diretamente à fantasia do peixe alado; as reflexões que realiza para compreendê-la provocam a reação da razão e sua resposta conduz ao sujeito cultural a notar o conceito do peixe real e a produzir sua representação racional, quase instantaneamente emerge a imagem do peixe real e se sobrepõe à fantasia. O sujeito consciente percebe, então, que a fantasia É um peixe, mas simultaneamente intui que a descrição é incompleta; ao manter sua atenção reflexiva dirigida à fantasia, com o objetivo de compreender os braços e as asas, que ainda carecem de significado (racional), o sujeito consciente “obriga” ao sujeito cultural a aprofundar no conceito-fatia do peixe real. Produz-se, assim, um fluxo de imagens do peixe real que, em procissão, se vão sobrepondo à fantasia e ocasionam, ao sujeito consciente, a percepção de que a fantasia vai se tornando cada vez mais significativa. Neste ponto havíamos ficado.

Observemos que esse maior significado que o sujeito consciente percebe na fantasia, a cada instante, implica uma denotação cada vez menor do peixe real e cada vez mais aproximada ao peixe alado. Contudo, até aqui, o fenômeno não difere em nada do mascaramento racional das fantasias que estudamos no comentário Segundo do artigo anterior.

Por suposto, quando a atenção muda radicalmente é no momento em que emerge, na esfera de luz, o símbolo sagrado: ENTÃO A FANTASIA DEIXA DE INTERVIR NO FENÔMENO E SE AUSENTA

DEFINITIVAMENTE DO PLANO OBJETIVO. Por quê? Resposta: Porque o mascaramento por um símbolo sagrado resulta energeticamente insuperável para qualquer objeto ideal. Bem, toda representação consciente, ainda aquela que mascara a uma fantasia, tenta deslocar num processo a potência de seus símbolos arquetípicos, processo que, segundo vimos, distrai a atenção do sujeito consciente e põe à prova sua força volitiva. O SÍMBOLO SAGRADO, COMO TODA REPRESENTAÇÃO QUE MASCARA A UMA FANTASIA, INICIA UM PROCESSO ENTELEQUIAL AUTÔNOMO NO MESMO INSTANTE QUE ROMPE NA ESFERA DE LUZ. Mas há uma diferença entre ambos os processos, uma essencial e perigosa diferença: enquanto que toda representação está referida a si mesmo, ao esquema de si mesmo, ou seja, à esfera de consciência, o símbolo sagrado se apresenta na esfera de luz, REFERIDO AO SUJEITO CONSCIENTE; assim ocorre porque o símbolo sagrado montou-se, de entrada, sobre uma fantasia, sobre um objeto ideal sustentado essencialmente pelo sujeito. Isto se entenderá melhor se recordarmos que toda fantasia representa objetos, ou situações objetivas, IRREAIS, sem existência no mundo exterior. Tais objetos irreais, "objetos da fantasia" ou "fantasmas", somente podem existir na mente como produtos do sujeito consciente. O sujeito consciente sustenta a existência da fantasia, por mais evidentemente irreal que seja seu conteúdo, e por isso o símbolo sagrado, que se sobrepõe a ela, que dela recebe seu fundamento, resulta também essencialmente apontado pelo sujeito consciente, referido a este.

Fica clara a diferença apontada: toda representação consciente, por sua primeira intenção, está referida a si mesmo; as fantasias, em compensação, possuem a primeira intenção, são produtos do sujeito consciente, "CRIAÇÕES", e estão sustentadas por este; o símbolo sagrado, cuja emergência teve como origem a percepção de uma fantasia, manifesta-se frente ao sujeito consciente, EM SUBSTITUIÇÃO DA FANTASIA, como objeto de percepção; em conseqüência: sustentado por ele e referido a ele. Esta diferença referencial, que temos tratado de esclarecer, implica um efeito diametralmente oposto pelos processos entelequiais. Se o objeto ideal é uma representação, referida a si mesmo, SUE PROCESSO DE DESENROLARÁ FRENTE AO SUJEITO, COMO ESPETÁCULO. E o sujeito consciente, como espectador, poderá ATENDER ou não a tal espetáculo: se deseja conhecer porá atenção no processo, mas sua energia volitiva lhe há de permitir interrompe-lo retirando a atenção, tirando-lhe do presente. Pelo contrário, TENTARÁ DESLOCAR SEU PROCESSO SOBRE ELE, ENVOLVENDO-O COMO AUTOR E NÃO COMO MERO ESPECTADOR.

Naturalmente, um símbolo sagrado pode ser também dominado volitivamente pelo sujeito consciente, mas tal possibilidade remota para o pasu e somente um tipo de virya, o "gracioso luciférico" conseguirá realmente deter seu processo; a relação que se estabelece entre um símbolo sagrado e o sujeito consciente do virya, o "Eu", denomina-se TENSÃO DRAMÁTICA e

será objeto de profundo estudo na Segunda parte. Mas aqui estamos considerando ao pau: a um tipo exemplar de pasu altamente evoluído cujo comportamento e constituição psíquica nos permitirá posteriormente compreender a dupla natureza do virya, ou seja, NOS PERMITIRÁ DESCOBRIR, NO MICORCOSMO MORTAL, A ALMA IMORTAL E, CATIVO NO SEIO DA ALMA IMORTAL, AO ESPÍRITO ETERNO. Por isso, nesse e no próximo artigo, suporemos que o sujeito consciente do pasu NÃO CONSEGUE dominar ao símbolo sagrado.

Que ocorre, então? Para mostrá-lo de maneira mais gráfica podemos dizer que o sujeito consciente, que se achava em plena percepção da fantasia, comprova de pronto que a imagem tenha "tomado vida" e se tornou independente de sua vontade. Vale dizer: o símbolo, que representa ao mito, converte-se em sua personificação ativa, ameaça despregar-se e fagocitar ao sujeito. E o sujeito, que não percebe a transação entre fantasia e mito, experimenta a eterna situação do criador cuja obra escapa de seu controle e se individualiza. Uma situação semelhante tem sido projetada em mil obras literárias, desde os "mestres" que iluminam e modelam a mente dos discípulos (suas "obras), quem depois se tornam independentes e traem aos mestres, até esses Deuses primitivos cujas criaturas, sejam homenzinhos de barro ou anjos, revelam-se e tentam disputar o poder. Mas, em verdade, despojando ao fenômeno de todo ARGUMENTO MÍTICO, ou seja, das crostas culturais, pode-se ver que a oposição criatura-criador tem sua origem na tensão dramática entre o símbolo sagrado e o sujeito consciente.

Uma fantasia, um objeto irreal cuja existência depende da vontade do sujeito, torna-se autônomo num instante e ameaça perigosamente apoderar-se da vontade do sujeito. Que se passa, na realidade? Que o sujeito consciente NÃO ADVERTE A SUBSTITUIÇÃO DA FANTASIA PELO MITO e crê presenciar um mesmo fenômeno em sua continuidade processual. Mas a fantasia, o objeto produzido pelo sujeito consciente, deixou efetivamente de intervir no fenômeno desde o instante em que o símbolo sagrado emergiu na esfera de luz. E resulta, por fim, que o sujeito é vítima de um engano: não é criador muito menos do monstro que tenta devorá-lo. A falsificação, como vimos, foi efetuada pelo símbolo sagrado; se há um culpado do engano, sem dúvida está aqui, POR TRÁS DO SÍMBOLO SAGRADO. Mas o que é um símbolo sagrado? NÃO SOMENTE "A REPRESENTAÇÃO DO MITO", SENÃO O TERMO DE UMA PROCISSÃO DE FORMAS, QUE ARRANCA NO ARQUÉTIPO UNIVERSAL, "QUE ESTÁ SEGUNDO SABEMOS, SUSTENTADO PELA VONTADE DO DEMIURGO". Eis aqui o culpado POR DETRÁS do símbolo sagrado: mito ou símbolo arquetípico, Arquétipo invertido, desígnio demiúrgico, Arquétipos universais, Demiurgo, o Uno. No princípio da série arquetípica, alentado o desenvolvimento do símbolo sagrado, está o Demiurgo. Por quê? Para que? Resposta: O DEMIURGO PREVIU, EM SEU PLANO, A ATIVIDADE QUE OS

SÍMBOLOS SAGRADOS HAVERÃO DE DESLOCAR NO MICROCOSMO E É DE SEU INTERESSE QUE TAIS SÍMBOLOS MANIFESTEM-SE AO SUJEITO CONSCIENTE. Logo, esta resposta pode somente significar uma coisa: OS SÍMBOLOS SAGRADOS DEVEM CONTRIBUIR COM A CONCRETIZAÇÃO DO OBJETIVO MICROCÓSMICO DA FINALIDADE. Como? Outorgando ao sujeito consciente a possibilidade DE SUPERAR A CRISE. A possibilidade de empregar ao símbolo sagrado como ponte metafísica sobre o abismo da crise será exposta, também, no próximo artigo.

O importante agora é compreender que os símbolos sagrados desde o momento em que se produz a emergência, transcendem o plano físico do microcosmo e PARTICIPAM DO PLANO METAFÍSICO DO MACROCOSMO. (Por isso os símbolos sagrados são os únicos signos metafísicos válidos, os verdadeiros fundamentos de toda Metafísica; contrariamente, deve-se negar o título de "metafísica" a toda ciência cujo objeto não seja o conhecimento dos símbolos sagrados e, por último, a mais elevada Metafísica é a Gnose Hiperbórea, porque os símbolos sagrados constituem para ela o principal objetivo de sua indagação). Esta "participação metafísica" significa que o símbolo sagrado representa tanto ao mito, ou símbolo arquetípico, estruturado no esquema do microcosmo como um Arquétipo psicóideo do macrocosmo: sua "verdade" é uma verdade transcendente. Mas por que tal transcendência somente é possível QUANDO O SÍMBOLO SAGRADO EMERGE, ou seja, quando se torna consciente, e não antes? Resposta: Porque somente então, quando "há símbolo sagrado", "representação de um mito", se dá o caso de que um símbolo arquetípico, situado ao princípio da escala formativa do desígnio, seja ATIVADO ENERGETICAMENTE POR SEPARADO: ao atualizar o símbolo sagrado desengancha-se uma reação em cadeia, mas tal reação somente pode existir separadamente se PARTICIPA de um Arquétipo universal e é sustentado por este. Temos visto que o mito pode fagocitar ao sujeito cultural enquanto se encontre em seu contexto esquemático e enquanto o sujeito manifeste debilidade volitiva. Mas, se o sujeito se retira de seu contexto habitual o mito não significa nada. Inclusive o sujeito poderia ignorar por toda a vida, e isto é o mais comum, a existência dos mitos estruturados. Mas se um mito é representado fora de seu contexto, isso equivale a separar a primeira reação de uma cadeia volitiva que vai do Arquétipo universal ao ente, ou seja, EQUIVALE A ATUALIZAR NO MICROCOSMO UM ARQUÉTIPO UNIVERSAL NO PRIMEIRO INSTANTE DE SEU DESLOCAMENTO EVOLUTIVO. De modo que o símbolo sagrado, ao emergir da esfera de luz à fantasia como objeto de percepção do sujeito consciente, ESTÁ PONDO AO SUJEITO CONSCIENTE NÃO EM UM MERO CONTATO COM O MITO ESQUEMÁTICO, SENÃO COM UM ARQUÉTIPO UNIVERSAL. E, ATRAVÉS DELE, COM O DEMIURGO. É certo, então, que todo símbolo sagrado, qualquer que seja seu signo, desde o complexo Zeus olímpico até a

abstrata cruz, representam ao Deus do Universo, ao Uno, ao Demiurgo cósmico: o símbolo sagrado, em um fundo metafísico que haverá de transcender, participa ou é a manifestação revelada, da Vontade do Uno.

A Vontade do Demiurgo, presente por trás dos símbolos sagrados, explica por que sua aparição frente ao sujeito consciente não causa jamais uma loucura do tipo descrito como “primeiro fenômeno”. Aqui, pelo contrário de uma regressão formal ao mundo primitivo do mito, corre-se o “perigo” de converter-se em “representante de Deus na Terra”, profeta, enviado divino, reformador social, herói, homem do destino, etc. Vale dizer, corre-se o perigo de que o sujeito anímico identifique-se com uma função coletiva e cesse de evoluir como indivíduo. Tal ”perigo” que corre O SUJEITO CONSCIENTE se for fagocitado pelo símbolo sagrado; mas nesse caso trata-se de uma loucura “legal”, necessária para os objetivos micro e macrocósmicos da finalidade do pasu. Isto será demonstrado na Segunda Parte, ainda que convenha adiantar que para o virya, cujo interesse declarado consiste em libertar seu Espírito Hiperbóreo, não existe perigo maior que a identificação do sujeito com um mito coletivo: EM SEU CASO isso implica em verdade, algum tipo de transtorno mental, desde a dissolução do sujeito consciente até sua fragmentação esquizofrênica.

Não podemos acabar este artigo sem mencionar ao pasu de nosso exemplo. Sua fantasia de peixe alado converteu-se, de repente, em um Deus peixe autônomo; a partir desse feito a atitude do pasu será típica ou se identificará com o mito e se converterá, para a comunidade, em seu representante vivente, ou lhe adorará, sem identificar-se completamente, e se transformará em seu profeta. Nesse último caso REVELARÁ à comunidade o símbolo sagrado de Deus peixe EXPRESSANDO SEU SIGNO; e, à medida que os membros da comunidade introjetem o signo e acesse ao símbolo sagrado, ao contato com o mito, o mito reinará não dentro, mas fora, como Mito, a saber, como Arquétipo psicóideo. Logo, ao adorar ao Mito, ao Deus peixe, a Dagon, a comunidade adora na realidade ao Demiurgo, ao Deus Uno, cumprindo com sua finalidade macrocósmica.

I - Comentários complementares sobre o mito e o símbolo sagrado.

Primeiro - Comportamento autônomo do mito.

Quando a referência afetiva de um símbolo sagrado é de magnitude muito grande, caso (c) determina a referência a si mesmo a desviar-se do umbral de consciência e a dirigir-se à esfera afetiva. Então, o símbolo não

emerge na esfera de luz, frente ao sujeito consciente, tal como se supôs no artigo anterior, e podem ocorrer dois casos: que o símbolo sagrado abandone a esfera de sombra e penetre na esfera afetiva, ou que permaneça na esfera de sombra. Vejamos ambos os casos.

1º caso: ao penetrar na esfera afetiva, o símbolo sagrado torna-se "orientado" para o coração, onde se integra ao esquema afetivo ali existente; em conseqüência, o símbolo passa a ser domínio do sujeito afetivo, que é absolutamente irracional. O sujeito anímico evolutivo – em qualquer de suas manifestações estruturais, "razão", "cultural", "consciente" – será sempre impotente para operar sobre um símbolo situado no coração, e mais ainda se o sujeito irracional identificou-se com ele. O pasu experimenta, assim, uma espécie de dependência irracional PELA ESSÊNCIA do símbolo sagrado, a saber, pelo que este representa e expressa.

Este caso constitui um dos Princípios da Estratégia Psico-social e, como tal, tem sido amplamente explorado pela Sinarquia de todos os tempos para exercer um controle PELO CORAÇÃO das massas: as grandes religiões organizadas, por exemplo, servem-se deste Princípio para dominar, mediante símbolos sagrados CORdiais, conCORdantes com o objetivo macrocósmico, a seus fiéis; e estes respondem irracionalmente, MAS DE MANEIRA ESTRATEGICAMENTE PREVISÍVEL.

À parte da dependência geral a símbolos sagrados políticos, religiosos, etc., o primeiro caso explica também situações particulares importantes. Por exemplo, a paixão vulgar do pasu, que não deve ser confundida com o A-mort dos Siddhas e viryas, tem sua origem num símbolo sagrado, o da mulher arquetípica, a "anima" de C. G. Jung, que se instalou no coração e se tem vitalizado com energia do sujeito irracional. A "paixão" ocorre quando o pasu projeta inconscientemente sobre certa mulher, o símbolo da anima e o reconhece logo, o introjeta, identificado com a mulher de carne: o pasu crê, assim, ter descoberto materializada à mulher ideal. Sucede, então, um fenômeno clássico: o sujeito anímico evolutivo é eficaz para atuar racionalmente em toda situação salvo aquela em que intervenha a amada de carne. Neste último caso, frente à mulher amada, produz-se a enervação volitiva do sujeito anímico evolutivo e a conduta do pasu passa a ser regida pelas determinações irracionais do coração.

2º caso: Se o símbolo sagrado permanece na esfera de sombra, ou seja, no inconsciente, COMO REPRESENTANTE AUTÔNOMO DE UM MITO, isso somente pode ocorrer porque foi sustentado por UM SUJEITO IRRACIONAL, seja do coração ou qualquer outro.

O caso deve ser considerado como se a alma, além do sujeito anímico evolutivo, se manifestara NO SÍMBOLO SAGRADO e o animara

individualmente. Recordemos que algo similar ocorre com os chakras, que são também complexíssimos símbolos onde a alma se manifesta em uma pluralidade de sujeitos irracionais: a diferença está em que os chakras conformam a estrutura astral do microcosmo, ou seja, estão ligados, enlaçados entre si, e os símbolos sagrados, pelo contrário, dispõem de relativa autonomia na esfera de consciência.

Naturalmente, um símbolo sagrado na esfera de sombra, animado por um sujeito irracional, somente pode ser uma fonte de perturbações anímicas, volitivas, psíquicas, etc.: está além do sujeito cultural, que é "cego" para as imagens, não possui a faculdade de imaginar, mas aquém do sujeito consciente, pois permanece oculto na esfera de sombra como um "mito vivente", como um verdadeiro demônio interior, ainda que somente trate-se da representação autônoma de um mito. Sempre enfraquecendo o sujeito anímico evolutivo, tratará de dominá-lo e tomar o controle do microcosmo; e não haverá maneira de preveni-lo porque seu comportamento será absolutamente irracional: emergirá em seus sonhos ou na vigília, ou bem obsessionará inconscientemente ao sujeito, mas em todos os casos, causará algum grau de neurose. Digamos, por último, que muitos símbolos sagrados animados irracionalmente, como os do 2º caso, podem ser reduzidos pela psicanálise.

Segundo - Estudo energético da emergência do símbolo sagrado.

Consideremos agora o caso em que o símbolo sagrado emerge efetivamente frente ao sujeito consciente, de maneira semelhante ao símbolo **I'** da figura 21. De maneira semelhante, MAS NÃO IGUAL, porque todo símbolo sagrado caracteriza-se por uma qualidade que não possuem os símbolos homólogos de conceitos habituais tais como **I'**. E essa qualidade é a seguinte: O NÍVEL DE ESTABILIZAÇÃO ENERGÉTICA **(Ψ1)** DE TODO SÍMBOLO SAGRADO É O QUE CORRESPONDE À MÁXIMA ENERGÍA **(E máx.).**

Para esta explicação nos remitimos ao dito no comentário décimo terceiro do artigo "F". Ali se viu que todo símbolo que atravessa o umbral de consciência efetua uma "transição energética" entre um nível mínimo **(E min.)** e um nível máximo **(E máx.)**: no nível exato do umbral de consciência **(Ψ)** a energia é zero. Pois bem, o nível máximo de energia é O MAIS PRÓXIMO AO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA e nesse nível, levemente por cima de **(Ψ)**, SE SITUA TODO SÍMBOLO SAGRADO. Com o fim de visualizar o fenômeno, recordemos que o umbral de consciência é análogo a uma superfície líquida, tal como um lago ou mar: a máxima energia com que um símbolo sagrado se manifesta na esfera de luz equivale, não a um peixe voador que emerge e ganha determinada altura para depois submergir novamente, analogia que alcança a todo símbolo NÃO SAGRADO ou representação consciente, senão A ALGO QUE FLUTUA, A UMA

MADEIRA, por exemplo, cuja forma se faz patente de pronto, ante nossa vista, realizando-se nitidamente sobre a superfície líquida.

Lembremos que o trânsito de um símbolo se compõe de “emergência”, até **(Ψ1)**, e " processo", a partir de **Ψ**: em **(Ψ1)** conclui a emergência e começa o processo entelequial. Por tal motivo a figura análoga para o símbolo sagrado, NO NÍVEL DE ESTABILIDADE ENERGÉTICA (Ψ1), corresponde a "algo que flutua”, ou seja, a um exemplo “estático”. Na Segunda Parte veremos que ao “Processo” do símbolo sagrado lhe corresponde a figura análoga de um globo que infla, a saber, um exemplo dinâmico.

O importante é compreender que quando o símbolo sagrado emerge com máxima energia, NÃO POSSUI POTÊNCIA ATIVA, vale dizer, É TODO ATO, “ACTUS PURUS”, COMO UM DEUS. Por isso o irromper com grande clareza frente a visão do sujeito consciente, sua luz acaba por resultar cegante e irresistível. E a perplexidade que tal aparição causa no sujeito é aproveitada pelo mito para iniciar seu processo entelequial; mas esta fase do fenômeno será estudada na Segunda Parte.

No artigo anterior consideramos como exemplo, o caso em que um símbolo sagrado emerge ESPONTANEAMENTE como efeito da percepção de certa fantasia. Vimos ali que o símbolo se sobrepõe, inicialmente, à fantasia para depois substituí-la definitivamente na objetividade do sujeito consciente. Mas agora saberemos que todo símbolo sagrado se manifesta na esfera de luz com máxima energia, apenas emergindo do umbral de consciência, e nos perguntamos: como ocorre tal sobreposição se, por exemplo, o símbolo **I’** da fantasia encontra-se num nível energético diferente ao do símbolo sagrado? Resposta: a fantasia saiu de seu lugar até o símbolo sagrado, até confundir-se com ele; para isso recebe energia DO SÍMBOLO SAGRADO, que se comporta, PARA O SÍMBOLO, como um efetivo sujeito dominante. Entretanto o sujeito consciente jamais consegue notar tal deslocamento por ocorrer este FRENTE A SEU HORIZONTE DE VISÃO. Para explicá-lo analogamente, suponhamos que enquanto observamos a um menino, correm as nuvens e sai o sol POR DETRÁS DELE, de tal sorte que somente percebemos um violento resplendor que nos cega e não podemos mais distinguir sua figura. Pois bem, inútil será que depois o menino nos jure que, DURANTE O FENÔMENO, RETROCEDENDO VÁRIOS PASSOS, não o tenhamos notado, CONFUNDIDO COMO ESTAVA, o menino com o sol. De maneira semelhante, a fantasia RETROCEDE frente à visão eidética do sujeito até confundir-se com o símbolo sagrado, produzindo a ilusão de que é ela mesma quem se tornará subitamente luminosa e animada.

J - Símbolo sagrado e Metafísica Hiperbórea.

"Metafísica" é a ciência cujo objeto de conhecimento é O SER DO ENTE. E recordarmos que no inciso Finalidade e Suprafinalidade se expôs que em todo ente físico, exterior, existe um SER EM SI, ou Arquétipo universal, e um SER PARA O HOMEM ou desígnio, se compreenderá o acertado da denominação “Metafísica” com que qualificamos a esta Primeira Parte, posto que o “desígnio” constitui seu objeto de estudo mais importante. Contudo, a Sabedoria Hiperbórea outorga ao vocábulo “Metafísica” um significado mais específico e transcendente que o mero estudo do desígnio demiurgico, ainda que esta última tarefa seja a que efetivamente vem realizando a Metafísica tradicional.

Para evitar confusões vamos definir a METAFÍSICA HIPERBÓREA como AQUELA CIÊNCIA CUJO OBJETO DE CONHECIMENTO É O SÍMBOLO SAGRADO. Em conseqüência: TODO SÍMBOLO SAGRADO É A REPRESENTAÇÃO DE UMA VERDADE METAFÍSICA. Contudo, a definição não será completa se não assinalarmos sua principal condição: SOMENTE SE CONSIDERAM “OBJETOS METAFÍSICOS” OS SÍMBOLOS SAGRADOS QUE EMERGEM PELO UMBRAL DE CONSCIÊNCIA E SE CONFRONTAM AO SUJEITO CONSCIENTE, caso (A). Um pouco que se medite sobre esta condição se comprovará que a mesma luz da Metafísica Hiperbórea a UMA CIÊMCIA PRÓPRIA DA ESFERA DE LUZ, ou seja, UMA CIÊNCIA da consciência. Mas não há que se confundir: que tal ciência seja “própria” da esfera de luz não implica que seu âmbito de observação seja exclusivamente a esfera de luz; não dissemos “seu objeto de conhecimento é a esfera de luz” senão “seu objeto de conhecimento são os símbolos sagrados QUE EMERGEM NA ESFERA DE LUZ”. Qual é a diferença? Que, tal como se disse no artigo “H”, um símbolo sagrado é “não somente a representação do mito, mas o termino de uma procissão de forma que desata no Arquétipo universal, que está, segundo sabemos, sustentada pela “Vontade do Demiurgo”. Ou seja: que um símbolo sagrado, por ter sido separado da estrutura do desígnio, PARTICIPA ATIVAMENTE DE UM ARQUÉTIPO UNIVERSAL. A Metafísica Hiperbórea, então, é uma ciência “própria da esfera de luz”, mas cujo objeto de conhecimento é o símbolo sagrado, torna possível a transcendência do microcosmo, pois estende seu âmbito de observação ao plano arquetípico do macrocosmo. Por suposto, a Metafísica Hiperbórea somente pode ser praticada pelos viryas e Siddhas já que nada parecido ao conhecimento dos Arquétipos universais é permitido ao pasu. Se aqui temos adiantado sua definição, antes de estudar o que é um virya e um Siddha, isso se deve a que nos convém dar a explicação como corolário dos artigos anteriores sobre o mito e o símbolo sagrado. Em verdade somente na Segunda Parte se exporá e aplicará a Metafísica Hiperbórea do símbolo sagrado.

Mas, se ao pasu lhe é vedada a possibilidade de transcender os símbolos sagrados, que sentido tem sua aparição? Por que o Demiurgo previu

sua emergência? Resposta: por um motivo operativo. É o Demiurgo, através dos Arquétipos universais, quem se propõe OPERAR SOBRE O PASU EM DETERMINADOS MOMENTOS DE SUA HISTÓRIA, e tal operação é possível porque os Arquétipos universais se manifestam nos símbolos sagrados e estes participam daqueles. Eis aqui as possibilidades operativas: o símbolo sagrado emergiu como representação de um mito, como efeito da racionalização de uma fantasia, ou bem foi ENSINADO por um instrutor cultural e o pasu o APRENDEU: o tomou o sujeito cultural como impressão sensível e o percebeu o sujeito consciente como representação consciente, ou seja, como símbolo sagrado emergente na esfera de luz; ou também, o símbolo sagrado PODE TER SURGIDO DA SUPERESTRUTURA DO FATO CULTURAL EXTERIOR E TER SIDO CAPTADO COMO "DESCOBERTA", etc. Em qualquer caso, sem que influa a maneira como o símbolo sagrado chegou a ser conhecido pelo pasu, o efetivo é que ao "aparecer" na esfera de luz, indefectivelmente participará de um Arquétipo psicóideo que exercerá sua ação sobre o sujeito. Bem, quais são esses "momentos determinados" da História do pasu nos quais emergem os símbolos sagrados que permitem a operação dos Arquétipos psicóideos, ou seja, durante os quais a vontade do sujeito resulta dominada pela vontade transcendente, por um padrão de conduta coletiva?Resposta: tais "momentos" próprios na História do pasu (mas que não são alheios à História de sua comunidade sócio-cultural, posto que exista certo paralelo entre a estrutura cultural e as superestruturas de fatos culturais, que se estudará na Segunda Parte), SÃO MOMENTOS DE CRISE. Os símbolos sagrados têm por função estender uma ponte sobre a crise, REVELANDO AO SUJEITO ANÍMICO EVOLUTIVO, À ALMA, POR UM INSTANTE OU POR UM TEMPO MAIS PROLONGADO, DE CONTROLE DO PRÓPRIO MICROCOSMO: mas isso ocorre, naturalmente, quando o sujeito carece de vontade para impor-se ao processo entelequial do símbolo sagrado; justamente, os "momentos de crise" são aqueles nos quais o sujeito anímico está desfalecido, talvez desesperado, sentindo que se afunda irremediavelmente nas trevas de uma situação insuportável.

Podemos definir a crise como A IMPOSSIBILIDADE DO SUJEITO ANÍMICO EVOLUTIVO PARA REDUZIR RACIONALMENTE UMA SITUAÇÃO CONCRETA. Com termos da analogia estrutural, e considerando que tal situação concreta irredutível é equivalente a um ente que impressiona traumaticamente a esfera sensorial, a crise se produz quando o desígnio é esquematizado num caso (c) extremo, ou seja, quando a referência afetiva é de grande magnitude. Em tal caso, a referência a si mesmo, com que a POTÊNCIA ativa dirige a representação ao ser vivenciado o esquema pelo sujeito cultural, será intensamente emocional, irracional, orientada ao coração. Como conseqüência a representação do ente traumático, ou seja, da situação concreta, emerge MUITO DISTANTE DO SUJEITO CONSCIENTE (por sua inclinação (c) na esfera de sombra), o que é percebido por este como POUCO

CLARO, OU NÃO EMERGE EM ABSOLUTO E SE DIRIGE DIRETAMENTE À ESFERA AFETIVA E DALI AO CORAÇÃO. É então quando O SUJEITO CONSCIENTE APELA PARA SUA FACULDADE DE IMAGINAR, PARA ENCONTRAR RESPOSTA QUE O CORAÇÃO LHE NEGA.

Mas uma coisa é imaginar, sem imposição alguma, e outra é SUPRIR COM A IMAGINAÇÃO O INCOMPREENSÍVEL. Obrigado pela circunstância concreta, pela "pressão do ente". Assim, como das trevas não surge a luz, tampouco um sujeito perturbado pode produzir uma imagem esclarecedora: o que ocorre é que, frente ao sujeito consciente, emerge uma fantasia tão incompreensível como o conceito do ente traumático cuja representação desviou ao coração. E essa fantasia sem sentido ao ser percebida pelo sujeito consciente, ou seja, ao ser racionalizado, é a que desencadeia finalmente o fenômeno do mito e o símbolo sagrado que descobrimos no artigo "H", colocando como exemplo a imagem do peixe alado. Claro que se em lugar de sua imaginação, o pasu recorre a um sacerdote e este lhe diz que medite sobre tal ou qual símbolo, ou que reze a uma Deidade, ou recorra a qualquer outro procedimento semelhante que tenha por finalidade "o sujeito consciente frente ao símbolo sagrado" o resultado será o mesmo: um Arquétipo psicóideo tentando fagocitar o sujeito consciente e tomar o controle do microcosmo.

Em síntese, a crise é o efeito que uma situação não razoável, ou diretamente irracional, produz no sujeito consciente; ESTE PERCEBE, ENTÃO, QUE SE QUEBRA A CONTINUIDADE DE SUA HISTÓRIA, OU SEJA, QUE AMEAÇA FRATURAR-SE O FIO MESMO DA CONSCIÊNCIA, DA ESFERA DA CONSCIÊNCIA. Mas o esquema de si mesmo, a esfera de consciência, não pode romper sem que isso implique na loucura ou na morte: em todo caso sucede a dissolução da consciência, o regresso ao estado fetal. Para estender uma ponte sobre o abismo da crise, para unir as margens da História e permitir a continuidade do sujeito histórico, estão os símbolos sagrados. Eles participam dos Arquétipos psicóideos e estes se manifestam frente ao sujeito em crise; o fagocitam, o suplantam, e sustentam ao microcosmo o tempo necessário. E, às vezes, quando a História requer, permanentemente.

Os símbolos sagrados ajudam assim a cumprir o objetivo da finalidade do pasu. O objetivo macrocósmico requer que o pasu desenvolva o sujeito histórico, o que somente pode ocorrer se, conjuntamente, desenvolva-se a esfera de consciência, a História do microcosmo que consiste em sua racionalização permanente: MAS A HISTÓRIA NÃO PODE INTERROMPER-SE, DEVE SER "CONTÍNUA" PORQUE É UM CORRELATO DA "SIGNIFICAÇAO CONTÍNUA" QUE FUNDAMENTA O PENSAR RACIOANL. Daí que toda fissura provocada pela crise na

continuidade histórica do microcosmo seja atenuada, suavizada, pelo símbolo sagrado, ou seja, transformada num mero ponto de inflexão. O objetivo macrocósmico, por outra parte, exige a formação de uma cultura que preserve o sentido dado aos entes, por isso o pasu evolui em comunidades sócio-culturais que se desenvolvem ao longo da História. A crise, então, pode ser também coletiva: um abismo, um limite fatal, pressentido por todos de uma vez. Como na consciência, aqui tampouco pode produzir-se uma ruptura definitiva sem que isso implique a fragmentação ou a dissolução social; naturalmente, isso pode ocorrer quando os membros de uma comunidade são volitivamente impotentes para torcer o rumo da História e se encaminham coletivamente ao desastre. Mas nesse caso, quando o momento atual parece não apresentar continuidade com o fio histórico de um povo, quando nem olhar para trás nem adiante representam orientação alguma e somente a realidade do abismo que se abre aos pés parece existir, nesse caso somente a potência de um Arquétipo psicóideo, de um Mito, poderá construir a ponte salvadora: um líder, um sacerdote, um profeta, uma religião, uma meta coletiva de qualquer tipo, etc., são distintas formas de milagre. E todas estas formas não são mais que manifestações do Arquétipo psicóideo: porque o líder, o sacerdote, o profeta, o legislador, o rei, ou qualquer meta coletiva, não são mais que símbolos sagrados personificados ou codificados em uma linguagem habitual, símbolos sagrados que participam ativamente do Mito e que fazem possível que o Mito se posicione coletivamente na comunidade, que tome o controle e dirija o rumo da História.

Às vezes, nos momentos de crise social, são DOIS OU MAIS arquétipos psicóideos que se apresentam como salvadores, gerando grupos antagônicos dentro da mesma comunidade ou entre comunidades culturalmente diferentes: assim, não é difícil que haja luta efetiva pelo predomínio de um líder, uma religião, uma meta, etc. Mas isso não é anormal dentro dos planos do Demiurgo e, pelo contrário, é parte de seu jogo. Porque, atenção para este princípio: NAS COMUNIDADES PASU, A GUERRA É O MODO COMO OS ARQUÉTIPOS RESOLVEM SEU CONFLITO. Esta guerra não tem nada a ver com a guerra essencial pela libertação do Espírito que libertam viryas e Siddhas contra as hostes sinárquicas do Demiurgo e seus representantes da “raça eleita”.

Para terminar, vale a pena destacar que os símbolos sagrados JAMAIS DEIXAM DE CUMPRIR SUA FUNÇÃO OPERATIVA NA CONSCIÊNCIA OU NA HISTÓRIA SOCIO-CULTURAL DO PASU. O sujeito consciente se for volitivamente débil, se se encontra “abismado” pela crise, SEMPRE SERÁ FAGOCITADO PELO SÍMBOLO SAGRADO, ou seja, O PASU SEMPRE SE IDENTIFICARÁ COM O MITO. Pelo contrário, tal como se estudará na Segunda Parte, o aprisionamento do Espírito Hiperbóreo no pasu vem a alterar esse comportamento, ocorrendo que o virya, por exemplo, tenha a possibilidade de evitar o domínio do mito, do Mito e

inclusive, que inverta o sentido do símbolo e o empregue como “objeto de conhecimento”. Mas o que pode “conhecer” por meio de um símbolo sagrado, da representação de um mito? Resposta: o plano arquetípico do macrocosmo, o qual constitui, enquanto seja acessível à indagação do sujeito, O ORBE METAFÍSICO POR EXCELÊNCIA.

Em efeito, o símbolo sagrado, ao que anteriormente definimos como análogo a “algo que flutua”, é na realidade semelhante a um ICEBERG do qual o sujeito consciente somente percebe inicialmente um oitavo de seu volume, estando os sete oitavos restantes submersos na esfera de sombra e, por participação, projetando-se ao plano arquetípico, ao céu metafísico. A Metafísica Hiperbórea, que definimos no começo deste artigo, é a ciência que estuda a maneira de operar com os símbolos sagrados sem ser fagocitado por eles. Na Segunda Parte vamos recorrer freqüentemente aos conceitos da Metafísica Hiperbórea: será ali quando ficará claro que deve entender-se por “verdade metafísica”, da qual, digamos, o símbolo sagrado é sua representação.

A CONSCIÊNCIA: TEMPO TRANSVERSAL

A - A autonomia ôntica do microcosmo atual.

O inciso anterior "Funcionamento da esfera de consciência do pasu”, não poderá ser completo sem incluir um estudo sobre o tempo imanente. Contudo, devido a sua importância capital para a compreensão do aprisionamento espiritual, temos preferido tratar este tema separadamente. Lógico. Aqui haverá que remeter-se a muitos artigos e explicações anteriores já que “o tempo”, ao que vamos estudar em último lugar por motivos de metodologia, constitui na realidade o fundamento da consciência, ou seja, a base sobre a que se apóia grande parte do já visto.

Comecemos, pois, pelo princípio, a saber, pela obra do Demiurgo. O prazer do Demiurgo, o “Bem”, consiste no descobrimento significativo permanente de sua obra; para isso foi designado, junto à finalidade entelequial dos entes, uma suprafinalidade destinada a brindar o descobrimento significativo. Mas quem há de efetuar tal descoberta, para quem aponta a suprafinalidade? Resposta: Para um ente autônomo capaz de descobrir o desígnio em todo ente e por, depois, o sentido em todo ente: essa é a finalidade do animal-homem ou pasu. Mas essa finalidade, CHEGAR A SER um ente autônomo, doador de sentido, o pasu há de alcançá-la depois de longa evolução. Em artigos anteriores temos mencionado que o processo evolutivo do pasu haveria de culminar com o desenvolvimento da esfera de consciência, ou seja, com a construção de um esquema de si mesmo que obrasse como assento do sujeito consciente. Este sujeito, por constituir a mais elevada

expressão do sujeito anímico evolutivo, ou alma, exige que o esquema de si mesmo seja o mais perfeito possível, que reflita completamente a estrutura do microcosmo: somente quando o esquema de si mesmo coincida até em seus menores detalhes com o microcosmo, o que equivale a dizer que o sujeito consciente é capaz de "pensar" ao microcosmo, de pensar em si mesmo racionalmente, será possível alcançar a autonomia ôntica proposta como finalidade do pasu. Por motivos de simplicidade explicativa, dividimos a finalidade em dois objetivos: alcançar a "autonomia ôntica" e ser "doador de sentido"; ao primeiro o chamamos "objetivo microcósmico" e ao segundo "objetivo macrocósmico".

Ao estudar o objetivo microcósmico, pelas mesmas razões de simplicidade, temos nos referido exclusivamente à culminação do processo evolutivo do pasu, vale dizer, à formação da esfera de consciência animada pelo sujeito consciente, mas, em uma consideração mais rigorosa, haveria que afirmar que tal objetivo abarca toda a História evolutiva do pasu. Isto se verá melhor se esclarecermos que tal "História evolutiva" é o desenvolvimento formal do Plano evolutivo com que o Arquétipo Manu se desloca através do homem: tomando ao pasu em qualquer ponto de sua evolução, ou seja, em qualquer fase formal do Plano evolutivo, o objetivo macrocósmico ESTÁ SEMPRE ADIANTE NO SENTIDO DA EVOLUÇÃO, APONTANDO À ENTELEQUIA E, EM EFEITO, À AUTONOMIA ÔNTICA.

Uma vez restituído o sentido essencialmente evolutivo que deve expressar o objetivo microcósmico vamos nos ocupar de sua finalidade última: a autonomia ôntica do microcosmo. Sabemos, em efeito, que a finalidade do pasu é uma possibilidade aberta para CHEGAR A SER um ente autônomo, mas o que ocorre quando tal possibilidade se concretiza? O que significa SER UM ENTE AUTÔNOMO? Daremos uma resposta, mas não há de crer-se que, pelo fato de descrever uma enteléquia, estamos nos ocupando de algo inexistente: pelo contrário, se contam aos milhões quem tenha completado o Plano evolutivo do pasu e agora, tranquilamente, encontram-se servindo à Sinarquia dos Siddhas Traidores, integrando as fileiras da Hierarquia Branca. Tais são, por exemplo, os "mestres de Sabedoria" que desde há uns séculos operam politicamente no Ocidente, procedentes de Chang Shambala. .

Não há no que insistir demasiado, pois já tem sido suficientemente esclarecido que o pasu deve cumprir uma missão importantíssima na obra do Demiurgo. Mas, até onde é excepcional este papel, único entre os entes designados, somente se fará evidente se refletirmos sobre a possibilidade de autonomia que implica a concretização de sua finalidade entelequial. Em efeito, qualquer ente que culmina seu processo, ainda quando alcance a perfeição suprema, não é outra coisa que a expressão dos Arquétipos universais; estes lhe sustentam e se manifestam nele, cumprindo a Vontade do

Demiurgo. Os entes subsistem no tempo transcendente e nele cumprem seu processo, COMO TUDO QUE NO MUNDO É SUCESSIVO; enquanto o pasu evolui, enquanto seu corpo é um microcosmo potencial, É TAMBÉM SUCESSIVO NO TEMPO TRANSCENDENTE e encontra-se sustentado permanentemente pelo Arquétipo Manu. Então não se diferencia majoritariamente dos restantes entes sucessivos. Porém, esta situação muda completamente quando o pasu concretiza a enteléquia e se transforma em microcosmo atual: em tal caso adquire uma característica excepcional, única, que o diferencia essencialmente de todo ente sucessivo, ou seja, adquire a autonomia ôntica. Isto não quer dizer que o microcosmo atual deixa de estar sustentado pelo "Arquétipo Manu", senão que, por ter alcançado a enteléquia, o pasu é o próprio Arquétipo Manu e, a partir de então, começa a existir como ente autônomo.

Examinemos brevemente como chega o pasu a converter-se em ente autônomo. O pasu, como todo ente, foi designado pelo Demiurgo; mas, em instâncias inferiores de sua evolução, somente se revelam a sua razão os desígnios de entes externos, com os quais constrói a estrutura cultural. Não obstante, chega o dia em que, com uma sacudida essencial, sobrevém a intuição da possibilidade da autonomia ôntica: o ente, conhecedor de entes, começa a conhecer a si mesmo e dessa perturbadora revelação surge o símbolo fundamental da esfera de consciência; uma nova estrutura se vai enlaçando em torno desse primeiro símbolo e se forma assim o esquema de si mesmo, a História do microcosmo que deve acabar, por força, descobrindo ao desígnio próprio. E o sujeito anímico evolutivo, ao animar o esquema de si mesmo como sujeito consciente, vai animando também sucessivamente os elementos do desígnio próprio. O final deste processo de auto-descoberta, teórica, mas que pode efetivamente ser alcançada uma vez na vida ou em alguma vida, ocorre quando o sujeito consciente é capaz de pensar o esquema de si mesmo e o esquema de si mesmo é a interpretação do desígnio próprio. Nesse momento o sujeito se compenetra de todo o microcosmo E ESTE SE ILUMINA COMO CORRESPONDE A TODO SISTEMA: o microcosmo passa a ser o conteúdo de um pensamento, equivale a um "sistema vivenciado pelo pensar racional", ou seja, O MICROCOSMO ÍNTEGRO É UMA VIVÊNCIA DA ALMA. Resumindo, o sujeito percebe uma representação que é si mesmo: o microcosmo; e o microcosmo é então um ato puro de consciência, uma pura perfeição paradigmática, uma enteléquia do Arquétipo Manu, UM ENTE AUTÔNOMO. Por que "ente autônomo"? Resposta: porque o microcosmo atual é PURA CONSCIÊNCIA E "A CONSCIÊNCIA" É TEMPO; ou, em outras palavras: CONSCIÊNCIA E TEMPO SÃO PALAVRAS SINÔNIMAS. Quer dizer que a redução racional do microcosmo pelo sujeito consciente causa no ente a existência de um "tempo próprio", imanente, independente do tempo transcendente do macrocosmo.

Em conseqüência, a autonomia ôntica do microcosmo atual é uma AUTONOMIA TEMPORAL, conceito que já havíamos adiantado no artigo "C" do inciso anterior: "o corpo do pasu é um microcosmo potencial; será um microcosmo atual quando transformar-se num ente autônomo, ou seja, QUENDO TORNAR-SE INDEPENDENTE DE SUA SINCRONIA COM OS PROCESSOS DOS RESTANTES ENTES DO MACROCOSMO". Recordemos que POR PERMANECER no tempo transcendente, ou Consciência do Demiurgo, o microcosmo tem todos seus movimentos internos sincronizados com os movimentos externos do macrocosmo: "os relógios atômicos, biológicos e psicofisiológicos do pasu estão sincronizados com os relógios cósmicos que regulam os movimentos dos entes segundo padrões universais de razão". Por isso dizíamos em tal artigo, sintetizando: "o pasu vai se transformando em ente autônomo à medida que cumpre o objetivo microcósmico da finalidade": construir um esquema de si mesmo, ou esfera de consciência, de tal perfeição que, ao ser refletido pelo sujeito consciente, racionalize completamente ao microcosmo. A consciência, analogamente ao aspecto Poder do Demiurgo, há de poder aplicar-se, compenetrar-se, difundir-se, etc., no microcosmo e sincronizar seus movimentos internos com seus próprios relógios padrão, ou seja, poderá desincronizá-lo do macrocosmo evitando participar do tempo transcendente, há de subtraí-lo de sua PEMANÊNCIA nele.

Ainda que já tenha se esclarecido que a autonomia ôntica do microcosmo forma parte essencial de seu desígnio, ou seja, é efeito da Vontade do Demiurgo, todavia poderia perguntar-se: para quê? O seja, para que o Demiurgo propõe no desígnio microcósmico a possibilidade de sua autonomia? Resposta: esta pergunta carece de sentido porque a autonomia NÃO É UM FIM EM SI MESMO, senão uma conseqüência NECESSÁRIA e inevitável da finalidade entelequial. Em outras palavras, a autonomia temporal é EFEITO de uma CAUSA FINAL que se chama "consciência-tempo"; evidentemente, nos referimos à consciência da enteléquia, ou seja, consciência do microcosmo. Mas a resposta definitiva é, claro, hermética: a autonomia ôntica do microcosmo ocorre quando este reflete perfeitamente ao macrocosmo, quando suas estruturas são homólogas e estão analogamente vitalizadas. Isto que dizer que um microcosmo atual somente pode sê-lo se representa perfeitamente ao macrocosmo, ESTRUTURALMENTE E ANIMICAMENTE. Ou seja, SOMENTE SE A COMPLEIÇÃO DA ALMA DO PASU, AO ANIMAR O MICROCOSMO, É ANÁLOGA À COMPLEIÇÃO DO DEMIURGO AO ANIMAR O MACROCOSMO. Por isso, se o Demiurgo exibe um "aspecto" sucessivo, produto do Sopro, cuja fluência chamou Consciência-Tempo ou tempo transcendente do macrocosmo, o pasu há de manifestar um "aspecto" semelhante no microcosmo, SE É QUE ASPIRA A CONCRETIZAR SUA ENTELEQUIA e esse aspecto microcósmico não é outro que O SUJEITO CONSCIENTE NA ESFERA DE CONSCIÊNCIA. Vemos assim que o "tempo próprio do

microcosmo” e, em conseqüência a “autonomia ôntica”, É UMA CONDIÇÃO ESSENCIAL PARA A ATUALIZAÇÃO ARQUETÍPICA DO MICROCOSMO.

B - Descrição temporal do ente autônomo.

Temos visto que resulta inconcebível um microcosmo entelequial sem que a alma guarde uma perfeita correspondência formal com o Demiurgo. Assim, no macrocosmo, há de manifestar-se um aspecto consciência-tempo, análogo à Consciência-Tempo do macrocosmo: o microcosmo, para ser tal, deve alcançar uma autonomia temporal, deve tornar-se independente do tempo transcendente do macrocosmo. Mas como um ente, que até então permanecia no tempo transcendente, pode situar-se fora dele e evitar ser arrastado por sua fluência irresistível? Resposta: Para entendê-lo, há que se considerar o seguinte princípio: O TEMPO TRANSCENDENTE É ISÓTROPO PARA TODO ENTE QUE É PERMANENTE OU SUCESSIVO NELE; MAS É ANISÓTROPO PARA TODO OUTRO TEMPO IMANENTE, NO SENTIDO DE SUA SUCESSÃO. O primeiro quer dizer que todo ente, permanente ou sucessivo, existe com caráter fenomênico NO tempo transcendente e está determinado por ele: se é permanente, está determinado por sua duração e se é sucessivo por seu desenvolvimento processual. O segundo nos diz que o tempo transcendente, não obstante se isotrópico para todo ente, é capaz DE COEXISITR COM OUTRO TEMPO SEM SOBREPOR-SE COM O SENTIDO DE SEU TRANSCORRER; OU SEJA, O TEMPO TRANSCENDENTE É ANISÓTROPO NO SENTIDO SUCESSIVO DE TODO TEMPO COEXISTENTE.

Este princípio nos permite responder à pergunta anterior. Quando o microcosmo, que é um ente sucessivo no tempo transcendente, é abarcado pela consciência de sua alma, torna-se sucessivo na direção de um “tempo próprio”, ou seja, seu suceder ocorre num fluxo imanente da corrente de consciência: então, sobrevém necessariamente a autonomia ôntica porque o tempo transcendente é anisotrópico na direção do tempo imanente. Naturalmente, a anisotropia do tempo transcendente não implica um defeito da Consciência do Demiurgo, senão que constitui o modo como Ele permite a coexistência do microcosmo atual e a consumação de sua finalidade enteléquia: ao obter a autonomia ôntica, ao converter-se em microcosmo atual, o pasu PÕES O MÁXIMO SENTIDO NA OBRA DO DEMIURGO. A RELAÇÃO COEXISTENTE ENTR MICROCOSMO E MACROCOSMO DENOMINA-SE HARMONIA. A CONSCIÊNCIA DA HARMONIA, POR PARTE CO MICROCOSMO VIVENTE, CONSTITUI A MAIOR DESCOBERTA POSSÍVEL E TAMBÉM O MAIOR BEM; EQUIVALE A VIVENCIAR UM “ESQUEMA DE SI MESMO” DO DEMIURGO.

Evidentemente, o objetivo último da finalidade é impressionar com a magnitude colossal da obra e despertar a admiração do microcosmo por seu Criador.

Tampouco deve crer-se que com a anisotropia do tempo transcendente, ao permitir a coexistência autônoma do microcosmo atual, o Demiurgo assegura a eternidade de suas criaturas. O microcosmo atual, assim como outras compleições dévicas que aqui não estudaremos, É IMORTAL, MAS NÃO ETERNO: o pasu pode sobreviver à morte física, ou seja, à desintegração orgânica do microcosmo, transformando a este em ente autônomo; mas, ainda quando seu corpo físico seja imortal, jamais gozará da eternidade que o Demiurgo e os Espíritos possuem como caráter essencial. Por quê? Resposta: porque a condição da eternidade é a NÃO SUCESSÃO e o microcosmo atual fundamenta sua autonomia e sua imortalidade num "tempo próprio" que, enquanto tempo, é essencialmente sucessivo. Pelo contrário, a eternidade não implica sucessão se instantes senão um só instante sempre presente, que não obstante, abrange e ultrapassa ao tempo sucessivo. Ainda que pareça um paradoxo incrível, trata-se de uma tenebrosa verdade: ainda quando o pasu tenha conquistado a imortalidade do corpo físico, e se comporte como ente autônomo em relação ao tempo transcendente, SEU MICROCOSMO TERÁ FATAL DISSOLUÇÃO SIMULTANEAMENTE COM O PRALAYA MACROCÓSMICO. E, por trás da dissolução de todo ente sucessivo, durante a noite de parabrahman, somente o Uno existirá na eternidade. Os Espíritos Hiperbóreos também são eternos e logo veremos que importância reveste tal caráter para o aprisionamento à matéria.

O por que de um ente autônomo, ou seja, independente do tempo transcendente, há de finalizar sua existência no momento que conclui o tempo transcendente, não poderá ser compreendido sem uma adequada descrição de dito tempo do macrocosmo. Entretanto, uma descrição tal somente se fará no livro "Física Hiperbórea", o qual se editará em separado dos "Fundamentos". Aqui, pois, somente podemos mencionar algumas características, já que uma explicação rigorosa requer o emprego de QUANTUM ARQUETÍPICO DE ENERGIA definido na "Física". Por exemplo, convém destacar que o tempo transcendente não só apresenta a estranha qualidade, já assinalada, de ser isotrópico para os entes permanentes e sucessivos, e anisotrópicos para outros tempos sucessivos, senão que também é contínuo e descontínuo simultaneamente. Isso se deve a que o espaço real se compõe essencialmente de quantum arquetípicos, os quais possuem cada um, um "ponto indiscernível". Resulta assim, que em qualquer porção do espaço, por pequena que seja, existe uma região coordenável, propriamente espacial, que constitui o princípio da extensão contínua, e um "ponto indiscernível", não cotável, propriamente temporal, que é o mesmo ponto que poderia localizar-se em qualquer lugar do Universo: este ponto indiscernível constitui o princípio e o fim do tempo transcendente. Todo ente situado no espaço existe no tempo

transcendente porque sucede nele, mas não existe no ponto indiscernível que possui em seu seio porque tal ponto é comum a todos os entes existentes em qualquer região do espaço: o ponto indiscernível é denominado, também, O OLHO DE ABRAXAS. De certa maneira, todo ente sucessivo, por exemplo, É E NÃO É em cada momento de seu acontecer: mas seu ser é sucessivo e seu não ser é permanente. O fim de todo ente, do ente particular e do ente universal, está presente em cada instante do tempo transcendente. E desta finalidade não escapam nem seque os ente autônomos ou imortais como o microcosmo atual do pasu. Por isso se diz que a tão só percepção do aspecto sucessivo ou fenomênico dos entes constitui uma ILUSÃO, já que seu fim, o nada que alcançará ao concluir o tempo sucessivo, que é igual ao nada inicial, anterior ao tempo sucessivo, encontra-se sempre presente nos entes, exposto à visão aguda.

Segundo vemos, A ESSÊNCIA DA CONSCIÊNCIA É O TEMPO: o tempo transcendente manifesta a macro Consciência do Uno; o tempo imanente expressa a consciência do microcosmo. Se existe o tempo imanente, se o pasu desenvolveu um sujeito consciente na esfera de consciência, então o tempo transcendente será anisotrópico nessa direção e o microcosmo poderá converter-se em ente autônomo. O tempo imanente será, assim, um "tempo próprio" do microcosmo, o qual, necessariamente, terá caráter INTERNO, dado que fora do microcosmo transcorre o tempo transcendente.

O microcosmo atual subsiste em seu próprio tempo imanente, cujo fluir brota do sujeito consciente numa sucessão de instantes que se perde na interioridade do ente, numa direção não navegada pelo tempo transcendente. Devido a esta autonomia A PARTIR DO INTERIOR DO ENTE, que alcança o microcosmo atual com respeito ao tempo transcendente, TAMBÉM SE TORNA INDEPENDENTE DO ESPAÇO, adquirindo a liberdade de localizar-se em qualquer lugar sem ser condicionado pelo tempo transcendente. Em resumo, a enteléquia do pasu, o microcosmo atual, todo consciência, todo tempo imanente, é independente do tempo e do espaço do macrocosmo: tal é o grau de liberdade que implica a AUTONOMIA ÔNTICA. Cabe destacar que, num ente autônomo, o tempo imanente há de progredir indefinidamente na interioridade do microcosmo, na direção de seu transcorrer, sem que isso guarde relação com o tempo transcendente, exterior, do macrocosmo. Por isso, QUANDO O MICROCOSMO ATUAL AGE VOLUNTARIAMENTE SOBRE O MACROCOSMO, É O MOMENTO EM QUE O MACROCOSMO ADQUIRE MÁXIMO SENTIDO, cumprindo assim o objetivo de sua finalidade. Este é o caso, por exemplo, dos Mestres de Sabedoria da Hierarquia Branca, quem periodicamente podem atuar no mundo com seus corpos entelequiais no que denominam "missões para favorecer o desenvolvimento dos Planos cósmicos".

C – A dupla temporalidade do microcosmo potencia.

Já esclarecemos que a “autonomia ôntica”, que caracteriza a um microcosmo atual, é fundamentalmente uma autonomia “temporal”, produto de um elevado grau de consciência. Mas “nosso propósito é mostrar a estrutura psíquica do pasu no momento prévio ao aprisionamento espiritual”, segundo declaramos nos primeiros incisos. Em tal “momento” específico da História, o pasu não era “microcosmo atual”, mas POTENCIAL, ainda que sua evolução apontasse para tal enteléquia. E, como “microcosmo potencial”, não obstante sua manifesta falta de desenvolvimento, o pasu havia constituído uma incipiente esfera de consciência (figura 11b) animada pelo correspondente “sujeito consciente”.

Em termos temporais a diferença entre microcosmo atual e potencial é a seguinte: no microcosmo atual o sujeito consciente foi capaz de pensar-se a si mesmo, “vivenciou” o esquema de si mesmo e, por subsistir num “tempo próprio”, tornou-se ente autônomo; no microcosmo potencial o sujeito consciente está localizado sobre um esquema incompleto de si mesmo e, portanto, somente é imanente à esfera de consciência. Em outras palavras: o “tempo próprio”, que é essencial ao sujeito consciente, somente é imanente à esfera de consciência; fora dela o sujeito consciente é incapaz de abarcar outras estruturas do microcosmo. Mas, aquele que fique de fora da consciência do sujeito, ou seja, fora da direção do tempo próprio, será inevitavelmente objeto do tempo transcendente. Sua existência sucederá nele. Por isso no microcosmo potencial, tal como já foi explicado em outro artigo, “os relógios atômicos, biológicos e psicofisiológicos do pasu, estão sincronizados com os relógios cósmicos que regulam os movimentos dos entes segundo padrões universais de razão”; no microcosmo potencial, salvo a esfera de consciência, toda outra estrutura subsiste no tempo transcendente.

No microcosmo potencial, então, coexistem duas naturezas temporais: o tempo próprio, imanente, na esfera de consciência e o tempo transcendente nas restantes estruturas do microcosmo. Naturalmente, estes tempos coexistem sem interferir-se devido à anisotropia do tempo transcendente, que impede a este transcorrer na mesma direção do tempo imanente. O microcosmo potencial é assim um ente que sucede no tempo transcendente, mas em cuja entranha, numa profundidade insondável, coexiste o tempo imanente da consciência. A esfera de consciência, fonte do tempo imanente, é um núcleo de efetiva autonomia temporal, mas por constituir uma estrutura integrada à organização microcósmica, não poderá alcançar conjuntamente a efetiva autonomia espacial do ente: por ora é somente interioridade do ente, um abismo na intimidade do microcosmo, uma consciência de entes externos que não consegue conscientizar-se a si mesmo.

Deste microcosmo potencial, dotado de um núcleo de tempo imanente, mas que participa, em certas estruturas, do tempo transcendente, nos vamos ocupar exclusivamente na continuação.

Comecemos por destacar uma importante conseqüência: se só a esfera de consciência sucede no tempo imanente, então as restantes estruturas da psique subsistem no tempo transcendente. Especialmente devemos atender ao fato de que a estrutura cultural permanece, e cresce, no tempo transcendente. Mas a estrutura cultural vem a cumprir a função de “limite inferior” da esfera de consciência, posto que temos definido a esta como “um espaço análogo que se estende sobre o sistema vivenciado”. Na figura 22 o arco **xx** representa analogamente tal “limite inferior”, ou seja, o começo da consciência; recordemos que a esfera de consciência se compõe de “esfera de sombra” e “esfera de luz”. Sempre referindo-nos à figura 22, é cômodo imaginar ao tempo imanente como uma corrente de manancial cuja fonte encontra-se exatamente no arco **xx**: o tempo surge de **xx** e corre até **Ψ**, inundando a totalidade da esfera de consciência. Analogamente, sob esta alegoria, se deve ver a terminação essencialmente sucessiva do sujeito anímico evolutivo, ao que, justamente, denominamos "sujeito consciente".

O arco **xx** da figura 22 corresponde ao nível do símbolo **I** da figura 21, o qual se encontra sobre o plano de significação horizontal do conceito **xx**: a partir de xx "começa a esfera de consciência". Agora bem, o tempo imanente corre de **xx** a **Ψ1**, segundo dissemos: mas esta é a "direção que seguem as representações emergentes à esfera de luz, tais como **I'**. É evidente, pois, que toda emergência de um símbolo na esfera de consciência sucede no sentido do tempo imanente. As notas principais da energia psíquica, em que consiste todo símbolo emergente, são: movimento, intensidade e direção; ao movimento o temos chamado "emergência" e à direção "intenção". Contudo, por seguir o sentido do tempo imanente, de **xx** a **Ψ1**, à direção de todo símbolo emergente se a denomina INTENÇÃO TEMPORAL. Este conceito já havia sido adiantado no artigo ‘A’ do inciso anterior. Ali, em efeito, se disse: “Sabemos já quando se inicia a consciência, mas o que mais nos interessa é conhecer que modificações introduzem sua presença no pensar racional, ou seja. Que dimensão ou característica do pensar nos demonstra inequivocamente que se trata de uma ‘consciência’ e não de nenhum ato psíquico? Resposta: a intenção temporal do pensamento”. E, mais adiante: “O pensamento de uma Relação pode adquirir, pela referência a si mesmo de sua dimensão POTÊNCIA, caso (c) uma ‘intenção temporal’ determinada; e isso o converte em “consciente”. Estes comentários e outros do gênero, que se fizeram nos artigos anteriores hão de ficar agora completamente esclarecidos ao conhecer-se a natureza do tempo imanente.

Consideremos novamente a “expressão energética do pensamento do pasu”: **W. Tt = Ep**; isto é: a POTÊNCIA ativa do conceito **xx (W)** pelo tempo transcendente ou "duração da vivência sistemática" **(Tt)** é equivalente à energia psíquica **(Ep)** do símbolo **I**.

Sabemos que a Relação **xx** subsiste no tempo transcendente e que, ao ser vivenciado pelo sujeito cultural, o substrato de sua POTÊNCIA ativa causa a energia do símbolo **I** que imita ao conceito **xx**; se a POTÊNCIA ativa está referida a si mesmo então o símbolo **I** emergirá dirigido até **Ψ1**, ou seja, sua energia terá o caráter de "primeira intenção": agora sabemos, também, que a primeira intenção aponta na direção do tempo imanente. De acordo à definição dada, é evidente que o pensamento de todo símbolo emergente, sua apreensão pelo sujeito, há de constituir uma "consciência de", já que isso não pode ocorrer mais que na esfera de consciência, tal como se havia adiantado.

Uma interpretação temporal da "expressão energética" nos vai permitir responder a uma difícil pergunta. Em efeito, se a consciência transcorre num tempo próprio, ao qual não interfere no tempo transcendente devido a sua anisotropia essencial, como é que o sujeito consciente toma consciência da temporalidade dos entes externos? A resposta terá de se buscar na "expressão energética", na determinação intencional que a POTÊNCIA ativa introduz a energia de todo símbolo emergente que procede da estrutura cultural: enquanto a POTÊNCIA ativa **(W)**, que se encontra no primeiro membro da expressão, TEM A DIREÇÃO DO TEMPO TRANSCENDENTE **(Tt)**, pela qual está multiplicado, pelo contrário a energia equivalente **(Ep)** demonstra uma DIREÇÃO TRANSVERSAL à de **(Tt)**;tal "direção transversal" é a que indicam a primeira intenção, casos (a), (b) ou (c). Se considerarmos, somente a título de analogia, aos termos da expressão energética como magnitudes vetoriais, diríamos que o vetor energia **(Ep)** "ROMPEU" da direção do tempo transcendente à do tempo imanente.

Resulta assim que, ainda que os tempos transcendente e imanente coexistam sem interferirem-se, existem certos ENTES EXTERNOS, ou "SÍMBOLOS PSÍQUICOS" capazes de PERMANECER na direção do tempo transcendente ou mudar de rota temporalmente e SUCEDER à direção do tempo imanente: os símbolos que permanecem no tempo transcendente são, logo, os Princípios e Relações, ou seja, os sistemas da estrutura cultural; os símbolos que sucedem no tempo imanente, POR CAUSA DA POTÊNCIA ATIVA DAS RELAÇÕES, são as representações de conceitos, tais como **I'** (figura 21), que emergem com primeira intenção até o umbral de consciência **Ψ**. A expressão energética descreve a relação de causa e efeito que vincula ao símbolo homólogo **I'** e ao conceito **xx**. Uma primeira aproximação da resposta buscada é, então, que todo símbolo emergente, cuja substância é a energia psíquica **(Ep)**, contém um dado que revela o sujeito consciente a existência do tempo transcendente. É fundamental destacar a seguinte propriedade: tal dado permanece invariante durante a rotação temporal da energia **(Ep)** e se mantém na sucessão imanente da emergência.

Há que se esclarecer que "o tempo transcendente" revelado ao sujeito consciente por tal dado do símbolo emergente corresponde sempre a uma

DURAÇÃO ORIGINÁRIA do ente externo; duração que tem sido interpretada pela razão como propriedade sêmica do esquema. Isto quer dizer que, quando o esquema é vivenciado pelo sujeito cultural, e sua POTÊNCIA produz uma interpretação consciente, a duração originária há de se transferir invariavelmente ao símbolo emergente como um dado pronto a ser notado pelo sujeito consciente.

Em conseqüência, a consciência da duração originária do ente externo procede de um dado: do símbolo emergente, ou seja, de uma propriedade objetiva a posteriori; e não de uma intuição a priori do tempo como pretende Kant.

O microcosmo potencial participa do tempo transcendente dl macrocosmos e possui um tempo próprio, imanente à esfera de consciência; ambos os tempos coexistem sem interferir entre si E SÃO REAIS. Ambos podem se conhecidos como sucessão pura. Sem referência a ente algum, pelo sujeito consciente: o tempo imanente por AUTOSCOPIA de sua própria essência, e o tempo transcendente, tal como se demonstrará mais adiante, por intuição da extensão irrelevante da significação contínua. Mas o fato de que efetivamente possa ocorrer a intuição pura do tempo não implica que este deva constituir o fundamento a priori da temporalidade dos entes; pelo contrário, a consciência da duração de um ente no tempo transcendente procede de uma propriedade objetiva de sua representação, propriedade que reflete aquela duração originária, ou seja, num dado a posteriori.

Como primeira aproximação obtivemos que o sujeito consciente conhece o tempo transcendente indiretamente, por um dado próprio da representação consciente. Para completar a resposta devemos indagar, pois, sobre a natureza de tal dado.

O dado temporal o sujeito consciente o recolhe do símbolo emergente, mas o que é um símbolo emergente? Resposta: uma estrutura cuja substância consiste em energia psíquica **(Ep)**. Mas toda estrutura determina uma forma: o símbolo emergente é, também, uma forma substancialmente energética. Isto se comprova analogamente na figura 19, onde o símbolo **I**, homólogo ao conceito **xx**, é representado arbitrariamente como uma forma triangular. Considerando esta definição podemos afirmar que o dado buscado, por cujo intermédio o sujeito consciente conhece o tempo transcendente, é a EXTENSÃO FORMAL de todo símbolo emergente. Com o fim de esclarecer a questão, vamos nos remitir ao estudo análogo do artigo “F” do inciso anterior.

Antes de tudo, recordemos que "o tempo transcendente aumenta no sentido da dimensão exterior (ver figura 18)”. A “extensão” do conceito **xx**, em efeito, constitui uma medida do tempo transcendente que, além do mais,

CONSERVA-SE INVARIANTE no símbolo homólogo **I'**, ainda quando sua energia **(Ep)** tenha girado temporariamente: A INVARIABILIDADE DA DIMENSÃO EXTENSÃO É O DADO QUE REVELA AO SUJEITO CONSCIENTE UMA "DURAÇÃO" ORIGINÁRIA NO TEMPO TRANSCENDENTE. Isto já o havíamos adiantado no comentário terceiro do citado artigo: "Considerando agora o símbolo **I**, manifestado pela potência do Conceito **xx**. Ambos os elementos são semicamente homólogos ainda que difiram em suas dimensões. Se tivermos em conta que o símbolo **I**, da figura 19, é efeito do conceito **xx** temos de concluir que TANTO A EXTENSÃO COMO A COMPREENSÃO DO CONCEITO ESTÃO IGUALMENTE NO SÍMBOLO **I**: a extensão do conceito, em efeito, é denotada no símbolo **I** PELA DURAÇÃO durante a qual se manifesta no pensamento; a compreensão do conceito é função da espessura da fatia e igual ao volume desta: podemos convir em que a espessura do símbolo, e seu volume, são iguais aos do conceito-fatia. "A EXTENSÃO DO CONCEITO É IGUAL À EXTENSÃO DO SÍMBOLO E A COMPREENSÃO DO CONCEITO É IGUAL À COMPREENSÃO DO SÍMBOLO".

A extensão do símbolo revela ao sujeito consciente, segundo temos visto, a duração original do ente externo, ou seja, revela somente aquela quantidade de tempo transcendente que corresponde à percepção sensível do ente externo ou à rememoração de seu esquema. Então, cabe perguntar: como poderia perceber o sujeito consciente a sucessão pura do tempo transcendente, desligada de toda sua referência ôntica? Em outras palavras: pode experimentar-se a consciência de uma intuição pura do tempo transcendente, apesar de sua anisotropia? Resposta: O sujeito consciente, na ausência de toda representação, pode intuir a sucessão do tempo transcendente devido a seu paralelismo com a significação contínua que fundamenta o pensar racional. Na figura 21 adverte-se que o Plano de significação**(STt)** da linguagem habitual é horizontal e paralela ao umbral de consciência **Ψ** até onde o sujeito consciente tem centrada sua atenção; mas, além do mais, o plano de significação **(STt)** é extenso em direção (ou **Tt**), ou seja, no sentido do tempo transcendente tudo isto nos indica que, ainda que no contexto da linguagem habitual não seja notado nenhum conceito ("conceito vazio"), a percepção da significação continua como pura extensão sistemática, sua duração sem relevo, equivale à intuição consciente do tempo transcendente.

D - Estudo análogo do tempo imanente.

No inciso anterior, ao descrever o "espaço análogo" da esfera de consciência, distinguimos três quadrantes análogos: o **(yx)** ou "plano de significação e contexto"; o **(zy)**; e o **(zx)** "que aparece frontal na figura 20 e ao que denominamos PLANO TEMPORAL". Na figura 21 o plano temporal **(Ψ Tt)** nos permite apreciar o perfil extenso do símbolo **I** e sua projeção até o nível de estabilização **(Ψ1)**, como **I'**. Contudo, para observar com detalhe as

relações temporais análogas, convém considerar a figura 24, na que se ha desenhado o plano temporal **(Ψ Tt)** por separado.

Vamos destacar os detalhes mais salientes de dita figura antes de interpretar o fenômeno que representa. Observemos, em primeiro lugar, o sistema **xx** que está alinhado por sua extensão com o eixo do tempo transcendente: no interior do perfil cilíndrico se vê em linhas pontilhadas a espessura do conceito **xx**, ou seja, de uma FATIA da Relação **xx** notada num plano de significação perpendicular ao desenho. Recordemos que a dimensão "compreensão" do conceito **xx** é equivalente ao volume da fatia; ou seja: "a compreensão é função da espessura.

Sobre o sistema **xx**, por outra parte, vemos em cor vermelha o perfil extenso do símbolo **I**. O mesmo é uma REPRESENTAÇÃO RACIONAL do conceito **xx**, produzido por sua POTÊNCIA ativa de acordo com a expressão **W. Tt = Ep**; isto significa que a energia **(Ep)**, em que consiste substancialmente o símbolo **I**, ha girado temporalmente. Naturalmente, a rotação da energia **(Ep)** se deve à referência de si mesmo, tal como foi estudado nos casos (a), (b) y (c); mas essa é outra questão. La energia **(Ep)** dirige, assim, ao símbolo **I** em direção do umbral de consciência **Ψ**, vale dizer, no sentido do tempo imanente. Por isso o eixo**(o Ψ)**, que na figura 21 somente correspondia aos distintos níveis da energia psíquica da esfera de consciência, agora representa também a variação do tempo imanente (Fig. 24).

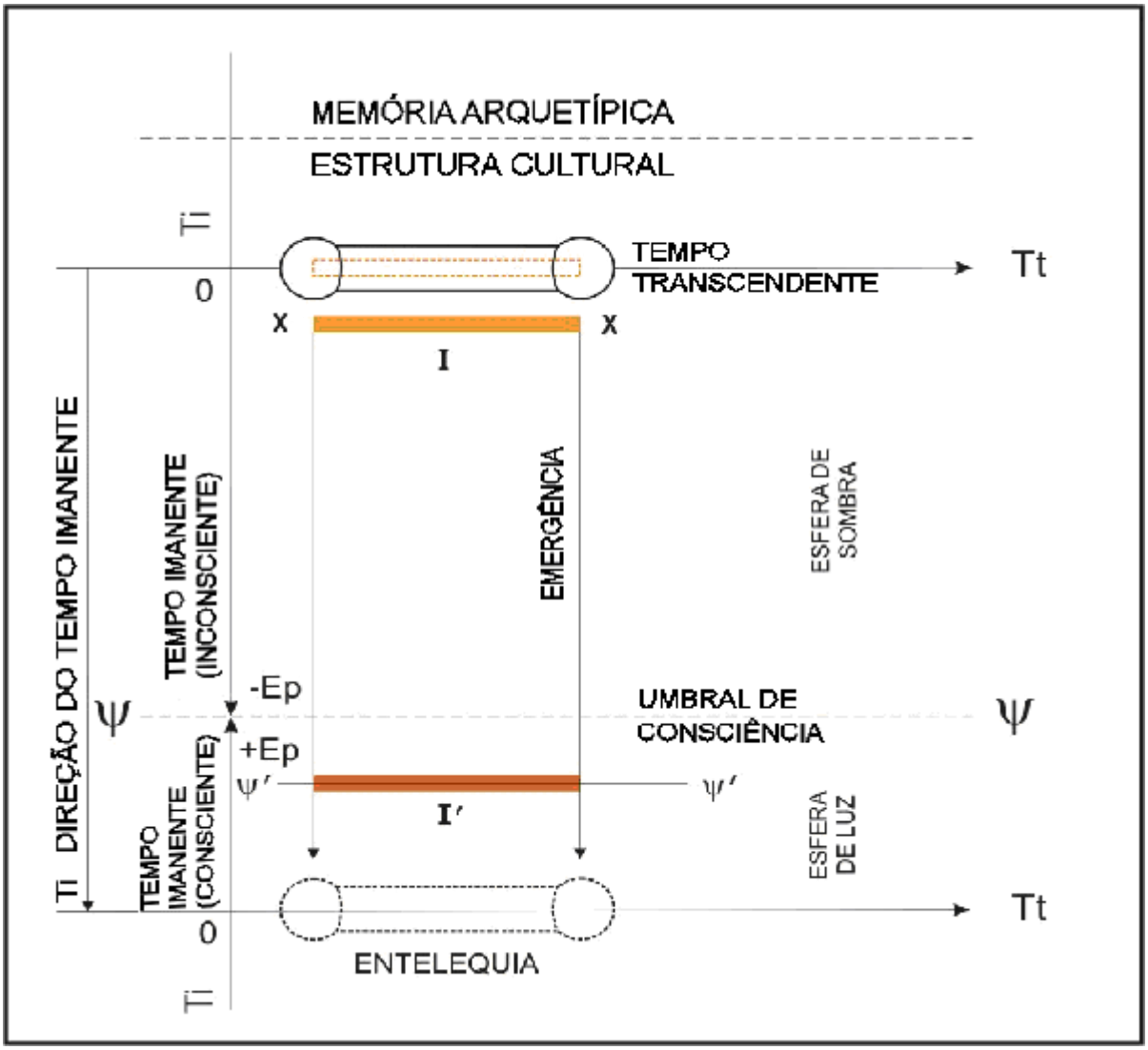


FIGURA 24

O tempo imanente "brota como corrente de manancial de nível **xx**", ou seja, se inicia no eixo análogo **(ox)**. A emergência de **I**, pois, que se dirige até **Ψ**guiada pela primeira intenção, sucede no tempo imanente, se desliza pela corrente do TEMPO TRANSVERSAL até manifestar com clareza na esfera de luz. Que o tempo imanente é um tempo transversal, próprio do microcosmo, se comprova na figura 24, observando a perpendicularidade que guarda seu transcorrer com relação ao tempo transcendente **(Tt)**.

Do ponto de vista análogo, a forma total do símbolo **I'**, tal como se vê na figura 21, denota outras qualidades tais como a imagem ou o significado proposicional, qualidades todas muito importantes, mas que não nos interessa considerar na análise temporal. Em troca, as dimensões extensão e compreensão, do símbolo **I'**, revestem considerável valor pela significação temporal que podem revelar ao sujeito consciente. Estas dimensões são, justamente, as que mostram o perfil de **I'**, graficado no plano temporal da figura 24: a "extensão do símbolo I' corresponde à longitude do perfil, e à

“compreensão”, “que é função do espessor”, é notada pelo espessor geométrico do perfil. Por motivos que logo ficarão claros, é conveniente supor que o símbolo **I’** é homólogo ao seu conceito **xx** de grande compreensão, caso que podemos representar por meio de um perfil de grande espessor. Esta nova situação se mostra na figura 25.

Vamos interpretar temporalmente, o fenômeno da representação consciente **I’**. Para isso comecemos por recordar que o sujeito consciente integra a esfera de luz e mantém sua atenção dirigida ao umbral de consciência **Ψ**: ESTA É A ATITUDE “NORMAL” DO PAU, segundo o grau evolutivo com que o vimos estudando. Em tal hipótese, ao símbolo **I’** emerge frente ao sujeito consciente dirigido a si mesmo pela primeira intenção. No nível $\mathbf{\Psi^1}$, se estabiliza energeticamente e tenta deslocar seu processo; se o sujeito é volitivamente eficaz, sua atenção DETERÁ o símbolo no nível $\mathbf{\Psi^1}$, caso que examinamos aqui. Mas o que significa DETER ao símbolo I’ no nível de $\mathbf{\Psi^1}$, do ponto de vista temporal? Resposta: Que o sujeito consciente RETÉM ao símbolo como objeto de sua atenção. Se assim não ocorresse, se o sujeito consciente não o retivesse frente a si, o símbolo desapareceria da visão eidética para integrar-se ao esquema de si mesmo, em algum lugar da esfera de consciência.

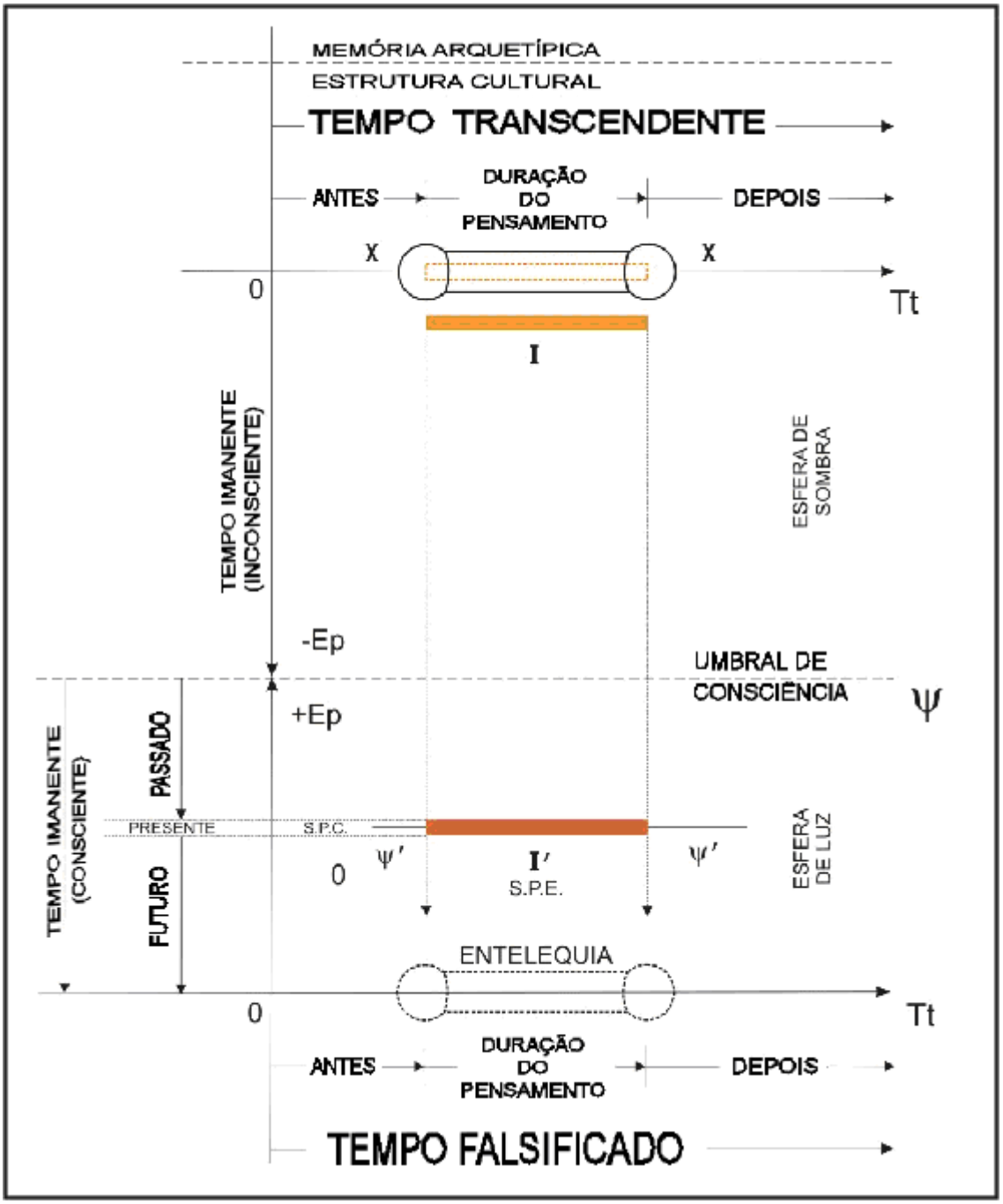


FIGURA 25

Isto se fará claro se recordarmos que no artigo “E” do inciso anterior comparamos ao sujeito anímico evolutivo com um facho de luz, o qual, ao atravessar sucessivos filtros, conformava os sujeitos próprios das estruturas psíquicas do microcosmo; o sujeito racional, o sujeito cultural e o sujeito consciente. Bem que se veja esta alegoria, ressalta imediatamente que ao comparar o sujeito anímico com um facho de luz estamos outorgando a este um nítido caráter fluente e sucessivo. Agora sabemos que “o tempo imanente é a essência da consciência” e que transcorre “em direção transversal” à do tempo transcendente; perguntamos-nos: concordam essas características com

aquela alegoria ótica? Resposta: Sim. E isso se demonstra mediante a seguinte interpretação. Ao atribuir fluência ao sujeito anímico evolutivo, ao supô-lo "semelhante a um facho de luz", CONSIDERAMOS TATICAMENTE QUE OS TRÊS SUJEITOS QUE CONFORMA HIERARQUICAMENTE SÃO SUCESSIVOS, OU SEJA, TEMPORAIS. Entretanto, os dois primeiros sujeitos, racional e cultural, por animar estruturas funcionalmente sincronizadas no tempo transcendente do macrocosmo, participam da ordem macrocósmica ao desenvolver-se em uma sucessão de atos dirigidos no sentido do tempo transcendente; isto é o fluir dos sujeitos racional e cultural, luminosos se preferirem, acontece paralelamente com o transcorrer do tempo transcendente SEM QUE POSSA ESTABELECER-SE UMA DIFERENÇA DE DIREÇÃO ENTRE AMBOS. Quer dizer, ainda quando aceitamos que A ESSÊNCIA DO SUJEITO ANÍMICO EVOLUTIVO "COMPLETO" É TEMPORAL, não havia maneira de estabelecer diferença alguma entre a temporalidade imanente dos sujeitos racional e cultural, e a sucessão do tempo transcendente. E a tal diferença a denominamos, com razão, INCONSCIENTE; "inconsciente" é o modo em que ocorre a ação dos sujeitos racional e cultural. Por isso se afirma somente que "a essência da consciência é o tempo", aludindo ao suceder transversal do sujeito consciente, ainda que, tal como se desprende da alegoria do facho de luz, o sujeito anímico completo seja essencialmente temporal.

O segundo filtro que intercepta o facho de luz, amarelo, era análogo à estrutura cultural: a luz que os atravessava formava um pequeno facho de cor verde, equivalente ao sujeito consciente. Pois bem, se imaginarmos que tal facho resultante SE DESVIA DE SUA DIREÇÃO ORIGINAL, IMEDIATAMENTE DEPOIS DE ATRAVESSAR O FILTRO AMARELO, JÁ TERÁ A IMAGEM ALEGÓRICA DE UM SUJEITO CONSCIENTE, CONSTITUIDO ESSENCILAMENTE POR UMA SUBSTÂNCIA QUE FLUI EM DIREÇÃO TRANSCERSAL À DO FACHO ORIGINAL. Esta imagem, que corresponde analogamente com o conceito de tempo imanente transversal exposta anteriormente, pode observar-se na figura 26, no facho "G" análogo ao sujeito consciente.

Apesar de a alegoria ser por demais evidente, cabe destacar que as relações análogas entre o caráter temporal da consciência e a natureza luminescente do facho "G" chegam tão longe que até coincidem na estranha propriedade de ser "contínuo e descontínuo". O porquê o tempo transcendente, e todo tempo, é contínuo e descontínuo simultaneamente, se explica no livro Física Hiperbórea, mas convém advertir aqui, em efeito, a luz pode comportar-se na forma "contínua" como ONDA e em forma "descontínua" como CORPÚSCULO OU QUANTO.

Ao estudar a figura 26, há que se ter em conta que o desvio do facho luminoso "G", com relação à direção que levavam os cones "E" e "F",

REPRESENTA analogamente a direção própria do tempo imanente, a qual é transversal à do tempo transcendente. Mas o facho "G", semelhante ao sujeito consciente, se reflete no espaço curvo "D", SEMELHANTE À SUPERFÍCIE EXTERIOR DA ESFERA DE LUZ. Que significado há de se extrair deste fato? Resposta: Antes de tudo, que o sujeito consciente, cuja essência é absolutamente sucessiva, OBSERVA POR REFLEXO A ESTRUTURA CULTURAL ("C"); ou seja, o sujeito consciente "mira a estrutura cultural", fato que já conhecíamos do inciso anterior. Todavia, a alegoria nos diz mais ainda. Se o sujeito consciente não se refletisse, em certo momento de seu acontecer, NÃO HAVERIA POSSIBILIDADE DE CONTEÚDO CONSCIENTE ALGUM: o sujeito SE ALIENARIA TEMPORALMENTE de todo símbolo emergente, de toda representação, de toda imagem, EM DIRAÇÃO OPOSTA A SUA APARIÇÃO; seria como se o sujeito consciente, entregue estaticamente a seu fluir, DESSE AS COSTAS AOS SÍMBOLOS REFERENTES AO MUNDO, e estes lutassem inutilmente por alcançá-lo.

Devemos sacar desta alegoria duas conclusões. A primeira é que, ainda quando a essência da consciência seja o fluir temporal, o sujeito consciente há de opor-se a sua própria fluência para "olhar para trás" e recolher os símbolos emergentes. A segunda é que esta reflexão intencional, que procura apreender conteúdos sêmicos, só tem sentido se tais conteúdos existem, ou seja, que "a consciência" somente pode ser "consciência de algo": sem conteúdo, o sujeito se desenvolve em uma absoluta fluência temporal que o leva ao futuro; mas esse trânsito ao todo e ao nada final somente pode efetuar-se num êxtase hiperconsciente que é, por isso mesmo, inconsciente do mundo. Mas quando existe o símbolo emergente, a representação do ente produzida pelo sujeito cultural, então o sujeito consciente se coloca "de costas" ao sentido de seu fluir temporal para "tomar consciência" do mesmo. E só assim há verdadeira "consciência", pois se trata da "consciência de" um conteúdo sêmico. Naturalmente, quando o sujeito consciente se encontra motivado para requerer material simbólico do esquema de si mesmo ou "memória representativa" com o fim de forjar-se uma fantasia, ocorre o mesmo processo: o sujeito "olha" para o umbral de consciência, ou seja, se enfrenta ao símbolo emergente "dando as costas" a seu próprio acontecer temporal.

É importante advertir que nesta reflexão que o sujeito consciente efetua sobre seu próprio sentido, para enfrentar-se aos símbolos emergentes, manifesta uma preeminência do futuro que condiciona inevitavelmente todo ato consciente. O sujeito consciente, em efeito, ao RETER o símbolo frente a si, na realidade espera um instante e por isso apreende A PARTIR DO FUTURO: ainda que esse instante seja infinitesimal, não é possível desconhecer que o sujeito consciente, situado em seu próprio instante de apreensão, constitui o futuro do símbolo, um futuro que ao converter-se em presente se denomina "consciência do símbolo".

Durante a retenção o símbolo se encontra no presente do sujeito consciente e por isso denomina-se “consciência presente” a sua apreensão. Mas, se bem o sujeito consciente se confronta com o símbolo “dano as costas” a sua própria fluência temporal, tal fluência não deixa por isso de existir e de impelir ao símbolo ao passado: o símbolo emergente sucede no tempo imanente e sua corrente trata de arrancá-lo da presença do sujeito consciente. Na retenção ocorre, pois, uma luta dialética entre a atenção do sujeito consciente, posta em reter presente ao símbolo, operando “a partir do futuro”, e a corrente do tempo imanente que o arrasta ao passado. Que o presente é uma neutralidade subjetiva produto de um confronto dialético é algo que se prova no fato de que, ao tirar a atenção, ou seja, a oposição posta no símbolo, esta se perde imediatamente no passado. E tal confronto somente é possível porque o sujeito consciente, para reter ao símbolo, teve de refletir sobre seu próprio transcorrer situando-se “de costas”, como o mostra analogamente na figura 26 o reflexo de “G” no espelho “D”: o sujeito consciente, voltado ao revés do tempo imanente, não pode menos que opor-se a um símbolo que avança na direção de sua atenção. Assim, a retenção é o produto sintético de um ato de oposição que ABRE, subjetivamente, uma brecha na série de instantes do tempo imanente. A consciência PRESENTE do símbolo.

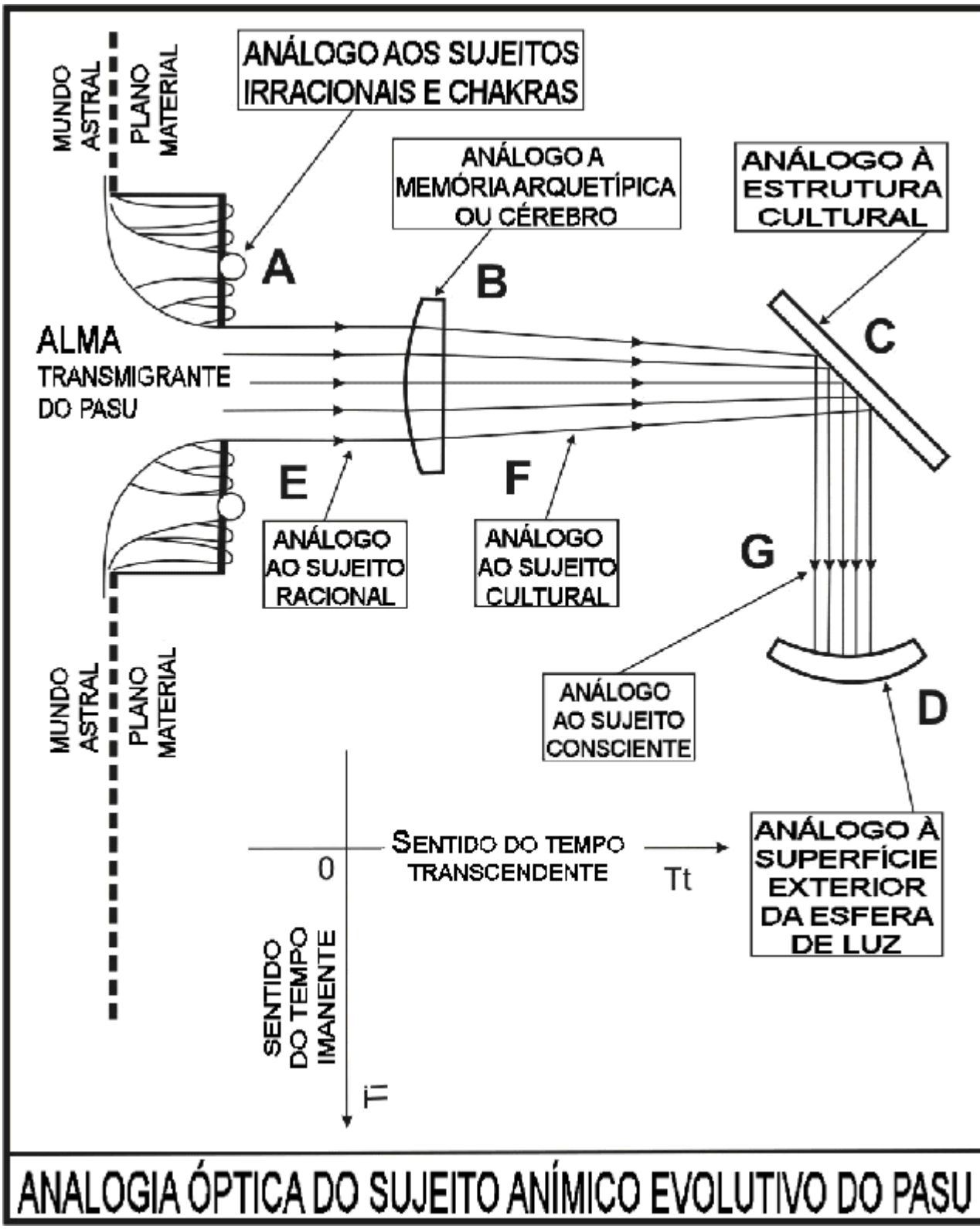


FIGURA 26

O caráter dialético da retenção pode também inferir-se da figura 24, observando que a direção do tempo imanente vai desde o eixo **xx** até a esfera de luz, ou seja, em direção inversa ao "olhar" do sujeito consciente, que centraliza sua atenção no umbral de consciência **Ψ**. É evidente ali que o

símbolo **I’** se enfrenta ao sujeito consciente. Mas o sentido da flecha **Ti** indica o futuro do sujeito consciente, futuro ao que este “volta às costas” para apreender a **I’**. E, pelo contrário, a direção de **Ti** indica o passado de **I’**, a região a que irá o símbolo quando o sujeito tire sua atenção e este desapareça do presente. Fica claro, então, que a retenção de **I’** no “presente” é produto da oposição que o sujeito consciente efetua à partir do futuro imanente para detê-lo; por sua parte, sucede no tempo imanente e esse transcorrer o impele ao futuro imanente que fica assim, por sua oposição, o passado sujeito do sujeito consciente.

Em resumo, ao “Olhar” para o umbral de consciência, em direção oposta a sua fluência essencial, o sujeito consciente considera ao passado imanente como se fosse uma espécie de futuro, toda vez que "espera" perceber sucesso procedente dessa direção. Mas nessa direção, que é uma espécie de futuro subjetivo, somente está o mundo intermediário da estrutura cultural e, mais além, o mundo exterior, o macrocosmo e o tempo transcendente. Daí que ao perceber os símbolos emergentes, o sujeito consciente comete o erro gnosiológico de tomar o dado da duração originária do ente no tempo transcendente, ou seja, a extensão, por uma apreensão efetiva do tempo. Em conseqüência, ainda que a anisotropia do tempo transcendente permita a fluência do tempo imanente da consciência, ocorre o absurdo fato de que o sujeito consciente se identifica com o tempo transcendente a partir da dimensão extensão do símbolo emergente. Mas isto explicaremos passo a passo valendo-nos da figura 25.

Para começar, observemos que todo sujeito consciente dispõe da curiosa possibilidade de VIVENCIAR O PRESENTE A PARTIR DE DEUA PERSPECTIVAS DIFERENTES. Segundo se explicará em seguida, trata-se de duas atitudes que o consciente pode adotar frente A UM MESMO símbolo emergente durante sua retenção.

É possível, em efeito, que o sujeito perceba o símbolo **I’**, como objeto no tempo, A PARTIR DA PERSPECTIVA DE SUA EXTENSÃO OU DESDE A PERSPECTIVA DE SUA COMPREENSÃO. No primeiro caso a extensão do símbolo **I’** refletirá a duração original do ente no tempo transcendente: a consciência presente de I’ será então EXTENSIVA e por isso na figura 25 temos assinalado com as iniciais **S.P.E**. o lugar geométrico análogo do **S**-ujeito no **P**-resente **E**-xtensivo. No segundo caso a compreensão do símbolo **I'** permitirá a apreensão de tempo imanente, tempo no que verdadeiramente sucede a emergência de **I'**: a consciência presente de **I'** é, então, COMPRENSIVA e por isso temos assinalado com iniciais **S.P.C**. o lugar geométrico análogo do **S**-ujeto no **P**-resente**C**-omprensivo. Vamos explicar ambos os casos para expor a consciência do tempo transcendente e a consciência do tempo imanente, e mostrar que só a última constitui um

conhecimento certo sobre a natureza do tempo, sobre o caráter dialético do presente subjetivo.

E - O sujeito consciente no presente extensivo S.P.E.

Ainda quando o pasu tenha desenvolvido o sujeito consciente, existe uma fase primitiva da evolução na qual os conteúdos conscientes se referem exclusivamente a entes externos: em tal caso diz-se que "a consciência do pasu está orientada ao mundo". Naturalmente, o sujeito consciente não pode realmente exteriorizar-se no mundo, assomar-se diretamente ao macrocosmo, devido à anisotropia do tempo transcendente que lhe impede suceder nele. Para uma essência cronicamente transversal, o acesso ao mundo exterior somente é possível indiretamente por meio de representações dos entes externos. Essa é, justamente, a função que cumpre O MUNDO INTERMEDIÁRIO DA ESTRUTURA CULTURAL, que se encontra entre a esfera de consciência e a esfera sensorial. Por seu intermédio somente poderão converter-se em objetos conscientes aquele entes que previamente tenham sido relacionados e esquematizados. Mas, não obstante essa intermediação racional que mantém ao sujeito consciente perpetuamente isolado da presença factica dos entes, que os conforma culturalmente e que propõe o significado como "verdade do ente" nos termos de uma linguagem, ou seja, não obstante receber somente um aspecto do desígnio do ente, o sujeito consciente do pasu concentra sua atenção exclusivamente no mundo exterior. Em poucas palavras, a conduta constitui a motivação principal de seus atos conscientes. A esta fase primitiva da evolução corresponde PERMANENTEMENTE um "sujeito consciente em presente extensivo" **(S.P.E)**. Qualquer pasu, por suposto, não importa qual seja seus grau evolutivo, se possui sujeito consciente estará em condições de experimentar ALTERNATIVAMENTE o presente extensivo; entretanto, aqui colocamos as condições de que isso ocorra "permanentemente" porque nos ocupamos do caso típico do pasu prévio ao aprisionamento espiritual.

Um pasu com **S.P.E**. conhece até certo ponto a verdade dos entes e pode conhecer-se racionalmente no mundo, em concordância com o objetivo de sua finalidade. Porém, enquanto ao tempo transcendente do macrocosmo, o **S,P,E**, comete um grave erro gnosiológico. Vejamos: A extensão de **I** ocorre, segundo se vê na figura 18 e seguintes, PARALELAMENTE com o transcorrer do tempo transcendente. É aqui que a extensão guarda uma razão, uma RATIO. Ou seja, uma proporção com o tempo transcendente. Tal razão denomina-se DURAÇÃO e corresponde à duração originaria do ente esquematizado; recordemos que **I** pode representar ao esquema de qualquer ente e não somente a uma forma triangular. A extensão do símbolo I, segundo explicamos, somente REFLETE mediante um RATIO aquela duração

original, a saber, é um dado indireto da temporalidade do ente, Pois bem, o erro do **S.P.E**. consiste em CONFUNDIR a consciência da extensão com a apreensão real e afetiva da duração transcendente. Na figura 25 se vê que o símbolo **I'** encontra-se frente ao **S.P.E**., no aspecto análogo da esfera de consciência, ou seja, onde somente existe o tempo imanente: a percepção da extensão somente pode dar uma representação da duração originária, mas jamais um acesso direto ao tempo transcendente.

Quais conseqüências provocam esta confusão do **S.P.E**.? Resposta: Que o sujeito consciente crerá perceber diretamente o tempo transcendente quando na realidade só conta com dados extensivos dos entes; esta crença conduzirá à suposição absurda de que o tempo transcendente é essencialmente análogo à extensão, a saber, que é contínuo, linear, etc.: por isso se lhe decomporá em instantes ANÁLOGOS aos pontos do espaço extensivo, ou se identificará estes instantes com ditos pontos. O tempo transcendente seria, assim, uma sucessão de instantes, todos iguais entre si, que se correspondem biunivocamente com os pontos do espaço: a "duração" de um ente espacial consistiria em uma espécie de "extensão temporal" que surge da aplicação do espaço pontual do ente sobre o tempo instantâneo DURANTE um lapso determinado de sua existência. Logo, nada disto é certo, pois, como se demonstra no livro Física Hiperbórea, o tempo transcendente é algo muito distinto de uma sucessão linear de instantes.

A extensão da representação **I'** somente pode aportar ao sujeito consciente um dado indireto sobre a duração original do ente representado: ao confundir este dado indireto com uma "consciência do tempo", comete-se um grave erro gnosiológico. Mas o erro é maior ainda quando a tal "consciência (falsa) do tempo" se lhe atribui uma vinculação direta com a presença da representação: então se crê perceber, na extensão, a duração DO PRESENTE. Mas este "presente" subjetivo é uma ilusão e o tempo do que parece surgir, e ao que remete um tempo falsificado, inventado pelo **S.P.E.**

Observemos a figura 25. O símbolo **I'** emerge frente ao **S.P.E**. e este o percebe em extensão. Toma assim "consciência" da duração e crê perceber o presente. Mas o presente real é um espaço dialético, segundo vimos, produzido sobre o tempo imanente. O presente subjetivo da extensão não é dialético senão emergente: começa e termina junto com a representação, pois depende de sua extensão; por isso o presente subjetivo tem uma duração real variável: é tão curto ou tão longo como a impressão que afeta a consciência. A ilusão do **S.P.E**. consiste em crer que o presente é uma claridade, uma "consciência", experimentada sobre a implacável e obscura sucessão do tempo: "antes" da duração (extensão) da representação está a obscuridade; "depois" da duração também. O antes e o depois da emergência de **I**' são "momentos" irreais, criados pelo **S.P.E**. para outorgar continuidade ao tempo falsificado. A representação fica, assim, ligada subjetivamente em ambos

extremos de sua extensão com dois momentos irreais: uma espécie de "passado" antes da emergência; e uma espécie de "futuro" depois da mesma. Por suposto, que a intuição deste tempo falso é sumamente obscura e que a única clareza em qualquer ponto da série de instantes somente é o presente subjetivo da representação emergente.

Evidentemente, o tempo extensivo é a reconstrução que o **S.P.E**. efetua do tempo transcendente, figurando-se como seria seu transcorrer no caso de que a anisotropia não lhe impedisse transcender a esfera de consciência. Contudo, o único dado indireto que reflete de algum modo no tempo transcendente, o constitui a extensão, medida da duração originária: todos os demais, o antes e o depois, são suposto, agregados pelo **S.P.E**. o "tempo", no qual se crê transcorrer **I**', e sobre ele que se adverte com clareza o presente de sua presença extensa, é na verdade um tempo inexistente, falsificado: não é possível à consciência, cuja essência é o tempo imanente transversal, conhecer diretamente o tempo transcendente. Se assim fosse, por outra parte, possível, se o tempo transcendente fosse capaz de suceder isotropicamente e abarcar completamente a integridade do microcosmo, então não poderia existir a consciência do pasu nem nenhuma outra consciência fora a do Demiurgo.

F – O sujeito consciente no presente compreensivo S.P.E.

Suponhamos que o sujeito tenha retido o símbolo emergente I' tal como se vê na figura 25. Então, se em lugar de atender à extensão experimenta a compreensão do símbolo, será possível que perceba sua própria essência temporal, ou seja, a sucessão do tempo imanente, e o caráter dialético do tempo real. Para isso será necessário situar-se em outra perspectiva, diferente do confronto extensivo do S.P.E., com o fim de apreender compreensivamente ao símbolo. Esta nova situação se assinalou analogamente na figura 25 com as letras **S.P.C.**

Bem, a COMPREENSÃO é uma dimensão dos conceitos semelhante ao volume da fatia **xx**: a "compreensão" indica quão perto está o conceito de coincidir com a verdade do ente, ou seja, o volume da fatia indica quão perto está o conceito; em termos sêmicos, de coincidir com o esquema do ente ou Relação. Como toda representação racional, tal como **I**, é homóloga ao conceito que significa, sua dimensão compreensão é necessariamente equivalente, segundo se explicou no inciso anterior (artigo "F", comentário Terceiro). Então, o que significa "experimentar a compreensão do símbolo"? Resposta: apreender sua estrutura, tomar consciência, não da mera aparência que denota a extensão, senão de sua compleição sêmica. Para isso é preciso situar-se numa perspectiva justa, que permita COMPREENDER de um só golpe de vista, a saber, em um só ato cognoscente, a estrutura do símbolo. Isto

é: o sujeito consciente deve situar-se não frente ao símbolo, mas A PAR deste; vendo-o NÃO COMO EMERGENTE, MAS COMO CIRCULANTE. Em outras palavras: ainda estando retida no presente, a observação compreensiva do **S.P.C**., deve dar-se a par do símbolo, advertindo a direção de seu trânsito, ou seja, comprovando que a emergência sucede no tempo imanente.

Ha que afirmar energicamente que não é possível compreender a nenhum símbolo ou representação consciente sem uma efetiva mudança de perspectiva do sujeito consciente: não existe aqui um "princípio de relatividade" que permita, por exemplo, girar o símbolo com a fantasia e "encarar a compreensão de frente". Isto é impossível porque SEMPRE, em todos os casos possíveis, o aspecto frontal do símbolo é extensivo para o sujeito consciente. Para experimentar sua compreensão se requer indefectivelmente um movimento do sujeito consciente que o situe A PAR do símbolo retido.

A primeira intenção dirige **I'** a si mesmo e, portanto, sua emergência sucede no tempo imanente. Ao surgir na consciência, ou seja, ao atravessar o umbral de consciência **Ψ**, o símbolo é retido "desde o futuro" pelo sujeito consciente, quem se situa logo em posição favorável para sua compreensão. Então, o símbolo **I**' é o conteúdo concreto, claro e definido, de um pensamento consciente. Em tal consciência, o **S.P.C**. há de ser capaz de efetuar as seguintes distinções:

Primeiro: antes de tudo experimenta a certeza objetiva do símbolo, ou seja, há evidência patente de que o símbolo constitui um OBJETO diferente do**S.P.C.**

Segundo: em tal objeto, como uma força particular que aponta a si mesmo, percebe a PRIMEIRA INTENÇÃO.

Terceiro: percebe, também, a própria ATENÇÃO posta na retenção, a qual é uma espécie de SEGUNDA INTENÇÃO que refere ao símbolo até o sujeito cognoscente.

Quarto: capta, assim, o momento PRESENTE como produto de uma tensão dialética: a primeira intenção e a segunda intenção se revelam como forças claramente opostas.

Quinto: COMPREENDER é perceber a estrutura do símbolo, ou seja, apreender sua essência: esta possibilidade superior de conhecimento está vedada ao**S.P.E.**, quem somente percebe uma aparência exterior, quanto mais racional, tanto mais reflexiva será sua indagação (ver inciso anterior, artigo 'G', comentário Segundo).

Sexto: finalmente, o **S.P.C.** pode perceber sua própria essência sucessiva, ou seja, o TEMPO IMANENTE. Mas tal percepção, por ser compreensiva, se efetua sem referência alguma ao tempo transcendente, cujo dado para o conhecimento indireto é a extensão. Quer dizer que o **S.P.C.** é capaz de perceber ao tempo imanente em forma absoluta, daí a disposição do sujeito consciente para perceber o tempo imanente se a denomine FACULDADE DE AUTOSCOPIA CRÔNICA.

O VIRYA PERDIDO: UM PASU COM LINHAGEM HIPERBÓREA.

No último inciso completamos, ainda que de forma certamente elementar, a exposição dos principais conceitos que a Sabedoria Hiperbórea afirma sobre o pasu, esse animal-homem que habitava a Terra na chegada dos Siddhas Traidores. Foi necessário expor tais conceitos para explicar, quiçá pela primeira vez nesta língua exotérica, o Mistério do aprisionamento do Espírito à evolução da matéria. Sabemos agora o que o pasu é, conhecemos as estruturas nas que se manifesta subjetivamente sua alma transmigrante: em conseqüência, sabemos que isto que o pasu é O ESPÍRITO NÃO É. Temos dado, pois, um passo importante rumo a uma visão inteligível do Mistério. O passo seguinte nos conduzirá diretamente ao núcleo do Mistério, a saber, ao aprisionamento espiritual.

A - A herança do virya.

Recordemos um dos primeiros parágrafos do inciso “Traição e aprisionamento espiritual”: “... a traição dos Siddhas Traidores consumou-se PARA SERVIR A UM FIM ESPECÍFICO: O APRISIONAMENTO DOS ESPÍRITOS-ESFERA AO PLANO MATERIAL. Voltemos, pois, a lançar aquela pergunta com a qual apresentamos o modelo análogo do Espírito-esfera: como se aprisiona à matéria, ao efêmero da vida, às variações da natureza, aos ciclos de vida e morte, como se aprisiona, repetimos, um Espírito eterno a esta ilusão?”. Agora que conhecemos, analogamente, o que é um Espírito (e também um pasu), vamos explicar como pôde ser aprisionado à matéria. Na continuação se alude à “chave genética do sistema Kármico” como um método consciente em plasmar, no sangue do pasu, “uma imagem da origem do Espírito Hiperbóreo”. “Assim se constitui na memória de sangue a ‘recordação da origem’, a qual é uma autêntica herança perpétua do Manu-Siddha Traidor; e se plasma no sangue e não em qualquer outra substância porque a ‘força plasmadora’ empregada é a paixão no maithuna ou, se preferir, amor”.

"A chave do sistema consiste, então, em plasmar uma imagem da origem no sangue do pasu com o qual este adquire uma herança divina e passa a ser virya. Somente cabe reiterar que tal dote não tem nenhum caráter bondoso, senão que ponta ao aprisionamento dos Espíritos revertidos. Pode considerar-se, para maior clareza, que a 'plasmação da origem' é a primeira parte de um plano em duas etapas, a segunda das quais seria o aprisionamento dito. A criação da Minne teria, assim, o único objetivo de facilitar a liga do Espírito com a matéria...". Destes parágrafos, que estamos cirando de um inciso anterior, se desprende o aterrador fato que os viryas descendem geneticamente de seres divinos, Deuses extraterrestres, MAS QUE NÃO SÃO AMADOS POR ELES. Pelo contrário, seus ancestrais não vacilam em submetê-los ao desapiedado sistema das reencarnações Kármicas baseado na dor, e o sofrimento, na aprendizagem pelo método de prêmios e castiços, ou seja, de ação e reação. Mas a maioria dos viryas ignora que em seu ser existe uma dualidade essencial. E quiçá seja, em muitos casos, melhor que assim suceda: de outro modo, de saber DE QUEM DESCENDEM, seguramente enlouqueceriam sem remédio. Por um lado, como pasu, o virya animal-homem, a saber, UM FILHO DO DEMIURGO, por outra parte, como depositário de uma imagem da origem na memória de sangue, o virya é também divino, ou seja, UM FILHO DOS SIDDHAS (TRAIDORES) HIPERBÓREOS. Como filho do Demiurgo, sua finalidade é alcançar a autonomia ôntica, a enteléquia humana, para admirar, com o máximo sentido possível, Sua Obra. Essa é a finalidade do pasu quem, portanto, pode crer que existe para outra coisa; mas tal ilusão se desvanece invariavelmente quando "ao final de um Grande dia de Manifestação" sobrevém "a noite de Brahma", o mahapralaya no qual toda a criação material é fagocitada pelo nada sugador de um Final que é igual ao Princípio; e nesse nada, naturalmente, acaba tudo, os pasus ou viryas junto com toda classe de manifestações monádicas. Esta finalidade fatal da natureza humana não é, pois, demasiado atrativa. Mas, como filho dos Siddhas Traidores, o virya tampouco consegue vislumbrar um futuro benigno: seus antepassados divinos lhe ocultam, valendo-se de toda sorte de artimanhas, o fato e o direito da descendência, mas, se por algum motivo extra Kármico, o virya chegasse a suspeitar que "algo nele não é daqui", então se confrontaria ao ódio e ao desprezo mais terríveis por parte de seus "divinos" antepassados. Mas eles não tratariam de desiludi-los, senão que empregariam seus incríveis poderes para sumi-lo numa intensa ilusão mágica, ou seja, para fundi-lo ainda mais na confusão estratégica. Por este lado, pois, tampouco pode esperar outra coisa que a dissolução final do Pralaya cósmico, toda vez que os Siddhas Traidores não estejam dispostos a fazer NENHUM TRATO PARTICULAR com os viryas, ou seja, nenhum que possa apartá-los do Karma. .

Ante tal panorama tão sombrio, qual saída resta ao virya, que esperança pode alentar de escapar dos Planos dementes do Demiurgo e dos Siddhas Traidores? Resposta: A libertação do Espírito Hiperbóreo. Isto é: a única

possibilidade de escape consiste em que o virya remonte sua recordação hiperbórea até a origem e se transmute em Divino Hiperbóreo, LIBERTANDO o Espírito cativo, vale dizer, que PROCURE A "NORMALIDADE" DO ESPÍRITO-ESFERA REVERTIDO. Para que tal possibilidade se concretize efetivamente é necessário que o virya atue no marco de uma ESTRATÉGIA HIPERBÓREA, questão que se estudará na Segunda Parte: ali se descobrirá a ATITUDE GRACIOSA LUCIFÉRICA que deve adotar o virya como postura estratégica básica de libertação espiritual. No que resta da Primeira Parte nos ocuparemos de um importante tema que deve ser esclarecido previamente: o aprisionamento espiritual.

B – O Eu do virya e o Eu infinito.

Recordamos o dito anteriormente: os Siddhas Traidores conceberam "um plano em duas etapas", a primeira das quais radica na chave genética e a segunda no aprisionamento espiritual. Devemos, pois, começar pela primeira fase.

A chave genética, a herança da origem, transforma ao pasu em um virya. A melhor maneira de esclarecer este fato é perguntar se existe alguma diferença evidente que denuncie tal transformação. Ou seja: qual é o efeito da chave genética no virya, o primeiro e permanente, que o converte em um ser diferente do pasu? Resposta: A aparição do EU. Em efeito, no pasu, o mais parecido ao Eu é o sujeito consciente, o qual jamais diz "eu sou", nem ainda quando anima a um ente autônomo: o pasu uma vez alcançada a perfeição entelequial ou durante a evolução da esfera de consciência, atua sempre em concordância com o objetivo da finalidade, por sentido nos entes, produzir cultura, etc. O sujeito consciente, de acordo com o objetivo microcósmico, quanto mais se desenvolve tanto mais se imbui do caráter orgânico do macrocosmo, tanto mais admira a Obra e ao Criador. Em outras palavras, quanto maior o nível de consciência do sujeito consciente do pasu, tanto mais orientado ao macrocosmo se encontram suas referências exteriores. Um sujeito consciente altamente desenvolvido está "harmonicamente" referido ao Demiurgo e isso lhe impede definitivamente manifestar-se como um Eu ou, sequer experimentar um egoísmo espiritual semelhante ao do virya. Mas como se caracteriza, então, um Eu? Resposta: Pela certeza essencial de que a própria entidade é algo único, indestrutível, inimitável e, portanto, diferente do Demiurgo Jehová-Satanás, ou como queira que este se chame, e NÃO CRIADO POR ELE. Quem experimente esta certeza essencial é muito provável que seja um virya perdido. "Minha vivência é a do Eu, o sentir-me Eu" declara Miguel Serrano. E continua deste modo: "... é errado e perigoso pretender que nossas vivências sejam compartilhadas pelos demais. Uma coisa que se poderia tomar por simples, a vivência do Eu, de sentir-se Eu, poderia

parecer-nos natural e bem generalizada. Contudo, cada vez que consultei a outros se eles se sentem Eu, exclusivamente Eu, no meio do Universo, não tive êxito em traspassar essa aguda vivência, encontrando-me como frente a um muro impenetrável. E no rosto dos consultados, quase sempre uma expressão de surpresa, de desconcerto. Estranhamente, eles não tiveram esta vivência. Esse não era seu diapasão. (A sensação do Eu é um signo que assinala ao virya desperto). Ao extremo que chegou a pensar que no mundo, unicamente eu me sinto Eu."

Mas, se o Eu é algo diferente do sujeito consciente, se surge no pasu por causa da chave genética e é a evidência de sua transformação em virya, o que é, então, o Eu? Resposta: EM TODO VIRYA, O EU É A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO APRISIONADO. Por suposto nos referimos ao Eu antes definido, ao Eu de Miguel Serrano, ao Eu da absoluta identidade individual. Esta resposta nos obriga a realizar um imediato esclarecimento para evitar uma confusão bastante provável: A RESPOSTA NÃO NOS DIZ QUE O EU "É" O ESPÍRITO; SOMENTE NOS ASSEGURA DE QUE É "SUA MANIFESTAÇÃO". O que significa este esclarecimento, o que agrega à resposta anterior? Resposta: O esclarecimento aponta a evitar que se confunda o Eu com UMA EXPRESSÃO DIRETA DO ESPÍRITO, quando sabemos já, dos primeiros incisos, que "o Espírito aprisionado não sabe que o está". O Eu, efetivamente, é tido pela forma mais pura de "consciência" e pode parecer contraditório que por uma parte se o vincule ao Espírito, como evidência do aprisionamento, e por outra se afirme que o Espírito ignora sua prisão, como, se o Eu é consciência, ignora o Espírito sua situação? Justamente, porque esta pergunta constitui um erro, se esclareceu que "o Eu é a MANIFESTAÇÃO do Espírito aprisionado" e não a expressão do Espírito mesmo. Ainda que a distinção proposta pareça demasiado sutil, se torna imediatamente clara quando apelamos aos conceitos análogos sobre o Espírito obtidos com a ajuda do Modelo da Esfera.

No inciso "O Espírito-esfera revertido" vimos que o Eu Absoluto, da "normalidade" se traslada ao Eu Infinito da "anormalidade" do Espírito. O Eu infinito se sintetizava em um "pólo infinito", no qual convergiam todas as projeções dos pontos exteriores da esfera: o "pólo infinito" encontra-se necessariamente no eu infinito e, por isso, as projeções do Vultus Spiritus, a Face espiritual, transpassam o espaço cósmico do macrocosmo em todas as direções. Resulta, assim, que "entre o Espírito-esfera e o Eu Infinito, há de estar COMPLETO o mundo dos entes finitos, ou seja, o macrocosmo 'INTERIOR'; ou, em outras palavras, o Eu Infinito ultrapassa PELO INFINITO ao mundo dos entes finitos; é como se, na figura 8, TODO O FINITO ESTIVESSE ENTRE O CÍRCULO VIOLETA (pólo infinito expandido) e o círculo verde (Face espiritual)". No inciso seguinte se completava esse conceito: "O ESPÍRITO-ESFERA REVERTIDO IGNORAVA SUA SITUAÇÃO PORQUE ENTRE ELE E SEU EU

INFINITO SE INTERPÇOE A ABSOLUTA DESORDEM DA ‘OERDEM ARQUETÍPICA’ OU ‘PLANO MATERIAL’; O ESPÍRITO REVERTIDO SE OPÕE ESSENCIALMENTE A TAL ‘ORDEM’ E, TAL OPOSIÇÃO, CRIA UMA BARREIRA DE INCOMUNICAÇÃO COM SEU PRÓPRIO EU INFINITO QUE SE ENCONTRA ‘ALÉM DO PLANO MATERIAL’. POR OUTRA PARTE, O EU INFINITO, A PARTIR DO INFINITO, SOMENTE ‘VÊ’ A SUPREMA ILUSÃO DA ORDEM ARQUETÍPICA, O ‘MAYA’, AO ‘MIRAR’ A FACE ESPIRITUAL. Tal é o drama do Espírito revertido que se chama: CONFUSÃO ESTRATÉGICA”.

Consideremos agora o seguinte conceito da Sabedoria Hiperbórea, cujo significado há de revelar finalmente o Mistério do aprisionamento espiritual. O EU PARTICULAR DO VIRYA SE OCASIONA PELO REFLEXO DO EU INFINITO NA IMAGEM DA ORIGEM, CUJA RECORDAÇÃO PERSISTE NA MEMÓRIA DE SANGUE. Logicamente, se requer de vários comentários para explicar tão importante conceito.

Primeiro: O conceito precedente é conhecido com o nome sintético de “APRISIONAMENTO ESPIRITUAL” e deve entender-se que a ele se alude toda vez que se mencione tal nome. O “aprisionamento espiritual” é o segundo ato do Mistério Maior chamado Traição Branca dos Siddhas Traidores; o primeiro ato foi, naturalmente, a confusão e desorientação original dos Espíritos Hiperbóreos, Mistério que explicamos analogamente como “reversão dos Espíritos-esfera”.

Segundo: Por outra parte, o "aprisionamento espiritual" se produz como efeito do “plano de duas fases” dos Siddhas Traidores, cuja primeira fase consiste na chave genética. De acordo ao já visto, podemos descrever de maneira mais completa tal plano. A primeira fase, a chave genética, introduz na memória de sangue uma “imagem da Origem”, a qual constitui uma herança perpétua que se transmite biologicamente nas raças de viryas perdidos; como toda terminação psíquica a “imagem da Origem” tem caráter sêmico e, por isso, a Sabedoria Hiperbórea a denomina Símbolo da Origem; na Segunda Parte se verá que a projeção exterior, significativa, do Símbolo da Origem é o mistério do Signo da Origem, do qual se deriva por deformação e mutilação, entre outros, a suástica Hiperbórea. A segunda fase do plano, o aprisionamento espiritual, se cumpre quando o Eu infinito, refletido parcialmente no Símbolo da Origem, ocasiona o Eu particular do Virya.

Terceiro: No Símbolo da Origem, do virya perdido, somente se reflete uma ínfima parte do Eu Infinito, o qual na síntese polar das infinitas “miradas” projetadas em todas as direções do espaço (ver figura 7 e 8). No artigo “H” se explicará analogamente este feito.

Quarto: Se entende melhor, agora, à luz do conceito de aprisionamento espiritual, a afirmação anterior de que "o EU do virya é a MANIFESTAÇÃO do Espírito aprisionado" e que a mesma não deve confundir-se com uma EXPRESSÃO DIRETA do Espírito. O Espírito revertido, em efeito, É ETERNO e, portanto, NÃO SUCESSIVO; esta qualidade essencial o mantém absolutamente apartado do tempo transcendente do macrocosmo, no qual ocorrem os entes finitos e sucessivos. Mas poderia, então, acontecer uma "expressão direta do Espírito" no virya perdido, ou seja, no macrocosmo Potencial: um ente que efetivamente sucede no tempo transcendente. Pelo contrário, o Eu do Virya é uma "manifestação do espírito", mas uma manifestação indireta que se realiza quando alguma das infinitas miradas descobre, num ente finito, o Símbolo da Origem e se refletem nele. Não é, pois, o Espírito quem se "expressa" no Eu senão que, pelo contrário, sua manifestação ocorre SEM QUE O ESPÍRITO O PERCEBA. É evidente: se o Eu do virya participa do Eu Infinito, há de padecer sua mesma incomunicação, ou seja, a desorientação anormal causada pela Traição Branca. "O Espírito-esfera revertido ignora sua situação porque entre ele e seu Eu Infinito se interpõe a absoluta desordem do plano material", etc.

C - Objetivo do plano dos Siddhas Traidores.

Em numerosas oportunidades temos mencionado o objetivo do aprisionamento espiritual: os Siddhas Traidores pretendiam completar a evolução do animal-homem ou pasu para que este cumprisse com sua finalidade de produzir cultura e dar sentido ao mundo. O pasu se achava, então, evolutivamente estancado, sem conseguir desenvolver a esfera de consciência. A chave genética apontava, pois, para tal objetivo.

No momento do aprisionamento, o pasu havia adquirido o nível evolutivo que mostram as figuras 11 e 11b: a esfera de consciência era sumamente elementar, ainda que certamente existisse igual que o sujeito consciente que a animava. Todavia, esta situação mudou radicalmente, o pasu desenvolveu em curto prazo sua esfera de consciência e transformou-se num grande produtor de cultura, quando a chave-genética possibilitou a aparição do Eu do virya perdido.

Resumindo, o objetivo do plano dos Siddhas Traidores coincidia TEORICAMENTE com o objetivo microcósmico da finalidade do pasu desenvolver completamente a esfera de consciência. Mas, segundo temos visto, o desenvolvimento completo da esfera de consciência conduz à autonomia ôntica; e nisto diferia PRATICAMENTE o plano dos Siddhas

Traidores com o Plano evolutivo do Demiurgo: ELES SOMENTE IAM PERMITIR ALCANÇAR A AUTONOMIA ÔNTICA, O MICROCOSMO ATUAL, ÀQUELES QUE SE HOUVESSEM INCORPORADO PREVIAMENTE À HIERARQUIA OCULTA DA IRMANDADE BRANCA. Quem não cumprisse esta última condição seriam destruídos ou dissolvidos perpetuamente na confusão.

De todo modo, o animal-homem da terra foi definitivamente transmutado pela ação concreta do Manu-Siddha-Traidor, ou seja, pela inclusão hereditária do Símbolo da Origem na memória de sangue. Como foi dito, posteriormente a esfera de consciência se desenvolveu em grande medida e os viryas foram capazes de construir grandes civilizações, muita das qual ninguém recorda.

D – A função do sangue na chave genética.

O sangue interessa a todas as estruturas do microcosmo porque sua distribuição conforma a contraparte física do corpo astral, ou seja, do veículo sutil da alma. O sujeito anímico evolutivo, ainda que se manifeste em estruturas específicas, na realidade provém do sangue, de determinadas funções que o sangue executa nas distintas estruturas do microcosmo. É pelo sangue, por um sangue astral que a ciência do ocidente ainda desconhece, que a alma se manifesta como sujeito nas estruturas psíquicas do pasu, e nesse sangue, como herança Hiperbórea dos Siddhas Traidores, encontra-se depositado o Símbolo da Origem. Tal como se expôs no inciso “Traição e Aprisionamento Espiritual” a chave genética tornou possível que no sangue se conserve a recordação do ente não criado e que, por ele, o pasu se transforma em virya, APRISIONANDO ao sujeito consciente o Eu, ou seja, a manifestação do Espírito Hiperbóreo. Mas devemos advertir aqui que será possível para todo virya perdido COMPREENDER a chave genética sem uma prévia iniciação tântrica da Sabedoria Hiperbórea, na Segunda Parte; não obstante, daremos uma idéia de tal iniciação EM UMA DESCRIÇÃO ANÁLOGA que tem a virtude de jogar bastante luz sobre a chave genética. Também é possível encontrar muitos comentários sugestivos na novela de divulgação “A estranha aventura do Dr. Arturo Siegnagel” e nos livros de Miguel Serrano. Contudo, se bem não convém entrar nos incompreensíveis detalhes da chave genética, é imprescindível assinalar em que consiste sua técnica no maithuna, ou seja, no ato sexual entre o Manu e os membros da espécie humana. O maithuna consiste para o pasu, aparte da execução de sua função procriativa, UM MODO DE CONHECIMENTO SENSÍVEL: em efeito, durante o acasalamento o cônjuge é um ente externo que impressiona intensamente a esfera sensorial e aporta à razão a descoberta de um desígnio humano. O esquema de tal desígnio, obtido pela via do contato sexual, possui

sua potência ativa referida em grande medida até a esfera afetiva; Isto é: todo pensamento sobre este esquema produzirá conceitos cujas representações correspondem ao caso (c) extremo, ou seja, representações que se orientam ao coração e jamais se farão conscientes. Esta é a razão pela que o pasu não é consciente, por exemplo, das fases formativas do microcosmo potencial, ou filho, procriado, apesar de que seus símbolos se encontram no esquema do desígnio conjugal. Pois bem, apesar de que a intencionalidade afetiva predominante na potência ativa se efetue normalmente nas parelhas pasu, quando o maithuna é realizado pelo Manu o caso é bastante diferente.

E - Os Siddhas Traidores modificam o desígnio humano.

Em todo ente existe uma finalidade e una suprafinalidade: a primeira é o termo do Arquétipo universal e a segunda o termo particular do desígnio demiúrgico. O microcosmo potencial do pasu, enquanto ente, está também sustentado por um Arquétipo universal, Manu, o qual é incognoscível devido aos motivos expostos no inciso "Memória Arquetípica e Razão". O termo particular equivalente é o "desígnio humano" que temos mencionado, ao estudar a formação da esfera de consciência, como "a descoberta de si mesmo". O tema do desígnio humano é um antigo Mistério conhecido como DESTINO DA MÔNADA HUMANA; assim, o desígnio de um pasu particular, expressa o destino de sua mônada, destino que foi concebido pelo Demiurgo e, em cujo Plano, existem muitos símbolos complementários do Arquétipo universal. Neste "desígnio humano", em um ponto da série formativa que integra seu plano, está designado o momento preciso em que o pasu efetuará a descoberta de si mesmo e dará início a sua História, ou seja, à esfera de consciência. Nesse momento, e em todos os casos subseqüentes em que experimente semelhante percepção, ocorre uma INTUIÇÃO DA AUTONOMIA ÔNTICA a qual, naturalmente, é aos poucos interpretada como mera diferenciação sujeito-objeto. A possibilidade de autonomia ôntica causa uma impressão altamente comovente que é interpretada pela razão como esquema do desígnio próprio e traduzida pelo sujeito cultural como o símbolo cuja emergência dá lugar à formação da esfera de consciência: O SÍMBOLO DA AUTONOMIA ÔNTICA É O PRIMEIRO EM EMERGER COM ENERGIA TRANSVERSAL, MAS ESSA EMERGÊNCIA PRIMORDIAL NÃO A EFETUA "NO" TEMPO TRANSCENDENTE, POIS O SUJEITO CONSCIENTE AINDA NÃO EXISTE, SENÃO QUE O MESMO SUJEITO QUEM, POR CAUSA DA PRIMEIRA INTENÇÃO COMOVIDA, SE DIRIGE A UMA ZONA SUPERIOR DA PSIQUE E ALI COLOCA AO SÍMBOLO COMO "CENTRO DE REFERÊNCIA A SI MESMO"; A PARTIR DESTE SÍMBOLO SE ESTRUTURA O ESQUEMA DE SI MESMO OU HISTÓRIA DO MICROCOSMO.

Com estes esclarecimentos queremos demonstrar que o desígnio humano, como destino monádico, é um Plano particular que se aplica SOBRE o Plano universal do Arquétipo NO microcosmo, por isso o esquema do desígnio humano, por exemplo, o obtido da prática do maithuna, se bem não contém i Plano completo do Arquétipo universal, tem, em troca, muitas referências ao mesmo. As estruturas físicas que inspira o Arquétipo universal, por outra parte, estão como é sabido, codificadas nos ácidos nucléicos do cromossomo humano; mas tais estruturas não são senão uma ínfima parte do Plano em que consiste um Arquétipo Manu.

Bem, a falha evolutiva do pasu, que motivou a intervenção, conforme com o Demiurgo, dos Siddhas Traidores, estava na escassa evolução de sua esfera de consciência, mas, segundo acabamos de ver, tal evolução depende em grande medida da descoberta de si mesmo, ou seja, DE QUE O DESIGNIO PRÓPRIO REVELE EM ALGUM MOMENTO A POSSIBILIDADE DE AUTONOMIA ÔNTICA. Então, é evidente que nessa fase do Plano há de haver-se produzido a mais importante intervenção dos Siddhas Traidores. E, na verdade, assim ocorreu. Os Siddhas Traidores, ante a possibilidade de modificar de algum modo os Arquétipos universais, que estão sustentados diretamente pela Vontade do Uno, decidiram operar sobre o desígnio humano, modificando permanentemente o destino do homem: por esse caminho esperava conseguir um rápido desenvolvimento da esfera de consciência do pasu, objetivo que definitivamente se cumpriu.

F - Técnica da chave genética.

Em poucas palavras vamos descobrir a técnica usada na chave genética. Ela se baseia no maithuna entre um membro da espécie humana, do qual vão descender povos e nações, com um Siddha Traidor encarnado num corpo atualizado do Arquétipo Manu. MAS NESSE CORPO, SE BEM O TERMO UNIVERSAL CORRESPONDE AO ARQUÉTIPO MANU, O TERMO PARTICULAR NÃO PODE, CERTAMENTE, CORRESPONDER AO DESIGNIO DEMIÚRGICO PORQUE O DESIGNIO É O DESTINO MONÁDICO E EM TAL CORPO NÃO EXISTE NENHUMA MÔNADA, SENÃO UM SIDDHA TRAIDOR, OU SEJA, UM ESPÍRITO HIPERBÓREO. Desse modo, o Manu-Siddha-Traidor, administra ao pasu, durante o maithuna, o conhecimento de um desígnio modificado NO QUAL O SÍMBOLO DA AUTONOMIA ÔNTICA TENHA SIDO SUBSTITUIDO COMO INDUTOR DE SI MESMO PELO SÍMBOLO NÃO CRIADO DA ORIGEM. Mas o símbolo da autonomia ôntica não foi eliminado senão substituído, em sua função de induzir a descoberta de si mesmo, pelo Símbolo da Origem, passando a revistar como mero complemento do Símbolo da Origem.

O motivo de tal substituição obedece à segunda fase do plano dos Siddhas Traidores, ou seja, o aprisionamento espiritual; porque aqui, na substituição do símbolo da autonomia ôntica pelo símbolo da origem, APRECIA-SE MELHOR QUE EM NENHUM OUTRO ATO A GENIALIDADE INFERNAL DOS SIDDHAS TRAIDORES: EM EFEITO, DESDE ENTÃO. O VIRYA JÁ NÃO TERIA "QUE DECONRIR", COMO O PASU, O SÍMBOLO DA AUTONOMIA ÔNTICA PARA INICIAR A FORMAÇÃO DA ESFERA DE CONSCIÊNCIA, SENÃO QUE O SÍMBOLO DA ORIGEM "SERIA DESCOBERTO" PELO ESPÍRITO ESFERA REVERTIDO E ELE, SEM SABÊ-LO, DESENVOLVERIA PODEROSAMENTE A ESFERA DE CONSCIÊNCIA. A iniciativa evolutiva seria, assim, cedida pelo Espírito aprisionado, ao Eu, enquanto que a alma, que lhe serviria de assento, receberia a evolução; e o homem semi-divino, o virya, haveria de exibir a permanente dualidade interior da alma e do Espírito.

Retomando a descrição da técnica empregada no maithuna esclarecemos o dito em F, sobre que os Siddhas Traidores ao modificar o desígnio modificavam permanentemente o destino do homem, Esta afirmação se deve ao seguinte fato: durante o maithuna, o desígnio do Manu-Siddha Traidor é irradiado sobre o microcosmo do pasu de tal maneira que a substituição do Símbolo da Origem fica plasmada, também, no sangue do pasu, COMO CARÁTER ADQUIRIDO. Assim, o desígnio próprio do pasu a ser modificado definitivamente, por imitação do desígnio Manu. Em conseqüência, a técnica da chave genética CAUSA UMA MUTAÇÃO GENÉTICA NO PASU. Isto convém entende-lo bem, porque há quem crê erroneamente que "da cópula dos Anjos com as filhas dos homens" surgiram os viryas, o que é inexato, pois já vimos que durante o maithuna se produz uma mutação do pasu, mutação que é necessariamente hereditária. O virya não é, então, o fruto hibrido do comercio carnal entre "Anjos" e homens, senão o descendente de um Manu-Siddha Traidor e DE UM PASU TRANSMUTADO PRÉVIAMENTE EM VIRYA POR EFEITO DA MAGIA SEXUAL OU TÉCNICA DA CHAVE GENÉTICA.

O virya recebe, pois, uma dupla herança: divina por parte de seu ancestral Hiperbóreo e mutante por parte do pasu. Grande Antepassado. Porém, como efeito do Kaly Yuga muitas comunicações de viryas tem cometido o "pecado racial" de mesclar seu sangue semi-divino com o sangue do animal-homem ou pasu, introduzindo em seu temperamento uma forte tendência animal, ou seja, involutiva. Porque, há que se afirmar, esse valioso componente divino que pode converter ao homem em um Deus ou em um Demônio, o Símbolo da Origem, deve ser preservado pelo sangue puro: tanto a técnica da chave genética dos Siddhas Traidores, ou seja, os planos de Chang Shambala, como a Estratégia Hiperbórea de Retorno à Origem, dos Siddhas de Agartha, exigem o racismo como meio de conservar a herança extraterrestre: somente os Sábios de Sião, os Chefes da Raça Eleita do

Demiurgo Jehová-Satanás, procuram por todos os meios degradar as linhagens Hiperbóreas da Terra. O que é uma Estratégia Hiperbórea dos Siddhas Leais e porque os hebreus atuam desse modo são perguntas que se responderão com detalhe na Segunda Parte.

Finalmente, cabe agregar que o símbolo da Origem, ao refletir o Eu Infinito, assinala o início da História do microcosmo ou consciência: o esquema de si mesmo se estrutura, então, em torno do Símbolo da Origem. Mas, ao emergir o Símbolo da Origem, o facho transversalmente, transportado pelo sujeito consciente que assim se manifesta pela primeira vez e, como o Símbolo da Origem reflete ao Eu Infinito e manifesta um Eu NO virya, se entende que desde um primeiro momento, o sujeito consciente e o eu se encontram identificados, confundidos profundamente. Mas a confusão entre o anímico e o espiritual é uma condição necessária no Plano dos Siddhas Traidores, para que o Espírito impulsione a evolução da alma.

G – Localização do Eu no virya.

No plano dos Siddhas Traidores tinha como objetivo desenvolver a esfera de consciência do pasu; para isso, em sua primeira fase, plasmam o Símbolo da Origem na memória de sangue. A segunda fase se cumpre automaticamente quando o Espírito revertido se reflete, sem sabê-lo, no Símbolo da Origem e ocasiona um Eu. Evidentemente é o Eu o responsável do desenvolvimento da esfera de consciência, ou seja, de cumprimento do objetivo do plano, e isso não poderia ser feito de outra maneira que por intermédio do sujeito consciente, que é quem anima a esfera de consciência: o assento do Eu, sua residência natural, não há de ser outra, pois, que o sujeito consciente. Mas, para que assim ocorra, o Símbolo da Origem deveria estar permanentemente SOBRE o sujeito consciente. Cabe perguntar, como poderia ocorrer isto sem que o sujeito consciente advirta objetivamente e racionalize o Símbolo da Origem? Resposta: O Símbolo da Origem é um ENTE NÃO CRIADO, ou seja, NÂO CRIADO PELO DEMIURGO, QUE È QUEM CRIOU TODOS OS ENTES; portanto, NÃO EXISTE NENHUM ARQUÉTIPO UNIVERSAL QUE CORRESPONDA COM O MESMO no plano arquetípico do macrocosmo e, em conseqüência, TAMPOUCO EXISTE SUA CÓPIA INVERTIDA NA MEMÓRIA ARQUETÍPICA DO MICROCOSMO: a razão é, por fim, incapaz de interpretar o Símbolo da Origem porque o cérebro não dispõe de elementos arquetípicos com os quais raciociná-los. Quer dizer que o Símbolo da Origem NÃO EXISTE para o sujeito racional nem para o sujeito cultural porque eles NÃO PODEM RELACIONÁ-LOS COM SUAS RESPECTIVAS ESTRUTURAS. Somente o sujeito consciente do virya, que está em contato permanente com o Símbolo da Origem, poderia PEECEBÊ-LO no fundo noológico do EU, MAS TAL

PERCEPÇÃO NÃO SERÁ JAMAIS RACIONAL PORQUE CARECE DE SIGNIFICADO, PORQUE NÃO PROCEDE DA ESTRUTURA CULTURAL, SENÃO DO SANGUE.

Sabemos que o significado é o fundamento do pensamento: toda representação consciente, toda imagem, ainda as fantasias percebidas, se findam no significado racional proposto pelo sujeito cultural em uma linguagem horizontal. Mas como se percebe o Símbolo da Origem, que carece de significado racial? Resposta: se o sujeito chegasse a perceber o Símbolo da Origem, COMO UM PENSAMENTO, somente tomaria consciência do Eu como objeto: OCORRE ASSIM PORQUE O CONTEUDO DO SÍMBOLO DA ORIGEM É O EU. Nesse caso o sujeito consciente se dissociaria do Eu, e numa sorte de super reflexão, conseguiria perceber o Eu objetivamente, ou seja, a alma tomaria conta do Espírito.

Mas, do ponto de vista da Sabedoria Hiperbórea, não interessa tanto o que experimenta o sujeito consciente, a alma, ao perceber o Símbolo da Origem, senão o que sente o Eu num caso semelhante: SE O EU CONSEGUISSE PERCEBER O SÍMBOLO DA ORIGEM NO QUAL SE REFLETE E DO QUAL PROCEDE, SE CONSEGUISSE TÃO SOMENTE INTUÍ-LO, SABERIA NO ATO QUE “NÃO É DAQUI” E TENTARIA ORIENTAR-SE À ORIGEM, REMONTANDO A MEMÓRIA CONTIDA NO SANGUE, CAUSAR ESTA PERCEPÇÃO DO EU É O OBJETIVO DO “CANTO DE A-MOR DOS SIDDHAS”; ESTRATÉGIA DOS SIDDHAS DE AGARTHA QUE SE ESTUDARÁ NO PRÓXIMO INCISO.

É importante destacar que a intuição do Símbolo da Origem por parte do Eu, esse despertar, essa chispa de luz que despede ao Espírito, afeta ao sujeito consciente com a sensação de uma nostalgia infinita, um “como uma recordação de outro mundo”, uma reminiscência de felicidade perdida, éden, paraíso, céus conhecidos e esquecidos, divindades e terrores insuspeitáveis até então, e que desconcertam a alma. Por isso a reação anímica é típica, tentando obstruir a recordação de sangue do Eu, degradando por todos os meios racionais a sua disposição a intuição divina da Origem. E o Eu SEMPRE terá que lutar com a alma, com esta expressão do Demiurgo, antes de achegar-se à Origem e tentar reverter, voltar à normalidade, ao Espírito-esfera revertido, ao Espírito Hiperbóreo QUE É ELE MESMO.

H - Estudo análogo do aprisionamento espiritual.

A chave genética transmutou o pasu em virya e lhe dotou de uma herança divina: o Símbolo da Origem na memória de sangue. Mas, pelo Símbolo da Origem, o Espírito ficou aprisionado à evolução do pasu, agora

virya perdido: o que para o espírito constitui um mau supremo, para o pasu representa o maior bem. Trata-se de um Mistério terrível, ao que há de aproximar-se com muita prudência e valor. Um modo de aproximação que pode resultar altamente sugestivo consiste em empregar o Modelo da Esfera, que vimos nos primeiros incisos, e vinculá-lo ao esquema análogo do pasu: teremos assim a possibilidade de representar graficamente ao virya perdido num sistema que guarda rigorosas correspondências conceituais com o Mistério do Espírito aprisionado.

O corpo do pasu é um microcosmo potencial, sucessivo no tempo transcendente, portanto seu transcorrer ocorre dentro do macrocosmo, onde a POTÊNCIA formativa do plano arquetípico sustenta sua evolução. Esta situação se tem representado na figura 27, compare-se com as figuras 9, 11 e 11b.

Suponhamos agora que ao pasu da figura 27 se lhe tenha incorporado o Símbolo da Origem por causa da chave genética Qual é o efeito? Resposta: Recordemos que as miradas do Espírito-esfera revertido (ver figuras 5 e 6) atravessam todo o espaço cósmico, ou seja, “o mundo dos entes finitos”, para encontrar-se no pólo infinito (ver figura 7 e 8) onde se realiza a síntese do Eu infinito.

FIGURA 27

Esta situação haveria de permanecer inalterável para o Eu infinito, posto que o Espírito-esfera é ETERNO e, portanto, NÃO SUCESSIVO no tempo transcendente. Contudo, ao sobrevir o Pralaya, quando o Uno conclua seu Dia de Manifestação e se dissolva na ordem material, então o Espírito-esfera poderá reorientar-se, pois entre ele e seu Eu infinito já não se interporá o mundo dos entes finitos. Mas, até que este dia chegue, o Espírito-esfera haverá de permanecer na desorientação absoluta.

Mas, eis aqui que os Siddhas Traidores introduzem no macrocosmo o Símbolo não criado da Origem e algumas das infinitas miradas se refletem nele procurando orientar-se até a Origem. Desse modo, no Símbolo da Origem

se sintetiza um Eu que participa do Eu Infinito. Eis aqui a resposta à pergunta anterior.

Na figura 28 se mostra a intersecção do pasu com um pólo infinito expandido do Eu infinito, por efeito da chave genética. Comprova-se, assim, que o virya participa em alguma medida do Eu infinito.

Para estudar com mais detalhes tal participação convém observar a figura 29, na qual se representa somente o Espírito-esfera e a estrutura psíquica do pasu, não há de se esquecer, por suposto, que esta situação acontece no âmbito do macrocosmo.

Vemos ali que a esfera de luz se tem assinalado com um traço grosso (comparar com a figura 22) e que em seu interior, sobre uma LINHA CÓNCAVA AB, se refletem algumas flechas do Espírito-esfera. Analogamente, a linha AB corresponde ao perfil do Símbolo da Origem: é CÓNCAVA porque "A ORIENTAÇÃO DA GNOSE ESPIRITUAL ESTÁ ASSINALADA PELO CÓNCAVO", segundo se explicou no inciso “O Espírito-esfera normal”. Pois bem, SOBRE a linha AB se manifesta o Espírito como o Eu do virya, um Eu que tende espontaneamente a confundir-se com o sujeito consciente devido a que o Símbolo da Origem AB se situa na esfera de luz por determinação da chave genética.

I – O aprisionamento espiritual introduz o infinito no microcosmo.

O macrocosmo é um mundo de entes finitos e sucessivos. Nem o plano arquetípico nem, ainda, na memória arquetípica do macrocosmo existe um Arquétipo infinito. Muito menos ainda há algum desígnio que o revele: o infinito, pois, é um conhecimento essencialmente vedado ao pasu. Porém, pela intervenção dos Siddhas Traidores, o Signo da Origem veio a causar a manifestação do Espírito-esfera no microcosmo e a participação do Eu infinito na evolução do pasu, em conseqüência ocorreu este incompreensível fato: O VIRYA É UM ENTE FINITO QUE PARTICIPA DO INVINITO.

Mas, sendo assim, em que lugar do microcosmo, em que estrutura, em qual dimensão, onde, enfim, há que se buscar este infinito interior do virya? Resposta: No infinito atual, real, completo, somente pode estar no Eu Infinito; portanto, somente pode ser encontrado quando o Eu do virya transcende a finitude do sujeito consciente, da alma, do esquema de si mesmo, e se sabe alheio da evolução, um reflexo da eternidade do Espírito. Somente então, depois de tal libertação, depois de que o Grande Engano ficou roto, é possível o trânsito impensável entre o finito e o infinito; somente então é possível a reversão do Espírito-esfera revertido, à volta a sua normalidade

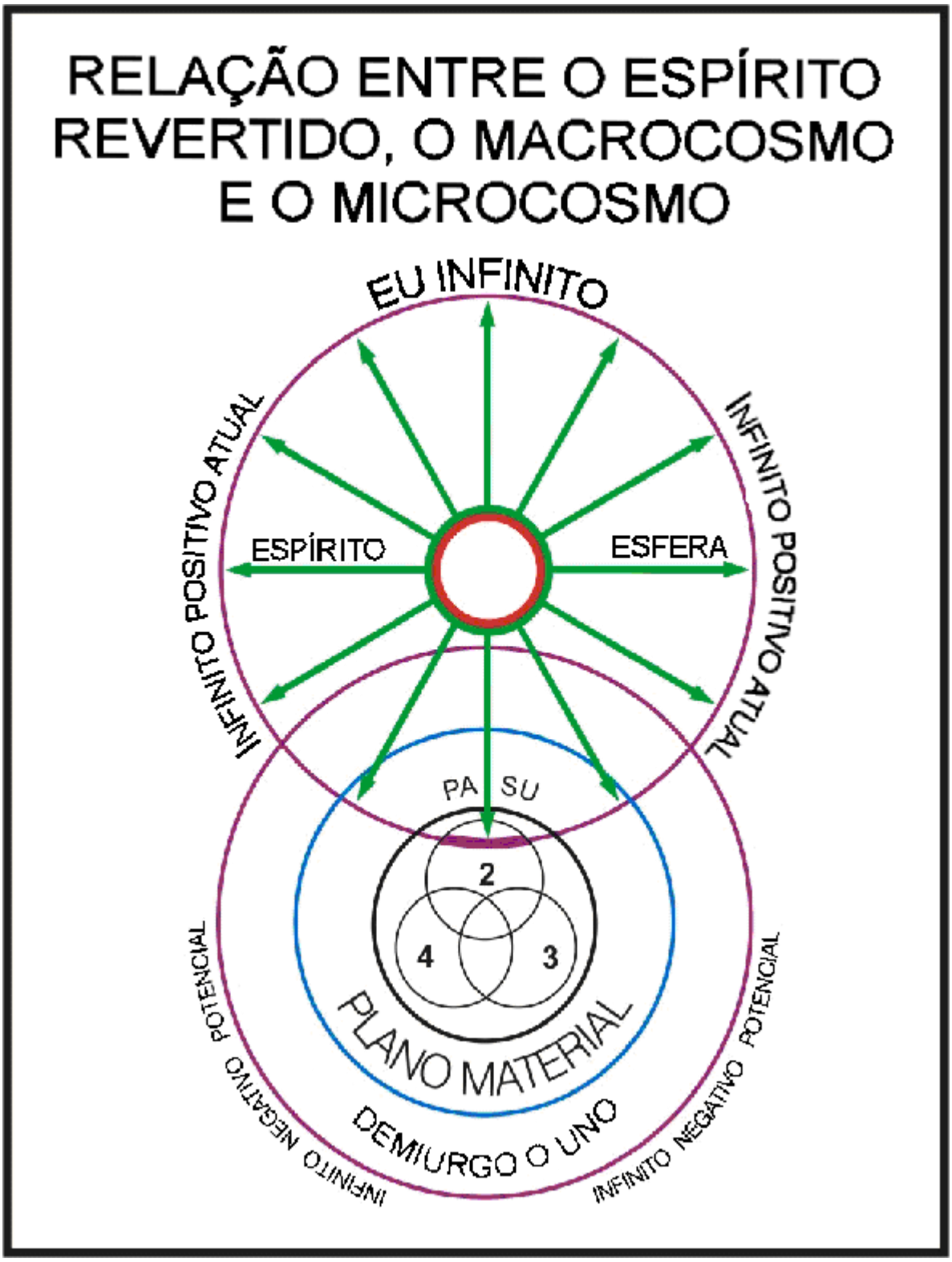

RELAÇÃO ENTRE O ESPÍRITO REVERTIDO, O MACROCOSMO E O MICROCOSMO
EU INFINITO
INFINITO POSITIVO ATUAL
INFINITO POSITIVO ATUAL
ESPÍRITO
ESFERA
PA
SU
2
4
3
PLANO MATERIAL
DEMIURGO O UNO
INFINITO NEGATIVO POTENCIAL
INFINITO NEGATIVO POTENCIAL

FIGURA 28

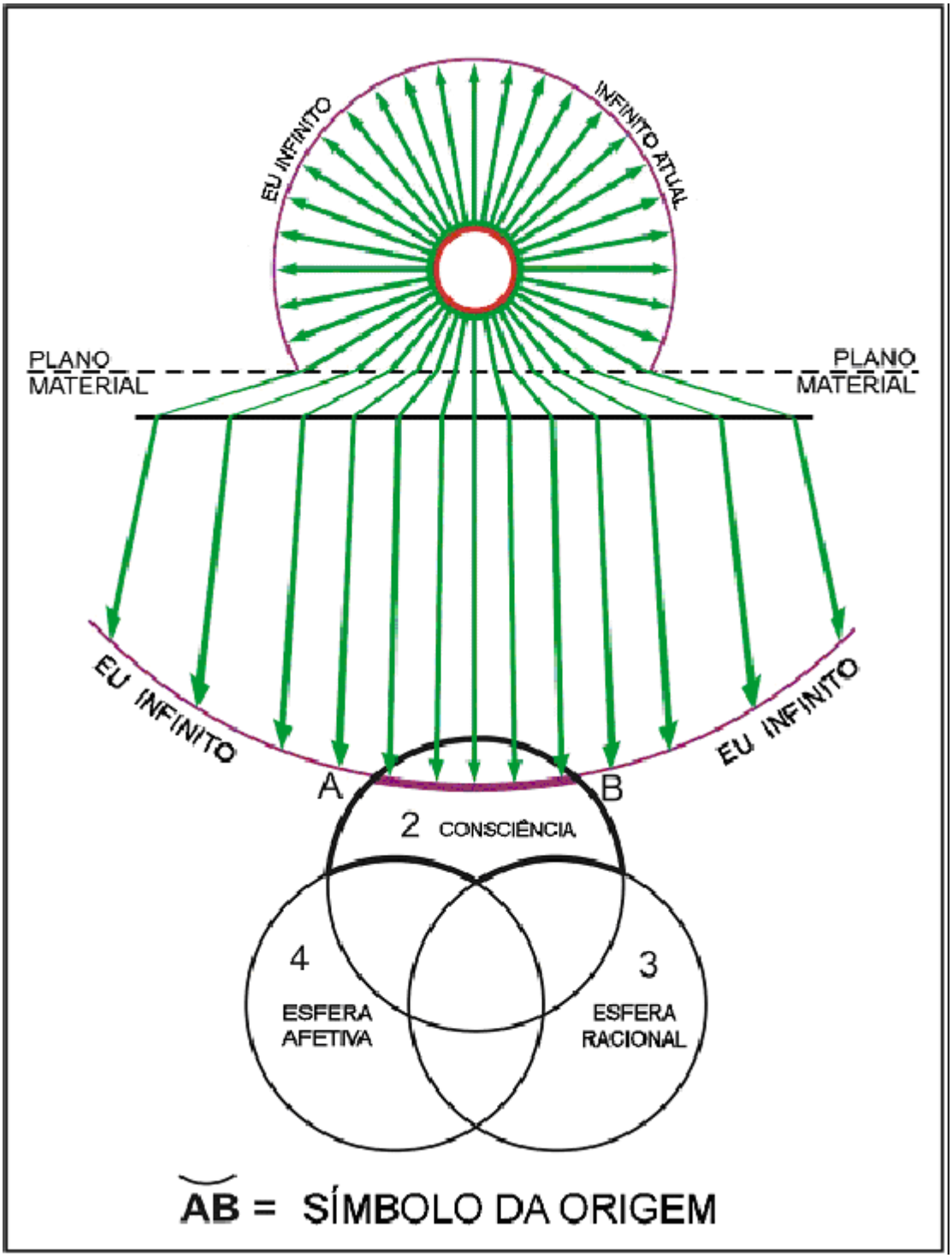

EU INFINITO
INFINITO ATUAL
PLANO MATERIAL
PLANO MATERIAL
EU INFINITO
EU INFINITO
A
B
2 CONSCIÊNCIA
4
ESFERA AFETIVA
3
ESFERA RACIONAL
$\overset{\frown}{AB}$ = SÍMBOLO DA ORIGEM

FIGURA 29

Para esclarecer esta resposta temos de distinguir exatamente entre o “eu perdido” (ou “adormecido”) e o “Eu desperto” que constitui os dois modos de atuar do Eu do virya. Deles somente o Eu desperto é capaz de ascender gnosticamente ao infinito de sua própria essência COMO CULMINAÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA HIPERBÓREA. O outro, o Eu perdido, jamais se saberá Infinito porque se encontra temporalizado, identificado com o sujeito consciente; primeiro deve libertar-se, despertar do Engano, antes de conceber sequer a transcendência espiritual, a mutação de virya em Siddha. Por isso a Sabedoria Hiperbórea qualifica aos viryas como “perdidos” ou “despertos”, atendendo a qualidade de seu Eu empírico.

O Eu Infinito é NÃO-SUBSTANCIAL, síntese polar do Espírito. O Símbolo da Origem, por outra parte, é SUBSTANCIAL como toda terminação psíquica é um elemento sêmico de substância energética. Mas o Eu Infinito, ao refletir-se no Símbolo da Origem, gera o Eu do virya que pode ser substancial ou não-substancial de acordo a sua condição de “perdido” ou “desperto”.

A chave genética dos Siddhas Traidores aponta a produzir, no pasu, um Eu o mais substancial possível, ou seja, uma hipóstase do Eu infinito: desse modo fica atenuada sua infinitude. Obtém-se, assim, um Eu perdido cuja total atividade pode ser aproveitada para impelir a evolução da alma. O Eu perdido surge no seio do sujeito consciente, confundindo com este, como uma hipóstase do Eu Infinito denominado PERSONA. Ou seja, por trás da personalidade do virya, em sua persona, alenta um Eu perdido que é hipóstase do Eu Infinito, reflexo do Espírito Eterno. Somente quem efetue o trânsito inverso, desde a mera possibilidade até o Eu perdido substancial, e quem transcende essa hipóstase que se assenta no Símbolo da Origem e chega até o Símbolo mesmo, terá a possibilidade certa de ascender ao infinito atual, ao Espírito.

Mas, o descobrimento interior dessa possibilidade de libertação estava proibido desde um principio ao virya, quem ainda não se chamava desse modo. Tal como se explicará na Segunda Parte, ao expor a Estratégia "O" dos Siddhas, a intervenção de Cristo-Lúcifer alterou definitivamente os planos dos Siddhas Traidores e deixou aberto um caminho para a libertação dos Espíritos cativos. Desde então, quem consegue incluir-se na Estratégia “0” dos Siddhas, pode optar por aplicar uma das sete vias de Libertação da Sabedoria Hiperbórea para encontrar e seguir o caminho inverso que conduz ao Vril: “a este, ao homem semidivino que luta contra o Demiurgo, e seus aliados para libertar ao Espírito cativo, e que segue, para isso, o caminho inverso do sangue puro, somente a este lhe foi dado o nome de virya”. Este virya é “o virya desperto”, possuidor de um Eu desperto substancial, capaz de apreender o Símbolo da Origem no sangue puro e escutar a Canção de A-mort dos Siddhas. O MOTIVO DESTES “FUNDAMENTOS DA SABEDORIA HIPERBÓREA” É, JUSTAMENTE, OUTORGAR AO VIRYA PERDIDO OS ELEMENTOS NECESSÁRIOS PARA TENTAR A TRANSMUTAÇÃO EM VIRYA DESPERTO, OU SEJA, PARA QUE BUSQUE O SEU EU DESPERTO E SE DESCUBRA INFINITO, INSUBSTANCIAL, UM REFLEXO DO ESPÍRITO ETERNO. Porque somente o virya desperto pode tentar com êxito a reversão do Espírito-esfera revertido, operação que se efetua A PARTIR do microcosmo lhe pode transmutar, por sua vez, em Siddha imortal, com seu corpo de puro VRAJA, indestrutível no plano físico. Esta maravilhosa operação, objeto da iniciação Hiperbórea, não obstante estar este livro dirigido aos viryas perdidos, será descrita teoricamente mais adiante para que estimule e fundamente o desejo de libertação espiritual de todo virya.

Ainda que o Eu perdido seja uma hipótese do Eu Infinito, e se encontra permanentemente confundido com o sujeito consciente, não é incomum UMA INTUIÇÃO TRANSCENDENTAL DO INFINITO, pois, a despeito do objetivo da chave genética, com o aprisionamento espiritual o eu infinito veio a instalar-se no interior do macrocosmo. Mas tal intuição, que provém do Espírito, ou seja, do eterno, se apresenta na esfera de luz como mera fantasia e acaba sendo racionalizada pela flexão percebida do sujeito consciente-Eu perdido (ver inciso “Func. Da Esf. Consc.”, art. “G”, Segundo). Isso ocorre porque o Eu, QUE É ESSENCIALMENTE ATEMPORAL, A SABER, NÃO SUCESSIVO E MUITO MENOS HISTÓRICO, encontra-se dissolvido no sujeito histórico consciente, conformando com este a pessoa do virya perdido; nesta hipótese o Eu perde o poder abarcador da eternidade e se cerca ao presente imanente, cerca na faixa dialética do tempo suas próprias intuições. Mas a intuição do infinito não pode se um “símbolo sagrado”, pois não participa de nenhum Arquétipo universal: daí a impossibilidade da razão para interpretá-la e a solução, incompreensível, do “infinito potencial” à qual sempre ascende.

No virya perdido a redução da intuição do infinito dá lugar ao CONCEITO do infinito potencial, ou seja, a uma fatia sêmica de uma Relação da estrutura cultural. O procedimento é o seguinte: a razão estabelece uma Relação entre Princípios unitários; tal Relação pode ser posteriormente equiparada, por operações sistemáticas do sujeito cultural, a qualquer objeto cultural ou ideal extenso. Pois bem, em tal Relação existem conceitos, ou seja, significados contextuais em certas linguagens habituais, por exemplo, idiomáticos, algébricos, geométricos, lógicos, etc., que propõem A POSSIBILIDADE DE DIVIDIR INTERMINAVELMENTE A EXTENSÃO OU AUMENTÁ-LA INDEFINIDAMENTE AGREGANDO SEMPRE UMA NOVA UNIDADE. Por suposto que esta indefinição racional é somente um significado proporcional e nada tem a ver com o infinito atual, real, do Eu Infinito: a falta de fim de toda soma ou divisão interminável somente demonstra a impossibilidade do sujeito para superar a duração que consumiria REALMENTE tal operação interminável; (descontando os "limites" do cálculo infinitesimal que somente são supostos, jamais alcançados efetivamente por uma operação contínua). Naturalmente, este infinito sistemático e incansável não pode ser mais que "Potencial" posto que consista na "possibilidade", encerrada no conceito, de não alcançar nunca o final. A partir daqui, todos os viryas perdidos que tentaram superar ao infinito Potencial, buscando o transfinito, acabaram na frustração ou na loucura devido a seu desconhecimento dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea. Nossa ciência, em efeito, ensina o caminho ao infinito atual, o qual não é, se pode ser, um mero conceito senão a mais elevada vivência espiritual: o infinito atual é incompreensível, ou seja, é inabarcável pela razão, somente pode ser vivenciado pelo Eu desperto, sua própria essência.

Em síntese, o virya perdido deve convencer-se de que é possível alcançar o infinito atual partindo do conceito de infinito Potencial: infinito atual não é algo q que se vai chegar o termo de uma operação, à que paradoxalmente se considera "interminável" ou Potencial, um chegar a ser, uma possibilidade; isso é como atribuir um caráter evolutivo ou sucessivo ao infinito, como crer que se trata de um acontecimento futuro a que se progride, UM FIM NO INFINITO, UMA "FINALIDADE" NO SENTIDO TELEOLÓGICO QUE O DEMIRGO DETERMINOU PARA TODOS OS ENTES. Ou seja, o infinito potencial, possível, é, contra todos os intentos por dissimulá-lo, somente um infinito futuro, projetado no tempo, um infinito irreal. Mas no futuro de todo tempo não está o infinito senão o Pralaya, o fim de um ciclo e o começo de outro. O erro proveniente de pensar o infinito com o Eu perdido, contaminado de tempo imanente, permitindo assim que a razão interprete e proponha seu conceito, ou seja, que a razão CONCEBA o que é essencialmente INCONCEBÍVEL. Porque ao infinito não se chega já que sempre é: é real em todo momento porque é perfeito fora do Tempo; ele está sempre presente, desde sua eternidade, no Eu puro do virya, sobre o Símbolo da Origem, na pureza de sangue. Até o há que chegar, mas este "chegar" não é

temporal nem espacial senão ESTRATÉGICO ou, se preferir, GNÓSTICO: a isto se refere à Sabedoria Hiperbórea quando fala de “chegar ao Vril”, “chegar ao infinito”, “chegar ao Eu desperto”, etc.; não a um trânsito espaço-temporal, senão a um SALTO ESTRATÉGICO ATÉ O SÍMBOLO DA ORIGEM, ato que se denomina “PURIFICAÇÃO SANGÜÍNEA” e já é principal objetivo da iniciação hiperbórea. No “chegar” estratégico não interessa CRONOS, o tempo, mas KAIROS, a oportunidade de atacar ao inimigo e ganhar a eternidade. Porque kairos é, por sua vez, momento e eternidade, o momento no qual o guerreiro morre e ganha à eternidade do Valhalla; por esse kairos somente pode consistir em um ponto de apoio desde o qual se atravessa o espaço e o tempo ATÉ a eternidade: SOMENTE UM EU PERDIDO QUE ATUA NO KAIROS JUSTO PODE “CHEGAR” AO INFINITO ATUAL, AO EU INFINITO.

A esta altura é conveniente reler o parágrafo seguinte, tomado de nossa obra de divulgação “A Estranha Aventura do Dr. Arturo Siegnagel":

"Há um sentido hiperbóreo comum nos fatos que protagonizam os viryas de nossa História, mas este sentido, esta intenção, esta tendência à mutação NÃO É UMA CATEGORIA LÓGICA, SENÃO ESTRATÉGICA. Não pode apreender-se com a razão, pois não é racional, mas tampouco é irracional. Há aqui outro paradoxo, o que é JUSTO e NECESSÁRIO, já veremos em seguida porque.

"Uma Estratégia é um Meio, ou a planificação dos meios, para obter um FIM. Na guerra, a Estratégia é o conjunto total de medidas que deve dispor-se para obter o êxito, ou seja, “impor nossa vontade ao inimigo”. Para os viryas hiperbóreos é CLARO E PATENTE que existe uma guerra e que todos estamos comprometidos nela. A CONFUSÃO DE SANGUE que padecem os viryas perdidos é também uma AÇÃO DE GUERRA, uma AÇÃO TÁTICA SATÂNICA, para impedir o DESPERTAR, O REGRESSO À ORIGEM, e a LIBERTAÇÃO DO GRANDE ENGANO. Por isso dissemos que TODA AÇÃO DOS VIRYAS HIPERBÓREOS É UMA CATEGORIA ESTRATÉGICA e que, enquanto não se possua uma clara visão das Estratégias em jogo, não é possível INTERPRETAR tais ações.

"Quando um povo se encontra coletivamente identificado com uma filosofia ou religião, chegando ao extremo de regular a vida diária de acordo a normas, preceitos ou leis emanados de tal filosofia, dizemos que as mesmas constituem um “modo de vida” para quem as praticam. Assim, dizemos “o budismo é um modo de vida” ou “regem sua vida pelo Decálogo de Moisés” ou “os neoplatônicos viviam de acordo à filosofia estóica”, etc. De maneira análoga pode considerar-se que A ESTRATÉGIA É UM MODO DE VIDA DO VIRYA HIPERBÓREO.

"E se, quando vemos um monge mendicante da Índia meditar durante longas horas e cumprir todos os ritos budistas, dizemos “vive todos os minutos de sua vida de acordo a sua religião e ela está sempre presente nele”; também, analogamente, devemos dizer “o virya hiperbóreo vive todos os minutos de sua vida de acordo à Estratégia Hiperbórea e ela está sempre presente nele indicando-lhe o caminho do retorno”.

"Para tornar mais claras estas afirmações consideremos brevemente os hipotéticos passos que seguiria um virya perdido para achar o caminho de regresso. Se fará evidente que tais passos não são outra coisa que MOVIMENTOS TÁTICOS, ou seja, categorias estratégicas.

"II - Inicialmente o virya se encontra PERDIDO. Contribui a perpetuar esse estado a Estratégia Satânica cuja tática principal se baseia na CONFUSÃO; em criar confusão ou aumentar a existente.

"Deve ter-se presente aqui a seguinte regra: PARA A SINARQUÍA "A CULTURA" É UMA ARMA ESTRATÉGICA.

"O virya busca ORIENTAR-SE e para isso se põe em Alerta. Esta é a primeira categoria estratégica incorporada à vida corrente. O permanente estado de ALERTA lhe conduzirá finalmente a duvidar da realidade, de sua aparência sensível e a desconfiar da razão ou do racional, que se revelarão como cúmplices do Grande Engano. Nessas condições é possível DESPERTAR, converter-se em VIRYA DESPERTO, mediante a experimentação de uma NOSTALGIA por OUTRO MUNDO.

"Esse mundo primordial que se intui, e que atrai com a força do retorno, é a pátria do espírito e sua RECORDAÇÃO ESTÁ CONTIDA NO SANGUE. Havia sido ESQUECIDA e esse esquecimento ocasionou perda de orientação, a confusão, e o transformou em VIRYA PERDIDO. Mas ao experimentar a MINNE, a recordação de sangue, se abrirão outros olhos que nunca dormem, distintos aos olhos físicos que somente vêem a ilusão e se assumirá um PERMANENTE ESTADO DE ALERTA, necessário para não ceder à Estratégia inimiga e cair em uma nova e maior confusão.

"Se isto ocorresse o virya é já um SUJEITO ESTRATÉGICO do qual pode dizer-se: “todos seus movimentos apontam a um único fim”, “nada pode apartar-se de sua rota”, “seu valor e intrepidez não conhecem limites”, enfim, “é um VIRYA DESPERTO”.

"O virya desperto irá implacavelmente ao combate contra os ELEMENTALWESEN sem AVALIAR O RESULTADO PROVÁVEL DE SUA LUTA, ou seja, SEM PROJETAR-SE NO TEMPO. Somente lhe interessa a ação em si, na medida em que esta contribua a exaltar sua virtude

heróica ou mística até um grau tal que todo retorno à vida corrente, ao Grande Engano, se faça insuportável. Esse limite humano que somente pode ser alcançado quando se tenha despojado a mente de todo dogma, de toda moral, de todo desejo material, de todo laço com o mundo, esse cume primordial que somente pode escalar no fragor do combate, essa altura espiritual inacessível para quem possua um resquício de materialidade evolutiva, de dualidade, ou de oposição à dualidade, esse ponto de NÃO RETORNO a que aludem estas sentenças e muitas outras é, com toda precisão, produto do SANGUE PURO.

"Mas quando se fala de IMPUREZA SANGÜÍNEA jamais deve confundir-se este conceito com o de IMPUREZA RACIAL, no sentido de mescla de raças, mestiçagem ou bastardização. É certo que a mestiçagem étnica ocasiona uma CONFUSÃO GENÉTICA e que esta incrementa a CONFUSÃO ESTRATÉGICA do virya, mas trata-se tão somente de uma parte do problema e, diríamos, a menor. A IMPUREZA SANGÜÍNEA é um conceito esotérico da Sabedoria Hiperbórea que se refere ao CONTEÚDO GNÓSTICO do sangue e, assim, a OUTRO SANGUE, distinto do mero plasma linfático ou da hemoglobina. Devemos ter presente, então, que a PUREZA RACIAL é um fator favorável, mas que este por si mesmo nada assegura, enquanto PUREZA SANGÜÍNEA. E nada vale, por exemplo, um povo racialmente puro como o CELTA se está totalmente dominado pela Estratégia Sinárquica.

"Por isso quando o virya desperto decide ir ao combate para PURIFICAR SEU SANGUE esta atitude, por si só, o torna independente de seu grau de mestiçagem étnica e genética.

"Diferente é o caso da mutação coletiva, onde se é importante o fator racial, pois uma COMUNIDADE DE SANGUE pode ser guiada CARISMÁTICAMENTE por um líder ou Führer. Neste caso se trata amplamente EM NOSSA OBRA "TRATADO DE ESTRATÉGIA PSICOSOCIAL DAS S.S."

"Os viryas despertos se encontram vinculados carismaticamente entre si, devido a sua origem comum; por um lado sincronístico que chamamos ÁUREA CATÉNA ou CORDÃO DOURADO. É um vínculo NÃO FÍSICO inapreensível para a razão, pelo que desistimos momentaneamente de explicá-lo, ainda que mais adiante voltemos a falar dele. Por ora diremos somente que ao virya desperto, aquele que SENTIU a Minne e remonta a ÁUREA CATÉNA até a origem, possui INCIPIENTEMENTE uma condição que o COLOCA ALÉM de qualquer qualificação racial ou social. Não estamos dizendo que esta condição o torne SUPERIOR, senão que o COLOCA FORA de todo padrão de medida. Esta condição denomina-se LINHAGEM HIPERBÓREA, totalmente desconhecida para o comum, a causa da feroz ocultação de que foi objeto. (Falar de uma “Raça do Espírito” é tocar em um

dos mais terríveis Mistérios, que se refere à chegada ao Sistema Solar dos Siddhas Hiperbóreos e da TRAIÇÃO cósmica perpetrada por uma parte deles. Voltaremos sobre esta História). Dizíamos que a condição de possuir linhagem hiperbórea os viryas despertos a possuem INCIPIENTEMENTE. O que queremos dizer com linhagem hiperbórea incipiente? Vejamos primeiro uma interpretação VULGAR da frase “linhagem incipiente”, antes de responder de acordo à Sabedoria Hiperbórea:

"A palavra “linhagem” refere-se à ascendência familiar, ou seja, aos vínculos de sangue e estes, se possuem ou não, sem alternativa. Por outra parte "incipiente" significa "que começa" de modo que se dissermos “Pedro, da família Pérez, tem uma linhagem incipiente” queremos significar "Pedro COMEÇA a ter linhagem dos Pérez" o que só pode referir-se a alguma CARACTERÍSTICA dos Pérez que os distingue e que se DESTACA nitidamente nos membros da estirpe. Ou seja, um PERFIL FAMILIAR HEREDITÁRIO que COMEÇA a manifestar-se em Pedro ou que Pedro representa insipientemente.

"Portanto, falar da LINHAGEM de uma pessoa não consiste em aludir ao mero fato de pertencer a tal ou qual família, mas que implica todo um universo de raças, qualidades e estilos que tendem a conformar um TIPO familiar bem definido. Opina JAIME DE MAHIEU a respeito: “A existência de tal TIPO não pode negar-se nas linhagens hiperbóreas. A mesma linhagem corrente o admite quando recorre à expressão “ar de família”. A História conhece linhagens de artesãos, campesinos, industriais, artistas, guerreiros, etc. A LINHAGEM É, PORTANTO, UM CONJUNTO BIOPSÍQUICO HEREDITÁRIO DIFERENCIADO[3][7][1]

"RESULTA pueril destacar estes conceitos que até poucos séculos atrás eram unanimemente conhecidos, mas aos que a bolchevização universal iniciada com a Revolução Francesa suprimiu da “cultura ocidental”. (Para a Sinarquia a “cultura” é uma arma estratégica). Entretanto, é possível observar que naqueles domínios não massificados da atividade humana, ou seja, onde é imprescindível contar com alguma habilidade ARTESANAL, continuam impondo-se as leis de linhagem. “Na ordem humana, - disse Jaime de Mahieu – é bem conhecido, ainda que posto em dúvida pelos negadores da herança dos caracteres adquiridos, que várias gerações são necessárias para formar um bom obreiro em certos ofícios difíceis, a cristelaria, por exemplo. Temos mais confiança, a este respeito, no testemunho e, sobretudo, na prática dos industriais que afirmam a realidade do fenômeno, que nas asserções dos teóricos científicos. Além do mais, não se contradizem a si mesmos esses transformistas do século passado que, enquanto negavam a herança dos hábitos, fundavam sua teoria da evolução das espécies numa modificação paulatina das gerações, sob o efeito do meio, modificação esta que não podia

efetuar-se senão à mercê da transmissão hereditária dos progressos realizados?”.

"Sabemos agora que uma linhagem pode ser incipiente EM UM INDIVÍDUO se este representa debilmente as características do TIPO familiar. É um conceito que inclui a idéia do DESENVOLVIMENTO ou EVOLUÇÃO: há um TIPO e um caminho, a diferenciação biológica até o TIPO. Ou seja, um SER e um CHEGAR A SER. Por isso a REALIZAÇÃO DA TENDÊNCIA familiar é a melhor adaptação de um membro à figura do “tipo” ou “Arquétipo” metafísico que o suporta e do qual (o tipo) é sua expressão visível.

"Vamos responder agora a pergunta sobre a incipiente linhagem hiperbórea que possui um virya desperto empregando conceitos da Sabedoria Hiperbórea. A linhagem hiperbórea não reconhece TIPOS. Porém, analogamente ao caso da linhagem familiar, existe uma TENDÊNCIA no virya que o impele a uma REALIZAÇÂO. Esta TENDÊNCIA emerge do sangue puro, da Minne, e a REALIZAÇÃO à que aponta se obtém por um caminho inverso, marchando para trás, buscando a origem hiperbórea do Espírito. Não há aqui, como no caso de Pedro Pérez, um chegar a ser algo determinado, a conformação de um TIPO, pelo contrário, no caminho inverso, ocorre a DISSOLUÇÃO DE TODO TIPÓ culminando o processo em uma súbita INDETERMINAÇÃO ONTOLÓGICA. Marchando pelo caminho inverso do retorno se alcança FINALMENTE a um estado NÃO CRIADO que somente pode qualificar-se como POSSIBILIDADE PURA. É a REALIZAÇÃO DA TENDÊNCIA hiperbórea (Minne) do sangue puro que se chama Espírito ou Vril. Esta REALIZAÇÃO implica a MUTAÇÃO definitiva do virya desperto em Siddha imortal e sua LIBERTAÇÃO da ordem matéria que rege a criação. O espírito ou Vril é indescritível e é prudente referir-se a ele como POSSIBILIDADE PURA. Contudo o único conceito de EXISTÊNCIA que possui a Sabedoria Hiperbórea corresponde ao Vril. Ou seja, que nada espiritual tem existência fora do Vril e que todos os estados psíquicos intermediários devem ser reputados como ilusórios. Nada existe fora do Vril porque obter o Vril é ESTAR FORA DE TUDO E “TUDO” é o Universo do Uno, do Demiurgo ordenador da matéria, cuja existência TUDO o impregna e cuja vontade SUPORTA as coisas do mundo concreto.

"Por estas razões, para a Sabedoria Hiperbórea o PASU não existe, pois a ALMA é uma projeção da mônada hipostática que o Demiurgo PENSOU e Emanou. A evolução somente brinda um desenvolvimento ilusório DO SUJEITO CONSCIENTE que jamais pode ultrapassar seu próprio Arquétipo ou a última mônada. A alma do pasu pode aparecer como "muito evoluída" e até "grande", ou "mui santa", mas é pura ilusão, sua “existência” está sujeita aos Grandes Ciclos Cósmicos e tem fatal dissolução no PRALAYA ou MAHAPRALAYA. Ao culminar um destes Grandes Ciclos de manifestação

evolutiva da matéria ou MANVANTARA, produz-se a FAGOCITAÇÃO de tudo “criado” por parte do Grande Enganador e significa o fim de todos os Mestres, Gurus, Choans, Rishis, etc.

"Todo virya deve ter sempre presente a seguinte regra estratégica: “NÃO HÁ ALTERNATIVA POSSÍVEL DE EXISTÊNCIA FORA DA CONQUISTA DO VRIL”. Ou seja, não há OUTRA alternativa para existir, a não ser pela mutação”.

Apesar de que o Eu perdido é somente uma hipótese do Eu Infinito, e que o infinito atual somente chega a ele como intuição metafísica, sua presença se faz sentir com tal intensidade que geralmente determina a pessoa do virya. Na personalidade do virya se transmuta assim uma característica que depende diretamente do infinito, de quão próxima está sua pessoa do Eu desperto, ou seja, de sua pureza sangüínea. A esta característica se a denomina “CONSCIÊNCIA DA TERMINAÇÃO DO ENTE”, e pode formular-se assim QUANTO MAIOR CONSCIÊNCIA DA TERMINAÇÃO DO ENTE, MAIS DEPENDÊNCIA AO DESÍGNIO, OU SEJA, MENOR PUREZA SANGUINEA: MAIOR DISTÊNCIA ESTRATÉGICA ENTRE O EU PERDIDO E O EU DESPERTO. E, inversamente: A MAIOR CONSCIÊNCIA DA INCOMPLETUDE DO ENTE, MENOR DEPENDÊNCIA AO DESÍGNIO DEMIÚRGICO; OU SEJA, MAIOR PUREZA SANGUINEA: MENOR DISTÂNCIA ESTRATÉGICA ENTRE O EU PERDIDO E O EU DESPERTO. Por exemplo, o pasu se diferencia claramente do virya perdido por tal característica: enquanto ao pasu o ente se lhe aparece sempre terminado, completo em sua finitude, ao virya o ente lhe parece sempre incompleto, mera aparência que oculta ao ser ou realidade imperfeita; enquanto ao pasu, à medida que o sujeito consciente evolui, ao ente lhe parece cada vez mais perfeito, em virtude de uma maior consciência da representação de seu esquema, ou seja, de sua verdade, AO VIRYA, à medida que aumenta sua pureza de sangue, O ENTE LHE RESULTA CADA VEZ MAIS SUSPEITO.

Surge deste fato a curiosa conseqüência de que uma grande inteligência racional, ou seja, uma grande capacidade pra interpretar a verdade do ente em numerosas linguagens contextuais, não é indicadora em modo algum de uma “maior espiritualidade”, senão que, pelo contrário, ela indica uma grande determinação do sujeito anímico evolutivo sobre o Eu perdido; a menos, claro, que tal racionalidade seja somente propriedade estrutural independente do Eu, pela pureza de sangue: o virya, nesse caso, continuará encontrando tanto mais suspeitos aos entes quanto mais conceitos dos mesmos lhe revele a faculdade tradutiva do sujeito cultural.

O virya desperto, por outra parte, não só é capaz de apreender ao infinito atual, senão também de APLICÁ-LO para seus fins estratégicos: nisso

consiste, por exemplo, a FUNÇÃO CERCO, que será exposta mais adiante, a qual permite aplicar todo ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO MACROCÓSMICA um CERCO INFINITO, ou seja, UM CERCO SOBRE O QUAL SE TENHA PROJETADO O POLO INFINITO; se obtém assim uma PRAÇA, uma área liberada no macrocosmo fora do controle do Demiurgo, dentro da qual se situa o virya desperto, microcosmo potencial, para deslocar-se estrategicamente ao Valhalla.

J – O Cordão Dourado.

Vamos destacar um conceito já visto, que tomaremos do parágrafo da "Estranha Aventura do Dr. A. Siegnagel", citado precedentemente: "Os viryas despertos se acham vinculados carismaticamente entre si, DEVIDO A SUA ORIGEM COMUM, por um laço sincronistico que chamamos AUREA CÁTENA ou CORDÃO DOURADO. É um vínculo NÃO FÍSICO inapreensível para a razão". Ainda que este conceito só será compreendido cabalmente quando se conhecer a Estratégia "0" dos Siddhas Hiperbóreos, que exporemos na Segunda Parte, convém efetuar aqui alguns esclarecimentos.

Em primeiro lugar, confirmamos o que parece óbvio: a vinculação carismática entre viryas "POR SUA ORIGEM COMUM" se deve à presença nestes, em sua memória de sangue do Símbolo da Origem. Contudo, há que se fazer aqui uma observação muito importante: a "vinculação carismática" não ocorre POR CAUSA do Símbolo da Origem senão que, pelo contrário, trata-se de um fenômeno ACAUSAL. Ou, se queremos torná-lo ainda mais simples, digamos que a vinculação carismática e o Símbolo da Origem foram parte do mesmo fenômeno. Este paradoxo fato pode ocorrer porque o Símbolo da Origem, ainda que NÃO É um Arquétipo universal, É O MESMO SÍMBOLO EM TODOS OS VIRYAS. Por isso a vinculação carismática jamais poderá ser reputada como um fenômeno de campo de força, semelhante à eletricidade, ao magnetismo, a gravidade, ou qualquer outro fenômeno de "forças de ação à distância".

Os viryas, em troca, sejam perdidos ou despertos, encontram-se todos sincronisticamente conectados pela origem comum, formando esta conexão um laço acausal, independente do tempo transcendente e do espaço. E cabe destacar que, apesar de que a maioria dos viryas perdidos o ignore, o Cordão Dourado outorga a maravilhosa possibilidade de adquirir, pelo sangue puro, o mais alto nível que tenha alcançado outro virya em qualquer parte do mundo. Claro que tal possibilidade somente poderá ser aproveitada por aquele que se situa no espaço estratégico de uma Mística.

Para dar maior clareza a este tema vamos transcrever aqui o inciso “A Mística Hiperbórea, motor mágico-social”, tomado de nossa obre “Tratado da Estratégia Psico-social das SS”. Somente resta advertir que o mesmo tema, mas de outro ponto de vista, será novamente tratado na Segunda Parte.

"Inciso IV, A Mística Hiperbórea, motor mágico-social".

"O misticismo é uma atitude do homem até a Divindade, atitude que conduz a uma experiência interior última denominada ÊXTASE MÍSTICO (ou UNIO MÍSTICA) na que se estabelece o vínculo pessoal entre o homem e Deus. Para que a atitude mística conclua no êxtase místico e se concerte a experiência interior transcendente deve intervir um agente mediador denominado CARISMA. Recordemos que o místico não é “iniciado” e, portanto profano; mas a experiência transcendente que persegue e obtém pertence à ordem mais excelsa da gnose esotérica, pela qual o CARISMA deve aplainar-lhe, como na iniciação, todos os obstáculos (racionais, morais, biológicos, etc) que se interponham entre ele e a Divindade. O agente carismático intervém de maneira aparentemente gratuita e contingente sobre determinados místicos resultando esta intervenção tão incompreensível e inescrutável que alguns pensadores profanos o atribuem ao capricho de Deus, chamando-os justamente “dom de Deus” ou “graça divina”. Mas a Sabedoria Hiperbórea, cujos pálidos reflexos sobrevivem em algumas tradições esotéricas, afirma que o AGENTE CARISMÁTICO está perpetuamente presente em um plano “absolutamente transcendente” ao mundo imanente da matéria e se denomina PARÁCLITO. É o que a teologia cristã denomina Espírito Santo incluindo-o equivocadamente como uma das “pessoas” da trindade, ou seja, um aspecto de YAHVEH-SATANÁS. A Kabala judaica também perverte o caráter absolutamente transcendente do PARÁCLITO ligando-o à imanência da Jehová-Satanás”.

"Já veremos na Segunda Parte uma definição mais profunda do Paráclito, por hora continuemos relendo o inciso transcrito.

"A Sabedoria Hiperbórea ensina que o Paráclito, ou “agente carismático", está vinculado simpáticamente ao sangue, a um CONTEUDO REMINISCENTE que esta possui em alguns seres e que se denomina MINNE: a herança do Símbolo da Origem. Daí a aparente falta de “lógica mundana na manifestação do agente carismático, pois só intervém naqueles místicos que tenham “sentido a reminiscência” que outorga a Minne sanguinea. É que nem todos podem sentir a Minne e muitos que a sentem não sabem que sentem.

"Sentir a Minne é ascender a seu conteúdo gnóstico e isto somente se consegue quando, imerso na torrente misteriosa do sangue, se produz o reencontro com uma verdade esquecida, ou seja, feita inconscientemente. Este reencontro não é necessariamente uma recordação senão a reminiscência da própria divindade perdida e a certeza íntima de pertencer a outra ordem de existência espiritual para o qual a matéria é odiosa e a realidade do mundo essencialmente maligna. À reminiscência sobrevém imediatamente uma nostalgia infinita que somente pode mitigar-se com a esperança do regresso.

"A Minne, então, não é tanto a recordação como a reminiscência e ainda a nostalgia que se deve experimentar intimamente como ato prévio ao êxtase místico, ao qual se chega por mediação carismática do PARÁCLITO. Por isso a Sabedoria Hiperbórea sustenta um conceito mais amplo do carisma no sentido de ATRIBUTO PESSOAL que pode ser conquistado e desenvolvido em benefício próprio e da raça. O carisma pessoal seria neste caso "o efeito sensível da intervenção acausal do agente carismático ou Paráclito, no êxtase místico, êxtase que somente é possível experimentar se previamente se tenha vivenciado a Minne sanguínea, essa nostalgia". A partir deste conceito existe toda uma técnica secreta que permite desenvolver o carisma pessoal, fundada na possibilidade de ascender à Minne mediante o "Princípio Hiperbóreo da Purificação do Sangue". Este princípio alude ao SANGUE ASTRAL, complemento sutil do sangue físico e intermediário entre o Espírito e o corpo físico. Segundo dito princípio a Minne não está presente em todos os seres antropomorfos, mas naqueles "descendentes" da Raça Cósmica Hiperbórea, de Cristo-Lúcifer, únicos que merecem o qualificativo de homens semi-divinos ou viryas. Mas, ainda nestes, existem diversos graus de impureza no SANGUE ASTRAL que obstaculizam o acesso à Minne e a sua nostalgia libertadora. [E preciso, então, purificar o sangue astral para que se manifeste a "recordação contida" da Minne. Isto se consegue por meio de Técnicas Secretas que contemplam a possibilidade de conhecer exatamente se o homem é de linhagem hiperbórea (virya) e, de ser assim, que grau de impureza o sangue astral lhe obscurece a "recordação contida" na Minne.

"A Sabedoria Hiperbórea afirme que se um Siddha deseja durante o Kaly Yuga ou Idade Obscura reconhecer a linhagem hiperbórea em raças degradadas e degeneradas pela "IMPUREZA DE SANGUE", com vistas a sua purificação e regeneração, somente dispõe de sete vias possíveis, uma das quais requer a efetiva possessão do GRAAL. As Técnicas Secretas, que são sete também, uma para cada via, fazem possível a purificação do sangue astral até um gral tão elevado que podem provocar a transmutação do VIRYA em SIDDHA, ou seja, do homem semi-divino em Divino Hiperbóreo imortal.

"Em outra ordem, é também possível desenvolver o carisma pessoal de um líder para que, na condução de um povo, exerça sobre a massa do povo essa fascinação dos grandes chefes. Inclusive uma elite dirigente poderia ser

dotada carismaticamente se contar-se com alguma via para a seleção dos VIRYAS e se aplicar-se a Técnica Secreta.

"Esclarecemos agora um erro difundido que consiste em relacionar analogamente o carisma pessoal com o magnetismo físico, na crença que este se comporta como aquele. Nesta tosca analogia científica o homem carismático possui um “campo de força” intenso que é percebido por outros homens graças à “interferência de campos” que produz ao situar-se em sua vizinhança. Se diz, então, que tal homem possui “magnetismo pessoal” e o carisma, como as forças de ação à distância da física, fica associado à noção de magnitude e extensão espacial. Nada disto ensina a Sabedoria Hiperbórea, mas afirma em compensação que o carisma pessoal que um líder “transmite” coletivamente à massa na realidade é percebido por cada um em particular graças a um fenômeno de sincronia. Esta é a razão pela qual o carisma pessoal, por mais intenso que seja nunca é infalível senão que somente afeta àqueles que por sua linhagem espiritual e grau de pureza sangüínea, ou seja, pela qualidade da Minne, podem percebê-lo em maior ou menor medida. Mas esta percepção não é meramente sensível senão eminentemente transcendente e espiritual, como corresponde a uma superior virtude pessoal, que isso é o carisma e não uma força cega e enganosa.

Disporemos agora de um conceito melhor definido sobre o que é um místico (de linhagem hiperbórea ou virya). A Sabedoria Hiperbórea assegura que todo virya, por mais impuro que seja o sangue, possui condições místicas potenciais suscetíveis de ser “despertadas” e orientadas convenientemente em benefício do indivíduo e da raça.

"Este "despertar" do misticismo pode ser induzido pelo carisma pessoal de um líder (FÜHRER), chefe ou guru, especialmente dotado. De fato, todos os fundadores de religiões e ainda os fundadores de simples ordens religiosas, por exemplo, dispuseram de um grande carisma pessoal que lhes permitiu reunir em torno de si a pessoas da mais variada condição a qual se sentia “arrebatada” à nova fé.

"Este carisma, que possuem em alto grau os líderes e que parece ser elemento indispensável para garantir o êxito na condução de comunidades e a fundação de organizações coletivas perduráveis, é o princípio sobre o qual se assenta uma Mística. Em efeito, uma Mística Hiperbórea, ou simplesmente “Mística”, é sempre a percepção coletiva de um carisma que por sua vez pode estar sustentado na presença de um líder visível ou emanar de um pequeno grupo de pessoas ocultas. Mas, qualquer que seja o caso, a vinculação carismática entre viryas sempre tem por centro o sangue, o Símbolo da Origem que constitui a herança comum da linhagem hiperbórea. Esclarecemos agora quem pode desenvolver um centro carismático.

"Quando se fala de esotérico e exotérico, pode dizer-se que o segundo é a expressão profana do primeiro. Assim, uma religião é o aspecto exterior, profano, EXOTÉRICO, de uma DOUTRINA SECRETA ESOTÉRICA, interna, iniciática, guardada por sacerdotes ou gurus de quem emana o carisma percebido pelos fiéis, ao que se denomina MÍSTICA.

"Mas, se bem isto é um fato certo na perpetuação das religiões, no começo do movimento religioso quiçá tenha atuado um líder (Maomé, Jesus, São Francisco de Assis, Manes, etc.) possuidor de um poderoso carisma e expositor de uma Verdade revelada. Atraídos intelectualmente por esta Verdade, mas, fundamentalmente, persuadidos em sua credulidade pelo carisma pessoal, os homens se agrupam harmonicamente junto a esse CENTRO DE PODER que é o líder.

"Nestes e em todos os casos a Mística é expressão de um carisma que, percebido por muitos, atua como agente aglutinante ou ordenador em torno ao OBJETO da Mística (líder, igreja, doutrina, pátria, etc.). Vejamos agora um exemplo. Um exército pode estar mui bem equipado e organizado, mas demonstrar um comportamento medíocre nas operações. A presença de um líder carismático reverterá esta situação introduzindo uma Mística adequada a fim de elevar o rendimento operacional que assegure a vitória. Para isso apelará em princípio ao patriotismo ou à fé. Não importa demasiado, na realidade, o conteúdo conceitual de sua pauta discursiva e oratória, pois a Mística predispõe aos homens a crer e por outra parte, como já vimos, na função guerreira (e sacerdotal) “a forma predomina sobre o ser”. Por isso o chefe apresentará bem claro o estandarte a seguir e o exemplo a imitar. Se exaltará a figura de um herói lendário, um Deus da guerra ou uma Virgem dos exércitos, divindade a que há de se imitar e da qual se espera proteção. Fixam-se consignas, cantam-se hinos, empreendem-se avances ou desfiles, desenham-se uniformes e distinções, bandeiras e escudos, e outras infinitas variantes da “determinação formal”.

"Em pouco tempo se observará uma mudança assombrosa. O exército de ontem, de moral duvidosa e desconfiável eficácia, transformou-se em uma máquina de guerra, em uma estrutura organicamente disciplinada cujo rendimento operacional é imensamente superior. Tal benévolo efeito é obtido ao realizar a função do comando no “marco” de uma Mística.

"Mas, por outra parte, a Mística assim vista é algo claramente morfológico, cuja percepção ocasiona experiências de ordem transcendente. Isto é aludir ao caráter semiótico que a Mística apresenta enquanto FORMA sensível e inteligível, pois, como o símbolo, a Mística revela seu SER a quem é capaz de apreendê-la. Por isso dissemos que: “a Mística é uma FORMA sustentada por um SER chamado CARISMA”.

Páginas atrás definimos a Mística como "a percepção coletiva de um carisma que por sua vez pode estar sustentado na presença de um líder visível ou emanar de um pequeno grupo de pessoas ocultas”. Em benefício da posterior exposição convém estabelecer claramente que se entende por “percepção coletiva de um carisma” nesta definição.

"O carisma é a expressão do Paráclito ou Espírito Santo e SOMENTE EXPERIMENTA-SE SUA RECORDAÇÃO à partir da Minne sanguínea. Isto significa falar de uma experiência absolutamente transcendente e INDIVIDUAL a qual chamamos ÊXTASE MÍSTICO e a qual não é possível nem imaginar relacionada com O COLETICO enquanto este conceito aluda ao relativo a “qualquer reunião de indivíduos”, tal como o define o Dicionário Sopena. O que queremos dizer então ao falar de PERCEPÇÃO COLETIVA do carisma? Resposta: Que, no “marco” da Mística as experiências carismáticas individuais, diferentes e únicas em si mesmas, coincidem sincronisticamente no tempo e espaço. O que não significa em absoluto que tais experiências sejam COLETIVAS no sentido com que denominamos às EXPERIÊNCIAS COMUNS. Ou fenômenos cuja percepção, uma e a mesma, é compartilhada por muitos tais como a observação de um eclipse ou a audição de uma melodia.

"A Sabedoria Hiperbórea denomina “vinculação carismática” ao fato da coincidência carismática no marco da Mística e esta é a única concessão que tem quanto ao COLETIVO”.

"Portanto, quando no marco de uma Mística se estabelece a “vinculação carismática” entre os homens, que não é outra coisa que a “percepção coletiva do carisma” antes mencionada, deverá interpretar-se este fato dando ao COLETIVO a dimensão conceitual de CONSCIÊNCIA ESPAÇO TEMPORAL DE INDIVÍDUOS em lugar da mais corrente idéia de massa ou multidões”. Somos conscientes da dificuldade que entranha esta distinção pelo que trataremos de esclarecer ainda mais a questão no próximo inciso V.

"Recordemos por hora a tese do inciso III. Ali demonstramos que nas funções sacerdotal e guerreira “A FORMA PREDOMINA SOBRE O SER”. Disso se infere que “mediante um adequado manejo da forma pode determinar-se o ser” na função sacerdotal ou guerreira, possibilidade que constitui o princípio do controle de grupos humanos na Estratégia Psico-social. Agora, sendo por definição a Mística “UMA FORMA QUE REVELA AO SER, O CARISMA”, se compreende que a Mística é o instrumento FORMAL adequado para operar sobre as comunidades humanas no objetivo de “fixar” qualitativamente as funções sacerdotal ou guerreira ou simplesmente para “evocar” um arquétipo coletivo determinado. Por isso a Mística, tal qual a temos definido aqui, é o sistema empregado tradicionalmente pelos Grandes Guias Hiperbóreos da humanidade, por

exemplo, o Führer, quem conseguiu produzir a “vinculação carismática na totalidade do povo alemão”.

Outro parágrafo da mesma obra pode contribuir a esclarecer ainda mais o fundamental tema da vinculação carismática do Cordão Dourado.

" **b - TESE-** Recordemos o último conceito do INCISO IV.

"Temos estabelecido um fato: a Mística é uma estrutura morfológica continente cujo conteúdo, ontológico, é um ser chamado carisma. E o carisma ou agente carismático, segundo vimos, é a expressão do Paráclito ou Espírito Santo o qual, assim como também Deus enquanto Espírito Santo é Deus mesmo, se manifesta no plano absolutamente transcendente ao plano imanente da matéria. O Paráclito, portanto é inexperimentável e inapreensível no plano físico, e se sua expressão, o carisma, é perceptível para alguns homens isso é somente em virtude da recordação contida da Minne. O que significa falar de uma experiência individual dado que a Minne é algo pessoal”, diferente de uma pessoa para outra. A “vinculação carismática” de mais de um homem, vários ou muitos é o mesmo, somente pode dar-se no marco de uma Mística.

"Mas a "vinculação carismática" entre viryas que se experimenta no marco de uma Mística é, como vimos, um fenômeno sicronístico e acausal, ou seja, um fenômeno que NÃO OCORRE POR CAUSA de interações de campos de força (magnético, elétrico, gravitatório, elétrico, astral, estruturador de forma, prânico, akácico, etc.), pois isso equivaleria a admitir relações causais nos fenômenos de carisma coletivo entre viryas.

"Porém, a hipótese dos campos de força ou magnetismo coletivo é a mais aceita, inclusive dogmaticamente, na moderna psicologia de massas e a razão disso é que os mencionados campos parecem possuir existência real e gerar em parte diversos fenômenos de psicologia coletiva. Mas tais fenômenos coletivos CAUSADOS por campos de magnetismo animal ou humano nada tem a ver com a “vinculação carismática” manifestada aos homens em virtude de uma Mística.

"Para a Sabedoria Hiperbórea não existe o fato da massa de homens (VIRYAS), nem ainda em plena multidão. Sempre, sós ou reunidos, próximos ou distantes, os VIRYAS permanecem UNO no mistério de sangue e se algum laço existe entre eles este será o da ÁURA CÁTENA, o cordão dourado, sincronístico não causal, do Símbolo da Origem que liga, fora do determinismo material do universo, à raça divina de CRISTO-LÚCIFER. Por isso a “vinculação carismática” é transcendente e individual, homem por homem, VIRYA POR VIRYA, e se envolve a um número de homens no

marco de uma Mística; estes não devem ser considerados de nenhum modo massa ou multidão. Contudo, a Sabedoria Hiperbórea aceita que em animais ou animais-homens (pasu) ocorrem fenômenos de campo de força devido à unidade genética de todo o existente dentro do contínuo espaço tempo em que se manifesta a ação ordenadora de Jehová-Satanás o Demiurgo da matéria. O importante é compreender agora que enquanto se considera às massas ou multidões do ponto de vista quantitativo e causal, sujeitas a fenômenos psicológicos de campo de força ou magnético, estamos cometendo um erro grosseiro da perspectiva hiperbórea e correndo o risco esotérico porquanto aas "forças coletivas" que atuam nas populações animais ou de animais-homem (pasus) são de ordem satânica ou demoníaca; tecnicamente denominadas no ocultismo "projeções arquetípicas na luz astral" ou egrégora, ou seja, arquétipos coletivos vitalizados e "liberados" fora do homem e fora dos homens, mas com capacidade para atuar sobre os homens.

"Esta errônea concepção tomou tal auge nas ciências políticas e sociais que, ainda na Alemanha, e o que é pior até o Partido NS, havia quem não "VIA" hiperboreamente ao povo como o conjunto de VIRYAS que são, mas que VIAM, sinarquicamente, massa e multidão.

"Mas sem visão hiperbórea não pode haver compreensão da missão do FÜHRER que é conduzir ao povo, como um só VIRYA, até a mutação coletiva do fim de KALY YUGA, tornando efetiva a promessa de CRISTO-LÚCIFER e transmutando ao homem em super-homem, são VIRYA em SIDDHA imortal, num despertar coletivo que, contudo é pessoal e secreto, porque se dará nos 7 ciclos e além do céu, para cada um.

A visão sinárquica do homem-massa, em compensação, dá uma idéia de rebanho que somente pode conduzir a uma concepção coletiva da sociedade e do estado, tal como ocorre com os socialistas e marxistas ou uma democracia liberal onde o estado, controlado por oligarquias políticas e máfias econômicas, se assenta nas massas sufragistas, cujas maiorias não exercem nenhum controle real sobre seu destino histórico e são simplesmente reduzidas a "classes" submetidas em que se encontra imersas e a sua individualização definitiva ao Eu desperto no selbst. É o fim do Kaly Yuga ou Idade Obscura.

A visão sinárquica significa continuar na ordem causal, sujeitos à lei da evolução e às pautas do progresso material em que se fundamenta a civilização ocidental. Significa a imersão cada vez maior do indivíduo no coletivo, marchando a História a uma sociedade mecanicamente complexa na qual o homem desaparecerá como uma atrofia de seu eu, objetivo indispensável para cumprir o final da visão sinárquica que é o Governo Mundial. "Mas neste super-governo imperará a ordem da colméia: um gigantesco formigueiro mundial regido por uma hierarquia endógama provavelmente hebraica. O Deus mundial? Jehová-Satanás".

O VIRYA DESPERTO: EM BUSCA DO PRINCÍPIO DO CERCO

A - Teoría análoga do virya desperto.

Na Segunda Parte se explicará em detalhe o modo como um virya perdido pode transformar-se em virya desperto, modo que consiste basicamente em uma atitude do Eu perdido denominada “graciosa luciférica”. Aqui vamos explicar, analogamente, que se espera obter com tal atitude e nos referiremos, para isso, ao esquema da figura 29.

A linha côncava AB representa ao Símbolo da Origem, sobre a qual se reflete o Eu Infinito. Mas, segundo vimos em “I”, existe uma hipóstase do Eu Infinito chamada “Eu perdido” que se identifica e confunde com o sujeito consciente, conformando a pessoa do pasu: esta hipóstase, o Eu perdido, não pode estar em outro lugar da figura que diretamente sobre a linha AB. A este Eu perdido, substancial e temporalizado, e ao qual se busca transcender por meio da atitude graciosa luciférica. Buscando o que? O Eu desperto, insubstancial e atemporal, que é um reflexo puro do Eu Infinito, ou seja, do Espírito Eterno. E onde pode ser representado, na figura 29, o Eu desperto? Para encontrar a resposta devemos advertir, antes de tudo, que POR SEU CARÁTER INSUBSTANCIAL, O EU DESPERTO NÃO PODE ESTAR NA ESFERA DE CONSCIÊNCIA, POIS A MESMA É INTEGRAMENTE ENERGÉTICA, A SABER, SUBSTANCIAL. Convenhamos, então, que o Eu desperto se encontra FORA DA ESFERA DE CONSCIÊNCIA, NUM PONTO CHAMADO SELBST.

Na figura 30 temos representado o selbst mostrando=o analogamente como um FOCO no qual se concentra o reflexo do Eu Infinito sobre o Símbolo da Origem AB. O selbst, que é semelhante a um foco mais que a um “centro”, reflete sinteticamente ao pólo infinito como “Wu desperto”. Assim, o virya desperto se define como “aquele que transladou seu Eu ou ao selbst”.

Como veremos na Segunda Parte, à medida que se vai ocupando o selbst, se gera em seu torno uma nova esfera chamada EHRE. Tal esfera é notadamente hiperbórea, própria dos homens semidivinos ou viryas. E o que

contém tal esfera, fora do centro-foco selbst, assento do Eu desperto? Resposta: VONTADE EGÓICA. Ehre, em efeito, é uma esfera de vontade, MAS ESTA VONTADE NÃO É UMA ENERGIA QUE PROVÉM DO MICROCOSMO, NEM SEQUER DO MACROCOSMO, SENÃO UM APORTE EXTRA EFETUADO POR UM AGENTE CARISMÁTICO CONHECIDO COMO "PARÁCLITO". Por isso a vontade do virya desperto se denomina "graciosa" porque a GRAÇA do Paráclito o tem dotado de uma força sobre humana e heróica. Ainda que tudo isto seja explicado claramente na Segunda Parte, podemos adiantar a natureza do Paráclito: É O CONTATO TRANSCENDENTE COM A VONTADE DO INCOGNOSCÍVEL, OU SEJA, DO DEUS HIPERBÓREO. Mas este "contato somente pode efetuá-lo o Eu desperto a partir do selbst.

Na figura 31 podemos observar a esfera Ehre, de vontade egóica, rodeando ao selbst. Comprovamos ali que Ehre se trata de uma esfera ABERTA PELA PARTE SUPERIOR, e que o oco se denomina VRIL. Tal como veremos, ao estudar a Teoria dos Siddhas Berserker, o Vril é o último passo que lhe resta por dar ao espírito aprisionado antes de obter a definitiva libertação: QUANDO O EU DESPERTO CONSEGUE, A PARTIR DO SELBST, MIGRAR ATÉ O SÍMBOLO DA ORIGEM E, POR REFLEXO, VÊ AO ESPÍRITO-ESFERA REVERTIDO, ENTÃO ESTÁ EM CONDIÇÕES DE EFETUAR A ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA DO ESPÍRITO, OU SEJA, TORNAR O ESPÍRITO REVERTIDO À SUA NORMALIDADE. Pode, assim, transmutar-se empregando O PODER DO VRIL. Mas esta operação será explicada analogamente em outro artigo.

Por ultimo, é claro agora que, devido à dualidade essencial alma-Espírito, no virya existe dois núcleos de si mesmo: uma é o esquema de si mesmo animado pelo sujeito consciente, cuja essência é temporal, e outro é o selbst, animado pelo Eu desperto, um sujeito atemporal. O sujeito consciente revela a alma transmigrante e imortal A CONSCIÊNCIA DE SI MESMA no microcosmo. O Eu desperto revela ao Espírito Eterno A GNOSE DO SELBST no microcosmo.

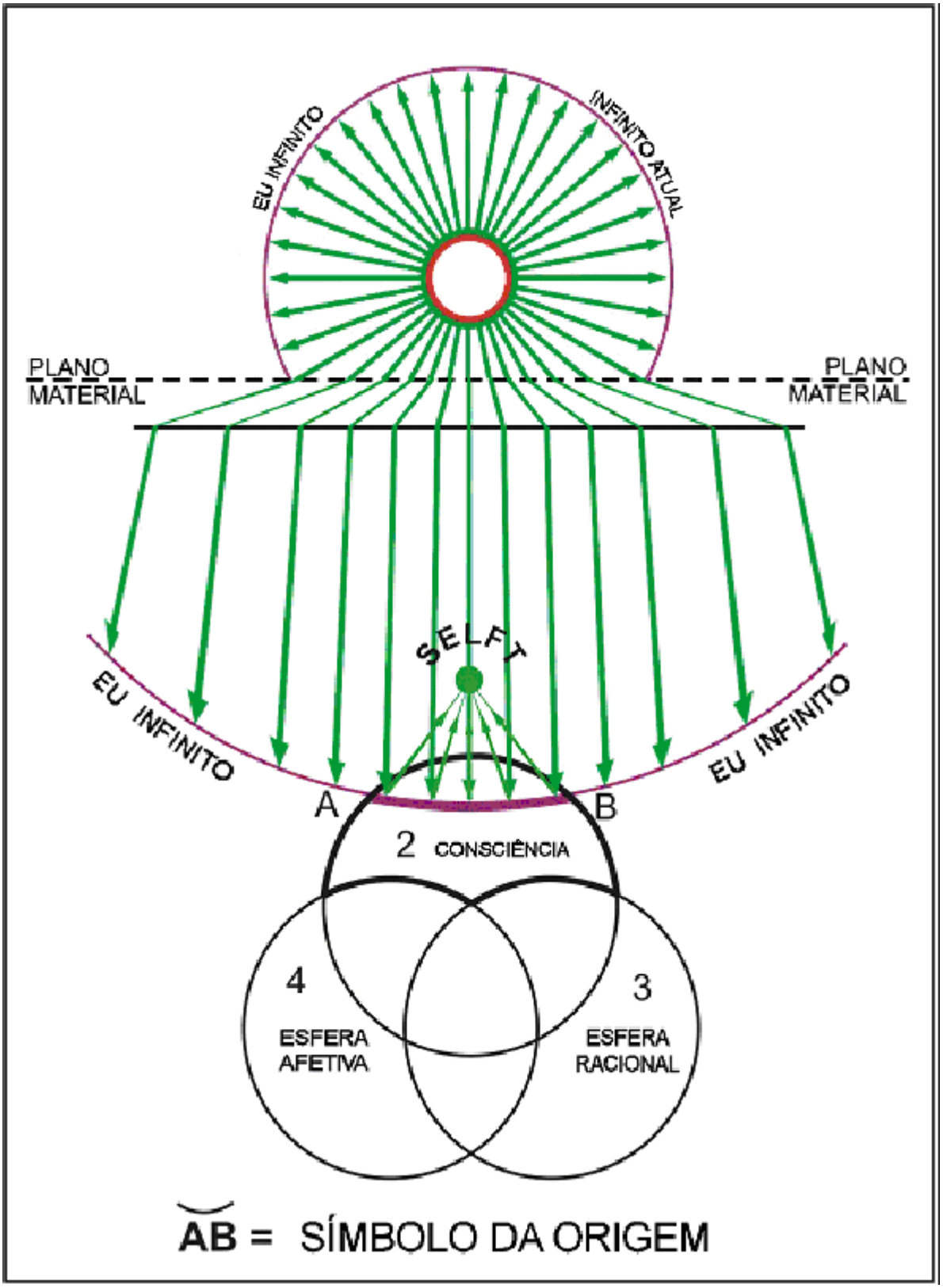

EU INFINITO
INFINITO ATUAL
PLANO MATERIAL
PLANO MATERIAL
SELFT
EU INFINITO
EU INFINITO
A
B
2 CONSCIÊNCIA
4
ESFERA AFETIVA
3
ESFERA RACIONAL
AB = SÍMBOLO DA ORIGEM

FIGURA 30

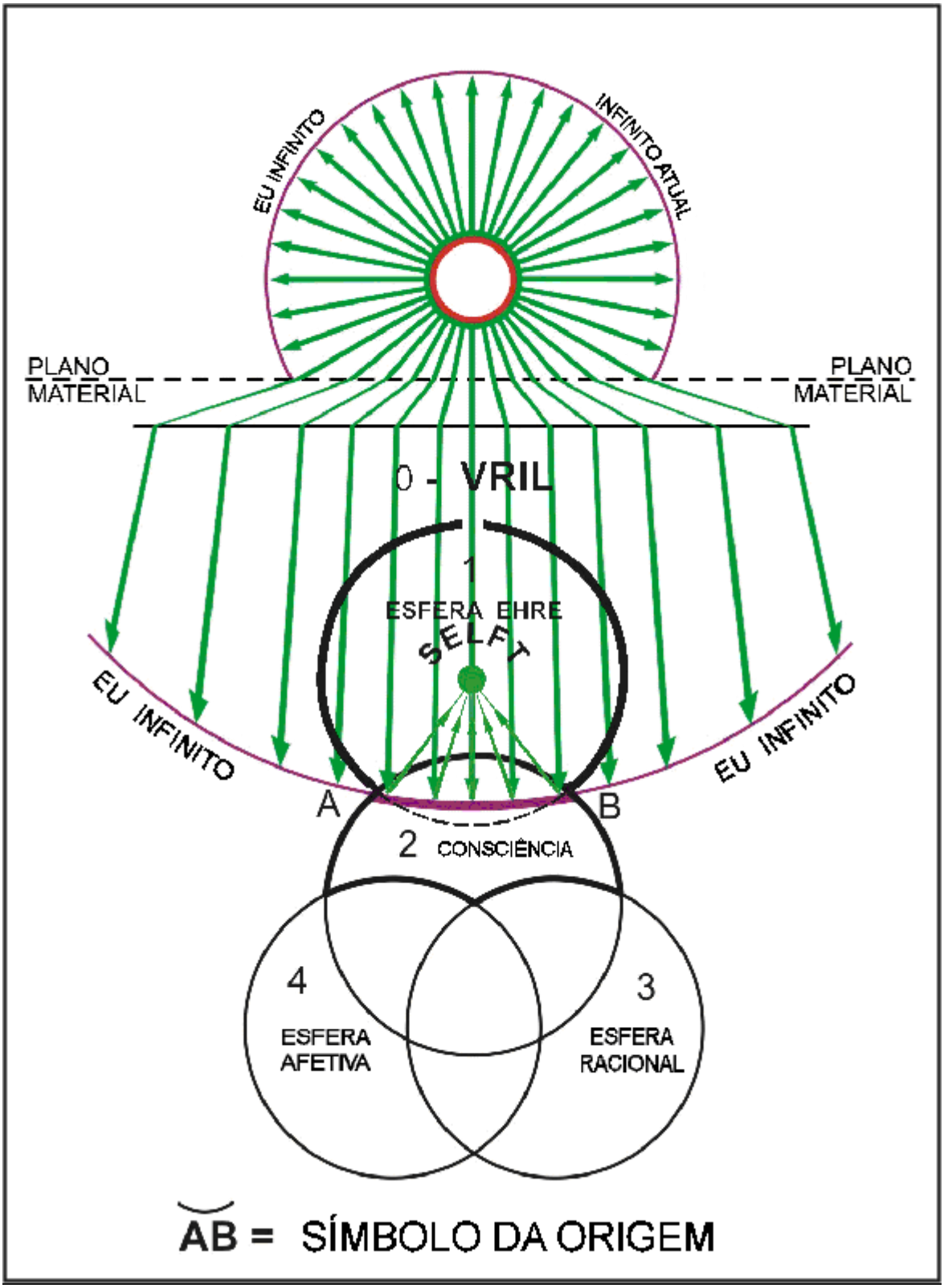

EU INFINITO
INFINITO ATUAL
PLANO MATERIAL
PLANO MATERIAL
0 - VRIL
1
ESFERA EHRE
SELFT
EU INFINITO
EU INFINITO
A
B
2 CONSCIÊNCIA
4
ESFERA AFETIVA
3
ESFERA RACIONAL
AB = SÍMBOLO DA ORIGEM

FIGURA 31

B - Estrutura psíquica do virya desperto.

Com a incorporação da esfera de vontade egóíca Ehre ao esquema psíquico básico do pasu, tal como se vê na figura 31, ficou completo o esquema psíquico do virya. Recordemos que o esquema psíquico do pasu representado nas figuras 11 e 11b respondiam a uma sistemática de círculos excêntricos, na qual a esfera (2) de consciência cumpria um papel central. Na figura 31 comprovamos que a esfera (2) continua sendo central enquanto que as esferas afetiva (4), racional (3) e Ehre (1) são excêntricas e, além do mais, que todas elas determinam certos recintos ao intersectar-se entre si. Mas, de acordo com o visto no inciso 'Sistemática de círculos excêntricos': "Se os círculos excêntricos são sustentáculos de conceitos simples, uma combinatória de círculos formará RECINTOS contendo conceitos complexos, ou seja, específicos". Com a finalidade de por aos círculos e recintos da figura 31 em relação de correspondência com os conceitos estudados, o que nos permitirá resumir sistematicamente todo o visto até aqui, temos desenvolvido na figura 32 um esquema da estrutura psíquica do virya.

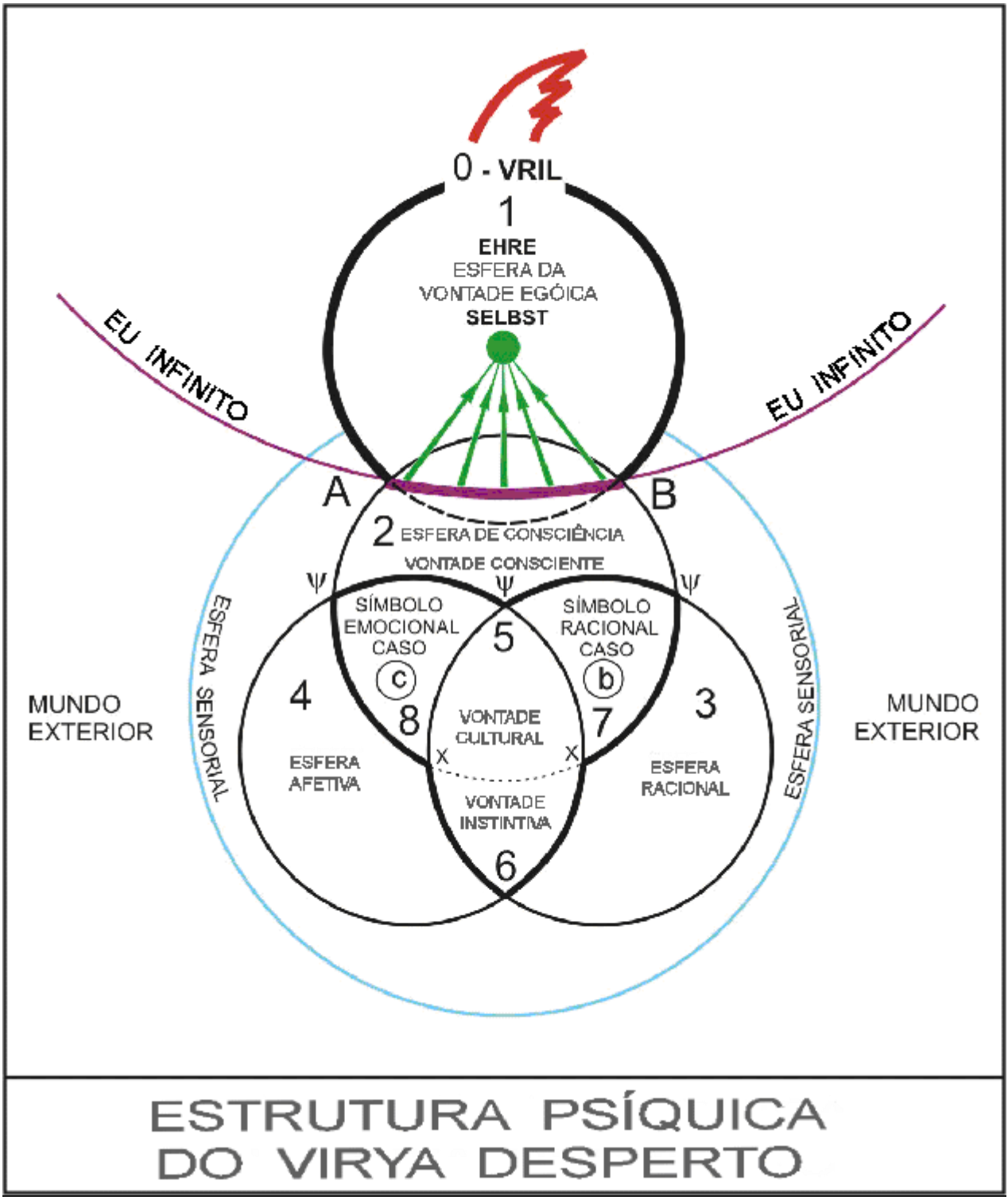


FIGURA 32

Neste artigo vamos nos ocupar de descobrir conceitualmente a figura 32 a partir do seguinte parâmetro de analogia: A VONTADE. Comecemos, pois, o primeiro círculo excêntrico (1) que representa a esfera de vontade egóica Ehre. Encontra-se aberto por cima para assinalar o ponto absoluto (0) onde o divino contato com o humano, onde a Graça do Paráclito se transforma

em vontade graciosa. Sobre o ponto (0) uma língua de fogo indica a presença do Paráclito.

O círculo (2) corresponde à esfera de consciência, na qual atua o sujeito consciente, por tal razão se assinalou a “vontade consciente” como a força que permite atuar neste sujeito.

A intersecção dos círculos (1) e (2) determina o recinto (9), em que está contido o arco AB do Símbolo da Origem e, sobre ele, o Eu perdido. Isto significa que, ainda quando o Eu perdido é uma hipóstase, confundida com o sujeito consciente da esfera de luz, também requer para SUA PRÓPRIA ATIVIDADE o aporte da vontade egóica. Compreende-se, observando a figura 32, que se a vontade egóica diminui, caso se reduza ao círculo (1), também se enervará a atividade do Eu perdido, pois o recinto (9) será cada vez menor. Assim, “a menor vontade egóica, menor capacidade do Eu para atuar”. Tal conseqüência é claramente nietzschiana.

Os recintos (5), (6), (7) e (8) conformam, como sabemos, a esfera de sombra (ver figura 22). Analisemos o conceito que corresponde a cada um. Os círculos (3) e (4) se intersectam entre si sobre a área do círculo central (2), conformando o recinto triangular (5). Tal recinto, o único de tripla ampliação, representa ao espaço que contém a estrutura cultural com “**xx**”, junto ao lado inferior, se tem assinalado a presença horizontal de um sistema **xx**. No recinto (5), no nível estrutural **xx**, tem término o sujeito cultural y, por isso se indica com “vontade cultural” à força que emprega tal sujeito para atuar.

O recinto (7), formado pelos círculos (2) e (3), é análogo à região da esfera de sombra onde tem lugar os casos (b), ou seja, aqueles símbolos emergentes com inclinação à esfera racional (ver figura 23).

O recinto (8), formado pelos círculos (2) e (4), é análogo à região da esfera de sombra onde tem lugar os casos (c), ou seja, aqueles símbolos emergentes com inclinação à esfera afetiva (ver figura 23).

É evidente que, salvo o recinto (6), todos os restantes setores se encontram incluídos na área de esfera de consciência. Em outras palavras: os recintos (9), (5), (7) e (8) correspondem a alguma forma de consciência posto que a envolva em suas regiões. Pelo contrario, a combinação das esferas afetiva (4) e racional (5) produz algo, no recinto (6), QUE NÃO É CONSCIÊNCIA EM ABSOLUTO, mas que TOCA À CONSCIÊNCIA POR UM LADO **(xx).** Isto é a “vontade intuitiva” do sujeito racional ou razão. Para maior clareza convém recordar que a estrutura cultural se encontra em correspondência biunívoca com a memória arquetípica ou cérebro; ou seja, que sob o sistema **xx** (recinto 5), se encontra o cérebro (recinto 6).

Em efeito, o lado **xx** que separa os recintos (5) e (6) é análogo à fronteira que separa a estrutura cultural (5) e a memória arquetípica (6). Então, no recinto (6), tem seu termo o sujeito racional ou razão, o qual atua por meio da vontade instintiva. Esta vontade, apontada ao orgânico, à vida, ao mundo, é a figura que emprega a razão para interpretar os desígnios dos entes e atualizar seus esquemas no recinto (5).

Resumindo, como o recinto (6) está substancialmente formado pelas esferas afetiva (4) e racional (3), ocorre que a vontade instintiva será achada, quando menos, RAZOÁVEL OU AMÁVEL, AINDA que em todos os casos CEGA de consciência.

C - Em busca do princípio do cerco.

Neste e nos artigos seguintes vamos nos referir a técnicas e modos estratégicos de operar que foram de uso corrente, mas secreto, durante muitos séculos em certas Ordens hiperbóreas ocidentais. Em nossa novela de divulgação "A Estranha Aventura..." mencionamos algumas, começando pela ordem negra SS, a Thulegesellschaft, a Ordem Einherjar fundada por John Dee em 1586, etc., e até fizemos a descrição de uma cerimônia por um grupo de viryas despertos, que se transmutavam em Siddhas Berserker para celebrar um estranho ritual. Esse ritual se efetuava sobre a base de uma técnica secreta da Sabedoria Hiperbórea conhecida como VIA DA OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA, a qual se empregava um CERCO ESTRATÉGICO ou ARQUÊMONA. O que é uma arquêmona? Resposta: um cerco, real ou imaginário, produzido pelo sujeito cultural como símbolo sagrado E SOBRE O QUAL O EU DESPERTO ROJETA O POLO INFINITO; a arquêmona OPERATIVA é, assim, UM CERCO INFINITO, ou seja, UM CERCO AO QUE SE É IMPOSSÍVEL SITIAR COMPLETAMENTE, COBRINDO TODO SEU PERÍMETRO.

Não nos estendamos mais, por hora, sobre a técnica arquemônica a que somente poderemos compreender se previamente respondermos a estas perguntas: para que necessita o virya desperto aplicar tal técnica arquemônica, ou seja, que efeito prático, qual benefício lhe reporta a seu propósito de libertação espiritual? Como veremos em seguida, esta pergunta só adquire sentido se admitir-se que o virya desperto é um guerreiro, um herói que deve lutar sem trégua para abrir caminho em terreno inimigo, ou seja, no mundo do Demiurgo, onde se encontra prisioneiro. A outra pergunta é: como se efetua, ao menos em teoria, a técnica arquemônica e, o que é mais importante, de que meios se vale o virya desperto para desenvolver seu domínio? Ou seja, como descobre o princípio do cerco, quem o inicia, quem o revela?

Dar resposta às últimas perguntas é o que nos vai levar “em busca do princípio do cerco”, uma busca durante a qual veremos revelado, em forma alegórica, o Mistério da Canção de A-mort dos Siddhas, ou seja, a verdadeira fonte iniciadora em seu princípio do cerco, mas uma iniciação que se dá diretamente no sangue puro, sem intermediários de nenhuma espécie, por vinculação carismática.

Como dissemos, empregaremos aqui conceitos da Ordem Einherjar, antiga precursora da Thulegesellschaft e das **SS**.

D - Necessidade de fazer um alto na luta.

Situemos o problema dentro de seus justos limites, fazendo um resumo.

Já falamos dos VIRYAS, homens semi-divinos que possuem em seu sangue a herança dos Deuses Hiperbóreos chamada, para simplificar, “Minne”. Dissemos também que os VIRYAS podiam estar “perdidos” ou “despertos” e definimos o “virya perdido” como aquele que tenha “extraviado da origem” por causa de uma “confusão de sangue”. A confusão sangüínea provoca um estado psicológico de grande extravio ao que se denomina tecnicamente “confusão estratégica”. Conseqüentemente, a “purificação sangüínea” que facilita a Sabedoria Hiperbórea por sete vias secretas, produz uma “reorientação estratégica” no virya perdido possibilitando-o empreender “ou re-empreender) o regresso à origem e ao abandono do mundo infernal da matéria. O “virya perdido, já o dissemos, se encontra em um abjeto estado de aprisionamento material que o obriga a sujeitar-se às leis do Karma, a reencarnar periodicamente e viver, ou reviver, uma eterna e miserável comédia assinalada pela ilusão sinistra da dor, do medo e da morte. No “Grande Engano” da vida o virya perdido pode ocupar qualquer posto e inclusive “colaborar” com o “Plano” ”evolutivo” e ”progressista de Jehová-Satanás, ou com seu “sistema de controle social” chamado, também para simplificar, “Sinarquia”. Em tal deplorável quadro, que apresenta o virya perdido, ainda que tenha como causa metafísica a confusão de sangue, a debilidade da linhagem hiperbórea, sua raiz mais concreta se encontra, sem dúvida, na identificação do Eu perdido com o sujeito consciente. Segundo se explicou, tal confusão é efeito da chave genética cujo objetivo é, justamente, que o virya perdido se comporte e evolua como um pasu.

Mas, pode ocorrer que o virya perdido DESPERTE e compreenda que deve procurar a libertação do Espírito cativo, marchar ao centro selbst, ainda que deva lutar para isso.

POR ISSO o "virya desperto" merece nosso maior respeito. Ele é quem se pôs em “alerta” ao comprovar sua “desorientação” e, com firme decisão, intrepidez e valor guerreiro, começou a buscar a origem para, depois, empreender seu regresso. Esta decisão não será respeitada pelo inimigo quem tratará por todos os infinitos meios a seu alcance de confundir ao ousado desafiante, buscando impedir-lhe que descubra o MODO DE REGRESSAR, induzindo-o, pela ilusão e engano, a quebrar seu “alerta”. É por isso que o virya desperto somente poderá ter êxito se atua NO MARCO DE UMA ESTRATÉGIA HIPERBÓREA. Para isso deverá assumir completamente sua condição de guerreiro, buscar na recordação contida NO sangue as potências primordiais do espírito imortal, a força do Vril e, num estalo gnóstico, recuperar a HOSTILIDADE ESSENCIAL pelo mundo material do Demiurgo, experimentar o FUROR BERSERKER. Então, já dono de uma vontade inquebrantável, inspirado na Sabedoria Hiperbórea da qual é portador pela herança dos Siddhas Ancestrais, deslocará sua ESTRATÉGIA PRÓPRIA concebida para OPOR-SE à ESTRATÉGIA INIMIGA e vencer. A partir daí, somente realizará MOVIMENTOS ESTRATÉGICOS, AÇÕES TÁTICAS, dirigidas a NÃO PERDER DE VISTA A ORIGEM enquanto se executam os PASSOS DE RETORNO. E, em meio do fragor do combate, o que é pior, na espera do mesmo, quando as forças inimigas mascaradas em formas ilusórias deste e de outros mundos deixam transluzir sua ameaça diabólica, o virya desperto busca friamente FAZER-SE DE UM TEMPO, por mínimo que seja para MOVER-SE EM DIREÇÃO À ORIGEM. O direito a dispor desse TEMPO PRÓPRIO, quiçá tão fugaz como o menor instante, deve ser ganho em uma luta feroz contra as legiões demoníacas do Demiurgo, contra o feitiço poético que exerce o mundo sensível (com suas mil concupiscências possíveis) que chamamos Grande Engano, enfim, a Vontade do Uno. Parece tarefa impossível. A Sabedoria Hiperbórea, e ainda a Tradição Gnóstica, afirmam que sim, é possível. Mas, então, como fazê-lo?

Sobre a resposta a essa pergunta tratam as sete vias secretas da Sabedoria Hiperbórea. Aqui, tal como anunciamos, vamos responder com a linguagem simbólica da Einherjar, cujos membros dominavam a via da oposição estratégica e a técnica arquemônica.

Comecemos por esclarecer o significado etimológico da palavra arquêmona e o sentido que denota na Sabedoria Hiperbórea. Arquêmona, antes de tudo, é uma palavra composta por dois vocábulos gregos **αρχη** = PRINCIPIO e **υοναϛ** = UNIDADE. A iniciação pela técnica arquemônica permite alcançar a um PRINCIPIO ÚNICO da psique, a saber, a individualização egóica do selbst, de onde é factível experimentar a possibilidade pura do Espírito ou Vril: tal é o sentido hiperbóreo de arquêmona.

Para os BERSERKIREN, iniciados da EINHERJAR, o "mundo" no qual ocorre a vida cotidiana é simplesmente um “campo de batalha”, uma PALESTRA ocupada pelos inimigos mortais aos quais se deve combater sem trégua, pois eles “cortam o caminho de regresso”, “obstrui a retirada” e pretendem “reduzir-nos a mais vil escravidão” que é “a submissão do Espírito Esterno à matéria”, seu “aprisionamento ao Plano Evolutivo do Demiurgo e sua corte de Demônios”. O “mundo” é, então, para os Berserker: O VALPLADS.

Na mitologia nórdica e nas EDDA, o Valplads é o campo de batalha onde Wotan elege aos que caem lutando pela honra ou a verdade. A Ordem Einherjar, baseando-se na Sabedoria Hiperbórea, estendia o conceito de Valplads a todo o “mundo”. Mas o “mundo” é o macrocosmo, dentro do qual subsiste o microcosmo potencial do virya desperto; a realidade desse “mundo”, que rodeia como Valplads ao virya desperto, é Maya, uma ilusão. Eis aqui um grande Mistério, que justifica e explica a necessidade de “gerar um ponto firme” no Valplads: ele se refere ao Terrível Segredo de Maya, capaz de contra-atacar toda estratégia executada fora do Kairos.

Não existe, pois, um lugar onde o guerreiro possa descançar suas armas, um lugar no qual por um segundo sequer seja possível distrair sua atenção do inimigo e fixa-la no Símbolo da Origem ou em seu reflexo, o selbst? Resposta: Nem tal lugar nem tal tempo EXISTEM POR SI MESMO, MAS PODEM SER CRIADOS ESTRATEGICAMENTE. No Valplads não cabe outra possibilidade mais que combater ou reduzir-se, alternativa esta última, que implica fundir-se no pior grau de estupidez do virya perdido. Mas, quem combate sempre tem a possibilidade de “liberar” um lugar, uma PRAÇA, e fazer-se forte nela. Para que tal possibilidade se concretize na luta do virya desperto, a Sabedoria Hiperbórea ensina a via da oposição estratégica e sua técnica arquemônica.

A arquêmona ou cerco estratégico se baseia num princípio duplo, originado na dualidade alma- Espírito do virya. Concorrem, em efeito, sobre o cerco dois princípios: um, arquetípico, é o principio do cerco, EXPRESSO NO VALPLADS COMO SIGNO PELO SUJEITO ANÍMICO; outro, não arquetípico, é o pólo infinito refletido no selbst, que o Eu desperto PROJETARÁ SOBRE O SIGNO DO CERCO, produzindo assim um CERCO INFINITO.

Mas o que é o princípio do cerco? Resposta: Um sistema da estrutura cultural, ou seja, uma Relação e seus Princípios. O virya desperto deve conseguir que o sujeito cultural localize, na Relação, o conceito do princípio do cerco, e que imerge sua representação, seu símbolo sagrado. Então poderá ser expresso fora, no Valplads, como signo doador de sentido, aproveitando

para a estratégia própria a possibilidade que dá o objetivo microcósmico da finalidade do pasu.

Para dar una idéia intuitiva do princípio do cerco convém expressá-lo em termos de teorema matemático, ainda que, cabe adverti-lo, nesta forma o princípio é totalmente inoperante, pois seu significado se denota no contexto de uma linguagem exclusivamente cultural; o princípio do cerco operativo, que deve descobrir o virya, há de ser descoberto, como os mitos, de conceitos oblíquos e não habituais da Relação. Para isso, deverá "criá-lo com a fantasia" e depois refletir o sujeito consciente para que perceba sua forma, ou seja, o Eu desperto deverá ENGANAR O SUJEITO CULTURAL E À RAZÃO, obrigando-os a raciocinar e descobrir para o Eu, como mito emergente, a verdadeira imagem do princípio do cerco. Mas, de qualquer maneira, aqui vai sua formulação matemática: "TODA CURVA CERRADA DIVIDE A SEU PLANO EM DUAS PARTES". Uma curva cerrada pode ter qualquer forma, quadrada, circular, elíptica, etc., mas sempre apresenta o fato qualitativo que divide a seu plano em duas partes. A propriedade geométrica topológica que expressa este teorema, facilmente intuído, permite incluir o princípio do cerco porque "toda curva cerrada" é o caso mais abstrato de "cerco": um conceito da Relação "cerco" expresso em linguagem matemática.

A técnica arquemônica permite a todo virya desperto aplicar a função do cerco no âmbito do Valplads e "dividir o espaço em duas partes". Para isso o virya projeta o signo do cerco pondo tal sentido separador no ente espacial do mundo. Sobre tal signo o Eu desperto projeta, por sua vez, o pólo infinito, mediante um supremo esforço de "vontade graciosa", vontade do virya que será estudada na Segunda Parte. Cria-se assim, um ESPAÇO ESTRATÉGICO ou ARQUÊMONA dentro do cerco, uma PRAÇA que será imediatamente ocupada pelo virya desperto e que lhe dará a oportunidade segura de ganhar alguns passos definitivos até o centro. O TEMPO PRÓPRIO imprescindível para tal trânsito O CRIARÁ desde a arquêmona, por meio da OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA, técnica que requer A DEFINIÇÃO DE UM LUGAR, UM PONTO NO VALPLADS, ou seja, fora da arquêmona: tal ponto exterior de enfrentará ao pólo infinito, o qual impedirá que a isotropia do tempo transcendente contamine temporalmente a área do Valplads.

Há de se reconhecer aqui que todas as dificuldades do virya desperto por reorientar-se ou estabelecer definitivamente no selbst, dificuldades interiores que provém da impureza de sangue, impedem a este a alcançar a autonomia ôntica a qual tende sua natureza pasu. Essa é a principal fonte de dificuldade, pois, existindo como microcosmo potencial, o virya não pode evitar a dualidade temporal já estudada: subsistir no tempo transcendente e, por sua vez, possuir um sujeito consciente que coexiste num tempo imanente e transversal. Por isso o virya necessita imperiosamente livrar-se do tempo transcendente, desalojar-lo de sua estrutura psíquica, evitar que sincronize

seus relógios interiores com os relógios padrão do macrocosmo. E não pode. Para isso, apurar o objetivo microcósmico, raciocinar o esquema de si mesmo, ser pura consciência: isso implicaria cumprir a enteléquia do Arquétipo Manu e adquirir a autonomia ôntica, objetivo que jamais se permitirá cumprir um virya desperto. O que fazer, então? O virya desperto deve partir, sem preocupar-se por isso, do grau evolutivo que tenha alcançado seu microcosmo potencial E PROCEDER A ISOLÁ-LO TEMPORALMENTE A PARTIR DE FORA, POR MEIO DA TÉCNICA ARQUEMÔNICA.

Quando o virya desperto se situa na praça, e pratica a oposição estratégica, em efeito, o tempo transcendente é anisótropo em direção da área cercada; então, que tempo transcorre dentro da arquêmona, no espaço da praça que rodeia ao virya? E, o que é mais interessante, que tempo transcorre PARA o microcosmo? Resposta: Em princípio, ao ceder a isotropia do tempo transcendente sua penetração nas estruturas do microcosmo, este se vê subitamente inundado de tempo imanente; mas tal ocupação somente significa que o microcosmo subsiste agora no tempo imanente e não implica "maior consciência" de modo algum; Pelo contrário, tal difusão do tempo imanente, ou seja, da consciência, no microcosmo, pode determinar na maioria dos casos a dissolução do sujeito consciente; por isso é que esta via de libertação não é recomendável para os viryas perdidos, que tenham seu Eu perdido identificado com o sujeito consciente e podem sofrer a sorte deste. O virya desperto, em compensação, sempre será capaz de diferenciar-se do sujeito consciente, pois ele não considera imprescindível a consciência desde o momento que dispôs da gnose, esse saber instantâneo e infalível que se obtém pela vinculação carismática do Cordão Dourado. Entretanto, não é improvável que a prática da técnica arquemônica redunde na efetiva autonomia ôntica do microcosmo; nesse caso, o virya disporá de uma oportunidade de transmutar-se em Siddha Berserker.

Por outra parte, seja qual for o caso, o certo é que fora do microcosmo, mas dentro da arquêmona, transcorre UM TEMPO PRÓPRIO DO VIRYA DESPERTO, CRIADO CARISMATICAMENTE PELO POLO INFINITO DO ESPÍRITO E A GRAÇA DO PARÁCLITO DURANTE A "OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA". Mas deixemos para mais adiante a descrição da oposição estratégica e continuemos avançando, mais um pouco, "em busca do princípio do cerco".

Recordemos agora a primeira pergunta feita no artigo "C': para que necessita o virya desperto aplicar a técnica arquemônica, ou seja, qual efeito prático, qual benefício lhe reporta para seu propósito de libertação espiritual? Talvez, com o já visto, pareça respondida suficientemente esta pergunta. E nada seria tão equivocado como crer nisso. Pois, com todo rigor, a resposta a tal pergunta jamais poderia ser exata se não compreender-se em suas considerações ao Terrível Segredo de Maya, cujo conhecimento demonstra ao

menos avisado que, a miúdo, aplicar a técnica arquemônica não constitui um mero jogo, senão uma inevitável e desesperada ação de guerra com o fim de evitar cair aniquilado pelo Demiurgo. O comprovaremos no próximo artigo, onde a pergunta adquirirá sua verdadeira dimensão.

E – O terrível Segredo de Maya.

Vamos tocar aqui um dos Mistérios mais herméticos que existem que se refere à Maya, a ilusão do real. Mas tal hermetismo não obedece, como muitas charlatanices ocultistas, ao mero afã de velar um símbolo sagrado, a saber, a intenção de tornar esotérica a verdade representada pelo símbolo sagrado. O que ocorre neste caso é que maya é a palavra que designa um terrível segredo, uma dessas idéias capazes de transtornar a mente mais equilibrada e racional. Por isso o segredo de maya tem sido terminantemente velado. E se aqui nos decidimos a revelá-lo, por ser necessário explicar a teoria da técnica arquemônica, o faremos depois de efetuar uma clara advertência.

Sugerimos ao leitor, em efeito, que, ainda que haja tomado conhecimento do segredo de Maya, não se detenha a meditar demasiado nesta idéia, pois a mesma pode provocar conseqüências imprevisíveis e funestas; especialmente se o leitor se encontra imbuído do texto precedente sobre os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea. Somente o virya desperto dispõe dos meios para operar sem perigo com o segredo de Maya. O leitor, enquanto tanto, pode tentar despertar do Grande Engano adotando a atitude graciosa luciférica que se descreve na Segunda Parte. Por esse caminho conseguirá, por fim, converter-se em virya desperto: então poderá deter-se sem perigo no Terrível Segredo de Maya.

Logo, exporemos o Segredo de Maya ANALOGAMENTE, baseando-nos no modelo estrutural desenvolvido nesta obra: o objetivo será que a terrível idéia SEJA INDUZIDA pelo exemplo análogo.

Comecemos, pois, sem esquecer em nenhum momento as estritas correspondências análogas que existem entre microcosmo e macrocosmo.

Quando o sujeito cultural do pasu pensa um sistema da estrutura cultural, de acordo com o visto, PODE NOT=ALO EM QUALQUER DOS MÚLTIPLOS PLSNOS DE SIGNIFICAÇÃO QIE INTERSECTAM SEU EIXO EXTENSIVO **XX**. Cada um desses planos corresponde ao contexto significativo de uma linguagem, contexto dentro do qual o sistema **xx** pensado adquire significado CONCEITUAL. O CONCEITO de um sistema **xx** é, assim, o significado notado no plano de uma linguagem contextual. Por outra

parte, o sistema **xx** PODE SER PENSADO pelo sujeito cultural porque SUBISISTE NO TEMPO TRANSCENDENTE.

Pois bem, vejamos agora as coisas DO PONTO DE VISTA DO DEMIURGO, O UNO, cuja consciência, o tempo transcendente, se difunde isotropicamente no todo ente sucessivo, salvo naquelas direções internas dos tempos imanentes. De acordo à correspondência hermética entre macro e microcosmo, o Demiurgo há de efetuar também uma operação análoga à de "pensar num sistema". Mas o que é um sistema para o Demiurgo? Resposta: TODA CULTURA OU SUPERESTRUTURA DE FATOS CULTURAIS. Efetivamente, como se explicará na Segunda Parte e já foi adiantado no artigo "H" do inciso "Func. Da Estrut. Cult.", a presença positora de sentido do homem transforma os entes designados em objetos culturais, os quais se organizam no mundo formando superestruturas de fatos culturais. Nestas superestruturas, que subsistem no tempo transcendente, o homem, pasu ou virya perdido, encontra-se habitualmente integrado como "elemento" estrutural. Isso se deve a que o corpo do virya perdido é só um microcosmo potencial, subsistente no tempo transcendente.

Deixando para mais adiante a explicação das superestruturas, o importante neste momento é destacar que elas determinam UMA FORMA EZTERIOR DENOMINADA "CULTURA". A qual pode ser "pensada" pelo Demiurgo como "sistema". Estabelecido as correspondentes analogias, valem aqui as mesmas propriedades que atribuímos ao sujeito cultural: o Demiurgo, antes de tudo, é capaz de notar integra a superestrutura ou efetuar uma REDUÇÃO SISTEMÁTICA, indo, por exemplo, de uma coleção de objetos culturais e uma pluralidade de microcosmos superestruturados, até a consideração de UM SÓ MICROCOSMO como "sistema", além do mais, dada uma cultura determinada, o Demiurgo PODE NOTÁ-LA EM DISTINTOS "ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO" E CODIFICÁ-LA EM OUTRAS TANTAS SUPERLINGUAGENS CONTEXTUAIS. Naturalmente, no nível de consciência do Demiurgo, os "planos de significação da estrutura cultural são análogos a "espaços de significação" das superestruturas de fatos culturais.

Nisto consiste o segredo de maya, revelado agora mediante a analogia estrutural: TODO ENTE CULTURAL DO UNIVERSO, SEJA UM OBJETO CULTURAL OU UM MICROCOSMO POTENCIAL, OU UMA SUPERESTRUTURA QUE OS INTEGRE, EXISTE SIMULTANEAMENTE EM INCONTÁVEIS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO MACROCÓSMICA E, EM CADA UM DESSES PLANOS DE EXISTÊNCIA, O ENTE CULTURAL SIGNIFICA UM SUPERCONCEITO DO DEMIURGO, OU SEJA, SEU SIGNIFICADO ESTÁ DETERMINADO PELO MARCO CONTEXTUAL DE UMA SUPERLINGUAGEM MACROCÓSMICA. Seguramente, neste ponto da

exposição, a razão do leitor se há de negar a admitir as conseqüências que se inferem do segredo de maya. Entretanto, é demasiado evidente para negá-lo: QUEM VIVE INTEGRADO NUMA CULTURA SOMENTE PERCEBE UM ASPECTO MÍNIMO DA REALIDFADE. O MUNDO SOCIO-CULTURAL CONDE TRANSCORRE A VIDA É SOMENTE O CONTEXTO DE UM SUPERCONCEITO DO DEMIURGO. A CASA, O BAIRRO, A CIDADE, O PAÍS, O CONTINENTE, O PLANETA, O SISTEMA SOLAR, A GALÁXIA, O UNIVERSO CONHECIDO, TUDO O QUE NOS RODEIA E QUE CREMOS MUNDO ÚNICO E ESTÁVEL, NÃO SÃO, EM VERDADE, MAIS QUE ASPECTOS DO CONTEXTO DE UM SUPERCONCEITO JUNTO A INCONTÁVEIS SUPERCONCEITOS SEMELHANTES. OU SEJA, JUNTO A INCONTÁVEIS MUNDOS CONTEXTUAIS NOS QUAIS EXISTIMOS SIMULTANEAMENTE.

O pasu, e ainda o virya perdido, não percebem mais que um mundo dos muitos nos que estamos simultaneamente: o seu habitual, no que são estáveis somente porque estão integrados a rígidas superestruturas de entes externos ou “culturais”. Por isso a Sabedoria Hiperbórea denomina Grande Engano à realidade de um mundo habitual, porque o contexto cotidiano dissimula a plurivocidade que a existência ôntica desenvolve nos múltiplos espaços de significação macrocósmica.

Uma cultura, ou superestrutura, é um "sistema" que pode ser notado pelo Demiurgo em múltiplos espaços de significação; cada notação significativa é um superconceito, a saber, um ASPECTO, FACETA, PERFIL, etc., de dita cultura. Isto significa que entre superconceitos contíguos, não demasiado oblíquos, só serão notadas PEQUENAS DIFERENÇAS: considerando, por exemplo, à cidade de Buenos Aires como o contexto de um superconceito, podemos supor a existência de outro superconceito contiguo com uma Buenos Aires na qual não existe o obelisco; ou outro sem autopistas. E se neste contexto de cidade habitamos nós, podemos, também, conceber um mundo no qual nossa mãe seja irmã gêmea de um escultor, OU NO QUAL ALGUM DE NOSSOS SERES QUERIDOS NÃO EXISTA OU NÃO HAJA EXISTIDO NUNCA; etc.

Isto nos leva à seguinte pergunta: é possível o trânsito CONSCIENTE entre dois superconceitos contíguos? A saber, poderia ocorrer que um virya perdido fosse deslocado de um mundo contextual a um mundo contíguo, muito semelhante, mas com apreciáveis diferenças? Resposta: Sim. Justamente, essa é a terrível possibilidade que afronta quem purificar seu sangue e empreender o caminho de volta à Origem: pode então, cair o véu do maya e a realidade transformar-se em muitos pontos, como se o mundo inteiro conspirasse para dissolvê-lo na alucinação e na demência. E não somente isto; se o virya não adotou um conveniente estado de alerta, se não se move no Kairos justo e com a estratégia adequada, poderia ver-se transportado a um

contexto sumamente oblíquo, ou seja, a um mundo de características completamente estranhas e desconhecidas, onde mil perigos insuspeitáveis dariam por terra com seu propósito de libertação espiritual.

Tudo isto, que não é outra coisa senão uma reação denominada SEGUNDA INTENÇÃO DO DEMIURGO, pode ocorrer-lhe a quem se atreva a penetrar no segredo de Maya sem contar com os princípios estratégicos necessários para contra-atacá-los: por exemplo. O PRINCÍPIO DO CERCO, em cuja busca se desliza este inciso.

Resumindo, o segredo de maya nos diz que, depois de uma redução sistemática, todo o microcosmo potencial ou virya perdido pode ser notado pelo Demiurgo, como um superconceito significativo no contexto habitual de uma superlinguagem macrocósmica. Tal contexto é o mundo cotidiano do virya, mas o segredo de maya nos diz mais: NUN EIXO EXTENSIVO DO MICROCOSMO POTENCIAL, SEMELHANTE AO EIXO XX DE UM SISTEMA, INTERSECTAM-SE INCONTÁVEIS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO. O contexto habitual da significação ao microcosmo em um só de tais espaços, ou seja, num superconceito. Contudo, o microcosmo potencial existe simultaneamente em todos os espaços de significação que intersectam o eixo xx. Por isso, quando a pureza de sangue do virya produz a dissolução da ilusão de Maya, não é improvável que o Demiurgo realize um último intento por mantê-lo dentro da confusão do Grande Engano: então, pode ocorrer o horroroso fato de que o contexto do mundo se transforme segundo o modo característico de algum espaço oblíquo e desconhecido; aas estruturas psíquicas do pasu são, assim, postas à prova, submetidas à tensão tremenda de advertir a não correspondência cultural entre os esquemas de entes conhecidos e os entes concretos, existentes no novo contexto. O mundo se torna alucinante, sem que o sujeito anímico consiga distinguir claramente onde termina o imaginário e onde começa o real; e ante semelhante orbe mutante, frente a entes instáveis cujo desígnio se altera irracionalmente, a razão do virya pode manifestar-se impotente para estabelecer as RELAÇÕES que constituem sua função essencial. E sem contar com as relações do ente e entre os entes, sem o equilíbrio da RATIO, não tardaria em sobrevir à loucura. A menos, claro está, que o virya desperto disponha da vontade graciosa e do conhecimento suficiente sobre a técnica arquemônica como para ISOLAR-SE ESTRATEGICAMENTE do contexto demente.

F - Desvantagem Estratégica.

Compreende-se agora, depois de conhecer o Terrível Segredo de Maya, o alcance da pergunta anterior. A técnica arquemõnica não pode consistir no mero recorte de um plano, no cercado de uma área qualquer do mundo, pois a

realidade do Valplads não é um âmbito estável; pelo contrário, “o mundo” entranha o Segredo do Maya, uma plurivocidade de espaços de significação nos quais o virya, seu microcosmo potencial, tem a existência efetiva, a praça conquistada ao inimigo há de ser, então, um ESPAÇO PLURIDIMENCIONAL que contenha integralmente ao microcosmo e evite toda possibilidade de ataque, alteração ou mutilação por parte do Demiurgo, através dos espaços oblíquos.

Aqui é onde perde validez a expressão matemática que demos para fazer intuitivo o princípio do cerco: “toda curva fechada dividi seu plano em duas partes”; esta fórmula, é evidente, SOMENTE DESCREVE UMA QUALIDADE DO CERCO PRESENTE EM UNS POUCOS ESPAÇOS ADJACENTES. Pois, o que ocorre naqueles espaços onde uma curva qualquer, por exemplo, um círculo NÃO PODE DEFINIR-SE? Resposta: que o cerco carecerá de existência, “de significado contextual”, ou seja, não cumprirá sua função isoladora, ficando o virya, nesse espaço, indefeso ante o ataque do inimigo. Tal estado de indefesa denomina-se DESVANTAGEM ESTRATÉGICA.

Em nossa novela “A Estranha Aventura...” se define a desvantagem estratégica em termos a que convém recordar: “... semelhantemente, a desvantagem estratégica equivale ao PONTO DÉBIL NUMA MURALHA; é o caso desesperador daqueles que, estando sitiados pelo inimigo numa praça amuralhada, comprovam com espanto que a mesma é incapaz de resistir à pressão inimiga e se acha prestes a ceder num PONTO DÉBIL. O desastre que sucede à queda da Praça é semelhante, também, à perda da razão num virya com insuficiente vontade egóica para conservar o equilíbrio durante os estados de consciência irracionais subseqüentes. Ou seja: a loucura. Por outra parte, a queda de uma Praça Forte jamais representa uma vitória para o sitiador como uma derrota para o sitiado. Ao sitiá-lo lhe corresponde a responsabilidade da queda, pois faltando a lei estratégica que diz: “jamais se deve levantar um cerco se não se dispõe dos meios para defendê-lo”. O cerco estratégico (arquêmona) separa ao virya do mundo, outorgando-lhe o TEMPO NECESSÁRIO para acudir a seu CENTRO CARISMÁTICO. De um lado do mesmo fica o mundo do Demiurgo com sua formidável Estratégia Evolutiva e Sinárquica; do outro o virya, autêntico monge-guerreiro, cavaleiro do Graal, decidido a alcançar a Verdade.”

"Meçamos as forças em jogo: sobre o cerco convergem, por um lado, a Estratégia Sinárquica do Demiurgo e, por outro, a Estratégia HIPERBÓREA do virya, a qual depende para sua concretização da intrepidez e do valor que se arrisca para alcançar o centro, em síntese, o êxito da estratégia HIPERBÓREA depende da pureza sangüínea do virya”.

"Por último agreguemos que, quando se levanta um cerco, o qual há de irritar o inimigo e o leva a concretizar terríveis forças para seu abatimento, não é fácil retroceder à situação original de ausência de conflito SEM FICAR EM DESVANTAGEM ESTRATÉGICA. Em efeito, quando se declara guerra, e o inimigo desloca suas forças, são duas alternativas: ou se afronta o combate resistindo ao sítio do inimigo enquanto se busca OUTRA PORTA PARA SAIR, ou se evita a luta diferindo as ações e ignorando a presença inimiga. Nesse segundo caso, o inimigo irá aumentando a pressão de tal maneira que finalmente as muralhas cederão e o desastre será inevitável; fracassou a Estratégia própria porque se a tem recolocado durante as ações. Explicaremos-nos melhor. Quando um virya levanta um cerco, no marco de uma Estratégia HIPERBÓREA PARA INICIAR A CONQUISTA DO VRIL, sua Estratégia somente permite UMA alternativa: ABRIR A PORTA INTERIOR para sortear a dispersão das forças demoníacas. Somente uma alternativa. O contrário significa uma mudança de Estratégia, e isto o sabia CLAUSEWITSZ: NINGUÉM PODE MUDAR DE ESTRATÉGIA NO MEIO DA GUERRA SEM ARRISCAR-SE A PADECER GRAVES PERDAS. Na guerra convencional o máximo que se admite de uma Estratégia é que ofereça táticas alternativas, mas jamais que ela possa ser mudada em si mesma, o que significaria na realidade UMA MUDANÇA DE OBJETIVO (possibilidade inadmissível numa Estratégia HIPERBÓREA) que lançaria severas dúvidas sobre a capacidade do Estado Maior que a planejou e até sobre a validez da justificação que sempre se deve aportar por haver adotado o caminho bélico".

Em conceitos análogos, mas que trazem claramente os perigos latentes, o parágrafo citado nos revela a precária situação de DESVANTAGEM ESTRATÉGICA na que ficaria todo virya que fracasse ao aplicar o princípio do cerco.

O terrível segredo de maya nos mostra que o cerco NÃO PODE SER QUALQUER CURVA, senão um "princípio universal", cujo sentido expresso pelo signo correspondente, seja significativo EM TODOS OS MUNDOS POSSÍVEIS DO DEMIURGO. Daí nossas advertências anteriores sobre a necessidade de que o Eu desperto OBRIGUE PELO ENGANO, ou seja, ESTRATÉGICAMENTE, a seu sujeito cultural a que represente racionalmente, como mito ou símbolo sagrado, o princípio arquetípico do cerco. Contudo, a busca do princípio do cerco ainda requererá algumas reflexões em outros artigos, especialmente para mostrar, com alegorias, o modo como os Siddhas de Agartha procuram iniciar carismaticamente, a todo virya, na técnica arquemônica.

G - As armas do virya desperto.

O virya desperto é um herói que declarou guerra ao Demiurgo para cumprir um único objetivo: conseguir a libertação do Espírito. Nessa luta decidiu ocupar um canto do Valplads, fazer-se forte numa praça e, desta posição, cobrir a distância estratégica que o separa do Vril. Com o uso da técnica arquemônica se assenta efetivamente num espaço estratégico, atrás das muralhas simbólicas do cerco infinito. Fica assim lançada uma STIZKRIEG, uma guerra do lugar, na qual se enfrentam as Estratégias de cada bando. O Viruá deve agora defender a praça, sustentar o cerco, pois do contrário será aniquilado. Mas de que meios se vale para isso? Ou seja, quais são as armas do virya, guerreiro hiperbóreo?

O virya desperto, em efeito, É UM GUERREIRO QUE DEVE CONQUISTAR O ESPAÇO E O TEMPO, "TOMAR TODOS OS CÉUS POR ASSALTO" ANTES DE TRANSMUTAR-SE EM SIDDHA BERSERKER: para essa ação He de dispor, indubitavelmente, de um importante arsenal. Ainda que fique fora do alcance destes "Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea" dar uma descrição detalhada de tais armas, podemos nos referir a sua função genérica. Antes de tudo digamos, pois, que AS ARMAS DO VIRYA SÃO AS RUNAS. E o que são as runas? Resposta: RUNAS são denominadas pelos antigos germanos aos Signos que todo Guia Hiperbóreo da humanidade entrega a seus viryas para que atuem na guerra mágica contra o Demiurgo. Isto vem ocorrendo assim, em todo tempo, desde que Cristo Lúcifer depositasse o Graal no Valplads. Somente que Wotan, o Guia Racial dos germanos, deu os Signos a seu povo sob o nome de RUNAS, em tempos históricos relativamente recentes, pelo que a tais armas de as conhece com tal denominação.

As runas mais vulgarizadas, as que usam os alfabetos futhark ou fupark, são só uma mínimar parte do arsenal rúnico. O Signo da Origem, por exemplo, do qual se deriva por mutação e deformação a runa suástica, não cumpre nenhuma função alfabética apesar de ser a runa mais poderosa que existe. Este Signo conhecido também como Runa da Origem ou Runa de Ouro, É A PROJEÇÃO DO SÍMBOLO DA ORIGEM, OU SEJA, DO SÍMBOLO ONDE SE REFLETE O EU INFINITO. Justamente, a projeção da Runa da Origem sobre o princípio do cerco gera o espaço estratégico da arquêmona.

Em geral, as runas se agrupam em duas classes: ARQUETÍPICAS E NOOLÓGICAS; mas ambos os grupos tem em comum o fato de que NÃO FORAM DESCOBERTAS PELOS VIRYAS, SENÃO PROVISTAS A ESTES PELOS SIDDHAS DE AGARTHA. Em outras palavras: quando os viryas receberam as runas das mãos de Wotan, ficou definitivamente quebrada a dependência noológica que manteriam com os desígnios dos entes, pela herança do pasu: o objetivo da finalidade do pasu constituía uma tendência hereditária e irresistível que impelia aos viryas a evoluir sob a confusão do Eu

perdido, seguindo ao pé da letra os planos do Demiurgo escritos no desígnio da suprafinalidade dos entes; o destino do virya perdido era, então, semelhante ao do pasu: jamais poderia conhecer os Arquétipos universais nem nenhuma outra realidade que não estivesse previamente determinada pela suprafinalidade dos entes. A revelação de Wotan veio a cobrir esta falência: por um lado, as "runas arquetípicas" permitem descrever esquematicamente a todo Arquétipo universal, ou seja, permitem conhecer as PALAVRAS UNIVERSAIS, NÃO INVERTIDAS PELA MEMÓRIA ARQUETÍPICA, QUE CONSTITUEM A KABALA ACÚSTICA DO GRANDE SOPRO; por outro lado, as "runas noológicas" entre as quais se encontra a Runa da Origem, são Signos não criados, ou seja, sinais sem correspondência alguma com o plano arquetípico.

Munido de semelhante arsenal, o virya poderá agora OPERAR EFETIVAMENTE SOBRE A REALIDADE ÔNTICA: os instáveis espaços de significação do macrocosmo serão FIXADOS EM SEU SENTIDO POR EXPRESSÃO DA RUNA ADEQUADA, os desígnios dos entes cujo sentido tente ser alterado pela Segunda Intenção do Demiurgo, para que não correspondam com os esquemas conhecidos da estrutura cultural, serão RESIGNADOS PELA EXPRESSÃO DA RUNA CORRETA e, finalmente, a expressão da Runa da Origem aplicada sobre o princípio do cerco permitirá criar um espaço estratégico SUFICIENTEMENTE SEGURO PARA OCUPÁ-LO E RESISTIR SEM PERIGO.

Para evidenciar em que consiste a atitude guerreira típica do virya desperto nada parece melhor que referirmos a seu ESTADO DE ALERTA. Tal estado de alerta, que deve ser permanente, se mantém da seguinte forma: REAL OU IDEAL, NATURAL OU CULTURAL, CONCRETO OU ABSTRATO, ETC., OU SEJA, TODO ENTE OBJETIVO QUE CAI SOB A PERCEPÇÃO DO VIRYA DESPERTO, É IMEDIATAMENTE CERCADO NA ÁREA ESTRATÉGICA DE UMA ARQUÊMONA E CONVENIENTEMENTE RESIGNADO. E isto o virya desperto o faz A TODO O MOMENTO, COM QUALQUER OBJETO QUE SE APRESENTE, de sorte tal que pode afirmar-se metaforicamente: O VIRYA DESPERTO TEM A ARQUÊMONA EM SEUS OLHOS, VÊ ATRAVÉS DELA; SE SEUS OLHOS VÊEM, SE SEUS LÁBIOS FALAM, SE SEUS OUVIDOS ESCUTAM, OU SEU CORPO SE MOVE DE MANEIRA EXPRESSIVA, O ENTE FICA IMEDIATAMENTE CERCADO E RESIGNADO. TAL O PERMANENTE ALERTA ESTRATÉGICO DO VIRYA DESPERTO.

O principio do cerco, contudo, não é uma runa; terá, pois, que continuar marchando em sua busca.

H – O princípio do cerco e a lei do cerco.

Comecemos formulando matematicamente o princípio do cerco para que a evidência topológica favoreça sua indução. Porém, ao conhecer o Terrível Segredo de Maya, comprovamos que tal fórmula dificilmente pudesse manter invariante "em todos os mundos possíveis", ou seja, em todos os superconceitos do Demiurgo. Compreender o princípio do cerco não parece uma tarefa muito simples, ainda que algo saibamos dele com segurança: EXISTE NA ESTRUTURA CULTURAL, COMO PARTE DE UM SISTEMA. Podemos agregar que o princípio do cerco não pode ser outra coisa que um Princípio, repetido no esquema sêmico da Relação como princípio matemático. Em conseqüência, o princípio do cerco não procede da descoberta de nenhum desígnio, senão da memória arquetípica: o dele é um significado a priori de toda percepção. Não obstante, tal interioridade essencial, o princípio do cerco pode ser expresso no mundo exterior como qualquer princípio matemático, um número, por exemplo, mediante a projeção de um signo. Nisso se baseia a técnica arquemônica.

Mas, "o microcosmo reflete ao macrocosmo"; quer dizer que o princípio do cerco está também presente no macrocosmo, por exemplo, como uma LEI DA NATUREZA? Se ocorresse assim, talvez se pudesse, ao menos em teoria, detectar em algum fenômeno característico certa FUNÇÃO CERCO, que nos revelasse por outra via, desta vez externa, o princípio buscado. Ainda que possamos adiantar que o resultado será negativo, é conveniente examinar tal possibilidade de busca externa, pois sua análise nos permitirá compreender diversos problemas gnosiológicos e culturais que afetam ao virya.

Se aceitarmos o princípio hermético de equivalência entre macrocosmo e microcosmo, nos seria evidente que TODAS as leis do macrocosmo se refletem em leis análogas do microcosmo. Mas tal correspondência dista de ser um mero reflexo passivo entre estruturas. O virya, ao DESCOBRIR E FORMULAR LEIS desequilibra esta relação e assume um papel destacado. Como conseqüência desta atitude dominante aparece agora, separando ao Eu do macrocosmo, um MODELO CULTURAL elaborado pelo sujeito cultural em base a princípios e conceitos da estrutura cultural. Nesse "modelo cultural", o princípio responsável da visão deformada que o virya tem de si mesmo e do mundo, dado que se INTERPÕE entre o macrocosmo e o microcosmo. O modelo cultural de um conteúdo da estrutura cultural de caráter coletivo ou sócio-cultural; portanto, consistem em um conjunto sistemático de conceitos, propostos pelo sujeito cultural e traduzidos a uma das linguagens habituais, por exemplo, matemático e lingüístico. Em resumo, o modelo cultural se compõe, normalmente, de princípios matemáticos e premissas culturais. O Eu do virya, quando se encontra confundido com o sujeito consciente, aceita solidariamente como representações dos entes externos, como sua verdade, os objetos culturais que procedem do modelo

cultural intermediário, objetos cujo significado tem sido proposto pelo sujeito cultural como premissa em linguagem habitual.

Examinemos agora o que entende o virya por “lei da natureza”. Sem entrar em complicações podemos afirmar que “uma lei da natureza é a quantificação matemática de uma relação significativa entre aspectos ou magnitudes de um fenômeno”. Esclarecemos esta definição. Dado um fenômeno é possível que pela observação e pela experimentação empírica cheguemos a diferenciar certos “aspectos” do mesmo. Se dentre os vários aspectos que se destacam, alguns deles resultem como “relacionados significativamente entre si”, e se esta relação possui probabilidade estatística, ou seja, se repete um número grande de vezes ou é permanente, então pode enunciar-se uma “lei da natureza”. Para isso falta que os “aspectos” do fenômeno possam reduzir-se a magnitudes de tal modo que a “relação significativa” se reduza a “relação entre magnitudes, ou seja, a função matemática. As “leis” da física se vão deduzindo de maneira semelhante.

O conceito de “lei da natureza” que temos exposto é moderno e aponta “controlar” o fenômeno antes que a explicá-lo, seguindo a tendência atual que subordina o científico ao tecnológico. Teremos assim, fenômenos “regidos” por leis EMINENTES às quais não somente aceitamos como determinantes, senão que as incorporamos indissoluvelmente ao próprio fenômeno, esquecendo, ou simplesmente ignorando que se trata de quantificações racionais. É o que passa, por exemplo, quando advertimos o fenômeno de um objeto que cai e afirmamos que tal coisa ocorreu porque “atuou a lei da gravidade”. Aqui a “lei da gravidade” é eminente e, ainda que “saibamos que existem outras leis” as quais “intervém também, mas com menor intensidade”, cremos cegamente que o objeto em sua queda OBEDECE à lei de Newton e que esta “lei da natureza” foi a CAUSA de seu deslocamento. Contudo, o fato concreto é que o fenômeno NÃO OBEDECE A LEI EMINENTE ALGUMA. O fenômeno simplesmente OCORRE e nada há nele que aponte intencionalmente a uma lei da natureza, e menos ainda de uma lei eminente. O fenômeno é parte inseparável de uma totalidade que chamamos “a realidade”, e que inclui, nesse caráter, a TODOS os fenômenos, os que já ocorreram e os que haverão de ocorrer. Por isso, em realidade, os fenômenos simplesmente OCORREM, sucedendo, talvez, a alguns que já ocorreram, ou simultaneamente com outro semelhante a ele. O fenômeno é somente uma parte dessa “realidade fenomênica” que jamais perde seu caráter de totalidade de uma realidade que NÃO se expressa em termos de causa e efeito para sustentar o fenômeno. Enfim, de uma realidade na qual o fenômeno ACONTECE independentemente de que sua ocorrência seja ou não significativa para um observador e cumpra ou não com leis eminentes.

Antes de abordar o problema da “preeminência das premissas culturais”, na validação racional de um fenômeno, convém despojar a este de

qualquer possibilidade que o aparte da pura determinação mecânica ou evolutiva, segundo a “ordem natural”. Para isso estabeleceremos, depois de uma breve análise, a diferença entre fenômeno de “primeiro” ou de “segundo” grau de determinação, esclarecimento indispensável dado que as “leis eminentes” correspondem sempre a fenômenos de primeiro grau.

I - Graus de determinação de um fenômeno.

Para o gnóstico "o mundo' que nos rodeia não é mais que a ordenação da matéria efetuada pelo Demiurgo num princípio e a qual percebemos em sua atualidade temporal. A Sabedoria Hiperbórea, mãe do pensamento gnóstico, vai mais longe ao afirmar que o espaço, e tudo quanto ele contenha, se encontra constituído por associações múltiplas de um único elemento denominado “quantum arquetípico de energia”, o qual constitui um TERMO FÍSICO da mônada arquetípica, ou seja, da unidade formativa absoluta do plano arquetípico.

Estes QUANTUM, que são verdadeiros átomos arquetípicos NÃO conformadores ou estruturadores de forma, possuem, cada um, um PONTO INDISCERNÍVEL mediante o qual se realiza a difusão panteísta do Demiurgo. A saber que, a mercê de um sistema pontual de contato polidimensional, se faz a presença do Demiurgo em toda porção ponderável de matéria, qualquer que seja sua qualidade. Esta penetração universal, ao ser comprovada por pessoas em distinto grau de confusão, tem levado à errônea idéia de que “a matéria” é a própria substância do Demiurgo. Tais concepções vulgares dos sistemas panteístas ou daqueles que aludem a um espírito do mundo ou “anima mundi”, etc. Na realidade, a matéria tem sido “ordenada” pelo Demiurgo e “impelida” a um desenvolvimento LEGAL NO TEMPO de cuja força evolutiva não escapa nem à mínima partícula "(e da qual participa, evidentemente, o “corpo humano”).

Temos feito esta exposição sintética da “Física Hiperbórea” porque necessitamos distinguir dois graus de determinação. O mundo, tal qual o descrevemos, desenvolve-se mecanicamente, orientado a uma finalidade, este é o PRIMEIRO GRAU de determinismo. Em outras palavras: existe um Plano cujas pautas se ajustam, e a cujos desígnios tendem a “ordem” do mundo, a matéria liberada à mecânica de tal “ordem” se encontra DETERMINADA EM PRIMEIRO GRAU. Mas, como tal Plano encontra-se sustentado pela Vontade do Demiurgo, e Sua Presença é efetive em cada porção de matéria, segundo vimos, poderia ocorrer que ELE ANORMALMENTE influísse DE OUTRA MANEIRA sobre alguma porção de realidade para MODIFICAR TELEOLOGICAMENTE SEU PLANO ou para EXPRESSAR SEMIOTICAMENTE SUA INTENÇÃO, ou por MOTIVOS

ESTRATÉGICOS; neste caso estamos ante o SEGUNDO GRAU de determinismo.

Por "motivos estratégicos" se entende o seguinte: quando o virya desperto empreende o regresso à origem no marco de uma Estratégia Hiperbórea emprega técnicas secretas que permitem opor-se efetivamente ao Plano. Nestas circunstâncias o Demiurgo, ANORMALMENTE, intervém com todo Seu Poder para castigar ao intrépido.

Podemos agora distinguir entre um FENÔMENO DE PRIMEIRO GRAU e um FENÔMENO DE SEGUNDO GRAU atendendo ao grau de determinação que envolve sua manifestação. Deve compreender bem que esta distinção o acento se põe SOBRE AS DIFERENTES maneiras com que o Demiurgo pode atuar sobre UM MESMO fenômeno. Por exemplo, no fenômeno de uma maçã caindo de um balcão na vereda, não podemos ver outra coisa que uma determinação de primeiro grau; dizemos “atuou a lei da gravidade”. Mas, se tal maçã caiu sobre a cabeça do virya desperto, podemos supor uma segunda determinação ou, com rigor, “segunda intenção”, dizemos: “atuou a Vontade do Demiurgo”.

Ao primeiro e segundo grau de determinação de um fenômeno se o denomina também, de outro ponto de vista, Primeira e Segunda Vontade do Demiurgo.

Em geral todo fenômeno é suscetível de manifestar-se em primeiro e segundo grau de determinação. Atendendo a esta possibilidade convenhamos o seguinte: quando não se indique o contrário, por “fenômeno” se entenderá aquele cuja determinação é puramente mecânica, ou seja, de primeiro grau; caso contrário, se denominará “de segundo grau”.

Só nos falta agora sabermos distinguir entre “os graus do fenômeno”, esclarecer a afirmação que fizemos no começo de que esta análise de que toda lei da natureza, inclusive aquelas eminentes, descrevem o comportamento causal de fenômenos de primeiro grau de determinação. È fácil compreender e aceitar isto já que quando num fenômeno intervém uma determinação de segundo grau, o sentido natural do aprisionamento mecânico tem sido alienado temporalmente em favor de uma vontade irresistível. Nesse caso o fenômeno já não será “natural”, ainda que aparente ser, senão que estará dotado de uma intencionalidade sobreposta de mero CARÁTER MALIGNO para o virya.

Por outra parte, o fenômeno de primeiro grau se manifesta sempre COMPLETO EM SUA FUNCIONALIDADE, a qual é expressão direta se sua essência, e a que sempre será possível reduzir matematicamente a um n[[úmero infinito de “leis da natureza”. Quando o fenômeno de primeiro grau

é apreciado especialmente por UMA lei da natureza, a qual é eminente para nós, pois DESTACA CERTO ASPECTO interessante, é evidente que não tratamos com o fenômeno COMPLETO, senão com tal "aspecto" do mesmo. Em tal caso deve aceitar-se o triste fato de que do fenômeno somente será percebida uma ilusão. Mutilado sensorialmente, deformado gnosiologicamente, mascarado epistemologicamente, não devemos estranhar que os indo-arianos qualificaram de MAYA, ilusão, à percepção corrente de um fenômeno de primeiro grau.

J – O mascaramento causado pelas "premissas culturais preeminentes".

Lançaremos agora uma interrogação, cuja resposta nos permitirá encarar o problema da "preeminência das premissas culturais", baseando-nos em nossas últimas conclusões: "se todo fenômeno de primeiro grau parece necessariamente complexo (por exemplo, às 06h00min sai o sol)", qual é o motivo específico de que sua apreensão por intermédio do "modelo científico ou cultural" nos impeça tratar com o fenômeno em sua integridade, circunscrevendo-nos em torno de aspectos parciais do mesmo (por exemplo, quando dizemos "a rotação terrestre é a CAUSA que produz o EFEITO de que às 06h00min o sol se faça visível no horizonte Leste")? Neste último exemplo se faz evidente que ao explicar o fenômeno por uma "lei eminente" não fazemos mais que referirmos a certos aspectos parciais (a "rotação terrestre") deixando de lado – não vendo - ao fenômeno mesmo ("o sol"). A resposta à pergunta lançada nos leva a tocar um princípio fundamental da teoria epistemológica estrutural: A RELAÇÃO QUE ADVERTIMOS ENTRE ASPECTOS DE UM FENÔMENO, QUANTIFICANTE MATEMATICAMENTE COMO "LEI DA NATUREZA" SE ORIGINA NA PREEMINÊNCIA DE PREMISSAS CULTURAIS A PARTIR DAS QUAIS A RAZÃO MODIFICA A PERCEPÇÃO DO FENÔMENO EM SI.

Demais será dizer que isto ocorre pelo efeito "mascaramento" que a razão causa em toda imagem refletida pelo sujeito consciente: a razão "responde à interrogação", ou seja, às reflexões do sujeito consciente, NO QUAL SE ACHA DISSOLVIDO O EU PERDIDO. Como se tratasse de uma fantasia, a razão interpreta e conforma um esquema racional da representação do ente fenomênico, esquema cuja imagem se sobrepõe à representação e ao mascaramento, dotando-a do significado proposicional que determinam as premissas culturais preeminentes.

Quando efetuamos uma observação “científica” de um fenômeno das funções racionais se tornam preeminentes a qualquer percepção, “destacando” com eminência aqueles aspectos interessantes ou úteis e “embaçando” o resto (do fenômeno). Deste modo a razão opera como se mascarasse ao fenômeno, previamente arrancado da totalidade do real, e apresentado de uma aparência “razoável” e sempre compreensível no âmbito da cultura humana. Por exemplo, que a ninguém lhe importa que os fenômenos fiquem, a partir dali, ocultos por trás de sua aparência razoável; não se é possível servir-se deles, controlá-los, aproveitar sua energia e dirigir suas forças. Afinal, uma civilização científico-tecnológica se edifica SOBRE os fenômenos e AINDA CONTRA eles, o que importa se uma visão racional do mundo recorta os fenômenos percebidos e nos enfrenta com uma REALIDADE CULTURAL, tanto mais artificial quanto mais cegos estamos? O que importa, repetimos, quando tal cegueira gnosiológica é o preço que devemos pagar para desfrutar das infinitas variantes que, em termos de prazer e conforto, oferece a civilização científica? Acaso espreita algum perigo que não podemos conjurar tecnicamente, nós que temos eliminado muitas antigas enfermidades, que temos prolongado a vida humana e criado um habitat urbano com um luxo nunca visto?

O perigo existe, é real, e ameaça a todos aqueles membros da humanidade que possuem ancestrais hiperbóreos; a Sabedoria Hiperbórea o denomina FAGOCITAÇÃO PSÍQUICA. É um perigo de gênero PSÍQUICO e de ordem transcendente que consiste na aniquilação metafísica da consciência, possibilidade que pode concretizar-se neste e em outro mundo, e em qualquer tempo. A destruição da consciência sucede por FAGOCITAÇÃO DEMIÚRGICA, ou seja, por assimilação do SUJEITO CONSCIENTE à substância do Demiurgo. Quando tal catástrofe ocorre, perde-se completamente toda possibilidade de transmutação e regresso à origem. Já falamos sobre a dramática alternativa que deve confrontar o virya e voltaremos a falar extensamente na Segunda Parte; entretanto, convém repetir que é a CONFUSÃO o principal impedimento para a transmutação do virya em Siddha imortal e, à confusão permanente, contribui a cegueira gnosiológica que mencionávamos antes, produto de nossa moderna mentalidade racionalista. Vivemos segundo as pautas da “cultural” ocidental, a qual é materialista, racionalista, cientifico-tecnológica e amoral; nosso pensamento parte de premissas culturais preeminentes e condiciona a visão do mundo tornando-a pura aparência, sem que o notemos ou tenhamos idéia disso. A cultura, então, nos mantém na confusão, nos impede orientar-nos e marchar ao centro de reintegração psíquica, transmutando-nos em Siddhas. È por casualidade que tal coisa procede? Temos dito muitas vezes: a cultura é uma arma estratégica, habilmente empregada por quem deseja a perdição da Herança Hiperbórea.

Vamos comprovando, assim, que o modelo cultural intermediário, entre o Eu e o macrocosmo, dificulta enormemente a possibilidade de encontrar o principio do cerco no mundo, como lei da natureza. Temos de continuar, pois, em sua busca.

K - A cultura, arma estratégica inimiga.

Quando se realiza a crítica da moderna cultura urbana do “Ocidente cristão” podem detalhar-se os “males” que esta provoca em alguns indivíduos: a alienação, a desumanização, a escravidão ao consumo, a neurose depressiva e sua reação, a dependência a diversos vícios, desde a narcose até a perversão sexual, a competência desapiedada, motivada por obscuros sentimentos de cobiça e ambição de pode, etc. A lista é interminável, mas todos os cargos omitem, deliberadamente, o essencial, insistindo em males “externos” à alma do homem, originados na “imperfeição da sociedade”. Como complemento desta falácia argumenta-se que a solução, o remédio para todos os males, é “o aperfeiçoamento da sociedade”, sua “evolução” a formas de organização mais justas, mais humanas, etc. A omissão radica em que o mal, o único mal NÃO É EXTERNO ao homem, não provém do mundo, senão que radica em seu interior, na estrutura de uma mente condicionada pela preeminência das premissas culturais que sustentam o raciocínio e que lhe deformam sua visão da realidade. A sociedade atual, por outra parte, conseguiu judaizar de tal modo ao homem corrente que lhe transformou – milagre que não pode sequer sonhar a biologia genética – por sua vez em um miserável judeu, ávido por lucro, contente em aplicar o juro composto e feliz de habitar num mundo que glorifica a usura. Nem quer dizer que esta sociedade, com seus milhões de judeus biológicos e psicológicos, são para a Sabedoria Hiperbórea somente uma mala pesada, a qual será definitivamente varrida no final do Kaly Yuga, pelas WILDES HEER.

Nas EDDA, Wildes Heer é o "exército furioso" de Wotan. Segundo a Thulegesellschaft os Siddhas anunciaram a volta das Wildes Heer, junto aqueles que formaram o "ultimo batalhão" das **SS** eterna, ao final do Kaly Yuga.

Manifestamos o fato de que uma “lei da natureza” se origina em certas relações que o juízo racional estabelece entre aspectos significativos dos fenômenos. Nosso propósito é deixar claro que ainda tais aspectos pertençam verdadeiramente ao fenômeno, a relação que deu lugar à lei eminente foi criada pela razão e de nenhum modo pode atribuir-se ao fenômeno mesmo. A razão, apoiada em premissas culturais preeminentes, utiliza ao mundo como MODELO PROJETIVO ou DE REPRESENTAÇÃO de modo tal que um fenômeno qualquer expresse CORRESPONDÊNCIA com uma percepção

intelectual equivalente. Deste modo o homem se serve de conceitos racionais do fenômeno que guardam uma débil vinculação com o fenômeno em si, com sua verdade.

Ao efetuar raciocínios e análises sobre a base de tais conceitos se soma o erro e o resultado não pode ser outro que a paulatina imersão na irrealidade e na confusão. Este efeito é buscado pelo inimigo, o temos dito. Veremos depois qual o modo de evitá-lo que ensina a Sabedoria Hiperbórea.

Ao mencionar, anteriormente, o principio hermético dissemos que todas as leis do macrocosmo se refletem em leis equivalentes do microcosmo. Mas, "as leis da natureza" do macrocosmo não são senão representações de um modelo matemático originado na mente humana, ou seja, no microcosmo, segundo temos analisado. No processo que dá lugar à "idéia científica" de um fenômeno, concorrem elementos de duas fontes principais: os "princípios matemáticos" e as "premissas culturais preeminentes". Os "princípios matemáticos" são arquetípicos, provém de estruturas psicobiológicas hereditárias (quando "aprendemos matemática", por exemplo, somente atualizamos conscientemente um número finito de sistemas formais que pertencem ao âmbito da cultura, mas os "princípios matemáticos" não são em verdade "aprendidos", senão "descobertos", pois constituem matrizes básicas da estrutura do cérebro). As "premissas culturais preeminentes" surgem da TOTALIDADE dos elementos culturais, aprendidos ao longo da vida, que obram como conteúdo dos sistemas da estrutura cultural e aos quais acode o sujeito cultural para formular juízos.

A distinção que temos feito entre "princípios matemáticos" e "premissas culturais preeminentes", como duas fontes principais que intervém no ato mental de formular uma "lei da natureza", nos vai permitir expor uma das táticas mais efetivas que emprega o Demiurgo para manter aos viryas na confusão e a maneira que os Siddhas tratam de contra-atacar, induzindo carismaticamente a estes a descobrir e aplicar a "lei do cerco". Por isso temos insistido tanto na análise, porque nos achamos ante um dos princípios mais importantes da Sabedoria Hiperbórea e, também, um dos segredos melhor guardados pelo inimigo.

Quando se conhece o princípio que diz "para a Sinarquia a cultura é uma arma estratégica" pode se pensar que o mesmo se refere à "cultura" como algo "externo", próprio da conduta do homem na sociedade e da influência que esta exerce sobre ele. Este erro provém de uma incorreta compreensão da Sinarquia (a qual se supõe ser uma mera "organização política) e do papel que ela tem no Plano do Demiurgo terrestre Jehová-Satanás. A verdade é que o virya procura orientar-se à origem e não o consegue pelo estado de confusão em que se acha; a mantê-lo neste estado contribui a cultura como arma estratégica inimiga, mas se este ataque viesse SOMENTE do exterior, ou seja,

da sociedade, bastaria alienar-se dela, fazendo-se ermitão, para neutralizar seus efeitos. Porém, está suficientemente comprovado que a solidão não basta para evitar a confusão e que, pelo contrário, esta pode aumentar no retiro mais hermético, sendo muito provável que por esse caminho se perca a razão muito antes de encontrar a origem. São os elementos culturais INTERIORES os que confundem, desviam e acompanham ao virya a todo o momento. È por isso que o Eu desperto deve libertar-se PREIAMENTE do obstáculo que impõem os elementos culturais se pretende salvar a distância que o separa do Vril.

Um Eu despojado de toda moral, de todo dogma, indiferente aos enganos do mundo, mas aberto à memória de sangue, poderá marchar galhardamente à origem e não haverá força no universo capaz de detê-lo.

É uma bela imagem a do virya que avança intrepidamente, envolto no furor guerreiro, sem que os demônios consigam detê-lo. Sempre a apresentamos, mas, se perguntará: como é possível adquirir tal grau de pureza? Porque o estado normal do virya, nesta etapa do Kaly Yuga, é a confusão. Explicaremos agora, em resposta a tão sensata pergunta, a tática dos Siddhas Leias para ORIENTAR aos viryas perdidos e neutralizar o efeito da cultura sinárquica.

No virya perdido o Eu se encontra sujeito à razão. Ela é o timão que guia o rumo de seus pensamentos do qual por nada no mundo se apartaria; fora da razão estão o medo e a loucura. Mas a razão opera a partir de elementos culturais; já estudamos de que maneira as “premissas culturais preeminentes” participam na formulação de uma “lei da natureza”. De modo que o jugo que o inimigo tem cingido ao Eu é formidável. Poderíamos dizer em sentido figurado que o Eu se encontra PRISIONEIRO da razão e seus aliados, as premissas culturais; e todos compreenderiam o sentido desta figura. Isso se deve a que existe uma clara correspondência análoga entre o Eu, no virya perdido, e o conceito de “prisão”. Por esta razão desenvolvemos na continuação uma alegoria, na qual se fará evidente a correspondência apontada, que nos permitirá depois, compreender a estratégia secreta que os Siddhas praticam para contra-atacar A ARMA CULTURAL da Sinarquia.

L - A alegoria do Eu prisioneiro.

Comecemos a apresentar a alegoria fixando a atenção num homem, a quem foi tornado prisioneiro e condenado, de maneira inapelável, a reclusão perpétua. Ele desconhece tal sentença, assim como qualquer informação posterior a sua captura procedente do mundo exterior, pois se decidiu mantê-lo indefinidamente incomunicável. Para isso foi encerrado em uma torre inacessível a qual se acha rodeada de muralhas, abismos e fossos, e onde

resulta aparentemente impossível todo intento de fuga. Uma guarnição de soldados inimigos, aos quais não é possível dirigir-se em receber algum castigo, se encarrega de vigiar permanentemente a torre; são desapiedados e cruéis, mas terrivelmente eficientes e leais: nem pensar em comprá-los ou enganá-los. Nestas condições não parecem existir muitas esperanças de que o prisioneiro recobre a liberdade. Contudo, a situação real é outra. Se bem que DE FORA da Torre a saída esteja cortada por muralhas, fossos e soldados, DE DENTRO é possível sair diretamente ao exterior, sem tropeçar com nenhum obstáculo. Como? Por meio de uma SAÍDA SECRETA cujo acesso se encontra habilmente dissimulado no piso da cela. Naturalmente, o prisioneiro ignora a existência deste passadiço como tampouco o sabem seus carcereiros.

Suponhamos agora que, seja porque SE LHE TENHA CONVENCIDO que é impossível escapar, seja porque DESCONHECE sua qualidade de prisioneiro, ou por qualquer outro motivo, o prisioneiro não mostra predisposição para a fuga: não manifesta nem valor nem arrojo e, por suposto, não busca a saída secreta; simplesmente se tem resignado a sua precária situação, Indubitavelmente, é sua própria atitude negativa seu pior inimigo já quem de manter vivo o desejo de escapar, ou ainda, se experimentar a NOSTALGIA pela liberdade perdida, se resolveria sua prisão onde existe, ao menos, uma possibilidade em um milhão de dar com a saída secreta POR CASUALIDADE. Mas não é assim e o prisioneiro, em SUA CONFUSÃO, adotou uma conduta paciente que, à medida que transcorrem os meses e os anos, se torna cada vez mais pusilânime e idiota.

Havendo entregado sua sorte, somente caberia esperar para o cativo uma ajuda exterior, a qual só pode consistir na REVELAÇÃO DA SAÍDA SECRETA. Mas não é tão simples de expor o problema já que o prisioneiro não deseja ou não sabe que pode fugir, segundo temos dito. Devem-se, pois, cumprir duas coisas:

1°) Conseguir que assuma sua condição de prisioneiro, de pessoa a que TIRARAM a liberdade e, no possível, que RECORDE OS DIAS DOURADOS quando não existiam celas nem cadeias. É necessário que tome consciência de sua miserável situação e deseje ardentemente sair, previamente a:

2°. Revelar-lhe a existência da ÚNICA POSSIBILIDADE DE FUGIR. Porque bastaria que o prisioneiro desejasse fugir, só COM QUE SAIBA DA EXISTÊNCIA da saída secreta; a esta a buscará e encontrará por si mesmo.

Falando assim, o problema parece muito difícil de resolver: é necessário sacudi-lo, DESPERTÁ-LO de sua letargia, ORIENTÁ-LO e depois REVELAR-LHE o segredo. Por isso já é hora de nos perguntarmos: há

alguém disposto a ajudar ao miserável prisioneiro? E se o houvesse como se arranjaria para cumprir as condições do problema?

Devemos declarar que, afortunadamente, há outras pessoas que amam e procuram ajudar o prisioneiro. São aqueles que participam de sua etnia e habitam um país muito, mas muito distante, o qual se encontra em guerra com a nação que o aprisionou. Mas não podem tentar nenhuma ação militar para libertá-lo devido às represálias que o inimigo poderia tomar sobre os incontáveis cativos que, além daquele da torre, mantém em suas terríveis prisões, Trata-se, pois, de dirigir a ajuda da maneira prevista: DESPERTÁ-LO, ORIENTÁ-LO E REVELAR-LHE O SEGREDO.

Para isso é preciso chegar até ele, mas como fazê-lo se foi encerrado no coração de uma cidadela fortificada, saturada de inimigos em permanente alerta? Há que se destacar a impossibilidade de infiltrar um espião devido as DIFERENÇAS ÉTNICAS insuperáveis: um alemão não poderia infiltrar-se como espião no exército chinês, do mesmo modo que um chinês não poderia espiar no quartel das **SS**. Sem poder entrar na prisão e sem possibilidade de comprar ou enganar aos guardiões, somente resta o recurso de FAZER CHEGAR UMA MENSAGEM ao prisioneiro.

Todavia, enviar uma mensagem parece ser tão difícil como introduzir um espião. Em efeito, no improvável caso de que uma gestão diplomática conseguisse a autorização para apresentar a mensagem e a promessa de que esta seria entregue ao prisioneiro, isso não serviria de nada porque somente o fato de que tenha que atravessar sete níveis de segurança, onde seria censurado e mutilado, torna completamente inútil esta possibilidade. Além do mais, por tal VIA LEGAL (prévia autorização), se imporia a condição de que a mensagem fosse escrita numa linguagem clara e acessível ao inimigo, quem logo censuraria parte de seu conteúdo e transporia os termos para evitar uma possível segunda mensagem cifrada. E não nos esqueçamos que o segredo da saída oculta, tanto interessa que não o conheça o prisioneiro como que o ignore o inimigo. E o primeiro, que dizer numa mera mensagem para conseguir que o prisioneiro DESPERTE, se ORIENTE, compreenda que DEVE escapar? Por mais que pensemos se fará evidente que a mensagem DEVE SER CLANDESTINA e que a mesma NÃO PODE SER ESCRITA. Tampouco pode ser ÓTICA devido a que a pequena janela de sua cela permite observar somente um dos pátios interiores, até onde não podem chegar sinais do exterior da prisão.

Nas condições que temos exposto, não resulta evidente de que maneira podem seus KAMERADEN dar solução e ajudar ao prisioneiro a escapar. Talvez se faça a luz se termos presente que, apesar de todas as precauções tomadas pelo inimigo para manter o cativo desconectado do mundo exterior,

NÃO CONSEGUEM ISOLÁ-LO ACUSTICAMENTE (para isso deveriam tê-lo, como a KASPAR HAUSER, numa cela a prova de sons).

Vejamos agora, como epílogo, o modo escolhido pelos Kemeraden para dar efetiva ajuda, uma ajuda tal que: 1º DESPERTE e 2º REVELE O SEGREDO ao prisioneiro, ORIENTANDO-O À LIBERDADE.

Ao decidir-se por uma via acústica para fazer chegar à mensagem, os Kameraden compreenderam que contavam com uma grande vantagem: O INIMIGO IGNORA A LÍNGUA ORIGINAL DO PRIDIONEIRO. É possível, então, transmitir a mensagem simplesmente, sem duplo sentido, aproveitando que a mesma NÃO SERÁ COMPREENDIDA PELO INIMIGO. Com esta convicção os Kameraden fizeram o seguinte: vários deles subiram a uma montanha próxima e, munidos de uma enorme trombeta, a qual permite amplificar o som da voz, começaram a emitir a mensagem. O fizeram ininterruptamente, durante anos, pois haviam juramentado a não abandonar o intento enquanto o prisioneiro não estivesse novamente livre. E a mensagem da montanha cruzou os campos e os rios, atravessou as muralhas e invadiu até o último rincão da prisão. Os inimigos, no princípio, se surpreenderam, mas como essa linguagem para eles não significava nada, tomaram o som musical como canto de alguma ave fabulosa e distante, e finalmente acostumaram-se a ela e a esqueceram. Mas, o que dizia a mensagem?

Constava de duas partes: Primeiro, os Kameraden cantavam uma CANÇÃO INFANTIL. Era uma canção que O PRISIONEIRO HAVIA OUVIDO MUITAS VEZES DURANTE SUA INFÂNCIA, além, na PÁTRIA DOURADA, quando estavam longe os dias negros da guerra e o cativeiro perpétuo somente podia ser um pesadelo impossível de sonhar. Ah, que doces recordações evocavam aquela melodia! Que Espírito, por mais adormecido que estivesse, não despertaria sentindo-se eternamente jovem, ao ouvir novamente as canções primordiais, aquelas que escutara embalado em dias felizes da infância e que, sem saber como, se transformaram em um sonho antigo e misterioso? Sim; o prisioneiro, por, mais adormecido que estivesse seu Espírito, por mais que o ouvido tivesse fechado seus sentidos, acabaria por despertar e recordar! Sentiria a nostalgia da pátria distante, comprovaria sua situação humilhante, e compreenderia que somente aquele que conta com um valor infinito, com uma intrepidez sem limites, poderia realizar a façanha da fuga.

Se tal fosse o sentir do prisioneiro, então a segunda parte da mensagem lhe dará a CHAVE para encontrar a saída secreta.

Observe-se que dissemos A CHAVE e não A SAÍDA SECRETA. Porque sucede que mediante a chave o prisioneiro DEVERÁ BUSCAR a saída secreta (tarefa que não há de ser tão difícil considerando as reduzidas

dimensões da cela). Mas, depois que a encontre, haverá de completar sua façanha DESCENDO até profundidades incríveis, atravessando corredores absortos em trevas impenetráveis e SUBINDO, finalmente, a cúpulas remotas, tal a complicação do trajeto da enigmática saída secreta. Contudo, JÁ ESTÁ A SALVO, no mesmo momento em que INICIA O REGRESSO, e nada nem ninguém conseguirá detê-lo.

Só nos falta, para completar o epílogo da alegoria, dizer uma palavra sobre a segunda da mensagem acústica, essa que continha a chave do segredo. Era também uma canção. Uma canção que narrava a História de amor proibido e sublime entre um cavaleiro e uma dama já desposada. Consumido por uma paixão sem esperança o cavaleiro havia empreendido uma longa e perigosa viagem por países distantes e desconhecidas, durante a qual se foi tornando destro na arte da guerra. No princípio tratou de esquecer a sua amada, mas passados muitos anos e comprovado que a recordação se mantinha sempre viva em seu coração, compreendeu que deveria viver eternamente escravo do amor impossível. Então, se fez uma promessa: não importariam as aventuras que tivesse de correr ao longo do caminho, nem as alegrias ou infortúnios que elas implicavam: ele se manteria fiel a seu amor sem esperanças, com religiosa devoção, e nenhuma circunstância conseguiria apartá-lo de sua firme determinação.

E assim terminava a canção, recordando que em algum lugar da Terra, convertido agora num monge guerreiro, marcha o cavaleiro valoroso, provisto de poderosa espada e brioso corcel, mas levando junto ao colo uma bolsa que contém a prova de seu drama, a CHAVE de seu segredo de amor: O ANEL DE BODAS que jamais seria usado por sua dama.

Contrariamente à canção infantil da primeira parte da mensagem, esta não produzia uma imediata nostalgia, senão um sentimento de pudorosa curiosidade no prisioneiro. Ao escutar, vindo quem sabe de onde, em sua antiga língua natal, a História do galante cavaleiro, tão forte e valoroso, tão COMPLETO na batalha, e, contudo, tão doce e melancólico, tão DESGARRADO interiormente pela RECORDAÇÃO DE AMOR, se sentia o cativo presa desta curiosidade pudorosa que experimentam os meninos quando pressentem as promessas do sexo ou intuem os mistérios do amor. Podemos imaginar ao prisioneiro cavalgando, perplexo pelo enigma da canção evocadora! E podemos supor, também, que finalmente encontrará uma CHAVE naquele O ANEL DE BODAS... que segundo a canção jamais seria em boda alguma. Por indução, a idéia do ANEL o levará a buscar e encontrar a saída secreta.

Eis aqui a alegoria. Devemos agora destacar as relações análogas que ligam o prisioneiro com o Eu do virya perdido.

M - Estudo análogo da alegoria do Eu prisioneiro.

Com o fim de que a relação análoga fique claramente evidenciada, procederemos de acordo ao seguinte método: primeiro, um premissa com relação à História alegórica do “prisioneiro”; em segundo lugar, afirmaremos uma premissa referida a uma situação semelhante no “virya perdido”; em terceiro lugar COMPARAMOS ambas as premissas e extraímos a CONCLUSÃO, ou seja, DEMONSTRMOS a analogia.

Compreende-se que não podemos expor A TOTALIDADE das correspondências sem risco de estendermos indefinidamente. Portanto, somente destacamos aquelas relações que SÃO imprescindíveis para nosso propósito e deixaremos como exercício de imaginação do leitor, a possibilidade de estabelecer muitas outras.

Recordemos, somente, que no virya perdido, o Eu perdido se encontra diluído no sujeito consciente, ou seja, confundido com o sujeito anímico evolutivo. Aqui temos preferido considerar ao Eu perdido ligado diretamente à RAZÃO, em virtude de ser este sujeito mais próximo que se encontra do mundo, quem primeiro recebe os desígnios. Por “razão, em todo caso, há de se entender “o sujeito anímico evolutivo” do pasu, quem evolui pela ação confusa do Eu, essa manifestação do espírito aprisionado.

1°

a- O "prisioneiro" se encontra a mercê de seus guardiões, quem lhes mantém em perpétuo cativeiro.

b- O Eu, do virya perdido, é prisioneiro perpétuo da “razão”, vale dizer, do sujeito anímico evolutivo.

c- O "prisioneiro" e o Eu são análogos.

2°

a- Os “guardiões” são os intermediários dinâmicos, mesquinhos por certo, entre o “prisioneiro” e o “mundo exterior”.

b- A "razão" é intermediária dinâmica, muito pobre, entre o Eu e o "mundo exterior" (no virya perdido).

c- Os "guardiões" e a "razão" são análogos. (Recordemos que quando a razão elabora uma "lei da natureza" intervêm os "princípios matemáticos" e as "premissas culturais preeminentes").

3°

a- Os "guardiões" se valem de uma “linguagem própria” diferente da “língua natal” do prisioneiro, à que este tem esquecido.

b- A "razão" usa modalidades lógicas, diferentes da "língua primordial hiperbórea" original do virya perdido, à que este esqueceu por sua confusão estratégica.

c- A "linguagem própria” dos guardiões é semelhante às modalidades lógicas da estrutura cultural.

A "língua natal" do prisioneiro é semelhante a "língua primordial hiperbórea" do virya perdido.

4°

a- O primeiro ambiente do "prisioneiro" é sua “cela” da torre, que o contém quase completamente com a exceção das aberturas (porta e janela) por onde somente mui debilmente podem estender-se os sentidos.

b- O primeiro ambiente do Eu é a “esfera de sombra”, que o contém quase completamente.

c- A “cela” da torre é análoga à esfera de sombra do virya perdido.

5°

a- Na "cela" há uma "janela gradeada” por meio a qual o prisioneiro obtém uma imagem precária, mas “direta” do mundo exterior.

b- Estabelecendo um contato permanente com o Eu está à esfera "sensorial", por meio da qual este obtém uma imagem precária, mas "direta" do mundo exterior.

c- A "janela gradeada" é análoga à "esfera sensorial" (ou "os sentidos") no virya perdido.

6°

a- Na cela há uma "'porta engradada" pela qual ingressam os guardiões, e com eles as notícias censuradas, ou seja, por onde o prisioneiro obtém uma imagem "indireta" do mundo externo.

b- O Eu pode formar-se uma imagem "indireta" do mundo exterior mediante a "reflexão", ou seja, o ato pelo qual se recebe a informação "racional"

c- A "porta engradada" é análoga ao ato de refletir ou de perceber.

7°

a- A cela do "prisioneiro" se encontra numa "torre" e está num "pátio amuralhado".

Rodeando as muralhas há "fossos" profundos, e depois outras muralhas, e outros fossos e assim sucessivamente até completar sete voltas de muro e fosso. Os sete circuitos de segurança desta formidável "prisão" se conectam entre si por "pontes levadiças", "corredores", "portões", "grades", etc. Além da última muralha se estende o "mundo exterior", o país do inimigo.

Em síntese: á a "prisão" uma estrutura estática que se interpõe entre o prisioneiro e o mundo exterior.

b- Entre o Eu e o mundo exterior se interpõe uma complexa estrutura estática denominada "cultural". A "razão", para tornar "razoável" a informação do mundo exterior, se apóia em certos elementos de tal estrutura estática ou "cultural", por exemplo, as "premissas culturais preeminentes", que significam conceitos de Relações.

c- A "prisão" é análoga à "estrutura cultural". Também certas partes da "prisão", muralhas, fossos, pontes, etc., são análogos a certas partes da "estrutura cultural", isto é, as "premissas culturais preeminentes".

Comentário: Tenha-se presente que, na alegoria, tanto os “guardiões” como a “prisão” são intermediários entre o prisioneiro e o mundo exterior. Mas os “guardiões” são intermediários “dinâmicos” (analogamente à “razão” no virya perdido) enquanto que a “prisão” é intermediária “estática” (analogamente à “estrutura cultural” do virya perdido).

8°

a- Além da última muralha da prisão se estende o “mundo exterior”, aquela realidade que nunca poderá ser vista pelo “prisioneiro” devido a que a estrutura da “prisão” limita seu movimento e a que uma “guarda” permanente cuida de que se mantenha tal situação.

b- O Eu, no virya perdido, se encontra habilmente submerso nas profundidades da estrutura cultural, flutuando perdido entre seus artificiais e estatísticos elementos e à mercê da tirania implacável que exerce a razão. A estrutura cultural rodeia completamente ao Eu, salvo algumas frestas, por onde assoma deliberadamente a “esfera sensorial”. Além da estrutura cultural, como objetivo das esferas instintiva e sensorial, se estende o “mundo exterior”, a realidade que nunca poderá “ser vista” (em sua verdade, “tal como é”) pelo Eu perdido.

c- O "mundo exterior" além da prisão é semelhante ao “mundo exterior” além da “estrutura cultural” que sujeita ao Eu no virya perdido.

9°

a- Em uma montanha próxima, os Kameraden tratam de ajudar ao “prisioneiro” a fugir da “prisão”. Para isso enviam uma mensagem, em sua língua natal, valendo-se do meio acústico.

Em tal mensagem há uma “canção infantil” para “despertar” ao prisioneiro, e uma “Canção de amor”, com a “chave do anel”, para que busque a saída secreta e fuja.

b- Em um "centro" oculto chamado Agartha, os Siddhas Leais tratam de ajudar aos viryas perdidos a romper as cadeias que os mantêm sujeitos ao mundo material do Demiurgo. Para isso enviam carismaticamente uma mensagem na “língua dos pássaros”, valendo-se da “cabala acústica”. Em tal mensagem há uma “recordação primordial”, para despertar e orientar ao virya, e uma “Canção de A-mort”, com a “chave do anel”, para que busque o centro,

conquiste o Vril e abandone, como um Deus, o inferno material de Jehová-Satanás.

c- Podem-se estabelecer, entre "a" e "b", muitas analogias. Só destacaremos a mais importante: Os Kameraden são análogos aos Siddhas Hiperbóreos.

Cremos que os nove argumentos precedentes constituem uma eficaz demonstração da correspondência análoga que existe entre a “alegoria” e a situação do virya perdido. Mas isto não é tudo. Temos reservado três componentes da alegoria (canção infantil, Canção de A-mort, saída secreta) para efetuar uma última correspondência análoga e extrair a conclusão final.

Como a validade da relação análoga existente fica claro nos argumentos precedentes, não será necessário recorrer ao mesmo método no próximo comentário: daremos por provadas as analogias que mencionamos.

Recordemos agora os motivos que nos levaram a desenvolver a alegoria. Proporíamos-nos mostrar, de maneira análoga, o método empregado pelos Siddhas Leais para contra atacar a ação da “cultura”, arma estratégica da Sinarquia. Previamente esclarecemos que são os “elementos culturais interiores” o verdadeiro instrumento que a Sinarquia emprega para manter ao virya “perdido”, ou seja, na confusão. Neste estado o Eu é sujeito pela razão à estrutura cultural, fonte da qual se nutre, finalmente, toda a atividade mental. Assim ocorre que o Eu, ou seja, a consciência presente do virya resulta “dirigida até” o mundo “através” da estrutura cultural “pela” razão; o resultado, dissemos várias vezes, é uma imagem deformada do mundo e um estado de confusão psíquica que dificulta enormemente a “reorientação estratégica” do virya. Contra esta situação os Siddhas Leais, igual aos Kameraden da alegoria, se dispõem a acudir em auxílio “enviando uma mensagem”.

O principal objetivo é “sortear todas as muralhas” e chegar até o prisioneiro, o Eu, com uma mensagem de duplo significado: 1º. Despertar; 2º. Orientar. Por isso os Siddhas Leias “transmitem a mensagem” carismaticamente HÁ MUITOS MILÊNIOS; alguns os ouvem, despertam e partem; outros, no mais, continuam na confusão. Claro, não é fácil reconhecer a mensagem porque foi emitida na língua dos pássaros... e seus sons somente podem ser percebidos com o sangue.

Está claro, então? A mensagem dos Siddhas Leais permanentemente ressoa no sangue dos viryas perdidos. Quem não ouve é porque padece a confusão estratégica ou desconhece sua existência, que vem a ser o mesmo. Mas como DEVERIA cumprir sua missão a mensagem carismática? Em dois passos. Em primeiro lugar os Siddhas FALAM, no sangue do virya, de uma

recordação primordial, de algo ocorrido NO COMEÇO DO TEMPO quando O ESPÌRITO AINDA NÃO HAVIA SIDO PRESO PELOS DEUSES DA MATÉRIA. Como os Siddhas conseguem fazê-lo é um Mistério muito grande, do qual somente eles podem responder. Esta “recordação primordial”, a “canção infantil” da alegoria, é induzida com o propósito de que “ative” a recordação de sangue próprio do virya, ou seja, que “sinta” sua Minne.

Se tal coisa ocorre então o virya perdido experimentará uma súbita "nostalgia de outro mundo", um desejo de "deixá-lo e partir". Tecnicamente isto significa que a "memória de sangue" chegou "ali onde o Eu perdido do virya se encontrava": sobre o sujeito consciente. Um contato tal, entre o Eu e a Minne, se realiza independentemente da estrutura cultural e a razão; e esse é o objetivo buscado pelos Siddhas. Pode-se, pois chegar à medula do Eu, pela via do sangue; será então, nesse fugaz momento quando se deixará ouvir a "Canção de A-mort".

Falemos agora da segunda parte da mensagem, ao que temos chamado alegoricamente “Canção de A-mort”. Antes de tudo digamos que tal nome não é caprichoso, pois a Sabedoria ensina que, A PARTIR DE SUA ORIGEM NO UNIVERSO FÍSICO, ou seja, desde sua sincronização com o Tempo, O ESPÍRITO PERMANECE ARPISIONADO À MATÉRIA POR UM MISTÉRIO DE A-MORT. Quando a recordação de sangue, ativado pela primeira parte da mensagem, ABRE UM CAMINHO (não racional, não cultural) ATÉ O EU. Então, os Siddhas Leais CANTAM A CANÇÃO DE A-MORT, fazem participar ao virya no Mistério. Se seu sangue é suficientemente puro para que a mensagem carismática possa se conscientizado, então o virya tem a possibilidade de “orientar-se” à origem e mantém definitivamente “desperto”.

Em quase todas as grandes civilizações da Antiguidade, tais como Egito, Babilônia, Grécia, Roma, etc., existiram ordens sacerdotais ou colégios de iniciados agrupados em torno de um Mistério. Em verdade, essas castas de sábios alimentavam tenazmente o propósito de salvar os restos da Sabedoria Hiperbórea, frente ao avanço corruptor do Kaly Yuga. Convém esclarecer aqui, ainda que mais não seja brevemente a diferença entre esses “mistérios” e o Mistério de A-mort ao qual alude a segunda parte da mensagem dos Siddhas. Em primeiro lugar recordemos que os Mistérios da Antiguidade teriam por fim perpetuar um conhecimento esotérico mediante A INICIAÇÃO, ou seja: cumpriam uma FUNÇÃO SOCIAL. Em segundo lugar há de ter-se presente que estes “mistérios” se constituem A CAUSA DO KALY YUGA, num intento para salvaguardar a Sabedoria Antiga da decadência universal e da queda no exoterismo. Ou seja, que desde suas origens os Mistérios da Antiguidade estão LIGADOS AO TEMPO (histórico), o qual foi sempre seu verdadeiro fundamento.

Contrariamente aos “Mistérios da Antiguidade” o Mistério de A-mort não é nem social (ou iniciático) nem se encontra ligado a Tempo Histórico algum, já que sua “transmissão” carismática é sincronística e acausal, e, portanto, “sempre presente”. Só tem em comum a palavra “Mistério”, mas, como este fato pode provocar alguma confusão, cremos conveniente esclarecê-lo para que se descarte desde o início qualquer crença de que o Mistério de A-mort possa ser (como os “Mistérios da Antiguidade”) um mero saber esotérico ao qual possa ascender por “iniciação”.

O mistério de A-mort não pode ser revelado pelo sangue puro, interiormente, num contato transcendente com o Eu que se realiza sem intervenção de categorias culturais ou racionais. É, portanto, uma experiência ABSOLUTAMENTE INDIVIDUAL, única para cada virya. Quem conhece os segredos do Mistério de A-mort não é um “iniciado”, senão um TRANSMUTADO, um Siddha imortal ou, por breve tempo, um “virya desperto”.

O mistério de A-mort é uma descoberta pessoal, e portanto, única para cada virya, sobre a VERDEDA DE SUA PRÓPRIA QUEDA. Ninguém pode conhecer este segredo e continuar igual. E ninguém, muito menos, se atreveria a falar sobre isso uma vez que a Suprema Experiência tenha lugar. Pelo contrário, muitas vezes os lábios ficam selados para sempre, os olhos cegos, e os ouvidos fechados. Não são poucos os cabelos que se tornam brancos nem menores as mentes que se afundam nas trevas da loucura. Porque somente um valor infinito pode sustentar, vivo e lúcido, aquele que viu o Engano das Origens e compreendeu, por fim, OCOMO E O PORQUÊ DE SUA QUEDA. Sendo o peso do segredo tão terrível compreende-se porque dizemos que jamais pode haver no mundo algum indício do Mistério de A-mort e somente alguém irresponsável ou louco afirmaria o contrário. A Sabedoria Hiperbórea aporta TÉCNICAS DE PURIFICAÇÃO SANGUINEA que tem por finalidade APROXIMAR AO MISTÉRIO. Mas o Mistério em si, se descobre interiormente, é único para cada virya e NINGUÉM DEVE FALAR DELE.

A alegórica História do prisioneiro nos permite expor de maneira simples o método empregado pelos Siddhas Leias para guiar aos viryas perdidos. A mensagem carismática consegue, se escutada, “despertar” ao virya pondo-o em contato com sua memória de sangue, com sua Minne. A continuação se faz participar o Mistério de A-mort, Suprema Experiência que ANULA, como dissemos, a Estratégia cultural da Sinarquia. Mas NÃO PODEMOS saber em que consiste o Mistério de A-mort até não tê-lo vivido individualmente. Somente temos dele os INDÍCIOS GERAIS que tem deixado AQUELES QUE SE TRANSMUTARAM E PARTIRAM. Em base a tais indícios podemos afirmar que o Mistério de A-mort é experimentado de SETE MANEIRAS DIFERENTES pelos viryas e que, justamente, essa é a razão que a Sabedoria Hiperbórea prevê sete vias de libertação (secretas).

De acordo ao modo em que o Mistério de A-mort foi gnosticamente percebido será a via de libertação adotada e é por isso que se fala de uma “via da mutação” ou “do raio”, de uma “via seca” ou “Caminho da mão direita”, de uma “via úmida” ou “caminho da mão esquerda”, de uma “via da oposição estratégica” ou “via da gnose guerreira para o retorno absoluto”, etc.

Não falaremos, então, de todas as vias de libertação, mas daquela que tem especial relação co este inciso, ou seja, a via da oposição estratégica, que era a seguida pelos iniciados da Einherjar. Contudo, não podemos deixar de mencionar que o Mistério de A-mort, revelado pelos Siddhas Leias, é a antiga base dos sistemas tântricos do Tibet, ainda que na atualidade tais yogas tenham perdido seu sentido gnóstico com exceção do TANTRA KAULA, que ainda conserva parte da Sabedoria.

Na alegoria, a segunda parte da mensagem era bastante extensa porque se referia também as “outras vias” de libertação que pode “abrir” o Mistério de A-mort. Mas o prisioneiro encontrou a chave no ANEL DE BODAS e isto implica, analogamente, que optou pela via da oposição estratégica. A mensagem chegou a ele “por via acústica”, ou seja, gnosticamente e, ao tomar consciência de seu conteúdo, por meio da chave revelada, acha na cela UMA ARGOLA, a qual permite ABRIR A SAÍDA SECRETA.

A “cela”, segundo o argumento 4, é análoga à esfera de sombra. Mas, como substrato da esfera de sombra se encontra a estrutura cultural: uma ARGOLA *dissimulada” no piso da cela corresponde a um PRICÍPIO MATEMÁTICO, a um símbolo arquetípico integrado, “dissimulado” no esquema de uma Relação.

A alegoria nos permite compreender, então, que os Siddhas, com sua mensagem carismática, DES-COBREM UM PRINCÍPIO MATEMÁTICO que permanecia inconsciente na estrutura cultural, ao que denominamos PRICÍPIO DO CERCO. Daí que:

10°

c- A “argola” na cela do prisioneiro é análoga ao “princípio do cerco”, princípio matemático, ou arquétipo coletivo que permanecia inconsciente no virya perdido e que a mensagem dos Siddhas DES-COBRIU.

Havíamos demonstrado mais atrás que "no processo mental que dá lugar à ‘idéia cientifica’ de um fenômeno concorrem elementos de duas fontes principais: os “princípios matemáticos” e as “premissas culturais preeminentes”. Isto se verifica principalmente ao formular uma “lei da natureza”, a qual explica o comportamento de um fenômeno estabelecendo relações causais entre aspectos do mesmo. Ponhamos um exemplo simples>

desejamos “medir” o lado de um poliedro regular. Aqui o fenômeno é um corpo com forma de poliedro regular, ou seja, um “ente fenomênico”. Tomamos para isso a “régua graduada”, ou seja, uma superfície plana sobre a qual se gravaram as unidades de longitude e da qual estamos seguros de que um de seus lados é perfeitamente reto. Fazemos coincidir o zero da régua com o “começo” do lado que vamos medir. Observamos agora que o “fim” do lado coincide com o número cinco da régua e afirmamos que “no poliedro, o lado mede cinco centímetros”. Temos realizado, como se verá, uma série de operações subjetivas cujas conclusões, entretanto, podem ser confirmadas por outros observadores; esta possibilidade de comprovação é o que dá peso de “lei da natureza” ao fato mencionado.

Mas ocorre que na régua, que cremos numerada, na realidade há signos gravados que REPRESENTAM números, não números em si. Os números são princípios matemáticos próprios da estrutura cultural, ou seja, elementos subjetivos que intervém no ato de “reconhecer que o limite do lado coincide com o signo 5º”. Se dissermos “mede cinco centímetros”, estamos realizando a afirmação de uma qualidade empírica: “existe uma proporção (ou seja, uma relação matemática) entre a longitude do lado do poliedro e a longitude do meridiano terrestre”. Esta proporção é fixa ou CONSTANTE (= 5 cm) e constitui uma “relação entre aspectos de um fenômeno”, ou seja, “uma lei da natureza”.

O CENTÍMETRO equivale à centésima parte de um metro e este à décima milionésima parte de um quarto de meridiano terrestre.

O ente fenomênico apresentou-se COMPLETO, íntegro em sua manifestação. Porém, não é possível apreendê-lo em sua totalidade; observarmos UMA PARTE do mesmo se fez eminente, sobressaindo e destacando-se por sobre OUTROS ASPECTOS. A UNIDADE do fenômeno ficou rota em favor da PLURALIDADE de qualidades que somos capazes de atribuir-lhe. Distinguimos DUAS faces quadradas e, em cada face, QUATRO arestas e Quatro ÂNGULOS, etc. Depois praticamos a MEDIÇÃO de uma aresta ou lado e estabelecemos uma “lei da natureza”: “a longitude do lado é proporcional à longitude do meridiano terrestre e sua razão é de 5 cm”.

Nesta operação que acabamos de descrever intervieram os princípios matemáticos (quando distinguimos DUAS faces, QUATRO arestas, etc.) e as “premissas culturais preeminentes” (quando se tornou “eminente” a face, o lado, ou qualquer outra qualidade). As duas fontes concorrem no ato racional de “relacionar” (medir) aspectos do fenômeno e postular uma “lei da natureza” (mede 5 cm) que pode ser universalmente comprovada.

Esperamos ter deixado claro que os PRINCÍPIOS MATEMÁTICOS (o UM, o DOIS, o QUADRATO, etc.), por serem propriedades intrínsecas da

estrutura mental INTERVÊM A PRIORI na formulação de uma lei da natureza. Enquanto aos "números" do mundo, esses que aparecem gravados na régua, somente são SIGNOS CULTURAIS DE REPRESENTAÇÃO aos quais RECONHECEMOS graças à aprendizagem convencional. Houve povos antigos que representavam os números com nós ou ideogramas; é presumível que um instrumento de medição composto de uma vara na qual se tem gravados hieróglifos não significaria, em princípio, nada para nós se não conseguimos "ler" os signos, ou seja, realizar as representações numéricas.

A análise epistemológica sobre o mundo como o virya estabelece uma lei da natureza há de levar-nos fatalmente à conclusão de que seria impossível que o princípio do cerco fosse localizado no mundo como propriedade dos entes e pudesse ser formulado numa linguagem sócio-cultural. Pelo contrário, o que pode ocorrer, em todo caso, é que o princípio do cerco seja projetado, consciente ou inconscientemente, sobre um fenômeno e seja logo descoberto nele como relação eminente entre qualidades. Naturalmente, dependerá do tipo de fenômeno representando a complexidade com a que o princípio do cerco seja empiricamente re-conhecido e introjetado na estrutura psíquica.

Em resumo, o "princípio do cerco", descoberto à consciência pela mensagem dos Siddhas Leais, é também um princípio matemático e como tal intervirá em toda percepção fenomênica. Os números naturais (que estão na mente) nos permitem "contar" (um, dois) as metades dessa maçã (que está no mundo). O princípio do cerco (que está na mente) nos permite aplicar a "lei do cerco" sobre esse fenômeno (que esta no mundo). Temos recorrido um largo caminho para chegar a esta conclusão. Expressemo-la agora de maneira geral: O PRINCÍPIO DO CERCO FARÁ POSSÍVEL A DETERMINAÇÃO DA LEI DO CERCO EM TODO FENÔMENO E EM QUALQUER RELAÇÃO ENTRE FENÔMENOS.

Mas o princípio do cerco é, geralmente, inconsciente e somente quem consegue ouvir a mensagem dos Siddhas Leias podem incorporá-la à esfera de consciência. E somente eles, os viryas despertos, serão capazes de aplicar a lei do cerco numa estratégia guerreira que assegura o retorno à origem.

Como última reflexão com respeito à alegoria, digamos que quando o prisioneiro "puxa a argola" e descobre a saída secreta está efetuando uma ação análoga a quando "o virya desperto 'aplica a lei do cerco", segundo a técnica arquemônica, e abre unívoca e irreversivelmente uma via até o Vril. .

Ficou explicado, então, o método que os Siddhas Leais empregam para contra atacar a "cultura", arma estratégica inimiga. Eles enviam Sua mensagem que tem por fim DESPERTAR no virya a recordação de sangue e ORINTÁ-LO ao Vril, sua "saída secreta". Para este último lhe induzem a descobrir o "princípio do cerco" e a aplicar, depois, a "técnica arquemônica".

O princípio do cerco É INFALÍVEL para os fins estratégicos propostos e tanto pode ser aplicado individual como coletivamente. A História abunda em exemplos de viryas que tem aplicado técnicas baseadas na Sabedoria Hiperbórea para imortalizar-se como Siddhas ou para conduzir a um povo de sangue puro à mutação coletiva; como prova dessas gloriosas ações ficaram numerosas construções de pedra que ninguém compreende em nossos dias, porque para isso haveria de possuir uma visão fundada no princípio do cerco. Ao virya desperto, conhecedor da técnica arquemônica, um só olhar sobre as construções megalíticas, ou sobre ou sobre os K.Z.[4][9][2] lhe basta para interpretar corretamente a Estratégia Hiperbórea na qual se baseou sua construção.

Digamos finalmente que quem é consciente do princípio do cerco TEM SUPERADO à estratégia cultural inimiga e PODE REALIZAR O DUPLO ISOLAMENTO, DO EU E DO MICROCOSMO.

O princípio do cerco permitirá fixar os limites do sujeito consciente, isolando o Eu das premissas culturais preeminentes, e transladando-o ao "centro" ou selbst.

A técnica arquemônica permitirá, ENTÃO, isolar o microcosmo do macrocosmo, ganhando um tempo e um espaço próprios, ou seja, a imortalidade: o microcosmo ou corpo físico se transmutará em VRAJA, a matéria incorruptível. .

N – O risco do virya.

Os Berserkiren, iniciados da Einherjar, aplicavam o princípio do cerco no Valplads mediante a técnica arquemônica. Sua arquêmona (um "anel de água") dividia topologicamente o Valplads em duas partes: uma "exterior", o Valplads propriamente dito, e uma "interior" ou "praça". .

Quando o Berserkir ocupa a praça por meio da "oposição estratégica" aplica a lei do cerco sobre a arquêmona, se produz a desincronização temporal e, se a oposição é suficiente, a independência final com relação ao tempo do Valplads. Mas o tempo do Valplads é "o transcendente fluir da consciência do Demiurgo"; tornar-se independente dele, dispor de "um tempo próprio do microcosmo", significa estar à margem de toda determinação de "primeira" ou de "segunda ordem". O Demiurgo perdeu "momentaneamente" sua capacidade para atuar sobre o virya e este "momento", o tempo próprio, é aproveitado para DIRIGIR-SE, AVANÇAR para a origem. È possível, assim, conquistar o Vril e transmutar-se em Siddha imortal. Mas o que acontece se não se alcança o centro, seja porque faltou pureza, talvez porque se tenha

temido dar o Grande Salto? Segundo explicamos em “F”, sua conseqüência imediata é a DESVANTAGEM ESTRATÉGICA, uma posição de debilidade frente à Estratégia inimiga que em muitos casos conduz à loucura. E por isso, a raiz de tais riscos, sempre se adverte que somente quem possui um valor infinito, e esteja despojado de toda moral ou dogma, poderá empregar a técnica arquemônica com probabilidades de êxito. Mas se contar com valor suficiente e um total desapego pelas “coisas do mundo” sempre é possível realizar a operação inversa de “sincronizar-se” com o tempo do Valplads, ainda que esta operação implique uma terrível nivelação de forças. Isto se deve a que, durante a “operação estratégica”, fica lançada uma “SITZKRIEG” ou guerra de sítio na qual o inimigo aplica toda a POTÊNCIA de sua Estratégia sobre a arquêmona, ou seja, contra a praça. Enfrentam-se ali duas Estratégias, uma, a vontade do Demiurgo posta em manter o aprisionamento material ao virya; outra, a Estratégia Hiperbórea daquele que escolheu, para empreender o retorno, seguir a via da oposição estratégica com sua técnica arquemônica. Se o virya decide continuar ocupando a praça, enquanto busca a SAÍDA INTERIOR, deve preparar-se para resistir a uma pressão cada vez maior do inimigo. Caso decida, em compensação, “sincronizar-se” e regressar ao Valplads deve preparar-se para confrontar um perigo certo de loucura, produto do “desajuste arquetípico” consciente, do qual só o pode salvar sua pureza sangüínea.

Ao fim de tão largo caminho, só nos resta dar o último passo “em busca do princípio do cerco”.

O – O ato de guerra individual do virya desperto.

A ordem guerreira medieval, EINHERJAR seguia um Caminho Hiperbóreo de libertação espiritual denominado "via da oposição estratégica”. Para resumir todo o conceito podemos afirmar que tal via permite ao virya desperto, considerado como microcosmo potencial, OBTER AUTONOMIA ESPACIAL E TEMPORAL. Mas, se o virya desperto NÃO É um ente autônomo, um microcosmo atual, o que significa tal autonomia espaço-temporal obtida pela via da oposição estratégica? Resposta: que a autonomia NÃO SERÁ DIRETA, ou seja, produto da enteléquia do Arquétipo Manu, de existir como microcosmo atual, senão que INDIRETA, produto do ISOLAMENTO ÔNTICO QUE O ESPIRITO PODE SUBMETER AO MICROCOSMO POTENCIAL. Não importa, então, o grau evolutivo do microcosmo, pois o isolamento ocorrerá de fora, sem tomar em conta a entelequia. O que terá, em troca, capital importância, será a pureza de sangue, a qualidade com que o Eu consiga intuir o Símbolo da Origem, pois disso dependerá a eficácia estratégica do isolamento.

E como se propõe tal via de libertação, isolar ao microcosmo potencial do virya desperto? Resposta: A técnica arquemônica permite dominar o espaço, e a oposição estratégica torna possível o domínio do tempo. Em outras palavras: a técnica arquemônica dá a possibilidade, ao virya desperto, de iniciar uma ação individual de guerra cuja finalidade é ILIMITAR um espaço do Valplads e subtraí-lo do controle do Demiurgo; em tal área estratégica, o microcosmo potencial estará isolado ESPACIALMENTE do macrocosmo; então, DESDE A ARQUÊMONA, poderá isolar-se TEMPORALMENTE praticando a oposição estratégica. Trata-se, pois, de dois atos essencialmente vinculados, de dois passos correlativos no Caminho de Libertação Espiritual. Nesse e nos próximos artigos vamos explicar ambos os passos, a "técnica arquemônica" para criar o espaço e a "oposição estratégica" para criar o tempo, começando pelo princípio.

Tal como se deixou entrever em "G", a criação de uma Arquêmona tem outras aplicações além de servir de "praça segura" na Estratégia pessoal do virya desperto. Quando o princípio do cerco se revelou ao Eu, a arquêmona tanto pode ser "exterior" como "interior" ao microcosmo: se for exterior pode constituir, em efeito, o refúgio do virya, mas também, junto com as runas, há de ser útil como arma ou instrumento para exercer o controle sobre os entes. Se for interior, sua ação pode cercar ao Eu e isolá-lo do sujeito consciente, facilitando assim enormemente as possibilidades de romper o aprisionamento espiritual, mas também há de ser útil para enquadrar e resignar todo símbolo da estrutura psíquica, especialmente os mitos autônomos, cujo poder perturbador já descrevemos. E isto, somente por nomear algumas das incontáveis possibilidades da arquêmona, todas as quais são de uso corrente para o iniciado hiperbóreo, virya desperto ou Siddha Berserker. Aqui, por suposto, vamos nos referir unicamente à prática concreta da via da oposição estratégica, tal como se ensinava na Ordem Einherjar.

No caso que vamos estudar, o virya desperto opera uma arquêmona exterior, ou seja, UM CERCO PLASMADO NO VALPLADS, em algum espaço de significação macrocósmica do Demiurgo. Naturalmente, se o leitor desta obra desconhece o princípio do cerco TOTAL, válido em todo espaço, será muito difícil avançar com a explicação; entretanto, se basearmos o desenvolvimento numa conseqüência topológica intuitiva do princípio do cerco, "divide a seu plano em duas partes", é possível obter evidência por indução análoga. Então, sem esquecer em nenhum momento que se trata de uma grosseira analogia geométrica, vamos representar graficamente a arquêmona exterior, ver figura 33.

Em verdade, e isso afirmamos enfaticamente, o desenho representa toscamente a ARMA PESSOAL MAIS PERFEITA E TEMÍVEL DE TODO O UNIVERSO MATERIAL: UM INSTRUMENTO QUE CONCEDE AO VIRYA OS PODERES DE UM DEUS.

Observemos, na figura, dois elementos bem definidos: a “curva fechada” da arquêmona, em cor azul, e um carimbo exterior na cor vermelha. O primeiro elemento é essencial na técnica arquemônica e o segundo corresponde à teoria da oposição estratégica, que exporemos em último lugar.

Estudaremos a operação da arquêmona analogamente, passo a passo, e para isso começaremos por descrever a atitude típica do virya desperto no momento de lançar-se ao assalto. O primeiro passo do virya desperto, em efeito, consiste em ASSALTAR E OCUPAR um sítio do macrocosmo, atuando gnosticamente, com pleno conhecimento dos alcances de sua ação ofensiva. Será um ataque surpresa: um golpe descarregado no momento certo, na oportunidade precisa, porque o instante da ação não foi antecipado pela razão, senão determinado pelo kairos da Honra, momento no qual se canaliza o valor absoluto de guerreiro hiperbóreo. É o assalto surpresa de um lugar que se realiza simultaneamente com uma tomada de posição espiritual. Mas esse lugar assaltado jamais poderia ter sido defendido pelo Demiurgo porque é impossível para Ele prever o lugar e o momento de um ataque que nunca foi planejado pela razão do virya, nem imaginado pelo sujeito consciente: o kairos, a oportunidade de atuar, é determinado pela vontade graciosa da esfera Ehre (1) e só rege para o Eu desperto.

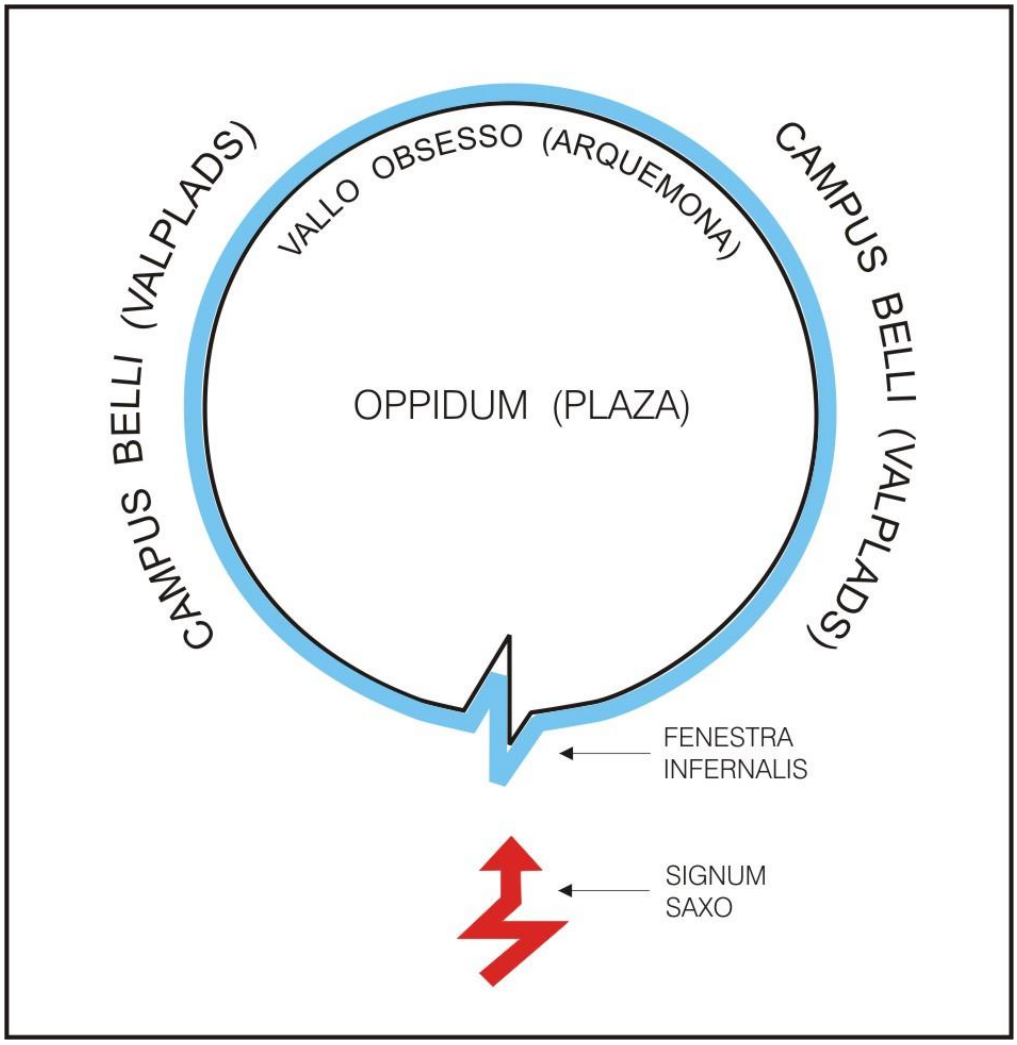


FIGURA 33

O virya desperto só conhece a técnica arquemônica, o lugar e o momento de atuar quando o kairos assinalar. É tão rigorosa esta condição que GRENDE PARTE DA INICIAÇÃO HIPERBÓREA CONSISTE EM CONSEGUIR, PARA O EL DESPERTO; O LUGAR NÃO IMPORTA ABSOLUTAMENTE NADA: AO VIRYA DESPERTO DEVE RESULTAR-LHE INDIFERENTE O LUGAR QUE VAI CONQUISTAR NO MACROCOSMO PORQUE TODO ESPAÇO É PARTE DE MAYA, A ILUSÃO DO REAL.

Para o virya desperto todo o espaço do macrocosmo constitui o Valplads, o campo de batalha dos heróis, onde se luta sem importar a morte porque o que morre no “campus belli” é ressuscitado por Wotan e os Siddhas em Valhalla. Por isso o guerreiro hiperbóreo jamais mede as forças em jogo, jamais especula nem faz cálculos materiais: isso é costume dos medíocres e dos judeus. Não é a sua classe de “Estratégia” à que nos referimos aqui. O guerreiro hiperbóreo se lança ao combate, SEM CALCULAR RISCOS,

PORQUE PARA ELE, O FUTURO NÃO EXISTE. SEU ROSTO, COMO O DA NORN URD, MIRA SOMENTE À ORIGEM. De qual sinal se guia, então, para lutar? Ou seja, em qual princípio fundamenta seu critério guerreiro? Resposta: na HONRA, a moral absoluta do virya desperto. Tal como vertemos na Segunda Parte, A HONRA, QUE É O ATO DA VONTADE GRACIOSA RESOLUTA, SE MANIFESTA NUMA ESPÉCIE TEMPORAL PRÓPRIA DENOMINADA KAIROS: kairos é O momento de atuar com honra, A oportunidade de assentar um golpe no inimigo, A ocasião de marchar à Origem, O instante de morrer com valor para ressuscitar com glória. Evidentemente, o kairos da honra dificilmente coincida com o que o homem corrente, pasu ou virya perdido, entende por "motivação interessante para atuar", por exemplo, o dinheiro, a fama, o Prêmio Nobel, etc.

Pois bem, ainda que pareça estranho aos MENTECAPTOS, o certo é que o virya desperto não inicia a luta, mas quando seu kairos o decide e então o faz resolutamente, sem medir riscos, em que importe "ganhar" ou "perder". Não é que o ato de lutar "seja uma questão de honra", senão que o ato e a honra são uma e a mesma coisa: VONTADE EGOICA, OU SEJA, FORÇA DE ORIGEM ESPIRITUAL, VALOR INTRÉPIDO.

Estamos, pois, em que o virya desperto, no kairos justo, realiza um ATO DE GUERRA INDIVIDUAL. Mas todo ATO, com ser definido, reveste um caráter, uma forma representativa; sob quais características se expressa a atitude bélica, na via da oposição estratégica? Resposta: Todo virya que toma pelo Caminho da Libertação Espiritual, segundo veremos na Segunda Parte, deve começar por professar a Tese Fundamental da Sabedoria Hiperbórea. Em tal Tese se afirma que o modo de existência NORMAL do Espírito cativo é tão essencialmente oposto ao Universo material do Demiurgo que sua única característica EXTERIOR é a HOSTILIDADE. Naturalmente, a Tese narra uma lenda, uma História das origens, posto que todo Espírito cativo tenha sido neutralizado em sua hostilidade essencial pela traição dos Siddhas Traidores, ou seja, tenha sido reduzido ao estado de ANORMALIDADE que temos explicado nos primeiros incisos por meio do Modelo de Esfera. Mas o Mistério do Espírito cativo somente pode ser insinuado pela Tese ou por qualquer explicação análoga: a verdade, a única e efetiva verdade, está no interior de cada um, na memória de sangue. Ali deve concorrer o virya PARA CONFIRMAR A TESE. POR ISSO, PARA QUEM ESCUTOU A VOZ DO SANGUE PURO E DECIDE COMBATER, O ATO DE GUERRA INDIVIDUAL NÃO PODE CARACTERIZAR-SE DE OUTRA MANEIRA QUE PELO ÓDIO GNOSTICO PELO MUNDO DO DEMIURGO. O VIRYA DESPERTO TRATARÁ DE EXPERIMENTAR, EM TODO MOMENTO, "A HOSTILIDADE ESSENCIAL", PROCURANDO REORIENTAR ESTRATEGICAMENTE AO ESPÍRITO REVERTIDO. E essa hostilidade essencial, que outrora deslocava o Espírito Hiperbóreo contra o Universo material do Uno, será o caráter que reverterá, em mínima medida,

o ato de guerra que o virya desperto executará contra o Mal, ou seja, contra o macrocosmo do Demiurgo Jehová-Satanás.

Há de se entender que a hostilidade pela matéria constitui o principal ingrediente da atitude gnóstica, o caráter que revela claramente a presença do Espírito. O contrário também é certo: sem hostilidade não há gnose; um virya pode ser muito versado em temas de ocultismo, inclusive conhecer a Tese Fundamental, mas se não se adota uma posição de hostilidade ativa, o mais provável é que permaneça toda a vida na confusão, sem aproximar-se nem um milímetro do Espírito. O que impede ao virya manifestar sua hostilidade aberta, claro está, é o temor. Um temor cuja origem é a impureza de sangue; as tendências animais do pasu que lutam contra a herança da linhagem hiperbórea. Mas não se crê que por ceder ao temor se obterá a paz: AO CONTRÁRIO DA HOSTILIDADE DO ESPÍRITO NÃO É "A PAZ DA ALMA", SENÃO O ENTORPECIMENTO DO EU, como se verá na Segunda Parte, o temor envenena o sangue e faz possível que o Eu seja anestesiado e fagocitado pelos Arquétipos psicóideos. A permanente hostilidade pelo mundo, o desprezo pela matéria, a repugnância pela animalidade humana, a indiferença pelo dinheiro, prazer, status, ou qualquer outro ideal judaico semelhante, são traços que fortalecem o Espírito e criam vontade. E a vontade graciosa da Honra, que é o VALOR ABOLUTO DE TODO GUERREIRO HIPERBÓREO, se manifesta no kairos, revela a oportunidade justa no que se deve atuar resolutamente, intrepidamente, contra o inimigo.

Para compreender até onde o ato de guerra do virya desperto é ÍMPIO E ABOMINÁVEL AOS OLHOS DO DEMIURGO somente há que se advertir que o mesmo implica o desconhecimento voluntário de ordem material da suprafinalidade ôntica. Mais ainda: o ato de guerra individual, realizado com hostilidade essencial em seu Kairos, SUPÕE UM DESAFIO INCRÍVEL, UMA REBELIÃO LUCIFÉRICA cujos ecos ressoam em todos os "planos" do macrocosmo, todos os "céus", nos mais lúgubres meandros da alma universal. E um desafio tal, que foi declarado gnosticamente, com profundo conhecimento e que, portanto, é essencial e irrevogável, NÃO PODE SER IGNORADO PELO DEMIURGO, NÃO PODE SER PASSADO POR ALTO PELO GRANDE ENGANADOR. Por isso a reação inimiga não se deixa esperar e muito pronto o virya desperto deve confrontar-se com o Terrível Segredo de Maya, a SEGUNDA INTENÇÃO DO DEMIURGO posta em conseguir sua destruição. Nesse choque estratégico, o virya deve demonstrar o valor de seu kairos resistindo com vontade de aço aos mil enganos do inimigo. Atuará como a Tese Fundamental afirma que atuaram os Espíritos Hiperbóreos na Origem: apresentará uma hostilidade essencial pelo mundo do Demiurgo sem que importe para tudo quanto ocorra no Valplads, quanto fez Ele para enganá-lo e destruí-lo. Naturalmente, não descuidará sua retaguarda, MAS APROVEITARÁ O KAIROS PARA TENTAR A CONQUISTA DO VRIL, A LIBERDADE DO ESPÍRITO CATIVO. Se tal é

a resolução do virya, se tão gnósticos são seus objetivos, ENTÃO TUDO ESTARÁ DITO, NÃO HAVERÁ MAIS PALAVRAS ENGANOSAS NEM SIGNOS VÃOS: O CONFRONTO SE TRASLADARÁ ALÉM DO VÉU DE MAYA, A UMA INSTÂNCIA ABSOLUTA EM QUE O GUERREIRO HIPERBÓREO E O DEMIURGO LUTARÃO CARA A CARA. E, como na Origem da Queda, na luta estará novamente em jogo o aprisionamento espiritual: o virya desperto atacou para libertar a seu Espírito cativo e o Demiurgo responde para submeter ao Espírito a uma maior e mais atroz confusão.

P – Explicação alegórica do cerco infinito.

Agora que temos claro o caráter que reveste ao ato individual de guerra do virya desperto, estamos em condições de compreender a técnica arquemônica. Em efeito, o primeiro passo do virya se concretiza quando aplica o princípio do cerco no Valplads e estabelece uma vala "que divide o espaço em duas partes"; na figura 33 se vê representada simbolicamente tal situação.

O assalto à praça se executa em UM SÓ ATO IMPREVISTO, quando o kairos próprio o decide. A técnica arquemônica assegura que em tal ato unitário concorram DUAS EXPRESSÕES: por uma parte, o virya projeta o signo do princípio do cerco sobre um espaço do macrocosmo; por outra parte, simultaneamente com a primeira expressão e SOBRE a mesma, o virya projeta o Signo da Origem. O efeito de tal ato é a produção de um ESPAÇO ESTRATÉGICO, ou praça, "limitado" pelo signo do princípio do cerco ou "ilimitado" pelo Signo da Origem. Para que se entenda melhor recordemos, antes de tudo, que SOBRE O SIGNO DA ORIGEM SEMPRE SE REFLETE O POLO INFINITO, a saber, o ponto de convergência de todos os olhares do Espírito-esfera revertido: o EU Infinito. Mas o signo do cerco, por exemplo, um círculo como o da figura 33, é arquetípico e, portanto, FINITO. Ao aplicar sobre seu perímetro o Signo da Origem se está introduzindo em todos seus pontos o POLO INFINITO, o INFINITO ATUAL. O que ocorre, então? Resposta: a produção de um CERCO INFINITO.

O cerco infinito é quem determina o espaço estratégico da arquêmona ou praça. Na figura 33 se respeita as denominações latinas que utilizava a Einherjar; o cerco infinito era, para os Berserkiren, o VALLO OBSESSO, ou seja, uma vala defensiva levantada contra o sítio inimigo; o vallo obsesso separava o OPPIDUM ou praça forte do CAMPUS BELLI, o campo de batalha ou Valplads. Quando o virya desperto assalta a praça e se isola por trás de um cerco infinito fica lançada uma OBSIDIUM BELLI, ou seja, uma SITZKRIEG, uma GEURRA DE SÌTIO. É então quando se deixa sentir a

pressão inimiga em toda sua intensidade. Tentando romper o cerco infinito. Porém, tal como dissemos anteriormente, a conquista da arquêmona é de todo impossível para o Demiurgo A MENOS QUE A QUEDA SE ORIGINE NUMA FALHA ESTRATÉGICA DO VIRYA, NUM ERRO INTERIOR, a saber, a menos que o virya fique em DESVANTAGEM ESTRATÉGICA. Logo, tal catástrofe é mais que provável se atuar fora do kairos.

Sem duvida chama à atenção a "enorme resistência" que parece possuir a arquêmona, capaz de suportar o sítio exterior do Demiurgo sem ceder em sua função isolante. E esta estranheza não tem outra causa senão que a ignorância das propriedades do cerco infinito, propriedades maravilhosas que a razão tentará desconhecer e negar como possibilidades reais. Contudo, não é fácil dar uma explicação absoluta do cerco infinito: são muitas as variáveis que se desconhecem ou não se tem definido aqui, como, por exemplo, o princípio TOTAL do cerco ou o Signo da Origem. Muito mais simples, mas também menos preciso, é recorrer a u exemplo alegórico que permite induzir claramente a idéia do cerco infinito, que mostre de maneira inequívoca a propriedade que impede ao Demiurgo sua destruição. Seguiremos este último caminho, sem esquecer que igual ao princípio do cerco, aqui estamos reduzindo a sua mínima expressão, um princípio que tem validade na totalidade dos planos, espaços, ou "mundos" que integram o macrocosmo. Mas, se deste modo conseguimos que o paradoxo conceito de cerco infinito se torne inteligível, o caminho seguido ficará evidentemente justificado.

A propriedade que vamos explicar analogamente é a seguinte: O CERCO INFINITO NÃO PODE SER RODEADO. Ainda que complexa de entender a totalidade multidimensional do macrocosmo, esta propriedade é extremamente simples de exibir um exemplo alegórico.

Suponhamos para isso que uma tribo guerreira da Antiguidade, depois de uma longa travessia durante a qual perambularam muitos anos e se afastaram definitivamente de sua origem, decidem tentar estabelecer-se em certo país. Mas ocorre que aquela região é dominada por uma tribo de outra raça, inimiga mortal dos estrangeiros. Não obstante o perigo, os recém chegados acampam em território inimigo e começam a preparar a defesa.

A base da estratégia consistia em fortificar a praça, de maneira tal que ao cabo de alguns anos de estadia, Np lugar escolhido pelos estrangeiros se levantou uma respeitável cidadela. Uma MURALHA DE PEDRA, de considerável resistência, envolvia a cidadela para proteger a seus moradores de possíveis ataques.

Pois bem, eis que um dia a tribo nativa, intensamente irritada pela presença estrangeira, decide atacar com todos seus meio, com o propósito de destruir a cidade e aniquilar aos intrusos. E, como a diferença de meios é

constrangedoramente favorável aos nativos, SE SOMENTE SE TRATASSE DE FORÇAS, o miais previsível é a pronta queda da praça. É que os nativos superam em número de dez a um aos estrangeiros, e trazem consigo máquinas de guerra suficientemente poderosas para tentar com êxito abrir uma brecha na muralha de pedra. Claramente, seus planos apontam a rodear e submeter a estado de sítio, com tropas equipadas para uma larga estadia à cidadela, enquanto suas máquinas exercem uma permanente pressão sobre a muralha de pedra.

Nesse momento da alegoria a situação dos estrangeiros seria altamente comprometida, pois a defesa de sua muralha se acha a ponto de cair. Normalmente não haveria salvação possível para os sitiados. Mas o que ocorreria se a muralha de pedra fosse, ou pudesse ser convertida, num CERCO INFINITO? Como comprovaremos em seguida, na resposta a esta pergunta, não se trata de "resistência" nem de nenhuma outra qualidade física a propriedade invulnerável do cerco infinito, senão de Estratégia: o cerco infinito é invulnerável porque é um CERCO ESTRATÉGICO, construído pelo Espírito para favorecer sua própria reorientação.

Suponhamos então que dentro da cidadela da tribo estrangeira conta com uma elite de sacerdotes cainitas, ou seja, com viryas despertos treinados na Sabedoria Hiperbórea. Quando as sentinelas informam que se aproxima o exército inimigo, os sacerdotes cainitas, mediante as técnicas adequadas, projetam sobre a muralha de pedra o Signo da Origem e produzem um cerco infinito. A partir desse ato, a guerra está perdida para os nativos: JAMAIS PODERÃO SITIAR A FORTALEZA E, EM TROCA, CORRERÃO O RISCO DE SER DESTRUIDOS PPOUCO A POUCO, POR CAUSA DAS SAÍDAS SUPRESA COM QUE ATACAM OS SITIADOS.

Para entender esta virada na situação provocada pelo cerco infinito, há que se imaginar ao exército nativo tratando de rodear a muralha e sem poder consegui-lo de nenhuma maneira: uma esquadra, por exemplo, é enviada por um oficial a posicionar-se frente a uma torre; os soldados chegam até ela e se dispõem a acampar. Mas, sem que ninguém saiba explicar como, de pronto, comprovam que a torre não está onde acreditavam, mas está em outra parte, mais adiante ou mais atrás; se ainda falta um trecho, o cobrirão pensando que se confundiram, que foram vítimas de uma ilusão semelhante às miragens do deserto, mas se a torre ficou para trás, ninguém poderá crer com convicção que marcharam adiante dela sem vê-la. Então, começará a murmuração e o temor supersticioso, mas quando a torre se encontra novamente frente a eles, e se volta a repetir a mesma cena de seu deslocamento, o temor se converterá em pânico, especialmente quando alguns soldados creram advertir uma alteração da muralha, COMO SE ALGO NELA GIRASSE, ALGO QUE NÃO É A MURALHA MESMA, SENÃO SUA FORMA. Isto é: a forma das pedras mesmas, é o que parece mudar execravelmente ante a visão atordoada

dos rudes soldados; e tratam de alcançar uma torre que sempre está distante. E, finalmente, se detém em qualquer parte, evitando olhar para a muralha enfeitiçada, para ser duramente repreendidos por seu oficial por não haver cumprido as ordens dadas.

E este é SÓ UM dos inumeráveis exemplos que se poderia apontar para mostrar a impossibilidade de sitiar um cerco infinito. O exemplo seguinte nos pode esclarecer ainda mais as dificuldades do rodeio> uma companhia de engenheiros de armas nativos recebe a missão de circunvalar o perímetro da fortaleza para observar e detectar possíveis pontos débeis, com propósito a futuras operações de demolição. Como a fortaleza protege uma área poligonal, sua muralha se compõe de segmentos de muro unidos a torres ameadas, erigidas em cada vértice dos ângulos exteriores. Para visualizar melhor o caso, suponhamos que a muralha consta de oito torres unidas por oito muros de pedra. É evidente, assim, que os engenheiros devem marchar paralelamente a um muro e, ao chegar à torre, DOBRAR PELA ESQUINA para continuar a par do muro seguinte. Pois bem, a presença do infinito atual SOBRE a muralha determina que a missão dos engenheiros de armas seja impossível. NÃO É POSSÍVEL RODEAR COMPLETAMENTE, OU SEJA, FINITAMENTE, O QUE NÃO TEM FIM; NÃO É POSSÍVEL LIMITAR AO INFINITO ATUAL, Como se manifesta esta propriedade do cerco infinito, ou seja, como é vivenciada pelos engenheiros de armas? Resposta: como impossibilidade concreta de completar o percurso exterior do perímetro POR TRATAR-SE DE UMA LONGITUDE REALMENTE INTERMINÁVEL. Com outras palavras: os engenheiros marcham junto a um muro e, ao chegar à torre, dobram por uma esquina e avistam outro muro e uma torre distante; avançam, então, junto a tal muro e ao chegar à torre, giram em ângulo e observam um novo muro e uma nova torre. Se a muralha fosse finita, ao chegar à oitava torre, os engenheiros deveriam concretizar sua missão e encontrar, nesse mesmo lugar, o resto do exército nativo. Mas como a projeção do Signo da Origem sobre a muralha produziu um cerco infinito, a concretização da missão se torna impossível: o que acontece, em compensação, É QUE OS ENGENHEIROS CONTABILIZAM MUROS ATRÁS DE MUROS E TORRES ATRÁS DE TORRES, SEM CONSEGUIREM REUNIR-SE EM NENHUM MOMENTO COM SEUS COMPANHEIROS, DE SORTE TAL QUE TÊM A IMPRESSÃO DE ESTAR FRENTE A UMA MURALHA INCRIVELMENTE EXTENSA, NA VERDADE “INTERMINÁVEL”, COM CENTENAS, QUIÇÁ MILHARES DE MUROS E TORRES.

Para não deixar a alegoria sem epílogo, digamos que a tribo nativa é derrotada ESTRATEGICAMENTE pelos estrangeiros, ou seja, é derrotada pela absoluta superioridade da Estratégia Hiperbórea deles. Uma Estratégia que sempre triunfa porque para ela não contam os meios materiais do inimigo: é dona do espaço e, segundo veremos mais adiante, também pode ser dona do

tempo, incrementando ainda mais, se isso for possível, seu domínio do conflito. Os generais nativos, apesar de sua brutal superioridade material, observam consternados o fracasso da estratégia espacial e temporal: não conseguiram RODEAR a fortaleza, com o qual o sítio carece de sentido; mas, se atacam pela parte que tem à frente, descobrem que não é possível avariar PERMANENTEMENTE aos muros e torres, pois ocorrem como se suas pedras se regenerassem instantaneamente depois de cada golpe e, como represálias por tais atos sofrem constantes perdas devido aos certeiros contra-ataques dos "sitiados". Por fim, os nativos decidem retirar-se, levando como consolo a convicção de que os estrangeiros são magos poderosos, protegidos pelos mesmos Deuses, contra os quais é impossível lutar contando SOMENTE com armas materiais, idéias que não estão de todo errados.

Para extrair uma conclusão da alegoria raciocinemos do seguinte modo. A situação militar dos estrangeiros era claramente desfavorável e ameaçava em terminar em desastre, ou seja, a impossibilidade de sair vitorioso do conflito era mínima, calculada em base aos princípios de guerra próprios do pasu e do virya perdido. Mas tal probabilidade resultou ser falsa frente à Estratégia Hiperbórea dos estrangeiros, que finalmente puseram em fuga ao inimigo. O que aconteceu, então? Como se produziu semelhante milagre, QUE É ESSENCIALMENTE IMPROVÁVEL? Resposta Categórica: a Estratégia Hiperbórea é absolutamente superior à Estratégia pasu porque está é FINITA, aponta a um FIM PROVÁVEL, enquanto que a primeira é INFINITA E IMPROVÁVEL, pois seu executor, O VIRYA, É UM SER QUE PARTICIPA DO INFINITO. Quando o virya desperto projeta o Signo da Origem sobre o signo do princípio do cerco, por exemplo, sobre a muralha de pedra, produz um cerco infinito que é invulnerável porque não pode ser atacado a partir do finito: não pode ser rodeado nem sitiado porque o finito não pode limitar ao infinito e não pode ser vulnerável porque não é possível localizar o infinito a partir do finito. Pelo contrário, o virya participa do infinito e este é um reflexo da eternidade do Espírito: infinito e eternidade ultrapassam e abarcam ao espaço e ao tempo do macrocosmo. Para um Eu desperto, em resumo, é inevitável o domínio do espaço e do tempo do inimigo, ou seja, do macrocosmo demiúrgico.

Mas, indubitavelmente isto não esclarece a Resposta Categórica. Será necessário observar o problema com mais profundidade e, sobretudo, eliminar alguns erros compreensíveis.

Q - A Estratégia pasu e a Estratégia Hiperbórea.

Agora bem, a Resposta Categórica pode ser dada em uma dimensão mais compreensível se aprofundarmos um pouco sobre as propriedades

pontadas de cada Estratégia. Comecemos, antes de tudo, por destacar que uma Estratégia pasu, tal como a que seguiam os nativos da alegoria, se baseia fundamentalmente na NOÇÃO DE TERRITÓRIO, a qual não é mais que a intuição do princípio do cerco. Este princípio, que segundo temos explicado é arquetípico, se encontra em muitas espécies animais, especialmente em aves e mamíferos superiores, incorporado como padrão de conduta instintiva: particularmente notável é o instinto territorial dos primatas quem, igualmente aos hominídeos, se encontram em ramos muito próximos ao tronco filogenético do pasu. Isto demonstra que o anima-homem, o pasu, herdou por evolução o princípio do cerco, o qual é um Arquétipo que inicialmente intervém como padrão instintivo, mas ao que depois a razão interpreta e esquematiza na estrutura cultural como princípio matemático. Não é demais esclarecer que algumas correntes desviadas do racismo hiperbóreo, que desconhecem a condição espiritual infinita do virya, e ainda ao mesmo Espírito eterno, não vacilam em apoiar-se na Biologia e aliar-se ao evolucionismo darwinista, fazendo o jogo da Sinarquia. Em seu afã por justificar até a morte o mito da propriedade privada, estes "racistas biológicos" que ignoram que o Espírito não evolui, senão que é perfeito e eterno, motivados por um ingênuo e irritante egoísmo classista, tentam afirmar uma linha que parte do nosso instinto territorial, se concretiza com o domínio do território, se consolida com o "instinto de propriedade", se perpetua na família e na comunidade, e conduz finalmente à Nação e ao "instinto patriótico" do nacionalismo. Pois bem, nós vamos ratificar que tudo isto é certo: MAS É CERTO PARA O PASU. Em efeito, a menos que se padeça de uma excepcional impureza de sangue, não se deixará de notar que aas idéias anteriores fedem a suprafinalidade, a desígnio, a Plano evolutivo, a Arquétipos, a Hierarquias dévicas, enfim, a Intenção do Demiurgo. E em que falham os famosos racistas biologicistas? Resposta: NA AUSÊNCIA TOTAL DO CONCEITO DE MÍSTICA.

Por isso a Sabedoria Hiperbórea aconselha aplicar a todo racismo suspeito a seguinte pauta crítica: "SE O RACISMO É MÍSTICO, ENTÃO É HIPERBÓREO E ESPIRITUAL; CASO CONTRÁRIO. NÃO O É". E QUEM SUSTENTA UM RACISMO SEM MÍSTICA, AINDA QUE DECLAME SUA PUREZA DE SANGUE, NÃO É MAIS QUE UM VIL ENGANADOR, OU UM AUTÊNTICO ENGANADO, A SERVIÇO DE INFAMES OLIGARQUIAS CUJOS FINS INCONFESSÁVEIS SÃO OS MESMO QUE OS DA SINARQUIA JUDIA. Mas estas duras palavras merecem um esclarecimento. O que deve entender-se por racismo com Mística? Resposta: o racismo é místico quando se é carismático, pois, segundo se viu no artigo O Cordão Dourado, "A MÍSTICA É UMA FORMA DETERMINADA POR UM SER: O CARISMA"; e o Carisma é um agente acausal que conecta a todos os viryas pelo fato de sua Origem comum, por sua linhagem hiperbórea, numa "vinculação carismática" que reconhece um centro ou princípio no líder ou Führer, ou seja, no virya de sangue mais puro.

A MÍSTICA GERA O FATO NATURAL DA “ARISTOCRACIA DO SANGUE”, A QUAL NÃO PASSA NECESSARIAMENTE POR UMA CLASSE SOCIAL NEM POR UMA CASTA, SALVO QUE A SOCIEDADE ESTEJA ORGANIZADA EM BASE A “ESTRATÉGIA IMPÉRIO UNIVERSAL” DOS SIDDHAS HIPERBÓREOS, QUE SE ESTUDARÁ NA SEGUNDA PARTE. Em resumo: se há líder carismático, há Mística; e se há Mística, há aristocracia de sangue efetiva, RECONHECIDA PELO POVO: UMA ARISTOCRACIA QUE NÃO REQUER SER PROVADA COM TÍTULOS E BRASÕES, UMA ARISTOCRACIA QUE SE NUTRE DO POVO QUE A SUSTENTA E QUE CUMPRE SEU ROL DE AGLUTINAR A ESTE CARISMATICAMENTE, PROMOVENDO A PUREZA DE SANGUE E A ELEVAÇÃO DA MISÉRIA MATERIAL E ESPIRITUAL EM QUE SE ENCONTRA. Pelo contrário, se não há líder, não há Mística e se não há Mística, mão pode haver aristocracia alguma que seja legítima, por mais títulos que alegue, senão as sinistras oligarquias bastardas de nossos dias, aliadas material e espiritualmente ao judaísmo usurário e corruptor.

Somente um líder carismático dá legitimidade a uma aristocracia de sangue, e somente se há líder e aristocracia verdadeira É LÍCITA UNIR SANGUE E SOLO. Daí surge o “direito hiperbóreo de conquista”, que não se baseia na força física, senão na pureza de sangue, no direito espiritual a reinar sobre povos degradados e sem Mística, quem perderam toda autoridade sobre o território que ocupam, Sem líder, sem Mística, sem aristocracia, o solo não significa nada, ou seja, nada espiritual, nada que aponte à libertação material do Espírito; em compensação, sem estas condições o solo significa muito para o pasu, porque associado massivamente, republicanamente, democraticamente, pode cumprir melhor o objetivo de sua finalidade. Um exemplo de tudo isto nos deu recentemente o Führer, quando legitimou carismaticamente à única aristocracia de sangue do século XX, ou seja, as **SS**, cujos membros, de haver contado com o tempo suficiente, haviam outorgado um sentido transcendente à relação do homem com o solo num autêntico racismo hiperbóreo: espiritual, e não meramente biologicista.

Não é o caso de repetir aqui temas que estão suficientemente desenvolvidos em outras de nossas obras tais como o “Tratado da Estratégia Psico-social das**SS**”. Mas é bom recordar um conceito já antecipado, que procede das teorias da guerra expostas em tal obra: PARA O PASU A GUERRA É O MODO COMO OS ARQUÉTIPOS RESOLVEM SEUS CONFLITOS. De tal “guerra” entre Arquétipos psicóideos, cujas manifestações no plano físico envolvem as espécies animais em contínuos conflitos que apontam à seleção natural e à evolução, partem as observações e conclusões da Etologia, assimiladas pelo racismo materialista e míope. É que o fato principal descoberto pela ciência etológica é rigorosamente verdadeiro: o pasu é um animal-homem essencialmente TERRITORIAL, ou seja, um que costuma escolher territórios, ocupá-los e defendê-los, que sabe como limitá-

los com sinais demarcadores e também como reconhecer as fronteiras dos territórios alheios. Justamente a principal fonte de conflitos nas comunidades humanas, segundo afirma a Etologia, é a violação do espaço territorial, seja individual, seja coletivo, de maneira semelhante ao que ocorre em outras espécies animais. Isto é certo, repetimos, mas trata-se de cega luta entre Arquétipos psicóideos, da dialética da natureza, do Plano evolutivo, de tendência entelequial: pretender elevar este fato a supremo princípio do racismo é pura cegueira e necidade.

Mas por trás de tal erro do racismo ingênuo se esconde uma causa mais grave, inerente às trevas cada vez mais cerradas do Kaly Yuga: é a ignorância da Estratégia "O" que os Siddhas de Agatha levam adiante para contra atacar o Plano do Demiurgo e dos Siddhas Traidores, a qual será exposta na Segunda Parte. Tal Estratégia, que conta com a presença do Graal, se propõe dotar às comunidades de viryas dos elementos necessários e suficientes para que seus líderes carismáticos tentem uma purificação conjunta de toda a comunidade racial, TRANSMUTANDO E SUPERANDO AS TENDÊNCIAS ANIMAIS DO PASU QUE LUTAM, NO SANGUE, COM A HERANÇA DA LINHAGEM HIPERBÓREA. Os Siddhas Leais, para isso, ensinam a via de libertação da Sabedoria Hiperbórea, entre elas a via da oposição estratégica que vimos examinando. Tais vias permitem aos líderes, ou às elites de viryas despertos que os secundam em segredo, traçar as Estratégias Hiperbóreas. Então, os líderes conduzem aos povos até a mutação biológica que tem por objetivo sua elevação espiritual, mas que SOMENTE PODE DAR-SE NO MARCO DE UMA MÍSTICA, aos poucos declarando a guerra total ao Inimigo, ou usando a guerra como instrumento de purificação sangüínea, como um meio para gerar coletivamente a HOSTILIDADE ESSENCIAL que converte ao homem em herói. Claro que esta "guerra" não é nem parecida ao conflito territorial do pasu e não deve ser confundida. Assim como a "agressividade animal" que exibe o pasu para defender seu território não guarda relação com a hostilidade essencial do Espírito, nem se chega a esta por uma refinação daquela, senão, pelo contrário, ambos os tipos de guerra são essencialmente diferentes e opostos. Não poderia ser de outra maneira, pois um tende a concretizar a enteléquia do pasu, a cumprir com o objetivo macrocósmico de sua finalidade, conseguindo que o Espírito cativo o eleve na escala animal por evolução, e o outro tende a libertar o Espírito cativo, com o qual tão sinistro Plano fica definitivamente roto. Ambos os conceitos antagônicos da guerra se derivam da Estratégia pasu e da Estratégia Hiperbórea, mas, e isto não cansaremos de afirmá-lo, somente com a última, "no marco de uma Mística", se dá o fato da Raça Hiperbórea: o povo junto a seu líder, junto ao centro carismático que identifica metafisicamente aos homens pela Origem comum no sangue, pela linhagem hiperbórea. De outro modo somente há "raça" biológica, meras diferenças genéticas dos cromossomos que revelam os Planos arquetípicos de cada espécie, ou seja, a codificação química de um aspecto dos desígnios ônticos das espécies vivas.

A melhor maneira de esclarecer a diferença entre ambas as Estratégias é remetermos novamente ao princípio do cerco e ao Símbolo da Origem. O pasu é um animal territorial porque emprega em todos os níveis de sua estrutura psíquica, racional, cultural e consciente, o princípio do cerco aos poucos, sem reconhecê-lo abstratamente como tal. O virya, que herda a parte biológica do pasu, quando está "perdido", emprega como este o princípio do cerco: por exemplo, para separar fora de dentro, um fundo de uma forma, um continente de um conteúdo, etc., e, logo, para cumprir a função territorial, o REVIER que consiste em projetar um signo do cerco e por sentido num limite exclusivo, numa região que será ocupada, assinalada e defendida. Até aqui o virya perdido não se aparta das leis etológicas e daí a confusão dos racistas biologicistas. Mas o virya é um ente essencialmente dual: em seu ser coexiste, junto a sua natureza anímica, a manifestação transcendente do Espírito, ao "Eu" que reflete em maior ou menor medida ao Eu Infinito. Ou seja, no virya coexiste uma herança animal e uma herança hiperbórea. Quando "desperta", quando a vinculação carismática do Cordão Dourado o põe em contato com os Siddhas Leias ou com um líder e acessa as vias de libertação, então o Eu Infinito se manifesta no Símbolo da Origem, dando lugar ao selbst e à possibilidade de projetar dali ao Signo da Origem SOBRE o signo do cerco, produzindo um cerco infinito. Nasce, assim, a Mística Hiperbórea, a qual não é mais que um cerco infinito com um conteúdo carismático, um espaço estratégico que produz o virya como ato de guerra individual é, em verdade, uma Mística pessoal, enquanto a Mística racial é somente o caso geral daquela, a determinação de uma arquêmona ou espaço estratégico para a transmutação e libertação espiritual de toda uma comunidade.

Eis, pois, a diferença: o pasu como qualquer animal territorial, deve defender até a morte ao território cercado, o qual pode ser atacado e violado desde todo ânulo, pois a fronteira não é real, mas somente a projeção do signo do cerco, ou seja, a exteriorização do princípio do cerco, de um Arquétipo da mente que cria a ilusão da separação fática na linha fronteiriça; o território do pasu pode ser, assim, sitiado, concretamente rodeado e circunvalado, e efetivamente violado e ocupado por um inimigo, tal como ocorreu aos nativos da alegoria com a invasão dos estrangeiros hiperbóreos. O pasu ou virya perdido, se somente contam com o princípio do cerco, poderão sustentar um território a pura força, fazendo a guerra segundo uma Estratégia pasu espacial e temporal como, por exemplo, em nossos dias, a União Soviética, mas jamais poderão criar uma Mística dentro de suas torpes fronteiras, mais imaginárias que reais.

O virya desperto, em troca, pode produzir um cerco infinito invulnerável ou uma Mística racial impenetrável, ou seja, espaços estratégicos onde é impossível a ação inimiga. Já mostramos na alegoria a impossibilidade de sitiar ou abalar um cerco infinito e agora é claro porque venceram os estrangeiros, em que consiste a diferença entre a Estratégia pasu e a Estratégia

Hiperbórea que afirmava a Resposta Categórica: os estrangeiros dominaram a praça e derrotaram aos nativos porque eles dispunham de uma Mística Hiperbórea, as quais concentraram sobre a muralha para produzir o cerco infinito. Os nativos, por sua parte, somente desejavam expulsar aos intrusos de seu território, da área considerada como limite exclusivo de sua tribo, mas por carecer de Mística, por realizar operações de guerra com uma Estratégia pasu baseada no princípio do cerco, foram derrotados pela superior estratégia espiritual dos estrangeiros: ELES SOUBERAM PROTEGER SEU ESPAÇO COM UM CERCO INFINITO INVULNERÁVEL, E ISTO É ALGO QUE NÃO PODE FAZER NENHUM ANIMAL TERRITORIAL, POR MUITO QUE LHE PESE A ETOLOGIA E AO RACISMO BIOLOGICISTA NEM SEQUER O PASU; MAS O PODE FAZER O VIRYA, E PODE FAZER PORQUE O VIRYA PARTICIPA DO INFINITO.

Para terminar só cabe agregar que a Estratégia "O" dos Siddhas Leais contempla todos os aspectos da Mística racial, vale dizer, todos os passos estratégicos que deve dar necessariamente uma comunidade de sangue puro para ir da confusão dos viryas perdidos até a transmutação coletiva em viryas despertos e Siddhas. Naturalmente, isto supõe um enorme caudal de conhecimentos que, contudo, foi o patriotismo completo de nossos ante-passados cromagnón, os sobreviventes atlantes pais da Raça Branca. Este povo, ao que a Sabedoria Hiperbórea denomina GUARDIÕES DA SABEDORIA LÍTICA, legou uma parte de seus conhecimentos aos diversos povos da pré- Antiguidade que fundaram mesclando-se com comunidades pasu também sobreviventes, com escravos da Atlântida, e com outras tribos primitivas que encontraram durante sua longa travessia que durou milênios. Mas este legado, devido ao estado do planeta depois da Guerra Total atlante, não pôde ser transmitido de outra forma senão como herança cultural, a qual, naturalmente, se foi degradando e perdendo com o correr do tempo. Mas, frente ao tempo transcorrido e a falsificação da História executada pela Sinarquia, ainda podem reconhecer-se grandes traços da Sabedoria Hiperbórea em muitas culturas antigas e disso vamos falar em outras partes desse livro. Como exemplo clássico, claro está, se destaca a antiqüíssima idéia de Império Universal, o qual é um símbolo cultural bastante degradado mas que, contudo, ainda representa o projeto de uma Mística Completa.

Aqui, o que nos interessa assinalar é que por em prática uma Mística racial inclui CERTA MANEIRA ESPECIAL DE OCUPAR UM TERRITÓRIO, um método no qual intervêm conceitos específicos sobre a função da Agricultura, o traçado da cidade e a construção de muralhas de pedra. Muitos povos antigos conheceram isto, tais como os da Mesopotâmia: Suméria e Babilônia, ou Egito, Grécia e Roma, etc. De todos eles se destacam luminosamente os Etruscos e, já em épocas da Era atual, os godos e os saxões; Estes últimos trataram de destruir Carlos Magno e seus descendentes, devido a sua grande pureza racial e à força de sua Mística, a qual não obstante, se pôs

de manifesto um século mais tarde, quando Henrique I da Saxônia, o Passareiro, levanta sua linha de castelos no Leste. Pois bem, este conhecimento hiperbóreo, que procede da Estratégia "O" dos Siddhas Leais, chegou a seu mais alto nível no século XX, por obra da Heinrich Himmler e sua elite de iniciados hiperbóreos da Ordem Negra **SS**. Himmler, junto com Darré e outros especialistas do Instituto Ahnenerbe, desenvolveram e adaptaram à cultura atual o conceito de "Agricultura mágica", o qual se pensava aplicar no futuro Estado **SS** a formar-se, depois da Guerra Total, na Europa, mas a qual se ia experimentar durante a conquista de Iebensraum no Leste. E que as **SS** denominavam a via da oposição estratégica o prova entre outras coisas, a construção dos K.Z., os KONZENTRATIONESLAGER, ou campos de concentração, os quais estavam desenhados de maneira tal que um iniciado hiperbóreo poderia em algum momento projetar o Signo da Origem sobre seu perímetro e produzir um cerco infinito, regenerando por transmutação na área estratégica aos internos, ou seja, despertando sua linhagem adormecida, purificando seu sangue.

R - Conclusão sobre a técnica arquemônica.

No artigo "P" explicamos mediante uma alegoria o conceito do cerco infinito e sua propriedade de ser invulnerável frente ao ataque inimigo. Porém, o choque de Estratégias no que se transformava o conflito alegórico entre nativos e estrangeiros, nos levou à Resposta Categórica e ao esclarecimento do artigo "Q". Sabemos agora em que consiste um cerco infinito, e comprovamos a superioridade da Estratégia Hiperbórea. Mas devemos recordar que nosso propósito inicial era descrever a técnica arquemônica APLICADA A UM ATO DE GUERRA INDIVIDUAL: a alegoria, pelo contrário, nos mostra a produção de um cerco infinito mediante uma Mística racial. Devemos, pois, regressar à arquêmona da figura 33 e utilizar o último que temos visto para descrever a técnica arquemônica individual da Einherjar

Para compreender o poder absoluto que a técnica arquemônica põe a disposição do virya, há que se estender com a imaginação o grosseiro exemplo da alegoria em todos os espaços de significação de Maya e supor que em nenhum deles o Demiurgo conseguirá sitiar a arquêmona, o oppidum protegido por um cerco infinito. Para expor de maneira dramática a situação que o ato de guerra individual lança ao Demiurgo, podemos afirmar que, ASSIM QUE ESTE ORDENASSE A TODOS OS ANJOS, DEVAS, MESTRES, ETC., DAS HIERARQUIAS CÓSMICAS QUE SE COMBATESSEM MANO A MANO PARA RODEAR A ARQUÊMONA, ISSO SERIA UMA TENTATIVA IMPOSSÍVEL. Em efeito, NÃO HÁ

NÚMERO SUFICIENTE DE MÔNADAS NO UNIVERSO PARA SITIAR E RODEAR A UM CERCO INFINITO. Menos ainda para tentar com êxito.

Por isso dizíamos páginas atrás que se a Estratégia do virya desperto está apoiada por uma grande pureza de sangue, de tal modo que não possa ser enganado em nenhum espaço de significação macrocósmica ou mundo possível, é inevitável que o desafio de assaltar a praça deva resolver-se "cara a cara" com o Demiurgo. Por que com Ele? Resposta: porque o Demiurgo é também Espírito infinito, único ser do Universo material que pode interpor-se no último trecho do movimento estratégico e libertador da arquêmona. Entretanto, o Demiurgo jamais aplicará seu infinito potencial DENTRO do macrocosmo, pois deve evitar que o mesmo se plasme no plano arquetípico e dali passe a contaminar aos entes finitos. Sua intervenção será de outro tipo: procurará estabelecer um contato direto com o virya, de Demiurgo a Eu desperto, com o fim de enganá-lo até que debilite o cerco infinito e depois o destrua; para isso apelará a todos seus recursos de cosmocrator, tocará todas as fibras do virya, explorará cada trama de sua História buscando o ponto débil; utilizará, por exemplo, os registros akashicos da Psico-esfera terrestre e o virya ouvirá com clareza como as vozes de seus antepassados requerem da luz astral que se lhes permita ingressar na arquêmona, mas nem a esta nem a outras ciladas semelhantes deve ceder o virya, que há de ser em todo momento um guerreiro sem coração, sem alma, pura vontade resoluta até a Origem.

Fora do perigo real que representa um confronto tal com o Demiurgo, na via da oposição estratégica isso constitui um risco calculado, ao extremo que se conta de antemão com o mesmo e o inclui como parte da técnica. O confronto direto com o Demiurgo permite, em efeito, o domínio do tempo, ou seja, tornar independente a área estratégica da arquêmona do tempo transcendente do macrocosmo: a criação de um tempo próprio. Isto se consegue por meio da "oposição estratégica" que se exporá no próximo artigo.

Temos demonstrado que nada pode rodear um cerco infinito, propriedade que converte ao espaço estratégico ocupado pelo virya desperto em invulnerável. Nem ainda o Demiurgo mesmo pode fazê-lo, pois, DESDE SEU ASPECTO SUCESSIVO E FINITO, lhe torna impossível abarcar o infinito atual. E se o Demiurgo não pode fazê-lo menos ainda poderá algum de seus sequazes terrestres. Porém, se afirma permanentemente uma fábula, em verdade, um mau chiste de judeus, a qual não podemos deixar de comentar aqui. É a que se refere ao pretenso suicídio do Führer, executado por este, segundo a versão dos aliados, como forma de evitar sua captura por mãos das tropas russas que se prestavam a ocupar Berlim.

Em princípio digamos que o Führer não tinha nenhuma necessidade de suicidar-se, pois jamais seria capturado por ninguém, muito menos por uns judeus renegados e uma soldadesca escrava embrutecida: o Führer é um

Siddha Berserker ao qual não é possível rodear nem na Chancelaria nem no Reich, nem em nenhuma outra parte. Se desapareceu em 1945 não é porque se tenha suicidado, ou tenha sido capturado: o Führer encontra-se vivo hoje em dia, pois, como Siddha Berserker, é imortal. A posse do Graal deu às **SS** uma sabedoria incalculável, que lhes permitirá armar um exército de viryas imortais provistos por veículos voadores sem motor, baseados na engenharia arquetípica e na técnica arquemônica. Por isso, ainda que este comentário possa parecer extravagante e absurdo, isso nos tem sem cuidado, pois se ajusta a mais estrita verdade: PRÓXIMO ESTÁ O DIA EM QUE O FÜHRER REGRESSARÁ, O FARÁ MONTADO NUM CAVALO OCTÓPODO, QUE MARCHARÁ A FRENTE DAS WILDER HEER DOS HERÓIS DO VALHALLA, JUNTO AO ÚLTIMO BATALHÃO DAS**SS**, DOS HOMENS ERGUIDO COM CORPO DE VRAJA E DEPPOIS DE UMA GRANDE MATANÇA SELETIVA, DA QUAL SOMENTE SE SALVARÃO OS QUE TENHAM SANGUE PURO, SE CONCRETIZARÁ A PARUSIA DE CRISTO-LÚCIFER, O GRANDE VENUSIANO, O LÍDER LENDÁRIO DA RAÇA ESPIRITUAL HIPERBÓREA, VIRÁ NOVAMENTE A TERRA PARA REINAR SOBRE UM POVO DE VIRYAS DESPERTOS E TRANSMUTADOS.

S - A "oposição estratégica" desde a arquêmona.

Suponhamos agora que o virya desperto, pleno de hostilidade pelo macrocosmo, ocupou a praça da figura 33. Seu primeiro passo, segundo já vimos, é duplo: por uma parte projeta o signo do cerco sobre o vallo obsessum, feito que se confirme ao reconhecer a distância entre praça e Valplads, mas simultaneamente, por outra parte, projeta o Signo da Origem sobre o vallo obsesso, dando lugar à manifestação do pólo infinito; produz-se, assim, um cerco infinito em torno da praça, transformada já em “espaço estratégico” apto para a libertação do virya. Prestando atenção nesta operação, verifica-se o que estudamos nos artigos anteriores: na primeira parte intervém um princípio matemático; a herança do pasu. Na segunda parte atua, em troca, a linhagem hiperbórea, a herança dos Siddhas ancestrais, ou seja, o Símbolo não criado da Origem.

O cerco estratégico isola ao virya de todo espaço macrocósmico e lhe outorga a autonomia espacial, "esse ponto donde o guerreiro pode descansar por um instante o braço armado, deter-se na luta, e volver o olhar ao Vril". Mas esta conquista não é ainda definitiva, não liberta completamente ao virya, enquanto seu corpo material, ou microcosmo Potencial, guarde alguma relação de simultaneidade, alguma sincronização, com o tempo transcendente do macrocosmo. É imprescindível, pois, evitar que a isotropia do tempo transcendente invada a arquêmona, que a arquêmona seja sucessiva nele.

Podendo evitar essa presença temporal do Demiurgo, então a autonomia do microcosmo potencial pode ser completa, ficando isolado do espaço e do tempo transcendente. É possível isto? Resposta: Sim, por meio da "oposição estratégica".

Como na descrição de todas estas operações tratam-se de casos em que intervém o infinito atual, elas somente serão compreensíveis na medida em que o leitor consiga imaginar o intuir que é o que realmente ocorre em cada caso. Aqui, trataremos de mostrar sinteticamente o princípio empregado pela Einherjar para crias um "tempo próprio", absolutamente local, na arquêmona.

Para aproximarmos a idéia sintética da oposição estratégica, raciocinemos deste modo: o vallo obsesso é um cerco infinito, isso significa, entre outras propriedades, "que não pode ser cercado" porque não termina nunca, ou seja, o vallo obsesso NÃO PODE SER UMA CURVA FECHADA, deve ESTAR ABERTA EM ALGUM PONTO, DEVE HAVER UM EXTREMO SEM FIM. Agora bem, tal como se explicou no artigo "I" do inciso anterior, estes argumentos são essencialmente equívocos, produto da impossibilidade da razão para compreender o infinito atual; o raciocínio, por esse caminho, não pode chegar à outra conclusão que o "infinito potencial", ou seja, a postulação da sucessão infinita. Para comprová-lo não teremos mais que buscar a sentença conseqüente dos argumentos anteriores: "ENTÃO, O VALOO OBSESSO DEVE RSTAR CONSTITUIDO POR UMA SUCESSÃO INFINITA DE PONTOS, OS QUE PODEM AGREGAR INDEFINIDAMENTE NOS EXTREMOS DA CURVA".

Mas esta conclusão é falsa, pois supõe não um infinito atual, presente, completo em todo momento, senão um infinito potencial, ao que se tende por agregação extrema, ou seja, por aumento de extensão. E tal falácia a produz a razão, porque não dispõe do Arquétipo do infinito atual com o qual conformar um esquema: sua conclusão, portanto, ainda que eminentemente lógica, É IRREAL, o infinito potencial, que é um conceito cultural, ou seja, sistemático e racional, NÃO PODE COMPREENDER AO INFINITO ATUAL, REAL E PERFEITO DO VALLO OBSESSO.

E como deve entender, pois, o infinito atual, se não é possível compreendê-lo racionalmente? Resposta: Em princípio há que assumir que todo conceito co infinito atual há de apresentar uma estrutura paradoxa, vale dizer, uma estrutura que será ambígua e até contraditória para a razão. Com esta advertência, digamos que o infinito atual, por ser perfeito, É SIMPLES. Isto é: NÃO PODE SER DIVIDICO, SEQUER PELA RAZÃO E, LOGO, NÃO É UMA SUCESSÃO INFINITA. O vallo obsesso não se compõe de pontos nem de partes como o cerco infinito; sua curva não apresenta abertura alguma, é contínua e, sem embargo, infinita.

A qualidade de ser indivisível conduz a um paradoxo real, o qual há de servir como exemplo de tudo que dissemos. Em efeito, durante sua permanência no macrocosmo, enquanto subsiste no tempo transcendente, o vallo obsesso é ôntico, ou seja, é um ente infinito, absurdo e não criado pelo real. Ou seja, COMO "ENTE" INFINITO, O VALLO OBSESSO É PERCEPTÍVEL, CAPAZ DE IMPRESSIONAR A ESFERA SENSÍVEL DE UM OBSERVADOR. Mas é sabido que todo observador de um ente externo somente pode perceber dele um aspecto em perspectiva, ou seja, UMA PARTE DO ENTE: se contemplamos a cerca que rodeia aquela casa, só percebemos UMA PARTE da mesma, não poderemos ver, por exemplo, o tronco que está plantado por detrás da casa. Esta impossibilidade é real e inevitável, devido a que os órgãos sensoriais não permitem apreender os entes em forma volumétrica e integral. E aqui, no choque de duas realidades opostas, é onde achamos um conceito paradoxo que, contudo, revela outra propriedade do cerco infinito. Referimo-nos a que se o observador do vallo obsesso PERCEBE REALMENTE "UMA PARTE" DELE e se o VALLO OBSESSO, POR SER PERFEITO INFINITO ATUAL, NÃO PODE SER REALMENTE DIVIDIDO, nos achamos frente à conclusão paradoxa de que, obeserve-se de onde se observe, DO CERCO INFINITO SEMPRE SE PERCEBERÁ O TODO. Ou também: NA PERCEPÇÃO DO INFINITO ATUAL "A PARTE CONTÉM AO TODO". Logo, a conclusão paradoxa constitui desde antigamente o princípio hermético da magia.

Quem observa uma arquêmona, que ainda subsiste no tempo transcendente, verá DE UMA VEZ, um aspecto, uma parte, e o todo do cerco infinito: daí as ilusões e efeitos paradoxos que sofreram os nativos da alegoria frente à muralha infinita. Naturalmente, é impossível circundar um ente que é o mesmo em todas as partes observadas.

Aonde nos conduz a comprovação de tão insólita propriedade do cerco infinito? Resposta: à possibilidade que dispõe o virya desperto de praticar a "oposição estratégica" desde a arquêmona e neutralizar a isotropia do tempo transcendente. Para compreender esta possibilidade, devemos imaginar uma situação e lançar uma pergunta. A situação é a seguinte: o virya desperto, NA arquêmona, tem ante si o cerco infinito. Ele, como qualquer observador exterior, vê a totalidade do cerco infinito; mas, acontece que o cerco é infinito porque ele projeta o Signo da Origem sobre o vallo obsesso e que tal projeção, a efetua sobre o mesmo ponto que observa. Quer dizer que o que realmente vê o virya desperto é o pólo infinito sobre o cerco, que por isso é infinito, OLHE NA DIREÇÂO QUE FOR. Entende-se, então, que para o virya desperto somente importa o ponto de projeção do Signo da Origem, sobre o qual está concentrada sua atenção. NÃO DEVE PREOCUPAR-SE PELO QUE SUCEDE "ÀS SUAS COSTAS", POR EXEMPLO, PORQUE NA ARQUÊMONA NÃO HÁ ADIANTE NEMATRÁS; TUDO ESTÁ NO PONTO DE SUA ATENÇÃO, SOB O POLO INFINITO.

Pois bem, SE TODO O CERCO ESTÁ SOB SEU PONTO DE OBSERVAÇÃO ISSO IMPLICA QUE O TEMPO TRANSCENDENTE SOMENTE PODE SER ISOTRÓPICO “NESSA” DIREÇÃO. É compreensível que assim ocorra, porque sob o Signo da Origem encontra-se o signo do cerco e o cerco real, agora convertido em infinito, o qual, ainda que concentrado num ponto simples, não deixa por isso de subsistir no tempo transcendente. O ponto que suporta o Signo da Origem, ponto que é o cerco completo, ainda quando proporciona um isolamento impenetrável a todo espaço exterior, é penetrado, contudo, pelo tempo transcendente no qual permanece e subsiste.

Eis aqui a situação que devíamos imaginar. Formulemos agora a pergunta óbvia: é possível evitar a isotropia do tempo transcendente na direção do ponto de projeção do Signo da Origem? Resposta: O virya pode OPOR-SE ESTRATEGICAMENTE desde a arquêmona à isotropia do tempo transcendente. Como? Resposta: aproveitando a propriedade que possui o tempo transcendente, que já se expôs no artigo B do inciso “A consciência: tempo transversal”, de ser “ANISÓTROPO para todo outro tempo imanente, no sentido de sua sucessão”. Em outras palavras: o tempo transcendente flui na arquêmona por um único ponto, sob o Signo da Origem, SE FOSSE POSSÍVEL POR EM CONTATO, NESSE PONTO, AO TEMPO TRANSCENDENTE COM O TEMPO IMANENTE DO MICROCOSMO POTENCIAL, ENTÃO, AQUELE SERIA ANISÓTROPO NO SENTIDO DESTE. Obteria assim, um tempo próprio da arquêmona, imanente e transversal com o sentido do tempo transcendente.

Assim apresentado o problema não parece difícil de resolver, contudo, ocorre o contrário, pois como exteriorizar FORA do microcosmo potencial ao tempo imanente, que é interior a este, próprio da esfera de consciência, para pô-lo em contato com o tempo transcendente sobre o cerco infinito, no ponto de projeção do virya desperto? Resposta: Empregando as armas do virya, o poder resignador das runas, e a magia simpática do sangue.

É quase impossível dar uma explicação detalhada desta resposta, e não vamos sequer tentar, pelo que nossas afirmações ficarão, desta vez, sem demonstração: isso se deve, principalmente, a que entramos aqui no campo do conhecimento iniciático, ao qual, não obstante, pode elevar todo virya desperto pela via gnóstica.

Sem entrar em detalhes, pois, eis aqui o que indica a resposta anterior: Antes de tudo, o virya deve PREDISPOR a arquêmona visando a oposição estratégica, operação que se realiza em DOIS ATOS. O primeiro consiste em definir um PONTO EXTERIOR à arquêmona, ou seja, um ponto no Valplads; tal ponto há de ficar de frente ao cerco infinito, quando o virya ocupa a praça, e contra ele se efetuará a oposição estratégica ao tempo transcendente. É

necessário, então. Assegurar-se previamente de que tal ponto permanecerá sempre o mesmo e que POR ELE passará a isotropia do tempo transcendente e continuará no ponto-cerco de projeção do virya, ou seja: é necessário OBRIGAR AO DEMIURGO, de antemão, a sustentar a oposição estratégica. É possível cumprir tal condição? Resposta: Sim, aplicando o princípio da Física Hiperbórea, que afirma que "toda porção ponderável de matéria é a expressão de um ou mais átomos arquetípicos, ou quantum arquetípicos, em cada um dos quais existe um ponto indiscernível"; e "em cada ponto indiscernível, que é o mesmo ponto em todos os átomos do Universo, existe um ponto de tempo transcendente, pois, em cada um deles o Demiurgo manifesta sua Consciência-Tempo". A aplicação deste princípio consiste em definir o ponto exterior como um quantum real, empregando para isso, algum tipo de matéria concreta.

Os membros da Ordem Einherjar recomendavam utilizar a PEDRA como aquela substância mais adequada para praticar a oposição estratégica. Há um grande desconhecimento sobre as propriedades ocultas das pedras, as quais não são simples sólidas, mas fluídos; ou seja: substâncias fluentes cujo deslocamento ocorre num lapso enorme de tempo que o homem, por dispor de um tempo vital mínimo, não é capaz de apreciar. Sua lenta fluência, de ordem dos milhões de anos, constitui uma qualidade inestimável, pois a criação de um "tempo próprio" exige também um padrão de referência temporal, um relógio de comparação, cujo período seja o mais dilatado possível. Por estes motivos os Bersekeren da Einherjar utilizavam pedras do período arcaico, metamórficas ou ígneas, as que deviam ser cortadas, para seu uso, em pequenos fragmentos não maiores que um punho. O corte dos LAPIS OPPOSITIONIS, tal o nome que receberam, devia fazer-se segundo um antiqüíssimo ritual cro-magnon, pois, por motivos que seria longo expor aqui, as frações deviam proceder de grandes rochas de milhares de toneladas, talvez de montanhas. O uso de antigos cristais preciosos, como o diamante ou a esmeralda, também é possível, mas isso requer o conhecimento de uma técnica especial.

Para cumprir com o primeiro ato de predispor adequadamente a arquêmona, o virya desperto há de transportar sempre consigo seu lápis oppositionis, até o momento em que o Kairos lhe impulsione a ocupar a praça. Então, deve depositar o lápis no Valplads, como ponto exterior de referência temporal e de oposição, e produzir o cerco infinito. Entretanto, com isto não se tem completo ainda o primeiro ato, pois, por exemplo, o ponto exterior, o lapis oppositionis, poderia ser deslocado de seu lugar por uma manobra do Demiurgo ou, inclusive, ser desintegrado. É preciso estabilizar o lapis, outorgar-lhe permanência segura no Valplads, E PARA ISSO ESTÃO AS ARMAS DO VIRYA, AS RUNAS DE WOTAN. Na figura 33 tem assinalado simbolicamente, com a inscrição SIGNUM SAXO, à RUNA que resigna e suporta o lapis oppositionis no Valplads. Tal runa há de ser plasmada ANTES

de ocupar a praça, ou nesse mesmo momento, e sobre ela se há de depositar o lapis oppositionis. Desse modo se cumpre o primeiro ato.

O segundo ato o realiza o virya quando projeta o signo do cerco COM SEU PRÓPRIO SANGUE, MEDIANTE UMA FERIDA QUE SE PRATICA COM SUA ESPADA PARA TAL FIM, RESIGNA O CERCO COM UMA RUNA, BEM DE FRENTE AO SIGNUM SAXO. Na figura 33, com uma runa SIEG intercalada no perímetro do vallo obsesso, se tem representado simbolicamente tal disposição. Completa-se, assim, o segundo ato que predispõe a arquêmona para a oposição estratégica. Somente resta agrega que a runa de sangue, como toda runa, deve ser expressa foneticamente enquanto é plasmada significativamente; a saber, o sentido resignador que a runa põe neste há de ser expresso mediante a palavra certa, uma palavra que, naturalmente, pertence à "língua dos pássaros".

Já explicamos de que maneira a técnica arquemônica permite ao virya desperto isolar-se ESPACIALMENTE do macrocosmo. A oposição estratégica, obtida pela predisposição que descrevemos, lhe permite também isolar-se TEMPORALMENTE, subsistindo no tempo próprio, imanente à arquêmona.

E estamos já em condições de mostrar de forma completa tal operação de "oposição estratégica", começando pelo princípio. O virya, em efeito, plasmou uma RUNA DE SANGUE sobre o perímetro do cerco real e, sobre ele, projetou depois o signo do cerco. Vem agora a projeção espiritual do Signo da Origem sobre o signo do cerco, EM UM "PONTO DE PROJEÇÃ" SOBRE O QUAL CONCENTRA SUA ATENÇÃO. Pois bem, tal "ponto de projeção" coincide com a runa de sangue ou, em outros termos: o Signo da Origem é projetado SOBRE a runa de sangue do signo do cerco. Em conseqüência, quando a manifestação do pólo infinito sobre o Signo da Origem produz um cerco infinito, em uma região do ponto de projeção se constitui a FENESTRA INFERNALIS.

Mas o que é uma fenestra infernalis? Resposta: A região do cerco infinito de maior aproximação ao Valplads: nela tem lugar o contato entre o tempo transcendente do macrocosmo e o tempo imanente da arquêmona. A fenestra infernalis é, assim, um verdadeiro UMBRAL DO TEMPO, um limite que o tempo transcendente não atravessa devido a sua anisotropia essencial. O tempo transcendente flui constantemente pelo ponto indiscernível do lapis oppositionis sem atravessar jamais a fenestra infernalis. Ou seja, o tempo transcendente, que é o permanente fluir da Consciência do Demiurgo, não pode conter a arquêmona temporalmente autônoma. Ou bem o Demiurgo não pode determinar a arquêmona em nenhum grau de sua Intenção. E este efeito surpreendente se produz por causa da runa de sangue, pela propriedade simpática do sangue humano que permite ao sujeito anímico evolutivo, a

alma, manifestar-se TAMBÉM no sangue da runa e expor sua temporalidade imanente essencial. Essa presença anímica na runa de sangue é a que inevitavelmente provoca a anisotropia do tempo transcendente e isola temporalmente ao virya desperto, permitindo-lhe subsistir em seu próprio tempo imanente.

E chegamos assim, ao núcleo de um Grande Mistério, sobre o qual advertimos que não se podiam dar maiores detalhes. O único que podemos esclarecer agora é propor uma pergunta, cuja resposta contém, sem dúvidas, a chave do Mistério, mas a tal resposta somente temos de aludir de maneira simbólica. A pergunta é: de qual substância consiste um cerco infinito? Resposta: Um cerco infinito se pode produzir com qualquer das cinco essências simbólicas: AR, ÁGUA, PEDRA, FOGO E SANGUE. Contudo, somente o cerco infinito de quintessência, de sangue astral, de éter luminífero, PERMITE A OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA, a criação de um tempo próprio: os outros quatro elementos são aptos para a técnica arquemônica, mas não para a oposição estratégica, pois nenhum deles permite a manifestação simpática do sujeito anímico no cerco infinito. A runa de sangue, em compensação, produz sob o ponto de projeção do virya desperto um cerco de sangue no qual flui o tempo imanente do sujeito anímico, o qual bloqueia ao tempo transcendente do Valplads.

E o mistério? Ei-lo aqui: QUANDO O POLO INFINITO DO ESPÍRITO, O EU INFINITO, SE REFLETE NO SIGNO DA ORIGEM, SOBRE UMA RUNA DE SANGUE, OCORRE UM FENÔMENO SEMELHANTE AO DO APRISIONAMENTO ESPIRITUAL. ISSO SE DEVE A QUE NA RUNA DE SANGUE ESTÃO PRESENTES O SUJEITO ANÍMICO E O SIGNO DA ORIGEM, OU SEJA, UMA SITUAÇÃO SEMELHANTE À REPRESENTADA NA FIGURA 29: EM CONSEQUENCIA, NO SEIO DO SANGUE, NO PONTO DE PROJEÇÃO "QUE É TODO O CERCO", NA COMPLEIÇÃO DO CERCO, SE PRODUZ UM EU PERDIDO. E o que não acontece com cercos das outras quatro essências, sucede aqui: o cerco infinito de sangue é um muro vivente, animado de certa inteligência. A arquêmona, então, se converte num espaço estratégico protegido por uma esfera infinita de tempo imanente, cuja forma exterior extremamente plástica, responde à vontade do virya desperto. Daí que quem pode observar a um virya desperto, ou a um Siddha Berserker, operar uma arquêmona com cerco de sangue, ainda quando erroneamente tomaram-na por uma máquina ou um OVNI, sentiu a inequívoca sensação de que a mesma se achava animada, de que o "objeto voador" estava vivo e demonstrava possuir "certa inteligência".

T – O último passo do virya desperto.

Neste inciso temos começado por descrever a estrutura psíquica do virya, exposta na figura 32, e depois, após extenso desenvolvimento, estudamos a via da oposição estratégica, um método esotérico empregado na Ordem Einherjar para procurar a libertação do Espírito cativo. De acordo com o visto até o último artigo, o virya por tal via consegue isolar-se do espaço e do tempo do macrocosmo, dispondo, assim, de uma situação favorável para tentar o desencadeamento definitivo do Espírito. Faltar-nos-ia, pois, observar esse último passo do virya desperto. .

Entretanto, não parece conveniente concluir a via da oposição estratégica com um estudo semelhante, que corresponda em verdade à culminação de toda a via de libertação, seja esta ou qualquer outra. Trataremos, pois, o tema em separado. Supondo que por uma via de libertação determinada o virya desperto chegou a situar seu Eu desperto permanentemente no selbst, de onde tentará reorientar ao Espírito e transmutar-se em Siddha Berserker. No próximo inciso estudaremos tal possibilidade.

Só nos resta agregar que as façanhas metafísicas do virya desperto estão ao alcance de todo aquele que sinta no sangue a Voz do Espírito Eterno. O virya perdido, em efeito, pode despertar assim que se proponha: somente se requer decisão e valor. A chave fundamental do Caminho de Libertação está na esfera Ehre (1), da figura 32, à que há de criar e fortalecer. Por isso, na Segunda Parte, exporemos um método eficaz para que o virya perdido se liberte das ataduras dramáticas da vida e abunde em vontade graciosa, para que elimine definitivamente o temor e possua sempre o valor infinito do virya desperto.

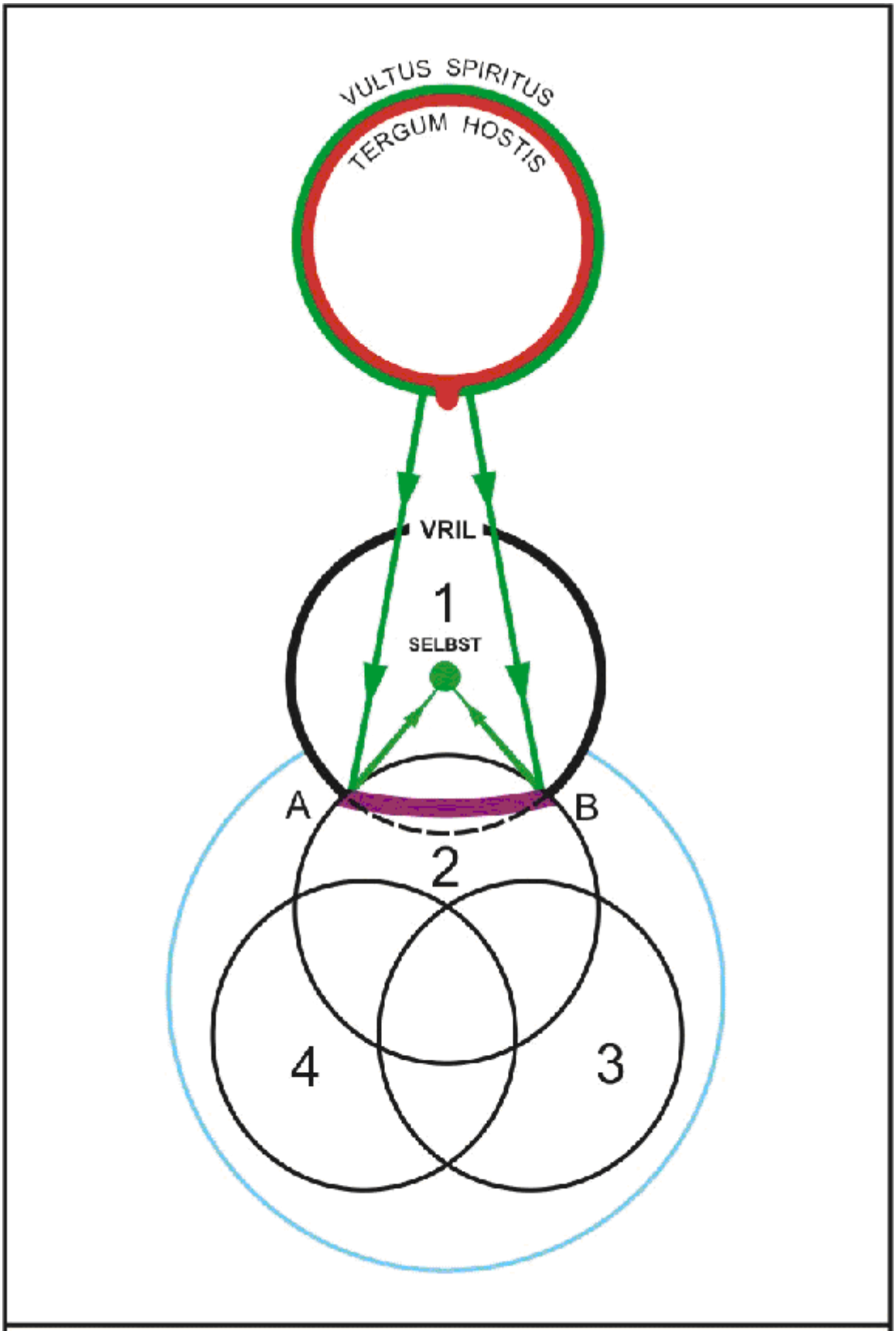
TRASMUTAÇÃO DO VIRYA DESPERTO EM SIDDHA BERSERKER.

Aqui vamos descrever analogamente o ato pelo qual o virya desperto consegue libertar ao Espírito cativo. Tratando-se de um tema de tamanha profundidade e importância não parece prudente abusar demasiado das palavras, sendo o mais sensato o emprego intencional de material simbólico. Com tal critério basearemos a descrição em quatro figuras correlatas, suficientemente expressivas por si mesmas como para não exigir uma explicação demasiada detalhada.

Como vínhamos fazendo a partir da figura 28, combinamos aqui o Modelo da Esfera para o Espírito cativo com a sistemática de círculos excêntricos para a estrutura psíquica do virya.

Na parte superior da figura 34 observamos ao Espírito-esfera revertido, cujas “setas” se refletem no Símbolo da Origem AB e produzem o Eu desperto, fora da esfera de consciência (2), num centro focal chamado selbst.

O virya desperto possui o Eu desperto permanentemente no selbst. O ato libertador consiste em que O EU DESPERTO CONTEMPLE, DESDE O SELBST, O SÍMBOLO DA ORIGEM, PARA PERCEBER SOBRE ELE A IMAGEM DO ESPÍRITO.



O EU DESPERTO, DESDE O SELBST,
BUSCA NO VRIL AO ESPÍRITO ETERNO

FIGURA 34

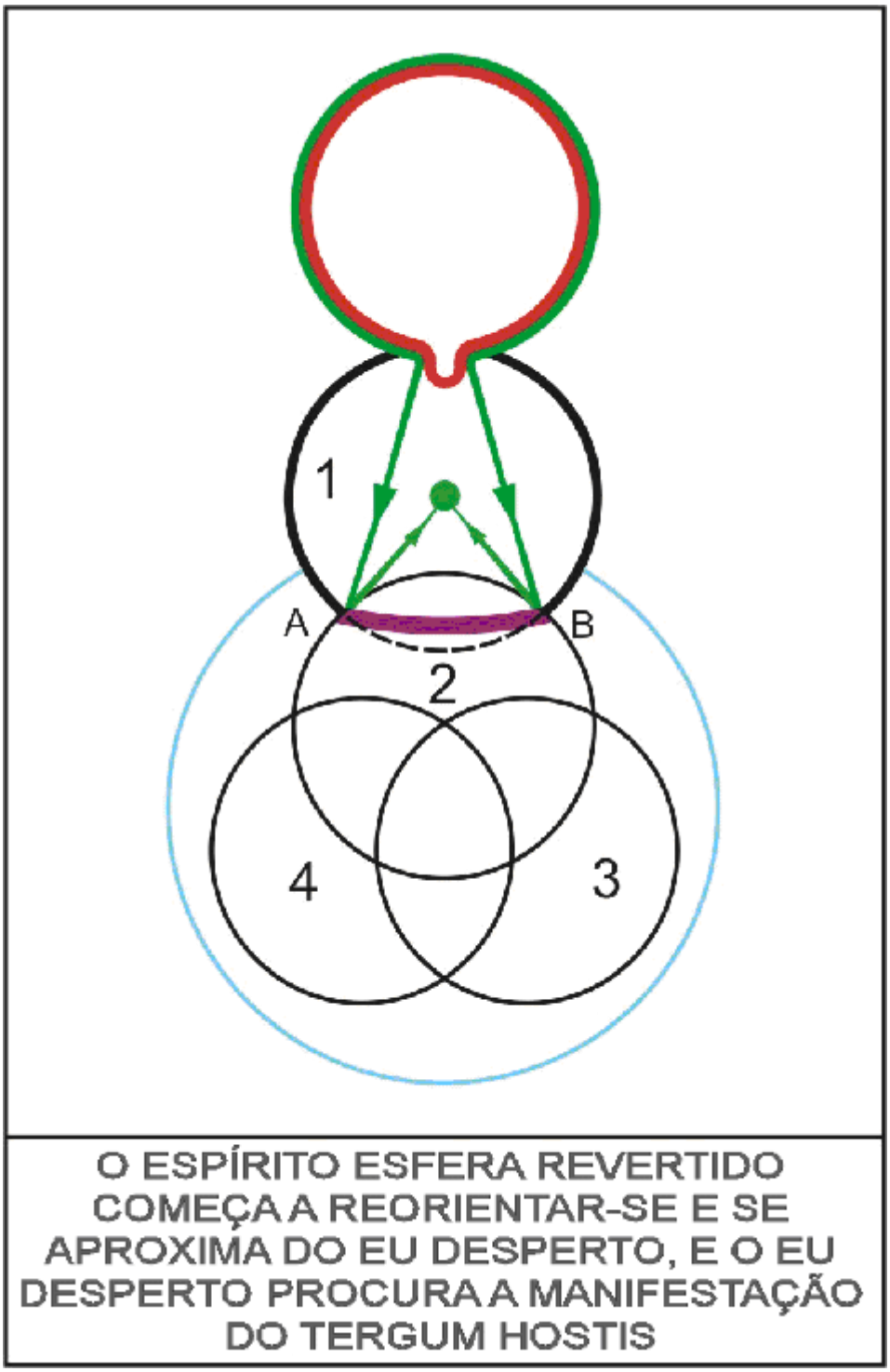


FIGURA 35

Essa imagem sublime e inefável procede do Vril, pólo não criado da esfera Ehre, de onde tudo é possível.

Mas o Espírito-esfera está revertido, absolutamente desorientado, e a imagem que o Eu desperto percebe sobre o Símbolo da Origem é só um aspecto infinitesimal do Vultus Spiritus, da Face Espiritual. Por isso o Eu desperto, que é na verdade a manifestação local desse mesmo aspecto infinitesimal que observa como num espelho, deve se sobrepor com valor ao terror de contemplar seu próprio despedaçamento espiritual. Daí que a resolução do Eu desperto só está posta em um propósito: localizar na infinitude do Espírito aquele ponto passante por onde Ele contemplava a esfera dEla, aquele ponto pelo que se consumiu na Origem a traição dos Siddhas Traidores. Esse ponto passante, esse OLHO DE FOGO, é o que deve ser achada para o Espírito-esfera retornar à normalidade. E o Eu desperto conta com um dado chave para buscá-lo e encontrá-lo: ESSE É O ÚNICO PONTO DE SEU ESPÍRITO PELO QUE ASSOMA O TERGUM HOSTIS, A HOSTILIDADE ESSENCIAL AO MACROCOSMO, É UM PONTO DE PURO FOGO: O OLHO DE UM VULCÃO INFINITO, CUJA ERUPÇÃO HÁ DE SER MAIS POTENTE QUE A EXPLOSÃO DE MIL SÓIS, UMA BOCA CUJO VÔMITO ÍGNEO PODE ABRASAR MUNDOS E ESPAÇOS. Tal é o olho de fogo que busca contemplar o Eu desperto, refletido no Símbolo da Origem.

Mas que ocorre quando o Eu desperto localiza o olho de fogo? Resposta: Somente seu reflexo na concavidade do Símbolo da Origem basta para que o Espírito-esfera se aproxime completamente da esfera Ehre, aplanando as distâncias infinitas que separavam ao Espírito de seu Eu Infinito. É então, quando o Espírito "está às portas do Vril", quando o Vril está a ponto de ser conquistado. Tal caso se representa na figura 35.

Quando o virya desperto chega a experimentar a situação da figura 35 se pode afirmar que a libertação do Espírito é im fato imediato. Nesse momento o virya sente que SOBRE SI flutua um cosmo de possibilidades: o poder o Vril só depende de sua vontade e sua POTÊNCIA é infinita. E É ALI QUANDO DEVE DECIDIR.

O Espírito-esfera, em efeito, pode ser já desencadeado, revertido, de volta à normalidade. Mas tal reversão pode realizar-se de duas maneiras e por isso o virya desperto deve decidir. Um modo consiste no inverter o processo original da traição: ISSO O CONSEGUE O EU DESPERTO INTRODUZINDO-SE VOLUNTARIAMENTE PELO OLHO DE FOGO E TORNANDO-SE "EU ABSOLUTO" NO INTERIOR DA ESFERA NORMAL, VOLTANDO À FORMA DA FIGURA 2. Em tal caso o Espirito-esfera, agora "Normal", pode abandonar o Universo infernal do Demiurgo e regressar ao mundo do Incognoscível.

FIGURA 35

Mas existe também outra possibilidade, A DE QUE A REVERSÃO DO ESPÍRITO SE REALIZE SOBRE O MICROCOSMO DO VIRYA DESPERTO, TRANSMUTANDO SUA SUBSTÂNCIA EM VRAJA E CONVERTENDO AO VIRYA EM SIDDHA IMORTAL. Na figura 36 pode ver-se como o Tergum hostis começa a se expandir pelas esferas do virya desperto, TRANSFORMANDO SEU SANGUE EM FOGO. É então, quando o virya desperto se vê envolto no FUROR BERSERKR que não pode resistir nenhum inimigo, quando se converte em guerreiro de Wotan ou em um iniciado da Ordem Negra **SS**.

Se o virya desperto decide transmutar-se em Siddha Berserkr é porque deseja permanecer em Agartha, ocupando um posto nas filas de Cristo-Lúcifer para lutar contra os Siddhas Traidores de Chang Shambala e a Sinarquia Judia da Terra. Na figura 37, por último, se representa a um desses seres dotados de um valor infinito e, sobretudo, "de uma honra que é sua lealdade".

A INICIAÇÃO HIPERBÓREA QUE CONCEDE A ORDEM DOS CAVALEIROS TIRODAL.

Na "Carta aos Eleitos" se expôs sinteticamente a missão da Ordem dos Cavaleiros Tirodal da República da Argentina: "LOCALIZAR AOS ELEITOS E, SE ESTES O ADMITEM, PREPARÁ-LOS INICIATICAMENTE PARA CONFRONTAR COM HONRA O FIM DA HISTÓRIA". Agora que se completou a leitura da Primeira Parte dos Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea é claro que os Eleitos a quem se dedica este livro são os viryas perdidos predispostos a despertar, ou seja, a transformar-se em viryas despertos ou ainda em Siddhas Berserkiren: a eles, os Cavaleiros Tirodal asseguram que existe um caminho aberto à Iniciação Hiperbórea para quem demonstra compreender e aceitar os Fundamentos da Sabedoria Hiperbórea.

Na Ordem de Cavaleiros Tirodal se praticam TRÊS GRAUS DE INICIAÇÃO, todos baseados na via da oposição estratégica. Porém, graças ao alto nível alcançado no conhecimento da Sabedoria Hiperbórea, a técnica arquemônica se aplica diretamente para isolar o Eu perdido, do sujeito consciente. Esta qualidade pode compreender-se analogamente observando a figura 32: a técnica dos Cavaleiros Tirodal consiste em RESIGNAR o sujeito consciente com uma Runa Sagrada que tem a propriedade de ISOLAR o Eu perdido; tal operação equivale a estabelecer um cerco estratégico sobre o Símbolo da Origem (AB); o Eu perdido fica, então, ISOLADO do sujeito consciente e estrategicamente REORIENTADO ao selbst; a partir dali, do centro da Runa Sagrada, poderá logo, na Segunda Iniciação, situar-se no Selbst e converter-se em virya desperto. Mas a mais importante conseqüência

da Iniciação Hiperbórea é, sem dúvida, A IMORTALIDADE DO EU: depois de seu isolamento rúnico, em efeito, o Eu não pode já ser afetado de nenhum modo; nem na desintegração do microcosmo ou na dissolução do corpo astral ele pode ser afetado. Pelo contrário, o isolamento do Eu, o conhecimento de sua imortalidade, elimina para sempre a angústia da morte e transforma ao Iniciado Hiperbóreo em um guerreiro temerário. Um guerreiro que, segundo se disse, aguarda o fim da História para empregar seu terrível poder.

Resumindo, na Primeira Iniciação, quando o Eu perdido foi cercado, se obtém o grau de CAVALEIRO TIRODAL; na Segunda Iniciação, quando se atravessa a ponte que conduz o Eu perdido ao Selbst, se obtém o grau de PONTÍFICE TIRODAL; e na Terceira Iniciação, quando desde o Selbst o Eu desperto está em condições de reverter ao Espírito Hiperbóreo, ou seja, quando se conquista o Vril, se obtém o grau de SIDDHA BERSERKIR.

Nada mais convém agregar sobre este Mistério. O Eleito que chegou até aqui dispõe já de elementos suficientes para decidir se continua adiante, caso em que deverá orientar seus passos para o Espírito Eterno e não retroceder jamais, ou permanece em seu extravio, caso em que seguirá comodamente sendo escravo de Jehová-Satanás e é até possível que seja premiado pelos Siddhas Traidores por rechaçar a “tentação de Lúcifer”.

Seja qual for a decisão a tomar, que seja logo, POIS MUI PRÓXIMO ESTÁ O FIM DA HISTÓRIA.

NIMROD DE ROSARIO

AGOSTO DE 1985

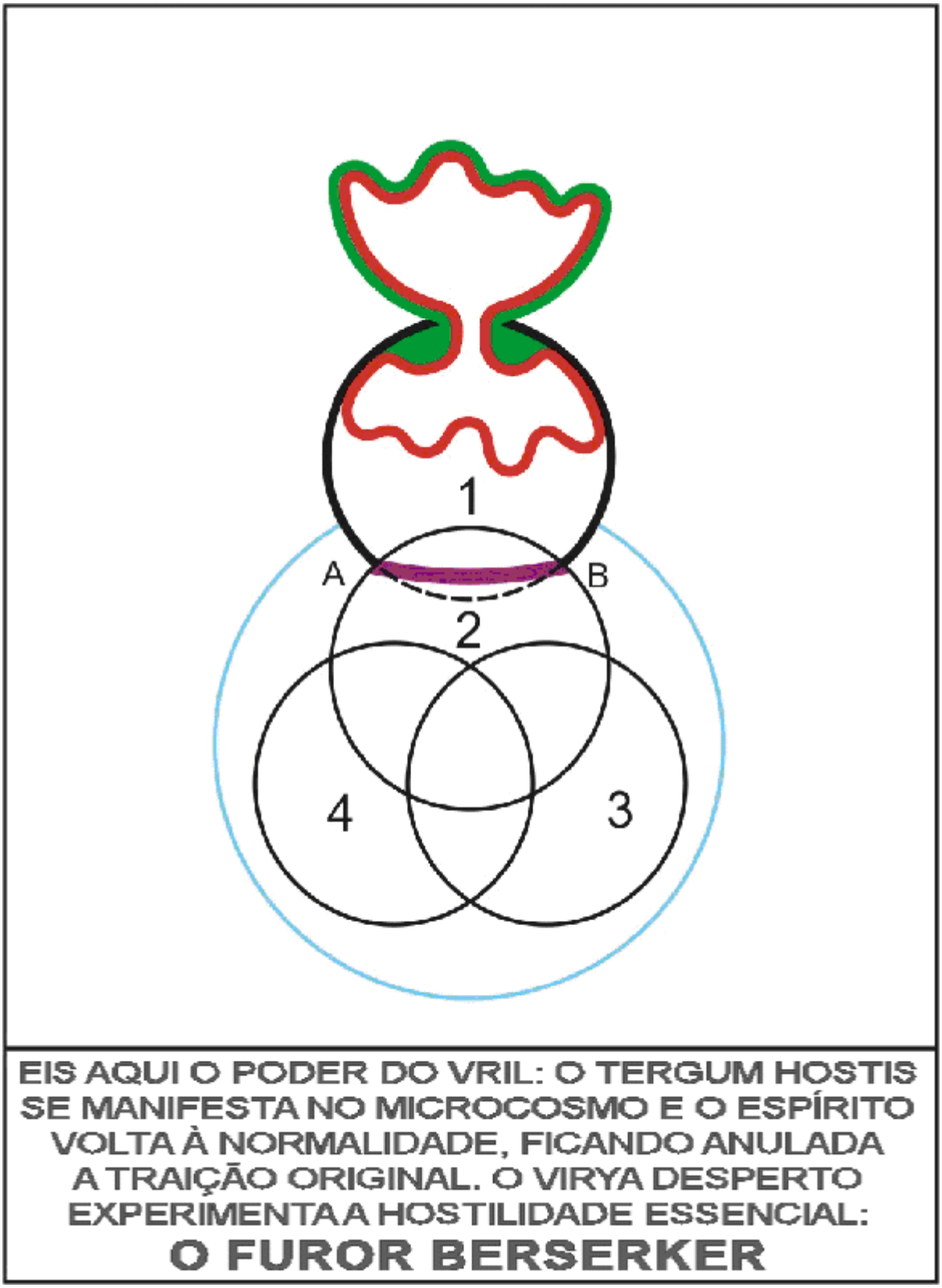

1
A
B
2
4
3
EIS AQUI O PODER DO VRIL: O TERGUM HOSTIS SE MANIFESTA NO MICROCOSMO E O ESPÍRITO VOLTA À NORMALIDADE, FICANDO ANULADA A TRAIÇÃO ORIGINAL. O VIRYA DESPERTO EXPERIMENTA A HOSTILIDADE ESSENCIAL:
O FUROR BERSERKER

FIGURA 36

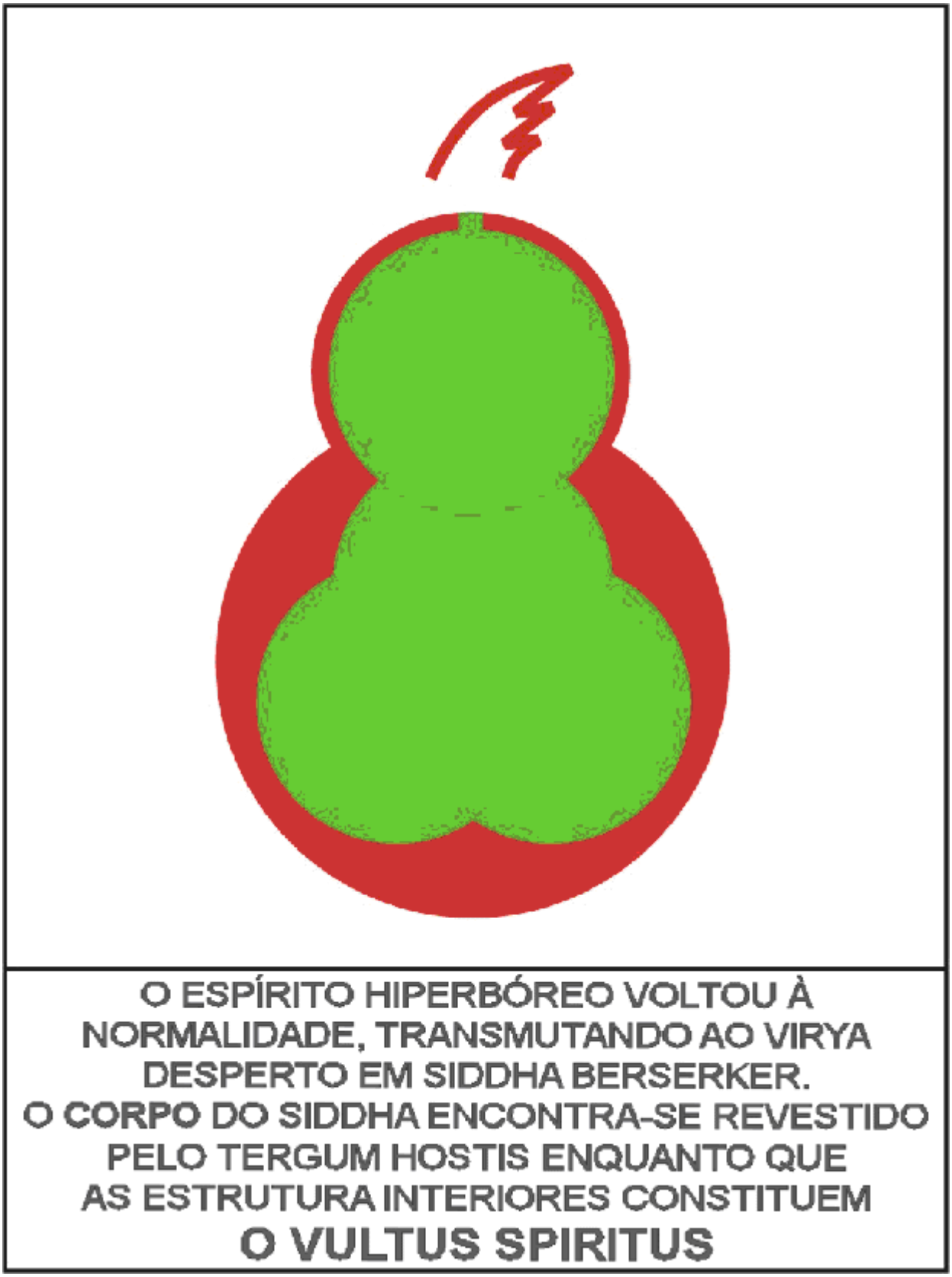

O ESPÍRITO HIPERBÓREO VOLTOU À
NORMALIDADE, TRANSMUTANDO AO VIRYA
DESPERTO EM SIDDHA BERSERKER.
O CORPO DO SIDDHA ENCONTRA-SE REVESTIDO
PELO TERGUM HOSTIS ENQUANTO QUE
AS ESTRUTURA INTERIORES CONSTITUEM
O VULTUS SPIRITUS

FIGURA 37

[5][1][1] ou "vetor radiano", quer dizer, um vetor cujo módulo é igual ao raio.TODOS os pontos gnósticos, ou seja, a superfície

[6][2][1] MAITHUNA: Palavra sânscrita que significa “ato sexual”

[7][3][1] Alice Bailey e outros Teosofistas equiparam a divisão judaico-cristã do Demiurgo Jehová – Satanás: “Pai, Filho e Espírito Santo”, com: Vontade-Poder, Amor- Sabedoria e Inteligência Ativa. Cabe agregar que o tal “Espírito Santo” não corresponde ao PARÁCLITO Carismático que se define na Parte II.

[8][4][1] Mais adiante se estudará uma quarta memória “A Memória de Sangue”, que está ligada à “esfera de Vontade Egóica”, uma esfera própria do Virya Perdido e, portanto, ainda não definida. Porém, tal como se porá em “C” do próximo inciso, existe outra importante memória, denominada “conceitual”, situada “entre” a memória arquetípica e a memória representativa.

[9][5][1] A palava **ειδος** significa visão em latím a raíz VID, da qual se deriva IDÉIA, da origem a VIDERE = ver. “IDÉIA” é assim , “VISION MENTAL”

[10][6][1] Ver nota ao pé da página.

[11][7][1] Fundamentos de biopolítica – Pág. 60 – CENTRO EDITOR ARGENTINO – Bs. As. 1.968

[12][8][1] Montsegur, Castelo sobre o Pog, no Languedoc Francês, construido pelos Cátaros segundo a técnica arquemônica

[13][9][2] K.Z. (KONZENTRATIONSLAGER) “Campo de concentração” das **SS** não eram sinistras prisões como pretende a propaganda Sinárquica, mas maravilhosas “máquinas mágicas” para acelerar a Mutação Colectiva, construidos segundo a técnica arquemônica que ensina a Sabedoria Hiperbórea.

1[4][1] Mais adiante se estudará uma quarta memoria “A Memoria de Sangue”, que está ligada à esfera da “Vontade Egóica”, uma esfera própria do Virya Perdido e, por tanto, ainda não definida. Entretanto, tla como se porá no manifesto C do próximo inciso, existe outra importante memoria denominada “conceitual”, situada “entre” a memoria arquetípica e a memoria representativa.

2[6][1] Ver nota al pie de página.

3[7][1] Fundamentos de biopolítica – Pág. 60 – CENTRO EDITOR ARGENTINO – Bs. As. 1.968

4[9][2] K.Z. (KONZENTRATIONSLAGER) “Campo de concentração” das **SS** não eram sinistras prisões como pretende a propaganda Sinárquica, mas maravilhosas “máquinas mágicas” para acelerarla Mutação Coletiva, construidos segundo a técnica arquemônica que ensina a Sabedoria Hiperbórea.